

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DOUTORADO**

**O retrato de Hitler: a biografia como escrita historiográfica**

**Marcela de Oliveira Santos Silva**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**O RETRATO DE HITLER: A BIOGRAFIA COMO ESCRITA  
HISTORIOGRÁFICA**

MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA

Sob a orientação do Professor  
**Luís Edmundo de Souza Moraes**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção  
Doutora em História, no Curso de Pós-Graduação  
em História, Área de Concentração Relações de  
Poder e Cultura.

O presente trabalho foi realizado com apoio da  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de  
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de  
financiamento 001 This study was financed in part by  
the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de  
Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code  
001

Seropédica, RJ  
(Dezembro, 2024)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

0586r Oliveira Santos Silva , Marcela de, 15/06/1989-  
O retrato de Hitler: a biografia como escrita  
historiográfica / Marcela de Oliveira Santos Silva .  
Seropédica, 2024.  
339 f.

Orientador: Luis Edmundo de Souza Moraes.  
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, PPHR/História, 2024.

1. Adolf Hitler . 2. Ian Kershaw. 3. Biografia .  
4. Escrita da História . 5. Historiografia . I. Souza  
Moraes, Luis Edmundo de , 1966-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
PPHR/História III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**TERMO N° 5 / 2025 - PPHR (12.28.01.00.00.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.000611/2025-47**

**Seropédica-RJ, 07 de janeiro de 2025.**

Nome do(a) discente: MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA

TESE submetida como requisito parcial para obtenção do grau de DOUTORA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de DOUTORADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

TESE APROVADA EM : 16 de dezembro de 2024

Banca Examinadora:

Dr. BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO, UnB Examinador Externo à Instituição

Dr. IGOR SILVA GAK, UNIRIO Examinador Externo à Instituição

Dr. JOÃO FABIO BERTONHA, UEM Examinador Externo à Instituição

Dra. ADRIANA BARRETO DE SOUZA, UFRRJ Examinadora Interna

Dr. LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES, UFRRJ Presidente

**(Assinado digitalmente em 07/01/2025 09:15 )**  
ADRIANA BARRETO DE SOUZA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1487325

**(Assinado digitalmente em 09/01/2025 22:48 )**  
LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1353338

**(Assinado digitalmente em 07/01/2025 10:31 )**  
JOÃO FÁBIO BERTONHA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 102.102.768-51

**(Assinado digitalmente em 13/02/2025 09:58 )**  
IGOR SILVA GAK  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 090.686.407-04

**(Assinado digitalmente em 16/01/2025 14:57 )**  
BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 094.730.237-90

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: **5**, ano: **2025**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **07/01/2025** e o código  
de verificação: **b146ef04ad**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AGRADECIMENTOS**

Após quatro anos de trabalho, ao escrever as últimas linhas desta tese, que considero um verdadeiro esforço coletivo, sinto-me compelida a agradecer a uma lista significativa de pessoas, não apenas por um gesto de gratidão, mas por uma obrigação de reconhecer suas contribuições.

À minha mãe, Maria, meu maior exemplo de força e apoio incondicional, devo mais do que posso expressar. Seu amor inabalável me manteve firme em todos os momentos. Agradeço também ao Miguel, que desde o seu nascimento ocupa o lugar mais importante na minha vida. Um agradecimento especial ao meu orientador, Luis Edmundo de Souza Moraes, que me acompanhou em cada etapa desse processo, sendo meu maior incentivador e responsável pela conclusão desta pesquisa. Além da minha mãe, ele é minha maior referência. Sempre digo: se um dia eu me tornar 10% do profissional e ser humano que ele é, já me considerarei uma pessoa realizada. Àquele que é o melhor companheiro que eu poderia ter ao meu lado, não apenas neste momento, mas em todos os que ainda virão: Jefferson. Seu apoio, sempre tão doce e constante, foi fundamental para que eu concluisse esta pesquisa. Você me incentivou, acreditou em mim e me deu força nos momentos mais desafiadores. Que sorte a minha ter encontrado você.

Aos professores e professoras do curso de História da UFRRJ, que contribuíram de maneira singular para a minha formação, minha profunda gratidão. Cada um, a seu modo, deixou uma marca importante no meu percurso. Em especial, agradeço à professora Fabiane Popinigis, cuja generosidade e humanidade foram fundamentais para a minha permanência e conclusão do doutorado. Seu acolhimento, assim como o do grupo de orientação que lidera, foi essencial. Ao professor Alain, meu grande amigo e incentivador, que esteve ao meu lado em todos os

momentos, oferecendo suporte nas ligações, nos corredores da universidade e, de forma generosa, abrindo as portas de sua casa. Ele é um dos grandes responsáveis pelo ser humano que sou hoje.

A duas amigas muito especiais, Bruna e Laura, minha profunda gratidão. Elas estiveram ao meu lado em todos os momentos, nos desafios e nas conquistas, tornando este percurso muito mais leve e possível. Desde ler, revisar e ajudar com as formatações do texto, até as longas conversas sobre a vida, os desafios e as alegrias que surgiram durante o processo de escrita desta tese. Bruna e Laura não foram apenas colaboradoras na parte técnica, mas também ofereceram apoio emocional e compreensão, tornando-se peças fundamentais, sem elas, esse caminho teria sido muito mais árduo.

À Jéssica, Marlon e Vinícius, que se tornaram uma parte essencial da minha vida. Agradeço por cada momento de alegria e diversão, pelas longas conversas de apoio e por serem meu porto seguro. Vocês são fundamentais para o meu bem-estar, e sou grata por tê-los ao meu lado.

À Leonam, que sempre será meu melhor amigo, aquele em quem posso confiar para tudo e que está ao meu lado em todos os momentos.

Ana e Ayalla por todo apoio incondicional.

À professora Adriana Barreto, minha sincera gratidão pela sua constante disponibilidade em me ajudar, que teve uma grande influência na escolha do meu tema. Agradeço também pelas valiosas orientações que me forneceu, não apenas durante a banca de qualificação, mas ao longo de todos esses anos em que acompanhou minha pesquisa. Agradeço também ao seu grupo de pesquisa, que sempre foi tão gentil e acolhedor comigo.

Ao professor Fábio Bertonha, que tive a honra de ter como membro da banca de qualificação. Sua orientação foi fundamental para direcionar meu olhar e aprimorar o desenvolvimento da minha pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e da CAPES, que, por meio de suas bolsas, tornaram possível a realização desta pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPHR/UFRRJ), em especial ao Paulo e à Cheila, que, durante esses anos, foram fundamentais, não apenas auxiliando nas burocracias do dia a dia, mas também proporcionando momentos de descontração com conversas aleatórias na coordenação.

Sem vocês acho que seria impossível concluir essa trajetória. Obrigada!!!

## RESUMO

SILVA, Marcela de Oliveira Santos. **O retrato de Hitler: a biografia como escrita historiográfica.** 2024. 339p Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

Esta tese tem o objetivo analisar por quais meios e circunstâncias, a imagem de Adolf Hitler foi produzida na escrita da biografia Hitler, 1889-1936: Hubris e Hitler, 1936-1945: Nemesi realizada pelo historiador britânico Ian Kershaw. Isto significa identificar qual retrato foi formulado por meio dos elementos narrativos da biografia, como também investigar como se realizou a operação científica – o contexto mais amplo de produção da obra, como: o lugar social, práticas e escritas do biógrafo, quem foi esse biógrafo e o seu ambiente intelectual; como foi o processo de construção (gestação) da imagem de Hitler em outras obras do autor; o contexto de escrita da biografia; os diálogos que existiram entre a personagem construída e as imagens já institucionalizadas de Hitler, quais eram os modelos vigente de imagens do líder do Terceiro Reich no período de escrita da obra, e, portanto, como o autor se encaixou e destoou desses padrões de escrita, etc. – que proporcionou constituir o retrato de Adolf Hitler.

**Palavras-chave:** Adolf Hitler; Ian Kershaw, Historiografia; Biografia

## **ABSTRACT**

OLIVEIRA, Marcela de Oliveira Santos Silva. **The portrait of Hitler: biography as historiographical writing.** 2024. 339p Thesis (Doctoral in History) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

This thesis aims to analyze the means and circumstances by which the image of Adolf Hitler was produced in the writing of the biography Hitler, 1889-1936: Hubris and Hitler, 1936-1945: Nemesis by British historian Ian Kershaw. This means identifying which portrait was formulated through the narrative elements of the biography, as well as investigating how the scientific operation - the broader context of the work's production, such as: the social place, practices and writings of the biographer, who this biographer was and his intellectual environment; how was the process of construction (gestation) of Hitler's image in other works of the author; the context of writing the biography; the dialogues that existed between the constructed character and the already institutionalized profil of Hitler, what were the prevailing models of the leader of the Third Reich in the period of writing the work, and, therefore, how the author fitted into and departed from these writing patterns, etc. -which provided to constitute the portrait of Adolf Hitler.

**Keywords:** Adolf Hitler; Ian Kershaw; Historiography; Biography

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1: O PADRÃO DE ESCRITA SOBRE HITLER .....</b>	<b>26</b>
<b>1.1 Ian Kershaw, um dos biógrafos de Adolf Hitler .....</b>	<b>27</b>
<b>1.2 Um panorama dos retratos de Adolf Hitler.....</b>	<b>31</b>
<b>1.3 <i>Institut für Zeitgeschichte</i> e o impacto na produção historiográfica sobre o nazismo .....</b>	<b>35</b>
<b>1.4- Martin Broszat, o mentor de Ian Kershaw .....</b>	<b>45</b>
<b>1.5- O historiador britânico e a sua leitura da historiografia alemã.....</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO 2: A GESTAÇÃO DE UMA IMAGEM.....</b>	<b>63</b>
<b>2.1- O interesse por Hitler como objeto de pesquisa .....</b>	<b>61</b>
<b>2.2- As bases para a construção da primeira imagem do líder do Terceiro Reich .....</b>	<b>66</b>
<b>2.3 Os caminhos para a construção da primeira imagem .....</b>	<b>69</b>
<b>2.4- A imagem do mito de Hitler .....</b>	<b>82</b>
<b>2.5- Por que o interesse por Hitler continuava? .....</b>	<b>85</b>
<b>2.6- Os meios para construir o perfil do poder de Hitler .....</b>	<b>87</b>
<b>2.7- Os caminhos para a construção da penúltima imagem .....</b>	<b>89</b>
<b>2.8- A imagem de Hitler ou do seu poder? .....</b>	<b>102</b>
<b>CAPÍTULO 3: ENTRE REFERÊNCIAS E DESCONSTRUÇÕES: AS BIOGRAFIAS DE ALAN BULLOCK E JOACHIM FEST SEGUNDO IAN KERSHAW.....</b>	<b>105</b>
<b>3.1. As matrizes discursivas de Ian Kershaw .....</b>	<b>106</b>
<b>3.2- Alan Bullock e sua representação de Hitler: uma referência histórica .....</b>	<b>112</b>
<b>3.3- A “grandeza histórica” de Hitler: uma análise por Joachim Fest .....</b>	<b>125</b>
<b>CAPÍTULO 4: ALÉM DAS PALAVRAS – DESVENDANDO A OPERAÇÃO HISTORIÓGRAFICA DA BIOGRAFIA 1889-1936 HITLER: “HUBRIS” DE IAN KERSHAW.....</b>	<b>142</b>
<b>4.1- Os elementos estruturais de Hubris (1889-1936) .....</b>	<b>143</b>

<b>4.2- Explorando os fundamentos: temas em 'Hubris'</b> .....	<b>147</b>
4.2.1- O poder absoluto de Hitler .....	148
4.2.2- As perspectivas Políticas, Sociais, Econômicas e Culturais da Alemanha.....	157
4.2.3- O Partido dos Trabalhadores e Adolf Hitler.....	164
<b>4.3 Materiais de construção da operação historiográfica</b> .....	<b>173</b>
4.3.1 Die Tagebücher von Joseph Goebbels .....	175
4.3.2 Mein Kampf, o livro do biografado .....	194
4.3.3- Caracterizando Hitler.....	215
<b>CAPÍTULO 5: NAS ENTRELINHAS: A ANÁLISE DA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE IAN KERSHAW EM 1936-1945 HITLER: NEMESIS</b>	<b>227</b>
<b>5.1- Os elementos estruturais de Nemenis (1926-1945)</b> .....	<b>228</b>
<b>5.2- Explorando os fundamentos: temas em 'Nemesis'</b> .....	<b>233</b>
5.2.1- A Questão Judaica .....	235
5.2.2- A crise de liderança .....	250
5.2.3- Resistência à Hitler .....	261
<b>5.3- Materiais de construção da operação historiográfica</b> .....	<b>273</b>
<b>5.4- Die Tagebucher von Joseph Goebbels.....</b>	<b>275</b>
<b>5.6- <i>Als Hitlers Adjutant 1937-1945</i>, as memórias de von Below na biografia de Ian Kershaw .....</b>	<b>298</b>
<b>5.7- Caracterizando a personagem de Adolf Hitler .....</b>	<b>311</b>
<b>CONSIDERAÇÃO FINAL .....</b>	<b>323</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>329</b>
<b>Fontes: .....</b>	<b>329</b>
<b>Bibliografia citada.....</b>	<b>329</b>

## Sumário de tabelas

<b>Tabela 1.....</b>	<b>148</b>
<b>Tabela 2.....</b>	<b>174</b>
<b>Tabela 3.....</b>	<b>215</b>
<b>Tabela 4.....</b>	<b>234</b>
<b>Tabela 5.....</b>	<b>274-275</b>
<b>Tabela 6.....</b>	<b>311-312</b>

## I. INTRODUÇÃO

[...] todas as histórias são, ao mesmo tempo, uma história da história.

Antonie Prost

Inicialmente, tomar uma biografia como fonte pode parecer algo simples ou até mesmo uma *questão de escolha*. Contudo, essa ideia não faz jus aos meandros e incertezas que tal objeto pode apresentar quando nos deparamos com a tarefa de analisá-lo. Essa formulação, ou melhor, percepção, só foi possível de ser sistematizada ao longo de mais ou menos dez anos. De antemão, deixo claro que adotarei umas das estratégias de escrita muito disseminada no gênero biográfico – em quase todos escritos historiográficos, diria – e que gera o epicentro das críticas direcionadas a essa narrativa: buscarei as origens da minha atual pesquisa. Isto é, como construí o cabedal teórico e metodológico que me permitem, hoje, depreender a operação historiográfica por detrás da obra *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, escrita pelo historiador britânico Ian Kershaw, em 1999 e 2000, respectivamente.

Afinal, o que é a escrita da história? O que faz uma narrativa ser classificada ou não como historiografia? Como os indivíduos são pensados nesse tipo de escrita? Essas são algumas das perguntas que pairam sobre parte dos estudos das ciências sociais. Ao longo dos séculos, em diversas partes do mundo, estudiosos se dedicaram à escrita da história, além de refletirem acerca dos métodos possíveis para desenvolvê-la. Com isso, surgiram obras e vertentes teóricas, cada uma defendendo seu modelo de análise e apresentando suas contribuições para questões ligadas ao uso de conceitos, de fontes e de metodologias adequadas ao fazer historiográfico. Em todos os casos, há uma particularidade. O indivíduo sempre esteve presente como uma possibilidade (ou até mesmo justificativa) para o desenvolvimento da escrita da história. Como Marc Bloch salientou há tempo, “são os homens que [a história] quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. **Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça**”.<sup>1</sup> (Grifo meu)

### *Biografia como escrita da história*

Há várias formas ou até mesmo padrões e modelos para escrever a história. Em alguns deles, o indivíduo é a personagem principal, quase um ser laureado com uma coroa de flores, que norteia toda a escrita. Em outros, ele é apenas um elemento, um ser despercebido,

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 54.

objetificado, em um meio em que os fatos históricos se desenvolvem. Além disso, muitos outros retratam a tentativa de equilíbrio entre o indivíduo e as redes sociais das quais ele faz parte.

Lucien Febvre, em *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais* (1937), analisou a noção de descrença no século XVI, tomando François Rabelais como objeto de estudo.<sup>2</sup> Segundo Febvre, a ideia de descrença não existia nesse período, o que refutava a visão de que Rabelais era ateu. A análise de suas obras, *Pantagruel* (1532) e *Gargântua* (1534), permitiu a Febvre mostrar que, apesar de críticas à religião, Rabelais defendia a fé. Febvre também usou outros pensadores da época para demonstrar que a religião era central na vida cotidiana, e que, mesmo com avanços como a imprensa, a sociedade seguia profundamente cristã. Assim, Rabelais foi retratado como um homem de seu tempo, incapaz de romper com os padrões religiosos e sociais do século XVI, sendo representativo da mentalidade coletiva da época.

Em *A sociedade de Corte* (1969), Norbert Elias analisou a sociedade de corte no período de Luís XIV, unindo História e Sociologia. Ele criticou a abordagem histórica focada em eventos e indivíduos únicos, e a sociologia por isolar a sociedade dos indivíduos. Elias propôs a teoria da figuração, na qual indivíduos estão interligados por dependências mútuas, formando um equilíbrio dinâmico. Estudando os ritos, etiquetas e cerimônias da corte, Elias mostrou como essas normas não apenas regulavam, mas também podiam ser utilizadas em benefício dos próprios indivíduos, como Luís XIV. Ele destacou a interdependência entre o rei e as estruturas sociais do Antigo Regime, revelando as relações de poder e controle dessa sociedade.

Carlo Ginzburg, em *O queijo e os vermes* (1976), retratou a vida de Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, um moleiro italiano julgado pela Inquisição no século XVI. Ginzburg usou a história de Menocchio para explorar a "cultura popular" da Europa pré-industrial, em contraste com abordagens tradicionais da história das ideias e das mentalidades.<sup>3</sup> Através de uma análise etnográfica das leituras e depoimentos de Menocchio, o autor investigou como o moleiro assimilou e reinterpretou textos escritos, combinando-os com elementos da cultura oral camponesa, criando uma cosmogonia própria que levou à sua acusação de heresia. Ginzburg não apresentou Menocchio como um reflexo homogêneo da sociedade, mas como um indivíduo com visão de mundo própria, demonstrando que ele foi um agente histórico que, apesar das influências culturais, construiu sua própria perspectiva.

---

<sup>2</sup> FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI:** a religião de Rabelais. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução dos trechos em latim de José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Na perspectiva dessas obras, da volta do sujeito histórico,<sup>4</sup> tanto Lucien Febvre quanto Norbert Elias e Carlo Ginzburg, o indivíduo foi compreendido dentro da estrutura social. Os autores inseriram o indivíduo no contexto das sociedades nas quais pertenciam. Contudo, cada qual tinha uma visão de entendimento a respeito desse indivíduo, pois a estrutura que criou as condições nas quais os homens fizeram suas escolhas. Febvre, Elias e Ginzburg propunham que esses três sujeitos (Rabelais, Luís XIV e Menocchio) mesmo podendo fazer suas escolhas, ainda sim seguiam determinados parâmetros, determinadas regras comportamentais – em Elias e Febvre essas regras foram ainda mais cerceadoras. Caso contrário, eles não seriam possíveis dentro da sociedade à qual eram partes.

Como observado nas obras citadas anteriormente, mesmo o indivíduo sendo um objeto fundamental do trabalho historiográfico, não houve uma tentativa de enquadramento dessas escritas em uma categoria, pois elas são compreendidas como escrita da história do Antigo Regime, da Inquisição, da Idade Moderna. No entanto, houve casos em que a narrativa de vida ganha um *status* tão particular, que a escrita é nomeada de biografia – mesmo que essa contenha e reforce os padrões, objetivos e características de escritas das obras anteriormente apresentadas.

A escrita biográfica tem um lugar especial nesta pesquisa, pois não apenas a comprehendo como escrita da história, mas porque aqui ela se torna um objeto historiográfico. A produção biográfica abrange numerosos períodos da história, passando por diversas mudanças ao longo dos tempos. Assim como a própria escrita da história. Um ponto determinante, para ambas, foi a mudança do regime das certezas historiográficas ligado à história mestra da vida. Com isso,

---

<sup>4</sup> O desenvolvimento da história como ciência fez-se através de diversas correntes historiográficas, tais como o historicismo, o positivismo, marxismo, os Annales, micro- história, entre outras. Cada uma delas com um olhar particular da história, e, por consequência, do indivíduo. O movimento dos Annales, do qual Lucian Fbvre fez parte, combatia a história preocupada somente com os fatos singulares, principalmente aqueles ligados à natureza política, diplomática e militar, denominada de positivista, historicizante. Contra isso, a Escola dos Annales apontava para uma “história nova”, com base problematizadora, preocupada com as massas anônimas e os seus modos de viver. Essa vertente historiográfica influenciou outras correntes. A influência também seria compreendida como uma forma de rejeição à importância dada ao coletivo na história, visto que os Annales, apesar de ter desenvolvido um novo método de se trabalhar e construir a história, ainda permanecia muito associado a uma história econômica, que privilegiava o estudo quantitativo e serial. Essa permanência foi um ponto de divergência entre a historiografia dos Annales e da micro-história. Esta buscava um tratamento intenso e qualitativo das fontes seriais. Outro ponto foi em relação à escala de análise, pois ao contrário dos Annales que se abarcava a longa duração e os longos espaços geográficos, a historiografia italiana almejava estudar uma escala mais reduzida. A partir dessa escala, a análise desenvolveria tendo uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica e a preocupação com uma narrativa literária. Com temas ligados ao cotidiano de comunidades específicas, às situações-limite e às biografias ligadas à reconstituição de microcontextos ou dedicadas a personagens anônimas, a partir da lógica da história vista de baixo. (DIEHL, Astor Antônio. Teoria historiográfica: diálogo entre tradição e inovação. **Varia História**, v. 22, 2006, p. 368-394).

o *status* de exemplaridade se transformou. A história passou a não ser mais o instrumento de se fazer conhecer virtudes atemporais, principalmente vinculadas à personagens exemplares. Nessa concepção, o *status* da biografia tornou-se problemático em relação ao que a história assinalava, perdendo assim todo o seu caráter funcional que tivera durante séculos.

Outra divergência de concepção entre a escrita biográfica e o regime de historicidade remete-se ao relato que propõe acontecimentos com sucessões cronológicas, organizando-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. Um dos ditos pressupostos da escrita biográfica refere-se à vida constituindo um todo, um conjunto orientado e coerente, que deve ser compreendido como uma expressão unitária de um projeto. No qual, a coerência está na origem do interesse que os biografados têm pelo empreendimento biográfico. A intenção de tornar-se ideólogo da vida implica selecionar determinados acontecimentos e estabelecendo conexões para dar coerência. Por essas questões, o debate sobre a escrita biográfica é ainda constante entre os historiadores, o que gera reflexões sobre o uso da biografia como conhecimento histórico.

Na década de 1980, um intenso debate sobre a aceitação da escrita biográfica como escrita da história veio mais uma vez à tona. O Colóquio *Problèmes et Methodes de la Biographie*, realizado na França em 1985, pode ser identificado como um momento determinante para que se pautasse a questão: a escrita biográfica é ou não é uma escrita da história?<sup>5</sup> No e por causa do evento, várias reflexões foram realizadas para dar conta de responder à essa pergunta, que ainda paira sobre as disputas internas do campo historiográfico.

Dentre os opositores e defensores da biografia como escrita da história, que reverberaram as provocações derivadas do colóquio ao pensarem as práticas e possibilidades da narrativa biográfica para ela ser enquadrada como escrita da história, destaco nomes como: Giovanni Levi e Pierre Bourdieu na coletânea *Usos e abusos da história oral*, Jacques Revel com seu artigo *A biografia como problema historiográfico*, François Dosse em *O Desafio biográfico* e Sabina Loriga, ao escrever *A biografia como problema*.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Segundo Adriana Barreto de Souza, no Colóquio *Problèmes et Methodes de la Biographie*, que desde o início teve um caráter provocativo, seus organizadores protestavam sobre o silêncio dos historiadores diante da “onda biográfica” que passou a tomar conta do espaço acadêmico francês, e conclamaram a comunidade a se posicionar perante a aceitação ou não do gênero biográfico como um tipo de escrita da história. (SOUZA, Adriana Barreto de. **Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história:** biografando o duque de Caxias. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 9, agosto 2012, p. 112).

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica [1996]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro; FGV Editora, 1996; LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996; LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas:** experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FVG Editora, 1998, pp. 225-249; REVEL, Jacques. A biografia

Esses autores, cada um à sua maneira, e por meio de suas obras, paradigmas de escrita, modelos explicativos e, principalmente do regime de historicidade, buscaram colocar novas questões, esclarecer equívocos, possibilidades e impossibilidades com as quais se depararam os historiadores sobre o problema biográfico. Ao formularem as complexidades irresolutas da perspectiva biográfica, sobretudo ao pensarem como os indivíduos se definem frente às estruturas sociais, tais abordagens, de forma consciente ou inconsciente, acabaram definindo normas, regras, estilos válidos cientificamente para que uma biografia seja ou não uma escrita da história. Portanto, a partir de uma atitude normativa (talvez a mesma que tanto recriminaram), os autores supramencionados, ao identificarem as relações entre história e biografia no decorrer do tempo, trouxeram reflexões sobre a escrita biográfica como um instrumento para a obtenção do conhecimento histórico.

Em 2013, tive acesso ao debate mencionado anteriormente, ao cursar a disciplina *Seminário Especial IV - Biografia e História: perspectivas de aproximação e desafio de pesquisa*, que tinha como eixo central tratar o diálogo da biografia com a história. A descoberta e leitura da bibliografia oferecida pela disciplina me fizeram, aos poucos, começar a elaborar o meu processo de compreensão da biografia como uma forma de escrita da história. Isto, naquele momento, foi suficiente para que uma decisão fosse tomada: almejar analisar biografias. Não sabia qual ou quais biografias se tornariam o objeto que possibilitaria levar a frente à minha decisão.

Aqui, farei uma pequena digressão que me ajuda a apresentar como ocorreu a delimitação do que seria o meu objeto de análise. Antes mesmo de ambicionar fazer uma graduação em História, uma pergunta permeou boa parte da minha vida: quem foi Adolf Hitler? Isso porque, quase sempre que alguém fazia uma definição do líder do Terceiro Reich, personagens distintas eram partilhadas. Frases como “foi um demônio que destruiu uma parte da população”, “um cara muito inteligente, mas que usou sua inteligência para o mal”, “na verdade, ele era um qualquer, quem mandava mesmo eram os outros líderes nazista”, ditas por amigos e familiares, me faziam questionar quantas versões de um mesmo indivíduo existiam. Na época, eu não entendia a dimensão do que significava esse meu questionamento, mas assim que decidir analisar biografias, logo fui relembrada do interesse pela figura de Adolf Hitler, e assim optei por associar essas duas temáticas: biografia e Hitler.

---

como problema historiográfico. In: **História e historiografia:** exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, pp. 235-248.

Qual biografia escrita sobre Adolf Hitler ganharia o *status* de pesquisa monográfica? Nada que pontuei aqui foi um ato solitário; em cada momento, sugestões, dicas e críticas alheias me auxiliaram. Nesse interim, assisti ao filme *A queda: os últimos dias de Hitler* (2004).<sup>7</sup> A escolha narrativa do longa-metragem despertou a minha curiosidade, que logo foi partilhada com o meu orientador, o professor Luís Edmundo de Souza Moraes. Dele obtive uma informação e uma dica: “o historiador Joachim Fest teve participação nessa produção. Faça uma pesquisa. Ele já escreveu uma biografia sobre Hitler, sabia?”. Naquele momento, percebi que havia encontrado minha fonte.

*Hitler* (1973), a primeira biografia escrita por um historiador alemão, Joachim Fest, em decorrência das reflexões sobre a escrita biográfica e o interesse pela figura de Adolf Hitler, foi a obra que delimitei para analisar.<sup>8</sup> Nessa etapa, considerava que bastava saber que escrita biográfica poderia ser escrita da história, pois acreditava que o conhecimento das regras tácitas que norteiam a escrita da biografia era importante para a compreensão do tipo de objeto analítico com o qual estava lidando. Foi a partir dessa perspectiva que iniciei a jornada de tomar biografia como fonte.

O desenvolvimento da pesquisa pode ser dividido em etapas. A primeira, como dito, foi a escolha da fonte. Na segunda, precisei propor uma pergunta que justificasse a minha análise. E assim como qualquer estudo no campo historiográfico, a teoria que orientou, ou melhor, foi o que me permitiu formular a questão-chave, a saber: como se construiu a personagem Hitler na biografia escrita por Joachim Fest? Essa pergunta só foi passível de ser elaborada por causa da leitura do prefácio da obra *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*, escrito pelo historiador Manuel Guimarães Salgado e do artigo *Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias*, escrito pela historiadora Adriana Barreto de Souza.

Para Manoel Luiz Salgado Guimarães, o que torna uma vida digna de ser narrada e partilhada seria a escrita, que converte a experiência biológica em *bios* (tempo de vida, uma vida completa que vai do nascimento à morte). Esse gênero, que tem como base a noção de

---

<sup>7</sup> O filme *A queda – os últimos dias de Hitler* (2004), que provocou polêmica ao retratar o lado humano de Adolf Hitler, sendo indicado ao Oscar de filme estrangeiro e obtendo uma arrecadação de 92 milhões de dólares, foi baseado na obra escrita por Joachim Fest.

<sup>8</sup> A biografia escrita por Joachim Fest, na década de 1970, a primeira realizada por um alemão, é considerada, assim como as escritas por Bullock e Kershaw, uma das principais biografias de Adolf Hitler. Lançada em 1973 na Alemanha e com uma nova introdução escrita pelo autor em 1995. Em 1975 ela foi traduzida em mais de 20 idiomas, cujo lançamento no Brasil aconteceu no ano de 1974 com uma edição revisada e ilustrada. Já em 1976, a edição brasileira foi dividida em dois volumes: o primeiro narrou a vida do líder nazista de 1889 a 1933, o segundo de 1933 a 1945, nos quais Joachim Fest buscou fazer uma nova interpretação dessa personagem marcante do século XX. Em pouco tempo, a partir da publicação da obra, o historiador alemão se tornou uma referência para o campo de estudos sobre Hitler.

*bios*, não se ocupa somente em retratar a “vida”, mas também a “maneira de viver”.<sup>9</sup> Logo, a vinculação de eventos e sua representação, por meio da narrativa, relata uma história e fornece um sentido, o que ambiciona sua partilha. Ainda de acordo com Guimarães, “Narrar uma vida, portanto, impõe um desejo de duração para além da pessoa cuja vida é contada, um desejo de lembrança e de memória, e por essa via, articula-se com um projeto de uma escrita de uma história”.<sup>10</sup>

A biografia como escrita da história, assim como qualquer texto publicado, exige a presença de um outro para quem se narra, um outro que não vivenciou as experiências narradas. Mas, mesmo assim, essas experiências representam algo de importante. Por consequência, de alguma maneira, narrar a vida do outro propicia narrar a sua própria, constituindo-a como uma experiência significativa, partilhável e socialmente compartilhável.<sup>11</sup>

Adriana Barreto de Souza, ao recompor o seu percurso teórico e metodológico realizado ao se defrontar com a tarefa de escrever uma tese biográfica, assim como sua a experiência durante trabalho de pesquisa, afirmou que as biografias somente devem “ser reconhecidas como lugar de articulação de uma escrita da história se esta é pensada como significação e ressignificação do passado”.<sup>12</sup> A narrativa biográfica implica uma compreensão diferente do processo de formalização causal dos fenômenos sociais. Por intermédio dela, adquirimos uma imagem da história e do devir social.<sup>13</sup>

Com esses autores pude aprofundar a ideia de biografia como possibilidade de escrita da história e compreender o biógrafo como construtor de uma imagem. Ambas as leituras (os textos de Guimarães e de Souza) me suscitaram a pensar o biógrafo como o engenheiro – aqui me aproprio do termo utilizado por Souza (2015) – que emerge uma imagem por meio da narrativa. Além disso, foi possível chegar a uma reflexão que até hoje acompanha o meu olhar sobre a narrativa biográfica:

[...] ao narrar a vida de um indivíduo por meio da escrita biográfica, assim como qualquer outra historiografia, o autor faz escolhas e intervenções metodológicas que possivelmente não abarcam a vida do biografado como um todo. As complexas relações sociais vividas

---

<sup>9</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico:** escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 123.

<sup>10</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da História. In: SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias:** o homem por trás do monumento – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 19.

<sup>11</sup> Idem, p. 19.

<sup>12</sup> SOUZA, A. B. **Biografia e escrita da história:** reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, jan. - jul., 2007, p. 30.

<sup>13</sup> Idem, p. 34.

são selecionadas, transcritas, recortadas, traduzidas e contextualizadas pelas intenções de construção da imagem por cada biógrafo.<sup>14</sup>

Portanto, naquele momento, duas etapas do meu trabalho de pesquisa haviam sido concluídas: a definição da fonte e a pergunta que perpassaria a minha análise. A terceira etapa, como era de se imaginar, foi a que encontrei maior dificuldade. Isso porque uma inquietação se fazia presente: como analisar uma biografia?

A biografia, entre as décadas de 1970 e 1980, ganhou espaço nos debates historiográficos, em muito derivado do Colóquio mencionado anteriormente.<sup>15</sup> E, no transcurso do tempo, contamos com um número considerável de biografias escritas por historiadores.<sup>16</sup> Como sinalizou François Dosse, “as ciências humanas em geral e os historiadores em particular redescobrem as virtudes de um gênero que a razão gostaria de ignorar”.<sup>17</sup> Jacques Revel pontuou que, mesmo com todos os maus presságios apontados à biografia, e por isso as divergências sobre sua aceitação como escrita da história, desde seu surgimento, ela se tornou um gênero histórico de extensa atividade.<sup>18</sup>

### *Biografia como fonte histórica*

Tomar a biografia como uma fonte para a investigação é, ainda hoje, um campo restrito. Há poucas pesquisas que têm esse processo analítico e, no Brasil, dentre elas, contamos com as reflexões feitas pelos historiadores Maria da Glória de Oliveira, Marcelo H. Steffens e Andrea Ferreira Delgado. Oliveira (2011), em seu livro *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*, buscou compreender a elaboração da experiência do passado, que foi desenvolvida em um processo mais amplo de constituição do regime de escrita da história no Brasil oitocentista. Oliveira demonstrou o papel histórico e os usos dessas obras ao descortinar a constituição do projeto historiográfico – de escrita da história que estava diretamente ligada a construção de identidade –, proposto pelo IHGB por meio dos

<sup>14</sup> SILVA, M. O. S. Adolf Hitler: a personagem criada na biografia escrita por Joachim Fest. **Monografia** (Bacharelado/Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de História, 2015, p. 10.

<sup>15</sup> SOUZA, A. B., 2007, p. 28.

<sup>16</sup> Dentre elas: Lima Barreto – Triste Visionário e As Barbas do Imperador, de Lilian Schwarcz; Domingos Sodré – Um sacerdote Africano, de João José Reis; Duque de Caxias – o homem por trás do monumento, de Adriana Barreto de Souza; Quixote nas trevas, de Fábio Koifman; Churchill: Uma Vida, de Martin Gilbert; Mozart e Freud – uma vida para o nosso tempo, de Peter Gay; Um Socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945), de Benito Bisso Schmidt; Luiz Carlos Prestes - Um Comunista Brasileiro e Olga Benário Prestes uma Comunista nos Arquivos da Gestapo, de Anita Leocádia Prestes; Stálin: Nova biografia de um ditador, de Oleg V. Khlevniuk.

<sup>17</sup> DOSSE, François, 2009, p. 16.

<sup>18</sup> REVEL, Jacques. **A biografia como problema historiográfico**. In: História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 239.

escritos biográficos. Isto é, o projeto de escrita historiográfica proposto por meio do Panteão de papel erguido pelo IHGB.

Já Marcelo H. Steffens (2008), em sua tese de doutorado *Getúlio Vargas biografado: análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988*, selecionou partes da vida de Vargas e tentou reconstrui-la defrontando os relatos dos biógrafos com as discussões historiográficas. Isto foi realizado a partir de um objetivo principal: compreender as tensões do contexto, principalmente da Revolução de 1930, no qual Getúlio Vargas fez parte. O autor almejou, por meio das obras, mapear as transformações e permanências, ao longo das décadas, na escrita de gênero biográfico. Assim como compreender as aproximações dessa escrita com a ficção, mapeando os contatos e as trocas entre os dois campos de conhecimento.

Delgado (2003), em sua tese de doutorado *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*, fez uma pesquisa histórica investigando a invenção de Cora Coralina como Mulher-monumento, sob o aparato das reflexões da escrita biográfica e autobiográfica de Pierre Bourdieu, Contardo Calligaris, Jacques Le Goff, Giovanni Levi, Bisso Benito Schmidt. Delgado investigou autobiografia de Cora Coralina enquanto uma “técnica de si”, na qual o sujeito vai constituindo-se na relação que tem com ele mesmo, a partir do trabalho do autoconhecimento. A autora buscou mostrar como Cora Coralina instaurou os alicerces para o processo da sua monumentalização e como eles se constituíram em uma das estratégias para a instituição da cidade Goiás como histórica e turística.

Essa escassez de trabalhos também está presente quando se trata dos casos que lidam com o líder nazista. Os trabalhos se dividem em dois eixos: pesquisadores que fizeram balanços das biografias sobre Adolf Hitler e análises que se dedicaram a pensar biografias específicas.

No primeiro, temos exemplos dos historiadores John Lukacs e Ron Rosenbaum. Lukacs, um dos principais historiadores a analisar biografias produzidas sobre Adolf Hitler, em seu livro *O Hitler da História* (1998), fez uma análise da vida e da mente do líder nazista por meio de seus principais biógrafos, questionando qual deles se aproxima mais do retrato real da personagem histórica, ou melhor, como o próprio diz em seu prefácio: “colocando as biografias no banco dos réus”. O referido autor selecionou partes da vida de Hitler e as reconstruiu através dos relatos dos biógrafos, em meio a isso, as analisou de forma qualitativa, dizendo quais são as melhores biografias. Ron Rosenbaum, um grande estudioso da vida de Hitler, em *Para entender Hitler, a busca das origens do mal* (2003), examinou diferentes campos — psicanalítico, histórico, cultural, político — e suas explicações sobre Hitler, buscando novas reflexões, a partir de uma lista do que considerou os principais e mais conceituados pensadores sobre o Líder do Terceiro Reich.

No segundo eixo, me deparo, na maioria das vezes, com resenhas críticas, como, por exemplo, Arthur Ituassu (2010), professor de comunicação social, em sua crítica *Hitler, do historiador inglês Ian Kershaw* publicada em decorrência do lançamento da biografia no Brasil, e a jornalista H. Monteagle, em sua *review* publicada em *Presses Universitaires de France*, em 1954, quando a biografia *Hitler: A Study in Tyranny* ganhou tradução para o francês. Em todos os casos, esses estudos buscaram estabelecer a qualidade da obra, deixando de lado a conduta de tê-las como objeto de análise profícuo. As análises e reflexões referentes às biografias de Hitler são classificatórias, isto é, as análises e reflexões têm uma atitude normativa perante as obras.

Na pesquisa monográfica, optei em fazer um mapeamento dos elementos que constituem o gênero biográfico, limitando-me a pensar a partir dos enquadramentos circunscritos pelos autores que fizeram reflexões sobre a escrita biográfica. O que isso significa? Balizei como critérios de análise detectar características como: inserção no campo de estudos; a cronologia; o projeto original, isto é, a busca pela origem de determinados atributos da personagem; a utilização da contextualização para inserir o biografado na conjuntura (e vice-versa); comparações realizadas com outros indivíduos; se houve o uso do indivíduo biografado como fonte, o que acarretaria em um retrato oficial; se a vida do biografado foi narrada por meio das suas redes de sociabilidade; e a seleção de quais acontecimentos fizeram parte da narrativa.

O tipo de metodologia de análise que busquei empregar me permitiu identificar elementos da escrita e fazer algumas considerações. Com base na análise, pude identificar que Joachim Fest, durante o percurso narrativo, apresentou como Adolf Hitler foi se construindo como um homem da política e como se tornou, para o autor, “o fenômeno moderno político alemão”, mesmo mantendo o seu lado artista. Com a utilização das características ditas específicas da escrita biográfica como a cronologia, linearidade, interligação de fatos, busca de origem, o autor foi construindo a imagem de Adolf Hitler.

Ao terminar a monografia, apesar de ter alcançado os objetivos propostos no recorte da pesquisa, senti que poderia explorar a biografia de forma mais substancial, pois considerava que minha atitude analítica ainda era bastante limitada. Até porque compreender biografias como escrita da história a partir de suas próprias características internas e tomar uma biografia como fonte historiográfica são atitudes analíticas completamente diferentes – para chegar a essa ponderação percorri um processo longo que exigiu muitas vezes uma desconstrução da minha própria forma de olhar para o objeto.

No início da minha pesquisa, ainda tendo um olhar imaturo sobre o meu objeto, montei o meu projeto de mestrado almejando dar conta quase que dos mesmos propósitos do estudo monográfico. A única diferença foi o acréscimo de mais biografias (*Hitler: A Study in Tyranny*, de Alan Bullock e *Hitler*, de Ian Kershaw), e com isso realizar uma análise comparativa entre elas, buscando perceber as diferenças e semelhanças na construção da personagem Hitler proposta por cada autor. Ou seja, a minha análise ainda estava respaldada no mapeamento das regras tácitas da escrita biográfica. Os meus objetivos com a proposta do projeto eram identificar as estratégias de escritas dos autores, utilizando análises e reflexões sobre a escrita biográfica, e fazer uma comparação das imagens de Adolf Hitler construídas por eles, identificando suas diferenças e semelhanças. Essa atitude pode ser justificada por um elemento determinante, o meu arcabouço teórico e sua compreensão continuavam sendo os mesmos.

A mudança aconteceu quando recebi um apontamento mais do que certeiro. Em uma disciplina, como parte das atividades, colegas de turma e professores leram o meu projeto de mestrado, dentre eles a professora Adriana Barreto de Souza. Dela escutei uma frase que, naquele momento, não obtive a real compreensão: “Marcela, você não escreve uma biografia. Lendo o seu projeto, vejo que ele tem muita possibilidade a partir da história das ideias”. A compreensão veio depois, quando desconstruí o olhar engessado que tinha sobre a fonte. A professora conseguiu perceber o ponto nevrálgico da pesquisa, pois todos os autores existentes em meu projeto propunham reflexões sobre como deve ser a escrita de uma biografia, como se deve escrever ou não para que a narrativa biográfica seja considerada escrita da história. E garanto, a minha intenção não era redigir uma biografia, mas analisar a biografia como fonte historiográfica.

A indicação de pensar a pesquisa dentro do campo da história das ideias me possibilitou ter acesso a obra *Visões da política: sobre os métodos históricos*, de Quentin Skinner. Este tornou-se referência em sua proposta de como deve ser o procedimento dos historiadores ao analisar um texto ou uma obra. Seu trabalho cooperou com o questionamento de paradigmas e o surgimento de novos desafios para o estudo da história das ideias. Ao descrever quais devem ser as práticas do ofício do historiador, o autor construiu um modelo analítico para a decodificação de um texto e, assim, conseguir uma concreta compreensão da escrita historiográfica.

Para Skinner, o discurso, em forma de escrita, traduz uma ação praticada pelo autor. A linguagem escrita torna-se um instrumento para comunicar, como também para atribuir autoridade ao que os autores dizem. A escrita é o mecanismo para concretizar as ideias que os pensadores se propõem a construir por meio de suas obras. A narrativa é o local pelo qual temos

acesso às imagens construídas e às intenções de escrita dos autores. O texto é um objeto de estudo e interpretação para a compreensão do significado transmitido do que foi dito e o valor que o autor atribuiu às suas afirmações. Conforme afirmou o autor, o historiador deve ir além do significado que o texto aparentemente apresenta, “[...] para além de tentar descortinar o significado do que eles disseram, devemos ao mesmo tempo procurar compreender o que é que eles queriam dar a entender com aquilo que estavam a afirmar”.<sup>19</sup> Portanto, para Skinner, se trata de intenções identificáveis no e pelo próprio texto, ainda que não tenham sido explicitamente formuladas.

Essa proposta de como deve ser a atitude analítica de um historiador perante uma obra, me fez perceber que apesar de compreender a biografia como uma forma de escrita da história, a metodologia que eu empregava até aqui para analisá-la limitava-se ao mapeamento de critérios pré-estabelecidos dos elementos que devem compor uma escrita biográfica. Em outras palavras, compreendia a narrativa biográfica como escrita da história, mas a tratava como uma narrativa exclusivamente biográfica. A leitura de *Visões da política: sobre os métodos históricos* propiciou o rompimento com tal atitude, o que me fez, definitivamente, olhar a biografia como uma historiografia e, portanto, ter recursos para tomá-la como uma fonte para a investigação historiográfica.

Com a mudança na maneira de conceber a narrativa biográfica para desenvolver a pesquisa no mestrado, busquei ter um domínio do campo das biografias escritas sobre a figura de Hitler. Para isso, realizei um mapeamento inicial, levantando os títulos já publicados desde sua morte, em 1945. Conforme ressaltado pelo historiador John Lukacs, nas décadas de 1960 e 1970 multiplicou-se o número de produções sobre Hitler.<sup>20</sup> Apesar do grande número de formulações que têm Adolf Hitler como objeto central de análise, quando restringimos essas produções às biografias escritas por historiadores que se tornaram pilares explicativos, esse número reduz consideravelmente.

Com base em John Lukacs e Ron Rosenbaum e em meios eletrônicos, identificamos 10 biografias que se tornaram pilares explicativos, sendo: *Hitler: A Study in Tyranny* (1952), de Alan Bullock; *Adolf Hitler: Eine Biographie* (1960), de Warter Görlich e Herbert A. Quint; *Hitler: Eine politische Biographie* (1969), de Ernst Duerlein; *Hitler: Legend, Mythos,*

---

<sup>19</sup> SKINNER, Quentin. **Visões da política:** sobre os métodos históricos. Tradução de João Pedro George. Algés: Difel, 2002, p. 117.

<sup>20</sup> As décadas de 1960 e 1970 são consideradas como o período que houve uma explosão de publicações acerca de Adolf Hitler que, até então, não era uma figura muito presente em produções e obras que pautavam sobre o tema do nazismo e Segunda Guerra Mundial. Essas décadas ficaram conhecidas como o período do *boom de Hitler*. (LUKACS, John. **O Hitler da História.** Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 18).

*Wiklichkeit* (1971), de Werner Waser; *Hitler* (1973), de Joachim Fest; *Hitler's War* (1977), de David Irving; *Adolf Hitler: Korrektur einer Biographie* (1989), de Anton Joachimsthaler; *Hitler* (1991), de Marlis Steinert; *Adolf Hitler* (1977), de John Toland; *Hitler* (1998 e 2000), de Ian Kershaw.<sup>21</sup>

O levantamento revelou um dado que despertou a minha atenção: a primeira biografia sobre Adolf Hitler foi escrita pelo historiador britânico Alan Bullock. Em vista disso, três fatores, a princípio, me motivaram a selecionar a biografia de Bullock como uma fonte de pesquisa no mestrado. O primeiro deles, por ter sido a primeira biografia de Hitler escrita por um historiador, no pós-guerra; a crítica que Joachim Fest direcionou à obra, que tive conhecimento ao analisar a biografia produzida pelo historiador; e pelo fato de os biógrafos posteriores classificarem a obra como “a descrição definitiva da vida de Adolf Hitler até então”.<sup>22</sup>

A pergunta que acompanhou e orientou a minha análise no processo de pesquisa continuava basicamente a mesma: como se realizou a construção do retrato de Hitler na narrativa biográfica?<sup>23</sup> O primeiro procedimento adotado foi fazer um mapeamento em sítio eletrônico das universidades brasileiras em busca da primeira edição de *Hitler: A Study in Tyranny*. Uma vez que, apesar da busca, até aquele momento, eu só tinha tido acesso à segunda edição, e a intenção era analisar a primeira formulação realizada da personagem Hitler feita por Bullock. A surpresa veio ao encontrar a obra apenas na biblioteca do curso de arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em posse da obra, mais uma vez, a incerteza de como analisar uma biografia me assolou. Mesmo com as indicações feitas por Skinner dos procedimentos que devemos realizar diante de uma obra, precisava encontrar meios para decodificar a narrativa construída pelo biógrafo.

---

<sup>21</sup> LUKACS, John. **O Hitler da História**. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998; ROSENBAUM, Ron. *Para Entender Hitler A Busca Das Origens do Mal*. Rio de Janeiro: Record, 2003; foi feita uma pesquisa em sites como banco de dados da Capes; JSTOR; Google acadêmico; Scielo; acervos on-line das universidades.

<sup>22</sup> FEST, Joachim, 2006, p. XII.

<sup>23</sup> Para Roger Chartier, as representações do mundo social são construídas por esquemas intelectuais que determinam os seus interesses ao criar as representações. Portanto, existe a necessidade de relacionar os discursos com a posição de quem os proferem. Os discursos que constituem a percepção do mundo não têm por objetivo criar uma neutralidade, pelos contrários, produzem estratégias e práticas que talvez imponham autoridade, legitima e justifica escolhas e condutas. As representações como matrizes do discurso e de práticas diferenciadas têm por objetivo a construção do mundo social, “[...] e como tal a definição contraditória das identidades – tanto dos outros como a sua”. As reflexões que Chartier fez da categoria *representação* serão a base para justificar a forma como compreendemos o que é o retrato de Hitler construído por meio da escrita biográfica. Entendemos o retrato como uma representação construída historicamente, em espaço e tempo determinado, que tem como intencionalidade expressar uma realidade social. (CHARTIER, Roger. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, pp.16 – 23).

A partir da sistematização, análise qualitativa e o cruzamento dos temas/assuntos, cronologia narrativa, definições e características permitiram que eu identificasse um Hitler que não estava tão explicitamente formulado na biografia de Alan Bullock. Tanto que há, para maior parte dos historiadores, ao se referirem à personagem criada por Bullock, um consenso em defini-la como o “Hitler Charlatão de Alan Bullock”.<sup>24</sup>

No entanto, com a análise, entre outras coisas, a própria narrativa mostrou que apesar de ser de um aventureiro seduzido pelo poder, o líder do partido nazista foi um ator que representou vários papéis, dentre eles, o de grande político. Não apenas representou, mas realmente acreditou no seu papel de “indivíduo histórico-universal”.<sup>25</sup>

Ao fechar mais um ciclo de pesquisa, a conclusão da dissertação, novamente a sensação de que a biografia como fonte permitiria outras possibilidades de análise ganhou espaço. Hoje, mais uma vez, encontro-me na tarefa de tomar mais uma biografia escrita sobre Adolf Hitler como objeto de investigação. Até aqui, pensei a biografia como um instrumento suficiente para compreender o processo de construção da imagem do biografado advinda dessa fonte. Na monografia e na dissertação, basicamente, a análise foi realizada na e pela própria biografia – procedimento que também é objetivo nesta pesquisa.

Entretanto, neste momento, proponho ir além, pois buscarei depreender a operação historiográfica por detrás da obra delimitada. Isso significa não apenas identificar qual retrato foi formulado por meio dos elementos narrativos da biografia, como também investigar como se realizou a operação científica. Levarei em conta o contexto mais amplo de produção da obra, como lugar social, práticas e escritas do biógrafo, quem foi esse biógrafo e seu ambiente intelectual. Como foi o processo de construção (gestação) da imagem de Hitler em outras obras do autor. Os diálogos que existiram entre a personagem construída e as imagens já institucionalizadas de Hitler, quais eram os modelos vigentes de imagens do líder do Terceiro Reich no período de escrita da obra e, portanto, como o autor se encaixou e destoou desses padrões de escrita, etc.<sup>26</sup> Ou seja, como e em quais circunstâncias a imagem de Hitler foi produzida nessa biografia?

---

<sup>24</sup> LUKACS, John, 1998, p. 21.

<sup>25</sup> Alan Bullock apropriou-se das definições do filósofo Friedrich Hegel do papel dos “indivíduos históricouniversais”, feitas 100 anos antes que Hitler ocupasse cargo de chanceler, para tentar entender o comportamento do líder nazista depois de ter almejado o poder.

<sup>26</sup> As bases explicativas da historiografia sobre o nazismo, em seu tratamento histórico dado a Hitler, pensam a personagem a partir de uma questão determinada, o lugar de Hitler na história: ele foi o grande ideólogo de tudo ou mais um nome dentro do Regime Nazista? Essa questão se divide em duas vertentes interpretativas, uma minimiza o peso atribuído ao papel pessoal de Hitler e nega a existência de uma prática significativa de um poder individualizado autônomo. No outro extremo, a vertente que eleva o poder pessoal de Hitler, onde a história da

A escolha da atual fonte e das novas perguntas foram derivadas do acúmulo de cabedal teórico e metodológico desenvolvido nas pesquisas anteriores, assim como a ideia da operação historiográfica formulada por Michel de Certeau em seu livro *A escrita da História*.

Michel de Certeau, ao compreender a prática historiográfica como uma prática de escrita, mostrou a relação que existe entre as duas. De acordo com o autor, a escrita simboliza e efetua um gesto que tem, simultaneamente, o valor de mito e rito. A escrita “substitui as representações tradicionais que autorizam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção”.<sup>27</sup> Um procedimento paradoxal, segundo ele, “de trabalho da morte e trabalho contra a morte”.

A atividade de recomeçar a partir de um tempo novo, desassociado dos antigos, e que tem a tarefa de construir uma razão no presente, é também a atividade da historiografia. “Fazer a história” remete à escrita. É por uma espécie de ficção que o historiador se insere nesse lugar. Por consequência, ele não é o sujeito da operação, ele não faz a história, mas pode “fazer história”. Certeau também pensou o passado como uma ficção do presente. A explicação dele demarca a distinção entre o aparelho explicativo, no presente, e o material explicado, documentos que diz respeito aos mortos. Para além, a leitura do passado, por mais regulada e limitada pela análise dos documentos, é categoricamente guiada por uma leitura do presente. O que implica que ambas se organizam em decorrência de problemáticas impostas por uma determinada situação, “elas são conformadas por premissas, quer dizer, por “modelos” de interpretação ligados a uma situação do presente [...].”<sup>28</sup>

Para Certeau, o discurso sobre o passado é impreterivelmente o discurso do morto. O objeto que nele aparece é o ausente, tendo como sentido ser uma linguagem entre narrador e os seus leitores, ou seja, entre presentes. A história se refere a um fazer que é o seu (“fazer história”) e também àquele da “sociedade que especifica uma produção científica”. A operação histórica é condicionada à relação combinatória do lugar social, onde o historiador está inserido, as práticas científicas de que dispõem e o modo como apresenta o resultado de sua pesquisa (a escrita). Toda pesquisa historiográfica se vincula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural, o que acarreta em um meio de elaboração delineado por determinações próprias. É por meio desse lugar que se estabelecem os “métodos”, que se define uma “topografia de interesses”, que os documentos e os questionamentos se ordenam. Comumente,

---

Alemanha, entre 1933 e 1945, fica restringida a uma expressão da vontade do ditador. (KERSHAW, Ian. **Hitler, um perfil de poder.** Tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 13-14).

<sup>27</sup> CERTEAU, Michel *de. A Escrita da história.* Tradução de Maria de. Lourdes Menezes; revisão técnica [e] Arno Vogel – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 17.

<sup>28</sup> Idem, p. 34.

cada sociedade se pensa “históricamente” a partir dos seus próprios instrumentos. Contudo, como afirma o autor, o gesto que une as “ideias” aos lugares é, indiscutivelmente, um gesto do historiador.<sup>29</sup>

Por causa das compreensões e contatos prévios com as biografias supramencionadas, alguns elementos iniciais despertaram o meu interesse em selecionar a biografia de Ian Kershaw como fonte de pesquisa.

*Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, de autoria de Ian Kershaw, foi a última grande biografia da personagem Hitler publicada. Contudo, apesar de ser a mais recente, foi com a publicação em 1998 e 2000 em dois volumes da biografia, posteriormente condensadas em um único volume, que o autor se tornou mundialmente conhecido e reverenciado – foi a partir da publicação da biografia que Kershaw recebeu o convite para ser conselheiro histórico da BBC. O trabalho como biógrafo de Hitler lhe proporcionou ganhar vários prêmios e reconhecimento. Segundo Luckas, Kershaw criou uma escola explicativa sobre Hitler.<sup>30</sup> Atualmente, o autor é considerado como uma das principais autoridades acadêmicas a respeito de Adolf Hitler e da Alemanha nazista. O primeiro critério, portanto, foi o fato da biografia de Kershaw ser a última grande contribuição até o momento.

Kershaw colocou como um dos seus objetivos de escrita desestruturar a imagem enganosa do líder nazista produzida pelo historiador alemão Joachim Fest, na obra *Hitler*. Mais do que isso, a principal justificativa de Kershaw foi desestruturar “a dita descrição definitiva da vida de Adolf Hitler”,<sup>31</sup> que, a meu ver, foi inicialmente formulada na biografia de Alan Bullock e que ganhou continuidade na obra de Joachim Fest. Este, como dito mais acima, direcionou elogios e críticas à obra *Hitler: A Study in Tyranny*.

Como podemos perceber, a cada nova biografia, principalmente no caso específico dos três historiadores, o argumento legitimador trazido à tona é justamente desestruturar a imagem vigente – descrição definitiva – da personagem biografada.<sup>31</sup> O fato da obra de Ian Kershaw ser a última, me permitirá constatar as variações e permanências das bases explicativas da imagem do líder nazista, no decorrer do tempo, nesse gênero de escrita da história.<sup>32</sup> Assim como a disputa criada no campo da escrita biográfica para ser o detentor da imagem “mais próxima do real” de Hitler.

<sup>29</sup> Idem, p. 10-95.

<sup>30</sup> LUCKACS, John, 1998, p. 35; FURUNO, Daniel John. **Revista BBC História**, ano 1, edição nº 1, 2008, p. 36.

<sup>31</sup> KERSHAW, Ian, 1993, p. 25-33.

<sup>32</sup> FEST, Joachim C. **Hitler**. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. XIII-XVIII; KERSHAW, Ian. *Hitler*. Tradução Pedro Maia Soares – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 25-33.

Para além disso, a delimitei por ser uma das narrativas do líder político nazista com mais relevância no mercado editorial e uma das que mais influenciaram estudos posteriores sobre Adolf Hitler. E, principalmente, por essa biografia ser considerada um paradigma explicativo dentro do campo de estudos sobre Hitler e o Nazismo.<sup>33</sup>

A leitura da obra de Michel de Certeau fez expandir o objetivo de análise que começou a ser rascunhado na dissertação. Ou seja, almejava-se compreender os elementos componentes da operação historiográfica – lugar social, as práticas e a escrita presentes na biografia –, ao identificar os critérios teóricos e metodológicos que cercam a produção da obra, que transformam o discurso do historiador em texto escrito. Em vista disso, além da obra, o historiador e seu lugar social e científico tornam-se essenciais para demonstrar a atuação do biógrafo no processo de concretização da pesquisa acadêmica, no processo de cristalização de uma imagem.

As reflexões realizadas por Certeau me fizeram atentar a uma ausência que perdurou até aqui, o porquê de considerar as biografias que tomava como objeto de análise como escrita historiográfica.

No caso da obra de Ian Kershaw, alguns fatores me permitem classificá-la como esse tipo de escrita. Primeiro, Kershaw, em sua abordagem biográfica, tem um problema, uma questão (Como Hitler foi possível? Como pôde esse indivíduo tomar o poder na Alemanha, um país moderno, complexo, economicamente desenvolvido e culturalmente avançado? Como Hitler pôde exercer poder?), que o instigou a ser o construtor da imagem de Adolf Hitler, cuja vida foi tomada como um campo a ser estudado e problematizado. O segundo aspecto refere-se aos cuidados na delimitação de referenciais teóricos. Tendo em vista principalmente as demais biografias e autores que se dedicam à temática. O terceiro trata-se do cuidado documental, isto é, o rigor da pesquisa, da análise e da crítica documental presentes na obra. A relação combinatória desses fatores me possibilitou compreender a biografia escrita por Kershaw como uma escrita da história.

E, como Temístocles Cezar sinalizou, reconstruir o caminho que levou à composição da vida de um indivíduo, o biografado, é um problema historiográfico complexo e relevante,<sup>34</sup> pois ao narrar a vida de alguém, a estamos incorporando em um contexto, que pode ser representado por meio da figura biografada ou o inverso. Em ambos os casos, analisar a narrativa biográfica

---

<sup>33</sup> LUKACS, John, 1998; ROSENBAUM, Ron, 2003.

<sup>34</sup> CEZAR, Temiscocles. **Prefácio:** A constituição de um panteão de papel. In: OLIVEIRA, Maria da Gloria de. Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Tese. DH/UFRJ, 2009, p. 12-13.

“trata-se de se investigar como se realiza uma *operação historiográfica*”.<sup>35</sup> Por isso, a biografia de Ian Kershaw no presente estudo é concebida como a *escrita da história* e a tomarei como objeto de análise historiográfica.

Para além disto, no campo de estudos sobre Adolf Hitler acredita-se que há uma regularidade e/ou continuidade entre as imagens e reflexões produzidas.<sup>36</sup> Essa é uma possibilidade muito presente na escrita biográfica. Como averiguou Adriana Barreto de Souza nas biografias escritas sobre Duque de Caxias, quando uma biografia se torna uma matriz discursiva, a imagem elaborada na obra ganha uma vitalidade derivada da sua repetição. Essa imagem acaba sendo perpetuada e disseminada pelas próprias biografias posteriores.<sup>37</sup> Talvez, essa regularidade seja o resultado de conformidades, ou de disputas, ou de relações no interior do campo de estudos. Apesar de utilizarem o argumento de construir uma nova imagem, acabam reproduzindo uma base explicativa que, em muitos dos casos, é derivada da primeira biografia produzida do indivíduo biografado.

Com base nas reflexões de Quentin Skinner, entendo que mesmo que os historiadores de distintas tradições intelectuais utilizem terminologias estáveis, a imagem formulada é decorrência do contexto de fala, que remete ao mundo social, ao universo intelectual e à conjuntura específica – a sua prática historiográfica.

Portanto, considero que por mais regular e similar que possa ser o objeto e a ideia construída sobre Hitler na biografia (*Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*) em relação a biografias anteriores, a motivação foi distinta. As teorias foram empregadas com estruturas diferentes, e Kershaw utilizou elementos singulares para compor o retrato do biografado. Logo, apesar de possuir elementos compartilhados, a construção textual trouxe marcas que são individuais ao historiador. Mais do que isso, entendo que a biografia escrita por Kershaw não apenas construiu uma imagem distinta do indivíduo biografado, mas rompeu com os padrões narrativos anteriores, ou seja, com a base explicativa de Hitler que era perpetuada desde a primeira biografia (*Hitler: a study in tyranny* de Alan Bullock). E, assim, criou, um novo e vigente paradigma explicativo.

Na medida em que o biógrafo selecionado é uma referência explicativa sobre Adolf Hitler, sem contar o fato de seu livro ter alcançado o *status* de *best-seller*, sendo disseminada tanto no meio acadêmico quanto fora, esta pesquisa tem a possibilidade de verificar como se

---

<sup>35</sup> Idem, p. 13.

<sup>36</sup> RODERICK, Stackelberg. **A Alemanha de Hitler:** origens, interpretações e legados. Tradução de A. B. Pinheiros Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 347.

<sup>37</sup> SOUZA, Adriana Barreto de, 2012, p. 109-110.

realizou a construção desse retrato de Hitler, pois é possível rastrear as bases explicativas da imagem do líder nazista que conhecemos e somos herdeiros até os dias de hoje.

Essa percepção é embasada também na definição de poder apresentada por Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Para Bourdieu (1989), as produções simbólicas como arte, religião, língua, literatura criam instrumentos de dominação em que a escrita não é apenas um mecanismo de comunicação e/ou de conhecimento, mas também um instrumento de poder.<sup>38</sup> Assim como o sociólogo, Michel Foucault (1988) pensou a escrita como um mecanismo de poder em um campo de disputa, de relação de força para se estabelecer, em que precisamos considerar os efeitos de poder próprio do discurso e daqueles que o detêm.<sup>39</sup>

Bourdieu e Foucault, ao definirem a escrita como poder, me permitiram pensar que a construção de uma imagem por meio da narrativa biográfica – que tem a pretensão de reproduzir uma realidade social e exercer uma ação política –, age sobre o mundo como um instrumento de luta simbólica que visa impor uma posição ideológica e social, conforme o interesse de quem a produz e à lógica particular do campo de produção.<sup>40</sup>

Com base nisso, assumo que na construção do retrato de Hitler pelo historiador existiu uma relação de força que legitimou sua elaboração e sua permanência. Dessa forma, possivelmente, criou-se disputas no campo científico para afirmar e/ou desqualificar outros retratos de Adolf Hitler. Portanto, a pesquisa com recorte biográfico resulta também em um espaço para compreender o social e as relações de poder que lhe são intrínsecas. Ou seja, por meio desta pesquisa, tenho a pretensão de compreender os instrumentos de poder que legitimaram a imagem de Hitler construída por Kershaw, e, até mesmo, se existiu uma disputa com as demais biografias para ser o detentor da dita imagem definitiva de Adolf Hitler.

Pretendo, a partir de uma abordagem histórica, correlacionar a análise da biografia *Hitler* com o contexto mais amplo no qual ela foi produzida. Desse modo, não tenho a pretensão de descobrir quem realmente foi Hitler, mas de tentar depreender como foram produzidas as diferentes versões da imagem do líder do Terceiro Reich apresentada pelo historiador, por meio da biografia. As versões “são interpretações que cujos os significados cabem desvendar”.<sup>41</sup> Com a análise da operação historiográfica, intencionalmente, descortinar os significados e “as contradições sociais que se expressam e, na verdade, produzem-se nessas versões e leituras”.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 11.

<sup>39</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 171.

<sup>40</sup> BOURDIEU, Pierre, 1989, p. 13.

<sup>41</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2<sup>a</sup> edição, 1<sup>a</sup> reimpressão. Campinas/ SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 40.

<sup>42</sup> Idem.

Para isso, no capítulo um, almejo verificar como Ian Kershaw se inseriu nesse campo intelectual do qual fazia parte, o quanto a imagem construída por ele foi uma continuidade do padrão de escrita imposto e o quanto ele conseguiu romper com os modelos explicativos, com as normas estabelecidas e suas aplicações até então. A investigação, nesse sentido, ajuda a entender debates explícitos e não tão explícitos estabelecidos na obra. É preciso verificar as relações que Kershaw estabeleceu entre seus pares e suas visões de mundo, visto que são, em grande parte, responsáveis pela configuração de uma obra em geral. Assim, intento entender um pouco da forma de “pensar” do círculo intelectual do qual fazia parte e a influência deste sobre o historiador e sua obra.

No capítulo dois, buscarei traçar quem foi o historiador Ian Kershaw, mapear o processo de construção da (s) imagem (s) de Hitler ao identificar as bases teóricas e metodológicas propostas pelo autor nas obras *The Hitler Myth: Imagen and Reality in the Third Reich* e *Hitler: A Profile in Power*. Por fim, compararei as imagens, percebendo um modelo de escrita sobre Hitler. Portanto, considerarei uma parte do processo da operação historiográfica, pois, para ter uma compreensão de uma obra, é necessário pensar o seu autor como um produtor de conhecimento e o seu conhecimento como produto do seu autor. Com isso, tenho meios de rastrear as bases de construção da personagem histórica de Adolf Hitler na biografia escrita por Ian Kershaw.

No capítulo seguinte, analisarei as duas representações que Kershaw, em meio a uma vasta gama de estudos sobre Adolf Hitler e o Regime Nazista, identificou como matrizes discursivas para refletir sobre o líder alemão, as biografias *Hitler: A Study in Tyranny* (1952), de Alan Bullock, e *Hitler* (1973), de Joachim Fest. Analisaremos como essas obras, cada uma à sua maneira, motivaram ou influenciaram a sua construção particular sobre Hitler.

Por fim, no quarto e quinto capítulos, verificarei os elementos narrativos da biografia que possibilitaram a construção do retrato de Hitler. A biografia *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis* se apresenta como objeto de uma leitura sistemática e detalhada, utilizando-se de recursos metodológicos quantitativos e qualitativos. Isso inclui a seleção dos adjetivos empregados, as definições, os autores e obras que auxiliaram na escrita, os temas que compõem a narrativa e os aspectos formais da biografia, como estrutura e imagens. Nesse contexto, o objetivo é investigar as intenções por trás da escrita e os sentidos que influenciaram o autor na construção dos retratos de Hitler."

## CAPÍTULO 1: O PADRÃO DE ESCRITA SOBRE HITLER

O historiador, apesar das suas individualidades, não produz conhecimento de forma isolada. O conhecimento produzido por este não é um domínio individual e exclusivo. A acumulação do saber que possibilitou o fazer historiográfico foi gerado pela partilha de conhecimento entre pesquisadores contemporâneos e de gerações anteriores.<sup>43</sup> O historiador é parte de um *campo intelectual* que produz conhecimento.

Segundo Pierre Bourdieu, o campo é um microcosmo social composto de autonomia, com leis e regras particulares. Em correlato, o campo é influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. O que o torna um lugar de luta entre os agentes que o compõem e que procuram manter ou aproximar de determinadas posições. As posições são alcançadas pela disputa de capitais determinados, valorizados conforme as características particulares de cada campo.

O campo também denota uma arena de confronto, de tomada de posição, de luta, de tensão, de poder, visto que, para Bourdieu, todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. Os campos são constituídos por agentes, indivíduos ou instituições, que produzem os espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. O campo determina o que os agentes podem ou não fazer, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes”.<sup>44</sup> No caso do *campo intelectual*, considero que o lugar em que os agentes ocupam nessa estrutura, indica suas tomadas de posição.

A compreensão de que o conhecimento foi uma construção partilhada, me faz, neste capítulo, buscar depreender como o *campo intelectual* que estava inserido influenciou a escrita desenvolvida por Ian Kershaw.<sup>45</sup>

Em meio a profusão de publicações, terei como balizador o próprio Ian Kershaw. Por isso, selecionei para realizar a investigação o *Institut für Zeitgeschichte* (Instituto de História Contemporânea) – berço de uma vasta e relevante produção nas Áreas de Ciências Sociais, com um enfoque interdisciplinar e ênfase para o século XX –, do qual o autor inglês fez parte durante o seu processo formativo; o historiador alemão Martin Broszat – diretor do *Institut für Zeitgeschichte* de 1972 até 1989, que se tornou conhecido como um dos estudiosos mais proeminentes da Alemanha nazista e foi definido por Kershaw como sendo o seu mentor; por

---

<sup>43</sup> CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro, 3a ed.: Paz e Terra, 1982, p. 60.

<sup>44</sup> BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004, pp. 23-25.

<sup>45</sup> Idem.

fim, o *Bayern in der NS-Zeil*, projeto produzindo pelo instituto de Munique, sob a orientação de Martin Broszat e que deu início a carreira de Kershaw como historiador especialista da Alemanha nazista.<sup>46</sup>

O intuito é verificar como esses produtores de conhecimento trataram o tema do nazismo e, especificamente, a figura de Adolf Hitler, pois acredito que a obra *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis* renovou a forma de abordar a personagem histórica de Hitler, trazendo um novo olhar sobre a temática. Apesar disso, as historiografias contemporâneas ao período de escrita, certamente, influenciaram no retrato produzido por Kershaw. Deste modo, poderei identificar os diálogos de disputas que o biógrafo criou com os outros pesquisadores para legitimar a imagem de Hitler proposta por ele.

Posto isso, no capítulo um, almejo verificar como Ian Kershaw se inseriu nesse campo, o quanto a imagem construída por ele foi uma continuidade do padrão de escrita imposto e o quanto ele conseguiu romper com os modelos explicativos, com as normas estabelecidas e suas aplicações até então. A investigação, nesse sentido, ajuda a entender debates explícitos e não tão explícitos estabelecidos na obra *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*. Ao verificar as relações que Kershaw estabeleceu entre seus pares e suas visões de mundo, busco entender um pouco da forma de “pensar” do círculo intelectual do qual ele fazia parte e a influência deste sobre o historiador e suas obras.

### 1.1. Ian Kershaw, um dos biógrafos de Adolf Hitler

Ian Kershaw nasceu em 29 de abril de 1943, em Oldham, Inglaterra, logo após a batalha de Stalingrado ter virado a guerra contra Hitler. Seu pai, Joseph Kershaw, era um montador, mas havia perdido o emprego na depressão de 1929. Por consequência, transformou seu *hobby* de tocar saxofone e clarinete em uma carreira, tocando em bandas. Na década de 1950, seu pai abriu uma pequena mercearia, que administrou até sua morte em 1969. Sua mãe, Alice Robinson, trabalhava em uma fábrica de algodão.

Disse Kershaw que sua família nunca foi muito rica. E, para escapar dessa realidade, seus pais estavam decididos que ele e a irmã teriam as oportunidades que lhes foram negadas. Kershaw foi aceito, com um ano e meio de atraso, na escola primária católica *St. Bede's College*, em Manchester, no programa *11 Plus* – conhecida como o último bastião da

---

<sup>46</sup> Os textos em alemão serão usados na sua língua original, com tradução minha e revisão da historiadora Bruna Baliza Doimo e do Doutor Luis Edmundo de Souza Moraes.

escolástica pré-renascentista.<sup>47</sup> Sua entrada na escola foi uma batalha política com a autoridade educacional local. Na época, St. Bede's costumava levar três ou quatro crianças de Oldham, todos os anos, para estudar lá. Kershaw descobriu, mais tarde, que, mesmo com a pontuação mais alta, foi recusado porque sua família não tinha nenhuma ligação com a escola. Só quando seu pai escreveu ao bispo de Salford para dizer que, se nada fosse feito, isto é, se Kershaw não fosse aceito, ele cresceria e se tornaria um pagão, lhe ofereceram a vaga.<sup>48</sup>

St. Bede's oferecia aulas de francês, latim e grego, mas ele não foi autorizado a estudar grego porque não tinha posses para compensar. Ao cursar as disciplinas, de francês e de latim, começou a desenvolver o que definiu como sendo o seu primeiro amor pelas línguas. Quando estava perto do “terceiro nível A”, ele considerou várias opções de disciplinas. Segundo Kershaw, desde a escola foi atraído pelo período medieval. Depois do francês e do latim, história era apenas a sua terceira opção. No entanto, teve um maravilhoso professor de história (um padre católico, que mais tarde se tornou bispo), Geoffrey Burke, que o envolveu em trabalhos com o tema da Reforma, e isso o inspirou a ponto de mudar o interesse de línguas para história.

Dando continuidade, formou-se na Universidade de Liverpool, que tinha um excelente departamento de história medieval. Fez Phd no Merton College, Oxford, investigando um manuscrito, que ele havia encontrado em Chatsworth, a casa de campo do duque de Devonshire, em Derbyshire, quando ainda era estudante de graduação, e pode examiná-lo por meses a fio enquanto trabalhava em Oxford.<sup>49</sup> Este manuscrito de 1.000 páginas continha as contas do Bolton Priory, um convento agostiniano em Yorkshire de 1286 a 1325. Kershaw escreveu uma análise disso para sua tese, intitulada *Bolton Priory: The Economy of a Northern Monastery*, publicada pela OUP, em 1973.<sup>50</sup>

O historiador ainda se imaginava como um linguista, quando, no segundo ano, viu um anúncio de aulas de alemão no recém-inaugurado *Manchester Goethe Institute*. De imediato,

---

<sup>47</sup>O St. Bede's College oferece um número limitado de bolsas de escudos. A assistência é calculada em escala móvel e reavaliada anualmente. A concessão de uma bolsa é discricionária e é baseada em uma série de fatores, incluindo sua renda (de todas as fontes), bens (incluindo bens pessoais) e outras circunstâncias familiares. (St. Bede's College, Manchester 11 Plus (11+) Entrance Exam Information, **Exam Papers Plus**. Disponível em: <https://exampapersplus.co.uk/st-bedes-college-manchester-11-plus-entrance-exam-information/>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

<sup>48</sup>CRACE, John. Ian Kershaw: Past máster. **The Guardian**, 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2007/jun/05/highereducationprofile.academicexperts>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>49</sup>MOSS, Stephen. A life in writing: Ian Kershaw. **The Guardian**, 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2011/aug/17/ian-kershaw-life-writing-interview>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>50</sup>MOSS, Stephen. A life in writing: Ian Kershaw. **The Guardian**, 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2011/aug/17/ian-kershaw-life-writing-interview>. Acesso em: 11 dez. 2021.

inscreveu-se no curso. O principal objetivo era apenas começar a aprender alemão, pois tanto na escola quanto na universidade não lhe foi possível.

Em 1972, teve a oportunidade de ir para a Alemanha com uma bolsa do Instituto Goethe. Inicialmente, por puro *hobby*. Mas, de acordo com sua memória afetiva, teve uma ótima professora de alemão, Frau Spät. Ela encheu toda a classe com seu entusiasmo por coisas que eram alemãs, não apenas história, como também política, cultura, artes, literatura e assim por diante. O interesse de fazer um curso intensivo aconteceu quando começou a pensar em deixar o alemão aperfeiçoado para pesquisas acadêmicas. Em suas palavras, “não era com a intenção de examinar os arquivos nazistas. Eu ainda me via como um medievalista, e tinha planos para um livro sobre o protesto camponês na Europa medieval. Infelizmente, continua sendo uma das grandes obras não escritas da academia”.<sup>51</sup>

No meio deste curso, Kershaw teve um encontro com um velho nazista que endureceu sua crença crescente de que deveria abandonar seu plano de estudar os camponeses medievais e se concentrar em seu próprio tempo. Conforme o relato dado ao jornal *The Guardian*,

Eu conheci esse sujeito, e ele me perguntou o que eu estava fazendo lá. Ele disse: 'Vocês, ingleses, vocês eram tão estúpidos, deveriam ter estado na guerra conosco. Teríamos derrotado os bolcheviques e dividido o mundo entre nós.' E ele disse a certa altura: 'O judeu é um piolho.' Fiquei completamente chocado com isso, e me perguntei o que se passava naquele pequeno lugar naquela época.<sup>52</sup>

O historiador afirmou que isso foi realmente um empurrão ao longo da rota. À medida que seu alemão melhorava, percebia que o que ele queria fazer não era permanecer um medievalista, mas realmente “empreender algum trabalho sobre a história alemã”. Então, não é exagero dizer que a língua, a cultura e a história da Alemanha deixaram nele uma impressão tão duradoura que ele mudou seus interesses de pesquisa para a História contemporânea alemã.

Naquela época, em 1975, Kershaw era professor de história medieval na Universidade de Manchester, mas foi autorizado a mudar para um emprego no departamento de história moderna. Não demorou muito para que ele estivesse de volta à Alemanha, trabalhando com Martin Broszat e sua equipe no *Institut für Zeitgeschichte*, em um projeto de análise da história social da Baviera no período nazista.<sup>53</sup> A ida para Alemanha, mais uma vez, tinha uma

---

<sup>51</sup> CRACE, John. Ian Kershaw: Past máster. **The Guardian**, 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2007/jun/05/highereducationprofile.academicexperts>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>52</sup> CRACE, John. Ian Kershaw: Past máster. **The Guardian**, 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2007/jun/05/highereducationprofile.academicexperts>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>53</sup> Veremos de forma mais detalhada no próximo capítulo a influência (ou não) que o instituto e Martin Broszat produziu nas obras e na concepção de mundo de Ian Kershaw.

justificativa. “A história social foi muito popular na Grã-Bretanha por alguns anos”, diz ele, “mas ninguém jamais havia tentado uma pesquisa assim para a era nazista na Alemanha”.<sup>54</sup>

Entre 1983 e 1984 foi professor visitante de história moderna na Universidade do Ruhr em Bochum, na Alemanha Ocidental. Já em 1987, aceitou o cargo de professor de história moderna na Universidade de Nottingham. Dois anos depois, mudou-se para a Universidade de Sheffield, onde lecionou como professor de história moderna até sua aposentadoria no final de setembro de 2008.<sup>55</sup>

Kershaw recebeu inúmeras homenagens acadêmicas e convites de associações para se tornar membro por sua pesquisa. Ele é membro da *British Academy*, da *Royal Historical Society*, do *Wissenschaftskolleg zu Berlin* e do *Alexander von Humboldt-Stiftung* em Bonn. Foi admitido na Academia Britânica em 1991. Em 9 de novembro de 1994, na Alemanha, recebeu o prêmio de 1ª classe, a Cruz do Mérito (*Bundesverdienstkreuz*), por seus serviços no que diz respeito ao esclarecimento da história do país. Em 2000, recebeu o prêmio Bruno Kreisky na categoria de livro político (prêmio principal) pelas obras *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*.<sup>56</sup>

Sua carreira foi marcada por diversos prêmios. Foi nomeado pela rainha Elizabeth II como cavaleiro por seus serviços à história, em 2002. Ganhou o Prêmio Elizabeth Longford de biografia histórica, em 2005, por *Making Friends with Hitler: Lord Londonderry, the Nazis, and the Road to War*. Em 2012, ele e Timothy Snyder receberam o prêmio *The Leipzig Book Award for European Understanding* por sua obra *Das Ende: Kampf bis in den Untergang-NS-Deutschland 1944/45*. O prêmio *Meyer Struckmann* de pesquisa em ciências humanas e sociais foi concedido a Kershaw em 2013 pelo trabalho de sua vida. Em maio de 2018, recebeu a Medalha Carlos Magno, entregue pela cidade alemã de Aachen a pessoas ou instituições que contribuíram para a integração europeia.<sup>57</sup>

Foi o consultor de diversas séries de TV como a vencedora do BAFTA, *The Nazis: A Warning from History*, de *War of the Century* (BBC2), *Hitler: eine Bilanz* da televisão alemã

<sup>54</sup> CRACE, John. Ian Kershaw: Past máster. *The Guardian*, 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2007/jun/05/highereducationprofile.academicexperts>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>55</sup> KIELINGER, Thomas. Es war ein versuchter Selbstmord Europas. *Die Welt*, 2016. Disponível em: [https://www.welt.de/print/die\\_welt/literatur/article150530144/Es-war-ein-versuchter-Selbstmord-Europas.html](https://www.welt.de/print/die_welt/literatur/article150530144/Es-war-ein-versuchter-Selbstmord-Europas.html). Acesso em: 9 dez. 2021.

<sup>56</sup> PROFESSOR Sir Ian Kershaw, B.A. (Liv.), D.Phil. (Oxon.), F.B.A.. *The University of Sheffield*, 2007. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20070211064417/http://www.shef.ac.uk/history/staff/ian\\_kershaw.html](https://web.archive.org/web/20070211064417/http://www.shef.ac.uk/history/staff/ian_kershaw.html). Acesso em: 5 dez. 2021.

<sup>57</sup> IAN Kershaw. **Stringer fixer**. Disponível em: [https://stringfixer.com/pt/Ian\\_Kershaw](https://stringfixer.com/pt/Ian_Kershaw). Acesso em: janeiro de 2021.

(ZDF) e *Holocaust* e *Auschwitz* (BBC). Além dos programas *Timewatch* (BBC) sobre *Operation Sealion* (invasão planejada da Grã-Bretanha), de *Himmler* e *The Making of Adolf Hitler*.<sup>58</sup>

Nos círculos profissionais, Kershaw é considerado um importante especialista no campo da história alemã do século XX.<sup>59</sup> Seus livros foram traduzidos para várias línguas e, como visto acima, receberam vários prêmios. Ainda como medievalista, foi autor de *Bolton Priory Rentals and Ministers; Accounts, 1473-1539* (1969) e *Bolton Priory. The Economy of a Northern Monastery* (1973).

Já como historiador da história contemporânea, publicou: *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich. Bavaria, 1933-45* (1983), *The Nazi Dictatorship. Problems and Perspectives of Interpretation* (1985), *The 'Hitler Myth'. Image and Reality in the Third Reich* (1981), *Weimar. Why did German Democracy Fail?* (1990), *Hitler: A Profile in Power* (1991), *Stalinism and Nazism: Dictatorships in Comparison* (1997), *Hitler, 1889-1936: Hubris* (1998), *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, (2000), *Making Friends with Hitler: Lord Londonderry and the British Road to War* (2004), *Fateful Choices: Ten Decisions That Changed the World, 1940-1941* (2007).

Depois dessa sucinta apresentação, a partir daqui, buscarei mapear como o *campo intelectual* do qual Ian Kershaw fazia parte, explicava e representava a história do período nazista e a figura de Adolf Hitler.

## 1.2. Um panorama dos retratos de Adolf Hitler

Desde que surgiu como uma figura política, Hitler foi visto e interpretado de muitas e diferentes maneiras. Foi considerado, dentre outras definições, não mais que “um oportunista”, “desprovido de ideologia”, “um maníaco por poder”, preocupado somente com a “dominação” e dotado de uma ideia “vingativa”. Em contrapartida, foi representado como alguém que levou a cabo um programa ideológico planejado e preestabelecido. Houve tentativas de entender Hitler como um vigarista político que hipnotizou e enfeitiçou o povo alemão ou, também, de caracterizá-lo como um demônio, transformando-o numa figura mística e inexplicável que a Alemanha produziu.

<sup>58</sup> SIR Ian Kershaw: Dissecting Hitler. BBC News, 2002. Disponível em: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/2045979.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/2045979.stm). Acesso em: dezembro de 2021.

<sup>59</sup> LUKACS, John. O Hitler da História. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 34.

Os primeiros explicadores de Hitler foram jornalistas anti-hitleristas da capital da Baviera. Estes, entre 1920 e 1933, dedicaram-se à tarefa de tentar contar o que era permitido sobre a figura que havia surgido nas ruas da Alemanha. Esses repórteres investigaram a vida pessoal e política, a criminalidade e os escândalos de Hitler e do partido Nazista, ou como eles chamavam: o “partido de Hitler”.<sup>60</sup> Nesse sentido, o trabalho deles foi a primeira tentativa sistemática de averiguar o fenômeno Hitler quando este começava a se desenvolver. A visão dos primeiros explicadores foi a visão daqueles que testemunharam Hitler virando o Hitler conhecido em boa parte da Europa e do mundo.

No período anterior à década de 1940, o tom e a tendência da maioria dos explicadores eram de tratar Hitler como um fenômeno digno de desprezo. Em vez da necessidade de combatê-lo, agiram como se ele pudesse ser isolado pela ausência das palavras e, assim, reduzido ao esquecimento.

Já nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, vez ou outra, a explicação do nazismo e de suas consequências foi personificada em Hitler, “como se a evolução da nação alemã tivesse sido desviada do curso pela influência diabólica de um único homem, Adolf Hitler”. Todavia, assim como os primeiros explicadores, uma parte da literatura dessa época tendeu a diminuir Hitler, “[...] ninguém queria pensar muito nele, quando havia tantos outros assuntos imediatos e urgentes exigindo atenção”.<sup>61</sup>

Essa condição perdurou durante alguns anos. A tendência era afirmar que a culpa não era realmente de Hitler, mas de forças maiores e mais profundas. O capitalismo, o antisemitismo, o nacionalismo, a política da República de Weimar, são alguns dos elementos que permitiram e justificaram sua ascensão ao poder. Portanto, fatores externos à Hitler explicavam o seu surgimento e consolidação como político. Nesse caso, Adolf Hitler sequer era um agente merecedor de ser culpado, detestado ou responsabilizado, e sim um mero instrumento de forças sociais.

Algumas das explicações desse período tendiam a presumir uma inevitabilidade causal da ascensão de Hitler ao poder. Por exemplo, as condições econômicas, os traumas psíquicos de geração, o antisemitismo cristão, o medo do modernismo, as técnicas de propaganda de massa, a manipulação de símbolos emocionais, a retórica e, acima de tudo, a ideologia, eram características específicas do momento que justificavam sua chegada ao poder.

---

<sup>60</sup> ROSENBAUM, Ron. **Para Entender Hitler A Busca Das Origens do Mal**. Rio de Janeiro: Record, 2003, pp. 16-22.

<sup>61</sup> LUKACS, John. **O Hitler da História**. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 16.

Entre seus contemporâneos alemães, havia duas tendências: 1) a propensão, já mencionada, de pôr em Hitler a culpa de tudo; 2) considerava Hitler melhor do que o partido Nacional-socialista Alemão, isto é, a culpa era do partido nazista e não do seu líder.<sup>62</sup>

Até os anos de 1950, o mercado de livros de memórias sobre o regime nazista fora dominado por diversas formas de literatura apologética. Por um lado, os militantes do partido e os aliados do regime ambicionavam justificar as atitudes de consentimento ou silêncio, enquanto, sob outra perspectiva, seus adversários forneciam, a posteriori, os motivos de seu próprio fracasso, de sua própria impotência. A essa esfera de motivação pertencem numerosas interpretações destinadas a demonizar Hitler, considerando-o, em contextos atemporais, como o ápice da crise da modernidade,

Hitler era compreendido como um oportunista, que conseguiu dominar a Alemanha por meio da sua áurea demoníaca. E isso só foi possível devido o espírito fracassado e a desilusão com política do povo alemão. Esses casos descreveram Hitler a partir da constatação da existência de uma dupla personalidade, como se houvesse um homem comum e um fenômeno, o Hitler e o Führer, o humano e o sobre-humano.

Quando as informações da realidade do Holocausto, dos crimes nazistas ganhavam a consciência de todos, em muito por causa dos julgamentos de guerra, a figura de Hitler foi se transformando de líder odiado para a personificação, a expressão do mal, algo que fugia a racionalidade humana. O historiador Alan Bullock, na década de 1950, afirmou que, apesar de ser um aventureiro que só queria expandir seu poder de forma ilimitada, Hitler não era um maluco ou um demônio sobre-humano. Hitler foi em sua natureza um grande ator (ou, como alguns diziam, um charlatão), que representou vários papéis, dentre eles, o de líder político da Alemanha.<sup>63</sup>

Nesse período, não apenas os historiadores, mas também filósofos, sociólogos e psicanalistas, sobretudo alemães, tentavam explicar a barbaridade que havia ocorrido entre 1939 e 1945. Frequentemente se atribui a essa primeira geração de estudiosos um movimento de reação à responsabilização dos alemães por aquilo que aconteceu na Alemanha nazista, em uma tentativa de eximir o povo da culpa. No que concerne à cronologia, foi possível datar esse primeiro momento entre 1945 e 1960 – quando começam a surgir os primeiros questionamentos dessa percepção.

---

<sup>62</sup> LUKACS, John. **O Hitler da História**. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 143.

<sup>63</sup> Ver mais em: SILVA, M. O. S. Adolf Hitler: a personagem criada na biografia escrita por Joachim Fest. Monografia (Bacharelado/Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de História, 2015.

A negação do passado caracterizou o ânimo público na Alemanha Ocidental no primeiro período pós-guerra. A demonização de Hitler e da cúpula nazista servia com frequência a uma função de justificativa. Uma estratégia de negação era atribuir a catástrofe inteiramente a Hitler ou a um pequeno círculo de criminosos do partido nazista que havia se aproveitado do povo alemão para realizar seus fins. Os historiadores conservadores apresentavam o nazismo como uma aberração accidental e atípica na história alemã, e como se esse movimento tivesse surgido fora da Alemanha.<sup>64</sup>

O mito Hitler, isto é, a ideia que ele dominou e controlou, durante um período, o destino do povo alemão; que ele de alguma forma foi e personificou a ideia de lenda, até a década de 1970, ainda não existia. Mas, sim, a estupefação com seu grande fracasso seguida de uma enorme anestesia, sendo aos poucos dissipada, substituindo a inexistência pelo interesse.<sup>65</sup>

Nesse sentido, o estudo sobre Hitler, em oposição ao estudo do Holocausto, no meio acadêmico, foi notável mais por sua ausência, pela sua presumida irrelevância, do que por sua presença.<sup>66</sup> Em contrapartida, para tratar o tema do Holocausto, principalmente depois do Julgamento de Nuremberg, Hitler e os principais líderes do partido nazista, e apenas eles, eram acionados como peças de proeminência para explicar os extermínios dos judeus nas câmaras de gás na Alemanha nazista. Como se o Holocausto fosse um programa de extermínio que foi idealizado e colocado em prática por um (Hitler) ou um grupo pequeno de pessoas (os outros líderes nazistas).

Exatamente em 1973, com a biografia *Hitler* do historiador alemão Joachim Fest, a ideia de Hitler como um mito ganhou projeção. Para o autor, Hitler tornou-se uma figura histórica por ser ponto de convergência de muitos anseios, angústias e ressentimentos. Sem ele, nada do que aconteceu na Alemanha no período de 1933 a 1945 poderia acontecer. Fest acreditou que Hitler foi o último político que pôde ignorar o peso das circunstâncias e dos interesses. E, caso tivesse sofrido um atentado e morrido em 1938, seria considerado um dos maiores estadistas alemães: aquele que conseguiu consumar a história alemã. O autor definiu Hitler como um grande político da história alemã, até ser corrompido pelo desejo de mais poder.<sup>67</sup>

Em meio isso, um paradigma explicativo sobre o nazismo e, por consequência, sobre Adolf Hitler foi criado, no final da década de 1970, a partir das novas perspectivas de

<sup>64</sup> ROSENBAUM, Ron. **Para Entender Hitler A Busca Das Origens do Mal.** Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 347.

<sup>65</sup> FEST, Joachim C. **Hitler.** Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. IX.

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Ver mais: SILVA, M. O. S. Adolf Hitler: a personagem criada na biografia escrita por Joachim Fest. Monografia (Bacharelado/Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de História, 2015.

abordagem do *Institut für Zeitgeschichte* (IFZ). Este foi, como dito mais acima, o local em que Ian Kershaw deu início a sua carreira de pesquisador da história contemporânea. Por isso, o objetivo de compreender o fazer historiográfico de Ian Kershaw perpassa pela tarefa de mapear as bases de sua formulação construídas no IFZ.

### 1.3. *Institut für Zeitgeschichte* e o impacto na produção historiográfica sobre o nazismo

O *Institut für Zeitgeschichte* (IfZ) é uma instituição científica de pesquisa, em particular, da história contemporânea alemã com sede em Munique e Berlim. As raízes do instituto remontam ao período posterior a Segunda Guerra Mundial. Já em 1947 havia esforços na zona americana para fundar um *Institut zur Erforschung der nationalsozialistischen Politik*. O instituto foi fundado em maio de 1949 por Hans Rothfels, historiador nacionalista e conservador alemão, sob o nome de *Deutsches Institut für Geschichte der nationalsozialistischen Zeit* por sugestão dos Aliados - França, Inglaterra, EUA e, posteriormente, URSS – como um projeto conjunto do governo federal e do Estado Livre da Baviera.<sup>68</sup>

Na década de 1950, o instituto trabalhou em estreita colaboração com a organização Gehlen e o Serviço Federal de Inteligência (BND), contratando alguns ex-oficiais da *Wehrmacht*<sup>69</sup> recomendados por Reinhard Gehlen.<sup>70</sup> Desde 1952 é conhecido pelo seu nome atual. A partir desse momento, a atividade do instituto, que inicialmente se propunha a formação política, segundo sua descrição, passou a ser "determinada por aspectos exclusivamente científicos".<sup>71</sup>

Em setembro de 1961, o instituto recebeu sua atual estrutura legal e organizacional. Ganhou a representação jurídica de fundação pública de direito civil, atualmente apoiada pela República Federal da Alemanha e pelos estados Baden-Württemberg, Brandenburg, Hesse, Baixa Saxônia, Renânia do Norte-Vestfália e Saxônia.

---

<sup>68</sup> IFZ, Geschichte des. **Institut für zeitgeschichte münchen–berlin**. Disponível em < <https://www.ifz-muenchen.de/das-institut/ueber-das-institut/geschichte>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

<sup>69</sup> Wehrmacht (termo alemão que significa força de defesa) foi o nome das forças armadas da Alemanha Nazista de 1935 até 1945.

<sup>70</sup> A Organização Gehlen (muitas vezes referida como The Org) foi uma agência de inteligência criada em junho de 1946 pelas autoridades de ocupação dos Estados Unidos na zona alemã, e consistia em ex-membros do 12º Departamento do Estado-Maior do Exército Alemão (Exércitos estrangeiros do leste, ou FHO). Era chefiado por Reinhard Gehlen, que havia sido major-general da Wehrmacht e chefe da inteligência militar alemã nazista na Frente Oriental durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>71</sup> IFZ, Geschichte des. **Institut für zeitgeschichte münchen–berlin**. Disponível em < <https://www.ifz-muenchen.de/das-institut/ueber-das-institut/geschichte>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

Em 1972, mudou-se para sua atual sede em Munique-Neuhausen. Desde 1975, as tarefas de longo prazo do instituto são financiadas conjuntamente pelos governos federal e estadual, de acordo com o artigo *Grundgesetz für die Bundesrepublik Deutschland Art 91b* (Lei básica para a República Federal da Alemanha Art 91b).<sup>72</sup> Isso significa que o instituto se tornou uma das instituições de pesquisa da *Blaue Liste* (Lista Azul), que se fundiu em 1995 para formar a *Wissenschaftliche Vereinigung Blaue Liste* (Associação Científica da Lista Azul) e agora opera sob a égide da Associação Leibniz.<sup>73</sup>

O Instituto de História Contemporânea inclui os departamentos de pesquisa em Munique e Berlim, a edição de arquivos no Ministério das Relações Exteriores e a documentação de Obersalzberg.<sup>74</sup> Uma característica do IfZ é que ele cumpre funções de serviço para a pesquisa de história contemporânea alemã e internacional. Por um lado, isso é servido pelo arquivo, que coleta fontes históricas contemporânea, as mapeia e as torna acessíveis. Por outro, esta é a tarefa da biblioteca, que tem importância nacional desde 1948 como uma biblioteca científica com a área de acervo da história do século XX com foco na história alemã e europeia.<sup>75</sup>

O arquivo e a biblioteca são frequentados, principalmente, por cientistas, jornalistas e estudantes nacionais e estrangeiros. Em 1994, o München IfZ fundou uma filial (agora um departamento) em Potsdam, que está em Berlim-Lichterfelde, perto dos Arquivos Federais, desde 1996. O foco de pesquisa do departamento de Berlim-Lichterfelde do IfZ é a história da República Democrática Alemã e da zona de ocupação soviética.

Desde 1953, o Instituto publica o *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* (VfZ), que é considerado um dos periódicos especializados mais importantes para a pesquisa histórica

---

<sup>72</sup> O artigo Art. 91b GG, da *Grundgesetz für die Bundesrepublik Deutschland*, diz que: (1) Os governos federal e estadual podem cooperar com base em acordos em casos de importância supra-regional na promoção da ciência, pesquisa e ensino. Os acordos que dizem respeito principalmente às universidades exigem a aprovação de todos os estados federais. Isso não se aplica a acordos sobre edifícios de pesquisa, incluindo equipamentos de grande escala. (2) Os governos federal e estadual podem trabalhar juntos com base em acordos para determinar o desempenho do sistema educacional em uma comparação internacional e nos relatórios e recomendações relevantes. (3) A incidência de custos é regulada no contrato. (*Grundgesetz für die Bundesrepublik Deutschland Art 91b. Bundesministerium der Justiz*, 1949. Disponível em [https://www.gesetze-im-internet.de/gg/art\\_91b.html](https://www.gesetze-im-internet.de/gg/art_91b.html). Acesso em 15 de fevereiro de 2022).

<sup>73</sup> O *Wissenschaftsgemeinschaft Gottfried Wilhelm Leibniz* (Associação Leibniz) é uma união de institutos de pesquisa alemães de diversos ramos de estudo A *Blaue Liste*, representados pela Associação Leibniz, reúnem 86 instituições envolvidas na pesquisa aplicada, empregam em torno de 16.800 pessoas, incluindo 7.800 cientistas, cooperando em projetos de pesquisa de importância regional e interesse científico nacional. History of the Leibniz Association. **Leibniz Association**, 2012. Disponível em <<https://1library.org/article/institutos-lista-azul-e-institutos-departamentais.wye5l7y7>>. Acesso 15 de fevereiro.

<sup>74</sup> Berghof foi a antiga casa-refúgio de Adolf Hitler em Obersalzberg, nos Alpes Bávaros, na Baviera, Alemanha. Reconstruído, expandido e renomeado em 1935, Berghof foi a residência de férias de Hitler por dez anos. Foi também um de seus mais conhecidos quartéis-generais.

<sup>75</sup> ULLRICH, Volker. Ein Institut im Zwielicht, **Die Zeit**, 2000. Disponível em [https://www.zeit.de/2000/26/200026.moeller\\_.xml](https://www.zeit.de/2000/26/200026.moeller_.xml). Acesso em 01 de março de 2022.

alemã. Além da série de publicações trimestrais de história contemporânea, que vêm sendo realizadas desde 1961.<sup>76</sup> O Instituto de História Contemporânea e o VfZ estão indissociavelmente ligados, apesar da revista gozar de alto grau de autonomia. Os editores incluem grandes nomes da área, destacados cientistas que inicialmente trabalharam na interface disciplinar entre história e ciência política e que, por quatro décadas, geralmente não vinham do IfZ, mas de cátedras de universidades.

De acordo com o projeto fundador do IfZ, o VfZ inicialmente também girava em torno da questão central de como Adolf Hitler "tomou o poder" em 1933 e no período subsequente à imposição da ditadura nacional-socialista.<sup>77</sup> Temas como a crise da República de Weimar, a ascensão do NSDAP, o desenvolvimento e a estrutura do sistema de governo nazista, assim como a guerra, o crime e a resistência moldaram os primeiros anos da revista. Novos temas, como a história da Alemanha dividida após 1945, só se tornaram presentes na década de 1970. O Instituto também é o editor de uma série de extensas de documentos históricos contemporâneos, incluindo os arquivos sobre a política externa da República Federal da Alemanha e os diários de Joseph Goebbels.

O IfZ colocou uma ênfase especial na promoção de jovens cientistas. Isso inclui programas especiais de doutorado, bem como atividades de ensino de cientistas do IfZ em universidades em toda a Alemanha. A pesquisa científica e seu discurso são orientados internacionalmente. Assim, o Instituto de História Contemporânea coopera com instituições e parceiros europeus e estrangeiros para promover o intercâmbio de ideias científicas, desenvolver projetos de pesquisa conjuntos, promovê-los e divulgar os resultados deste trabalho.

Um dado importante, que me auxilia a compreender a ambiência formativa de Kershaw, foi que, como pude perceber, os projetos desenvolvidos pelo instituto nas primeiras décadas de sua criação, abrangiam a história contemporânea alemã dos séculos XX em seu contexto europeu e global. Os trabalhos, desde a década de 1970, foram baseados em quatro grandes áreas temáticas: ditaduras no século 20; democracias e sua autocompreensão histórica; transformações na história recente; e Relações Internacionais e Transnacionais.

Dentre os projetos, ressalto o *Bayern Projekt*, que possibilitou a entrada de Ian Kershaw no instituto. Como destaquei no início do capítulo, o projeto Baviera foi fundamental para o interesse de Kershaw pela “escrita da era nazista” e, mais especificamente, pela busca do autor

---

<sup>76</sup> Profil und Geschichte. **Institut für zeitgeschichte münchen–berlin**. Disponível em <<https://www.ifz-muenchen.de/vierteljahrsshefte/ueber-uns/profil-und-geschichte>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022.

<sup>77</sup> Klemperer, K.. **Hans Rothfels, 1891–1976**. Central European History, 1976, pp. 381-383.

em compreender quem foi o líder do Terceiro Reich. Ademais, esse projeto, até hoje, é tido como um marco historiográfico. Portanto, o projeto foi o primeiro trabalho de pesquisa que teve como tema a história da era nazista, realizado por Kershaw,

O *Bayern Projekt*, realizado IfZ, tratou da história social da Baviera na era nazista. Este projeto buscou mapear a interdependência da política e da sociedade, a partir da perspectiva da história política e social. Nesse projeto, a grade de questões e ferramentas metodológicas foi ampliada para os elementos da vida cotidiana.

A Baviera foi escolhida como área de estudo por duas razões: primeiro, a mudança estrutural nas extensas regiões rurais foi particularmente dramática; segundo, o estado bávaro tentou intervir nas mudanças. Embora o estado tenha sido o foco do projeto, isso não significou que um quadro de referência abrangente ou perspectivas comparativas tenham sido dispensados. Ao contrário: a pesquisa foi direcionada para além da Baviera, pois, segundo a descrição do projeto, somente a comparação histórica “permite que o aparente desenvolvimento regional especial da Baviera seja classificado no contexto da Alemanha Ocidental”.<sup>78</sup>

O projeto tratava principalmente da ação política na mudança socioeconômica; dos efeitos dessas mudanças na sociedade ou em grupos e meios sociais selecionados. Por isso, o projeto indicou como critério a necessidade de examinar como as mentalidades e atitudes políticas que se desenvolveram no curso da mudança estrutural na economia e na sociedade, e a que metamorfoses foram submetidas. Nesse sentido, a partir da *Alltagsgeschichte* ("história da vida cotidiana") e o conceito de *Resistenz* (resistência), o projeto examinou o efeito das políticas sociais nazistas sobre os alemães comuns e sobre grupos perseguidos, como judeus e ciganos.

O grupo de pesquisadores envolvidos e o líder, Dr. Peter Hüttenberger, desenvolveram uma definição e uma base teórica para o novo projeto, que eles classificaram como “o quadro de pesquisa expandido”.<sup>79</sup> Dr Harald Jaeger e Dr. Hermann Rumschöttel, dois dos principais arquivistas do projeto, forneceram uma definição de trabalho que tinha com base o conceito de *Widerstand* (resistência): "Entende-se por resistência qualquer comportamento ativo ou passivo que revele a rejeição do regime nazista ou algum aspecto da ideologia nazista e esteja associado a certos riscos".<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> SCHLEMMER, Thomas. Gesellschaft und Politik in Bayern 1949-1973. Ein neues Projekt des Instituts für Zeitgeschichte, 1998. In: *Vierteljahrsshefte für Zeitgeschichte*, Volume 46, pp. 311-325.

<sup>79</sup> JAEGER, Harald; RUMSCHÖTTEL, Hermann. **Das Forschungsprojekt:** Widerstand und Verfolgung in Bayern 1933-1945. Archivalische Zeitschrift, 1977, p. 214.

<sup>80</sup> Idem.

Para essa definição, então, a resistência poderia ser passiva e parcial. Isso significava que uma rejeição do nazismo em sua totalidade não era necessária como comumente a historiografia pontuava. A resistência não precisava ser entendida como total e como uma ação fundamental destinada a minar ou destruir o regime. Inclusive, nessa definição, os comportamentos e as atitudes não eram monopólio de indivíduos heróicos, não se limitavam às ações corajosas e sacrifícios, mas poderiam ser encontrados na vida cotidiana de pessoas comuns em amplas camadas da sociedade.

O conceito de resistência cunhado por Peter Hüttenberger sugeria a chave de compreensão do caráter de dominação política realizada. Segundo ele, na maioria dos sistemas, a "dominação" implica numa "troca" tácita entre governante e governado em que interesses e objetivos, muitas vezes conflitantes, podem encontrar um equilíbrio ao mesmo tempo na premissa do sistema. Nesse tipo de "regra simétrica", partidos políticos, sindicatos e outros grupos e organizações, em suas relações com o governo, apenas garantem que acordos de interesses mútuos fossem feitos. Qualquer conflito, por mais intenso que seja, era institucionalizado como parte do "sistema". Isso se aplicava mesmo que um sistema estatal falhe e a "negociação" não funcione mais.<sup>81</sup>

A "resistência", de acordo com esse modelo explicativo, só pode existir quando a "dominação" se estabelecia em um sistema de dominação total ou abrangente, destruindo assim qualquer equilíbrio ou "barganha" entre os interesses. Portanto, a resistência foi definida como "qualquer forma de rebelião dentro da estrutura de relações de poder assimétricas contra, pelo menos, uma tendência ao poder geral".<sup>82</sup>

O *Bayern Projekt* deixou o conceito até então válido de *Widerstand* (resistência), e passou a usar o conceito de *Resistenz* ao explorar as “zonas de conflito” contra o nacional-socialismo e sua ideologia. A mudança de ênfase, já anunciada nas “Considerações Preliminares sobre o Conceito de Resistência”, de Hüttenberger, ocorreu quando Martin Broszat, assumiu a gestão do projeto em um estágio inicial, após Peter Hüttenberger ter sido nomeado para uma cátedra em Düsseldorf.<sup>83</sup>

Com a entrada de Martin Broszat no projeto, dentro do campo da *Alltagsgeschichte* foi desenvolvido o conceito de *Resistenz*, que contrastou com a ideia anterior de resistência. O

---

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> HÜTTENBERGER, Peter. **Vorüberlegungen zum Widerstandsbegriff**. In: Jürgen Kocka (Hrsg.), *Theorien in der Praxis des Historikers*, Göttingen, 1977, pp. 117-139.

<sup>83</sup> Idem, pp. 117-139.

conceito foi exposto em um importante ensaio que culminou na publicação dos quatro primeiros, dos seis volumes do *Bayern in der NS-Zeit*.<sup>84</sup>

O conceito de *Resistenz* foi sistematizado no prefácio do primeiro volume desenvolvido. "Era necessário", afirmou Broszat,

[...] retornar o tema que se tornou um referencial para um complicado de história real de impacto e experiência da era hitlerista, entre as situações limítrofes de 'resistência' e 'perseguição', a ampla gama de comportamentos, suas diversas condições, sua mistura muitas vezes 'impura' e áreas da vida cotidiana sob os nazistas que negligenciado pela pesquisa - Hora de procurá-lo.<sup>85</sup>

Com Broszat, o conceito de resistência foi definido como: "Defesa efetiva, limitação, contenção do regime nazista ou de suas reivindicações, independentemente dos motivos, razões e forças".<sup>86</sup> Tal conceito, segundo as diretrizes do projeto, poderia ajudar a examinar os efeitos reais das ações que limitaram a penetração do nazismo e de seu poder. "Em qualquer sistema político-social, ainda mais sob um regime político como o do NS", escreveu, "política e historicamente o que conta acima de tudo é o que se faz e causa, menos o que foi apenas desejado ou pretendido".<sup>87</sup>

A partir da definição de *Resistenz* o projeto passou a incluir a ideia de oposição parcial como ato de resistência. Uma série de investigações empíricas sobre os fundamentos sociais do conflito e do consenso no regime nazista e, em sua esteira, para uma compreensão mais profunda dos padrões de comportamento diante das condições extremas de uma ditadura repressiva foi realizada.

De acordo com o historiador Hans-Peter Schwarz foi a partir do *Bayern Projekt* que a análise da história da vida cotidiana e o conceito de *resistência* foram fatores de análise na história do governo nazista.<sup>88</sup> Portanto, o *Alltagsgeschichte* foi estabelecido pela primeira vez como tema de pesquisa da era nazista na década de 1970, especificamente quando o IfZ lançou o *Bayern Projekt*, com o objetivo de documentar a vida cotidiana na Baviera no Terceiro Reich. O que torna o projeto um momento paradigmático para a historiografia alemã contemporânea.

O projeto havia começado o estudo de *Alltagsgeschichte* com dois objetivos. O primeiro era contrariar o que considerava ser uma abordagem excessivamente "de cima" da política sobre a Alemanha nazista. Essa abordagem compreendia a história do Terceiro Reich olhando para

---

<sup>84</sup> Idem, p.11.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> BROSZAT, Martin; FRÖHLICH, FRÖHLIC, Elke. **Bayern in der NS-Zeit: Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand IV**, 1981, p. 697.

<sup>87</sup> Idem, p. 698.

<sup>88</sup> MARTIN BROSZAT 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 6. Disponível em: <[https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf)>. Acesso em 20 de março de 2022.

as ações de Hitler e do resto da elite nazista, tratando o resto da população alemã como meros objetos passivos, controlados e manipulados pelo estado.<sup>89</sup> Nesse sentido, o projeto intencionava tratar o povo alemão como agentes históricos durante a era nazista, fazendo escolhas em sua vida cotidiana, embora dentro de um alcance reduzido.

O segundo objetivo da utilização do conceito de *Alltagsgeschichte* era questionar a "monumentalização" dos homens envolvidos no golpe de 20 de julho de 1944 (o atentado fracassado contra Adolf Hitler). Pois, essa monumentalização era derivada da concepção de que a história de resistência na Alemanha nazista limitava-se a poucos conservadores das elites tradicionais da aristocracia, os militares, a burocracia e o corpo diplomático lutando para derrubar o regime nazista.<sup>90</sup> No *Bayern Projekt* buscou-se examinar a resistência de pessoas comuns, pelo menos em parte, para mostrar que havia resistência de outros indivíduos além das envolvidos na tentativa de golpe de 20 de julho.

Os seis volumes publicados como parte do projeto entre 1977 e 1983 foram descritos como um marco não apenas na historiografia da resistência, mas também na pesquisa sobre a história social do Terceiro Reich. A visão irrestrita do "conflito" – combinada com a história cotidiana, gerou debates do domínio exercido pelos nazistas que, para Hans-Peter Schwarz, até então não haviam sido incluídos na historiografia sobre a resistência.<sup>91</sup>

Uma parte significativa da pesquisa foram as várias formas de “desobediência civil” descobertas. Igualmente importantes, no entanto, foram as constatações de concordância com muitas facetas das políticas do regime ou afinidade com os objetivos ideológicos dos nacional-socialistas, muitas vezes combinados com ações de dissidência e oposição parcial. No panorama criado pelo projeto, havia alguns heroicos “combatentes da resistência”, mas muito mais “seres humanos ditos normais”, ou melhor, pessoas comuns que em sua maioria não agiram por rejeição fundamental de uma ditadura desumana e pela realização de uma melhor sociedade, mas sim por razões econômicas, insatisfação, por ressentimento social, por conservadorismo religioso, por protesto espontâneo ou por interesse próprio.<sup>92</sup>

Entre os avanços historiográficos, o projeto incluiu os *insights* sobre a vida no campo, na Baviera, durante a era nacional-socialista. O projeto buscou romper com as análises que oposição de bispos e outros líderes da igreja e olhou para as tentativas feitas pelo NSDAP em

<sup>89</sup> BROSZAT, Martin; WIESEMANN, Falk. Bayern in der NS-Zeit: Soziale Lage und politisches Verhalten der Bevölkerung im Spiegel vertraulicher Berichte I, 1977, p. 11; BROSZAT, Martin; FRÖHLICH, FRÖHLIC, Elke. Bayern in der NS-Zeit. Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand IV, 1981, p. 699.

<sup>90</sup> BROSZAT, Martin; WIESEMANN, Falk, 1977, p. 11-15.

<sup>91</sup> Martin Broszat 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 7. Disponível em: <[https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf)>. Acesso em 20 de março de 2022.

<sup>92</sup> BROSZAT, Martin; FRÖHLICH, FRÖHLIC, Elke, 1981, p. 698.

nível local para impor a ideologia nazista e minar a forte influência da imunidade relativa da igreja, e da subcultura católica em particular, contra a intrusão da ideologia nacional-socialista.

As análises, que também identificaram as diferentes intensidades de resistência dos trabalhadores em várias localidades, enfatizaram que grupos de resistência organizados necessariamente mudaram ao longo do tempo, pois estavam isolados e depostos de sua origem social.

A metodologia apresentada nos volumes *Bayern in der NS-Zeit* provocou o interesse pela história cotidiana do Terceiro Reich. Segundo o historiador Hans Mommsen, começaram a aparecer numerosos estudos locais e regionais, bem como reminiscências individuais, inúmeras manifestações de "resistência" foram descobertas e os meios de oposição ao regime de Hitler.<sup>93</sup>

Por último, mas não menos importante, o projeto deu atenção às áreas de assentimento ao regime, à cumplicidade em suas ações políticas, às diversas colaborações e às diferentes formas - tantas vezes intimamente ligadas à "resistência" – de como as pessoas comuns adaptaram a vida cotidiana às demandas do sistema.

Para Mommsen, o fato de terem revelado tanto sobre o consenso quanto sobre a oposição foi uma das razões pelas quais a *Bayern in der NS-Zeit* contribuiu de forma tão importante para a história da resistência.<sup>94</sup> Os volumes destacaram que a história da resistência no Terceiro Reich não deve ser separada da história de adaptação e de assentimento.

O trabalho realizado pelo projeto teve mérito duradouro na pesquisa de resistência. Antes do *Bayern Projekt* ser iniciado em 1973, o que se poderia chamar de história social da resistência havia feito pouco progresso na República Federal da Alemanha (e quase nenhum na RDA). Antes de 1973, a preocupação quase exclusiva da historiografia recaia no caráter heroico da resistência do Partido Comunista da Alemanha (KPD) – ao mesmo tempo em que se concentrava na história organizacional de grupos ilegais –, atuando assim como uma barreira para perspectivas mais amplas de resistência.<sup>95</sup>

De acordo com Hans-Peter Rüsing, vinte anos antes, a tentativa do escritor Günther Weisenborn de esclarecer a resistência a partir de baixo ainda se destacava sozinha em meio às obras existentes. Estas, com forte ênfase nos aspectos éticos e influenciadas pelo interesse político de mostrar a existência da "outra Alemanha", tratavam principalmente dos "Homens

---

<sup>93</sup> Mommsen, Hans. "Zeitgeschichte Als 'Kritische Aufklärungsarbeit'". Zur Erinnerung an Martin Broszat (1926-1989). *Geschichte Und Gesellschaft*, vol. 17, no. 2, 1991, p. 145.

<sup>94</sup> Idem, p. 141-157.

<sup>95</sup> LORENZ, Chris. Broszat, Martin 1926-1989. *Encyklopédie historiků a historické psaní*. Abingdon a New York: Routledge, 1999, p. 143-144.

de 20 de julho", assim como outras questões da "resistência de elite", ou seja, a resistência de grupos e indivíduos conservadores e burgueses.<sup>96</sup>

No final da década de 1960, como afirmou Roderick Stackelberg, houve uma mudança de ênfase na literatura da Alemanha Ocidental sobre a resistência. Um interesse renovado pela esquerda política - provocado em parte pela mudança no clima político e intelectual após as manifestações estudantis de 1968, bem como pelo renascimento do apelo das ideias marxistas - levou a estudos do KPD e dos grupos de oposição do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD).<sup>97</sup>

A resistência da classe trabalhadora recebeu atenção tardia. Poucos trabalhos buscaram realizar estudos sistemáticos dos meios em que trabalhadores comuns, por uma variedade de razões, muitas vezes longe do idealismo heroico, poderiam fazer parte de uma oposição e realizar uma atividade de resistência. No início da década de 1980, a popularidade de *Alltagsgeschichte* explodiu na Alemanha Ocidental com vários grupos de trabalho formados, geralmente, por grupos de esquerda, para explorar a história de suas cidades na era nazista.<sup>98</sup>

Nos volumes do *Bayern in der NS-Zeit*, por meio da investigação realizada, o movimento de Hitler, independentemente da realidade ditatorial e repressiva dos anos 1933 a 1945, foi também, em grande medida, um movimento popular. O poder de impacto, a capacidade de revolucionar a sociopolítica, mas também a resistência à sedução e à repressão totalitária devem, de acordo com essa abordagem, ser analisadas em detalhes "no destino da vida e nas flutuações de opinião dos grupos no meio social, nos destinos paradigmáticos, no comportamento nas situações limítrofes dos campos de concentração".<sup>99</sup>

Palavras-chave como conformidade, *Resistenz*, opinião popular foram norteadoras no processo investigativo. Para Broszat, esses conceitos eram "a única maneira de explicar as diferenças de clima político entre cidade e campo ou entre as áreas que ainda existem sob a ditadura".<sup>100</sup>

Na época, Martin Broszat era o diretor do projeto, com o qual conquistou a fama para si e para o Instituto de História Contemporânea. Desta forma, para muitos, com o *Bayern Projekt*

<sup>96</sup> RÜSING, Hans-Peter. **Das Drama des Widerstands**; Günther Weisenborn, der 20. Juli 1944 und die Rote Kapelle. Guenther Weisenborn, Der 20. Juli 1944 Und Die Rote ... Arbeiten Zur Deutschen Literatur), 1993, p. 35.

<sup>97</sup> RODERICK, Stackelberg, 2002, p.323-332.

<sup>98</sup> MARTIN Broszat 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 11. Disponível em: < [https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf) >. Acesso em 20 de março de 2022.

<sup>99</sup> MARTIN Broszat 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 11. Disponível em: < [https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf) >. Acesso em 20 de março de 2022.

<sup>100</sup> BROSZAT, Martin; WIESEMANN, Falk. **Bayern in der NS-Zeit**: Soziale Lage und politisches Verhalten der Bevölkerung im Spiegel vertraulicher Berichte I, 1977, p.

emergiu a história do Terceiro Reich "de baixo", baseada nas reações e nos horizontes da experiência das pessoas comuns. Segundo Martin Broszat, o projeto buscou questionar o conceito de resistência. "Tratava-se", escreveu ele em retrospectiva,

[...] de trazer o assunto de volta à história real, [...] para reescrever e reavaliar a mistura muitas vezes 'impura' de resistência parcial e adaptação temporária como tipos reais de comportamento sob o domínio simultaneamente sugestivo e intimidador do nacional-socialismo.<sup>101</sup>

A abordagem foi muitas vezes imitada, ou simplificada, de modo que até hoje algumas pessoas não podem mais ouvir o bordão programático "história de baixo" do Terceiro Reich sem associar ao *Bayern Projekt*. O historiador Hans-Peter Schawarz diz que,

[...] não pode haver dúvida de que Broszat não apenas erigiu um monumento a si mesmo com este mais bem-sucedido de seus grandes projetos - o clichê soa muito barato, ao mesmo tempo em que aprofunda a compreensão do Terceiro Reich e cria um lugar para essa abordagem no grande conjunto de outros conceitos metodológicos igualmente indispensáveis da historiografia alemã e internacional.<sup>102</sup>

Em 1975, Ian Kershaw se juntou ao *Bayern Projekt* a convite de Martin Broszat. Nas palavras de Kershaw, ele "foi convidado por Martin Broszat, então o principal historiador alemão do nazismo, para trabalhar com ele e uma equipe de pessoas em um projeto de análise da história social da Baviera no período nazista".<sup>103</sup> Durante o trabalho, Broszat incentivou Ian Kershaw a examinar como as pessoas comuns viam, especificamente, Adolf Hitler.

Como resultado de seu trabalho na década de 1970 no projeto, Kershaw escreveu seu primeiro livro sobre o Terceiro Reich, *The 'Hitler Myth': Image and Reality in the Third Reich*, que foi publicado pela primeira vez em alemão em 1980 como *Der Hitler -Mythos: Volksmeinung und Propaganda im Dritten Reich*. Este livro examinou o "culto de Hitler" na Alemanha, como foi desenvolvido por Joseph Goebbels, as quais grupos sociais o mito de Hitler influenciou e como ele surgiu e caiu.

Também decorrente do *Bayern Projekt*, Kershaw publicou *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich/ Bavaria 1933-45*. Neste livro de 1983, o autor examinou a experiência da era nazista nas raízes da Baviera. O historiador britânico mostrou como as

<sup>101</sup> Martin Broszat 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 18. Disponível em: <[https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf)>. Acesso em 20 de março de 2022.

<sup>102</sup> Martin Broszat 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 12. Disponível em: <[https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf)>. Acesso em 20 de março de 2022.

<sup>103</sup> MOSS, Stephen. A life in writing: Ian Kershaw. **The Guardian**, 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/culture/2011/aug/17/ian-kershaw-life-writing-interview>>. Acesso em: 11 dezembro 2021.

pessoas comuns reagiram à ditadura nazista, observando como elas se conformaram ao regime e até que ponto e limites ocorreram as dissidências.

Kershaw disse que seu ingresso no projeto foi um *divisor de águas* em sua carreira profissional. Segundo ele,

Portas foram abertas e pude obter acesso ao material que estava saindo dos escritórios do governo local. Entrei em vários escritórios onde o material nem tinha sido entregue nos arquivos. Estava apenas sendo retirado dos porões, onde havia definhado desde 1945. Às vezes, fui a primeira pessoa avê-los.<sup>104</sup>

A perspectiva de história política social, da vida cotidiana e da resistência de *Bayern Projekt* tiveram uma influência duradora em suas pesquisas. Haja visto que a grade de questões e ferramentas metodológicas do projeto que norteou as perspectivas levantadas por Kershaw em suas obras a partir de então.

Outro elemento importante derivado da sua participação no projeto foi que a cada introdução de livros, entrevistas e outros meios, Kershaw destacou e definiu Martin Broszat como o seu mentor. Como sendo aquele que moldou o seu olhar para a escrita da historiografia do nazismo. Mais do que isso, como aquele que o introduziu o seu interesse de pesquisa para a “pessoa Hitler”, durante o seu processo formativo ao participar do *Bayern Projekt*.<sup>105</sup>

Por isso, a seguir vou direcionar meu mapeamento do *campo intelectual* de Ian Kershaw para compreender quem foi o seu mentor, o historiador Martin Broszat, e como ele realizou a sua escrita sobre Hitler – que, possivelmente, influenciou o historiador britânico.

#### 1.4. Martin Broszat, o mentor de Ian Kershaw

Nascido em Leipzig em 1926, Martin Broszat foi um historiador especializado em história social alemã moderna. Iniciou os estudos na Universidade de Leipzig e trabalhou em *Universität zu Köln* (Universidade de Colônia). De mudança para a Colônia, em 1952, fez seu doutorado com Theodor Schieder – um influente historiador alemão de meados do século XX e um defensor do nazismo.<sup>106</sup>

<sup>104</sup> MOSS, Stephen. A life in writing: Ian Kershaw. *The Guardian*, 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2011/aug/17/ian-kershaw-life-writing-interview>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>105</sup> KERSHAW, Ian. *The 'Hitler myth': image and reality in the Third Reich*. Oxford: Clarendon P., 1987, p. VIII.

<sup>106</sup> Theodor Schieder foi um influente historiador alemão de meados do século XX e um apoiador nazista. Em 1937, ele se juntou ao Partido Nazista. Nesse período, Schieder foi membro de um grupo de historiadores conservadores alemães antagônicos a República de Weimar. Ele, em seus estudos, propagava sobre os supostos perigos dos alemães se misturarem com outras nações. Durante este tempo, Schieder usou métodos etnográficos para justificar a supremacia e a expansão alemãs. Após a guerra, o historiador se estabeleceu na Alemanha Ocidental e trabalhou na Universidade de Colônia. Vale destacar que, segundo o historiador Norbert Fei, Broszat juntou-se à Juventude Hitlerista em Großdeuben, numa época em que a adesão era obrigatória para "arianos". Em

O movimento antisemita na Alemanha Guilhermina foi o tema de sua pesquisa. Broszat estava interessado principalmente no antisemitismo no sul e leste da Europa. Na mesma época, ele começou a lidar com a história contemporânea quando trabalhou com a documentação da expulsão de alemães da Europa Central Oriental, sob a liderança de Schieder, que resultou na publicação de oito volumes *Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa* (1954-1957).

Os volumes abordaram sobre a extensão em que os distúrbios antisemitas no sul e leste da Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, foram atribuídos a influências nazistas e até que ponto foram "induzidos" pelo Terceiro Reich. Os relatos acabaram sendo pequenos tratados sobre as relações germano-romenas, germano-húngaras, germano-eslovacas e germano-polonesas da época.

Em 1955, Broszat ingressou no *Institut für Zeitgeschichte*, como assistente de pesquisa, após obter seu doutorado na Universidade de Colônia. Em 1972 assumiu a direção do instituto e ocupou esse cargo até sua morte, ficando conhecido como um dos estudiosos mais eminentes do mundo da Alemanha nazista.<sup>107</sup>

O interesse de Broszat pelo aparato terrorista e estado nacional-socialista se desenvolveu a partir de seu trabalho como especialista. Juntamente com Hans Buchheim, Hans-Adolf Jacobsen e Helmut Krausnick, ele esteve envolvido no julgamento de Auschwitz. Seu laudo pericial sobre os campos de concentração nacional-socialistas, apresentado oralmente ao júri de Frankfurt em 21 de fevereiro de 1964, foi disponibilizado a um público mais amplo em *Anatomie des SS-Staates* e ainda hoje é considerada uma obra fundamental. Além disso, cooperou para identificar os falsos *Diários de Hitler*<sup>108</sup> em 1983.<sup>109</sup> Ele também ocupou uma cátedra honorária na universidade de Konstanz.

---

1944, um cartão de adesão para o Partido Nazista foi emitido para ele. Broszat reconheceu ter se juntado à Juventude Hitlerista, mas o cartão do Partido Nazista que existia em seu nome só se tornou público após sua morte. Não se sabe se ele se candidatou ao partido, ou se o cartão foi emitido a ele automaticamente por ser um membro da Juventude Hitlerista. Seu cartão (número 9994096) é um dos dez milhões detidos pelo Bundesarchiv alemão. ((AREINWEIS, Alan E. **Studying the Jew: Scholarly Antisemitism in Nazi Germany**. Harvard University Press, 2006, p. 121; FREI, Norbert. Hitler-Junge, Jahrgang 1926. **Die Zeit**, 2003, p. 2. Disponível em: [https://www.zeit.de/zustimmung?url=https%3A%2F%2Fwww.zeit.de%2F2003%2F38%2FMartin\\_Broszat](https://www.zeit.de/zustimmung?url=https%3A%2F%2Fwww.zeit.de%2F2003%2F38%2FMartin_Broszat)). Acesso em: 29 de maio de 2022).

<sup>107</sup> PLACE, Eric. Martin Broszat, German Historian and War Crimes Expert, 63, Dies. **The New York Times**, 1989. Disponível em < <https://www.nytimes.com/1989/11/02/obituaries/martin-broszat-german-historian-and-war-crimes-expert-63-dies.html> >. Acesso em 28 de março de 2022.

<sup>108</sup> Os *Hitler-Tagebücher* (Diários de Hitler) foram uma série de diários supostamente escritos por Adolf Hitler, mas, na verdade, foram forjados por Konrad Kujau, ilustrador e falsificador alemão, entre 1981 e 1983. Na época, Os diários foram comprados em 1983 por 9,3 milhões de Marcos Deutsche (mais ou menos 3,7 milhões de dólares) pela revista *de West German*, que vendeu direitos de serialização para várias organizações de notícias, dentre elas, o jornal britânico *The Sunday Times*. A falsificação resultou em uma sentença de quatro anos e meio de prisão.

<sup>109</sup> HARRIS, Robert. **Selling Hitler**. New York: Pantheon Books, pp. 348–349.

Entre a entrada até o seu último ato como diretor do IFZ, pode ser considerado como um período de realizações para o instituto e grandes sucessos científicos. O instituto experimentou uma grande ascensão sob seu comando e ganhou reputação científica muito além da República Federal.<sup>110</sup> Como cientista, teve um grande impacto na pesquisa histórica contemporânea. Foi-lhe concedido o privilégio de levar uma vida plena como cientista e erudito. Ele teve como tema de pesquisa principal, durante muito tempo também o tema central dominante do IFZ, o nacional-socialismo alemão.

Broszat fez contribuições importantes em quatro áreas. A partir do final da década de 1950, trabalhou na história da Europa Oriental, especialmente na Polônia, e nos campos de concentração nazistas. Durante este período, ele escreveu dois livros sobre o envolvimento alemão na Polônia, *Nationalsozialistische Polenpolitik* (1961), que examinava a ocupação alemã da Polônia, e *Zweihundert Jahre deutscher Polenpolitik* (1963). Isso o levou a explorar a estrutura do estado alemão nazista, que resultou em seu livro *Der Staat Hitlers* (1969).

Na década de 1970, como já dito no tópico anterior, ele se interessou por *Alltagsgeschichte* ao examinar a vida cotidiana na era nazista, desenvolvendo o conceito de *Resistenz* na obra de seis volumes *Bayern in der NS-Zeit* (1977-1983). Em 1985, iniciou o debate sobre a "historicização" da Alemanha nazista, argumentando que ela deveria ser estudada como qualquer outro período da história, sem moralização e com reconhecimento de sua complexidade.<sup>111</sup>

De acordo com Chris Lorenz, o diretor do IFZ não teria conquistado e possuído uma indiscutível reputação no país e no exterior se seus importantes livros e seus ensaios não tivessem "orientado e consolidado o assunto em muitos campos, por um lado, e sacudido repetidamente no outro".<sup>112</sup>

Depois de seu livro *Anatomie des SS-Staates*, Broszat começou a pesquisar a estrutura estatal do Terceiro Reich com mais detalhes nos anos que se seguiram. Foi exatamente com *Der Staat Hitlers*, publicado em conjunto com Helmut Heiber, que Broszat ganhou destaque no meio acadêmico. Esse é considerado por muitos como o seu livro mais importante. Foi traduzido para três idiomas e passou por numerosas edições. Até hoje, é definido como o

---

<sup>110</sup> Mommsen, Hans. "Zeitgeschichte Als 'Kritische Aufklärungsarbeit'. Zur Erinnerung an Martin Broszat (1926-1989). *Geschichte Und Gesellschaft*, vol. 17, no. 2, 1991, pp. 141-157.

<sup>111</sup> BROSZAT, Martin; FRIDLÄNDER. A Controversy about the Historicization of National Socialism. *New German Critique*, n. 44, p. 88, 1987.

<sup>112</sup> LORENZ, Chris. Broszat, Martin 1926-1989. *Encyklopédie historiků a historické psaní*. Abingdon a New York: Routledge, 1999, pp. 143-144

trabalho padrão sobre a estrutura constitucional e administrativa do estado NS. Mesmo depois de tanto tempo, continua sendo, conforme as palavras de Hans-Peter Schwarz,

uma obra-prima, em estrutura, em liderança de pensamento, em disciplina linguística, na objetividade e clareza, também no manejo dos estoques extremamente extensos de fontes e grande quantidade de literatura secundária que já existiam na época.<sup>113</sup>

Logo na introdução de *Der Staat Hitlers*, Broszat argumentou contra a caracterização da Alemanha nazista como um regime totalitário e criticou os historiadores Karl Dietrich Bracher e Ernst Nolte por promoverem tal noção.<sup>114</sup> Por isso, Broszat examinou a estrutura interna de poder do regime nazista buscando compreender como funcionava essa forma historicamente nova de governo. Na obra o autor foi identificando as contradições do governo nacional-socialista. Ao direcionar sua pesquisa para compreender as contradições da estrutura do regime, teve como premissa desconstruir

[...] a imagem simplificada de um sistema monolítico e de um superestado, derivado do conceito de totalitarismo, e que também surgiu, comprehensivelmente, porque tantos contemporâneos foram influenciados pela fase final da guerra, pela extensão total da criminalidade do regime nacional-socialista, revelada pela primeira vez depois de 1945, e pelo enorme esforço necessário para derrubar a Alemanha de Hitler.<sup>115</sup>

Segundo o historiador, o Terceiro Reich não pode ser avaliado apenas do ponto de vista do extremismo totalitário em sua fase final. Visto que, conforme suas palavras, a sua composição interna não permaneceu a mesma do começo ao fim, pelo contrário, sofreu mudanças essenciais. No livro *o Estado de Hitler* foi definido como uma forma de compartilhamento de poder entre o *novo* movimento de massas nacional-socialista e as *velhas* forças conservadoras no Estado e na sociedade.<sup>116</sup> Durante esse período, o regime do líder nazista tinha alcançado um monopólio político partidário e inibido a possibilidade de atividade para todas as outras forças políticas. No entanto, não tinha conquistado o controle total das instituições estatais e das forças armadas.

Existiu um equilíbrio conflituoso, para Broszat, entre Estado e partido, entre forças autoritárias de ordem e os impulsos vindos do partido, com suas pretensões políticas e ideológicas. Esse equilíbrio era regulado de tempos em tempos por meio de decisões tomadas por Hitler, que, como o popularmente aclamado *Führer*, estava acima do Estado e do partido.

---

<sup>113</sup> Martin Broszat 1926-1989. **Institut für Zeitgeschichte**, 1990, p. 14. Disponível em: <[https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990\\_1\\_1\\_vorbemerkung.pdf](https://www.ifz-muenchen.de/heftarchiv/1990_1_1_vorbemerkung.pdf)>. Acesso em 20 de março de 2022

<sup>114</sup> MARTIN, Broszat. **The Hitler state: The foundation and development of the internal structure of the Third Reich**. Addison Wesley Longman Limited Ninth, 1996, p. 22.

<sup>115</sup> Idem, p. IX.

<sup>116</sup> Idem, p. X.

Broszat também introduziu a palavra-chave "policracia dos departamentos" como um tema de análise. Ele descreveu a fragmentação policrática dos aparelhos e departamentos, especialmente a partir de 1938. Por outro lado, enfatizou que a Alemanha sob a suástica, no período que ele nomeou como *Estado de Hitler*, estava tutelada pela lei do absolutismo do *Führer*. Essa afirmação era, mais uma vez, uma crítica a teoria do totalitarismo, que dizia que o estado de Hitler era um sistema de poder monolítico, um superestado maquiavélico e racionalizado.

Na obra esboçou que a pesquisa e análise teriam como foco central, em grande medida, a estrutural política e administrativa do Terceiro Reich. Já que, para ele, o livro foi concebido “[...] como uma tentativa não primariamente de recontar mais uma vez o que acontecera no Terceiro Reich, mas analisar a configuração interna e mudança na estrutura de poder deste sistema. A principal preocupação dizia respeito ao ‘como’ e não ao ‘o quê’”.<sup>117</sup>

Para o autor, Adolf Hitler não era a força motriz por trás do regime. Em sua análise, Hitler foi um "ditador fraco" e o governo da Alemanha nazista foi uma *policracia* (governo de muitos), não uma *monocracia* (governo de um). Foi o caos do governo que levou ao colapso do estado. O historiador escreveu que:

Por causa da multiplicidade de forças conflitantes, a vontade do Führer (mesmo quando Hitler tinha algo diferente em mente) só foi capaz de influenciar eventos nesta ou naquela direção de forma descoordenada e abrupta, e certamente não estava em posição de vigiar e refrear as novas organizações, autoridades e ambições que se desenvolveram como resultado. Os resultados institucionais e legais das ordens e decretos intermitentes do Fuhrer tornaram-se cada vez mais insondáveis e chocaram-se com autorizações posteriores concedidas por ele.<sup>118</sup>

Na narrativa, Hitler não figurou como uma grande figura histórica, como um centro de poder, como um ponto de partida uniforme. Segundo Broszat, entender Hitler como o epicentro do período significava comprar uma imagem enganosa, derivada tanto porque algumas coisas davam aquela aparência na época quanto porque a necessidade das pessoas de encerrar suas perguntas com assuntos uniformes criava uma disposição de se submeter a essa aparência.

A questão principal para Broszat foi se e em que medida o próprio Hitler, a ideologia nacional-socialista, o partido, o estado totalitário ou quem quer que fossem tais sujeitos com uma vontade relativamente autônoma foram afetados nas mais amplas redes de efeitos do regime nazista. Por exemplo, para ele, não bastava perguntar a Hitler sobre sua personalidade, sua visão de mundo, sua biografia, mas era preciso primeiro a sua eficácia histórica.

---

<sup>117</sup> MARTIN, Broszat. **The Hitler state:** The foundation and development of the internal structure of the Third Reich. Addison Wesley Longman Limited Ninth, 1996, p. IX.

<sup>118</sup> Idem, p. 205.

Broszat, cita o trabalho de Ian Kershaw, *Der Hitler-Mythos 1920-1945* (1980), para mostrar que o mito do Führer não foi somente fomentado pelo próprio Hitler e promovido pela propaganda, mas foi moldado pelas expectativas nacionais e sociais de grandes setores da sociedade alemã. Além disso, após a sua ascensão ao poder, a aura pseudorreligiosa do Führer, que foi a principal base para sua posição elevada e que lhe deu superioridade sobre seus aliados conservadores, não foi o resultado da sua capacidade de políticas pessoais, mas estava ancorado nos aspectos sociais, políticos e institucional do Terceiro Reich.<sup>119</sup>

Segundo o autor, Hitler só conseguiu se desenvolver em decorrência de uma certa atmosfera de crise e psicologia coletiva: "Foi apenas a crise que transformou o excêntrico em um demagogo infalível".<sup>120</sup> Na sua concepção, pode-se objetar que pessoas extraordinárias sempre precisem de certas condições e posições para se desenvolver, mas com Hitler foi diferente.

As grandes vitórias da política externa nacional-socialista, que levaram Hitler ao auge da popularidade e aclamação popular, garantiram que sua posição de líder se tornasse mais absoluta. Ao mesmo tempo, esse processo expôs cada vez mais o efeito destrutivo do princípio de liderança pessoal sobre as instituições que já havia sido desenvolvido no NSDAP antes de 1933.

O historiador destacou que a autoridade de Hitler como *Führer* não foi baseada, como a de Stalin, no controle do aparato organizacional central do partido e do Estado, mas em seu apelo carismático e na capacidade deste em integrar a nação como um todo. Em suas palavras,

Era típico do estilo de liderança de Hitler que ele optasse por não exercer um controle cuidadoso e contínuo no centro do sistema, mas em vez disso interviesse de fora - muitas vezes de forma abrupta e arbitrária - como o Führer supremo, igualmente "afastado" do Partido, do Estado e das organizações.<sup>121</sup>

Nesse sentido, a supremacia absoluta do *Führer* no Terceiro Reich não implicava obediência estrita a qualquer ordem hierárquica fixa. Em vez disso, envolvia a execução "esporádica da vontade do Führer" de maneira imprevisível, por meio dos esforços de diferentes dignitários do Estado ou do Partido.<sup>122</sup> Hitler, na concepção de Broszat, não exerceu nenhuma liderança direta e sistemática, mas de forma pontual incitava o governo ou o partido em ação, "apoiaava uma ou outra iniciativa de funcionários do partido ou chefes de departamentos e frustrava outras, ignorava-as ou deixava-as seguir em frente sem uma decisão".<sup>123</sup>

---

<sup>119</sup> Idem, p. VIII.

<sup>120</sup> MARTIN, Broszat, 1996, p. 24.

<sup>121</sup> Idem, p. 24.

<sup>122</sup> Idem, p. 286.

<sup>123</sup> Idem.

Assim, em todas as áreas da política com as quais Hitler raramente se preocupou, a supremacia absoluta do *Führer* gerou um sistema crescente de centros de poder rivais. Em que todos tentaram propor esquemas em nome de Hitler, tentaram ter acesso a ele e obter fragmentos de poder em nome do *Führer*.

O autor ressaltou que a forma institucional desse “absolutismo do Führer” não prenunciava um fortalecimento da hierarquia solidariedade e uniformidade do Estado e do partido, mas implicou em um crescente antagonismo entre os titulares de cargos rivais individuais, assim como o fim da regularidade legal e administrativa e, em última instância, uma “desnacionalização” do sistema.<sup>124</sup>

O título escolhido para o livro, segundo o próprio autor, refletia essas descobertas e apontava para essa inconsistência; ao fato de que o controle nacional-socialista, sob a liderança absoluta de Hitler, não podia ser conciliado com a prática normal e a organização do governo.

Em consequência, Martin Broszat se dedicou no livro a analisar as estruturas do regime, em vez de falar da pessoa Hitler como um fator determinante para compreender o período nazista. Nesse sentido, o autor afirmou a insuficiência da escrita biográfica para entender Adolf Hitler. Isso não significou que a figura do ditador foi subestimada por Broszat, pelo contrário. Hitler, no seu livro, não era intercambiável ou uma pessoa qualquer. No entanto, ele não era “o porta-voz de uma ideia que teria significado semelhante mesmo sem ele, mas a visão de mundo utópica NSDAP recebeu pela primeira vez realidade e certeza através da pessoa de Hitler”.<sup>125</sup> Só ele conseguiu, por meio da sua visão de mundo, naquele meio, reunir as mais diversas energias em uma enorme dinâmica.

Uma parte substancial da obra dedicou-se a observar a relação entre a pessoa Hitler e ambiente, como se existisse uma rede de relações. Esta perspectiva também foi empregada na compreensão da ideologia nacional-socialista e sua capacidade de persuasão. De acordo com o autor, não havia a construção de pensamento com conteúdo obrigatório – como no marxismo – de modo que se pudesse invocá-lo mesmo contra o *Führer*. Segundo ele, “havia certas constantes na direção do alvo, elas também punham tudo em movimento, mas por muito tempo dificilmente podiam determinar o conteúdo da política”.<sup>126</sup>

Um exemplo, foi o caso do extermínio judeu. Para o historiador, sem a aprovação de Hitler, as medidas para o holocausto não poderiam ter sido postas em prática. Só chegou a isso

---

<sup>124</sup> MARTIN, Broszat. **The Hitler state:** The foundation and development of the internal structure of the Third Reich. Addison Wesley Longman Limited Ninth, 1996, p. XI.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>126</sup> MARTIN, Broszat, op. cit, 1996, p. 399.

mais no curso do movimento que ele próprio havia impulsionado do que seguindo um plano consciente. A consequência surgiu, por assim dizer, do processo do movimento, não das ações orientadas para objetivos de seu líder.

A tese principal da investigação buscou questionar a ideia de que tudo estava centrado no líder, cuja autoridade era puramente pessoal, não era fruto de seu cargo e que gostava de tomar decisões com base na clientela e no relacionamento. Havia, então, uma ligação entre o desenvolvimento estrutural e a ação do regime.

Broszat afirmou que a vontade pessoal do próprio Adolf Hitler não determinou a história do Terceiro Reich. Mesmo o culto excessivo ao *Führer* na Alemanha nazista, não poderia ser entendido simplesmente em termos de personalidade, como resultado da força de vontade e liderança superior de Adolf Hitler. Foi precisamente por causa da falta de uma ideologia adequada à doutrinação totalitária, e por causa do fracasso de todos os esforços após 1933 para realizar uma reforma sólida do sistema social e político e fixá-lo constitucionalmente, que o mito do *Führer* permaneceu o único ideal social e político viável do Terceiro Reich. Tanto que,

[...] diante da ausência ou colapso de qualquer mecanismo institucional regularizado para chegar a acordos ou resolver conflitos dentro do regime nazista, o 'Líder' foi repetidamente chamado como fonte de recurso e como árbitro de expoentes de interesses e poder conflitantes grupos no Terceiro Reich; ele era cada vez mais necessário e, portanto, novamente confirmado como indispensável.<sup>127</sup>

A necessidade de prolongar o culto ao *Führer* significou o desenvolvimento progressivo da posição absoluta de Hitler. Não foi apenas Hitler que impôs o controle absoluto; o despotismo foi também o resultado da lei de movimento interna do regime, que desde o início estava voltada para o culto do *Führer*. Portanto, de acordo com o historiador, Hitler “era um corolário em grande parte inevitável do absolutismo do *Führer* e, na prática, não conduziu à sobrevivência a longo prazo do regime”.<sup>128</sup>

Em síntese, baseada nas definições de Ian Kershaw, o autor desenvolveu o que posso definir como uma interpretação "estruturalista" ou "funcionalista" da Alemanha nazista, argumentando que o governo consistia em uma confusão de instituições concorrentes e lutas por poder, o que potencializava a rivalidade interna. O autor buscou identificar a inconsistência do uso do poder nacional-socialista, a improvisação e a falta de um sistema, assim como pontuar que por meio do problema de sua organização e desorganização, seus sucessos escandalosos, sua radicalização, resultou nos crimes em massa e na destruição do Reich alemão. A análise

---

<sup>127</sup> Idem, p. XIII.

<sup>128</sup> Idem, p. XI.

desses temas, principalmente da estrutura de poder durante o período nazista, teve por objetivo responder como surgiu o domínio nazista e como ele funcionou. Considero que essa foi a pergunta que norteou a escrita de *Der Staat Hitlers*.

Por fim, como já dito, apesar do título denotar que Hitler era a peça fundamental, ele teve um papel secundário. Isto é, em *Der Staat Hitlers*, as estruturas sociais que viabilizaram e elaboraram o *Estado de Hitler* eram mais importantes para compreensão do período do que a figura pessoal de Adolf Hitler.

O interesse até aqui foi o de observar as produções historiográficas com a qual Ian Kershaw estabeleceu uma relação direta. No próximo tópico, pretendo compreender a sua inserção nesse campo historiográfico.

### 1.5. O historiador britânico e a sua leitura da historiografia alemã

Ian Kershaw é britânico, e, como visto, iniciou seus estudos em universidades na Inglaterra. Além disso, quando seu nome é citado, quase sempre, a definição de “historiador britânico” é comumente mencionada.<sup>129</sup> No entanto, a sua passagem pela Alemanha e o contato com a historiografia alemã tiveram um papel fundamental no seu processo formativo.

Foi a partir do seu contato com a língua alemã, a sua bolsa de estudo no renomado *Institut für Zeitgeschichte* e a sua vivência em Munique que o então historiador medievalista, decidiu mudar o foco de suas pesquisas. Isto é, o tema da monástica anglicana deu lugar à história da era nazista. Essa constatação me fez direcionar o olhar para a historiografia alemã, na qual Kershaw se inseriu e da qual fez parte, pois considero que essa historiografia foi o *berço* do seu *campo intelectual*. Foi nela que o autor ancorou as bases da sua forma de pensar a escrita da história do Terceiro Reich e do seu líder.

Por isso, iniciarei a empreitada de mapear o *campo intelectual* do qual Kershaw se inseriu por meio do próprio historiador. No momento, selecionei o livro *The Nazi Dictatorship: Problems and Perspectives of Interpretation* (1985), em que o autor, não à toa, atribuiu um lugar a si próprio no campo de estudos sobre o nazismo e ofereceu uma avaliação das divergências historiográficas relacionadas ao período da ditadura nazista.

O livro foi derivado da participação de Kershaw em uma conferência internacional de historiadores do período nazista, nos arredores de Londres, em 1979. A conferência o fez

---

<sup>129</sup> Em quase todas as entrevistas, apresentações públicas, nos perfis das universidades em que trabalhou, em site como Wikipédia ou até mesmo nas orelhas de seus livros, Ian Kershaw é referenciado como “historiador britânico”, em que o demarcador da nacionalidade fosse uma característica diferenciadora para sua profissão.

perceber uma divisão interpretativa, sobre o tema do nazismo, assim como na forma de pensar o lugar de Hitler na história do regime, especialmente, entre os historiadores da Alemanha ocidental. O debate realizado, segundo ele, levou-o diretamente à publicação do livro *The Nazi Dictatorship*.<sup>130</sup>

Na obra, que foi reeditada com frequência, Kershaw expôs as principais diferenças entre as escolas concorrentes e levantou questões que tentou resolver em seus demais livros, como vou demonstrar de forma mais detalhada no capítulo dois. Visto que, como sugeriu o autor, “os historiadores escrevem livros sobre assuntos inteiros, antes de tudo, para resolver problemas para si mesmos; é uma sorte que outros estejam interessados em suas meditações”.<sup>131</sup>

*The Nazi Dictatorship* foi composto por um prefácio e nove capítulos.<sup>132</sup> A meu ver, Kershaw, em cada capítulo da obra, sistematizou as interpretações divergentes, descreveu como estavam as investigações naquele momento e ofereceu uma avaliação dos temas abordados na escrita sobre o nazismo. Isto é, a sua posição em cada caso. Os numerosos problemas centrais das interpretações foram divididos em temas que perpassaram as questões de qual era a essência do nazismo, qual foi a relação do nazismo e o capitalismo, qual foi a natureza e o alcance do impacto sobre a sociedade alemã. Em todos, o autor se preocupou com os problemas de explicar o nazismo, assim como buscou destacar que essas controvérsias foram pautadas por três dimensões: a histórica-filosófica, a política-ideológica e a moral.

Para Kershaw, os debates e as controvérsias das investigações do Terceiro Reich constituem a essência dos estudos históricos. Os contornos da historiografia alemã foram delimitados por fatores específicos que os distinguiram dos desenvolvimentos historiográficos de outros países. Os estudos históricos da Alemanha ocidental, a seu ver, podem ser divididos em quatro fases, a saber,

---

<sup>130</sup> RAMON, Thomas. Interview with Ian Kershaw. **Eurozine**, 2002. Disponível em <<https://www.eurozine.com/interview-with-ian-kershaw/>>. Acesso em 21 de fevereiro.

<sup>131</sup> KERSHAW, Ian. **The nazi dictatorship: problems and perspectives of interpretation**. Edward Arnald Publishers Limited, 1985, p. 9.

<sup>132</sup> No capítulo 1 identificou os principais problemas que os historiadores se deparavam em sua tarefa de explicar o nazismo. No capítulo posterior, apresentou as interpretações sobre a natureza do Terceiro Reich. Isto é, se o período entre 1939 e 1945 foi uma forma de fascismo, um regime totalitário ou fenômeno político único na história alemã. No terceiro, o autor demonstrou como a historiografia compreendia a relação do nazismo com as forças dominantes, especificamente, o papel das indústrias para a ascensão do regime governado por Adolf Hitler. O quarto capítulo sistematizou os debates sobre o lugar de Hitler no sistema nazista, tendo como questão base se Hitler foi “o senhor do Terceiro Reich” ou um “ditador débil”. No seguinte, tratou o tema do Holocausto. Em três capítulos Kershaw explorou as estruturas de poder no Terceiro Reich, a questão de política externa como um programa ou uma “vontade de Hitler” e a relação do nazismo com a sociedade. No capítulo oito, realizou uma avaliação de como o campo historiográfico analisou a resistência do povo alemão ao regime. No penúltimo debateu a “historização do Terceiro Reich”, ou seja, se os estudiosos consideravam possível abordar o nazismo da mesma forma que abordavam “outras etapas do passado”. Por fim, destacou as mudanças historiográficas no período posterior a unificação da Alemanha.

[...] um período de historicismo continuado e parcialmente recondicionado, que durou até o início dos anos 1960; uma fase de transição dessa transformação, que durou até meados da década de 1970; uma fase que se estendeu até o final da década de 1980, apesar de alguns desafios e algumas tendências regressivas, em que novas formas de "história social" com bases estruturais alinhadas com as ciências sociais e intimamente relacionadas com desenvolvimentos paralelos nos estudos internacionais se pode dizer que já estavam estabelecidos; e uma fase, cujo desfecho ainda não está totalmente à vista, que começou com as importantes mudanças de 1989-1990.<sup>133</sup>

Após Leopold von Ranke, na Alemanha, a dimensão historicista, de acordo com o autor, exerceu uma predominância sobre a filosofia da história e as investigações históricas do que em qualquer outro país. Essa tradição se ancorou no conceito “idealista” de história como um desenvolvimento cultural. Nesse sentido, na ideia de que os homens são reflexos de suas ações, nas quais, as intenções, motivações e autorreflexões podem ser deduzidas. Por consequência, os estudos historiográficos buscavam explicar as ações para compreender intuitivamente as intenções por detrás delas.

Na prática, conforme as reflexões realizadas pelo autor,

Isso levou a uma forte ênfase na singularidade de eventos e figuras históricas, na importância esmagadora da vontade e da intenção no processo histórico e no poder do Estado como um fim em si mesmo (e, consequentemente, a elevação do Estado nacional prussiano-germânico).<sup>134</sup>

A partir dessa interpretação, o nazismo foi o terrível resultado das tendências europeias e constituiu-se mais como uma ruptura com o passado alemão do que um produto dele. Em linhas gerais, o nazismo foi, como destacou Kershaw, “mais ou menos um acidente em um desenvolvimento louvável”, e o desastre que se assolou a Alemanha era, em grande parte, atribuído a Hitler.

O começo do declínio da influência do historicismo surgiu a partir dos princípios da década de 1960. Nesse período, emergiram novas áreas de preocupação para a investigação histórica. Uma das principais foi o papel das elites tradicionais e as continuidades nas estruturas sociais. O tema tanto da política externa quanto da interna passou também a ganhar mais atenção. Isso graças, como pontuou o autor, à expansão do sistema universitário; pelos desafios da profissão dos historiadores, provocados pelos avanços produzidos nas ciências sociais; e pela mudança no clima político e intelectual que acompanhou o final de um longo período de

---

<sup>133</sup> KERSHAW, Ian. **The nazi dictatorship:** problems and perspectives of interpretation. Edward Arnald Publishers Limited, 1985, p. 22.

<sup>134</sup> Idem, p. 23.

governo conservador e o “movimento estudantil” dos finais dos anos sessenta. Por consequência, os estudos históricos sofreram um amplo impacto cultural.<sup>135</sup>

De acordo com Kershaw, os estudos históricos alemães estenderam-se ao mundo exterior na medida em que se afastou de seu isolamento historicista e devido a um contexto marcado pela criação e promoção de estreitas relações culturais com outros países europeus e com os Estados Unidos. Novos enfoques temáticos e teóricos nos estudos históricos, por influência do “desenvolvimento do outro lado do Atlântico nas ciências políticas e sociais, lutaram para estabelecer pela primeira vez nas universidades alemãs”.<sup>136</sup>

Os conceitos de história estrutural, derivados em particular da escola francesa dos *Annales*, e a influência das ciências política e social norte-americanas começaram a transformar as abordagens históricas na Alemanha Ocidental. Igualmente, a abordagem da "nova história social", ao promover uma disciplina de base teórica integradora para construir uma análise estrutural da "história da sociedade", “mudou radicalmente o sotaque dos estudos históricos tradicionais na Alemanha”.<sup>137</sup>

Os intercâmbios sobre os enfoques teóricos e questões metodológicas tiveram uma relação direta com a natureza de algumas controvérsias interpretativas chaves acerca do nazismo. Dentre elas, destacou-se, sobretudo, o papel e o lugar de Hitler no sistema nazista de governo, visto que passaram a indicar uma dificuldade teórica para conciliar uma abordagem “estrutural” com uma abordagem personalista. Um outro problema era a dificuldade da relação do historiador com as fontes. Isto é, como as fontes deveriam ser entendidas e lidas. Assim como a questão da posição política do historiador; como ele se relaciona com as circunstâncias políticas em que vive e trabalha, e a relação entre as posições teórico-metodológicas e político-ideológicas.

Kershaw considerou que a influência político-ideológicas sobre a historiografia do nazismo era um tema independente e importante. Para ele, as conotações políticas geraram controvérsias acadêmicas. A primeira delas foi que a divisão da Alemanha moldou a premissa política-ideológica em ambos os lados do muro. Logo, as diferenças nortearam as mudanças nos padrões de escrita sobre o nazismo dentro da República Federal Alemã (RDA).

Para o autor, a RDA foi influenciada pelos princípios marxista-leninistas, o que tornou o antifascismo um elemento indispensável da ideologia e da legitimidade do Estado. Nesse sentido, o trabalho histórico sobre o tema “Hitler e o fascismo” teve uma relação com a política.

---

<sup>135</sup> Idem, p. 25.

<sup>136</sup> Idem.

<sup>137</sup> Idem, p. 25.

Kershaw pontuou que o fascismo era considerado um produto intrínseco do capitalismo, por esse motivo, nas palavras de Kershaw,

[...] a pesquisa histórica sobre o fascismo tinha a tarefa não apenas de educar os cidadãos da Alemanha Oriental sobre os horrores e males da guerra no passado, mas também, e com maior razão, sobre os perigos e os males presentes e futuros, do fascismo potencial, considerado parte constitutiva do imperialismo capitalista, especialmente na República Federal.<sup>138</sup>

Portanto, na concepção do autor, a compreensão do nazismo na RDA se apoiou também na luta contra o fascismo. Já o referencial ideológico da investigação histórica desenvolvido na Alemanha ocidental, devido ao fato que o estado foi fundado nos princípios capitalistas dos aliados ocidentais, era antifascista e anticomunista. Segundo Kershaw, o objetivo principal da constituição Alemã ocidental era evitar a criação de um sistema “totalitário” (tanto nos *moldes* do Terceiro Reich quanto da União Soviética).

A premissa do totalitarismo como um conceito para interpretar o nazismo era amplamente aceita antes mesmo do trabalho realizado por Hannah Arendt. O enfoque no conceito dominou as investigações sobre a história contemporânea nos anos 1950 e inícios dos anos 60. Kershaw afirmou que o desafio a predominante e o renascimento das teorias fascistas se sistematizou em dois “campos”: a erudição acadêmica e a polêmica ideológica-política.

Em meio aos valores dominantes do estado conservador democrata-cristão e a crescente crise nas universidades alemãs que eclodiu em 1968, a discussão acadêmica do fascismo e a reabilitação das teorias fascistas nos anos entre as guerras mundiais se tornou um “*slogan*” por segmentos da esquerda, enquanto a reação “excessiva” da direita liberal e conservadora colocou o debate sobre fascismo ou totalitarismo como parte do diálogo e do conflito político.<sup>139</sup>

Os exemplos acima trazidos por Ian serviram para demonstrar que as conotações políticas marcaram as controvérsias acadêmicas. Para Kershaw, nesse clima que as controvérsias foram influenciadas pelas considerações políticas e ideológicas. Isso porque, o estado alemão não teve uma grande escola historiográfica marxista, o que limitou os debates a historiadores de diferentes tipos de tendência liberal-democrática. Segundo ele, as controvérsias refletiam as disputas filosóficas sobre a relevância dos valores sociais e políticos da Alemanha daquele período para os escritos dos historiadores. Por consequência, isso indica a importância, também, da dimensão moral no fazer historiográfico sobre o nazismo.

Kershaw destacou que o conteúdo moral dos escritos sobre o nazismo no pós-guerra, principalmente pelos historiadores das potências vitoriosas, estavam preocupados em encontrar

---

<sup>138</sup> Idem, pp. 29-30.

<sup>139</sup> Idem, p. 32.

no nazismo a “confirmação de todas as piores características durante aquele período, e que evidente apoio massivo a Hitler nos anos de 1930 deduzia uma ‘enfermidade’ peculiar alemã e uma fácil comparação dos alemães e os nazistas”.<sup>140</sup> Ainda que nos estudos recentes tenham se distanciados da “indignação e do ressentimento”, uma forte característica permanecia: o desprezo moral ao nazismo.

Segundo o autor, mesmo evitando todo juízo moral ao alcançar uma “compreensão”, há uma dificuldade no caso do nazismo e Hitler, pois

[...] o problema não poderia ser mais claramente destacado do que no caso da Alemanha de Hitler, embora a condenação moral universal do nazismo o torne muito mais surpreendente do que a questão de sua banalização moral implícita nos escritos sobre assuntos históricos.<sup>141</sup>

A dimensão moral, em larga escala, se tornava ainda mais latente ao pensar o papel de Adolf Hitler no regime nazista. Mais do que isso, esse assunto, que estava associado às três dimensões – histórica-filosófica, política-ideológica e moral – se converteu em um problema central de interpretação no debate entre importantes historiadores que analisaram o Terceiro Reich. Para Kershaw, o tema moral – o sentimento de que a figura central maligna do governo nazista não estava sendo retratada adequadamente, bem como que Hitler foi subestimado pelos contemporâneos e agora estava sendo banalizado por alguns historiadores – foi a raiz do conflito e determinou caráter do debate. Esse tema não deveria ser inseparável das questões acerca do método e da filosofia da história, como escrever a história do nazismo, do qual, é inseparável dos juízos de valores políticos e ideológicos, também relacionados à sociedade do momento.

O autor pontuou que a questão-chave, para a vertente histórico-filosófica, foi o papel do indivíduo na configuração do curso do desenvolvimento histórico, diante das limitações à liberdade de ação impostas pelos fatores estruturais determinantes. Por consequência, isso aponta para a questão de saber se os acontecimentos do Terceiro Reich deveriam ser explicados por meio da personalidade, ideologia e vontade de Hitler, ou se o próprio ditador não era, em parte, um "prisioneiro" das forças sociais do período. Nesse sentido, se Hitler foi mais o instrumento do que o criador das forças sociais.

Os estudos que se baseiam na centralidade da personalidade e da força de vontade de Hitler como explicação do nazismo tomam como premissa a ideia de que, desde que o Terceiro Reich ascendeu e caiu com Hitler, o regime foi dominado o tempo todo por ele. No cerne desse tipo de interpretação, há uma filosofia que destaca a "intencionalidade" dos atores centrais no

---

<sup>140</sup> Idem, p. 36.

<sup>141</sup> Idem, p. 37.

dever histórico, atribuindo o peso total à liberdade de ação do indivíduo e à singularidade de sua ação. Esse tipo de interpretação, segundo Kershaw, “obviamente caracteriza as biografias de Hitler, bem como os estudos ‘psico-históricos’”.<sup>142</sup>

Dentro dessa vertente, na década de 1960, o autor destacou que surgiram inúmeras biografias de Hitler, dentre elas, a biografia *Hitler* (1973) escrita pelo historiador alemão Joachim Fest, em meio a uma produção excessiva de “textos sem valor”, que manifestavam um fascínio pela personalidade do líder nazista. Essas obras, ainda segundo ele, acrescentaram pouco mais do que minúcias de antiquário ao conhecimento já existente sobre Hitler. Para além, considerou que o apogeu do “hitlercentrismo” foi alcançado na abordagem psico-histórica. Esta buscou explicar a guerra e o extermínio dos judeus pela psicopatia neurótica de Hitler.

Outro tipo de interpretação, ainda na vertente “intencionalista”, foi a “programática”, que tinha como enfoque a ideia de que Hitler era detentor de um programa que pautou todas as suas ações desde os anos vinte até o seu último dia de vida no *bunker*. Essa interpretação atribuía um papel central à Hitler e destacava a força integradora de sua ideologia.

No enfoque contrário, temos a perspectiva chamada de “estruturalista” ou “funcionalista”, ou, ainda “revisionista”. Kershaw considerou esse viés como uma interpretação completamente diferente do Terceiro Reich, que se concentrou mais nas estruturas do governo nazista, na natureza “funcional” das decisões políticas. O que, consequentemente, questionou o excessivo destaque dado ao papel desempenhado por Hitler na historiografia “intencionalista”.

Foi apenas durante a década de 1960, na concepção de Kershaw, que o desafio às ideias de Estado “monolítico” e “totalitário”, juntamente com a influência teórica de uma nova “história estrutural” e análise de sistemas, derivada da ciência política, gradualmente afetou os trabalhos sobre o período do governo nazista. No final da década, vários estudos haviam revelado o “‘caos da liderança’ da Alemanha nazista para lançar as bases para o que viria a se tornar a ideia de governo policrático, uma estrutura de poder multidimensional, na qual a própria autoridade de Hitler era apenas um elemento (ainda que importante)”.<sup>143</sup> De acordo com o autor, esses estudos ajudaram a revisar o que se entendia acerca da maneira que funcionava na prática o governo nazista.

Ian Kershaw colocou como exemplo dessa vertente os estudos de Martin Broszat, especificamente, a sua análise realizada em *The Hitler States*. Segundo Kershaw, Broszat desvinculou-se de tratar o nazismo baseado na personalidade ou no centralismo de Hitler, para

---

<sup>142</sup> Idem, p. 102.

<sup>143</sup> Idem, p. 107.

explorar as conexões causais entre o desenvolvimento da estrutura interna de poder e a progressiva radicalização do regime nazista, que gerou na destruição da Europa e um genocídio sem precedentes. Além disso, o livro de Broszat refletia o antagonismo de uma forma de liderança absoluta que não podia ser compatível com a prática e a organização normais de um governo.

Ainda de acordo com Kershaw, Broszat não se curvou as teorias do “totalitarismo” e os enfoques centrados do “hitlerismo”. Isso porque, via Hitler como uma tendência “a sancionar as pressões exercidas por diferentes forças dentro do regime, mas que ao criar políticas: a autoridade simbólica de Hitler é mais importante que a vontade direta de governar da *persona* Hitler”. Portanto, nas palavras de Kershaw, em *The States of Hitler*, a Hitler se atribuiu um papel vital no delineamento no rumo do Terceiro Reich, no entanto, “não de maneira tão simples e direta como queriam os ‘intencionistas’ ideológicos”.<sup>144</sup>

Em síntese, para o autor, a historiografia “intencionalista” e a “estruturalista” podem ser vistas como, no primeiro caso, aqueles que viam Hitler como o principal motor da criação da Alemanha nazista e, no segundo, aqueles que o viam como a expressão - em alguns aspectos, quase o prisioneiro – das tendências sociais.

Ian Kershaw formulou uma avaliação crítica à ambas as vertentes. Segundo ele, o que veio a ser rotulado de abordagem “intencionalista” teve um apelo imediato e óbvio. Visto que,

Raramente um político aderiu com consistência tão fanática a uma fixação ideológica como Hitler parece ter em um período que vai desde sua entrada na política até seu suicídio no bunker. O fato de que a busca do espaço vital e o extermínio dos judeus, longe de continuarem sendo os delírios de um louco marginal e briguento, tornaram-se uma realidade horrível e foram executados como políticas de governo por um regime liderado por Hitler parece apontar para conclusivamente para a validade do argumento “intencionalista”.<sup>145</sup>

No entanto, o historiador afirmou que, apesar de seu apelo superficial, esse argumento contém falhas. Concentrar-se nas intenções de Hitler impede a formulação de questões que Kershaw considerou fundamentais, como, por exemplo, o caráter dos agentes de mudança social, econômica e política. Por consequência, por trás dessa abordagem estava a ideia de que o desenvolvimento histórico pode ser explicado recorrendo-se à compreensão intuitiva dos motivos e intenções dos principais atores. Ademais, os eventos subsequentes são racionalizados teologicamente em sua relação a tais intenções, funcionando assim como causa e explicação suficiente.

---

<sup>144</sup> Idem, p. 107-109

<sup>145</sup> Idem, pp. 111-112.

Outro problema significativo destacado, em decorrência da disponibilidade das fontes, foi a tentativa de reconstruir as razões de Hitler para as decisões e os processos que levaram a essas decisões. O que torna, na concepção do historiador, uma das principais fragilidades da vertente “intecionalista”, pois, segundo suas palavras, “a defesa do ‘hitlerismo’ tem de ser provada, não meramente afirmada”.<sup>146</sup>

Já o argumento “estruturalista”, o autor considerou inherentemente mais difícil de ser compreendido, devido à linguagem adotada por alguns de seus expoentes. As ideias disseminadas por essa vertente de um Hitler fraco e indeciso; de antisemitismo e do espaço vital como metáforas ideológicas; de nazismo mais voltado para sustentar do que revolucionar a ordem social; e da política externa como derivação da política interna, não expressam convicção imediata.

O autor sinalizou dois argumentos contrários à explicação “estruturalistas”. Primeiro, Kershaw acredita que há alguma força no argumento em relação à política interna, onde Hitler mostrou pouco interesse ativo, mas quando se trata de política antisemita e externa, se opôs completamente. Isso porque, destacou que ao invés de desmoronar sob o peso de suas próprias contradições internas, do caos administrativo e das dinâmicas autodestrutivas, a Alemanha nazista só foi derrotada pela união do poderio dos Aliados. Segundo, a pergunta retórica e factual de qual poderia ter sido o curso do governo alemão sem Hitler no poder, parece destacar, ao invés de minimizar, a importância de Hitler.

Nesse sentido, a seu ver, em ambas correntes explicativas há questões que impossibilitam que uma delas seja a forma mais adequada de narrar período da ditadura nazista. Posto isso, como deve ser a escrita da história sobre o lugar de Adolf Hitler para Ian Kershaw?

O autor, como indicou, apesar das críticas pontuadas, considerou que os “estruturalistas” não ignoram nem suavizam a importância de Hitler. Segundo ele, a explicação “estruturalista” procurou localizar essa importância dentro do sistema governamental. Os estudiosos dessa vertente partem da premissa de que os processos de radicalização progressiva e acumulativa no Terceiro Reich eram complexos em si mesmos, por considerar o *Führer* não como uma personalidade, mas sim em seu papel funcional dentro de um sistema multidimensional (policrático) de governo.

Em sua avaliação, para romper com as interpretações polarizadas deve-se estender a análise por três áreas inter-relacionadas, porém distintas: o caráter do governo de Hitler e a estrutura interna de poder do Estado nazista; a implementação da política antisemita, em

---

<sup>146</sup> Idem, p. 112.

particular o processo decisório que deu início à “solução final”; e a política externa do regime e suas ambições expansionistas. Para cada uma dessas três áreas, de acordo com o historiador, a questão que deve nortear a escrita é “como as decisões foram tomadas no Terceiro Reich”.

No entanto, Kershaw não apenas considerou o argumento "estruturalista" menos refutável do que o "intecionalista". Ao que tudo indica, até aquele momento, ele também fazia parte do grupo de estudiosos caracterizados como “estruturalistas”. Visto que, apesar de buscar um diálogo entre as duas vertentes em suas obras, como poderei mostrar no capítulo posterior, houve uma proeminência de uma sob a outra. Nas suas obras, as forças sociais tiveram um peso muito maior para explicar Hitler do que o contrário.

Essa concepção de escrita, possivelmente, foi derivada, em parte, do período que Kershaw integrou o *Institut für Zeitgeschichte*, quando, em 1975, juntou-se ao *Bayern Projekt* de Martin Broszat. Foi a partir desse momento que o autor assumiu a tarefa de ser um pesquisador da história contemporânea alemã.

A partir daqui, pretendo identificar como o *campo intelectual* de Ian Kershaw teve impacto (s) na sua formulação sobre Adolf Hitler em suas obras anteriores à publicação da biografia *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*.

## CAPÍTULO II- A GESTAÇÃO DE UMA IMAGEM

O historiador, antes mesmo de exercer o seu ofício, a escrita da história, é o produto da história. Isso significa que o historiador é parte da história. O historiador, assim como quaisquer outros indivíduos, é um fenômeno social, “[...] tanto o produto como o porta-voz consciente ou inconsciente da sociedade à qual pertence; é nesta situação que ele aborda os fatos do passado histórico”.<sup>147</sup> Nesse sentido, na prática social combinatória de produzir a escrita da história e ser história, há um diálogo direto, contínuo e mútuo entre o historiador localizado no presente e os fatos do passado. É esse ponto de convergência que determina a visão do historiador sobre o passado que será materializada em sua obra, ou seja, na escrita da história.

Tenho como premissa que não poderei compreender uma obra, no caso a biografia *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, sem apreender o ponto de vista, em sua ancoragem social e histórica, que determinou a sua construção. Em vista disso, neste capítulo, investigarei suas demais produções que trataram sobre o Líder do Terceiro Reich, questionando-me como o indivíduo Hitler foi construído em cada escrita. *The Hitler Myth: Imagen and Reality in the Third Reich* (1983) e *Hitler: A Profile in Power* (1991), obras que Ian Kershaw direcionou a pensar de forma sistemática a figura de Hitler, serão os meios para compreender a primeira e última versões formuladas pelo autor anteriores à publicação da biografia.

Ao analisar suas obras, meu objetivo será, além de depreender como o ponto de vista do historiador determinou a sua abordagem sobre Hitler, identificar o processo de gestação da imagem cristalizada na biografia. As reflexões que Roger Chartier fez da categoria *representação* serão a base para justificar a forma como comproendo o que é a imagem de Hitler construída por meio da escrita historiográfica. Entendo imagem como uma representação construída historicamente, em espaço e tempo determinado, que tem como intencionalidade expressar uma realidade social. Neste caso, entendo que em sua narrativa, Kershaw construiu uma representação particular de Adolf Hitler.<sup>148</sup>

No capítulo busquei mapear o processo de construção da (s) imagem (s) de Hitler ao identificar as bases teóricas e metodológicas propostas pelo autor em trabalhos anteriores. Com isso, tenho meios de rastrear as bases de construção da personagem histórica de Adolf Hitler na biografia escrita por Ian Kershaw.

---

<sup>147</sup> CARR, Edward Hallet, **Que é história?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 58.

<sup>148</sup> Usarei a palavra retrato em alguns momentos como sinônimo de imagem. (CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações** Lisboa: Difel, 1990, pp.16 – 23).

## 2.1.O interesse por Hitler como objeto de pesquisa

*The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third Reich* foi lançado em 1987 e ganhou uma edição em 2001. O trabalho, com base nas palavras de Ian Kershaw, foi uma continuidade do que pode ser considerada a primeira pesquisa publicada do autor, na qual a moderna história da Alemanha tornou-se seu objeto de investigação, o livro *Der Hitler-Mythos* (1980). Uma mudança significativa, pois, até então, como visto no capítulo anteriormente, Kershaw havia apenas se dedicado ao tema da economia monástica na Inglaterra entre os séculos XIII e XIV.

Esse livro foi uma parte das pesquisas que o historiador concretizou quando participou do projeto de investigação pioneiro, *Bayern in der NS-Zeil*, realizado pelo *Institut für Zeitgeschichte* de Munique, tutelado por Martin Broszat.<sup>149</sup> O projeto proporcionou, inicialmente, a publicação de dois livros: o já mencionado *Der Hitler-Mythos* e *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich/Bavaria 1933-45*.

À época do projeto, apesar de não ser interesse principal, chamou a atenção de Kershaw a forma em que o líder nazista parecia figurar como um sólido elemento de consenso positivo, mesmo nas áreas em que a população era altamente crítica ao regime. Por isso, decidiu que parte do trabalho deveria explorar mais enfaticamente a transformação e o desenvolvimento da imagem do *Führer* em conjunto com as áreas dissidentes que o haviam interessado a princípio. Isto é, um estudo geral que abordasse tanto a atitude presente na aclamação popular quanto nas vozes de discordância.

Nesse quesito, a figura de Broszat foi de impactante relevância, visto que o entusiasmo do historiador alemão com rumo da pesquisa de Kershaw, levou “a desenvolver minhas descobertas em um livro que abordasse especificamente o tema do mito Hitler”.<sup>150</sup> Em *Der Hitler-Mythos*, Kershaw intencionou trazer uma contribuição para a compreensão da dinâmica de dominação nacionalista ao examinar o modo como “pessoas comuns” viam o líder do Terceiro Reich, tendo como suporte de análise os informes sobre a opinião popular recolhida por agentes do regime em numerosas instâncias.

No entendimento de Ian Kershaw, desde então, o seu interesse havia se direcionado mais para imagem popular construída do que para o próprio Hitler, marcando, assim, o começo de

---

<sup>149</sup> *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich: Bavaria 1933-1945* foi fruto da sua experiência no *Institut für Zeitgeschichte* de Munique – berço de uma vasta e relevante produção nas Áreas de Ciências Sociais, com um enfoque interdisciplinar e ênfase para o século XX –, no qual o autor inglês fez parte durante o seu processo formativo. Projeto esse que, como dito, será objeto de análise no próximo capítulo.

<sup>150</sup> KERSHAW, Ian. *The 'Hitler myth': image and reality in the Third Reich*. Oxford: Clarendon P., 1987, p. VIII.

uma trajetória que o conduziu, nas décadas seguintes, para “ainda mais perto do próprio ditador”.<sup>151</sup>

Com *Der Hitler-Mythos*, que, para surpresa de Kershaw, foi “amavelmente acolhido de forma muito especial pela Alemanha”, a Oxford University demonstrou interesse em publicar uma edição inglesa.<sup>152</sup> O convite, momentaneamente, gerou dúvidas, pois, nas palavras do próprio autor, fracassou na preparação do material das investigações bávaras para ser publicado, também, pela Oxford University Press. Posteriormente, “o fracasso da preparação” tornou-se o livro *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich/Bavaria 1933-45*, publicado em 1983. Neste, o autor trouxe como resultado diversos aspectos da opinião popular da Baviera, principalmente da dimensão política, no período de 1933 a 1945, ao averiguar a conduta de dissensões entre o campesinato, a classe trabalhadora industrial e a população católica e evangélica, assim como as atitudes ante a repercussão e extermínio dos judeus.

*The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third*, de acordo com Kershaw, foi derivado de uma incompletude e de excessos. A seu ver, precisava diminuir a centralidade de temas referentes à Baviera presentes nas obras anteriores. Logo, havia a necessidade de realizar novas investigações para incorporar materiais de outras regiões do Terceiro Reich. E, o mais importante, deveria incluir um capítulo para questionar o lugar que ocupava o antisemitismo na imagem popular de Hitler.

O livro, publicado em 1987 pela Oxford University Press, ganhou repercussão positiva entre os críticos, definido como “contribuição valiosa”, “uma obra de tamanha importância que sua publicação em inglês é apenas motivo de satisfação”,<sup>153</sup> além de ter sido traduzido para vários idiomas, inclusive, o alemão.<sup>154</sup>

Posto isso, podemos presumir que em *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third* foi um dos primeiros momentos em que Ian Kershaw formulou, publicamente, uma imagem de Adolf Hitler. Mesmo sem poder afirmar de antemão que ali foi o rascunho inicial para a imagem sistematizada na biografia lançada anos depois, não podemos perder de vista a possibilidade de investigar como o historiador, ainda na década de 1980, no início da sua empreitada como estudioso da história alemã, pensava, ou melhor, desenvolveu a sua versão de Hitler.

---

<sup>151</sup> Idem, p. viii.

<sup>152</sup> Idem, p. vii.

<sup>153</sup> GEARY, D.. Review Article: Image and Reality in Hitler’s Germany. *European History Quarterly*, 1989, pp. 385–390.

<sup>154</sup> Por não ter ganhado versão para o português, em todo o capítulo, trabalhei com o texto no original e as traduções são de minha autoria e revisão de Luis Emundo de Souza Moraes.

## 2.2. As bases para a construção da primeira imagem do líder do Terceiro Reich

*The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third* foi composto por uma introdução, nove capítulos, conclusão e elementos pré-textuais, subdivididos em três partes. Assim como no título da obra e na grande maioria dos capítulos, os nomes das partes tiveram como onipresente o termo mito, a saber: a criação do mito de Hitler, 1920-1940; a queda do mito de Hitler, 1940-1945; o mito de Hitler e o caminho do genocídio. Antes mesmo de enveredar pela leitura, ainda no sumário, podemos identificar como demarcadores a delimitação temporal (1920 a 1945) e a concepção de *mito de Hitler* como norteadores da análise.

Questionamentos, críticas e desconstrução movem a escrita da obra. A partir da constatação de que Hitler e o Regime nazista, em termo de popularidade, foram duas coisas distintas, em que o apoio ao partido jamais se aproximou da aclamação que seu líder causava. Isso fez com que Hitler fosse visto como “uma força integradora crucial no sistema do governo nazi”. Já que seria impossível imaginar o nível de aceitação que o partido ganhou sem a “enorme popularidade pessoal de Hitler”.<sup>155</sup>

Em vista disso, examinar a popularidade do *Führer*, para Kershaw, tornou-se um elemento fundamental para compreensão do funcionamento do próprio Terceiro Reich, existindo a necessidade de encontrar as fontes de sua popularidade. Isso implicou não na formulação de quem realmente foi o *Führer* do governo nazista – o que poderia dar um caráter normativo para a obra. Somos apresentados a uma investigação do processo de construção do mito de Hitler através de duas percepções da(s) imagem(s) construídas pela propaganda e parte do povo alemão.

Essa proposta foi, como destacado na introdução da obra, um contraponto aos exames biográficos que se dedicaram em detalhar a vida e a personalidade de Hitler.<sup>156</sup> Para o crivo do autor, as narrativas biográficas sobre Hitler, até aquele momento, não conseguiram responder à pergunta que justificou a escrita *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third*, ou seja, as biografias não deram conta de explicar “o extraordinário magnetismo do seu atrativo popular”.<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup>KERSHAW, Ian. *The 'Hitler myth': image and reality in the Third Reich*. Oxford: Clarendon P., I987, p. 1.

<sup>156</sup> Nomeados um por um na nota de rodapé três.

<sup>157</sup>Idem, p. 1-2.

O conceito de autoridade carismática, do sociólogo Max Weber, teve uma função dupla durante todo o texto.<sup>158</sup> A primeira função foi a de ser a base teórica que conduziu e estruturou a análise. A segunda foi de questionar o uso do conceito feito pela historiografia. Segundo Kershaw, numerosos e destacados historiadores acionaram – e com êxitos – o conceito para pensar as relações de Hitler e seus paladinos com sua posição no seio do movimento. Para Kershaw, uma apropriação indevida, isso porque Weber observou o conceito em uma sociedade “‘primitiva’, por meio do seu ‘séquito’ carismático incluindo os guardas, os discípulos ou os agentes próximos ao dirigente”.<sup>159</sup>

Na leitura de Kershaw, até a publicação de *The “Hitler Myth”*, não houve um interesse em esmiuçar as implicações da relação de Hitler com a população alemã. Não fazer esse exercício de análise em uma sociedade de comunicação e política de massa, tornava-se, para ele, desperdício analítico. A meu ver, o conceito weberiano, tanto na formulação quanto na crítica da sua apropriação como campo de análise, foi o que permitiu Kershaw direcionar sua investigação à opinião pública como meio para compreender aquele que foi, durante o Terceiro Reich, o seu representante. Isso porque, o autor, diferente vertente historiográfica que dava mais ênfase na análise da pessoa Hitler, deslocou sua investigação para a forma como ele foi percebido pelas pessoas e da relação que se estabeleceu a partir dessa percepção.

Dois materiais foram os pilares que o historiador utilizou para buscar compreender a popularidade que o *Führer* adquiriu. Um, como era de se imaginar, foi a opinião dos “homens comuns”. Para isso, teve como investigação duas categorias de fontes: 1) os inúmeros informes confidenciais internos sobre a opinião produzidos periodicamente por funcionários do governo alemão, da administração de justiça, da polícia, dos organismos do partido nazi e do Serviço de Segurança (SD); 2) os relatórios detalhados que vazaram da Alemanha para o exterior e chegaram à posse de oponentes do regime nazista, especialmente aqueles fornecidos à liderança

---

<sup>158</sup>Segundo o sociólogo Max Weber, o detentor de carisma encarrega-se das tarefas que considera adequada e reivindica obediência e adesão em decorrência de sua missão. Para deter essa obediência e adesão, o líder carismático está diretamente dependente de êxitos. Além disso, ainda de acordo com Weber, caso não reconheçam sua missão, sua exigência torna-se fracassada. No caso do reconhecimento, “é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante ‘provas’. Mas, neste caso, não deduz seu ‘direito’ da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismáticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão”. Nesse tipo de dominação, não há necessidade de competência profissional para que o líder exerça poder. O que torna esse tipo de dominação a mais instável, pois, de uma hora para outra, os súditos podem perder o encanto pelo líder carismático. Nas palavras de Weber, “a existência da autoridade carismática, de acordo com sua natureza, é especificamente lâbil”. Neste caso, o portador pode perder o carisma. Logo, isso significa que sua missão está extinta, e a esperança colocada nele é direcionada a outro portador. (WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia comprensiva**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009, vol. 1, pp. 324-326).

<sup>159</sup>KERSHAW, Ian, I987, p. 9.

do Partido Social-Democrata Alemão (conhecido, à época, por Sopade) no exílio. O segundo material foi a propaganda, ou melhor, o aparelho de propaganda nazista.

O trato com as fontes foi ditado por um olhar crítico em relação à constituição dos informes – tanto os internos quanto os externos, atentando-se para os problemas presentes nessas fontes para a reconstituição do conceito popular de Hitler.

No caso dos informes internos, o primeiro problema referiu-se ao fato de que as pessoas eram precavidas em realizar comentários depreciativos sobre o *Führer*. Outro filtro era dos próprios compiladores dos informes em amenizar as críticas em decorrência do medo de ofender os seus superiores.<sup>160</sup> Já nos externos, identificou que o conteúdo representava o oposto dos apresentados nos informes internos do regime. Os informadores do Sopade estavam mais preocupados em captar expressões do sentimento antinazista entre o operariado, o que não era tão difícil de achar no terreno de sua atuação.

Os dilemas apresentados nas duas concepções de uma mesma categoria de material, os informes, foram contornados por Kershaw por meio do confronto das duas instâncias informadoras. Outra operalização foi o de comparar as oscilações de conteúdo com os acontecimentos favoráveis e contrários a figura do *Führer*. Em linhas gerais, os informes internos e externos, na concepção do autor, apesar do caráter e perspectivas diferentes, confirmavam o quadro geral que se poderia obter da imagem de Hitler e de seu impacto.

A propaganda, apesar de Ian Kershaw ter dado destaque a questão da opinião popular, foi o tema que mais perpassou a narrativa. Aliás, a propaganda foi um pano de fundo. Quem realmente foi o protagonista da obra foi o ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, e seu diário.

Na leitura da obra, não foi difícil perceber a quantidade de citações e referências a Goebbels em sua obra. Tanto que a primeira epígrafe do livro foi a de Goebbels. Considero que essa apropriação teve uma justificativa, mas do que saber qual era a opinião popular sobre Hitler, o que motivou a escrita foi a necessidade de mostrar como sua imagem de liderança foi construída. Em outros termos: como a liderança carismática de Hitler foi forjada por meio do sistema de propaganda criado por Joseph Goebbels.

Por isso, talvez, a escolha de Kershaw em usar o termo “o mito de Hitler” ao invés de “o mito Hitler”, assim como o grande destaque dado ao ministro. Visto que, na concepção do historiador, ao assimilar uma fala do próprio Goebbels, o mito do *Führer* havia sido o maior feito realizado pelo “**maestro** das novas técnicas de propaganda”.<sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> KERSHAW, Ian, 1987, p. 7.

<sup>161</sup> Idem, p 4. (grifo meu).

Até aqui, mapeei o que considerei o arcabouço teórico e metodológico que Kershaw utilizou para sistematizar a sua imagem de Hitler. Agora, resta-me saber qual imagem foi essa.

### 2.3. Os caminhos para a construção da primeira imagem

A primeira etapa da construção da imagem iniciou-se na busca em mostrar como a ideia de liderança heroica era um elemento significativo para a direita nacionalista e o *völkisch*<sup>162</sup> antes mesmo da existência de Adolf Hitler.<sup>163</sup> Por isso, Kershaw informou como as forças políticas, psicológicas e pseudorreligiosas contribuíram para configurar a ideia desse tipo de liderança dentro das correntes ideológicas da sociedade alemã. A retrospectiva da ideia de liderança funcionou para mostrar que o modelo de como deveria ser um líder já estava formulado e que gradualmente Hitler foi se adaptando a essa imagem, tendo com suporte, principalmente, o aparato do partido nazista.

Em seguida, tratou-se sobre a aceitação do mito de Hitler no seio do partido, “[...] em primeiro lugar, por um núcleo duro de fanáticos do partido, em segundo lugar, por um crescente número de membros, e, em terceiro lugar, antes de 1933, por um terço, aproximadamente, da população que votava nos nazis”.<sup>164</sup> Isto é, Kershaw abordou sobre o perfil da imagem que Hitler ganhou entre alguns dos setores não nazistas da população nos primeiros anos após a tomada de poder, em 1933.

Categoricamente, o partido nazista foi o local em que o culto a sua imagem se iniciou ainda em 1920. No entanto, só em 1923 que o próprio Hitler começou a desempenhar o papel de liderança, o que marcou a sua transição “de ‘arauto’ a ‘Führer’”.<sup>165</sup>

Isso nos indica que o mito do *Führer* foi, primeiramente, institucionalizado entre os seus seguidores. Isso porque “a deliberada construção do mito do *Führer* nos anos que seguiram a

---

<sup>162</sup> O conceito de *Völk*, normalmente, na língua portuguesa é associado a ideia de “nação” ou “povo”. Essa associação, para Luis Edmundo de Souza Moraes, produz confusões. Segundo o historiador, “Volk define pertencimento a um grupo de descendência, ainda que seja normalmente visto e/ou traduzido entre nós como alhures por “nação” ou “povo”. Isto dá a ele, equivocadamente, uma dimensão eminentemente política pelo vínculo que estes termos da língua portuguesa têm com a figura do Estado”. Para ele, Volk é “um conceito que expressa pertencimento por herança e pela partilha de determinados atributos considerados definidores do grupo”. Já o adjetivo *völkisch*, derivado da palavra *Völk*, comumente traduzido para o português como “popular”, refere-se, “a um tipo de projeto político nacionalista de extrema-direita assentado sobre o pensamento racista, em especial o antisemitismo”. (MORAES, Luís Edmundo de Souza. Os Nacionalismos Alemães: do Liberalismo ao Nacionalismo Excludente. In: A experiência nacional: identidades e conceitos de nação da África, Ásia, Europa e nas Américas. LIMONIC, Flávio, MARTINHO, Francisco Carlos Palomares (org.) - 1o ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, pp. 2-18).

<sup>163</sup>KERSHAW, Ian., 1987, p. 15.

<sup>164</sup>Idem, p. 21.

<sup>165</sup>KERSHAW, Ian, 1987, p. 24.

refundação do partido teve a função de compensar a ausência de unidade e claridade ideológica no seio das diferentes facções do movimento nazi”.<sup>166</sup> Nesse sentido, o mito de Hitler tinha um significado funcional, ou seja, de ser um elemento estabilizador e integrador.

Kershaw, para comprovar essa funcionalidade, destacou a atitude de Otto Strasser – chefe de organização do partido e homem pouco próximo e até mesmo bastante crítico a Hitler – de reconhecer o valor do mito e de contribuir para sua consolidação. Com a aceitação do *Führer* no seio do partido e do próprio Hitler, foi-se, vagarosamente, a partir de seu culto, expandindo para outros setores da população – em que Hitler estava longe de ser a lendária figura que mais tarde haveria de se converter.

O historiador abriu um parêntese nessa construção crescente e positiva de Hitler entre os seus para salientar, não à toa, “as imagens contrárias que se percebiam nos três bloqueios ideológicos rivais da esquerda socialista e comunista, o catolicismo político, e da direita nacionalista burguesa e conservadora”.<sup>167</sup> O autor dedicou algumas páginas para detalhar as imagens negativas e de resistência a figura de Hitler entre a esquerda e os católicos, mostrando que o seu culto carecia de impacto nesses setores. No entanto, entre a direita nacional-conservadora “seu extremado nacionalismo e seu antimarxismo raivoso eram vistos como atributos muito positivo, e seus talentos demagógicos foram unidos a esperança de que pudesse apartar as massas do socialismo”.<sup>168</sup> Enquanto a imprensa católica e de esquerda desempenhou o papel de oposição, a imprensa de direita não nazista adquiriu a tendência mais favorável a Hitler.

O tema da propaganda ganhou força na narrativa por ser um elemento decisivo para compreender as campanhas eleitorais de 1932, em que o culto ao *Führer* alcançou a sensação de uma massificação por meio da imprensa nazista, que se encontrava em rápida expansão.

[...] o líder da NSDAP, que antes do período 1929-1930 era ainda um homem relativamente desconhecido no âmbito da política nacional, foi capaz de concentrar mais de três milhões de votos – bastante mais de um terço total dos sufrágios emitidos – a surgir como um candidato comparável à de um vencedor, e venerado marechal da Primeira Guerra Mundial que havia obtido o respaldo de todos os principais partidos, deixando de um lado o NSDAP e o KPD. O impacto visual da propaganda nazi foi surpreendente. [...] Hitler chegou as massas como não havia chegado a elas nenhum político alemão.<sup>169</sup>

---

<sup>166</sup> Idem, p. 26.

<sup>167</sup> Idem, p. 31.

<sup>168</sup>Idem, p. 37.

<sup>169</sup>Idem, p 4, p. 41.

No entanto, por exemplo, isso não significou em ganhos de votos. Mais do que isso, Hitler não era uma figura unanime, até mesmo para os membros do partido, ao considerar que ele não possuía as necessárias qualidades e capacidade para o cargo de presidente do Reich.

A junção da fadiga das eleições de 1932 com as dificuldades internas enfrentadas no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – NSDAP constituíram uma prova “para o ‘carismático’ atrativo de Hitler”. Com as palavras de Ian Kershaw, “este período crítico para Hitler indica até que ponto seu artificial ‘carisma’ dependia de fatores conjunturais, o grau de fragilidade que poderia ter, e o fato de que só um êxito recorrente poderia garantir sua vitalidade”.<sup>170</sup> Portanto, Hitler não tinha, até aquele momento, qualquer *status* de líder.

Nesse sentido, ao menos três fatores gerais foram acionados por Kershaw para explicar como o culto ao *Führer* estendeu sua força em um tempo relativamente curto a amplos setores da população, até chegar na grande maioria dos alemães: 1) a grande sensação de que o sistema político e de liderança de Weimar estava completamente derrotado; 2) a aparente dominação interna daqueles que o julgaram apenas como um iniciante agitador das massas; 3) Hitler personificava um consenso ideológico extenso e estabelecido que também era compartilhado pela maioria daqueles que não haviam pertencido ao partido nazista, com exceção da esquerda.

Foi tarefa da propaganda fazer a conversão da imagem de Hitler. No decorrer, o autor, basicamente, narrou o processo de criação realizado pela propaganda de Joseph Goebbels, da imagem de Hitler em um líder digno de culto. Boa parte da narrativa foi para mostrar a tentativa da propaganda de sugerir ao povo que com Hitler a Alemanha estaria assistindo ao amanhecer de uma nova era, que só com ele era possível romper com a paralisação das administrações anteriores. O líder do partido era pintado como o último baluarte contra a ameaça comunista, a última esperança do campesinato e dos trabalhadores e como o bastião da religião cristã.

Em meio à apresentação do processo construtivo da imagem pela propaganda, Kershaw informou que, no início de 1933, Hitler estava longe de ser o *Führer* da população alemã – pelo menos para um terço dela. A ele apenas era direcionado um genérico respeito que se outorgava ao titular do cargo de chanceler. No entanto, um elemento de ódio foi importante para o aumento da sua popularidade, que já era presente e crescente entre amplos meios da classe média e círculos conservadores. A exploração do antigo ódio ao socialismo e ao comunismo, alcançada por meio da onda de terror desencadeada contra a esquerda, deu à Hitler uma rápida popularidade, até entre os votantes católicos.

---

<sup>170</sup>Idem, p. 45.

Mesmo com a brutalidade e a repressão em nome da “paz e ordem”, “os nazis seguiam sendo incapazes de irromper de forma decisiva nos baluartes eleitorais da esquerda e do catolicismo político”.<sup>171</sup> Ao mesmo tempo, nas eleições, os setores mais pobres da população mostravam-se mais receptivos ao atrativo e crescente mito de Hitler. Isso porque

Parece seguro que, na época das eleições, a popularidade pessoal de Hitler era muito maior que a popularidade do NSDAP. Sem embargo, somente após as eleições aconteceu um aumento acentuado no gráfico da popularidade de Hitler, um aumento que ocorreu, em primeiro lugar, quando a paisagem política da Alemanha foi fundamentalmente transformada e, em segundo lugar, paralelamente a isso, com o começo da mudança da imagem do líder partidário para líder nacional.<sup>172</sup>

A partir da constatação do crescimento da popularidade pessoal de Hitler, em oposto ao que acontecia com o partido, Ian Kershaw passou a dedicar o texto ao que ele definiu como maquinário propagandístico. O efeito teatral das cerimônias, a criação de uma atmosfera de intimidação e confiança, a censura à imprensa e a ameaça de coerção foram temas trazidos à tona para mostrar que esses mecanismos indicavam que a única imagem pública que ia permanecer de Hitler era a difundida por Goebbels e outros provedores da propaganda oficial. Por isso, a necessidade de, a todo momento, o autor reforçar que sempre existiu uma construção, um falseamento, uma teatralização de uma imagem idealizada, em boa parte por Goebbels, e disseminada pelo aparato da propaganda e forçada – literalmente – a ser um consenso de liderança para o povo alemão.

Para além, por meios dos informes, principalmente entre as opiniões dissidentes e pela falta de adesão completa no partido, houve a constatação que “nem pela retórica, nem pela coerção teriam sido muito eficazes no processo de construção da imagem de Hitler se não fosse pelo que já então pareciam ser sucessos notáveis do governo do Reich”.<sup>173</sup> Uma vez que o que contribuiu para a configuração do mito de Hitler durante esse período foi a recente e progressiva confiança na economia e nas autênticas melhorias, mesmo que modestas. O importante, além de bem utilizado pela propaganda, foi o sentimento de que as coisas estavam melhorando. A propaganda personificava e atribuía à Hitler as mudanças positivas, e, lentamente, foi se criando essa percepção na mentalidade popular.

O começo da nova etapa da elaboração do prestígio de Hitler pode ser medido, apesar da fragilidade do processo eleitoral, com o resultado de 90% no plebiscito a favor do Reichstag,

---

<sup>171</sup>Idem, p. 53.

<sup>172</sup>Idem.

<sup>173</sup>Idem, p. 61.

o que correspondia um inegável êxito de Hitler. Não muito depois, na segunda comemoração do seu aniversário, após sua chegada no poder, o culto ao *Führer* estava estabelecido com relativa firmeza. Porém, essa aceitação estava diretamente ligada aos êxitos, principalmente em relação à economia.

Em 1934, passado o entusiasmo inicial do verão anterior, os informes indicavam que, entre os campesinos, em alguns setores da classe média-baixa, entre os trabalhadores industriais e milhões de pessoas que seguiam desempregadas, crescia a percepção que a realidade econômica do Terceiro Reich era incompatível com aquela disseminada pela propaganda. Isso gerava, de acordo com apuração de Kershaw, “o estado de ânimo também se punha contra ‘o *führer*, cuja artificial glorificação começava a decair”’. Em contrapartida, outros informes seguiam sinalizando “uma extraordinária adulação popular que tinha Hitler, adulação que alcançava as classes trabalhadoras”.<sup>174</sup>

No decorrer de vinte e cinco páginas, além da característica de interpolar o tema da construção da edificação do culto do *Führer* e a resistência a mesma, três elementos se destacaram: 1) o novo atributo a imagem de Hitler como símbolo da nação, em decorrência da sua política externa; 2) a imagem falseada que Goebbels construiu para Hitler, em que o sucesso dela foi derivado do próprio culto que o ministro da propaganda tinha pelo *Führer*; 3) o momento que o próprio Hitler se converteu em uma vítima do mito de Hitler, isto é, quando ele acreditou no seu próprio mito.

A partir de 1936, Hitler, como era perceptível em seus discursos e na memória de membros do partido, sinalizava uma mudança na sua autoimagem, passando a se ver nos mesmos termos que Goebbels e outros que o divulgavam. A ideia de ser messiânico, o escolhido, a relação mística com a “Providencia” e a certeza da infalibilidade, desde então, faziam parte da sua crença sobre si mesmo. Hitler se converteu ao mito de *Führer*, portanto tornou-se uma vítima da propaganda nazista. E isso significava, para Kershaw, o seu próprio fim, ou melhor, “no dia que Hitler começou a crer no seu próprio ‘mito’ apontou em certo sentido o princípio do fim do Terceiro Reich”.<sup>175</sup>

Dando prosseguimento à obra, resumidamente, o tema da popularidade de Hitler e a impopularidade do partido foram abordados. Para isso, ao contrário do que era presente na narrativa, a propaganda ganhou *status* de segundo plano, pois o processo de elaboração do mito de Hitler deu espaço para a articulação da opinião no plano local.

---

<sup>174</sup>Idem, p. 64-65.

<sup>175</sup> Idem, p. 82.

O caso Röhn, – o massacre de seus ex-aliados, dentre eles, capitão Ernst Röhm, organizador da tropa de assalto SA, no episódio que ficou conhecido como a “Noite dos Longos Punhais” – foi destacado por Kershaw como uma situação determinante para compreender como era possível a popularidade de Hitler aumentar, enquanto a impopularidade da cúpula do partido simultaneamente crescia. O caso em si não foi abordado, e sim a percepção que gerou, principalmente, entre as opiniões dissidentes.

O exercício proposto pelo autor serviu para mostrar “que existia uma notável discrepância entre o significado político real dos acontecimentos de 30 de junho de 1934 e a ignorância da população a respeito do que verdadeiramente estava tramando, o que conduziu a uma interpretação completamente errônea da purgar”.<sup>176</sup> O assassinato de membros da SA, em decorrência do medo de um golpe militar, foi visto e explorado de modo a apresentar Hitler como sendo o defensor das normas morais ao condenar a corrupção e a homossexualidade, como o representante da normalidade e paz, valores em consonância com a aceitação comum. Embora um ou outro informe da Sopade criticasse o massacre realizado, a atitude de Hitler foi bem recebida, o que reforçava, cada vez mais, a discrepancia entre a imagem do partido nazista e a imagem popular do *Führer*.

Essa discrepancia, além de sugerir que o mito de *Führer* desempenhava uma função compensatória no Terceiro Reich, mostrava a incapacidade do partido de conseguir uma integração política real, dado que

[...] atrás da “conspiração Röhm”, Hitler conseguiu reforçar sua própria posição popular e com ela a do mesmo regime, e conseguiu, explorando os “sentimentos saudáveis do povo” e apelando para um senso convencionalmente rude de moralidade e ordem, para integrar a população e criar nela laços de maior identificação com o Führer, mesmo à custa dos membros do movimento próprio. O caso constituiu um êxito de propaganda *par excellence*.<sup>177</sup>

Outra questão abordada para justificar a discrepancia entre as imagens de Hitler e o partido nos primeiros anos do Terceiro Reich foi o mapeamento da maneira que os dirigentes locais do partido, ou, como ele definiu, “os pequenos Hitlers” eram vistos em partes da Alemanha, principalmente na Baviera. Em quase todos os informes, mesmo com algumas diferenças, a predominância era de críticas aos funcionários de partido em decorrências das mazelas que atingiam a população, o mesmo não ocorria em relação à figura de Hitler. Isso porque,

---

<sup>176</sup>Idem, p. 87.

<sup>177</sup>Idem, p. 95.

Em certo sentido, os funcionários do partido estavam colhendo o preconceito contra os políticos e os "figurões" locais que eles próprios ajudaram a semear e tiveram que lidar com a insatisfação diária e a discórdia que surgiram em reação. Pelo desapontamento das esperanças utópicas no Terceiro Reich que eles estimularam. Os 'pequenos Hitlers', estando na linha de frente da arena local, tiveram que suportar o peso do descontentamento. Em nítido contraste, o mito de Hitler - que, em parte, era claramente um mecanismo subconsciente para compensar a escassez perceptível da "vida diária" durante o Terceiro Reich – ficou à margem de dissensões, em um plano elevado e intocável.<sup>178</sup>

O que isso significava na prática? Na concepção do autor, a polarização das imagens do *Führer* e do partido, que desde o início já existia, com o tempo, foi se tornando ainda mais acentuada, principalmente no seio da população, e o próprio Hitler era consciente do contraste entre sua própria popularidade e a impopularidade do partido.

Apesar de poucas páginas, o tema das igrejas (católica e protestante) teve importância central no livro. Obviamente, não por acaso, pois “o exemplo mais óbvio de uma disputa ideológica acirrada no Terceiro Reich é fornecido pelo confronto do regime nazista com as principais denominações cristãs”.<sup>179</sup> Nesse sentido, Kershaw buscou examinar a configuração do mito de Hitler em um ambiente de graves e prolongados conflitos em que os representantes mais proeminentes das igrejas tiveram uma influência substancial na formação da opinião dessa importante parcela da população.

A argumentação foi desenvolvida em três momentos. No primeiro, mostrar que a expectativa de uma liderança heroica era um sentimento latente há tempos, principalmente entre escritores e teólogos do *völkisch* e nacional-conservadores. Assim como Hitler ter se apropriado desse imaginário ao compreender que a dimensão religiosa era um poderoso componente para o mito do *Führer*. Uma prova disso foi sua retórica messiânica durante os discursos pós tomada de poder, em uma tentativa de processo de conversão. Uma digressão importante feita pelo autor foi o de reforçar que Goebbels foi um dos responsáveis por construir essa áurea religiosa em torno de Hitler e como ele mesmo foi vítima de sua criação. Ou seja, Goebbels se tornou um devoto também do messianismo de Hitler.

No segundo momento, destacou o fato de homens proeminentes da igreja, alguns dos quais não foram conquistados para o nacional-socialismo, pareceram se convencer de que Hitler tinha um caráter profundamente religioso. Tal acontecimento, em muito, era derivado da capacidade de Hitler de fingir, mesmo na frente de líderes da igreja potencialmente críticos, uma imagem de um líder ansioso por apoiar e proteger a cristandade. Para alguns, foi um

---

<sup>178</sup>Idem, p. 97.

<sup>179</sup>Idem, p. 87.

elemento crucial para que membros influentes das duas religiões principais transmitissem essa imagem ao público praticante. Por consequência,

[...] os cristãos praticantes, muitas vezes encorajados por seus "líderes de opinião" nas hierarquias da igreja, estavam dispostos a excluir Hitler quando condenavam a ideologia ateísta nazista e os radicais anticristãos do partido, bem como a continuar a ver nele a última esperança de ser capaz de proteger a cristandade do bolchevismo incrédulo.<sup>180</sup>

No entanto, nos pronunciamentos públicos dos clérigos, foi possível identificar uma ambivalência em relação ao nazismo. Nas instituições que se encontravam submetidas a um ataque direto por parte dos nazistas, existia uma atitude de desafio, resistência e hesitação. Nas demais, buscava-se um certo grau de acomodação e um *modus vivendi*.

Kershaw apresentou o que ele definiu como sendo “a luta contra igreja”, ou seja, diversos ataques orquestrados contra as igrejas, principalmente contra as alas dos clérigos radicais. O autor foi pontuando casos de represálias contra aqueles que, de alguma maneira, se colocavam críticos ao regime. E pode-se, assim, concluir que as provas indicavam que a “luta contra a igreja” estimulou um elevado grau de hostilidade ao partido e ao regime nazista, mas, ao contrário do que se poderia imaginar, não teve um impacto negativo na imagem de Hitler.

Como foi verificado em outras áreas, apesar de aparecer informes críticos a Hitler e de ter um pouco da sua popularidade afetada, a discrepância entre a exaltação do *Führer* e o desprezo ao partido também era presente em uma importante fonte de dissidência do Terceiro Reich, as igrejas católicas e protestantes. Essa blindagem à popularidade de Hitler em diferentes ancoragens significava que, “como Max Weber apontou, as bases do poder carismático residem principalmente fora da esfera da vida cotidiana”.<sup>181</sup>

Até aqui, como visto, o foco narrativo deu-se em virtude da construção do mito de Hitler. Somos paulatinamente informados que existia uma diferença de aceitação do partido e seus membros e o *Führer* entre a população alemã. Isso porque, como bem mostrou Kershaw, Hitler estava à parte dos conflitos políticos cotidianos, o que tirava de si a responsabilidade deles.

Ao prosseguir, a narrativa direcionou-se a pensar Hitler fora desse campo político cotidiano, isto é, como o orquestrador da política externa do Terceiro Reich, a partir de duas constatações: 1) a da função compensatória da política exterior no culto a Hitler; 2) de como a percepção, ou melhor, a aceitação ou rejeição ao culto estava associada aos êxitos da política exterior praticada por Hitler.

---

<sup>180</sup> Idem, p. 109.

<sup>181</sup> Idem, p. 120.

Quatro eixos temáticos são mobilizados para ratificar as constatações. Primeiro, o temor da população alemã em relação a uma possível nova guerra, e como Hitler e a propaganda se adaptaram a essa realidade criando a imagem de um líder da paz. Segundo, os êxitos de Hitler entre 1936 e 1938 sem o derramamento de sangue, dentre eles a ocupação da Renânia e da Áustria, estabelecendo uma nova base de confiança no seu gênio como estadista. Isso, de alguma forma, apesar das oscilações em relação à popularidade, mantinha o culto a Hitler salvaguardado, reconhecido até nos informes da Sopade. O terceiro foi a demarcação do início do declínio do culto quando Hitler começou a romper com a imagem enganosa de homem da paz, pois o pavor ante um novo conflito superava o fervor nacionalista e a determinação de seguir cegamente ao *Führer* criado por Goebbels. Por fim, quando o líder do regime nazista passou a direcionar sua política externa para a guerra.

Esse caminho permitiu que Kershaw demonstrasse a existência de condições subjacentes e limites para o mito do *Führer*, como a “psicose de guerra” que assombrava boa parte da população. Essa condição foi determinante tanto para o auge – o líder que conseguiu êxitos sem derramamento de sangue – quanto para a posterior declínio do mito de Hitler. A confiança no *Führer* dependia em considerável medida na sua capacidade de evitar uma guerra.

No entanto, na concepção do historiador, para o mito de *Führer* estar completo, faltava a incorporação de uma característica: o gênio militar. Com o começo da guerra, “a imagem de Hitler como supremo líder de guerra e estrategista militar chegou a dominar o resto dos componentes do mito do *führer*”.<sup>182</sup> Nos primeiros anos de guerra, entre 1940 e 1941, Hitler viveu o auge do seu mito, a ponto de colocar “quase toda Europa sob seu mando”.<sup>183</sup>

Kershaw dedicou vinte duas páginas para tratar desses anos iniciais guerra, assim como para mostrar que o antagonismo da imagem do *Führer* e do partido havia ficado ainda mais em destaque. Por meio de um entrecruzamento de pontuações dos êxitos e de como eram compreendidos pela população, o texto formulou o que posso definir como uma pequena síntese de Hitler nesse período, na verdade uma pequena síntese da sua popularidade entre 1939 e 1941.

O extraordinário prestígio popular de Hitler, obtido nos anos de paz, foi mantido durante a primeira fase da guerra. Pelo que Kershaw indicou, foi ainda mais elevado pelo efeito da série quase impossível de vitórias militares alcançadas com perdas e sacrifícios mínimos, e devido à expectativa de que um fim iminente e glorioso para a guerra fosse alcançado. Mesmo os sucessos iniciais das campanhas orientais e os reveses militares do primeiro inverno na Rússia sinalizarem o fim do “clima ensolarado de Hitler”, as vitórias relativamente fáceis foram sua

---

<sup>182</sup> Idem, p. 151.

<sup>183</sup> Idem, p. 152.

pedra angular, pois, apesar de consolidar o mito do *Führer*, foi o início de uma espiral decrescente de sua popularidade.

No livro, o período que compreendeu o começo da campanha russa, em 22 de junho de 1942, até a derrota alemã no Stalingrado, em finais de janeiro de 1943, foi considerado determinante para uma mudança decisiva no curso da guerra e, concomitantemente, para o declínio do mito de Hitler. Nesse sentido, ao narrar sobre esse período, percebo dois movimentos do autor: destacar as frustrações da população com os rumos das aventuras militares da Alemanha e mostrar como o mito de Hitler não se capitulou rapidamente, ou seja, mesmo com revés, ainda conservava intensidade e potência.

Em um exercício de interpolar, no decorrer de trinta e sete páginas, os fracassos do líder nazista e a opinião pública da população, Kershaw buscou responder à pergunta de como era possível o mito de Hitler ainda ser presente. A resposta foi sendo construída por uma série de afirmações de como a propaganda foi um elemento chave para conseguir manter uma imagem de Hitler que era incompatível com a realidade. Isso porque, nas palavras do historiador, “[...] propaganda nazista teve grande sucesso em incutir em vastos setores da população o medo do que uma nova derrota traria”,<sup>184</sup> fazendo com que a confiança na infalibilidade de Hitler fosse necessária. No entanto, com o perdurar da guerra, começou a ter um atrito entre a imagem criada por Goebbels e a forma que Hitler passou a ser visto, tanto pela população quanto pelo alto escalão do partido. A saber,

Sem novos triunfos a proclamar, ele aparecia cada vez menos em público, raramente fazendo discursos. O *Führer* não estava mais presente entre seu povo. Cada vez mais ele desempenhava o papel de um *deus ex machina*, aparecendo de vez em quando em Berlim ou Munique, mas, na maioria das ocasiões, como um distante senhor da guerra engajado na direção de assuntos militares em lugares distantes, mas dificilmente capaz de estabelecer um novo real contato com o próprio povo alemão. [...] Hitler era, cada vez mais, o comandante militar, algo a princípio entendido com sentido positivo e “heroico”, mas que, mais tarde, adquiriu tons cada vez mais de uma severidade inflexível e quase humana que havia perdido contato com os interesses e os problemas das pessoas comuns.<sup>185</sup>

Apesar de não formular, para Kershaw, o problema que iniciou a ruptura do mito de Hitler não necessariamente foram os seus fracassos, mas sim também o fato de Hitler ter deixado de ser a personagem longamente idealizada pela população, usurpada por Goebbels e interpretada por ele. Hitler, paulatinamente, parou de responder aos anseios personificados na figura do *führer*. Com isso, pela primeira vez, conforme mostraram os informes e as pesquisas

---

<sup>184</sup>Idem, p. 172.

<sup>185</sup>Idem, p. 180.

de opinião pública, a confiança inquestionável em Hitler havia começado a retroceder em 1942. Portanto, não era possível identificar apenas um fator para explicar o declínio do mito. Esse aconteceu por uma soma de acontecimentos, como a falta de capacidade de acabar com a guerra, a derrota no Stalingrado e a enorme perda de prestígio por não corresponder mais à figura idealizada do *Führer*.

Nesse momento, as críticas da população, que antes eram direcionadas ao partido e a seus membros, agora, apesar dos óbvios riscos envolvidos, passaram a culpar o *Führer* pelos seus próprios atos. O que isso significava para Kershaw? As imagens de Hitler e do partido, que, após a “tomada do poder” e por quase uma década, estiveram separadas e pareciam até mesmo opostas, começaram a se confundir na consciência pública. No entanto, conforme observado, uma minoria cada vez menor, porém ainda poderosa, assegurava que “o mito de Hitler permanecesse vivo e poderia até revitalizá-lo temporariamente de vez em quando se houvesse uma reversão temporária da sorte da Alemanha ou a promessa de retaliação apropriada pelas misérias do povo”.<sup>186</sup> Ou seja, o colapso total do mito de Hitler foi reservado para a última fase da guerra.

Para demonstrar como aconteceu a derrubada total do mito de Hitler, Kershaw optou por trazer como fio condutor a intensificação da campanha de bombardeios que várias cidades da Alemanha sofreram nos últimos anos da guerra. Com isso, conseguiu identificar os efeitos psicológicos que os bombardeios ocasionaram na população, entre os quais a perda de confiança principalmente em Hitler. Isso porque a realidade da devastação causada pelas bombas caindo fez com que três quartos da população considerassem que a guerra estava perdida, tornando-se o elemento que mais contribuiu para a perda de esperança. E, como destacado, perder mais uma guerra era o maior medo que assolava o povo alemão.

Não muito diferente do que feito anteriormente, o historiador reforçou que, apesar de tudo, o mito do *Führer* seguia sendo desproporcionalmente forte entre três grupos: a geração jovem, os soldados rasos e os ativistas do partido. Ao sinalizar a permanência do apoio, somos também informados que existiam claros sinais de desencantos. Mesmo entre aqueles que ainda mantinham a fé em Hitler, em seu gênio militar, o seu mito entrou em um processo de desintegração, perdendo o seu vigor.

Como fez no início, na formulação de como o mito foi sendo construído, na parte final, o tema específico do carisma de Hitler foi mobilizado mais uma vez na narrativa. Para isso, o autor trouxe um compilado das percepções dos discursos que Hitler proferiu de 1943 a 1945.

---

<sup>186</sup> Idem, p. 199.

Nos discursos realizados nos finais de 1943, Hitler conseguiu reanimar a moral e a confiança na vitória entre seus apoiadores, indicando que ainda possuía uma “reserva de carisma”. No entanto, sua retórica não era mais suficiente para restaurar a confiança dos amplos setores da população que haviam sido superficialmente convencidos pelos êxitos de Hitler. Um fator foi trazido como justificativa para Kershaw. Com base em cartas, pesquisa de opinião dos periódicos e dos informes, a retórica não funcionava mais, pois a credibilidade de Hitler foi atingida, ou seja, “a propaganda de Goebbels havia perdido praticamente toda sua credibilidade”.<sup>187</sup>

Um acontecimento, momentaneamente, conseguiu elevar a moral de Hitler na fase final da guerra: o atentado contra a sua vida em 20 de julho de 1944. As reações forneceram um reflexo da posição popular do *Führer* nesse ambiente de colapso da Alemanha nazista. Um sentimento pró-Hitler ressurgiu em alguns setores após o atentado, sendo possível perceber uma reação breve, mas ainda assim forte, de apoio a ele, especialmente, e não apenas, entre os partidários leais. Portanto, ainda, havia reservas consideráveis de apoio a Hitler. Nessas circunstâncias, o mito de Hitler ainda mantinha um *status*, o que indicava que

[...] a função objetiva das demonstrações generalizadas de lealdade a Hitler, por mais artificiais que fossem, consistia em revelar aos indecisos que o mito do *Führer* ainda estava em seus primórdios, que o regime ainda gozava de um grau formidável de controle, e que, como sempre, seguia centrado nos laços com o *Führer*. Unido ao aumento dramático nos níveis de controle e repressão, o tamanho da massa de apoiadores do *Führer* seguia atuando como um elemento dissuasivo para novos vislumbres de resistência ativa.<sup>188</sup>

Depois do ataque, em que Hitler foi o centro das atenções públicas por um tempo, nos meses seguintes, ele quase desapareceu de cena. Na maioria dos relatórios de opinião nos últimos meses da guerra a que Kershaw teve acesso, havia pouca ou nenhuma menção ao *Führer* e às atitudes da população em relação a ele. Para a maioria da população, ele havia se tornado uma personagem distante e obscura, raramente visto no noticiário, dirigindo-se à nação e não aparecendo mais em público.

A falta de perspectiva de uma vitória, ou melhor, a certeza da derrota fez a população perceber que o gênio pintado por Goebbels não existia. Naquele momento, “o maior demagogo da história” perdeu o seu público.<sup>189</sup> Antes mesmo da sua morte, a força do mito Hitler havia desaparecido, e uma amargura silenciosa substituiu a velha adulção.

---

<sup>187</sup>Idem, p. 214.

<sup>188</sup>Idem, p. 219.

<sup>189</sup>Idem, p. 222.

O antisemitismo foi tratado como um apêndice, ou como um tema quase que à parte da obra. Isso pode ter acontecido, como salientado pelo próprio autor, devido à necessidade de abordar o tema na reedição da obra para a língua inglesa. Considero que a justificativa mais plausível foi o ano da publicação. O período entre a publicação original e a reedição do tema do holocausto passou a ganhar destaque em decorrência dos julgamentos dos crimes nazistas e o acesso às fontes no meio acadêmico e nos debates públicos.

Mesmo sendo tratada à parte, a questão judaica teve uma proeminência na narrativa. Agora Kershaw buscava compreender o lugar que o antisemitismo ocupava na imagem popular de Hitler. O procedimento analítico teve outro enfoque, os informes deram lugar para os discursos de Hitler. Ao optar pelos discursos, o autor acreditava ter a “oportunidade de observar a imagem que o Führer traçou de si mesmo em suas declarações públicas”.<sup>190</sup>

O tema do antisemitismo apareceu de maneira distinta nos discursos, no decorrer do tempo. Nos anos iniciais, entre 1919 e 1921, apesar da presença, era impossível ver o antisemitismo violento como uma das características mais proeminentes da imagem de Hitler. A partir de 1922, o antimarxismo ganhou até mais destaque nas falas públicas de Hitler do que o antisemitismo.

Internamente, nessa época, o antisemitismo foi um impulsionador de adeptos para o regime nazista, visto que, sendo uma característica proeminente tanto da imagem pública do partido quanto de seu líder, a “questão judaica” exerceu grande influência como fator motivador para as pessoas que aderiram ao movimento, pessoas que com frequência vinham de outras organizações antisemitas. Todavia, para a maioria dos novos filiados ao movimento nazista que se juntaram a ele durante a ascensão de Hitler ao poder, o antisemitismo era um elemento secundário para a sua imagem e seu atrativo, pois a imagem de Hitler não foi dominada por sua obsessão com a “questão judaica”.

A ausência de ataques verbais violentos contra judeus também foi uma característica dos discursos públicos de Hitler nos anos de 1933 e 1934. A “questão judaica”, nas palavras de Kershaw, não foi tratada em um único discurso público de relevância realizado no período de “tomada” e de consolidação do poder. E, como vimos, nesta época, sua popularidade se espalhou e o mito do *Führer* aumentou consideravelmente. Entre 1935 e 1937, quando sua fala tocava no tema do antisemitismo, era conforme a ampla aceitação dos princípios gerais de discriminação legal e segregação racial, que, antes mesmo de Hitler, já era parte integrante da

---

<sup>190</sup>Idem, p. 230.

população alemã e intensificada pela propaganda nazista com a propagação da ideia de “conspiração judaica”.

A partir de 1938, Hitler deliberadamente tentou evitar a questão judaica, existindo um esforço de dissociar sua imagem pública do lado mais sórdido do antisemitismo, um lado revelado na renovada e crescente violência praticada por ativistas do partido. Por consequência, a violência e a destruição praticadas contra os judeus atraíram muitas críticas, mas a impopularidade recaiu, principalmente, sobre Goebbels e o partido, e não sobre Hitler.

Quando Kershaw contrapôs os discursos aos relatórios internos e da Sopade, não há dúvida de que o antisemitismo de Hitler, percebido principalmente com a discriminação legal contra judeus, era aceitável para milhões de seus admiradores. No entanto, a presença muito escassa da “questão judaica” em comentários relacionados à posição popular de Hitler foi surpreendente, e parece improvável que constituísse, para a maioria dos alemães “comuns”, a principal razão de adulação ao *Führer*. Para a maioria da população, a "questão judaica" tinha apenas um interesse secundário.

O antisemitismo, apesar de sua posição basilar na “visão de mundo” de Hitler, era apenas de importância secundária à consolidação dos laços entre o *Führer* e o povo. Laços que deram ao Terceiro Reich sua legitimação popular e formaram a base de sua aclamação. Ao mesmo tempo, o princípio pelo qual os judeus foram excluídos da sociedade alemã era amplamente e cada vez mais aceito, enquanto o ódio de Hitler aos judeus não era um fator de motivação central para a maioria dos alemães, o que demonstra, mais uma vez, o abismo existente entre a imagem criada e a realidade.

Nesse sentido, na concepção de Kershaw, embora para a maior parte da população a imagem de Hitler fosse, sem dúvida, abstratamente relacionada à possibilidade de encontrar uma “solução para a questão judaica”, esse era um assunto sobre o qual as pessoas pouco ou nada pensavam. Os ataques públicos de Hitler aos judeus foram, de alguma forma, absorvidos com pouco efeito e não foram um elemento importante para explicar seus altos níveis de popularidade ou o colapso do mito do *Führer* nos últimos anos da guerra.

Portanto, a narrativa teve como proposta construir o que eu poderia classificar como um gráfico imaginário, em que as distinções e os sombreamentos das opiniões nos informes e em determinados períodos permitiram a Ian Kershaw encontrar as curvas – início, ápice e declínio – da construção da imagem popular de Hitler. E qual foi a imagem popular de Hitler construída por Kershaw?

#### 2.4.A imagem do mito de Hitler

Em *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third Reich* Ian Kershaw, como demonstrei acima, buscou compreender o significado funcional do mito de Hitler para as massas “não organizadas”, para os leais do partido e para as elites nazistas e não nazistas. O autor explorou o que considerou os principais elementos da imagem popular de Hitler e sua combinação com o mito de liderança. O conceito de liderança carismática do sociólogo Max Weber foi o que possibilitou o exercício de pesquisa realizado, pois foram justamente as variantes da popularidade de Hitler em relação aos seus êxitos (ou não) que foram apropriados por Kershaw para constatar o quanto a figura do *Führer* foi forjada a partir do ideal de liderança. Sempre fazendo um contraponto entre a imagem dita oficial e as dissidências que tal imagem gerava, o autor reconstruiu a criação e o desmoronamento do mito de *Führer*.

Na narrativa, por meio principalmente dos informes de opinião, identifico que sete fundamentos compuseram o arco temporal de nascimento e morte do mito foram trazidos à tona, a saber: Hitler como a personificação da unidade nacional, como o criador do milagre econômico na década de 1930, como representante da justiça popular, como um moderador entre as questões tradicionais e as instituições, como o estadista que efetuou uma política exterior de êxitos, como o líder militar no início da Segunda Guerra e, por fim, o representante frente aos inimigos da nação, o marxismo-bolchevismo e os judeus.

Em uma divisão interna de três partes, a criação do mito, a queda do mito e o caminho do genocídio, somos apresentados ao contexto que ansiava pelo surgimento de uma liderança. A apropriação e falseamento da personificação das ideias políticas da época na figura de Hitler realizada pela propaganda de Joseph Goebbels. As resistências que existiram tanto à Hitler quanto aos outros líderes do partido. A consolidação do mito em decorrência dos êxitos de guerra. Por fim, o degaste da imagem antes mesmo da morte de Adolf Hitler.

O entrelaçamento entre os fundamentos, a imagem oficial projetada e a opinião popular do mito deram os contornos da imagem que o próprio Ian Kershaw construiu para Hitler. Ao contrapor essas três percepções, o autor sugeriu existir “a inversão obtusa da realidade caricaturada”.<sup>191</sup> Os aspectos da imagem popular de Hitler foram, em grande parte, um produto das distorções da propaganda nazista, mais especificamente de Goebbels. Apesar de ter tido sucesso apenas parcial ao “impôr” essa imagem às camadas socialista, comunista e católica, nas quais havia fortes elementos ideológicos contrários à aceitação do mito de Hitler, não há dúvida

---

<sup>191</sup> Idem, p. 254.

de sua penetração especialmente, embora de forma alguma exclusivamente, entre as classes médias alemãs.

A propaganda nazista, depois de 1933, com uma política de repressão e censura, quase divinizou Hitler, tornando-o, assim, o maior triunfo propagandístico de Goebbels. No entanto, de acordo com Kershaw, sua fabricação e a extensão só foram possíveis em decorrência das condições de crise prevalecentes no início dos anos 1930. O culto havia tocado e articulado, embora de forma falseada, elementos da cultura política burguesa há muito tempo estabelecidos na Alemanha.

Mesmo alegando que sua questão era saber como o povo alemão comum via Hitler, considero que o motivador da obra foi compreender como a imagem popular de Hitler contribuiu para o crescimento e legitimação do regime e para tornar possível a guerra, que a maioria dos alemães queria evitar veementemente. Nesse sentido, para o autor, o mito de Hitler forneceu o principal motor de integração, mobilização e legitimação no sistema de governo nazista.

Segundo Kershaw, essa integração foi de caráter afetivo, visto que forjou laços psicológicos ou emocionais, quase não existindo laços materiais. Em contraponto, por meio da imagem pública que transmitiu, Hitler conseguiu se apresentar como um elemento positivo no Terceiro Reich, como alguém que transcendeu interesses e queixas sectárias ao personificar o ideal de unidade nacional. Este só foi possível graças à sua separação da imagem de Hitler da “esfera de conflito” da política cotidiana, mantendo-o fora dos aspectos mais impopulares do nazismo.

Um ponto determinante foi o entendimento de Ian Kershaw de que Hitler era o mais ciente do significado funcional de sua popularidade ao vincular as massas à sua pessoa e, necessariamente, ao regime. Para o líder do partido nazista, as massas podiam estar ligadas a ele por meio de uma mobilização psicológica constante, o que exigia uma sucessão incessante de sucessos. Principalmente no início da guerra, os sucessos ocorreram e foram substanciais tanto no campo da política externa quanto nos assuntos militares, o que fez com que a grande massa da população se sentisse intimamente identificados com Hitler.

A conjunção de sucessos conseguiu renovar a moral, estimulou a aclamação, incentivou a participação ativa e desarmou – censurou e reprimiu – oponentes, blindando, assim, objeções à política nazista. Mesmo sendo derivada de intensa propaganda e coerção, essa atmosfera refletiu nos plebiscitos de 1933, 1934, 1936 e 1938, nos quais a aclamação generalizada a favor de Hitler foi constatada, o que revelava aprovação e admiração pelas realizações do líder nazista e dava legitimização ao regime tanto dentro da Alemanha quanto entre as potências estrangeiras.

A popularidade de Hitler, conforme identificado nos informes, reconhecida até pelos inimigos do regime, foi um elemento essencial na estrutura do governo nazista na Alemanha. O mito e o terror de Hitler garantiram o controle político e a mobilização em favor do regime. Tanto que, na fase final do regime, a repressão terrorista sofreu uma escalada violenta à medida que a força por trás da popularidade de Hitler enfraqueceu e entrou em colapso.

Em linhas gerais, para Kershaw, não há um fator exclusivo para explicar tanto o surgimento do mito do *Führer* quanto sua decadência. No entanto, posso perceber que o autor sistematizou Hitler a partir de uma máxima: o *Führer* foi uma personagem fictícia, criada por Joseph Goebbels, tendo como base ideias preexistentes de liderança heroica, que era completamente diferente do Adolf Hitler. Assim, existia um abismo entre o mito do *Führer* e o próprio Hitler.

Em grande parte, o colapso desse mito aconteceu quando ocorreu o choque entre a ficção (a personagem de Goebbels) e a realidade (o autêntico Hitler). Pois, no momento em que Hitler percebeu a dependência crescente de representar sua imagem inventada de onipotência e onisciência, mas ele sucumbia à atração de seu próprio culto, ou seja, o culto ao *Führer*. Quanto mais acreditou em seu próprio mito, mais Hitler acreditou em sua própria infalibilidade. Isso fez perder a sua capacidade de compreender do que poderia e não poderia ser alcançado pela força de sua “vontade” somente, ocasionando a sua destruição.

Assim sendo, essa foi a primeira formulação de Hitler feita por Ian Kershaw em um livro direcionado para pensar a imagem do líder nazista. Todavia, a busca de compreender essa figura, pelo menos para o autor, não parou por aí.

## 2.5. Por que o interesse por Hitler continuava?

Anos depois, exatamente em 1991, Adolf Hitler voltou a ser o protagonista de mais uma obra escrita por Ian Kershaw. *Hitler, um perfil do poder*, publicado pela editora Longman Group, como uma narrativa curta e sucinta, buscou responder a pergunta de “como Hitler foi possível?”.

O livro foi concebido em um período em que, segundo Kershaw, as universidades inglesas não estavam propícias “à pesquisa, ao estudo aprofundado e à redação de textos em artes e ciências sociais”.<sup>192</sup> Seu livro só foi possível em decorrência de uma bolsa de estudos,

---

<sup>192</sup> KERSHAW, Ian. **Hitler, um perfil do poder**. Jorge Zahar Editor, 1993, p. 8.

por um ano, no prestigioso Wissenschaftskolleg zu Berlin.<sup>193</sup> Por isso mesmo, a escrita da obra teve dois incentivos: 1) escrever sobre Hitler em Berlim. 2) a escrita foi realizada no exato momento em que desmoronava o legado de Hitler da Guerra Fria.<sup>194</sup>

A resposta de como Hitler foi possível, apesar da nova formulação, não fugiu muito da indagação que iniciou a trajetória do autor nos estudos sobre o líder do Terceiro Reich. Aliás, compreensão da viabilidade de Hitler perpassou boa parte das produções historiográficas – e dos oponentes contemporâneos do nazismo – desde a década de 1930, quando surgiu como uma figura política. Isso porque, como sistematizou Kershaw, “em seus primeiros trinta anos de vida, foi um João-ninguém. Nos vinte e seis anos restantes de sua existência, deixou uma marca indelével na história como ditador da Alemanha e instigador de uma guerra genocida”.<sup>195</sup>

Entre os seus contemporâneos, de acordo com o historiador, houve um fatídico erro de avaliação, pois consideraram que o poder de Hitler era um fenômeno de curta duração, em que ele seria controlado e neutralizado pelos grupos tradicionais de poder. Já na historiografia, tal pergunta sempre teve um confronto interpretativo na tarefa de equilibrar a importância da “personalidade” de Hitler e “os determinantes impessoais”.

No entre guerras, e até pouco tempo antes da publicação da obra, as interpretações marxista-leninistas atribuíram pouco peso ao papel pessoal de Hitler, e, qualquer que tenha sido o poder exercido, “ele não passou do poder dos grupos imperialistas mais extremados do capital financeiro alemão”.<sup>196</sup> Isto é, nessas interpretações, o poder pessoal de Hitler foi uma fantasia, nunca existiu. No contraponto, na “historiografia liberal”, investiu-se na figura de Hitler uma importância muito maior do que a aceitável pela análise marxista.

Naquele momento, mais uma vez, Kershaw compreendia a historiografia do nazismo como um campo de polarização pouco útil e estéril. Em suas palavras, “parece chegada a hora de irmos adiante”.<sup>197</sup> Portanto, as interpretações sobre o problema Hitler, e aqui posso considerar a sua própria produção, foram colocadas por Kershaw como determinantes para se

---

<sup>193</sup> É um instituto de pesquisa interdisciplinar. Foi fundado em 1981 como uma associação. Por ano, nomeia 40 “bolsistas de alto nível científico das ciências naturais e sociais. Tem por objetivo oferecer aos cientistas a oportunidade de se concentrar em seu próprio trabalho de pesquisa e absorver sugestões de outras disciplinas e diferentes tradições científicas nacionais. Os estudos são selecionados por um conselho consultivo, com ênfase nas origens interdisciplinares e heterogêneas dos convidados. Os bolsistas têm a obrigação de morar no instituto e devem se reunir uma vez por dia durante o jantar e uma vez por semana para um colóquio, no qual um bolsista apresenta seu trabalho aos demais e coloca em discussão. Todos os bolsistas são solicitados a trabalhar na instituição para financiar sua estadia. (Wissenschaftskolleg zu Berlin. **Satzung des Wissenschaftskollegs zu Berlin** e. V., 2014. Disponível em: <https://www.wiko-berlin.de/institution/das-kolleg/finanzierung-satzungen/satzung-des-wissenschaftskollegs/>. Acesso em 20 de março de 2022).

<sup>194</sup> KERSHAW, Ian, 1993, p. 8.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> Idem, p. 13.

<sup>197</sup> Idem, p. 16.

continuar produzindo sobre o líder do Terceiro Reich, em específico, para escrever a obra *Hitler, um perfil do poder*.

Ian Kershaw destacou logo de início que aquele livro não era uma biografia. A seu ver, aquele trabalho não tinha a pretensão de fornecer detalhes pessoais e fazia poucas referências a aspectos que seriam relevantes para uma biografia. A classificação da obra com uma não biografia, ao que indicava, era exatamente para se desvincular das abordagens que produziram o fascínio pela pessoa do ditador alemão. Isso porque acreditava ele que esse tipo de abordagem, mesmo nas melhores obras, elevava “o poder pessoal de Hitler a um nível que a história da Alemanha, entre 1933 e 1945, fica reduzida a pouco mais do que a expressão de vontade do ditador”.<sup>198</sup> Todavia, por ironia, posteriormente, o livro foi definido, principalmente nas análises críticas, entre elas a do historiador John Lukacs, como uma biografia que seria substituída por outra.<sup>199</sup>

Em todo caso, o autor propunha, mesmo sem escrever isso categoricamente, a junção da vertente internacionalista com a vertente funcionalista. Logo, ao se perguntar mais uma vez como Hitler foi possível e na natureza do seu poder ditatorial, Kershaw buscava avaliar a conexão entre o poder de Hitler com as ““forças sociais” impessoais que moldaram e o condicionaram, que grau de autonomia Hitler possuía no exercício individual do poder, e qual foi a relação desse poder personalizado com o mergulho da Alemanha no abismo durante a II Guerra Mundial”.<sup>200</sup>

A partir daqui, não muito diferente do autor, porém invertendo as posições, perguntei-me de novo como foi possível Ian Kershaw construir uma imagem, dessa vez, na obra que antecedeu a biografia que cristalizou seu retrato sobre Adolf Hitler. Isto é, que tipo de análise foi desenvolvida e por meio de quais estratégias de escrita o historiador redigiu a personagem do líder nazista em *Hitler, um perfil do poder*.

## 2.6. Os meios para construir o perfil do poder de Hitler

*Hitler, um perfil do poder* foi um livro escrito dividido em prefácio, introdução, sete capítulos e conclusão. Como já dito, um bom indicativo para iniciar a análise de um livro é se atentar para o título que lhe foi dado. A capa da obra, antecipadamente, me propiciou deduzir que o poder de Hitler foi o elemento condutor da pesquisa realizada. Mesmo parecendo uma

---

<sup>198</sup>Idem, p. 14.

<sup>199</sup>LUKACS, John, 1998, p. 34.

<sup>200</sup>KERSHAW, Ian, 1993, p.12.

percepção óbvia, considero importante destacar que no título o autor já demarcou que não quis apresentar o perfil de Hitler, mas sim o perfil do seu poder. Portanto, em outras palavras, que buscou traçar os aspectos do poder de Hitler.

O sumário reforçou que o tema do poder foi o eixo central do livro. Visto que, no título de todos os capítulos, a palavra poder estava presente, a saber: o poder de Hitler: um enigma; o poder da “ideia”; a conquista do poder, repressão e poder; o poder plebiscitário; a expansão do poder; o poder absoluto, a arrogância do poder; Hitler: poder e destruição. Ainda pelo sumário, apesar da ausência de datas, percebo que a temática do poder foi sendo analisada pelo historiador cronologicamente, desde sua conquista até a sua destruição.

Ao construir o *seu* perfil do poder de Hitler, Kershaw partiu de uma premissa: o poder de Hitler foi efetivamente real, um contraponto à vertente “marxista-leninista”. Tal premissa, possivelmente, veio da sua análise em *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third*. No entanto, para o autor, os traços pessoais de Hitler não eram o suficiente para compreender o seu poder. Na sua narrativa, o protagonismo do líder do Terceiro Reich foi dividido com as ações de terceiros, principalmente da sua “corte” (os outros líderes nazistas), e as condições que moldaram essas ações. Desse modo, o exame do poder não foi realizado exclusivamente através da análise da figura de Adolf Hitler.

O que motivou Kershaw pensar Hitler foi exatamente a sua compreensão de seu “poder”. De acordo com o autor, um Estado moderno complexo contém “uma série de bases de poder interligadas, mas relativamente autônomas”.<sup>201</sup> Além do campo do poder político (o aparelho burocrático, executivo, judicial e administrativo do próprio Estado), as esferas do poder militar, do poder econômico e do poder ideológico podem, conjunta ou isoladamente, sustentar ou arruinar a forma de dominação política vigente. Nesse sentido, a dominação de uma pessoa ou grupo ocorre com a perda de poder de outra pessoa ou grupo.

Essa ideia, no caso do Terceiro Reich, permitiu que o autor compreendesse o poder de Hitler não como independente ou isolado, pois não apenas ele e o partido nazista, como também as elites tradicionais também se beneficiaram da perda de poder das instituições democráticas. Logo, no livro, a noção distributiva de poder auxiliou a conceituar “o processo mediante o qual o poder de Hitler gradativamente se tornou absoluto, à custa de outros elementos da equação do poder na Alemanha nazista”.<sup>202</sup>

Como chaves de compreensão da expansão gradativa do poder, o autor acionou, mais uma vez, o conceito de “dominação carismática”, de Max Weber. Isso porque, no conceito de

---

<sup>201</sup> Idem, p. 17.

<sup>202</sup> Idem, p. 18.

Weber, a “dominação carismática” é instável, tende a emergir em situações de crise e a ruir em decorrência da impossibilidade de atender às expectativas. E, em muitos casos, só são capazes de se manterem por meio da eliminação, subordinação ou subsunção da essência “carismática”. Desse modo, em *Hitler, um perfil do poder* foi possível identificar que o conceito weberiano, similarmente como na obra analisada anteriormente, deu as bases para a compreensão das origens e ao exercício do poder de Hitler. De forma geral, as observações de Weber guiaram Kershaw a depreender as características peculiares de liderança e a base instável de poder do Estado tipicamente fascista.

No entanto, diferente da justificativa em *The Hitler Myth*, agora a tentativa era responder por que, entre todos os “fanáticos nacional-racistas”, foi Hitler que alcançou o *status* de homem mais poderoso da Europa; como alguém tão improvável comandou um complexo Estado moderno. A resposta para essa pergunta foi realizada a partir do escalonamento da análise das outras esferas de poder da Alemanha nazista, isto é, a análise das massas, das elites e das elites não nazistas. Kershaw compreendeu que o exercício do poder de Hitler só foi possível graças àqueles, os seguidores fanáticos e os menos comprometidos, que “trabalharam para o Führer”, assim como à “comunidade carismática”, o séquito pessoal de Hitler – um estreito grupo de líderes nazistas.

Além disso, outro traço da escrita foi de pensar a Alemanha a partir de seus aspectos específicos, portanto quais foram as características particulares da cultura política alemã que permitiram a difusão das ideias que clamavam por uma liderança carismática, e como elas foram incorporadas por Hitler.

Com o intuito de restringir notas de rodapé, como pontuou na introdução, Kershaw omitiu quase todas as referências e diminuiu as citações diretas. O que dificultou, e muito, identificar as fontes usadas durante a narrativa. Por um conhecimento anterior, consigo perceber a utilização de um grupo vasto de fontes, dentre elas, os informes (boa parte analisados no livro anterior), a imprensa, os diários pessoais dos líderes (destaque para o diário de Goebbels), os discursos do líder nazista e, principalmente, o livro *Mein Kampf*. Por meio da análise dessas fontes, somos apresentados aos mecanismos de poder de Adolf Hitler. Resta-me saber qual perfil do poder Kershaw criou para o líder nazista.

### 2.6.1 Os caminhos para a construção da penúltima imagem

Para compor o *seu* perfil do poder de Hitler, Kershaw, inicialmente, optou por examinar a emergência do “político de convicções” e a reação à personalidade e às “ideias” de Hitler por aqueles que foram os seus primeiros seguidores. Mais especificamente, o autor apresentou o processo de formação da “comunidade carismática” de Hitler.

A formação dessa comunidade foi composta por uma soma lógica de elementos. O primeiro foi o fato de que, isoladamente, as características pessoais não teriam sido o suficiente para chamar atenção para Hitler, pois ele era um medíocre. A figura de Hitler só teve uma funcionalidade em decorrência da sua visão de mundo e da sua capacidade de comunicação. A sua filosofia política e a convicção com que a expressava, transformaram Adolf Hitler em uma “personalidade de dinamismo efetivamente extraordinário”.<sup>203</sup>

Por trás de Hitler, havia um conjunto de ideias inter-relacionadas que, para o autor, ainda em meados da década de 1920, se cristalizaram em uma ideologia coesa. E, mesmo que essas ideias sozinhas não pudessem explicar os atrativos de Hitler para as massas ou para o crescimento do Partido nazista, elas foram vitais para a criação da personagem mais importante do Terceiro Reich e, principalmente, foram efetivamente postas em práticas durante a Segunda Guerra Mundial. Por isso, como parte da compreensão, Kershaw examinou a formação, o desenvolvimento e o conteúdo dessas ideias, ou seja, da visão de mundo de Adolf Hitler.

Conforme a análise do historiador, não foi possível saber quando, como e por que as ideias defendidas por Hitler foram incorporadas por ele, mas, indubitavelmente, a fusão de várias linhas de seu pensamento em uma ideologia complexa estava concluída nas páginas de *Mein Kampf*, em 1924, e basicamente não se alterou até 1945. Essa concepção fez com que o livro escrito por Hitler fosse um elemento muito presente na narrativa, guiando a análise do autor.

A luta racial, o antisemitismo radical, a convicção que o futuro da Alemanha dependia da conquista de “espaço vital” e o antimarxismo foram os pilares da visão de mundo do líder nazista. Kershaw mapeou cada um desses aspectos, buscando não encontrar a origem, mas quando essas ideias se tornaram fortalecidas para o próprio Hitler.

Apesar de Hitler ter afirmado que sua visão de mundo estava construída antes da guerra, para o historiador, ainda faltavam “alguns passos vitais em direção à ideologia completa”.<sup>204</sup> Suas ideias sobre a direção da futura política externa, os judeus e seu próprio papel como liderança se transformaram significativamente entre a sua entrada na política e a redação de *Mein Kampf*. Para constatar essa percepção, o autor foi identificando a mudança de entonação

---

<sup>203</sup> Idem, p. 24.

<sup>204</sup> Idem, 1993, p. 29.

desses temas ao serem tratados por Hitler em seus textos e discursos, entre 1919 e 1924. Em consonância, destacou as influências, tanto de pessoas quanto de acontecimentos, que o então membro do Partido Alemão dos Trabalhadores sofreu e como elas estavam diretamente ligadas ao processo de transformação da sua visão de mundo. Por fim, como aquelas ideias ganharam sua completude com a redação de *Mein Kampf*.

Kershaw teve como estratégia sinalizar que essas ideias, em muito, foram derivadas da própria cultura política alemã, como o antisemitismo, e que elas mudaram no decorrer do tempo. Isso porque, como já dito, pessoas e acontecimentos tiveram influências diretas sobre esse processo formativo. A partir disso, foi na junção do seu credo político sistematizado em *Mein Kampf* e com a sua habilidade de agitar as massas que, gradualmente, dava o tom da futura personalidade carismática de Hitler.

Todavia, o que fez Hitler se sobressair a todos os outros pretendentes potenciais à liderança na elite suprema do Partido Nazista? Para responder a essa pergunta, Kershaw trouxe, de forma sucinta, a característica de cada um dos nomes iniciais que compuseram o Partido Nazista, destacando o porquê de eles não terem condições de ocupar o papel de liderança partidária. Por exemplo, Heinrich Himmler, futuro Chefe da Polícia alemã e Ministro do Interior, era um bom administrador, mas desprovido de atrativos populares. Já Ernst Röhm, futuro líder da organização militar SA, era um paramilitar e um organizador capaz, mas faltavam-lhe visão ideológica e talento retórico.

Na concepção do autor, foi a fusão de “profeta” e propagandista que deu a vantagem a Hitler, desde o início da década de 1920.<sup>205</sup> Faltava aos outros nazistas proeminentes a combinação de demagogia, capacidade de mobilização e visão ideológica. A diferença das ideias e das ambições e as rivalidades e animosidades dessas figuras do partido as eliminaram como potencial liderança. Esta “só se reconciliou na imprecisa, mas incontestável visão de futuro incorporada na pessoa do líder supremo e cada vez mais enaltecido, Hitler”.<sup>206</sup>

O historiador nos informa que, em 1922-1923, o culto à personalidade em torno de Hitler já era visível. Tanto que, no seu círculo interno,

A crença progressiva maior em Hitler como o futuro líder da Alemanha e a confiança secular no messias político se apoderaram de muitos dos que, em seu círculo imediato, entraram em contato regular, repetido e extenso com ele, pelo

---

<sup>205</sup>Aqui vale destacar que essa ideia de Hitler como uma “profeta” e propagandista ganhou destaque na primeira biografia de Hitler escrita por um historiador, no caso, na biografia *Hitler: A Study in Tyranny* de Alan Bullock. Para mais informações: SILVA. Marcela de Oliveira S. O retrato de Adolf Hitler na biografia *Hitler: A Study in Tyranny* escrita por Alan Bullock, em 1952. Dissertação (Mestrado em Historia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

<sup>206</sup>KERSHAW, Ian, 1993, p. 38.

menos a partir dessa ocasião. Embora houvesse os que, como os irmãos Strasser, não sucumbiam de modo algum ao culto crescente à personalidade, eles foram forçados a ficar na defensiva. Estava estabelecido o círculo de adeptos. Estava lançada a base da “comunidade carismática”.<sup>207</sup>

Assim, Kerhaw, ao recompor esse processo formativo da “comunidade carismática”, afirmava que a lealdade e a fé em Hitler entre o círculo de seus “verdadeiros fiéis”, seus seguidores, foram estabelecidas antes de o culto institucionalizado do *Führer* tornar-se amplamente imposto. Nesse sentido, eles foram as primeiras vítimas e os principais expoentes do “mito de Hitler”. A principal função dessa parte da análise foi constatar que elemento fundador dessa “comunidade carismática” foi a crença em que, um dia, a visão de Hitler se tornaria realidade. E isso, na concepção do autor, era o “poder da ideia de Hitler”. Ou seja, a primeira parte da formação do perfil do poder de Hitler, não apenas para a narrativa como para o próprio Hitler.

Dando prosseguimento, o historiador tentou identificar como o poder do Estado foi colocado à disposição de Hitler. Ou como um candidato tão improvável chegou ao poder. Três perguntas específicas foram formuladas para desenvolver a argumentação: 1) como Hitler veio adquirir um poder indiscutível no Partido Nazista; 2) como Hitler ampliou o seu poder, chegando a alcançar um terço da população votante; 3) como os grupos de elites não nazistas passaram a se interessar por Hitler e o guiaram até a cadeira da chancelaria. Cada pergunta foi direcionada para um espectro da sociedade alemã. A primeira foi respondida por meio da análise do que Kershaw intitulou de “o movimento”, a segunda por meio das massas e a terceira por meio das elites.

Em exatas dez páginas, o autor foi mostrando como o Partido Alemão dos Trabalhadores se transformou no “Movimento de Hitler”. A narrativa trouxe as etapas que desencadearam essa mudança. Na primeira foi a aceitação dos membros do então pequeno partido a trabalharem na construção do culto ao *Führer*, pois Hitler significava o principal trunfo para se chegar ao poder. Na segunda, Kershaw pontuou como Ernst Röhm, Dietrich Eckart e Fritz Thyssen foram importantes financiadores iniciais da carreira política de Hitler no partido. Para além, o autor abordou como entre aqueles que estavam predispostos à mensagem, Hitler e o seu movimento foram ganhando apoio e proteção. Nomes como Kurt Lüdecke e Ernst Hanfstaengl e, principalmente, de autoridades bávaras foram destacados pelo autor como sendo essa rede de apoio.<sup>208</sup> Na terceira, como a prisão de Hitler, por sua tentativa de golpe de Estado, confirmou

---

<sup>207</sup> Idem, p. 39.

<sup>208</sup> Kurt Lüdecke foi um fervoroso nacionalista alemão e viajante internacional que se juntou ao partido nazista no início da década de 1920 e que usou suas conexões sociais para arrecadar dinheiro para o NSDAP. Ernst

a indispensabilidade de sua liderança para o movimento nazista, visto que sem ele, o partido desfaleceu.

Além disso, sua atuação em seu julgamento promoveu a reputação de Hitler, elevando o *status* da sua posição. Por fim, a institucionalização do poder de Hitler por meio da aceitação do seu programa para o partido. Isto é, o programa do Partido estava subordinado à pessoa de Hitler. Dito de outra forma, a “autoridade carismática” foi transformada na base organizacional do Partido.

Essas etapas ascendentes do poder de Hitler dentro do partido significaram, para Kershaw, que o culto do *Führer* ligado a Hitler institucionalizou-se plenamente e estabeleceu a base de sua transmissão, ainda no início da década de 1930, a um eleitorado mais amplo. A “ideia” do poder e a organização do Partido eram inseparáveis do seu líder. Portanto, estava forjado o elo da “comunidade carismática”, a principal corrente transmissora do “culto do *Führer*”.

O eleitorado mais amplo foi definido como “as massas”. A intenção de Kershaw, ao analisar esse espectro da população, foi a de afirmar que a imagem de Hitler foi “criada e dourada pela propaganda”.<sup>209</sup> Nesse caso, as percepções foram mais importantes que a realidade. Para isso, assim como no movimento, mostrou a construção do apoio a Hitler entre as massas. Nessa parte, há uma presença maciça de boa parte das formulações de Kershaw ao analisar “as massas” em *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third*. Aliás, posso afirmar que foi basicamente uma síntese da investigação anterior.

Primeiro salientou existir uma predisposição em aceitar as “ideias” gerais proferidas pelo movimento nazista, como a regeneração nacional e a eliminação de inimigos, primordialmente os marxistas. Assim como a crença em uma visão utópica de um futuro distante. Nesse sentido, inicialmente, havia propostas para as pessoas acharem o nazismo uma opção atraente, e não apenas, ou sequer, a figura de Hitler. No entanto, essas propostas não eram muito diferentes do que as apresentadas por outros movimentos de direita.

A partir dessa conclusão, Kershaw se colocou a responder porque foi Hitler, e não outro líder nazista, que chamou a atenção das massas. A narrativa foi indicando que o elemento decisivo mais importante foi o estilo da articulação e representação dos medos, das fobias e das

---

Hanfstaengl foi um educador formado na Universidade Harvard, e empresário íntimo de Adolf Hitler. (Smith, A. L. (2003). Kurt Ludecke: The Man Who Knew Hitler. *German Studies Review*, 2003, p. 597; THE HARVARD Crimson. **Putzi Hanfstaengl to Attend 50th Reunion With Rejected \$1000 Gift**, 1959. Disponível em: <<https://www.thecrimson.com/article/1959/5/25/putzi-hanfstaengl-to-attend-50th-reunion/>>. Acesso em 20 de março de 2022).

<sup>209</sup> KERSHAW, Ian, 1993, p. 54.

expectativas, e menos as doutrinas. Para Kershaw, quando a questão era representar, Hitler foi insuperável. O autor dedicou algumas páginas para mostrar o desempenho retórico de Hitler, tanto para firmar sua posição quanto para conseguir o apoio da população. Em contraponto, foi afirmando a importância da máquina da propaganda no processo de conquista das massas.

No entanto, a predisposição para as ideias, a representação de Hitler das amalgamas da sociedade e as técnicas da propaganda não foram suficientes para conquistar as massas. O elemento determinante, de acordo com o historiador, foram as condições externas, isto é, a Depressão, o agravamento da crise do governo e do Estado e desintegração dos partidos liberal-conservadores burgueses, que “expuseram o ‘mercado’ eleitoral à alternativa política do nazismo”.<sup>210</sup>

Nesse sentido, foi a combinação desses elementos que criaram a base popular da posterior “deificação” de Hitler. Todavia, o apoio dado à Hitler foi insuficiente para levá-lo ao poder. A narrativa trouxe como exemplos as campanhas eleitorais que mesmo Hitler tendo alcançado o seu nível máximo de apoio popular, quando pleiteou a Chancelaria, teve seu pedido negado pelo presidente alemão. Portanto, para Kershaw, o Partido e as massas não foram os determinantes para colocar o poder do Estado à disposição de Hitler

Então, o que fez Hitler chegar ao poder? Segundo o autor, a resposta era simples: as elites. Como fez nos outros espectros, Kershaw destacou primeiro que Hitler não era uma opção, pois não havia interesse de apoiar um partido sem influência e sem chances de chegar ao poder; que, nesse ínterim, principalmente no momento em que o Estado passava por uma crise, Hitler e o Partido foram em busca e conseguiram apoio de alguns setores do empresariado e militares; e que, por fim, esgotada as opções, e com a necessidade de alguém que tivesse o apoio das massas da direita política a seu dispor, por um erro fatal de avaliação, Hitler foi lançado à cadeira da chancelaria.

Na investigação, além de mostrar como o líder nazista se tornou uma opção da elite direitista, a preocupação maior foi constatar que a democracia, desde a crise econômica de 1929, estava morta e que as elites, profundamente antidemocráticas, estavam à procura de um substituto autoritário para a República de Weimar. Isto é, a nomeação de Hitler, apesar de constitucional, foi a prova de que o espírito democrático estava morto fazia tempo.

A questão da violência e da repressão foi uma característica essencial para a consagração do poder de Hitler. Porém, Kershaw buscou se distanciar das análises que tomaram o conceito de “totalitarismo” para dar conta do poder de Hitler, pois, segundo ele, chegaram apenas a uma

---

<sup>210</sup>Idem, p. 57-58.

verdade parcial. Por consequência, optou-se por identificar como o processo de pulverização da oposição e da erosão da legalidade foi colocado em prática com a ajuda, além das forças coercitivas, do consenso em várias áreas da sociedade. Em suas palavras, “a coerção e o consentimento foram dois lados da mesma moeda – esteios gêmeos do poder de Hitler”.<sup>211</sup>

O autor estava dialogando diretamente com a definição de totalitarismo da filósofa Hannah Arendt. Em *Origens do totalitarismo*, segundo Arendt, o totalitarismo é a ascensão de dois fenômenos: o medo e o terror. A correlação desses dois elementos em sua capacidade ocasiona um sistema burocrático ao extremo em que o Estado total converte a coletividade em um único corpo. De acordo com a autora, uma das marcas do totalitarismo é a anulação da individualidade para a oferta de uma sociedade que pensa da mesma maneira e quer as mesmas coisas, norteada pela atuação do líder totalitário. Para efetivação do totalitarismo, não bastava atuar com a propaganda alienante e com a força ideológica do líder, mas era necessário também eliminar todo aquele que se colocasse contra o regime, além de perseguir os inimigos em comum da nação.<sup>212</sup>

Para desenvolver sua argumentação, expôs, por meio de exemplo da ação repressiva (encontrado nos relatos dos relatórios externos já analisados em *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third*), que ela não foi direcionada a todos os grupos da sociedade – visou a setores impotentes e impopulares – e que, tampouco, foi uma constante ao longo do tempo. Além disso, apresentou como, a partir de 1933, Hitler adquiriu o controle dos instrumentos de dominação e do aparelho coercitivo do Estado.

Ao detalhar as ações repressivas, Kershaw deu destaque para etapas desse processo e como ele foi muito menos um ato de Hitler do que uma ação conjunta das forças do Estado, do movimento nazista e de partes da sociedade alemã que, independentemente do motivo, trabalhavam para o *Führer*. A primeira etapa foi a pulverização da oposição política de esquerda. O esmagamento, segundo a narrativa, foi um ato realizado não apenas do líder nazista, mas também das elites conservadoras. A segunda foi a eliminação de qualquer oposição, ou melhor, de qualquer entidade política autônoma a não ser o NSDAP. Este, portanto, foi declarado o único partido político legal na Alemanha. As igrejas e o exército foram as exceções; em ambos os casos, principalmente no último, o “espaço organizacional” foi preservado.

Algumas páginas são destinadas para a repressão sangrenta dentro do próprio Movimento. Isto é, sob o pretexto de evitar um golpe contra o governo, ocorreram prisões de

---

<sup>211</sup> Idem, p. 69.

<sup>212</sup> ARENDT, HANNAH. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 518.

várias lideranças da SA, ocasionando o episódio da “Noite das longas facas” em que 85 velhos inimigos de Hitler foram fuzilados. Esses atos foram cruciais na consolidação do poder de Hitler, pois afastaram a única força que poderia fazer uma oposição interna e ligaram ainda mais as forças conservadoras a Hitler e ao conceito de “Estado do Führer”. Isso porque, por motivos não explicados por Kershaw, a SA era universalmente odiada, e a sua destruição despertou aclamação e maciça estima popular. O que tornava a dependência mútua entre as elites tradicionais e o líder nazista ainda maior.

Para finalizar o tema da pulverização da oposição, e reforçar sua tese da deficiência do conceito de totalitarismo para pensar a Alemanha nazista, Kershaw fez o exercício de trazer os dados de prisioneiros nos campos de concentração durante o Terceiro Reich. A intenção foi revelar que, diferente de regimes totalitários como, em que repressão se estabilizou depois do derramamento do sangue inicial, na Alemanha a repressão não foi estática, e sim dinâmica. A chave dessa dinâmica, na sua concepção, poderia ser encontrada no desgaste inevitável da legalidade sob a pressão de um Estado policialesco.

O Estado nazista, afirmou o autor, foi um rompimento nas tradições de governo baseado em princípios legais positivistas. Na verdade, a Alemanha nazista foi um terreno de disputa – desigual – entre as normas legais e ação arbitrária do polícia. E como ocorreu essa disputa? Kershaw foi apontando que, apesar de o programa do partido de 1920 ter falado da necessidade de basear a sociedade nos fundamentos da legislação alemã e mesmo com a permanência do código legislativo, ou seja, de um simulacro da legalidade ser mantido, o sistema judicial capitulou perante as exigências do poder executivo policial.

Essa capitulação aconteceu com a ajuda do próprio sistema judiciário. O autor apresentou diversos exemplos em que juízes e advogados alemães, numa tentativa de restauração do Estado autoritário, foram renunciando às suas posições de legalistas ao aceitarem “a natureza singular e o poder ilimitado do Führer – um princípio que, em sua essência, contradizia inteiramente a premissa do governo baseado em normas legais”.<sup>213</sup> Logo, mais um estrato da população que trabalhava para o *Führer*.

Em contrapartida, Hitler mostrava seu desprezo irrestrito contra a “ideia artificial da lei”. Para compreender esse processo, mais uma vez, Kershaw se baseou nos conceitos de Max Weber de “autoridade legal-racional” e “autoridade carismática”. Nesse sentido, no caso alemão, houve a subjugação dos preceitos legais abstratos e impessoais pela “vontade” como premissa fundamental da lei.

---

<sup>213</sup> KERSHAW, Ian, 1993, p. 82.

A expansão do poder de Hitler não ficou limitada à subjugação da lei a sua vontade. Por isso, segundo Kershaw, o próprio Hitler moldou o completo desgaste da legalidade no Terceiro Reich. Para embasar essa afirmação, o autor delimitou as mudanças do relacionamento entre a lei e a polícia ocorridas entre 1933 e 1936, entre as quais o decreto do Incêndio do Reichstag, que autorizava a “custódia protetora” da polícia sem qualquer sentença judicial. Isso permitiu a expansão dos campos de concentração; a fusão das polícias política e criminal numa nova entidade, a Polícia de Segurança; e a fusão da Polícia de Segurança com o Serviço de Segurança do Partido, formando o Escritório Central de Segurança do Reich.

O corolário foi a expansão maciça de poder da fusão entre polícia e SS – o principal agente executor do poder do *Führer*, pois era imbuída do espírito da ideologia nazista. As demais modificações durante o Terceiro Reich foram consequências desse período inicial. Em 1942, na última assembleia do Reichstag, foi reconhecida formalmente a posição de Hitler como chefe supremo da justiça, completando, assim, a capitulação do poder judiciário.

Assim como fez para compreender a pulverização da oposição política, Kershaw apresentou a proporção de agentes da Polícia Política em comparação ao número da população alemã e ao número de denúncias realizadas por “não nazistas” para confirmar que tanto Hitler quanto o aparelho policial tiveram amplo apoio da população. Em suas palavras,

Sem os “bisbilhoteiros” e os delatores – dispostos a cumprir seu papel, geralmente em proveito próprio, de “trabalhar pelo Führer” através da entrega de seus concidadãos, por quaisquer motivos, à terna misericórdia da Gestapo –, um sistema como esse, baseado no medo e na angústia generalizada, nem remotamente poderia ter funcionado com tamanha eficiência.<sup>214</sup>

O autor foi enfático, desde o início da narrativa, de que a explicação do poder de Hitler não poderia se circunscrever à sua própria figura. Em um exercício retrospectivo, sugeriu que a personalidade e às intenções ideológicas de Hitler estavam inextricavelmente ligadas à motivação da massa de seguidores do nazismo. Agora, Kershaw buscou saber como foi possível colocar em prática os controles sociais supramencionados.

Essa sugestão foi comprovada pelo mapeamento de como Hitler encarnou as demandas sociais muito diferentes e as ligou a uma visão unificadora da regeneração nacional. Ao analisar distintas camadas da população, em especial aquelas que não tinham expressivas afinidades ideológicas com o nazismo, Kershaw foi percebendo que, mesmo sem um apoio completo, houve um consenso subjacente por trás do Estado hitlerista no início do Terceiro Reich. Sendo

---

<sup>214</sup>Idem, p. 89.

assim, mesmo nas áreas de rejeição, existiram importantes linhas de consenso quanto a aspectos centrais da política e da ideologia nazista, entre eles o antisemitismo, o antimarxismo, o chauvinismo nacionalista, o autoritarismo empático e a crença no *Führer*.

Para o historiador, a ampla variedade de expectativas sociais investidas no regime, alicerçadas pelo consenso subjacente, tinha um denominador comum na imagem do *Führer*. A narrativa demonstrou como a propaganda, por meio das técnicas desenvolvidas por Joseph Goebbels, foi a responsável de tornar a imagem de Hitler como sendo esse denominador ao compreender a importância incontestável de um líder supremo – uma demanda da população anterior ao próprio Hitler – e ao realizar a construção do “mito de Hitler”.

Os números de filiados ao partido, a SA e a juventude hitlerista foram acionados para confirmar o sucesso de Goebbels de tornar a imagem do *Führer* em um instrumento de aclamação. Ademais, a popularidade de Hitler foi maciça nos anos subsequentes a 1933, mesmo em grupos da sociedade críticos ao nazismo.

Por fim, tendo consenso subjacente e aclamação popular, o que faltava para Hitler colocar em prática a tarefa de “conduzir o povo aos objetivos associados à grande visão de mundo do Führer”?<sup>215</sup> Para responder, Kershaw trouxe de forma detalhada como ocorreram as quatro eleições plebiscitárias durante o Terceiro Reich.

Isso porque, segundo o autor, enquanto as metas de Hitler significavam, por exemplo, a expulsão de um concorrente, a eliminação de um vizinho indesejável ou a aquisição de uma propriedade, o “trabalhar pelo Führer” era facilmente mobilizado para ratificar onda de violência antisemita, ou seja, o que a população colocava como a parte positiva da visão do *Führer*. No entanto, os ímpetos cada vez mais violentos dessas ondas, davam incentivos para a radicalização – a parte negativa da visão de Hitler.

Uma maneira encontrada por Hitler de promover o máximo de consenso possível e dar um recado para os incrédulos foi a realização de plebiscitos. Com eles, ou melhor, com o apoio plebiscitário, o líder nazista mostrava que tinha atrás de si a massa do povo alemão, o que se constituiu um elemento crucial na dinâmica de radicalização do Terceiro Reich e na crescente autonomia do poder de Hitler.

Outra indagação que norteou a narrativa foi como e por que a autonomia de Hitler se expandiu tão significativamente durante 1934-1937. Uma parte da explicação já foi dada por Kershaw no seu exame do crescimento da organização da polícia-SS e da aclamação plebiscitária dos atos de Hitler. A complementação da resposta foi realizada por meio de dois

---

<sup>215</sup> Idem, p. 104.

eixos explicativos: 1) a estrutura mutável de governo do Terceiro Reich; 2) as oportunidades de Hitler no exercício da política externa.

No decorrer de oito páginas, foi destacado como Hitler adaptou as estruturas burocráticas da administração governamental à sua vontade. A aprovação da Lei de Ratificação – Hitler recebeu poderes de promulgar e executar as leis que tivessem recebido a concordância do gabinete –, a diminuição de reuniões do gabinete, o novo modelo de aprovação do projeto de lei (não preparava mais os projetos de leis, optou apenas por rejeitar ou ratificar), o novo chefe da chancelaria, Hans-Heinrich Lammers, como o único elo entre os diferentes ministros e Hitler e a falta de comprometimento em tomar decisões foram os exemplos trazidos para confirmar a adaptação feita pelo chanceler. Em um paradoxo, o líder nazista se tornava, cada vez mais, indispensável para o aparelho governamental, enquanto ficava isolado dele e mal se envolvia em suas deliberações.

O autor comparou o Terceiro Reich a um sistema de feudo moderno, em que, em vez de um corpo central deliberando e formulando medidas de política, havia uma fragmentação e uma proliferação de agentes conflitantes do poder, “cada qual encontrado justificativa unicamente através do recurso à implementação da ‘vontade de Hitler’”.<sup>216</sup> Portanto, com o degaste do governo central e a fragmentação administrativa, a autonomia da “vontade de Hitler” se expandiu, sem restrições constitucionais ou institucionais.

Nesse sentido, Kershaw foi enfático ao apontar que o imenso poder de Hitler não foi um produto de um plano preconcebido e sistematicamente executado por parte de Hitler. A expansão do seu poder, em grande parte, foi o reflexo da debilidade da ordem interna e internacional na década de 1930.

Acontecimentos da política interna e externa até 1936, como a crise da República de Weimar, a saída da Liga das Nações, o pacto de não agressão por dez anos com a Polônia, a transgressão do Tratado de Versalhes, a recuperação da Renânia, o acordo naval com a Grã-Bretanha e o Plano Quadrienal, foram ações minuciosamente detalhadas como estratégia de escrita para validar que a expansão do sucesso de Hitler foi devido à fragilidade e à complacência das classes dominantes tradicionais da Alemanha. Assim como o consentimento e debilidade dos líderes das democracias ocidentais.

Outro elemento para definir o perfil do poder de Hitler, após percorrer o processo de construção, foi o de investigar como o poder dele foi colocado em prática entre 1938 e 1943. Este período foi definido por Kershaw como sendo “anos fatídicos”, pois foram neles que Hitler

---

<sup>216</sup> Idem, p. 118.

exerceu na prática o seu poder absoluto. Ademais, outro critério foi o de tentar explicar como a “ideia” do nazismo, personificada em Hitler, foi implementada como uma política efetiva.

Precisamente, dez páginas foram destinadas para desvelar o processo que culminou na consubstanciação do governo em Hitler, e vice-versa. Essa ocorre quando o desgaste do governo, que havia se iniciado antes da guerra, foi se transformando em órgãos executivos ligados à Hitler. A chancelaria do Reich, o aparelho central do Partido, os chefes locais do Partido (os Gauleiter), o quartel-general do Führer, a polícia-SS, foram apresentados, um por um, como grandes complexos de poder que dispunham de canais de ligação com Hitler, e se tornaram instrumentos para a sua implementação ideológica.

Portanto, no período de guerra, a estrutura burocrática estatal estava completamente solapada pela proliferação do que Kershaw definiu como sendo as “autoridades especiais” de Hitler, que usavam de forças coercitivas para realizar a “visão de mundo do Führer”. Em suas palavras, “a turba da ‘máfia’ havia assumido o controle do Estado”.<sup>217</sup> Isso reforçava a ideia da extrema ilegalidade do regime de nazista.

Com os órgãos coercitivos trabalhando ao seu favor e com a substituição da lei pela força, o que passou a nortear a escrita de *Hitler: um perfil do poder* foi a formulação da resposta de como se deu a realização da “ideia” de Hitler e qual foi a contribuição dele próprio para a consecução de seus objetivos ideológicos.

De acordo com o autor, a partir de 1938, independente de Hitler, a expansão alemã teria acontecido, pois, mesmo existindo diferenças de como deveria ocorrer tanto entre o círculo imediato a Hitler quanto de outras lideranças, havia um consenso amplo em torno de uma política externa expansionista e da conquista da hegemonia alemã na Europa Central. No entanto, o caráter e o ritmo dessa expansão foram marcados por Hitler.

O destaque dado as estratégias de ocupação na Áustria, Polônia e Tchecoslováquia, e os preparativos de guerra, serviram para Kershaw sistematicamente apresentar dois pontos centrais de sua tese: que as ações de Hitler nesse período foram pragmáticas e oportunistas, e que tanto a política expansionista quanta a guerra tiveram como pano de fundo a “questão judaica”.

Outra característica determinante dessa parte da argumentação foi, a cada ação destacada, reforçar que Hitler pessoalmente não precisou fazer muito para promover o aguçamento e a radicalização da perseguição aos judeus, que bastou “apenas a sua permissão para que seus subalternos pusessem em prática o que consideravam ser seus ‘desejos’”,<sup>218</sup> assim como mostrar que a guerra deu a oportunidade e criou o contexto de brutalização das questões

---

<sup>217</sup> Idem, p. 145.

<sup>218</sup> Idem, p. 151

ideológicas de Hitler. Sendo assim, “a visão de mundo de Hitler” assumiu a forma de regime genocida – com a ajuda daqueles que “trabalhavam pelo Führer”. Isto é, sua “ideia” se tornou realidade. Hitler, naquele momento, exerceu o seu poder monstruoso e irrestrito.

Diferente de algumas análises que centralizam a compreensão do holocausto em Hitler e nos outros líderes nazistas, Kershaw buscou salientar que o genocídio foi realizado em forma conjunta. Por isso, foi definindo como e qual grau de participação de Hitler e sua cúpula, assim como o da sociedade. Segundo o autor,

Embora as decisões sobre o extermínio dos judeus tenham sido efetivamente tomadas por Hitler, a “Solução Final” não pode ser vista simplesmente em termos personalizados. A radicalização da política antijudaica, durante a década de 1930, se dera com pouco envolvimento ativo por parte de Hitler e inteiramente à vista da sociedade alemã. Se muitos cidadãos comuns não chegaram a se entusiasmar com o que estava acontecendo, não houve, por outro lado, praticamente nenhuma oposição.<sup>219</sup>

Nesse sentido, ao fazer uma análise entrelaçando o tema do degaste do governo central fragmentado em órgãos que trabalhavam sob a ideia da “vontade de Hitler” e a brutalização das “ideologias” nazistas, Kershaw propôs, a meu ver, que o genocídio foi produto da disposição, de diversos setores da sociedade, de trabalhar pelas metas idealizadas de um “líder carismático”. Isso, no período em que surgiram as condições do genocídio, foi completamente isentado de quaisquer limitações constitucionais ou legais.

O último tema que compôs o perfil do poder foi compreender como Hitler continuou a exercer poder mesmo nos períodos finais da guerra, em que sua figura era a de um “homem mentalmente instável e fisicamente decrepito que dirigia os destinos da Alemanha do interior de um quartel-general, meio mosteiro e meio campo de concentração [...]”<sup>220</sup>. Diferente do que propusera até esse momento, Kershaw dedicou a descrever Hitler em sua aparência física, em suas ações cotidianas, seus descontroles e seu estado de saúde. Ou seja, foi a primeira vez que o autor trouxe informações mais detalhadas da vida privada do líder nazista, tendo como base, principalmente, os relatos dos outros líderes nazistas. Acredito que a estratégia foi deixar mais latente a contradição entre a figura de Hitler e de seu mito que ainda se fazia presente.

Outro elemento foi mostrar, por meio do exemplo da autorização da prática de corrida de cavalos durante a “guerra total”, como nos anos finais, por mais fragmentado e desintegrado que fosse seu governo, a autoridade de Hitler continuava inquestionável. Para além, o ponto mais destacado pelo autor foi que a vigência dessa autoridade só era possível – mais uma vez –

---

<sup>219</sup> Idem, p. 159.

<sup>220</sup> Idem, p. 166.

devido ao apoio de vários setores da população. Especificamente, o autor detalhou os apoios do seu círculo próximo, dos militares, da elite não nazista, principalmente das indústrias, até nos últimos momentos – ou até quando foi conveniente.

Por fim, identificou como a ideia do poder de Hitler permaneceu mesmo após a sua morte. Isso pôde ser observado, especificamente, entre sua “corte”, em que suas ordens permaneciam incontestáveis. No mundo, fora do bunker, o poder de Hitler estava chegando ao fim, e, consequentemente, a análise proposta pelo autor.

Após esse rastreamento dos elementos de escrita, pergunto-me: qual foi a imagem de Hitler criado por Ian Kershaw em *Hitler: um perfil do poder*?

## 2.8. A imagem de Hitler ou do seu poder?

Ian Kershaw, em *Hitler: um perfil do poder*, renunciando à tarefa de compreender quem foi o *verdadeiro* Adolf Hitler, o que significou em sua narrativa a quase ausência de dados privados de sua vida, delimitou a natureza, o mecanismo, o caráter e o exercício do poder ditatorial de Hitler. Por meio de uma análise temática do poder, o autor realizou sua investigação de forma cronológica, isto é, da construção (quando o poder de Hitler ainda era apenas uma ideia) até a sua morte (quando o líder do Terceiro Reich exerceu o poder absoluto da destruição e da autodestruição), observando as mudanças ao longo do tempo. Com isso, mais do que responder “como Hitler foi possível”, a narrativa tentou, a todo momento, explicitar “por que” Hitler foi possível.

A compreensão do poder de Hitler foi atrelada a duas afirmações: 1) que a força da personalidade de Hitler, por ela mesma, não bastaria para explicar sua dominação ininterrupta. 2) o apoio era um pré-requisito para a autoridade de Hitler. Essas afirmações foram possíveis de serem formuladas devido ao conceito de “dominação carismática”. A partir dele, Kershaw identificou a chave do que ele considerava o caráter extraordinário em que residia o poder de Hitler. A noção do conceito weberiano propiciou ao autor compreender a existência de um elo entre as motivações sociais que forjaram os vínculos com Hitler, a expressão do poder personalizado que foi uma característica na forma de dominação do Terceiro Reich e a dinâmica destrutiva do nazismo.

O modelo de “dominação carismática” norteou todas as partes do perfil que Ian Kershaw construiu para Hitler. Na percepção do autor, Hitler exerceu e detinha uma “visão” messiânica constante, possuía uma incapacidade de se comprometer com a formulação de uma política de governo institucionalizada e era inapto em fornecer prioridades e viabilidades. O modelo

também se ajustou na busca em comprovar à predileção de Hitler pelas questões ligadas a seu prestígio pessoal, a sua vocação por efeitos teatrais, a procura incessante por golpes propagandísticos, os temores em perder sua popularidade e a sua resistência em encarar o povo quando sofreu reveses principalmente no período final da guerra.

Além disso, a concepção de “dominação carismática” exerceu a base para a formulação do governo colocado em prática por Hitler. Nele, as lealdades pessoais adquiriram predominância sobre as estruturas burocráticas de governo, em que a posição formal foi substituída pela liderança suprema de Hitler. O conceito weberiano, no esteio da ideia de dominação “legal-racional”, foi o que direcionou o autor a investigar o processo de desgaste do aparelho administrativo governamental e o solapamento de toda estrutura que se aproximasse de um sistema ordenado e racional. Isso proporcionou que Hitler implementasse o seu poder absoluto ao realizar uma política de destruição jamais vista, até então, na Europa moderna – o genocídio nazista.

Outra chave explicativa foi a ideia de “trabalhar pelo Führer”. Kershaw analisou vários setores da sociedade que deram o sustentáculo para o poder exercido por Hitler. Isso porque, como foi indicado pelo autor em cada camada investigada, sem a disposição, amplamente difundida até entre os não nazistas, de “trabalhar pelo Führer”, Hitler não seria possível. O poder de Hitler não existiria. O apoio popular à forma de poder de Hitler foi imprescindível ao exercício efetivo do seu poder.

Nesse sentido, a imagem de Hitler presente nas páginas da obra não foi centrada na compreensão de um homem só. Em muitos casos, o destaque maior foi dado para outros líderes nazistas, como Joseph Goebbels, para os setores da classe média direitista que controlavam os interesses financeiros, para as instituições de resistência, como as igrejas católica e protestante, para os não nazistas que denunciaram seus vizinhos judeus etc. Isso porque as razões da indubitável força de personalidade de Hitler estavam fora do líder.

O Hitler de Kershaw, só por suas características pessoais, em nada poderia se tornar o líder do Terceiro Reich. Como reforçou em cada parte do livro, Hitler era apenas o líder de um partido que não tinha sequer o apoio da maioria dos votos. No entanto, ele soube aproveitar as oportunidades, a incompetência de uma oposição e, principalmente, comprehendeu como ninguém interpretar as necessidades sociais e políticas de sua sociedade. A sua chegada e o exercício do poder não poderiam ser definidos como um ato pessoal. Aliás, o papel pessoal desempenhado por Hitler, para o autor, foi insignificante.

Em grande parte, na obra, a explicação do seu poder foi dada por questões e acontecimentos que estavam fora do controle de Hitler. Para Kershaw, Hitler não foi um tirano

imposto à sociedade, assim como não foi um produto da imaginação, da vontade e da implacabilidade dele mesmo. Ele foi, até quase nos últimos momentos de sua existência, um líder nacional popular, que só chegou a essa posição graças ao apoio, patrocínio, proteção do movimento nazista, das massas e das elites.

Não houve nada de excepcional no Hitler de Ian Kershaw; ele pouco se diferenciava de outras lideranças direitistas. O seu diferencial, na verdade, foi saber congregar anseios de vários setores da sociedade, a partir da convicção da sua aura messiânica e na sua habilidade de demagogo. Sua imagem foi sendo construída e divulgada por meio de um aparato de coerção, isto é, pelo aparato propagandístico do partido nazista, o que fez emergir o “culto ao Führer”. Este foi viabilizado também por uma política coercitiva e de consenso que pulverizou todas as possibilidades de oposição e destruiu a estrutura de um governo institucional e legal. Com isso, a todo momento, recebeu os sustentáculos para exercer o seu poder “monstruoso e irrestrito”.<sup>221</sup> Um poder que concretizou sua política de destruição, que, apesar de ser a fonte de inspiração, como o programa da “Solução Final”, não precisou de nenhum esforço para colocá-lo em prática. Sob a justificativa de “trabalhar pelo Führer”, muito anseios e desejos foram postos em prática.

Kershaw, em sua investigação, evitou supervalorizar a personalidade de Hitler como um dos fatores do seu poder, tampouco ela foi ignorada. Mas, de qualquer modo, as estruturas sociais, políticas e econômicas foram muito mais mobilizadas para compreender o poder de Hitler do que o contrário. Isso porque *Hitler, um perfil do poder* foi um trabalho analítico sobre a natureza do poder de Hitler. Isto é, mais um exame das estruturas de poder alemãs do que do próprio Hitler, em que o poder do *Führer* foi produto da colaboração e da tolerância dos erros de avaliação e da fraqueza dos outros que detinham posição de poder e de influência, ou, até mesmo, pelos “homens comuns”.

Posto isso, no próximo capítulo, dando continuidade à compreensão de quem foi Ian Kershaw e o processo de formulação da sua imagem de Adolf Hitler, buscarei depreender o *campo intelectual* do qual o historiador foi parte e que deu as bases para suas concepções de investigação histórica acerca do Terceiro Reich.

---

<sup>221</sup> KERSHAW, Ian. **Hitler, um perfil do poder**. Jorge Zahar Editor, 1993, p. 145.

## CAPÍTULO 3 - ENTRE REFERÊNCIAS E DESCONSTRUÇÕES: AS BIOGRAFIAS DE ALAN BULLOCK E JOACHIM FEST SEGUNDO IAN KERSHAW

Desde 1920, quando emergiu como figura pública, Hitler e suas ações têm sido descritos, interpretados e criticados por jornalistas, historiadores, psicólogos, membros do Partido Nazista e muitos outros. A tarefa de escrever uma biografia sobre Hitler já foi realizada por uma variedade de pessoas ao longo dos anos. Portanto, antes mesmo de Ian Kershaw construir a imagem de Hitler através de sua biografia, ele já havia sido retratado e interpretado de diversas maneiras.

Quando nos propomos a escrever sobre um tema, um evento ou mesmo um indivíduo, especialmente no campo da escrita da história, nossa produção se insere em um diálogo constante com o que foi previamente elaborado. Mais do que isso, muitas vezes, são essas obras preexistentes que possibilitam a nossa própria escrita.<sup>222</sup>

Ao abordarmos a vida de um indivíduo, estamos inevitavelmente em uma conversa com as interpretações, análises e narrativas que nos precederam. Cada autor, ao escrever sobre um determinado assunto, traz consigo uma bagagem influenciada pelo que já foi escrito, discutido e analisado por outros. Nesse sentido, a escrita histórica não é apenas uma produção individual, mas sim um processo coletivo, no qual nos inserimos em um contexto de contínuo diálogo com as obras e as interpretações que nos antecederam.<sup>223</sup>

Assim, ao tratarmos sobre um tema específico, é inevitável que nos apoiemos nas obras que o abordaram anteriormente. Essas obras não apenas nos fornecem informações e análises que podem ser úteis para a nossa própria escrita, mas também moldam a maneira como percebemos e compreendemos o tema em questão, a partir de uma memória partilhada.

Ian Kershaw destacou duas considerações específicas ao empreender a tarefa de escrever uma biografia sobre Adolf Hitler. Primeiramente, ele reconheceu que as biografias elaboradas pelos historiadores Alan Bullock e Joachim Fest serviram como referências cruciais tanto para ele quanto para o campo de estudos sobre Hitler, descrevendo-as como investigações acadêmicas de alta qualidade. Em segundo lugar, ele expressou sua ressalva em relação ao gênero biográfico, refletindo sobre as tendências predominantes anti-biográficas na

---

<sup>222</sup> POCOCK, J. G. A.; MICELL, Sérgio (org). **Linguagens do ideário político.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 35.

<sup>223</sup> Qualquer objeto do passado (eventos, pessoas, ideias, etc.) que, ao ser transmitido e disseminado socialmente, pode potencialmente compor uma memória social herdada e compartilhada, capaz de impactar produções posteriores. (POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, 1992, p. 201).

historiografia alemã dos anos 1970. Como discutido no capítulo anterior, seus trabalhos se concentraram em explorar a opinião pública e a dissidência política durante o período do domínio nazista, em vez de focar especificamente em Hitler e sua cúpula. Kershaw salientou que, desde o início de sua carreira como historiador, ele sempre se sentiu mais inclinado à história social do que ao estudo da alta política, especialmente no contexto de um indivíduo específico.

Kershaw caracterizou de forma distinta as biografias elaboradas por Alan Bullock e Joachim Fest, respectivamente *Hitler: A Study in Tyranny* (1952) e *Hitler* (1973). Ele considerou a obra de Bullock como uma referência no padrão de escrita, enquanto viu o trabalho de Fest como um exemplo a ser questionado, ou mais precisamente, como uma representação a ser desconstruída. Em consequência disso, neste capítulo, iremos apresentar as duas representações que Kershaw, em meio a uma vasta gama de estudos sobre Adolf Hitler e o Regime Nazista, identificou como matrizes discursivas para refletir sobre o líder alemão. O fato das obras de Bullock e Fest serem referencias ou mesmo matrizes discursivas, e embora não tenhamos como demonstrar concretamente essas influências na biografia de Ian Kershaw, é uma possibilidade que não podemos descartar neste momento.

Portanto, como parte do nosso processo de compreender a operação historiográfica realizada em *Hubris (1889-1936)* e *Nêmesis (1936-1945)*, a ideia de identificar as matrizes discursivas que proporcionaram a formulação da obra de Ian Kershaw se faz presente no capítulo.

### *3.1. As matrizes discursivas de Ian Kershaw*

O século XX foi o século de Hitler? Com esta pergunta, Ian Kershaw partiu da premissa que apesar de tantos outros estadistas terem deixado suas marcas, a de Hitler tem sido mais profunda do que a de cada um deles. A ditadura de Hitler, muito mais do que a de Stalin ou Mao, por exemplo, teve a “qualidade” de um paradigma daquele século. Segundo ele, a ditadura de Hitler equivaleu ao colapso da civilização moderna, ao mostrar do que somos capazes.

O fato da ditadura de Hitler ter sido uma marca indelével da civilização moderna, trouxe para Kershaw questões como: o que era peculiar à Alemanha? Fazia parte de um mal-estar europeu mais geral? O que era peculiar à época? O que aconteceu foi um produto e uma característica da própria civilização moderna? Foi um processo catastrófico que acabou junto com o fim do Terceiro Reich? A resposta de Kershaw foi que,

Os doze anos de domínio de Hitler mudaram permanentemente a Alemanha, a Europa, e o mundo. É um dos poucos indivíduos dos quais se pode dizer com

absoluta certeza: sem ele, o curso da história teria sido diferente. O legado imediato de Hitler, a Guerra Fria - uma Alemanha dividida por um Muro, uma Europa dividida por uma Cortina de Ferro, uma divisão mundial entre superpotências hostis armadas com armas capazes de fazer explodir o planeta - terminou há apenas uma década. O legado mais profundo - o trauma moral que ele legou à posteridade - ainda não passou. [...] O que aconteceu sob Hitler ocorreu - de fato, só poderia ter acontecido - na sociedade de um país moderno, culto, tecnologicamente avançado, e altamente burocrático.<sup>224</sup>

São essas características que, a seu ver, ainda precisam ser explicadas. Nesse sentido, seria conveniente procurar pela causa da calamidade da Alemanha e da Europa, na pessoa do próprio Adolf Hitler, governante da Alemanha de 1933 a 1945. Mas, para além de toda responsabilidade moral de Hitler pelo que se passou sob o seu regime autoritário, uma explicação personalizada seria “um grave curto-circuito da verdade”.<sup>225</sup> Para Kershaw, este era o principal problema da escrita biográfica, pois gerava duas armadilhas: 1) a exigência de um nível de empatia com o sujeito que facilmente poderia derivar para a simpatia. 2) o risco natural de sobre-personalizar desenvolvimentos históricos complexos, de enfatizar o papel do indivíduo na formação e determinação dos acontecimentos, ignorando ou minimizando o contexto social e político em que essas ações tiveram lugar.

A tentativa de evitar essas armadilhas, para Kershaw, foi incentivo para a nova abordagem sobre Hitler. Haja visto que, para ele, apesar do número infindável de literaturas sobre Hitler e o Terceiro Reich, grande parte dela de alta qualidade, havia “apenas um punhado de biografias completas, sérias e eruditas do líder nazi”.<sup>226</sup> Entre o tal “punhado”, como já dito, duas biografias ganharam a atenção de Kershaw de formas distintas, uma como uma referência no padrão de escrita, outra como uma imagem a ser desconstruída.

A obra *Hitler: A Study in Tyranny* (1952), de Alan Bullock, lida com infinito fascínio quando Kershaw ainda era um estudante, foi considerada uma obra-prima, tanto que a decisão de escrever uma nova biografia, mesmo tanto tempo depois, foi realizada com o “devido sentido de modéstia à luz dos feitos de Bullock”.<sup>227</sup> Dando a entender que, até o momento em que escreveu sua biografia, a representação predominante de Hitler era a de Bullock – é importante ressaltar que essa foi também a percepção de Joachim Fest ao compor sua obra. Já à obra *Hitler* (1973), de Fest, o autor dedicou uma parte substancial de sua introdução para fazer críticas categóricas. Sem necessariamente dizer o nome do historiador alemão, Kershaw destacou o que

---

<sup>224</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler, 1889-1936: Hubris*. W.W. Norton, 1999, p. XX.

<sup>225</sup> Idem, p. XXI.

<sup>226</sup> Idem, p. XXI

<sup>227</sup> Idem, p. XI.

entendo como as principais críticas, ou melhor, as polêmicas que a biografia de o historiador alemão gerou assim que foi lançada.

De acordo com Kershaw, na obra de Fest há um potencial para uma possível reabilitação de Hitler, pois o autor começou a vê-lo, apesar dos crimes contra a humanidade relacionados ao seu nome, como um grande líder do século XX, aquele que, se tivesse morrido antes da guerra, teria tido um lugar alto no panteão dos heróis alemães. Foi possível relacionar essa crítica ao historiador alemão devido ao fato de uma das grandes polêmicas de sua biografia ser a frase “Se, em fins de 1938, Hitler tivesse sido vítima de um atentado, poucos hesitariam em considerá-lo um dos maiores estadistas alemães, talvez o que tivesse consumado a história daquele país”.<sup>228</sup> Essa ideia estava associada à compreensão de Hitler através do conceito de “grandeza histórica” de Jacob Burckhardt – que iremos compreender de forma detalhada mais à frente. Todavia, vale lembrar que em 1938, ataques coordenados contra judeus já eram realizados na Alemanha Nazista, os quais foram elevados a uma escalada dramática da perseguição e, posteriormente, ao Holocausto.

Kershaw alegou que a questão da "grandeza histórica" estava implícita na escrita da biografia convencional – particularmente na tradição alemã. Mais uma vez é possível perceber uma continuidade na crítica a Fest, pois o biógrafo alemão teve como ponto de partida para sua escrita resolver a questão da grandeza histórica de Hitler, que, para ele, ficou principalmente mal resolvida na biografia de Bullock. Segundo Kershaw, os atributos pessoais de Hitler colocavam problemas óbvios para tal tradição. Assim, as pesquisas deveriam evitar completamente a questão da "grandeza", pois ela é um engano: mal interpretada, inútil, irrelevante, e potencialmente apologética.

Mal interpretada porque, como as teorias dos 'grandes homens' não podem escapar a fazer, personaliza o processo histórico de forma extrema. Sem sentido porque toda a noção de grandeza histórica é, em último recurso, fútil. Baseado em um conjunto subjetivo de juízos morais e mesmo estéticos, é um conceito filosófico-ético que não leva a lado nenhum. Irrelevante porque, quer respondêssemos à questão da alegada "grandeza" de Hitler na afirmativa ou na negativa, ela por si só nada explicaria sobre a terrível história do Terceiro Reich. E potencialmente apologético, porque mesmo colocar a questão não pode esconder uma certa admiração por Hitler, por mais ressentido que seja e quaisquer que sejam os seus defeitos; e porque procurar a grandeza em Hitler tem o corolário quase automático de reduzir de fato aqueles que promoveram diretamente o seu governo, as agências que o sustentaram, e o próprio povo alemão que o apoiou tanto, ao papel de meros supranumerários do "grande homem".<sup>229</sup>

---

<sup>228</sup>FEST, Joachim C. **Hitler**. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 7.

<sup>229</sup>KERSHAW, Ian, 1999, p. XXIV.

Em contraponto, deve-se evitar a armadilha em que a maioria dos seus contemporâneos caíram, de subestimar grosseiramente as suas capacidades ou, como destacou o autor, de criar uma divisão extremamente explícita, por exemplo, entre a figura pública e privada de Hitler ou da vida sem propósito, de um apolítico, antes de chegar no poder, e um ser quase sobre-humano quando se tornou Chanceler.

Esta foi mais uma crítica destinada a Fest, pois ele era um símbolo dessa tentativa de compreender a vida de Hitler em fase, em divisões pragmáticas, tanto que um dos capítulos mais referenciados de sua biografia foi o “Examinando a impessoal”. Neste, assim como nos demais capítulos, o historiador alemão compôs a narrativa a partir da divisão da vida de Hitler em fases sucessivas. A seu ver, “Sua vida é caracterizada por rompimentos tão brutais que às vezes é difícil encontrar os elementos de ligação entre as diferentes fases. Os 56 anos de sua vida não comportam apenas uma cesura entre os trinta primeiros anos sombrios, inexpressivos, anti-sociais e a segunda metade de uma vida política por assim dizer eletrizante”.<sup>230</sup> O Hitler público e privado foi reforçado principalmente nas interpolações que Fest fez em toda a escrita. Nestes momentos, o autor realizou uma análise psicológica da vida particular do ditador para demonstrar uma cisão entre a representação pública que Hitler fez para si.

Já para Kershaw, “Uma biografia de um ‘não-pessoa’, aquele que não tem uma vida ou história tão boa como a dos acontecimentos políticos em que está envolvido, impõe, naturalmente, as suas próprias limitações”.<sup>231</sup> Em sua concepção, não havia “vida privada” para Hitler, pois ele “privatizou” a esfera pública. “Privado” e “público” fundiram-se completamente e tornaram-se inseparáveis. Todo o ser de Hitler veio a ser integrado no papel que desempenhou: o de *Führer*.

Por fim, Kershaw argumentou que era sua tarefa se concentrar não na personalidade de Hitler, mas no carácter do seu poder. Um poder que era “carismático”, não institucional. Em maior medida, ele era um produto social - uma criação das expectativas e motivações sociais investidas em Hitler pelos seus seguidores. Isto não significava que suas próprias ações, no contexto do seu poder de expansão, não tenham sido da maior importância. Mas, o impacto do seu poder, deveria ser visto por Kershaw não em quaisquer atributos específicos de personalidade, mas no seu papel como *Führer* – um papel que só se tornou possível através da subestimação, erros, fraqueza e colaboração de outros.

---

<sup>230</sup> FEST, Joaquim, 2006, p. 598.

<sup>231</sup> KERSHAW, Ian, 1999, p. XXV e XXVI.

Para explicar esse poder, portanto, o biógrafo inglês deveria olhar em primeira instância para os outros, não para o próprio Hitler – um contraponto aos objetivos de escritas de Bullock e de Fest como veremos nos próximos tópicos. Tendo como máxima que quaisquer que fossem as circunstâncias externas e os determinantes impessoais, Hitler não era permutável. O poder altamente personalizado que Hitler exerceu – com a autoridade da chancelaria do Reich atrás de si, apoiado por multidões adoradoras, rodeado pelas armadilhas do poder, envolvido pela aura de grande liderança desenhada pela propaganda, condicionou tudo que aconteceu na Alemanha entre 1939 e 1945.

Aqui, é crucial considerar o período de escrita das biografias de Bullock na década de 1950 e de Joachim Fest no início da década de 1970. Como discutido no primeiro capítulo desta tese, nos anos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, houve uma tendência de atribuir o nazismo e suas consequências inteiramente a Hitler, como se ele fosse o único responsável pelo desvio da nação alemã. Assim como, parte da literatura desse período minimizou a figura de Hitler, deslocando o foco para outras questões prementes.<sup>232</sup> Por um período, a responsabilidade foi atribuída a fatores mais abrangentes, como o capitalismo, o antisemitismo e a política da República de Weimar. Alguns argumentavam que a ascensão de Hitler ao poder era inevitável, dada as condições econômicas, traumas psicológicos e outros elementos do contexto histórico.

Havia uma divisão entre os alemães, com alguns culpando exclusivamente Hitler e outros responsabilizando o partido nazista como um todo. Até a década de 1950, muitos livros sobre o regime nazista eram apologéticos, buscando justificar ou explicar o consentimento ou o silêncio diante do regime. Hitler era frequentemente retratado como um oportunista que se aproveitava do fracasso e da desilusão política do povo alemão.<sup>233</sup>

Ainda nesse contexto, os autores descreveram Hitler destacando uma dualidade em sua personalidade, como se houvesse um homem comum e um fenômeno, o Hitler e o *Führer*, o humano e o sobre-humano. Hitler foi retratado como um ser dotado de um magnetismo sobre-humano, sendo muitas vezes associado a um "demônio" que enfeitiçou toda a nação alemã. Essa estratégia de demonização de Hitler frequentemente servia para justificar os eventos da época.<sup>234</sup> Ao atribuir a ele uma aura sobrenatural, essa narrativa aliviava o peso e a responsabilidade daqueles que compactuaram ou fizeram parte do regime nazista.

---

<sup>232</sup> LUKACS, John. *O Hitler da História*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 16.

<sup>233</sup> SILVA, Marcela de Oliveira Santos. *Adolf Hitler na biografia A Study in Tyranny. Dissertação (mestrado em História)*. Programa de Pós-Graduação em História UFRRJ, Seropédica, 2019, p. 67.

<sup>234</sup> ROSENBAUM, Ron. **Para Entender Hitler**. A Busca Das Origens do Mal. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 16.

Entre os primeiros estudos do pós-guerra até o início da década de 1970, havia uma sensação de estupefação diante do grande fracasso de Hitler, seguida por um período de desinteresse gradual, que aos poucos foi substituído por um interesse crescente.<sup>235</sup> Nesse sentido, no meio acadêmico, o estudo sobre Hitler foi mais relevante pela sua ausência e presumida irrelevância do que pela sua presença.<sup>236</sup> Em contrapartida, para abordar o tema do Holocausto, especialmente após o Julgamento de Nuremberg, Hitler e os principais líderes do partido nazista - e somente eles - eram destacados como figuras proeminentes para explicar os extermínios dos judeus nas câmaras de gás da Alemanha nazista. Isso sugeria que o Holocausto era resultado de um programa de extermínio idealizado e implementado por um indivíduo (Hitler) ou um pequeno grupo de pessoas (os outros líderes nazistas).

Já o final da década de 1960 e a década de 1970 são considerados um período de explosão de publicações sobre Adolf Hitler, que até então não era uma figura muito presente nas produções e obras que abordavam o tema do nazismo e da Segunda Guerra Mundial. Essas décadas ficaram conhecidas como o período do *boom* de Hitler.<sup>237</sup>

O contato de Ian Kershaw com as interpretações sobre o papel de Hitler no sistema do governo nazista em voga em grande parte dos escritos de historiadores alemães, em específico a partir da sua participação no “Projeto Baviera”,<sup>238</sup> foi o estímulo para imergir à sua escrita da biografia do Chanceler do Terceiro Reich. Isso porque, a crescente preocupação com as estruturas do domínio nazista e o abismo na divisão da posição de Hitler dentro desse sistema “levou-me inexoravelmente a aumentar a reflexão sobre o homem que foi indispensável e a inspiração do que se passou, o próprio Hitler”.<sup>239</sup>

A escrita de *Hubris (1889-1936)* e *Nêmesis (1936-1945)* era a sua tentativa de romper com a polarização das abordagens, ao integrá-las a uma biografia de Hitler escrita por um historiador “estruturalista”. O seu objetivo era, através da escrita biográfica, unir o pessoal com os elementos impessoais na “formação de algumas das passagens mais vitais de toda a história humana”, tendo como pergunta norteadora como Hitler foi possível. Em suas palavras,

---

<sup>235</sup> FEST, Joaquim, 2006, p. IX.

<sup>236</sup> Idem.

<sup>237</sup> LUKACS, John, 1998, p. 18

<sup>238</sup> Como discutido no primeiro capítulo, o *Bayern Projekt*, realizado pelo *Institut für Zeitgeschichte* (IfZ), explorou a história social da Baviera durante a era nazista. Este projeto buscou analisar a interdependência entre política e sociedade, adotando uma perspectiva tanto da história política quanto social. Durante o projeto, a grade de questões e ferramentas metodológicas foi expandida para incluir aspectos da vida cotidiana.

<sup>239</sup> KERSHAW, Ian, 1999, p. XII.

“Procurar essas motivações e fundi-las com a contribuição pessoal de Hitler para a realização e expansão do seu poder até o ponto determinar o destino de milhões é o objetivo do estudo”.<sup>240</sup>

Para Kershaw “Uma história de Hitler tem de ser, portanto, uma história do seu poder - como chegou a consegui-lo, qual era o seu carácter, como o exerceu, porque lhe foi permitido expandi-lo para quebrar todas as barreiras institucionais, porque a resistência a esse poder era tão débil. Mas estas são questões a serem dirigidas à sociedade alemã, e não apenas a Hitler”.<sup>241</sup> Nesse sentido, precisava analisar a ditadura, bem como o seu ditador.

Sua biografia de Hitler precisava fazer uma integração entre as ações do ditador nas estruturas políticas e forças sociais que condicionaram a sua aquisição e exercício do poder. Kershaw tinha como objetivo uma abordagem que olhasse mais para as expectativas e motivações da sociedade alemã, do que para a personalidade de Hitler, ao oferecer uma explicação da expansão do seu poder através da dinâmica interna do regime que encabeçou e das forças que desencadeou. De acordo com ele, “O ataque nazi às raízes da civilização tem sido uma característica marcante do século XX. Hitler foi o epicentro desse assalto. Mas ele foi o seu expoente máximo, não a sua principal causa”.<sup>242</sup>

A partir da compreensão que Alan Bullock e Joaquim Fest foram matrizes discursivas para Ian Kershaw formular sua biografia, e das suas divergências e convergências com as propostas dos dois biógrafos, apresentaremos, nos tópicos a seguir, um panorama das imagens de Hitler nas obras *Hitler: A Study in Tyranny* (1952) e *Hitler* (1973).

### 3.2. Alan Bullock e sua representação de Hitler: uma referência histórica

O historiador Alan Bullock ganhou destaque mundial com sua biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, publicada em 1952.<sup>243</sup> A obra teve sua gestação entre novembro de 1945 e outubro de 1946, durante o julgamento de Nuremberg, período em que Bullock teve acesso à documentação do tribunal que processou criminosos de guerra nazistas – Bullock foi um dos convidados para acompanhar o julgamento como público.<sup>244</sup> Direcionando-se para o Terceiro

---

<sup>240</sup> Idem, p. XII e XII.

<sup>241</sup> Idem, p. XXVII.

<sup>242</sup> Idem, p. XXX.

<sup>243</sup> O texto em sua língua original, com tradução livre feita por mim.

<sup>244</sup> O julgamento de Nuremberg foi um marco histórico ao estabelecer, pela primeira vez, o Tribunal Militar Internacional, onde os criminosos da Segunda Guerra Mundial foram publicamente julgados. Em 18 de outubro de 1945, o Tribunal Internacional foi inaugurado em Berlim, com os julgamentos iniciando em 20 de novembro do mesmo ano, em Nuremberg. As sentenças foram proferidas a partir de 1º de outubro de 1946. Nesse julgamento, os principais líderes da Alemanha nazista foram acusados de crimes contra o direito internacional, divididos em quatro modalidades: conspiração e atos deliberados de agressão; crimes contra a paz; crimes de guerra; crimes contra a humanidade. Nuremberg trouxe à tona crimes nunca julgados e responsabilizou as mais altas autoridades

Reich de Hitler, Bullock examinou as minutas dos criminosos de guerra, dando origem à primeira narrativa abrangente da vida de Hitler.

Influenciado pelo historiador e escritor britânico Alfred Leslie Rowse e pela editora *Odhams Press* a realizar a sua escrita, a biografia tornou-se uma das mais populares e influentes. A obra foi e continua sendo considerada uma das mais influentes já publicadas; alcançou sucesso de vendas em ambos os lados do Atlântico, além de se tornar um *best-seller* em diversos países, incluindo Espanha, França e sua terra natal, a Inglaterra. O livro atingiu a marca de mais de 3 milhões de exemplares vendidos, e sua versão revisada, lançada em 1962, ainda figura entre as biografias mais vendidas na Inglaterra. As biografias subsequentes sobre o tema, assim como os estudiosos de Adolf Hitler, mesmo depois de tantos anos, frequentemente fazem referência a Bullock como uma fonte fundamental e uma autoridade no assunto.<sup>245</sup> Esse é o caso da biografia escrita por Ian Kershaw.

No prefácio datado de 26 de abril de 1952, o biógrafo Bullock introduziu os questionamentos que o motivaram a escrever sobre a vida de Hitler. Ele mencionou ter sido guiado por duas grandes interrogações, originadas do que foi discutido no julgamento de Nuremberg: "Qual era o papel fundamental desempenhado por Hitler na história do III Reich?" e "Quais eram as habilidades extraordinárias que possibilitaram a ele compreender e manter tal poder?".<sup>246</sup> Para Bullock, reconstruir a trajetória de Adolf Hitler representava a oportunidade de "oferecer um relato de uma das carreiras políticas mais surpreendentes e marcantes da história moderna".<sup>247</sup>

Bullock descreveu a sua obra como uma narrativa histórica que não se propunha a ser um estudo sobre a história da Alemanha ou sobre um governo ou sociedade sob o domínio do regime nazista. Seu foco não estava na ditadura em si, mas sim no ditador e no poder pessoal desse indivíduo – como vimos mais acima, Ian Kershaw teve uma proposta inicial contrária. Segundo as intenções declaradas por Bullock, seu objetivo era realizar um estudo sobre Hitler e compreender como ele alcançou e exerceu seu poder.

---

do Estado pelas violações do Direito Internacional, estabelecendo um precedente fundamental na luta contra crimes contra a humanidade e genocídio, reconhecido internacionalmente. O julgamento de Nuremberg serviu como base para tribunais internacionais subsequentes e foi um ponto de partida crucial na narrativa histórica do Holocausto. Documentos organizados pelas equipes de pesquisa em Nuremberg deram origem aos primeiros estudos historiográficos sobre a "Solução Final". (PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O julgamento de Nuremberg e de Eichmann em Jerusalém:** o cinema como fonte, prova documental e estratégia pedagógica. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann\\_nuremberg\\_israel.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf). Acesso em: 22 março 2024).

<sup>245</sup> Um levantamento detalhado foi realizado em minha dissertação de mestrado. Ver mais: SILVA, Marcela de Oliveira S., 2019.

<sup>246</sup> BULLOCK, Alan. **Hitler: A Study in Tyranny**. Ed. Rev., 1962, p. IX.

<sup>247</sup> Idem, p. IX.

Através das 770 páginas e 14 capítulos de seu livro, Bullock incorporou as ideias e palavras de Hitler. As origens do ditador são detalhadas principalmente com base nos relatos encontrados no livro escrito por Adolf Hitler, *Mein Kampf*,<sup>248</sup> e seus discursos – essas foram umas das fontes mais incorporadas por Bullock em sua biografia.<sup>249</sup> Ao longo do texto, ficou evidente que o autor interpretou *Mein Kampf* como um reflexo das intenções de Hitler. Para o biógrafo, na obra, Adolf Hitler delineou seu plano político e tentou implementá-lo de alguma forma. Segundo a biografia, ao redigir *Mein Kampf* em 1925, ele foi capaz de expressar claramente suas intenções e os requisitos essenciais para o sucesso de seu projeto. Isso é perceptível quando Bullock correlaciona eventos históricos com os escritos do líder nazista.

A primeira vez que o biógrafo fez essa conexão foi ao descrever a aliança formada por Hitler com Mussolini: "No final de 1936, Hitler conseguiu concretizar uma das duas alianças mencionadas em *Mein Kampf* [...]."<sup>250</sup> O historiador procurou comparar os eventos que se desenrolaram na Alemanha Nazista a partir de 1933, quando Hitler ascendeu ao cargo de Chanceler, com o qual estava registrado em *Mein Kampf*.

Um aspecto significativo foi a análise comparativa entre o testamento político que Hitler redigiu nos últimos dias de sua vida e seu livro *Mein Kampf*.<sup>251</sup> Segundo a descrição biográfica, o testamento político de Hitler revelou que as intenções, posicionamentos e ideias expressas por Adolf Hitler em 1920 permaneceram praticamente inalteradas nas decisões finais transmitidas em seu último pronunciamento para a nação alemã, em 1945. Como afirmou, o intervalo entre a escrita do seu livro e suas palavras finais não alteraram o *antigo Hitler*, "Aqueles vinte e tantos anos não o transformaram em nada, nem lhe ensinaram nada". Isso representou a tentativa do autor em demonstrar que o Adolf Hitler que escreveu em 1925 o livro considerado sua autobiografia era o mesmo indivíduo que estava à beira do suicídio em 1945. Isto é, que sustentava as mesmas ideias e tinha os mesmos objetivos, pensava da mesma forma.

Por isso, o biógrafo considerou *Mein Kampf* como o texto no qual Adolf Hitler sistematizou seu programa político, que Bullock afirmou ter sido implementado. Além disso, esses elementos foram incorporados no livro como ferramentas que permitiram a Bullock

---

<sup>248</sup> No próximo capítulo, realizaremos uma análise mais aprofundado sobre o livro escrito por Adolf Hitler.

<sup>249</sup> Dentre os autores e fontes mais citados por Bullock estão: Adolf Hitler e *Mein Kampf*; de Hermann Rauschning e *Gespräche mit Hitler*; Konrad Heiden e a biografia *Hitler*. (SILVA, Marcela de Oliveira, 2019, p.78).

<sup>250</sup> Idem, p. 309.

<sup>251</sup> O Testamento Político de Adolf Hitler foi redigido no Führerbunker em 29 de abril de 1945, um dia antes de cometer suicídio junto com sua esposa Eva Braun. O documento nomeou Martin Bormann como executor e foi dividido em duas partes. Na primeira parte, Hitler negou as acusações de belicismo, expressou sua gratidão aos cidadãos leais da Alemanha e conclamou para que continuem a luta. Na segunda parte, ele declarou Heinrich Himmler e Hermann Göring como traidores e relatou seu plano para um novo governo.

alcançar um de seus principais objetivos de escrita: interpretar sua compreensão de um Hitler singular.

Um elemento fundamental abordado na biografia foi a política externa e militar concebida e implementada por Hitler. Para explorar esse tema, Alan Bullock optou por narrar e detalhar as reuniões, encontros e intercâmbios de informações entre Hitler e os líderes e representantes de outros países europeus – a fonte utilizada para isso foi o livro *Gespräche mit Hitler* (1939) do ex-líder nazista Hermann Rauschning. Anos depois, em 1983, o historiador suíço Wolfgang Haenel, após investigações, declarou que *Gespräche mit Hitler* era uma grande fraude, pois a maioria das reuniões relatadas nunca existiram.

Ainda baseado nos discursos realizados pelo líder político e no livro *Gespräche mit Hitler* (1938) de Hermann Rauschning, Bullock reafirmou a convicção de que Adolf Hitler persistiu como líder durante a Segunda Guerra Mundial, apesar dos desafios enfrentados. Refletindo sobre os relatos, Bullock observou: "No entanto, em nenhum momento Hitler deixou de controlar as operações e, por sua própria iniciativa, conseguiu se reerguer e continuar seu trabalho".<sup>252</sup> O escritor descreveu os planos políticos de Hitler, retratando-o como o líder do partido responsável por elaborar suas estratégias políticas e militares.

A narrativa sobre política externa e guerra se destacou significativamente em comparação com outros temas na obra, pois o autor dedicou uma parte considerável do livro para abordar essa temática. Como base de informações, o livro de Hermann Rauschning também foi a sua principal fonte, assim como o diário de ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels. Os tópicos abordados incluíram estratégias políticas e diplomáticas, negociações, acordos, alianças e decisões de guerra envolvendo Adolf Hitler e outros países europeus, com foco especial em nações como Itália, Grã-Bretanha e União Soviética.

As estratégias políticas e militares, juntamente com as fases de ascensão do líder nazista, foi dividida em dois momentos distintos. No primeiro, Bullock procurou demonstrar como o aumento de poder foi uma ferramenta utilizada por Hitler para controlar a política e a máquina estatal. Segundo o autor, isso foi alcançado inicialmente através do rearmamento da Alemanha e, posteriormente, quando o então chanceler assumiu o comando supremo das forças armadas. O processo de rearmamento e o domínio das forças armadas, conforme observado pelo biógrafo, marcaram a última fase da sua busca pelo poder, representando o prelúdio de uma nova era na política externa, a partir da consolidação de seu poder institucional.

---

<sup>252</sup> Idem, p. 714.

No segundo segmento da biografia deu-se a tentativa de traçar cada passo dado por Hitler na política externa a partir de 1933, o que, como notado, "[...] envolveu riscos cada vez maiores, mas ele sempre saiu vitorioso".<sup>253</sup> O historiador descreveu as atividades de política externa do líder alemão até o início da guerra, concentrando-se nas interações diplomáticas entre ele e outros países europeus. Alan Bullock descreveu a anexação da Áustria e da Checoslováquia, bem como a situação da Eslováquia sob controle alemão, destacando os acordos, concessões, negociações e pactos que Hitler fez com Grã-Bretanha, União Soviética, Itália, Espanha e França. O maior sucesso diplomático de Hitler foi a retomada do Ruhr: "Nenhum evento destaca de forma mais clara os sucessos obtidos pelo jogo diplomático de Hitler do que a retomada da região do Ruhr".<sup>254</sup> A impressão transmitida pela narrativa foi a tentativa sistemática de Alan Bullock de associar o *Führer* a uma rede de alianças e acordos com outros países, ou, simplesmente, a uma relação de consentimento entre as principais nações europeias e com a autoridade nazista.

Na biografia, a política externa preparou o terreno para as estratégias de guerra. Nesse contexto, Hitler foi retratado como o arquiteto da estratégia, o líder que organizou e liderou a Segunda Guerra Mundial. Não foi coincidência que o nono capítulo tenha sido intitulado "A Guerra de Hitler". Para Bullock, a guerra foi desencadeada e conduzida por Adolf Hitler quando ele atacou a Polônia, mesmo sem o apoio inicial do povo alemão.

Longe, a leste de Berlim, estavam se movendo ao longo das estradas, em direção à fronteira polonesa, tanques, canhões, caminhões, uma divisão de tropas atrás de outra, sem interrupção durante toda a noite. O céu e a noite estavam claros. No alvorecer de 1º de setembro, na data exata indicada desde o início de abril, nas instruções dadas pelo Führer, os canhões trovejaram. Hitler havia alcançado sua guerra. Por cinco anos e meio, até a sua morte, as bocas de fogo não se silenciaram. Em 1 de setembro de 1939, não havia cenas de entusiasmo ou multidões iluminadas em Berlim como as de Munique, onde Hitler escutou a notícia da declaração de guerra vinte anos antes. Quando se dirigiu para falar diante do Reichstag, reunido no Krolloper, às dez da manhã, as ruas estavam menos concorridas do que de costume. Muitas das pessoas que se viraram para assistir ao cortejo de carros que acompanhavam o Führer, observavam de forma silenciosa. O discurso de Hitler no Reichstag tinha uma nota característica de autodefesa truculenta. Não apenas culpou os poloneses pelo fato de que não teria sido possível chegar a um acordo pacífico, mas os acusou de terem desencadeado uma ofensiva contra a Alemanha, que forçou os alemães a contra-atacarem.<sup>255</sup>

A guerra tornou-se um elemento central na escrita de Bullock. Ao intitular o conflito como "A Guerra de Hitler", o autor realizou uma análise detalhada desse período, apesar de ter

---

<sup>253</sup> Idem, p. 303.

<sup>254</sup> Idem, p. 424.

<sup>255</sup> Idem, p. 496.

expressado no prefácio que não tinha a intenção de abordar a história da guerra. No entanto, ela serviu como pano de fundo para a análise de Hitler como o principal arquiteto da guerra para a Alemanha nazista, aquele que implementou e coordenou, destacando os desafios que enfrentou e as decisões que tomou. Segundo Bullock, foi durante esse período que "o homem desaparece, o ser humano é absorvido pela figura histórica do Führer. Somente nos últimos anos de sua vida, quando seu poder começa a falhar, é possível redescobrir a pessoa mortal e falível que residia nele".<sup>256</sup>

A temática da guerra foi intercalada entre os sucessos e fracassos das estratégias do líder nazista. Ele foi retratado como alguém constantemente envolvido em cálculos políticos e estratégicos para garantir a vitória na guerra – o que implicava que sua vida era dominada por conferências diplomáticas e militares, enquanto sua vida privada era sacrificada em nome das exigências de sua posição, com a responsabilidade exclusiva por todas as decisões que precisavam ser tomadas. Nesse sentido, Hitler foi representado como um estrategista genial, que até sua decisão de atacar a Rússia, havia desfrutado de mais sucessos do que fracassos.

A ênfase dada por Bullock a esse assunto decorreu de um dos objetivos de escrita que ele estabeleceu desde o prefácio: compreender como Hitler ampliou sua influência para além das fronteiras da Alemanha. Para o historiador, a política externa e a política de guerra foram os meios pelos quais Hitler buscou expandir seu domínio. O que me gerou um questionamento: Por que o autor deu mais importância às questões externas do que à política interna praticada por Hitler? Possivelmente, Bullock seguiu a lógica apresentada pelo próprio líder da Alemanha em relação a essa questão. De acordo com o biógrafo, certos assuntos no âmbito da política interna eram de interesse para Hitler – como planos de construção e legislação antisemita, por exemplo –, mas logo foram absorvidos pela política externa e pelos preparativos para a guerra.

Outro tópico de destaque na biografia foi o que Bullock denominou de "caminho para a chancelaria". Esse tema narrativamente correspondeu à tentativa de golpe de Estado em 1923 e à nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler. Nessa parte da biografia, também houve a estratégia de evidenciar os sucessos e fracassos que ocorreram durante a trajetória do líder nazista em direção à realização de seu primeiro objetivo: alcançar o poder, tornando-se Chanceler.

Dois eventos foram enfatizados como oportunidades que ajudaram Hitler a alcançar o poder absoluto: a tentativa de golpe de 1923 e a grande crise de 1930-1933. Em todos os aspectos, Bullock nos indicou que a tentativa de golpe de 1923 foi um feito notável para alguém

---

<sup>256</sup> Idem, p. 510.

como Hitler, que havia começado do zero apenas alguns anos antes. Em questão de horas, ele alterou significativamente a situação política na Baviera e instigou uma rebelião. Apesar do fracasso resultante (sua prisão), a tentativa de 8 e 9 de novembro se tornou um triunfo retroativo. Conforme observado pelo biógrafo, "[...] a insurreição fracassada de 1923 também desempenhou um papel crucial na história do movimento nazista, devido às lições que Hitler extraiu dela e que moldaram suas táticas políticas nos anos seguintes". A crise de 1930-1933, decorrente da crise de 1929, "seguiu o curso previsto por Hitler: o da política externa".<sup>257</sup>

Ao narrar o percurso até a chancelaria, Bullock procurou sugerir que, ao contrário do papel de maestro e arquiteto desempenhado por Hitler ao implementar sua política externa e militar, sua ascensão ao poder não foi majoritariamente atribuída ao líder do partido nazista. O historiador destacou que, apesar do apoio popular, o político não chegou ao poder em 1933 através de um triunfo nas eleições, mas sim "devido a negociações políticas".<sup>258</sup> Para ele, a ascensão de Hitler à chancelaria foi resultado de uma combinação de circunstâncias, e não de uma ação direta e singular por parte do futuro líder da Alemanha nazista. Dois fatores foram especialmente relevantes para o autor: a divisão e a ineficácia de seus opositores, e a decisão da direita alemã de aceitá-lo no governo.

Bullock ressaltou que houve uma falha dos partidos políticos alemães em unir-se em apoio à República, e até mesmo os comunistas expressaram preferência pelos nazistas no poder, ao em vez de ajudar a preservar a República de Weimar. Na sua visão, a direita alemã foi a principal responsável pela ascensão do NSDAP. Segundo o autor, os partidos de direita alemães, além de não conseguirem se unir aos outros partidos em defesa da República, aliaram-se a Hitler ao conceder-lhe o controle de um governo de coalizão, acreditando que poderiam controlá-lo. Portanto, para Alan Bullock, o líder do partido nazista não conquistou o poder por méritos próprios. Como ele destacou em sua análise: "Hitler não tomou o poder, mas ascendeu através de intrigas subterrâneas".<sup>259</sup>

Esses dois principais temas desempenharam funções distintas na biografia de Alan Bullock: compreender como Hitler ascendeu ao poder e como ele ampliou esse poder para além das fronteiras da Alemanha. Isso remete à introdução da obra, onde Bullock afirmou que o foco de sua narrativa era "descrever os métodos que Hitler utilizou para assumir o poder" e "os métodos que Hitler utilizou para estender seu poder além da Alemanha". Para o biógrafo, esses métodos foram evidenciados pela incapacidade dos seus oponentes e pelas estratégias de

---

<sup>257</sup> Idem, p. 112.

<sup>258</sup> Idem, p. 214.

<sup>259</sup> Idem.

política externa e militar, especialmente pelo apoio da direita alemã. Hitler foi abordado de duas maneiras nessas situações: para alcançar o poder, ele dependeu em grande parte de apoio externo. Sua nomeação como Chanceler, por exemplo, foi mais resultado das circunstâncias ao seu redor do que de suas próprias ações. Por outro lado, para expandir seu poder após tornar-se Chanceler, Hitler foi o principal estrategista, implementando um programa que, até certo ponto, resultou em sucessos.

Além disso, na biografia, os termos "político", "agitador", "ditador", "orador das massas", "maestro da propaganda política", "gênio do campo de batalha" e "oportunista" são utilizados para descrever o perfil político e estratégico de propaganda e guerra do seu biografado.<sup>260</sup> Para ele, Hitler foi inegavelmente um político habilidoso, além de ser o arquiteto da Segunda Guerra Mundial. Quando não se destacava como um grande político, era visto como um oportunista capaz de tirar proveito das circunstâncias.

Inteligente e simpático são aspectos do perfil artístico que Bullock associou ao *Führer*. “Fenômeno europeu”, “inescrupuloso” e “hábitos de despotismo” são características importantes que mostraram as ponderações de Bullock sobre o lugar que Hitler verdadeiramente ocupou na história.<sup>261</sup> De acordo com ele, o líder nazista possuía tanto habilidades políticas quanto talentos artísticos, sendo predominantemente descrito como um político e um ator.

Como mencionado anteriormente, fica claro que Bullock retratou a personagem Hitler primariamente como um político. O autor detalhou, de forma quase excessiva, as atividades diplomáticas do líder do Terceiro Reich, incluindo negociações, pactos e acordos. Mesmo ao narrar a sua ascensão à chancelaria, onde não desempenhou o papel principal para isso, ele ainda apareceu como uma figura política. Foi exatamente sua habilidade como líder político que permitiu a ele alcançar os sucessos e realizações descritos por Bullock até 1943. Para o biógrafo, Hitler era inherentemente um político, nascido com um talento que o destinava a uma “carreira política sem precedentes na história”, apenas precisava concretizar sua ambição de se tornar um líder político.<sup>262</sup>

Hitler tinha o dom de grande político: capturar as possibilidades de uma situação mais rapidamente que seus adversários. Ele viu, como nenhum outro estadista, como explorar as vontades e ressentimentos do povo alemão, como ele mais tarde explorou o medo que os franceses e ingleses experimentavam pela guerra e pelo comunismo. Sua insistência em manter formas jurídicas durante a luta pelo poder revelou uma brilhante compreensão do método pelo qual ele poderia desarmar a oposição, e a maneira como ele solapou a autonomia privilegiada do exército

---

<sup>260</sup> SILVA, Marcela de Oliveira Santos, 2019.

<sup>261</sup> Idem.

<sup>262</sup> BULLOCK, Alan, 1952, p. 33.

alemão revelou sua capacidade de compreender as fraquezas do Corpo de oficiais.<sup>263</sup>

Durante o período da Primeira Guerra Mundial, em 1918, Bullock destacou o primeiro sinal da habilidade política da personagem: "[...] depois de frequentar um curso militar, Hitler foi designado como oficial de instrução e dedicou-se a incutir em seus homens ideias contrárias aos socialistas, pacifistas e democratas". No entanto, foi na tentativa de golpe de 1923 que, segundo o historiador, ocorreu a sua primeira incursão política. A partir desse momento, ele passou a se ver como um político e foi reconhecido como o "líder político mais importante da Alemanha", atuando nessa capacidade até os últimos dias de sua vida.<sup>264</sup>

O autor expressou desaprovação em relação às tentativas de retratar Hitler unicamente como um líder carismático, argumentando que isso levaria facilmente ao esquecimento do lado político, cínico e astuto que compunha sua figura. Essa combinação de traços, juntamente com o fanatismo, constituía a peculiaridade da personalidade de Hitler. "Ignorar ou subestimar qualquer um desses elementos é distorcer a verdadeira imagem da situação", destacou Bullock.<sup>265</sup> A desaprovação do autor surge precisamente, como já detalhado no primeiro capítulo, da profusão de trabalhos que, em final da década de 1940, concebia Hitler a partir da ideia central de uma liderança carismática.

Outra faceta política evidente no líder nazista era seu poder de persuasão. Conforme evidenciado na obra, os argumentos de Hitler revelavam sua habilidade assustadora de influenciar as mentes daqueles que ele almejava persuadir. Para Bullock, a maior demonstração do seu talento político foi indicada em sua habilidade de se recuperar do revés da tentativa de golpe de 1923. Após parecer politicamente derrotado em 9 de novembro de 1923, Hitler conseguiu, alguns meses depois, emergir como a figura mais proeminente da Alemanha, transformando seu julgamento por acusação de golpe de Estado em um triunfo completo.

Quando ascendeu ao poder em 1933, "[...] Hitler emergiu como o político mais influente da Alemanha e liderou seu partido à entrada triunfal na Chancelaria, à frente da facção mais poderosa que o país já testemunhou". Como poucos líderes, ele desenvolveu um conhecimento íntimo da Alemanha e de seu povo por meio de um contato próximo. Segundo o biógrafo, a vantagem de Hitler sobre outros políticos residia em sua vasta experiência adquirida não nos corredores da Chancelaria ou do Reichstag, "[...], mas nas ruas, onde as eleições são decididas, o terreno onde todos os políticos devem demonstrar sua eficácia para conquistar a maioria dos

---

<sup>263</sup> Idem, p. 334.

<sup>264</sup> Idem, p. 182.

<sup>265</sup> Idem, p. 332.

votos". Foi por meio de suas habilidades como político que Adolf Hitler se transformou em ditador da Alemanha.<sup>266</sup>

[...] entre março de 1933 e agosto de 1934, o equilíbrio de poder na Alemanha havia mudado decisivamente em favor de Hitler. Hitler havia adquirido o controle total da maquinaria do Estado, esmagado a oposição, dispensado seus aliados, afirmado sua autoridade sobre o partido e sobre a S.A. e assegurava para si as prerrogativas do chefe de Estado e do comandante e chefe das forças armadas. A revolução nazista foi completa: Hitler tornou-se o ditador da Alemanha.<sup>267</sup>

O autor sugeriu desvendar a verdadeira essência do líder nazista. O ponto inicial para elaborar sua narrativa foi desmistificar a sua imagem imponente:

Na primavera de 1938, na véspera de seus maiores triunfos, Adolf Hitler completou cinquenta anos. Sua aparência física era insignificante; seu porte, ainda pitoresco. A mecha de cabelo caía sobre a testa e seu bigode não acrescentava nada a um rosto grosseiro e curiosamente vulgar, no qual apenas os olhos atraíam a atenção. Pelo menos na aparência, Hitler podia se gabar de ser um homem do povo, um plebeu da cabeça aos pés, sem nenhuma das características de superioridade racial que ele sempre invocava. Seu rosto tinha o dom da mobilidade, uma certa capacidade de expressar os mais diversos estados de espírito em rápida sucessão, sorrindo e encantando em um dado momento, imediatamente refletia frieza e império; cínico ou sarcástico, ou inchado e lívido de raiva.<sup>268</sup>

Bullock também questionou até mesmo o aspecto que muitos consideravam como a característica mais significativa de seu poder, a habilidade retórica. Segundo ele, as habilidades oratórias de Hitler apresentavam deficiências. Sua voz tinha um timbre estridente, bastante contrastante com o tom suave da voz de Joseph Goebbels (Ministro da Propaganda da Alemanha nazista). Ele costumava falar em períodos excessivamente longos, frequentemente repetitivos e às vezes se perdia em discursos confusos. Sua expressão verbal carecia de clareza e frequentemente se enredava em frases obscuras. No entanto, essas “falhas pouco importavam diante da extraordinária impressão de força, paixão ardente e intensidade de ódio que emanavam do som de sua voz, independentemente do conteúdo de seus discursos”. Um dos segredos de sua capacidade de influenciar grandes audiências residia em sua sensibilidade instintiva para capturar o humor coletivo, bem como sua habilidade para intuir as paixões ocultas, ressentimentos e anseios presentes nas mentes do público.<sup>269</sup>

---

<sup>266</sup> Idem, p. 182 e 85.

<sup>267</sup> Idem, p. 265-266.

<sup>268</sup> Idem, p. 332.

<sup>269</sup> Idem, p. 330.

No entanto, como visto no parágrafo acima, após desconstruir certos aspectos das características de seu biografado, Bullock destacou outros elementos que sugerem o que ele considerava ser a imagem do líder nazista. Embora fisicamente comum, Hitler possuía a habilidade de transmitir uma ampla gama de emoções. Apesar de suas deficiências como orador, ele tinha um talento excepcional para controlar e cativar grandes audiências como ninguém mais. Esses aspectos servem como fundamentos para compreender a visão de Bullock sobre a verdadeira identidade de Hitler.

Conforme observado por Bullock, Hitler possuía uma personalidade versátil, assemelhando-se a um ator capaz de desempenhar diferentes papéis. Ele era tão habilidoso na representação que conseguiu iludir a si mesmo, passando a acreditar no mito que ele mesmo criou.

Porque é saudável lembrar, antes de aceitar o mito de Hitler por seu valor aparente, que foi Hitler quem inventou esse mito, cultivando-o e administrando-o sabiamente para seus próprios propósitos. Enquanto ele fez isso, ele alcançou um sucesso brilhante, mas quando ele começou a acreditar em sua própria magia e a aceitar como mito o próprio mito, sua intuição começou a vacilar.<sup>270</sup>

Um dos muitos aspectos do caráter de Hitler era sua habilidade para se “autodramatizar”. O historiador indicou que uma das estratégias de Hitler era retratar-se como vítima e culpar aqueles que se opunham ou dificultavam seus planos. Para Hitler, seu oponente sempre era culpado por tudo. Portanto, ele denunciava os comunistas, os judeus, o governo republicano espanhol, os tchecos, os poloneses e os bolcheviques por seu comportamento “intolerável”, que supostamente o obrigava a tomar medidas drásticas em autodefesa.

Outro aspecto de sua personalidade ressaltado foi a aura de inteligência e a forte determinação que Hitler transmitia. Ele era percebido como o líder que controlava todas as situações, familiarizado com todos os detalhes, e ao desempenhar esse papel, demonstrava uma memória excepcional. Ele era capaz de recordar com precisão ordens de batalha complexas, longas listas de nomes e dados. Como salientado pelo autor, essa habilidade também fazia parte de sua natureza como um grande ator.

Para Bullock, a verdadeira essência de Hitler era a de um artista. O principal líder da Alemanha nazista revelou-se, em última instância, como um excepcional ator, ou como descrito pelo biógrafo, um “ator consumado” e talentoso que contava com o respaldo do Estado.<sup>271</sup>

---

<sup>270</sup> Idem, p. 332.

<sup>271</sup> Um “ator consumado” é um termo utilizado para descrever um ator que alcançou um alto nível de habilidade e excelência em sua profissão. É geralmente reconhecido por sua destreza técnica, capacidade de interpretar uma variedade de papéis com autenticidade, habilidades expressivas, e pelo impacto emocional que é capaz de transmitir ao público. Eles são admirados por sua consistência, versatilidade e pela profundidade de suas

Na verdade, Hitler era um **ator consumado**, com o gênio histórico e oratório necessário para se identificar completamente com seu papel e se convencer da verdade do que ele estava dizendo no momento em que ele disse isso. Em seus primeiros anos, ele era muitas vezes confuso e incapaz de convencer, mas com a prática, o papel que ele propôs a representar tornou-se algo como sua segunda natureza. Posteriormente, com o imenso prestígio do sucesso e com os recursos de um poderoso Estado à sua disposição, poucos conseguiram resistir à força de seus olhos penetrantes, sua pose napoleônica e sua personalidade subjacente.<sup>272</sup> (Grifo meu)

O ápice da habilidade artística de Hitler foi sua interpretação do papel de "indivíduo histórico-universal". O biógrafo recorreu às definições de Friedrich Hegel sobre os "indivíduos histórico-universais", elaboradas cem anos antes do partido nazista ascender ao poder, na tentativa de compreender o comportamento do líder alemão após sua chegada ao poder.<sup>273</sup>

Na concepção de Bullock, Hitler firmemente acreditava que estava destinado pela Providência, uma crença fundamental para ele e que perdurou até o fim de seus dias. Segundo sua visão, ele era o indivíduo escolhido por Deus para desempenhar um papel crucial no cenário histórico mundial. Com base nessa convicção, Hitler implementou seu programa político, delineado desde *Mein Kampf*, que visava dominar a Europa e expandir seu poder de forma ilimitada. Todos os acontecimentos de sua vida eram interpretados por ele como evidências dessa designação divina: seus sucessos, sua sobrevivência às tentativas de assassinato e outros eventos. Para Hitler, qualquer detalhe, por mais insignificante que parecesse, confirmava sua convicção de ser o eleito da Providência.

Bullock percebeu que, enquanto Hitler conseguia manter um equilíbrio entre seu sentido missionário e seus cálculos políticos cínicos, ele permanecia uma figura poderosa. Entretanto, o sucesso acabou prejudicando-o. O biógrafo concluiu que, quando metade da Europa estava sob seu domínio e controle, e a necessidade de moderação se tornou obsoleta, Hitler cedeu à megalomania ilimitada, convencido de sua própria infalibilidade. Justamente quando ele mais precisava dos milagres que sua imagem forjada poderia proporcionar, suas habilidades começaram a falhar e sua intuição vacilou. Bullock sugeriu que, ironicamente, o fracasso de Hitler teve origem na mesma fonte de capacidade que o levou ao sucesso: sua habilidade dramática e sua capacidade de se convencer do papel que estava desempenhando.

---

performances. Além disso, muitas vezes, atores consumados também são respeitados por sua dedicação à arte dramática e sua contribuição para o desenvolvimento da indústria do entretenimento.

<sup>272</sup> BULLOCK, Alan, 1952, p. 334.

<sup>273</sup> O termo "indivíduo histórico-universal" de Friedrich Hegel refere-se a pessoas cujas ações e influência transcendem o contexto de sua época e cultura específicos, impactando significativamente o curso da história mundial de maneira duradoura. Esses indivíduos são vistos como agentes de mudança que desempenham papéis cruciais na evolução da sociedade e na progressão da história universal.

Hitler representou seu papel "histórico-universal" até o último momento, que foi terrivelmente amargo. Mas essa fé o deslumbrou e o cegou para o que realmente estava acontecendo, levando-o à superestimação arrogante de seu próprio gênio, que o levou à derrota. O pecado cometido por Hitler era aquele que os antigos gregos chamavam de *hybris*, o pecado do orgulho, de arrogância trágica, de acreditar que era um ser sobre-humano. Se algum homem foi destruído pela imagem que ele criou de si mesmo, este homem foi Hitler.<sup>274</sup>

Segundo Bullock, Hitler era essencialmente um habilidoso ator, capaz de interpretar uma variedade de papéis, inclusive o de líder político da Alemanha, com maestria. Utilizando suas habilidades teatrais, ele mantinha uma fé inabalável em seu papel histórico e em sua própria *persona* como um homem destinado ao sucesso.

Na biografia, Bullock destacou as qualidades do *Führer* e os sucessos que elas proporcionaram, sugerindo que, apesar do eventual fracasso de sua carreira, isso não deveria diminuir seu *status* de líder. No entanto, o autor discordou da atribuição do título de "grande" para descrever Hitler – um ponto que gerou a divergência de Fest anos depois. Em suas reflexões, os 12 anos em que permaneceu no poder foram caracterizados como um período de tirania clássica com métodos modernos, o que, segundo ele, justificava o título escolhido para a obra (*Hitler, A Study in Tyranny*). As suas qualidades, na visão do autor, não eram realmente qualidades, mas sim:

Essas faculdades extraordinárias estavam ligadas a uma egolatria perversa e estridente, a um cretinismo moral e intelectual. As paixões que governavam o espírito de Hitler eram ignóbeis: ódio, ressentimento, desejo de dominação e, onde não conseguia dominar, a destruição. Sua carreira não é uma sublimação, mas uma degradação da condição humana, e sua ditadura de doze anos é desprovida de todos os tipos de ideais, exceto um: estender cada vez mais seu próprio poder e o da nação com a qual ele tinha se identificado. E mesmo o poder foi concebido por ele com características brutais, como um panorama sem limites de listas militares, guarnições de S.S. e campos de concentração que se espalham pela Europa e Ásia.<sup>275</sup>

Nada poderia justificar o imenso sofrimento causado por Adolf Hitler, exceto sua vontade monstruosa e incontrolável, sendo ele um oportunista sem princípios. Alan Bullock concluiu que se houver algum lugar na história destinado a Hitler, será ao lado de figuras como Átila, o Huno, e outros líderes bárbaros que não receberam o título de "Grande", mas sim de "flagelo dos deuses".<sup>276</sup> Para ele, Hitler não perdeu sua suposta grandeza com as derrotas finais; na verdade, ele nunca a teve. O único tipo de grandeza que ele possuía, na visão do autor, era seu talento como ator.

---

<sup>274</sup> Idem, p. 340.

<sup>275</sup> Idem, p. 747.

<sup>276</sup> Idem.

Posto, isso, para Alan Bullock, Hitler não era um louco ou um demônio, mas sim um ator habilidoso que desempenhava vários papéis, incluindo o de líder político. Portanto, rejeitou a noção de "dois Hitlers", um humano e outro sobrenatural, a figura que encantou toda a Alemanha. Bullock retratou Hitler como um ser humano, cujas ações podiam ser compreendidas a partir de motivos racionais. Hitler foi descrito como um consumado e talentoso ator, demonstrando características de um homem comum, e foi através de suas habilidades e talentos que ele se tornou o Adolf Hitler que ocupou o cargo político mais importante da Alemanha, conduziu uma guerra e exerceu poder absoluto, apesar dos resultados nefastos que isso acarretou.

Outro aspecto distintivo da biografia de Alan Bullock em relação às outras obras até então foi sua compreensão de Hitler não apenas como um fenômeno exclusivamente alemão, mas também como um fenômeno europeu. Para o historiador britânico, Hitler era tanto um produto da Alemanha quanto da Europa em geral. Assim, sua obra destacou-se ao romper com a ideia de que Hitler era apenas um problema alemão e que as características específicas da Alemanha eram suficientes para explicar seu surgimento. Como dito pelo autor, "Hitler se expressou em alemão, mas os pensamentos e emoções que ele expressava naquela língua tinham reflexos mais universais".<sup>277</sup>

A percepção de Hitler mudou ao longo do tempo, especialmente após o Holocausto ser reconhecido como um evento histórico. É possível que tenha sido o tema dos crimes de Hitler que levou Bullock a compreendê-lo como humano, alguém racional que implementou uma das políticas de extermínio de Estado mais aterrorizantes da humanidade. Não podemos esquecer que a participação do historiador no Julgamento de Nuremberg - que expôs grande parte das atrocidades cometidas nos campos de concentração e na política do regime nazista por Hitler e seus aliados - foi o que o motivou a escrever sua biografia sobre Hitler.

Vinte e um anos após a publicação da obra de Alan Bullock, surgiu a biografia escrita por Joachim Fest, que dedicou uma parte da introdução de sua biografia para fazer reverência e crítica à *Hitler: A Study in Tyranny*, escrita por Bullock, usando-a como fundamento para sua própria abordagem. Enquanto Fest a apresenta como justificativa para sua escrita, Kershaw a considera sua principal influência. Assim, a partir deste ponto, cabe-nos a tarefa de descobrir o retrato de Hitler construído por Joachim Fest.

## 2.A “grandeza histórica” de Hitler: uma análise por Joachim Fest

---

<sup>277</sup> Idem, p. 749.

A biografia de Adolf Hitler escrita por Joachim Fest na década de 1970, a primeira realizada por um historiador alemão, foi amplamente reconhecida como uma das mais importantes obras sobre o líder nazista. Publicada originalmente em 1973 na Alemanha, e posteriormente reeditada com uma nova introdução pelo autor em 1995, a obra foi traduzida para mais de 20 idiomas, incluindo uma versão lançada no Brasil em 1974, com uma edição revisada e ilustrada. Dividida em dois volumes, distribuídos em 1.483 páginas, a biografia abrange a vida de Hitler de 1889 a 1933 no primeiro volume, e de 1933 a 1945 no segundo, buscando oferecer uma análise profunda e uma nova perspectiva sobre essa figura tão significativa do século XX.

Quando lançou sua biografia em 1973, Fest destacou que o mito de Hitler ainda não havia se solidificado, mas sim a perplexidade diante de seu fracasso, marcada pela profunda desilusão que predominava naquele momento, substituindo o repúdio pela curiosidade. Esse contexto histórico peculiar contribuiu significativamente para o reconhecimento da obra. Fest compreendeu, no entanto, que “[...] qualquer abordagem biográfica deve levar em conta a consciência de não se poder atingir mais do que uma aproximação especulativa ou distorcida”.<sup>278</sup>

O biógrafo argumentou que Hitler não apenas encerrou uma era, mas também continua a ser contemporâneo de todos nós, já que o presente é uma época moldada por sua influência. Para o autor, isso implicou que compreender esta personagem era essencial para entender o mundo atual. Essa constatação se tornou uma das principais razões para a elaboração de sua biografia.

Foi também o propósito de compreender a si próprio, além da exigência de adquirir uma imagem do mundo atual, e além de todos os quesitos tipicamente históricos, que fez nascer, no autor, há anos, a decisão de escrever este livro. O livro não tem o objetivo afora o de mostrar como nasceu a nossa época, quais foram as circunstâncias pessoais e sociais que cercaram a ascensão do homem que influenciou de forma tão permanente, e por que motivo seu poder pôde durar, atingindo, mesmo no próprio colapso, o seu intento.<sup>279</sup>

O autor expressou que seu objetivo de evitar interpretações extremas da figura de Hitler, que o retratam ou como uma figura gigantesca ou como algo trivial. Em uma visão extremista, Hitler é apresentado como o criador de tudo, um mestre de si mesmo, organizador e criador do partido e de sua ideologia, um salvador tático e demagogo, líder supremo, estadista e o centro de toda agitação mundial por uma década. Por outro lado, há uma tentativa de minimizar sua

---

<sup>278</sup>FEST, Joachim C., 2006, p. 20.

<sup>279</sup> Idem, p. 23.

importância, retratando-o como uma figura facilmente substituível, transformando-o em uma personalidade medíocre diante dos interesses, conveniências e conflitos materiais da sociedade.

O propósito era esclarecer o papel crucial da personagem no desenvolvimento do Regime Nazista, com o questionamento central sobre qual foi sua contribuição específica para esses acontecimentos. No entanto, desde as primeiras páginas da biografia, Fest já possuía uma resposta definida para essa questão. Nas próprias palavras do autor,

Certamente, mesmo sem sua intervenção, um movimento particular nacionalista teria encontrado eco e adesões no curso dos anos 20. Mas, presumivelmente, esse movimento teria sido, apenas, mais um grupo político dentro do sistema. A contribuição de Hitler foi aquela mistura inconfundível de fantástico e lógico que, como se verá, exprime em alto grau a sua natureza. [...] As emergências e o descontentamento da época teriam, de qualquer forma, levado a crises, mas, sem a pessoa Hitler, nunca se teria chegado àquele auge, àquelas explosões que íamos assistir.<sup>280</sup>

Fest começou sua narrativa abordando a construção da imagem que Hitler mesmo forjou e suas tentativas de ocultar seu passado – assim como a biografia de Bullock, a obra *Mein Kampf* de Adolf Hitler foi a sua principal fonte.<sup>281</sup> Para ele, durante toda a sua vida, Hitler se dedicou a dissimular e a criar uma imagem idealizada de si mesmo, não existindo outro exemplo na história de alguém que tenha investido tão meticulosa na estilização de sua própria identidade, tornando-a praticamente indecifrável. Sua representação pessoal se assemelhava menos a um retrato de um indivíduo e mais a um monumento por trás do qual constantemente buscava se esconder. Tanto que, “desde os 35 anos de idade, [tinha] a atitude fria e distante de um grande chefe. Envolve-lhe a origem o clima de meia-sombra propício às lendas e à aura de uma predestinação particular e que também contribuiu para as angústias, as dissimulações e o caráter teatral de sua existência”.<sup>282</sup>

A percepção de que Hitler criou uma personagem levou Fest a dividir a vida do biografado em dois períodos distintos: o de uma figura apolítica, que o próprio Hitler tentou ocultar, e o do grande líder que assumiu a personagem que ele criou. Para explorar essa dinâmica, dois temas emergiram proeminentemente na narrativa. O primeiro foi o que ele chamou de “os alicerces de granito”, referindo-se à base para a formação da “visão de mundo” de Hitler. O segundo tema, peculiar a Fest, foi a busca em compreender a “impessoal” Hitler.

Para explicitar “os alicerces de granito”, o autor discutiu a influência de diversos elementos no desenvolvimento ideológico de Adolf Hitler, destacando sua formação em um

---

<sup>280</sup>

<sup>281</sup> Ver mais: SILVA, M. O. S. Adolf Hitler: a personagem criada na biografia escrita por Joachim Fest. Monografia (Bacharelado/Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de História, 2015.

<sup>282</sup> Idem, p. 32.

ambiente marcado pelo nacionalismo, antisemitismo e ideias de superioridade racial. O futuro Chanceler absorveu ideias antisemitas e racistas que permeavam a sociedade da época. Seu ressentimento e sua busca por justificar sua posição social levaram-no a adotar cada vez mais “os preconceitos, os temas, as angústias e as reivindicações da boa sociedade vienense”, especialmente aqueles relacionados ao antisemitismo, à pureza racial e ao nacionalismo exacerbado.<sup>283</sup>

De acordo com Fest, antisemitismo de Hitler, em particular, foi moldado por experiências pessoais e por um sentimento de revolta e fracasso em sua vida. A misoginia e seus complexos sexuais também desempenharam um papel na sua formação ideológica, conforme evidenciado por sua representação distorcida das relações entre homens e mulheres e por seu ódio aos judeus. Esses sentimentos foram intensificados por suas dificuldades sociais e financeiras, levando-o a projetar suas frustrações em um “bode expiatório”: os judeus.<sup>284</sup>

Hitler sempre procurou apresentar sua filosofia de ação como resultante de reflexões pessoais. Suas conclusões, a crer nele, seriam devidas a seus dotes de observação e a seu trabalho pessoal. A fim de negar toda influência norteadora, ele mesmo se atribuiria, posteriormente, um liberalismo desprovido de preconceitos. E assim acentuaria, por exemplo, a repugnância que lhe teriam inspirado certas “declarações desfavoráveis” relativas aos judeus durante os anos que viveu em Linz. Mais verossímil, como aliás o afirmaram diversas testemunhas, é que pelo menos seu ponto de partida e a orientação de sua filosofia tenham sido marcados até certo ponto pelo ambiente ideológico da capital da Alta-Áustria.<sup>285</sup>

A experiência de Hitler em Linz e Viena, onde foi exposto a ideias nacionalistas e antisemitas, contribuiu para a formação de sua visão de mundo. Ele absorveu tais ideias gradualmente, adaptando-as para justificar seu próprio ressentimento e desejo de ascensão social. No geral, o biógrafo alemão sugeriu que o antisemitismo e o nacionalismo de Hitler não surgiram isoladamente, mas foram influenciados por uma combinação de fatores pessoais e sociais, destacando a complexidade de sua psicologia e formação ideológica.

Fest abordou as influências cruciais que teriam moldado a formação de Adolf Hitler durante seus anos em Viena. A cidade, caracterizada como a Viena alemã e burguesa do início do século, estava profundamente influenciada por três figuras proeminentes: Jorg Lanz von Liebenfels, Georg Ritter von Schönerer, Karl Lueger e Richard Wagner. Os quatro personagens desempenharam papéis fundamentais na vida e nas convicções de Hitler durante sua juventude.<sup>286</sup>

---

<sup>283</sup> Idem, p. 78.

<sup>284</sup> Idem, p. 83.

<sup>285</sup> Idem, p. 78.

<sup>286</sup> Idem, p. 85.

Jorg Lanz von Liebenfels, editor da revista Ostara, influenciou Hitler na formação das suas ideias racistas. A revista, segundo Fest, propagava uma teoria “extravagante e sanguinária” que pregava a supremacia da raça ariana sobre as raças consideradas inferiores. O editor promovia a criação de uma elite de heróis arianos destinados a liderar uma luta sangrenta contra essas raças mestiças e inferiores, sob o estandarte da suástica.

O autor pontuou que Hitler ocasionalmente visitava Jörg Lanz von Liebenfels para adquirir números atrasados da revista Ostara, sugerindo que ele estava familiarizado e interessado nas ideias racistas propagadas. Embora o editor tenha deixado a impressão de um modesto e retraído em Hitler, suas teorias racistas e eugenistas tiveram um impacto significativo no desenvolvimento do pensamento do jovem austríaco sobre a superioridade racial ariana e a necessidade de purificação étnica. De acordo com Fest,

A análise dos documentos de que dispomos não permite certamente concluir que Lanz von Liebenfels tenha exercido uma influência acentuada sobre Hitler ou ainda que lhe tenha “incutido suas ideias”. A importância desse fundador de uma ordem monástica extravagante e momesca não advém das sugestões concretas que tenha podido formular, mas do papel sintomático que representou: foi ele um dos porta-vozes mais impressionantes da neurose de seu tempo e veio dar uma coloração característica à atmosfera ideológica vienense na primeira década do século XX. Tal constatação nos permite indicar a medida exata de sua influência sobre Hitler, que marcou menos sua ideologia do que a patologia que lhe servia de base.<sup>287</sup>

Já Georg Ritter von Schönerer e Karl Lueger exercearam uma influência crucial sobre Adolf Hitler durante seu tempo em Viena. Schönerer, um fervoroso defensor do pangermanismo<sup>288</sup> e do antisemitismo, moldou as visões nacionalistas e antisemitas de Hitler. Enquanto isso, Lueger, líder do partido cristão-social, impressionou Hitler com suas habilidades políticas e populismo, apesar de adotar uma abordagem mais conciliadora e pragmática. Essas duas últimas figuras deixaram uma marca profunda na mente de Hitler, contribuindo para moldar suas crenças políticas e ideológicas.

Ainda segundo Fest, a influência do maestro e compositor Richard Wagner na vida de Hitler foi destacada, refletindo sua busca por grandeza e poder. Ele argumenta que embora Hitler compartilhasse algumas semelhanças com Wagner em termos de personalidade e visão de mundo, também havia diferenças significativas entre eles, especialmente em relação à disciplina e perseverança no trabalho artístico.

---

<sup>287</sup> Idem, p. 77.

<sup>288</sup> Movimento nacionalista que defendia que as pessoas que falavam língua alemã e possuíam a mesma cultura deveriam viver sob o mesmo Estado e governo.

A contextualização da formação da ideologia de Hitler serviu como base para Fest apresentar um retrato detalhado e complexo da juventude do seu biografado, especialmente seu período que ele definiu como sendo de vagabundagem e dificuldades financeiras em Viena. Ao longo dessa fase, para o autor, o jovem austríaco aspirante a artista enfrentou múltiplas mudanças de residência, sustentando-se em parte através de fraudes e artimanhas. O autor destacou o contraste entre a personagem pública que Hitler mais tarde adotaria e sua realidade na época, caracterizada por uma vida precária e desordenada.

Hitler foi descrito como um jovem pálido, nervoso e inquieto, cujo comportamento muitas vezes contradizia suas pretensões artísticas.<sup>289</sup> Sua busca por emprego e sua associação com o seu companheiro de quarto Reinhold Hanisch refletiam sua luta para encontrar um propósito e uma identidade, marcada por tentativas fracassadas de inserção na sociedade vienense. Tanto que, “[...] durante a maior parte dos anos que passou em Viena, Hitler não tivesse nenhuma concepção política pessoal e amadurecida, mas fosse unicamente influenciado pelos sentimentos de ódio nacional e pelas preocupações defensivistas enunciadas por Schönerer”.<sup>290</sup>

A biografia apresentou uma análise dos primeiros indícios do desenvolvimento político e teatral de Hitler, particularmente influenciado por suas experiências na capital austríaca. Segundo Fest, o encontro fortuito com uma manifestação operária despertou nele uma apreciação pelo poder da encenação e pelo controle das massas, mais do que uma preocupação com as motivações políticas subjacentes ao evento. Para o autor, Hitler demonstrava um interesse ávido nas questões relacionadas à mobilização das massas e à aplicação de ideias para esse fim, em contraste com sua pobreza doutrinária e falta de análise crítica das ideias de seu tempo.

Sob o tema dos “alicerce de granito”, Fest buscou destacar os elementos-chave que moldaram a formação intelectual e política de Hitler, destacando sua inclinação para o teatral e sua busca pelo controle das massas como instrumento de poder. Suas ideias sobre brutalidade, combate implacável e afirmação sem autopiedade encontram suas raízes na amargura e na humilhação que ele experimentou na escola e no ambiente hostil da pensão vienense.

Assim, o pensamento de Hitler não foi apenas influenciado por suas experiências pessoais, mas também pelo contexto intelectual e cultural de sua época, bem como por figuras como Wagner e o autor alemão Houston Chamberlain. Suas ideias, embora possam ter sido

---

<sup>289</sup> FEST, Joaquim C., 2006, p. 91.

<sup>290</sup> Idem, p. 90.

elaboradas de forma autodidata e generalizada, foram fundamentadas nessas influências diversas, que ele considerava como os pilares inabaláveis de sua visão de mundo.

Esse foi o primeiro contraponto que identificamos entre as biografias de Bullock e Fest. Embora ambos delineiem o processo de formação daquilo que podemos definir como a "visão de mundo" de Hitler, baseando-se nas influências políticas, culturais e sociais da época, o historiador britânico não personificou esses elementos formativos em figuras-chave, como fez o biógrafo alemão. Em outras palavras, ambos consideraram a Alemanha como influência na formação de Hitler, porém apenas Fest atribuiu papéis específicos a indivíduos dentro desse contexto.

Portanto, até este ponto da biografia, Joachim Fest retratou Hitler como um indivíduo apolítico (que não pensa em política de forma institucional), cujas ações foram moldadas pela força dos eventos ao seu redor. A figura foi apresentada mais como uma representação do contexto em que vivia, concentrando as características de um grupo, do que como um indivíduo singular. A desconstrução da personagem feita por Hitler e a construção da narrativa pelo autor basearam-se, em grande parte, em fontes produzidas pelo próprio biografado.<sup>291</sup> Isto é, Hitler construiu uma imagem de si mesmo em sua obra *Mein Kampf*, mas Fest a desconstruiu utilizando a própria obra, revelando que o ditador não correspondia à figura idealizada em sua autobiografia. Neste aspecto, Fest e Bullock não se diferenciavam. Além disso, uma característica da obra foi a brevidade com que foram abordadas a infância e adolescência de Hitler, recebendo poucas páginas de atenção. A narrativa ganhou mais complexidade quando a personagem se mudou para Viena, momento em que, na visão de Fest, ele entrou em contato com o mundo político e começou a delinear seu futuro, almejando alcançar a Chancelaria da Alemanha.

Ao analisar a trajetória de Hitler, o autor ficou impressionado pelo fato de que, na sua concepção, apesar de destinado a ser um líder político daquela época, Hitler não demonstrou interesse em intervir na política, tendo apenas participações superficiais nos acontecimentos comuns da época. A partir disso, Fest deduziu que a política realmente não era uma prioridade para Hitler, e que ele só se envolveria ativamente nesse campo após um longo período de luta

---

<sup>291</sup>A obra usada pelo autor como fonte principal foi *Mein Kampf*, e a explicação foi dada pelo próprio Ian Kershaw: “Por mais incompetente, e literariamente mal-acabada que seja a tentativa empreendida para formular uma filosofia em *Mein Kampf*, não resta dúvida de que a obra contém, embora de maneira fragmentária e desordenada, todos os elementos da ideologia nacional-socialista. Tudo que Hitler realmente queria lá está, mesmo que seus contemporâneos não o tenham percebido”. Portanto, a obra era um guia para entender os objetivos e ações que Hitler esteve a partir do momento que virou uma figura pública.

interna – Bullock entendeu que a política passou a fazer parte da vida de Hitler com o seu envolvimento na Primeira Guerra.

Somente motivos pessoais e a descoberta tardia da força de sugestão de seu talento oratório lhe permitiram superar toda sua reserva intelectual: hesitação em abordar uma carreira política e temor de assumir a reputação detestável de destruidor da ordem estabelecida. Foi só então que se lançou na política; era um dos atores da revolução, [...]. No decorrer da vida desse homem, a indagação se fará sentir sem cessar e, a cada passo, seremos levados a perguntar se a política alguma vez teve importância maior a seus olhos do que os meios com a ajuda dos quais ele a desenvolvia: os transbordamentos de retórica, por exemplo, o aparato teatral da propaganda, os desfiles, as paradas monumentais, e os congressos do partido. Por fim, durante a guerra, a encenação que acompanhava o emprego da força militar.<sup>292</sup>

Em continuidade, o tema que mais se destacou na análise de Joachim Fest foi o intitulado “Examinando a impessoal”. Neste, foi discutida a trajetória de Hitler ao longo de sua vida, destacando sua habilidade em manifestar superioridade soberana, agir com precisão no momento certo, exercer paciência, ameaçar, seduzir e concentrar todas as atenções de seu tempo.

Para o autor, a vida de Hitler foi dividida em fases sucessivas, com rupturas brutais entre elas. Os primeiros trinta anos foram sombrios, inexpressivos e antissociais, seguidos por dez anos de preparação e clarificação ideológica, nos quais ele se tornou o centro de uma época. Finalmente, ainda de acordo com Fest, os últimos seis anos foram marcados por erros grotescos, enganos, crimes e delírios de destruição e morte. Essas fases distintas da vida de Hitler refletiam sua ascensão ao poder e sua subsequente queda, com uma transformação de um extremista marginal para a figura central de uma era e, por fim, para um líder responsável por atrocidades sem precedentes.<sup>293</sup>

Fest fez uma descrição detalhada das festividades do Terceiro Reich, dentre elas, as comemorações do 1º de maio, para revelar a estreita relação entre a política interna e externa em regimes totalitários, especialmente no que diz respeito à propaganda, destacando a magnitude das celebrações e o impacto psicológico que exerciam sobre os participantes e espectadores.

Hitler foi retratado pelo autor como alguém cuja presença foi muitas vezes eclipsada pela realidade estatal e social que ele criou. Em suas palavras,

Tudo isso leva a nos fixarmos um pouco na personalidade de Hitler. Seus contornos individuais permanecem pálidos e, por momentos, quase parece que

---

<sup>292</sup> FEST, Joaquim C., 2006, p. 162.

<sup>293</sup> Idem p. 221.

Hitler resulte com maior nitidez da realidade estatal e social que ele criou, como se a estátua estilizada que no-lo apresenta em pomposa autorrepresentação política mostre mais de sua pessoa do que sua presença em carne e osso por trás dela.<sup>294</sup>

Sua habilidade em manipular e controlar as emoções das multidões foi evidenciada pela atenção meticulosa aos detalhes das cerimônias e eventos por Joachim Fest, onde cada aspecto, desde a disposição dos participantes até a iluminação e a música, era cuidadosamente planejado para criar um impacto emocional profundo.

Os congressos do partido em Nuremberg foram descritos pelo biógrafo como os pontos culminantes do nacional-socialismo, nos quais Hitler desempenhou o papel central, pronunciando numerosos discursos e participando ativamente de todas as cerimônias e eventos. A atmosfera desses congressos era carregada de um fervor quase religioso, com o cenário espetacular e as multidões em êxtase contribuindo para criar uma sensação de exaltação e comunhão.

Na concepção de Joachim Fest, a necessidade de realizar cerimônias e eventos que congregassem as massas evidenciava o desejo de capturar a imaginação do povo e mobilizar sua vontade de forma unificada. Isso porque, ele distinguiu que

[...] certas motivações que nos remetem diretamente à personalidade e à psicopatologia de Hitler. Não pensamos unicamente em sua incapacidade de viver a vida cotidiana, na necessidade ingênua dos “jogos de circo”, de fanfarras, de ilusão, de efeitos baratos que nos fazem pensar em fogos de bengala. Também não pensamos unicamente na tendência que já mencionamos e que o levava a ver sua própria vida como uma sucessão de efeitos de cena majestosos, em que sempre desempenha o mesmo papel heroico, em que proclama a mesma grandiosa visão do mundo à luz resplandecente do palco, diante de um público com a respiração parada. Ainda é mais importante notar que a paixão do regime pelas festas e as cerimônias traduz o velho desejo de dissimular a realidade com cenários magníficos. A catedral de luz como muro tragicamente protetor não é só o símbolo mais exato dessa necessidade, mas também, como disse Albert Speer a propósito da inspiração de que lhe nasceu esse achado, a expressão do desejo de ocultar uma realidade banal demais, de esconder, por meio de uma brutal combinação de escuridão com efeitos de luz, a corpulência dos dirigentes que haviam engordado na melhoria de vida.<sup>295</sup>

No que diz respeito à personalidade de Hitler, Fest pontuou sua profunda insegurança e medo de ser ridicularizado ou perder prestígio. Esses medos o levavam a controlar minuciosamente sua imagem pública e evitar qualquer demonstração de espontaneidade. Sua obsessão com a percepção externa, para o historiador, o levava a manipular suas emoções e

---

<sup>294</sup> Idem, p. 222.

<sup>295</sup> Idem, p. 231.

comportamentos, até mesmo suas explosões de raiva eram calculadas para inspirar temor reverencial.

Adicionalmente, o biógrafo enfatizou a necessidade de Hitler por teatralidade e drama, tanto em sua vida pessoal quanto política. Sua busca por grandeza e seu papel como líder messiânico eram acompanhados por um esforço constante para “mitologizar” sua própria existência e projetar uma imagem de herói solitário eleito pela Providência. A devoção fanática e o culto à personalidade que cercavam o líder nazista alimentavam sua energia e determinação, mas também contribuíam para sua queda quando sua “sobre-humanidade” tornou-se insustentável.<sup>296</sup>

Devemos ressaltar que a concepção de Hitler como artista por parte de Fest diferiu da de Bullock. Fest viu Hitler como uma figura com talento artístico, usado para estilizar sua imagem pública e promover sua busca pelo poder. Por outro lado, Bullock entendia o líder nazista como um ator profissional, um "ator consumado" que acreditava sinceramente na sua melhor interpretação: a de líder político.

Assim, a análise de Fest abordou não apenas a utilidade estratégica das cerimônias e festas no regime nazista, mas também as complexas motivações psicológicas por trás dessas práticas e sua relação com a personalidade e o poder de Hitler. Apresentou a personalidade e o caráter da personagem, destacando sua incapacidade de estabelecer relações sociais autênticas e significativas. Descrevendo-o como alguém que, apesar de seu enorme poder e influência, era assombrado pelo vazio humano ao seu redor.

Em linhas gerais, o retrato de Hitler, para Joachim Fest, foi o de um homem cujo poder político incomparável não pôde compensar sua profunda desconexão emocional e espiritual. Sua solidão, apesar de estar no centro das atenções mundiais, era uma advertência sobre os perigos da alienação e da falta de empatia. Hitler personificava a trágica ironia de um líder que conquistou o mundo, mas perdeu sua própria alma no processo. Fest destacou a sua personalidade complexa e contraditória, permeada por características que o tornavam singular e, ao mesmo tempo, problemático.

O autor apontou a estranha inferioridade que Hitler sempre pareceu carregar consigo, marcada por estreiteza e inacabamento, apesar de suas visitas triunfais. Fest afirmou que, embora fosse um dos maiores oradores da história, ele nunca produziu uma frase inesquecível e sua personalidade não chegava a ser comprehensível, já que ele exibia uma “máscara impessoal”.<sup>297</sup> Destacou também o diletantismo de Hitler na política, sua predileção pelo desejo

---

<sup>296</sup> Idem, p. 239.

<sup>297</sup> Idem, p. 254.

sobre o dever e pelo capricho sobre a regra, bem como sua falta de consciência das próprias audácia. Sua atuação no poder foi marcada pela ausência de limites e pelo domínio normativo de sua personalidade, embora fosse incapaz de confessar erros e precisasse aparentar conhecimento científico. Ele agiu “a seu bel-prazer desde que assumiu o poder, sem entrave algum, com toda a liberdade, como nenhum outro ator da cena política jamais pôde fazer desde o absolutismo”.<sup>298</sup>

Segundo Fest, a vida do líder nazista foi marcada por uma urgência constante, impulsionada tanto pela rápida decadência percebida na raça ariana quanto pela brevidade da vida humana. Essa consciência aguda do tempo limitado o levava a uma pressa febril em alcançar seus objetivos. Essa ansiedade se refletia, na compreensão do autor, em sua preocupação com a própria segurança, adotando precauções extremas, como uma dieta vegetariana, abstinência de álcool e tabaco, além de uma obsessão por remédios, evidenciando uma hipocondria latente.

Fest prosseguiu afirmando que a obsessão de Hitler com o tempo também se manifestou em sua preocupação com o progresso de sua agenda política. Ele temia que a revolução nacional-socialista perdesse seu ímpeto e fosse substituída pela inércia e pela complacência. Assim, ele empregou, segundo o autor, uma propaganda incessante e medidas de repressão para manter o dinamismo do regime e preparar a Alemanha para uma guerra iminente. Seus esforços para acelerar os preparativos militares e econômicos refletiam sua convicção de que o tempo era essencial e que a guerra era inevitável.

No entanto, o autor ressaltou que a população alemã, apesar das pressões e da propaganda intensiva, muitas vezes respondia com indiferença e cansaço, mostrando uma relutância em ser arrastada para os planos belicosos de Hitler. A falta de entusiasmo público frustrava suas ambições de mobilização total da sociedade em torno de sua visão política. Uma marca distintiva da escrita de Fest, talvez derivada de sua experiência na Alemanha nazista, sempre foi, de certa forma, amenizar a responsabilidade do povo alemão em relação às atitudes políticas de Hitler e suas adesões.

Além dos grandes temas norteadores da escrita, uma das características da biografia de Joachim Fest foram as interpolações, ou seja, inserções realizadas ao longo da narrativa com o principal propósito de conduzir uma análise psicológica de três momentos fundamentais da vida de Hitler, conforme divididos pelo autor: o primeiro, marcado pela grande angústia; o segundo, pela catástrofe ou consequência; e o terceiro, pela guerra equivocada.

---

<sup>298</sup> Idem.

Em *A grande angústia*, Fest destacou que o período pós-Primeira Guerra Mundial na Europa viu um aparente avanço do ideal democrático, mas a Alemanha se destacou como uma exceção, resistindo à democracia em meio ao surgimento de movimentos nacionalistas e racistas. O Tratado de Versalhes, tratado de paz assinado pelas potências europeias que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial, para o autor, contribuiu para o ressentimento na Alemanha, que se sentia moralmente dividida entre os seus vizinhos. Movimentos políticos diversos surgiram, como o nacional-socialismo, atraindo a pequena burguesia desiludida.

Segundo o historiador, o medo da revolução marxista e a crise econômica e social alimentaram esses movimentos, que encontraram na retórica agressiva e nacionalista uma base de apoio. Além disso, ainda segundo ele, a transformação cultural e artística gerou inquietação. Essa hostilidade à civilização refletiu uma crise mais ampla na Europa, com consequências duradouras. A resistência à democracia na Alemanha foi também uma rejeição à modernidade, expressa através do nacionalismo e do antisemitismo.

Fest identificou que “[...] o espírito da época parecia favorecer, sem dúvida, a criação de novas formas de soberania popular”.<sup>299</sup> O medo e a apreensão em relação à revolução marxista foram habilmente explorados por líderes políticos como Hitler e Mussolini, que promoveram uma retórica agressiva e nacionalista para se opor ao comunismo. Hitler emergiu como o primeiro a consolidar um denominador comum para todo o descontentamento que se manifestava entre os civis e no meio militar. Sua personalidade se tornou “síntese de todas as angústias, pessimismos, queixas e sentimentos defensivistas que fermentavam na época”.<sup>300</sup> Na compreensão de Fest, a guerra representou para Hitler uma libertação abrupta, um amadurecimento. Nenhum dos seus seguidores conseguiu expressar como ele os traços essenciais do movimento, tanto psicológicos, sociais ou ideológicos. Ele não se contentou em ser apenas o *Führer*, mas também o expoente do movimento.

Hitler, no entendimento de Fest, captou a essência da crise da época, oferecendo uma resposta às inquietações espirituais populares e conferindo encantamento ao cotidiano através de rituais românticos. Sua ascensão refletia uma rejeição ao liberalismo parlamentar e uma busca por soluções decisivas em tempos de crise e incerteza. Portanto, o autor descreveu as angústias do Pós-Primeira Guerra para afirmar que, para ele, Hitler foi sua encarnação. Mais do que isso, foi a sua solução.<sup>301</sup>

---

<sup>299</sup> Idem, p. 165.

<sup>300</sup> Idem, p. 186.

<sup>301</sup> Idem, p. 197.

Em segunda inserção, *Catástrofe ou consequência*, o tema central foi a ascensão do nazismo na Alemanha liderada por Hitler, destacando os motivos por trás desse fenômeno e suas ramificações psicológicas, sociais e históricas. Fest explorou como Hitler personificou a radicalidade do nacional-socialismo alemão, apresentando uma visão de dominação racial e uma ambição desmedida.

Além disso, o biógrafo discutiu a falta de compreensão humana e a desconexão da verdade objetiva presentes na ideologia nazista, bem como as características do nacional-socialismo alemão, incluindo a busca obstinada por uma visão distorcida da realidade. Também abordou a história alemã daquele momento, destacando a ironia paradoxal de uma "revolução que não houve" e o legado de complexos de cerco e defesa na mentalidade alemã. Por fim, analisou o papel do extremismo intelectual, o desdém pela política e a busca pela redenção estética na ascensão do nazismo, ressaltando a habilidade de Hitler em capitalizar as aspirações do povo alemão por grandeza e segurança.

Nesse sentido, para Fest, ascensão de Hitler foi impulsionada pela manipulação habilidosa da estética e do teatro político, capitalizando a necessidade do povo alemão por grandeza e segurança. Hitler representou uma exceção na tradição intelectual, "ele era um caso excepcional de intelectual que tinha uma compreensão prática do poder".<sup>302</sup> Para Alan Bullock, como discutimos anteriormente, sua ascensão à chancelaria também foi o resultado de uma combinação de circunstâncias, incluindo a divisão e a ineficácia de seus opositores, e a decisão da direita alemã de aceitá-lo no governo. No entanto, o historiador britânico atribuiu menos influência a Hitler sobre esses eventos do que Fest considerava.

Na terceira e última inserção, *A Guerra errada*, a biografia tratou sobre a responsabilidade atribuída a Adolf Hitler pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. O autor argumentou que a guerra não foi resultado de fatores externos, mas sim da política expansionista do líder nazista e de sua visão belicista do mundo. Vale ressaltar que essa ideia já havia sido formulada por Alan Bullock, como observamos anteriormente, tanto que o autor se referiu à Segunda Guerra Mundial como a "guerra de Hitler". A análise de Fest destacou como todas as ações de Hitler foram direcionadas para a guerra, refletindo sua convicção de que o conflito era essencial para a evolução da humanidade.

A conduta de Hitler durante a crise — sua petulância provocadora, seu ímpeto irresistível de levar as coisas ao paroxismo, talvez até a uma catástrofe de grandes proporções — dominou suas reações de maneira tal que todas as disposições das potências ocidentais para o meio-termo nela esbarraram. Quem foi o causador da guerra é, pois, uma pergunta sem a menor razão de ser. A guerra foi a guerra de

---

<sup>302</sup> Idem, p. 654.

Hitler, no sentido mais completo, mais vasto: sua política dos anos precedentes, o conjunto todo de sua carreira orientava-se para a guerra. Sem guerra, suas ações não teriam tido objetivo nem consequências e Hitler não seria quem foi.<sup>303</sup>

Além disso, Joachim Fest explorou a mudança na abordagem política de Hitler ao longo do tempo, passando de uma postura pragmática para uma visão radical e irracional. Destacou a obsessão de Hitler com a guerra e sua determinação em alcançar a vitória a qualquer custo, mesmo diante das inadequações no preparo geral do país.

A narrativa também abordou como o líder alemão concebia a Segunda Guerra como uma continuação da Primeira Guerra Mundial, buscando corrigir o que ele considerava erros estratégicos do passado e promover seus próprios objetivos de conquista e dominação. Joaquim Fest pontuou a ruptura com o imperialismo anterior, uma vez que Hitler incorporou ideias raciais e de seleção natural em seus objetivos de expansão.

Por fim, analisou o que considerou as políticas brutais implementadas pelo *Führer* nos territórios conquistados e sua determinação em lutar até o fim, mesmo diante das consequências devastadoras. Em suma, a Segunda Guerra Mundial foi retratada por Fest como uma guerra de Hitler, cujas políticas e visões belicistas foram os principais fatores desencadeantes do conflito.

O autor argumentou que a questão da culpa pela Segunda Guerra Mundial não deveria ser atribuída a nenhum fator externo, mas sim à conduta de Hitler e à sua política expansionista. Segundo ele, todas as ações do líder político estavam direcionadas para a guerra, e sua visão de mundo era essencialmente belicista. Para Hitler, na concepção do autor, a guerra era o objetivo último da política, e ele acreditava que a luta constante era necessária para a preservação e evolução da humanidade.

Hitler, de acordo com o historiador, viu a guerra como uma luta pela sobrevivência da Alemanha, declarando que o país se defenderia até o fim, mesmo que isso resultasse na aniquilação total. Esta mentalidade de "lutar até o fim" refletia a crença de que não havia mais escapatória e que o destino da Alemanha estava irrevogavelmente ligado à guerra que ele iniciara.

As três inserções se entrelaçam através de uma análise psicológica contínua da vida e das ações da personagem, abrangendo desde o período pós-Primeira Guerra Mundial até o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial. Elas exploram diferentes facetas da vida e das decisões de Hitler, desde seus primeiros passos e ascensão ao poder até seu papel fundamental como catalisador da Segunda Guerra Mundial. Fest buscou retratar o líder nazista não apenas como um produto de seu tempo, mas como um agente ativo que moldou os eventos históricos

---

<sup>303</sup> Idem, p. 373.

do mundo moderno. Essa abordagem contrastava com a visão inicial da biografia, que o descreveu como alguém passivamente conduzido pelos acontecimentos em direção à política.

Essas estratégias de escrita tiveram como objetivo principal fazer uma reflexão sobre a figura de Hitler e sua influência na história. No decorrer de toda a escrita, a personagem foi caracterizada como uma figura sem precedentes na história, capaz de despertar extremos de entusiasmo e ódio. Sua ascensão ao poder e sua capacidade de modificar o curso dos acontecimentos foram destacadas como fenômenos significativos. Ao abordar a personalidade de Hitler, o autor descreveu sobre sua “habilidade extraordinária” para mobilizar as massas e sua determinação em alcançar seus objetivos, mesmo quando enfrentava desafios aparentemente insuperáveis – o que definiu como fracassos momentâneos.

Joachim Fest argumentou que o sucesso do *Führer* não pode ser entendido apenas em termos de suas características individuais, mas também em relação às condições históricas e sociais da época. O descontentamento generalizado, a crise econômica e política e a fragilidade das instituições democráticas na Alemanha foram fatores que facilitaram sua ascensão ao poder.

Por isso, em momentos específicos da escrita, houve a estratégia de trazer o “contexto histórico” como base para fundamentar essa argumentação. Isto é, páginas e páginas foram dedicadas, por exemplo, para falar sobre a crise econômica que a Alemanha enfrentou nos anos de 1929, nas quais Hitler sequer era citado. Logo depois, a personagem era inserida na narrativa como uma consequência dessas condições, ou melhor, como um fruto daquele tempo ou situação.

Hitler foi, em parte da obra, um produto de seu tempo e das circunstâncias históricas. Visto que, para Fest, embora ele tenha desempenhado um papel significativo nos eventos que culminaram na Segunda Guerra Mundial e no Holocausto, sua ascensão ao poder e suas ações não podem ser totalmente atribuídas a ele como indivíduo. Em vez disso, ainda para o autor, até a chegada ao poder, sua trajetória foi vista como resultado de uma complexa interação entre sua personalidade, suas decisões e as circunstâncias históricas específicas da Alemanha e do mundo na época.

A análise proposta sugeriu que a grandeza histórica pode surgir mesmo em meio à mediocridade individual, especialmente em tempos de crise e mudança. Hitler, inicialmente ignorado e desconsiderado, encontrou na derrocada do sistema e na angústia reinante da época a oportunidade de emergir como líder. Sua ascensão ao poder, no entendimento do biógrafo, revelava que a grandeza pode acompanhar uma personalidade diluída, muitas vezes percebida como fictícia ou instrumental por observadores contemporâneos. O autor também destacou a

ironia por trás da percepção de Hitler como um mero "agente" de interesses estrangeiros, destacando como ele habilmente usou essa imagem para consolidar seu poder político.

Em contrapartida, na biografia, Hitler também foi descrito como um fenômeno sem precedentes na história, capaz de gerar entusiasmo, histeria e ódio extremos. Segundo o biógrafo:

Ninguém suscitou tamanho entusiasmo e histeria, e tão grande esperança de salvação; ninguém despertou tanto ódio. Nenhum outro, num percurso solitário que durou uns poucos anos, acelerou o curso do tempo e modificou as condições do mundo de maneira, por assim dizer, inacreditável, como ele o fez; ninguém deixou atrás de si tal rastro de ruínas.<sup>304</sup>

Sua ascensão ao poder, sua habilidade de manipular as circunstâncias e sua capacidade de dominar sua revolução foram destacadas como características marcantes. Hitler, para Fest, representou as angústias e esperanças de sua época de uma maneira singular.

O líder do Terceiro Reich, segundo Fest, foi um visionário obstinado, capaz de transformar suas visões em realidade, desafiando as estruturas políticas e sociais de sua época. Sua certeza inabalável em sua missão e sua capacidade de representar os anseios de sua era foram apontadas como elementos de sua grandeza histórica.

Segundo Jacob Burckhardt, a grandeza histórica envolve a realização de uma vontade que transcende o indivíduo. Portanto, para Joachim Fest, Hitler foi visto como um exemplo extraordinário desse conceito.<sup>305</sup> Este foi mais um contraponto com a biografia de Bullock. Tanto que, na introdução, Fest ressaltou que apesar da obra do historiador britânico ser a descrição única de Hitler, salientou que Bullock não conseguiu explicar a grandeza histórica dele. Por isso, seria necessário escrever uma outra biografia para dar conta dessa questão.

Hitler, em um primeiro momento, foi retratado por Fest como um artista com pouca consciência política, sendo direcionado para o mundo da política mais pelas circunstâncias do que por uma vontade intrínseca de se envolver nesse meio. Ao descrever sua ascensão como político, o autor destacou uma série de eventos, acontecimentos e figuras que permitiram a Adolf Hitler alcançar o cargo de Chanceler e, assim, entrar para a história como um dos principais políticos da Alemanha. Desse modo, a pergunta inicial feita por Fest, que ele já havia sugerido uma resposta, recebeu sua confirmação final: sim, Hitler poderia ser considerado "grande".<sup>306</sup> Por ironia, o historiador alemão acabou reforçando uma das vertentes de análise que tanto criticou, ao retratar Hitler como uma "figura gigantesca".

---

<sup>304</sup> Idem, p. 9.

<sup>305</sup> Idem, p. 27

<sup>306</sup> Idem, p. 35.

Em 1973, a publicação da biografia *Hitler* por Joachim Fest trouxe destaque à concepção de Hitler como um mito. Para o autor, Hitler se tornou uma figura histórica por representar o ponto de convergência de diversos anseios, angústias e ressentimentos da época. Fest argumentou que, sem ele, nada do que ocorreu na Alemanha entre 1933 e 1945 teria sido possível, visto que Hitler foi visto como o último político capaz de ignorar o peso das circunstâncias e dos interesses. O autor retratou Hitler como um grande político na história alemã que, no entanto, acabou sendo corrompido pelo desejo de mais poder.<sup>307</sup>

Portanto, enquanto para Bullock Adolf Hitler foi o artista que representou o seu melhor papel, o político que acreditava ser o “indivíduo-universal”, mas que não deveria ser considerado como “grande”, para Fest, embora também reconhecesse Hitler como um artista, o líder do Terceiro Reich foi o principal nome da política alemã de todos os tempos, talvez aquele que até mereça ser considerado “grande” até os dias de hoje.

Posto isso, apesar das numerosas biografias, estudos e explicações disponíveis, Bullock e Fest emergiram como os detentores dessas duas imagens antagônicas. Foi a partir da consolidação dessas visões que a biografia escrita por Ian Kershaw se originou. No próximo capítulo, buscaremos avaliar se Ian Kershaw alcançou o seu objetivo de desestruturar a imagem idealizada de Hitler por Joachim Fest, e até que ponto a representação do líder nazista construída por Alan Bullock serviu de referência para a sua biografia.

---

<sup>307</sup> Idem.

## **CAPÍTULO 4: ALÉM DAS PALAVRAS – DESVENDANDO A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA BIOGRAFIA 1889-1936 HITLER: “HUBRIS” DE IAN KERSHAW**

No presente capítulo, abordamos a biografia *Hubris* (1889-1936) como objeto de estudo para a compreensão do significado transmitido e do valor atribuído por Ian Kershaw às suas afirmações.<sup>308</sup> Nesse sentido, analisaremos, por meio de recursos metodológicos quantitativos e qualitativos, os significados, os desenvolvimentos dos argumentos e suas utilizações, adotando uma perspectiva linguística que se preocupa com as intenções de escrita do autor presentes no texto.

A partir da compreensão de que, diante de um texto, o papel do historiador deve ir além de apenas reconstruir significados, atuando como um arqueólogo que “traz de volta à superfície tesouros intelectuais enterrados”, buscamos analisar mais do que o significado aparente do texto.<sup>309</sup> Para compreender as afirmações feitas, é necessário alcançar o verdadeiro significado do que foi dito. Além de tentar entender o significado do que eles disseram, devemos também procurar compreender o que eles queriam transmitir com suas afirmações.<sup>310</sup> Portanto, neste capítulo, abordaremos as intenções identificáveis no e pelo próprio texto, mesmo que não tenham sido explicitamente formuladas.

Para isso, *Hubris* tornou-se objeto de uma leitura sistemática. Ao utilizar recursos metodológicos quantitativos e qualitativos, buscamos entender as intenções de escrita e os sentidos que influenciaram Kershaw a construir a narrativa da vida de Adolf Hitler. A investigação é guiada pela pergunta central: qual operação historiográfica foi empregada pelo autor?

Elegemos como critério o mapeamento do uso que Ian Kershaw faz da menção de pessoas e da citação de livros ao longo de sua obra. Dado que diversos autores e suas respectivas obras foram referenciados na biografia, tanto em notas de rodapé quanto no corpo do texto, consideramos que cada um teve um impacto significativo e foi incorporado de maneira distinta pelo historiador.

Além disso, nossa tarefa incluiu questionar por que o autor utilizou determinados termos em vez de outros, por que escolheu certos argumentos e por que a obra possui a configuração

---

<sup>308</sup> Usaremos a versão em língua original com tradução minha e revisão da historiadora Bruna Baliza Doimo e do Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes.

<sup>309</sup> SKINNER, Quentin. **Liberdade antes do liberalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 90.

<sup>310</sup> SKINNER, Quentin. **Visões da política**: sobre os métodos históricos. Tradução de João Pedro George. Algés: Difel, 2005. Original publicado pela Cambridge University Press, p.117.

que tem. A biografia foi organizada a partir de elementos que compõem cada uma de suas partes, e cada uma dessas partes contém significados que permitiram a Kershaw construir a narrativa de Hitler. Sendo assim: Qual estrutura narrativa o autor escolheu para compor essa narrativa? Quais temas foram selecionados e desenvolvidos pelo biógrafo para recompor a vida do biografado? Para conseguir identificar o processo da operação historiográfica empregada e dar conta das perguntas supracitadas, decidimos fazer um levantamento temático do prefácio/introdução e dos capítulos. A meu ver, esses temas foram parte considerável dos elementos que proporcionaram ao historiador estruturar sua imagem particular de Adolf Hitler.

Assim, darei continuidade ao nosso objetivo principal de identificar a operação historiográfica realizada pelo biógrafo, utilizando a biografia para investigar o que foi dito sobre Hitler e como isso foi realizado. Nesse sentido, a pretensão é inquerir as intenções de escrita – presentes no texto –, e os sentidos que influenciaram o autor a construir a narrativa de vida do indivíduo Hitler.

#### 4.1 *Os elementos estruturais de Hubris (1889-1936)*

O contato de Ian Kershaw com as interpretações sobre o papel de Hitler no sistema do governo nazista em voga em grande parte dos escritos de historiadores alemães, em específico a partir da sua participação no “Projeto Baviera”,<sup>311</sup> foi o estímulo para imergir à sua escrita da biografia do Chanceler do Terceiro Reich. Isso porque a crescente preocupação com as estruturas do domínio nazista e o abismo na divisão da posição de Hitler dentro desse sistema “levou-me inexoravelmente a aumentar a reflexão sobre o homem que foi indispensável e a inspiração do que se passou, o próprio Hitler”.<sup>312</sup>

A escrita de *Hubris (1889-1936)* era a sua tentativa de romper com a polarização das abordagens, ao integrá-las a uma biografia de Hitler escrita por um historiador “estruturalista”. O seu objetivo era, por meiosa escrita biográfica, unir o pessoal com os elementos impessoais na “formação de algumas das passagens mais vitais de toda a história humana”, tendo como pergunta norteadora como Hitler foi possível. Em suas palavras, “Procurar essas motivações e

---

<sup>311</sup> Como visto de forma mais detalhada no capítulo 1, *Bayern Projekt* realizado pelo *Institut für Zeitgeschichte* abordou a história social da Baviera na era nazista. Esse projeto buscou mapear a interdependência entre política e sociedade, a partir da perspectiva da história política e social. O foco principal foi a ação política na mudança socioeconômica e os efeitos dessas mudanças na sociedade ou em grupos e contextos sociais selecionados. Dessa forma, o projeto destacou a necessidade de examinar como as mentalidades e atitudes políticas se desenvolveram ao longo das mudanças estruturais na economia e na sociedade, e quais metamorfoses essas atitudes sofreram.

<sup>312</sup> KERSHAW, Ian. **Hitler, 1889-1936: Hubris**. W.W. Norton, 1999, p. XII.

fundiu-las com a contribuição pessoal de Hitler para a realização e expansão do seu poder até ao ponto determinar o destino de milhões é o objetivo do estudo”.<sup>313</sup>

Para conectar essas abordagens derivadas da escrita biográfica e da história social, Ian Kershaw apropriou-se do conceito de “liderança carismática”, formulado pelo sociólogo Max Weber. Para o historiador, o conceito de Weber buscava explicações para esta forma de dominação política principalmente nos “experienciadores do carisma”, ou seja, na sociedade e não, em primeira instância, na personalidade do objeto da sua adulação. A partir desses objetivos, Ian Kershaw empreendeu a tarefa de escrever a biografia *Hubris (1889-1936)*.

A biografia *Hubris* apresentou na capa uma foto do busto de Adolf Hitler em preto e branco. Nela, o ditador alemão exibiu um olhar fixo e sério, com a testa franzida, refletindo sua expressão compenetrada. O nome da biografia e o do autor foram escritos em branco e amarelo, com uma moldura vermelha ao redor.

---

<sup>313</sup> Idem, p. XII e XII.

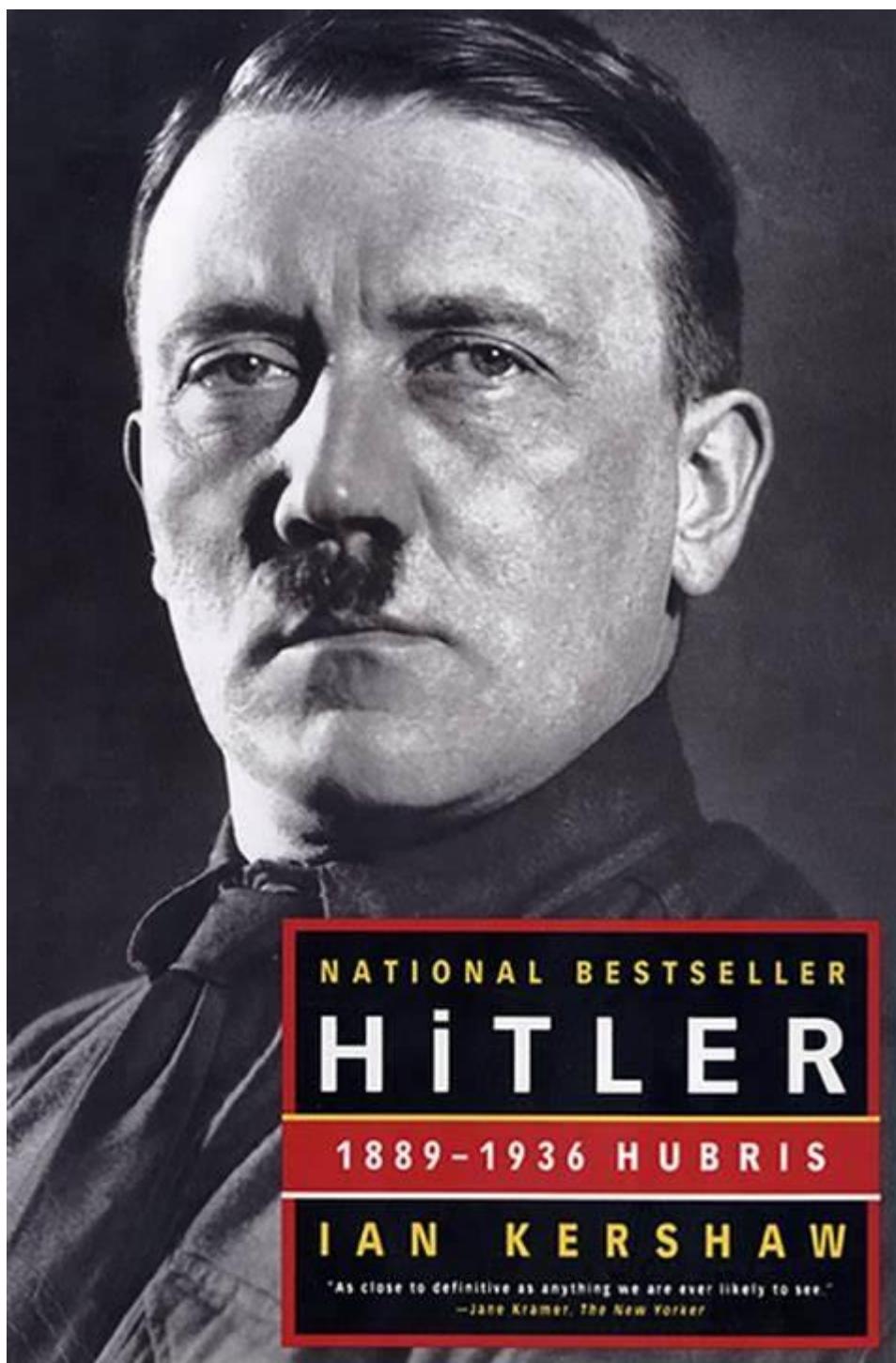


Imagen I: Capa da 1<sup>a</sup> edição da biografia *Hitler 1889-1936 Hubris*

Além disso, a obra, composta por 918 páginas, incluiu diversos elementos estruturais: capa, folha de rosto, informações catalográficas, sumário, lista de ilustrações, prefácio, agradecimentos, uma seção intitulada *Reflecting on Hitler*, 13 capítulos, uma seção de fotos nas partes finais do quinto capítulo, uma segunda seção de fotos ao final do capítulo 10, glossário

de abreviações, notas, referências bibliográficas, índice e contracapa com uma minibiografia do autor.

No dicionário de língua portuguesa, a palavra “Hubris”, título do volume um da biografia escrita por Ian Kershaw, tem como significado um conceito grego que pode ser traduzido como "tudo que passa da medida; descomedimento".<sup>314</sup> É usada para representar uma confiança excessiva, um orgulho exagerado, presunção, arrogância ou insolência, especialmente em relação aos deuses, e que frequentemente resulta em punição. Pelo título da obra, podemos presumir, antes mesmo de iniciar a leitura, que o Hitler retratado pelo autor foi caracterizado por um excesso de orgulho, comportamento arrogante e insolente. Agora ainda não temos condições, mas, ao final da tese, procuraremos descobrir se a personagem construída correspondeu (ou não) ao título escolhido pelo biógrafo.

No prefácio, Ian Kershaw destacou suas hesitações ao escrever uma biografia de Adolf Hitler e, como já dito, seu objetivo de combinar abordagens da escrita biográfica e da história social para compor essa obra. Em *Reflecting on Hitler*, o biógrafo apresentou um panorama de como Hitler foi abordado pela historiografia e, principalmente, por duas biografias anteriores (como analisado no capítulo 3), delineando, assim, o tipo de abordagem que sua própria biografia pretendia seguir.

O capítulo 1, *Fantasy and Failure*, com 26 páginas, abordou os anos iniciais da vida de Hitler, de 1889 a 1907. O autor, no entanto, fez uma regressão a um momento específico: a mudança de nome do pai de Hitler em 1879. Esse acontecimento serviu como fio condutor de todo o capítulo. Em *Drop-out*, segundo capítulo, com 43 páginas, Kershaw se dedicou a tratar o período que Hitler passou em Viena entre fevereiro de 1908 e maio de 1913. No capítulo seguinte, *Elation and Embitterment*, com 35 páginas, o tema da Alemanha pré-Primeira Guerra Mundial foi desenvolvido, não tendo havido um recorte temporal específico nesse capítulo. Visto que o autor buscou, por exemplo, elementos da década de 1870 para compreender o ambiente que desencadeou a guerra.

No capítulo 4, intitulado *Discovering a Talent*, ao longo de 21 páginas, o biógrafo, a partir da participação de Hitler na Primeira Guerra, destacou os seus primeiros passos rumo à política, ou melhor, a seu despertar político. Isso significou apresentar o caminho de Hitler desde a cidade alemã Pasewalk em que ficou internado para cuidar do ferimento nos olhos por causa de uma taque de gás de mostarda (em 1918) até se tornar a principal atração do DAP (em 12 de setembro de 1919). Em *The Beerhall Agitator*, com 39 páginas, somos apresentados ao

---

<sup>314</sup> **Dicionário online de língua portuguesa.** Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

período que Adolf Hitler ganhou destaque como um agitador de reuniões nas cervejarias até transformar-se em uma liderança do partido em 1921, detalhando os elementos cruciais que moldaram a primeira passagem da “carreira” política de Hitler como o agitador de um insignificante partido racista de Munique e as circunstâncias sob as quais ele veio a liderar esse partido.

O capítulo *The “Drummer”* narrou como Hitler se tornou o líder indiscutível do seu partido em 1922 até o seu envolvimento na aventura do golpe da Cervejaria em 1923. Em *Emergence of the leader*, totalizando 33 páginas, tratou exclusivamente do ano de 1924, já que, para Kershaw, foi o ano que Hitler se tornou o líder absoluto com total domínio sobre o partido. O historiador classificou que o ano de 1924, que deveria ter visto Hitler ser banido da história alemã, foi a gênese da sua preeminência absoluta no movimento *völkisch* e a sua ascendência à liderança suprema. No capítulo posterior, *Mastery over the Movement*, Kershaw se dedicou a abranger os temas da refundação do NSDAP em fevereiro de 1925 e o início do novo tumulto político e económico que desencadearia em uma crise económica mundial de 1929, assim como teve também como objetivo compreender os caminhos que levaram ao estabelecimento do “*Culto ao Führer*”.

No nono capítulo, *Breakthrough*, durante 63 páginas, foi abordada a ascensão do movimento nazista e Hitler na Alemanha entre 1929 e 1932. Em *Levered into power* abrangeu o aprofundamento da crise na República de Weimar em outubro de 1932 e os eventos cruciais e as complexas negociações que levaram à ascensão de Hitler ao poder em janeiro de 1933. No capítulo 10, *The making of the dictator*, com 67 páginas, retratou as dinâmicas políticas, decisões estratégicas e colaborações que moldaram a consolidação de Hitler ao poder e o estabelecimento do Terceiro Reich.

Em *Securing total power*, temos como temas centrais a crise da SA (contornada por Hitler) e a preparação para a Noite das Facas Longas, em 1934.<sup>315</sup> No último capítulo do primeiro volume da biografia, *Working towards the Führer*, com 64 páginas, Kershaw relatou as ações do Terceiro Reich entre a morte de Paul von Hindenburg (presidente da República de Weimar) em agosto de 1934 e a crise Blomberg-Fritsch (consistiu em dois escândalos no início de 1938, dos quais resultaram na tomada do controlo da forças armadas por Adolf Hitler) no início de 1938, tendo como foco principalmente mostrar como criou-se uma força tarefa em nome do *Führer* para colocar em prática as ações do Terceiro Reich.

---

<sup>315</sup> A noite das facas longas foi um expurgo que aconteceu na Alemanha Nazista na noite do dia 30 de junho para 1 de julho de 1934, quando o Partido Nazista realizou uma série de execuções extrajudiciais.

Na primeira sessão de fotos, no capítulo que tratou Hitler como o agitador em reuniões nas cervejarias e que ascendeu à liderança do partido em 1921, 16 páginas são dedicadas para expor as imagens. A sequência de 27 imagens mostrou a trajetória de Adolf Hitler e seu contexto histórico: desde sua infância e família, passando por momentos importantes de sua juventude e envolvimento na Primeira Guerra Mundial, até a sua ascensão política. As imagens incluíram figuras influentes em sua vida, eventos-chave como comícios e reuniões do partido NSDAP, e momentos marcantes como o *Putsch* de Munique e seu julgamento, terminando com Hitler em diversos contextos de sua vida pública e política até 1927.<sup>316</sup>

A segunda sessão de fotos no décimo capítulo abrangeu 14 páginas com 30 imagens que documentaram eventos e figuras importantes na vida de Adolf Hitler e no contexto político da Alemanha entre o final dos anos 1920 e meados dos anos 1930. As imagens incluíram Hitler em vários momentos públicos e privados, seus associados e adversários políticos, e eventos-chave como reuniões partidárias, comícios, atos de violência política, e a ascensão de Hitler ao poder como Chanceler. Além disso, mostram aspectos da propaganda nazista e cenas da vida na Alemanha durante a consolidação do regime nazista.<sup>317</sup>

---

<sup>316</sup> Adolf Hitler em escola em Leonding, 1899; Klara Hitler, a mãe de Adolf; Alois Hitler, pai de Hitler; Karl Lueger, Oberburgermeister de Viena; August Kubizek, amigo de infância de Hitler; A multidão na Odeonsplatz, Munique, saudando a proclamação da guerra, 2 de agosto de 1914; Hitler com seus colegas mensageiros Ernst Schmidt e Anton Bachmann e seu cachorro FoxP, em Fournes, abril 1915; soldados alemães em uma trincheira na Frente Ocidental durante uma pausa nos combates da Primeira Guerra; membros armados do KPD do distrito de Neuhausen, em Munique durante um desfile do “Exército Vermelho” na cidade, 22 de abril de 1919; tropas contrarrevolucionárias Freikorps entrando em Munique, no início de maio de 1919; Anton Drexler, fundador em 1919 do DAP; Ernst Rohm, o “rei das metralhadoras”; cartão de membro DAP de Hitler; Hitler discursando no primeiro comício do Partido o NSDAP, 27 de janeiro de 1923; ‘Hitler fala!’ Reunião em massa do NSDAP, Circus Krone, Munique, 1923; organizações paramilitares durante o serviço religioso no “Dia da Alemanha” em Nuremberg, 2 de setembro; Alfred Rosenberg, Hitler e Friedrich Weber durante a marcha das SA e outros grupos paramilitares para marcar o lançamento da pedra fundamental do memorial de guerra, Munique, 4 de novembro de 1923; homens armados da AS comandando uma barricada em frente ao Ministério da Guerra em Ludwigstrafie, Munique, 9 de novembro; golpistas armados da área ao redor de Munique, 9 de novembro de 1923; réus no julgamento dos golpistas: Heinz Pernet, Friedrich Weber, Wilhelm Frick, Hermann Kriebel, Erich Ludendorff, Adolf Hitler, Wilhelm Brückner, Ernst Rohm, Robert Wagner; Hitler posando para uma fotografia após sua libertação da prisão; Hitler em Landsberg, em 1924; Hitler em traje bávaro (1925/6); Hitler em capa de chuva (1925/6); Hitler com seu cachorro, Prinz, em 1925; Reunião do Partido, Weimar, 3-4 de Julho de 1926; comício do partido, Nuremberg, 21 de agosto de 1927.

<sup>317</sup> Hitler com o uniforme SA (1928/9); Hitler em pose retórica (postal de agosto de 1927); Hitler falando ao NSDAP liderança, Munique, 30 de agosto 1928; Geli Raubal e Hitler, em 1930; Eva Braun no estúdio de Heinrich Hoffmann, início dos anos 1930; Presidente do Reich, Paul von Hindenburg; O Chanceler do Reich, Heinrich Brüning com Benito Mussolini, Roma, agosto de 1931; Chanceler do Reich, Franz von Papen, com o Secretário de Estado Dr. Otto Meissner, na celebração anual da Constituição do Reich, 11 de agosto de 1932; Gregor Strasser e Joseph Goebbels assistindo ao desfile da SA Hitler, Braunschweig, 18 de outubro de 1931; Ernst Thälmann, líder do KPD, num comício da “Frente Vermelha” em 1930; cartaz eleitoral nazista de 1932; cartazes de candidatos às eleições presidenciais, Berlim, abril de 1932; Reunião em Neudeck, casa do presidente do Reich, Paul von Hindenburg, 1932; o Chanceler do Reich, Kurt von Schleicher, falando no Sportpalast de Berlim, 15 de janeiro de 1933; uma foto tirada de Hitler no Hotel Kaiserhof, Berlim, em janeiro 1933, pouco antes de sua nomeação como Chanceler; o “Dia de Potsdam”, 21 de março de 1933; violência da SA contra comunistas em Chemnitz, março de 1933; os adesivos com a frase: “Tome nota: judeu. Visita Proibida”, de abril de 1933; um judeu idoso sendo levado sob custódia pela polícia em Berlim, 1934; Hindenburg e Hitler a caminho do comício em Lustgarten, em Berlim,

Após esse resumo gráfico da biografia, a partir daqui, realizaremos uma análise quantitativa e qualificativa dos temas (eixos temáticos) que Ian Kershaw utilizou em sua narrativa para construir a narrativa da vida de Adolf Hitler.

#### 4.2 Explorando os fundamentos: temas em 'Hubris'

Assim como em qualquer obra escrita, Ian Kershaw empregou uma estratégia que consistiu em desenvolver temas específicos para dar forma a sua imagem de Hitler. Ao longo de quase novecentas páginas, distribuídas em 13 capítulos, Kershaw dedicou-se a explorar esses temas. Uma característica que podemos perceber na obra do historiador foi uma abundância de temas, assim como uma brevidade ao tratá-los. No volume 1 da biografia, identificamos um total de 390 temas. Dentre esses, alguns receberam apenas uma página de abordagem, como as dificuldades de Hitler na escola primária, o novo regulamento para o NSDAP e os grupos que temiam a ascensão de Hitler ao poder. Por outro lado, outros temas foram mais detalhados, como os preparativos e a execução do “Putsch da Cervejaria”, que ocuparam exatas 21 páginas da biografia; os eventos que precederam a nomeação de Hitler como Chanceler, narrados ao longo de 11 páginas; e a escrita de *Mein Kampf*, que recebeu um total de 9 páginas de destaque na narrativa.

A fim de realizar uma análise aprofundada, construímos um panorama dos temas abordados na biografia, examinando o quanto o autor se dedicou a cada um deles e como esses temas moldaram a narrativa do historiador. Para alcançar uma análise qualitativa dos dados, optamos por agrupar os temas e assuntos dos capítulos em eixos temáticos, revelando os temas centrais que estruturaram a biografia de Kershaw. Por meio da tabela a seguir, conseguimos identificar dez eixos temáticos que fundamentaram a construção da biografia:

Tabela 1 – Eixos Temáticos

Eixos temático	Porcentagem
Consolidação do poder absoluto	24,31
Contexto político, social, econômico e cultural da Alemanha	16,04
O partido dos Trabalhadores e o envolvimento inicial de Hitler	11,78
Mobilização para chegar ao poder	11,03
Hitler em Viena	8,77

no “Dia do Trabalho Nacional”, 1º de maio de 1933; Hitler com Ernst Rohm em um desfile das SA no verão de 1933; cartão-postal de culto ao Führer, de 1933; segundo cartão-postal de culto ao Führer; O showroom da Mercedes-Benz na Lenbachplatz, Munique, abril de 1935; Hitler durante uma visita ao Ruhr em 1935; Hitler em suas montanhas; a tomada de posse dos novos recrutas no Feldherrnhalle na Odeonsplatz, Munique, no aniversário do golpe, 7 de novembro de 1935; tropas alemãs entrando na desmilitarizada Renânia, 7 de março de 1936.

Os preparativos e a realização do "Putsch da cervejaria"/o Putsch	6,77
A construção política de Hitler	5,76
O envolvimento de Hitler com a guerra	5,26
Rearmamento da Alemanha	5,26
O culto ao Führer	5,01

---

Fonte: Elaborada pela autora.

Alguns eixos temáticos destacaram-se de maneira proeminente, entre eles a consolidação do poder absoluto, o contexto político, social, econômico e cultural da Alemanha, e o início do partido dos Trabalhadores e o envolvimento inicial de Hitler. Como podemos observar, os três primeiros eixos temáticos compõem quase 50% da escrita de Ian Kershaw no primeiro volume de sua biografia. Ao sistematizar esses temas/assuntos que moldaram a narrativa, nas páginas a seguir, direcionaremos a nossa análise para compreender os significados e impactos que esses elementos exerceiram sobre o desenvolvimento da biografia.

#### *4.2.1 O poder absoluto de Hitler*

A sistematização dos dados da tabela acima revelou que o tema predominante na biografia foi a consolidação do poder de Hitler. Esse eixo temático se desdobrou em dois momentos cruciais para Kershaw. Primeiro, houve a consolidação do poder de Hitler dentro do próprio partido. Segundo, destacou-se a consolidação do poder de Hitler ao assumir o cargo de Chanceler, marcando o ápice de seu domínio político.

Para a primeira fase da consolidação do poder de Hitler, o autor pontuou que, em meados de fevereiro de 1925, os acontecimentos estavam a mudar a favor de Hitler. Em 12 de fevereiro, Erich Ludendorff, destacado líder nacionalista, dissolveu a Liderança do Reich da NSFB (Partido Nacional-Socialista da Liberdade). Pouco depois, Hitler anunciou a sua decisão de refundar o NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães). Com isso, ocorreu uma avalanche de declarações de lealdade a Hitler. Kershaw trouxe como exemplo a reunião em Hamm em Westphalia, em 22 de fevereiro, onde Gauleiter da antiga NSFB de Westphalia, Renânia, Hanôver e Pomerânia, juntamente com mais de 100 líderes distritais das províncias do norte da Alemanha, atestaram a sua “lealdade e adesão inabalável ao seu líder Adolf Hitler”.<sup>318</sup> Isso significava que o refundado NSDAP não ficaria em grande parte confinado à Baviera.

---

<sup>318</sup> KERSHAW, 1999, p. 264.

Kershaw narrou em detalhes como foi o discurso de Hitler no Bürgerbräukeller, uma grande cervejaria, em Munique. Às 20 horas da noite de 27 de fevereiro de 1925, Hitler, com o “seu habitual sentido de teatro”, fez a sua reentrada na cena política de Munique. Assim como antes do *Putsch* da cervejaria, a fracassada tentativa de golpe de estado do Partido Nazista, os cartazes vermelhos anunciando o discurso tinham sido colados em Munique durante dias. As pessoas começaram a ocupar os seus lugares no início da tarde. Três horas antes do início previsto, a cervejaria estava cheia, mais de 3.000 pessoas no interior e mais 2.000 do lado de fora, e cordões de polícia foram instalados para bloquear a área circundante.

De acordo com o biógrafo, Hitler falou durante quase duas horas. Na primeira parte do seu discurso relatou sobre situação da Alemanha desde 1918, entre os temas: os judeus, a fraqueza dos partidos burgueses, e os objetivos do marxismo. Hitler salientou sobre a necessidade de concentrar toda a energia em um único objetivo, no ataque a um único inimigo para evitar a fragmentação e a desunião. Na última parte do discurso, em que Kershaw classificou como o clímax da fala de Hitler, isto é, foi o momento em que Hitler defendeu que a sua liderança incondicional e sua responsabilidade total sobre o movimento deveriam ser aceitas. O autor também definiu todo aquele momento como “uma peça de teatro puro”, que tinha um significado simbólico para os presentes.

Arqui-inimigos durante o ano passado e mais – Hermann Esser, Julius Streicher, Artur Dinter da GVG, Rudolf Buttmann, Gottfried Feder, Wilhelm Frick do bloco “parlamentar” Völkischer – montaram a plataforma e, entre cenas emotivas, com muitos de pé em cadeiras e mesas e a multidão a avançar do fundo do salão, apertaram as mãos, perdoaram-se uns aos outros e juraram lealdade eterna ao líder. Era como os vassalos medievais jurando fidelidade ao seu soberano.<sup>319</sup>

Naquele momento, para Kershaw, a demonstração pública de unidade era evidente e só poderia ter sido alcançada sob Hitler como líder. Nos anos seguintes, isso ia ficar ainda mais evidente: Hitler e a “ideia” cada vez mais encarnada na sua liderança constituíam a única e indispensável força de integração do movimento. O autor supõe que a posição de Hitler como líder supremo do partido deveu-se muito ao reconhecimento deste fato.

Em março de 1925, segundo o historiador, Hitler delegou o político alemão Gregor Strasser a organização do partido nazista no norte da Alemanha. Kershaw destacou Strasser como provavelmente o mais capaz dos principais líderes nazistas, reconhecendo sua contribuição fundamental para a rápida expansão do NSDAP na região. Enquanto Hitler estava

---

<sup>319</sup> Idem, p. 267.

ocupado escrevendo o seu segundo livro durante o verão de 1925, Strasser liderava os esforços no norte, sendo influenciado por suas experiências nas trincheiras durante a guerra.

Ian Kershaw informou que Strasser, embora compartilhasse objetivos básicos com Hitler, tinha uma abordagem mais idealista e menos focada em questões exclusivamente antisemitas. Sua liderança no norte alemão refletia uma aversão às figuras dominantes em Munique e uma preocupação com a falta de ação de Hitler durante a crise do partido.

Os líderes do norte alemão, como Strasser e Joseph Goebbels, futuro ministro da Propaganda nazista, para o autor, divergiam em algumas interpretações da ideologia nacional-socialista, mas compartilhavam preocupações sobre a crise interna do partido e a influência negativa dos líderes de Munique, como Hermann Esser. Kershaw relatou que a reunião convocada por Strasser em setembro de 1925 refletiu essa insatisfação, embora tenha falhado em formar um bloco coeso contra a liderança de Munique devido à ausência de Strasser e à resistência a mudanças radicais.

Apesar das diferenças e da crise interna, conforme dito pelo biógrafo, os líderes do norte reconheciam a liderança de Hitler, mas buscavam uma reforma no programa do partido e uma maior autonomia regional. O declínio do NSDAP no norte alemão estava ligado à estagnação e à crise geral do partido, enquanto a liderança de Munique enfrentava descontentamento e resistência de suas bases regionais.

A partir desse momento, a obra passou abordar sobre a criação da “Comunidade de Trabalho” (Arbeitsgemeinschaft) da Gaue do Norte e Oeste da Alemanha do NSDAP, grupo formado por paramilitares que, segundo o historiador, teve a sua aprovação reconhecida nos estatutos da Comunidade, e os seus membros comprometeram-se a trabalhar para o partido sob a liderança de Hitler.

Hitler tinha estado, até aquele momento, despreocupado com a “Comunidade de Trabalho”. Porém, Gottfried Feder, um dos principais membros iniciais do partido nazista, conforme pontuado na obra, levou-o a dar mais atenção ao tema. Hitler reconheceu os sinais de perigo. Ele convocou cerca de sessenta líderes partidários para uma reunião em 14 de fevereiro de 1926 em Bamberg, na Alta Francônia. Não havia uma pauta determinada. Hitler queria discutir algumas "questões importantes". A filial local em Bamberg tinha sido bem cultivada por Hitler e Streicher durante 1925. Os líderes do norte estavam, ainda de acordo com o autor, ambos em menor número, mas, mesmo assim, ficaram impressionados com a demonstração de apoio a Hitler que tinha sido orquestrada na cidade. Na viagem a Bamberg, Feder aproveitou mais uma vez a oportunidade para alertar Hitler sobre a ameaça à sua autoridade.

Com a reunião, a potencial ameaça da “Comunidade de Trabalho” tinha-se evaporado, e Hitler reafirmou a sua autoridade. Nessa altura, como descreveu Kershaw, a “Comunidade de Trabalho” de Strasser não existia mais. Com ela, encerrou o último obstáculo para o estabelecimento completo do domínio supremo de Hitler sobre o partido.

Kershaw ressaltou que, após a vitória de Bamberg, um ponto crucial foi o fato de que o influenciável Goebbels foi abertamente cortejado por Hitler e totalmente cativado. O autor dedicou uma seção da narrativa para ilustrar a admiração que Goebbels nutria por Hitler desde o princípio, examinando como esse sentimento cresceu ao longo do tempo e aprofundou-se com o desenvolvimento da relação entre os dois.

A reunião de Bamberg, afirmou o autor, foi um marco no desenvolvimento do NSDAP. A “Comunidade de Trabalho” mesmo sem ter tentado uma rebelião contra a liderança de Hitler, depois de Strasser ter composto o seu projeto de programa, provocou um confronto inevitável. O que suscitava a pergunta: deveria o partido estar subordinado a um programa, ou ao seu líder? Para Kershaw, a reunião de Bamberg decidiu o significado do nacional-socialismo. Não era para significar um partido dilacerado, como o movimento *völkisch* tinha sido em 1924. O Programa de Vinte e cinco Pontos de 1920, idealizado por Hitler para ser o programa político do partido nazista, foi considerado definitivo e suficiente. O seu significado simbólico, não a viabilidade prática, era o que importava.

Também em Bamberg, uma importante questão ideológica foi definida, qual era a “ideia” do Nacional-Socialismo.

A “ideia” e o Líder estavam a tornar-se inseparáveis. Mas a “ideia” equivalia a um conjunto de objetivos distantes, uma missão para o futuro. A única forma de o conseguir era através da conquista do poder. Para isso, era necessária a máxima flexibilidade. Nenhuma disputa ideológica ou organizacional deveria no futuro ser permitida para se desviar do caminho. A força de vontade fanática, convertida em força de massa organizada, era o que era necessário. Isso exigia liberdade de ação para o líder; e obediência total por parte dos seguidores.<sup>320</sup>

Portanto, a partir de Bamberg, na concepção do biógrafo, surgiu o crescimento de um novo tipo de organização política: uma sujeita à vontade do Líder, que se sobrepôs ao partido, a encarnação na sua própria pessoa da “ideia” do Nacional-Socialismo.

Kershaw descreveu que na Assembleia Geral de Membros de 22 de maio de 1926, em que participaram 657 membros do partido, a liderança de Hitler tinha emergido reforçada. Foram feitas algumas emendas aos estatutos, em que asseguravam a Hitler o controlo da

---

<sup>320</sup> KERSHAW, 1999, p. 277-278.

máquina do partido. No geral, os estatutos refletiam o “partido líder” em que o NSDAP tinha se tornado.

Algumas semanas depois, como declarado pelo autor, durante o Comício do Partido em Weimar, realizado nos dias 3 e 4 de julho, depois de um longo período, Hitler foi autorizado a discursar publicamente. Nesse evento, conseguiu-se evidenciar a coesão existente em torno do líder. Embora o Partido Nazista ainda fosse consideravelmente menor do que durante o *Putsch* da cervejaria e no quadro geral da política nacional, era totalmente insignificante, para os membros internos, o período de crise tinha terminado. Embora pequeno, para Kershaw, o partido estava mais bem organizado, geograficamente mais difundido do que o partido pré-*Putsch* tinha estado.

A sua imagem de unidade e força estava a começar a persuadir outras organizações völkisch a juntarem-se ao NSDAP. Acima de tudo, estava a transformar-se num novo tipo de organização política – um Partido Líder. Hitler tinha estabelecido a base da sua mestria sobre o movimento. Nos anos seguintes, ainda no deserto político, essa mestria tornar-se-ia completa.<sup>321</sup>

O segundo momento para tratar sobre a consolidação do poder de Hitler foi quando ele se tornou Chanceler. O historiador retratou as primeiras manobras políticas de Adolf Hitler após sua nomeação como Chanceler da Alemanha em 1933, destacando sua abordagem cautelosa inicial e sua subsequente consolidação de poder por meio de estratégias políticas, propaganda e colaboração com o estabelecimento militar.

O autor abordou as diversas reações à nomeação de Adolf Hitler como Chanceler da Alemanha em 30 de janeiro de 1933, dando destaque à resposta extasiada de indivíduos como Luise Solmitz, professora em Hamburgo, que saudou a ascensão de Hitler ao poder. Kershaw detalhou os sentimentos variados entre diferentes segmentos da sociedade, incluindo a classe média, figuras políticas, líderes religiosos e cidadãos comuns. As reações iam desde a alegria desenfreada e a expectativa de renovação nacional entre alguns até o medo, ansiedade e hostilidade entre outros.

A hierarquia católica permaneceu reservada, a sua inquietação sobre Hitler e as tendências anticristãs do seu movimento inalteradas. [...] Muitas pessoas comuns, depois do que tinham passado na Depressão, ficaram simplesmente apáticas às notícias de que Hitler era Chanceler. [...] Alguns pensavam que Hitler nem sequer seria tão longo no cargo, e que a sua popularidade cairia assim que a desilusão se instalasse, devido ao vazio das promessas nazis. Mas os críticos perspicazes de Hitler puderam ver que, agora que gozava do prestígio da Chancelaria, podia rapidamente quebrar grande parte do ceticismo e ganhar grande apoio combatendo com sucesso

---

<sup>321</sup> Idem, p. 279.

o desemprego em massa – algo que nenhum dos seus antecessores tinha chegado perto de conseguir.<sup>322</sup>

Kershaw, então, explorou as celebrações orquestradas e a propaganda em torno da nomeação de Hitler, com desfiles de tochas e multidões entusiasmadas marcando a ocasião. O dia foi caracterizado na mitologia nazista como o “dia da revolta nacional”, “Hitler até contemplou – pelo menos assim, afirmou mais tarde – a mudança do calendário (como os revolucionários franceses tinham feito) para marcar o início de uma ‘nova ordem mundial’”.<sup>323</sup> A consolidação do poder de Hitler foi descrita como um momento transformador na história alemã.

Esse dia histórico foi um fim e um começo. Denotava o fim da República de Weimar, que não se lamentava, e o ponto culminante da crise global do Estado que tinha provocado o seu desaparecimento. Ao mesmo tempo, a nomeação de Hitler como Chanceler marcou o início do processo que deveria conduzir ao abismo da guerra e do genocídio, e provocar a destruição da própria Alemanha como um Estado-nação. Significava o início daquele espantoso e rápido desejum de restrições ao comportamento desumano cujo caminho terminava em Auschwitz, Treblinka, Sobibor, Majdanek, e os outros campos de morte cujos nomes são sinônimos do horror do nazismo.<sup>324</sup>

O autor explorou também as mudanças rápidas e extensas na Alemanha entre a tomada de poder por Hitler em 1933 e os eventos cruciais de 1934. Destacou a supressão das liberdades civis, a dissolução de partidos de oposição e sindicatos, a coordenação (*Gleichschaltung*) de várias organizações com o novo regime, o papel do exército e os compromissos feitos pelas instituições religiosas. Com isso, Kershaw enfatizou como a ditadura de Hitler não foi apenas orquestrada por ele, mas envolveu a colaboração e o apoio voluntário de vários segmentos da sociedade. Além disso, voltou a reforçar que a transformação rápida que levou ao estabelecimento da ditadura de Hitler e as consequências subsequentes para a Alemanha preparou o terreno para a guerra e o genocídio.

Após destacar os apoios angariados por Hitler ao se tornar chanceler, a escrita do historiador mudou para o contexto de terror patrocinado pelo Estado e repressão contra oponentes políticos durante a campanha eleitoral, especialmente na Prússia sob controle nazista. Hermann Göring, como Ministro do Interior da Prússia, realizou purgas e instruiu a polícia a colaborar com SA e SS (Esquadrão de Proteção e Tropas de Choque). A campanha de violência

---

<sup>322</sup> Idem, p. 433.

<sup>323</sup> Idem, p. 434.

<sup>324</sup> Idem.

visava principalmente os oponentes políticos, especialmente os comunistas, criando uma atmosfera de medo e intimidação.

Entre 30 de janeiro de 1933 e a consolidação e extensão do poder de Hitler no início de agosto de 1934, segundo Kershaw, transformaram a Alemanha. A combinação de medidas pseudo-legais, terror, manipulação e colaboração voluntária levou que em um espaço de um mês, “as liberdades civis – protegidas pela Constituição de Weimar – fosse sido extintas”. Como descrito, em dois meses, com a maioria dos opositores políticos foram presos ou saíram em fuga do país, o Reichstag, parlamento nacional da Alemanha Nazista de 1933 a 1945, abdicou dos seus poderes, dando a Hitler o controlo da legislatura. No prazo de quatro meses, os outrora poderosos sindicatos foram dissolvidos. Em menos de seis meses, “todos os partidos da oposição tinham sido suprimidos ou entraram em liquidação voluntária, deixando o NSDAP como o único partido restante”.<sup>325</sup>

A violência e a repressão levaram ao apoio público a Hitler, alimentado por sentimentos antimarxistas e temores de uma revolta comunista. Kershaw detalhou o episódio do incêndio do Reichstag em 27 de fevereiro, atribuído a Marinus van der Lubbe, ex-comunista. O incêndio serviu como pretexto para os nazistas desencadearem uma onda de terror contra opositores políticos. Hitler e Hermann Göring, futuro Ministro da Economia, aproveitaram rapidamente a situação, emitindo um decreto por escrito para a polícia colaborar com grupos paramilitares nazistas e usar armas de fogo impiedosamente.

O decreto de emergência “Para a Proteção do Povo e do Estado” foi introduzido, segundo Kershaw, suspendendo as liberdades pessoais e concedendo ao governo do Reich o poder de intervir nos estados. Este decreto tornou-se a carta do Terceira Reich, solidificando o caminho de Hitler para a ditadura. Apesar da violência e repressão generalizadas, os nazistas venceram a eleição para o Reichstag com 43,9% dos votos, assegurando uma maioria, mas não uma maioria absoluta. Apesar de “a violência e a repressão” terem sido “amplamente populares, o ‘decreto de emergência’ que retirou todas as liberdades pessoais e estabeleceu a plataforma para a ditadura foi calorosamente acolhido”.<sup>326</sup> A transformação da imagem de Hitler de líder partidário para líder nacional, aliada à eliminação do sistema pluralista, para o autor, abriu o potencial para um apoio mais amplo além da eleição de março de 1933.

O biógrafo descreveu eventos cruciais após a eleição de 5 de março, quando, segundo ele, ocorreu a verdadeira “tomada de poder” por parte dos nazistas. Os ativistas do partido, sem incentivo direto de Hitler, realizaram ações “espontâneas” que fortaleceram seu poder como

---

<sup>325</sup> Idem, p. 435.

<sup>326</sup> Idem, p. 460.

Chanceler do Reich. De acordo com Kershaw, havia um padrão semelhante em cada caso: pressão sobre os governos estaduais não nazistas para colocar um Nacional Socialista encarregado da polícia; ameaças de manifestações da SA e SS nas grandes cidades; a elevação simbólica da bandeira suástica nos prédios da prefeitura; a capitulação quase sem resistência dos governos eleitos; a imposição de um Comissário do Reich sob o pretexto de restaurar a ordem. E, apesar da aparência de legalidade, a usurpação dos poderes dos estados pelo Reich foi uma violação flagrante da Constituição, sendo a força e a pressão das organizações nazistas responsáveis por criar a “instabilidade” que supostamente justificou a restauração da “ordem”.

A atmosfera triunfante após a eleição deu lugar à violência aberta dos nazistas, resultando em protestos de figuras proeminentes ao Reich e a Hitler. Segundo Kershaw, a violência começou a se tornar contraproducente, levando Hitler a proclamar, em 10 de março, que o governo nacional controlasse o poder executivo em toda a Alemanha. Ele ordenou o fim de moléstias a indivíduos, obstrução de automóveis e perturbações à vida comercial. No entanto, ainda segundo o autor, a repressão continuou, com um número crescente de prisões, incluindo a criação do primeiro campo de concentração em Dachau.

No geral, Kershaw buscou oferecer uma visão abrangente do período, enfatizando a consolidação do poder nazista, a coordenação de instituições e a supressão da oposição política na Alemanha em 1933. Destacou que a influência nazista se estendia tanto em nível político central quanto em base social, abrangendo todas as formas de atividade organizacional. Nas pequenas cidades e vilarejos, os nazistas assumiram o controle do governo local, expulsando rapidamente líderes ligados a partidos “marxistas”. Professores e funcionários públicos destacaram-se ao aderir massivamente ao Partido Nazista, levando a restrições à entrada de novos membros. A “coordenação” nazista permeou todos os aspectos da vida social, incluindo clubes, sociedades e atividades culturais.

No entanto, o autor afirmou que a base da compreensão da consolidação do poder de Hitler derivava também da forma como ele alcançou esse poder:

A rapidez da transformação, e a prontidão do exército e de outros grupos tradicionalmente poderosos para se colocarem ao serviço do novo regime, derivou em grande medida das condições em que Hitler tomou o poder. A fraqueza das elites estabelecidas da “velha ordem” tinha eventualmente levado à nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler. Os grupos de poder tradicionais tinham ajudado a minar e destruir a democracia que tanto detestavam. Mas tinham sido incapazes de impor o tipo de contrarrevolução que tinham desejado. Hitler tinha precisado deles para ganhar poder. Mas também tinham precisado de Hitler para dar apoio em massa à

contrarrevolução pretendida. Esta foi a base da 'entente' que colocou Hitler no lugar do chanceler.<sup>327</sup>

No período entre a ascensão de Hitler ao poder e o estabelecimento do culto ao *Führer*, segundo o biógrafo, a sua popularidade disparou, levando a uma adulação generalizada e ao desenvolvimento de um culto à personalidade não apenas dentro do Partido Nazista, mas também em todo o estado e sociedade. Como relatado, sentimentos populares e níveis quase religiosos de devoção a Hitler foram explorados por meio da propaganda, contribuindo para seu *status* como símbolo da unidade nacional. A saudação "Heil Hitler" tornou-se obrigatória, marcando a transformação da Alemanha em um "estado do Führer". A percepção positiva de Hitler, para Kershaw, foi alimentada por um sentido de recuperação, nova energia e esperança, especialmente evidente após anos de depressão.

A ideia central do autor, ao desenvolver o tema da consolidação do poder de Hitler, era mostrar a consolidação do poder de Hitler dentro do próprio partido, marcada por eventos como a refundação do NSDAP e a demonstração pública de lealdade a Hitler por parte de líderes regionais, e a consolidação do poder de Hitler como Chanceler, evidenciando sua abordagem inicialmente pragmática e conciliatória, seguida por uma crescente manipulação da política, da propaganda e da colaboração com o estabelecimento militar. A análise do biógrafo ressaltou a habilidade de Hitler em explorar alianças, manipular situações políticas e moldar a opinião pública para consolidar sua autoridade e avançar sua agenda ideológica, demonstrando o complexo jogo de forças que caracterizou sua ascensão ao poder.

Agora vamos nos dedicar a analisar o segundo tema que mais fez parte da narrativa de Ian Kershaw: o contexto político, social, econômico e cultural da Alemanha.

#### *4.2.2 As perspectivas Políticas, Sociais, Econômicas e Culturais da Alemanha*

A narrativa sobre o contexto político, social, econômico e cultural da Alemanha também se sobressaiu consideravelmente em relação aos demais temas. O autor ocupou quase 15% da obra apenas para tratar dessa temática. Esta análise permeou toda a biografia, mas foi em dois momentos específicos que o autor acentuou seu destaque: ao retratar o período em que Hitler viveu em Viena e no período pré-Primeira Guerra Mundial.

Hitler, em suas declarações públicas e em sua autobiografia *Mein Kampf*, atribuiu grande importância aos anos que passou em Viena, entre 1908 e 1913, como fundamentais para

---

<sup>327</sup> Idem, p. 436.

a formação de seu caráter e filosofia política. Ele descreveu esses anos como um período de privação, pobreza e estudo intenso, no qual ele teve seu entendimento político moldado e desenvolveu sua visão de mundo. Essa visão de mundo, segundo Hitler, tornou-se a base de sua luta política futura.

Em decorrência disso, Ian Kershaw fez uma apresentação de como era Viena no período em que Hitler morou lá. Segundo o autor, a cidade em que Hitler viveu durante cinco anos era um lugar extraordinário. Mais do que qualquer outra metrópole europeia, Viena foi o epicentro das tensões sociais, culturais, políticas que marcaram aquela era – o início do século XX. A justificativa do autor para compreender a Viena do período foi que as dinâmicas sociais da cidade, provavelmente, moldaram o jovem Hitler.

Kershaw definiu que Viena, nos primeiros anos do século XX, era uma cidade de contradições. A capital que irradiava grandeza imperial, opulência e esplendor deslumbrantes, excitação cultural e fervor intelectual, era a mesma que, por trás de seus resplandecentes, tinha umas das mais terríveis pobrezas e misérias humanas da Europa. Segundo ele, esbanjava solidez burguesa, respeitabilidade, retidão moral, maneiras refinadas e etiqueta adequada, e, sob a superfície, o vício, a prostituição e a criminalidade eram desenfreados. Kershaw continuou afirmando que, apesar de o longo reinado de Franz Joseph no trono dos Habsburgos ter implicado na estabilidade de um antigo império, na realidade, era um império arruinado por conflitos étnicos e nacionalistas, lutando para lidar com novas forças sociais e políticas. Os alemães sentiram sua cultura, o modo de vida, os padrões de vida e *status* sob ameaça. Nas palavras de Kershaw,

A burguesia liberal sentia-se pessimista quanto ao futuro, ameaçada pelas novas forças da política de massas e da democracia; O clima de desintegração e decadência, ansiedade e impotência, a sensação de que a velha ordem estava passando, o clima de uma sociedade em crise, era inconfundível.<sup>328</sup>

Para autor, foi relativamente fácil transferir a raiva impotente e o medo para o ódio racial – sobretudo para o ódio aos judeus. Nenhuma cidade importante, com exceção de Berlim, tinha crescido tão rapidamente como Viena, na segunda metade do século XIX. A população judaica de Viena, segundo Kershaw, era maior do que a de qualquer cidade alemã. Como em toda Alemanha, os judeus tinham uma forte presença nas profissões, na vida académica, nos meios de comunicação de massas, nas artes, e nos negócios e finanças, portanto em todos os âmbitos de poder.

---

<sup>328</sup> Idem, p. 31.

Entre os setores mais pobres da comunidade judaica, as doutrinas do marxismo e do sionismo (cujo fundador, Theodor Herzl, cresceu em Viena) tinham algum apelo. Nesse caso, como destacou o autor, os judeus podiam ser acusados tanto como exploradores capitalistas como revolucionários sociais. Na cidade de Brünn, o distrito onde Hitler passou os seus últimos três anos em Viena, Kershaw pontuou que cerca de 17% dos habitantes eram judeus. Era neste cenário em que Hitler ficou “sujeito ao ódio racial”.<sup>329</sup>

O império foi cada vez mais assolado pelas crescentes contradições internas. No início do século XX, as tensões refletiram-se em formas “amargas de política de massas”. De acordo com o historiador, qualquer dignidade do parlamento tinha caído perante as atitudes e a retórica ameaçadora dos fanáticos nacionalistas. Isso, certamente, ainda na concepção do autor, encheu o jovem apoiante pan-alemão Adolf Hitler, movimento político nacionalista do século XIX que defendia a união dos povos germânicos da Europa Central, com o desprezo e repulsa duradouros pelo parlamentarismo.

O maior responsável pela introdução da agitação nacionalista no parlamento, afirmou o autor, foi Georg Ritter von Schönerer (extremista austríaco, antisemita, anticatólico e um político ativo nos finais do século XIX e princípios do século XX). O seu programa endossou uma marca inicial do “nacional-socialismo” – acima de tudo, nacionalismo radical alemão (que significa a primazia e superioridade de todas as coisas alemãs): reforma social, democracia popular antiliberal, e antisemitismo racial. Para Kershaw, Schönerer teve grande influência sobre a construção de “visão de mundo” de Hitler.

O antisemitismo mais forte e mais profundamente consistente que a Áustria produziu – antes de Hitler, ou seja –, o antisemitismo de Schönerer era o cimento da sua ideologia anti-liberal, anti-socialista, anti-católica e anti-Habsburgo. Hitler tinha imbuído o credo de Schönerer no nacionalismo de Linz. A saudação “Heil”, o título de “Führer” (conferido por Schönerer a si próprio e utilizado pelos seus seguidores), e a intolerância para com qualquer semblante de tomada de decisão democrática no seu movimento estavam entre os elementos duradouros do legado Schönerer que Hitler transportou para o posterior Partido Nazi.<sup>330</sup>

Quando Hitler chegou a Viena, o apoio popular à Schönerer tinha diminuído e fragmentado. Kershaw evidenciou que, apesar da influência, Schönerer nunca defendeu um partido de massas, acreditando que, como sempre no decurso da história, qualquer avanço viria de uma elite.

---

<sup>329</sup> Idem, p. 32.

<sup>330</sup> Idem, p. 33.

A ascensão do Partido Social Cristão de Karl Lueger, político austríaco e presidente da Câmara de Viena entre 1897 e 1910, como destacado na biografia, causou profunda impressão em Hitler. Este deixou de lado Schönerer, e passou a admirar cada vez mais Lueger. O principal motivo, segundo Kershaw, estava na compreensão do que era a política. Enquanto Schönerer negligenciou as massas, Lueger obteve seu apoio conquistando as classes média e baixa e os artesãos. O que fez Lueger ganhar a aprovação de Hitler.

Na década de 1880, como foi ressaltado, Lueger apoiou o projeto de lei de Schönerer para bloquear a imigração judaica em Viena. Mas, diferentemente do de Schönerer, para Kershaw, o antisemitismo de Lueger era mais funcional e pragmático do que ideológico, era mais político e econômico do que doutrinariamente racial.

Em sua avaliação posterior de Lueger, segundo o historiador, Hitler criticou a superficialidade e a artificialidade do antisemitismo sobre o qual seu Partido Social Cristão havia sido construído. Entretanto, o que Hitler tirou de proveito do prefeito vienense foi o comando de Lueger sobre as massas, a moldagem de um movimento para atingir seus objetivos, seu uso da propaganda para influenciar os instintos psicológicos da ampla massa de seus partidários. Segundo Kershaw, foram essas características que perduraram em Hitler.

Com a queda do liberalismo, e para além do nacionalismo e do socialismo cristão, formou-se a terceira nova corrente da política de massas vienense: a social-democracia. Isso também aqui, segundo o biógrafo, deviam deixar impressões duradouras em Hitler. Igualdade de indivíduos e povos, sufrágio universal, direitos laborais e sindicais, separação da igreja e do Estado, e um exército popular eram o que os social-democratas representavam. Para Kershaw, “Não era de admirar que o jovem Hitler, ávido apoiante do pan-germanismo de Schönerer, odiasse os social-democratas com todas as fibras do seu corpo”.<sup>331</sup>

Na concepção de autor, Viena foi como uma escola para Hitler, em que vivenciou várias lições. Tais lições estavam todas no futuro quando Hitler regressou a Viena, no início de 1908. No entanto, a política não estava na sua mente naquela altura, ou nos meses que se seguiram.

Outro tema que embasou a escrita de Ian Kershaw dentro do eixo do contexto político, social, econômico e cultural da Alemanha foi a premissa que a Primeira Guerra Mundial tornou Hitler possível. O autor destacou que era comum presumir que Hitler fosse a consequência lógica de falhas profundas no caráter nacional alemão, o ápice de uma história deformada por uma propensão para o autoritarismo, militarismo e racismo. Com isso, a explicação para Hitler estava localizada em uma sociedade cujo caminho para a modernidade tinha sido peculiar, uma

---

<sup>331</sup> Idem, p. 36.

“nação defeituosa” cujas instituições, estruturas, relações de poder e mentalidades tinham permanecido pré-modernas, em desacordo com a rápida invasão do mundo moderno. Para o autor, “Nunca houve muito a dizer para uma tão grosseira má leitura do passado”.<sup>332</sup>

Kershaw afirmou que esse argumento era demasiado simples para ser convincente, pois era evidente que o desenvolvimento social e económico da Alemanha no final do século XIX era semelhante ao da Grã-Bretanha e da França. Os problemas da Alemanha, de modo geral, eram os de uma sociedade industrial moderna, altamente desenvolvida, culturalmente avançada. Certamente, para ele, apesar da Alemanha ter encontrado tensões ao lidar com as rápidas mudanças económicas e sociais, nada disso era peculiar à Alemanha. No entanto, sinalizou que o quadro constitucional do Reich alemão diferia em aspectos-chave do da Grã-Bretanha e da França, cujas democracias parlamentares de estrutura diversa, mas relativamente flexíveis, ofereciam condições melhores para lidar com as exigências sociais e políticas decorrentes das rápidas mudanças económicas.

Para o autor, a Alemanha nos anos que antecederam 1914-18 era formada por aspectos “normais” do que se pensava em tempos. Nesse sentido, o Segundo Reich não era o Terceiro Reich à espera de acontecer. Ao mesmo tempo, classificou que mesmo as características comuns a grande parte da Europa tinham sido moldadas pela cultura política e o tecido social particular do Estado-nação alemão. Isso faz ser uma distorção ler na história alemã um padrão inevitável de desenvolvimento que culmina em Hitler. Para o autor, seria enganoso sugerir que “Hitler foi um raio de um céu azul claro, que nada no desenvolvimento da Alemanha tinha preparado o terreno para a catástrofe do nazismo; é perigoso presumir que um único indivíduo tinha hipnotizado de tal forma a nação que tinha expulsado o seu progresso”.<sup>333</sup>

O autor passou a pontuar o que fez com que o nazismo fosse possível. O primeiro destaque foi o nacionalismo. Segundo ele, a forma como o nacionalismo se desenvolveu no final do século XIX na Alemanha forneceu o conjunto de ideias que ofereceu o potencial para o apelo nazista do pós-guerra. Um elemento para o carácter do nacionalismo alemão era o sentido difundido, presente já antes da guerra, de unidade incompleta, de divisão e conflito persistente dentro da nação. Nas condições alteradas do pós-guerra, de acordo com Kershaw, Hitler foi capaz de explorar de forma mais significativa a crença de que o pluralismo era antinatural ou pouco saudável em uma sociedade, que era um sinal de fraqueza, e que a divisão interna e a desarmonia podiam ser suprimidas e eliminadas, sendo substituídas pela unidade de uma comunidade nacional.

---

<sup>332</sup> Idem, p. 73.

<sup>333</sup> Idem, p. 75.

De forma retrospectiva, Kershaw trouxe como exemplo para a escrita a observação que o ataque de Otto von Bismarck, então primeiro-ministro do reino da Prússia, à educação, instituições e clero católicos na Alemanha durante a década de 1870 reforçou substancialmente o catolicismo, enquanto os doze anos da Lei Socialista, que impôs proibições a associações, reuniões e publicações socialistas, produziram um Partido Social-Democrata muito acrescido, empenhado em um programa marxista. Na véspera da Primeira Guerra Mundial, após as eleições do Reichstag de 1912, o SPD (Partido Social-Democrata) era o maior partido do Reichstag, provocando alarme e aprofundando de ódio entre as classes alta e média. Nesta altura, o autor destacou que o maior movimento socialista da Europa, cujo programa marxista visava a demolição do estado existente, opôs-se a um nacionalismo altamente agressivo com o objetivo de destruir o socialismo marxista.

Portanto, para Kershaw, o fato de o Estado-nação alemão ter surgido da unificação de vários Estados individuais encorajou o sentimento de nação que tinha ganho definição a partir da cultura e da língua em vez de se emergir das instituições de um Estado unitário pré-existente, como foram os casos da Inglaterra e da França. Em suas palavras,

Isto promoveu uma definição étnica de nação que podia desencadear para formas de racismo, especialmente quando, como era o caso na Alemanha, o nacionalismo se misturava ao imperialismo e era dirigido agressivamente para o exterior, bem como defensivamente para o interior, expressando exigências estridentes por um "lugar ao sol" colonial.<sup>334</sup>

Ainda de acordo com o autor, o nacionalismo precisa dos seus mitos. No caso da Alemanha, um poderoso era o “mito do Reich”. O “mito do Reich” ligava a unidade nacional e o fim da divisão a feitos heroicos e grandeza individual, interpretando a história alemã anterior como o prelúdio para a realização final da unidade nacional.

Kershaw descreveu como as tendências cesaristas eram cada vez mais uma característica do nacionalismo alemão no final do século XIX. Segundo ele, a figura do Kaiser conduzia a Alemanha à grandeza externa e eliminaria divisões internas. Contudo, por exemplo, no caso do Kaiser Wilhelm II, o último Imperador Alemão e Rei da Prússia de 1888 até sua abdicação em 1918 no final da Primeira Guerra Mundial, a distância entre as palavras e os atos era demasiado grande. A desilusão no Kaiser, para Kershaw, tanto ajudou a promover o culto de Otto von Bismarck, um dos estadistas mais importantes da Alemanha do século XIX, como levou a uma oposição nacionalista cada vez mais vociferante, as suas vozes mais radicais exigiam a extensão do poder e grandeza alemã por meio da expansão e conquista de povos inferiores.

---

<sup>334</sup> Idem, p. 76.

A assertividade do nacionalismo alemão na virada do século foi em grande medida construída em decorrência do medo – não apenas o antagonismo em relação aos franceses e a rivalidade crescente com a Grã-Bretanha, mas também a ameaça vista no oriente eslavo, e, internamente, a percepção da ameaça da social-democracia. Nesse sentido, de acordo com o biógrafo, em um clima moldado por um medo irracional de inimigos, dentro e fora, que ameaçavam o futuro da nação, “não é surpreendente que, a par do antimarxismo extremo, as ideologias raciais – não só o antisemitismo, mas também o darwinismo social e a eugenia – ganhem cada vez mais moeda”.<sup>335</sup>

Apesar de não estarem confinada a um país, no contexto alemão, o historiador pontuou que as ideias raciais da direita populista radical, adquiriram um nível de apoio que representava necessariamente uma ameaça substancial para os indivíduos e as minorias, visto que “a supremacia da nação sobre o indivíduo, a ênfase na ordem e na autoridade, a oposição ao internacionalismo e à igualdade, tornaram-se características cada vez mais pronunciadas do sentimento nacional alemão”.<sup>336</sup> Isso gerou o crescimento das exigências de “consciência racial”, e o antagonismo em relação à minoria judaica, que procurava a assimilação.

Enquanto os partidos antisemitas se mostraram demasiado concentrados e estavam em declínio no final da era imperialista, o antisemitismo racial era cada vez mais a base dos partidos, associações, grupos de pressão, sindicatos estudantis e organizações de interesse, e associado ao nacionalismo antimarxista, imperialista, militarista e radical.

O movimento eugenésico, originário da Inglaterra e encontrando seguidores na Escandinávia e na América, na narrativa realizada por Kershaw, ganhou novos níveis de apoio na Alemanha, onde fomentou os receios de degeneração racial resultante de um declínio da taxa de natalidade entre os melhores grupos sociais e de um aumento de “inferiores” dentro da população. Neste contexto que a ideia de esterilizar determinadas categorias de “degenerados” encontrou um apoio crescente nos círculos médicos.

Para Kerhsaw, acima de tudo, a assertividade nacional alemã derivava do sentimento de grandeza alcançado por meio da conquista e baseado na superioridade cultural – o sentimento de que a Alemanha era uma grande potência em expansão, e que precisava e merecia um império.

O autor ainda alegou que a procura de um império colonial e comercial incorporada no slogan da “Weltpolitik” (política global ou política mundial) era pouco diferente das reivindicações dos imperialistas britânicos e franceses. No entanto, como relatado, a partir da

---

<sup>335</sup> Idem, p. 78.

<sup>336</sup> Idem, p. 78.

concepção de “Weltpolitik”, cresceram ideias de expansão territorial na Europa Oriental à custa dos eslavos – ideias expressas por alguns dos mais importantes grupos de pressão nacionalistas e sendo cada vez mais parte integrante da ideologia do Partido Conservador Alemão. Estes grupos de pressão, cruciais para a disseminação de ideias nacionalistas, imperialistas e racistas, ofereceram novas possibilidades de propaganda, agitação e oposição extraparlamentar, o que fez Kersahw concluir que,

Na véspera da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha era certamente um estado com algumas características pouco atraentes – entre elas as do carácter desequilibrado sentado no trono Imperial. Mas nada no seu desenvolvimento predeterminou o caminho para o Terceiro Reich. O que aconteceu sob Hitler não foi pressagiado na Alemanha Imperial. É inimaginável sem a experiência da Primeira Guerra Mundial e sem o que se lhe seguiu.<sup>337</sup>

Para o historiador, sem a experiência da guerra, a humilhação da derrota e o tumulto da revolução, o então “artista fracassado” não teria descoberto o que fazer com a sua vida ao entrar para a política e encontrando o seu ofício como “propagandista e demagogo cervejeiro”. Sem o trauma da guerra, sem a radicalização política da sociedade alemã que este trauma provocou, Hitler não teria público para a sua mensagem raivosa e cheia de ódio. Em suas palavras, “Sem a guerra, um Hitler no lugar do Chanceler que tinha sido ocupado por Bismarck teria sido impensável”.<sup>338</sup>

A reconstrução de Viena, no período que Hitler viveu lá, serviu para Kershaw sugerir que as experiências de Hitler em Viena foram fundamentais para sua formação política, expondo-o ao nacionalismo radical, antisemitismo e à organização política. Ao reconstruir o período pré-guerra, o biógrafo enfatizou que o surgimento do nazismo não foi um evento inevitável na história alemã, mas sim resultado de uma série de circunstâncias históricas, políticas e culturais específicas, incluindo a desilusão com o governo imperial, o medo do socialismo e a busca por uma liderança forte e carismática. Nesse sentido, a Primeira Guerra Mundial criou as condições para a ascensão de Hitler, foi o contexto político, social e ideológico da Alemanha pré-guerra que preparou o terreno para a disseminação do nacionalismo radical e do ódio racial que caracterizaram o regime nazista.

A seguir, vamos nos dedicar o terceiro tema que mais perneou a escrita da biografia *Hubris*: o Partido dos Trabalhadores e o envolvimento inicial de Adolf Hitler.

#### 4.2.3 *O Partido dos Trabalhadores e Adolf Hitler*

---

<sup>337</sup> Idem, p. 80.

<sup>338</sup> Idem, p. 73.

Para tratar do tema do Partido dos Trabalhadores e a participação de Hitler, primeiramente, o autor enfatizou que as ideias de um socialismo “nacional”, ou “alemão”, em contraste com o socialismo internacional do marxismo, não eram novidade na Alemanha em 1919, embora a guerra tivesse dado um forte impulso a tais noções. Kershaw trouxe exemplos para embasar tal afirmação, como o caso do pastor liberal Friedrich Naumann que fundou a “Associação Nacional-Social” nos anos 1890, com o objetivo de integrar os trabalhadores industriais na luta de classes e nos pilares do novo Estado-nação. Ainda segundo ele, tendências semelhantes aconteceram na Áustria, durante a juventude de Hitler. Os conflitos entre trabalhadores checos e alemães na Boémia já tinham conduzido, em 1904, à criação de um Partido dos Trabalhadores Alemão no Trautenau no que ficou conhecido como Sudetenland, combinando nacionalismo *völkisch* e socialismo antimarxista e anticapitalista.

Nos últimos dois anos da guerra, para Kershaw, propiciaram a propagação do antisemitismo e do nacionalismo *völkisch*. O clima de convulsão e desordem política precedido pela derrota deram ainda mais sustento às ideias de nacionalismo extremo. Estas foram representadas de diversas formas por diferentes grupos e movimentos políticos. Foi nessa circunstância que “o nacionalismo *völkisch*, em todos os seus extremos, podia agora misturar-se em forças nacionalistas mais mainstream para oferecer uma rejeição ideológica frontal da democracia e do estado de Weimar”.<sup>339</sup> Kershaw deixou claro que os fundamentos de uma ideologia antidemocrática foram estabelecidos não nas discussões da mesa da cerveja dos “pensadores” e “filósofos” de *völkisch*, mas por escritores, publicistas e intelectuais neoconservadores como, por exemplo, Wilhelm Stapel, Max Hildebert Boehm, Moeller van den Bruck, Othmar Spann, e Edgar Jung.

A humilhante situação imposta à Alemanha pelos aliados vitoriosos refletida no Tratado de Versalhes reforçou a criação de um clima em que tais ideias ganharam público. Portanto, para Kershaw, a contribuição de Hitler foi sua capacidade de captar os sentimentos predominantes de raiva, medo e frustração nas cervejarias de Munique.

As multidões que começaram a afluir em 1919 e 1920 aos discursos de Hitler não eram motivadas por teorias refinadas. Para eles, slogans simples, acender os fogos da raiva, ressentimento e ódio, foram o que funcionou. Mas o que lhes foi oferecido nas cervejarias de Munique foi, no entanto, uma versão vulgarizada de ideias que estavam em circulação muito mais vasta. Hitler reconheceu em *Mein Kampf* que não havia distinção essencial entre as ideias do movimento *völkisch* e as do nacional-socialismo.<sup>340</sup>

---

<sup>339</sup> Idem, p. 136.

<sup>340</sup> Idem, p. 137.

Para o historiador, ele tinha pouco interesse em sistematizar estas ideias. Estas não tinham qualquer interesse para Hitler como abstrações, eram importantes para ele apenas como instrumentos de mobilização.

O Partido dos Trabalhadores Alemão não era o único a propagar tais ideias. Quando Hitler aderiu ao Partido, Kershaw alegou que ele era um dos cerca de setenta e três grupos *völkisch* na Alemanha, a maioria deles fundados desde o fim da guerra. Apenas em Munique existiam pelo menos quinze em 1920. Assim como o Partido Alemão dos Trabalhadores (DAP), a maioria destes eram organizações pequenas e insignificantes. Uma exceção, e, segundo Kershaw, uma importante base para os primeiros seguidores do Partido Nazista, foi a Federação Alemã de Proteção e Desafio Nacionalista (Deutschvölkischer Schutz- und Trutz-Bund), fundada no início de 1919. No espaço de um ano, saiu de 30.000 para 100.000 membros e nos três anos de sua existência passou de mais de 200.000 membros. Muitos dos seus membros, mais tarde, foram para o NSDAP. O fato de a Schutz-und Trutzbund ser uma organização exclusivamente agitadora, não aliada a qualquer partido político, e sem objetivos políticos claros, impediu o seu sucesso. Todavia, de acordo com o biógrafo, a sua rápida expansão era uma indicação do potencial crescente de ideias *völkisch*, assim como a força mobilizadora do antisemitismo, demonstrava a eficácia das ideias que ganharam terreno na última fase da guerra.

Durante a guerra, Kershaw passou a narrar que Munique foi um importante centro de agitação nacionalista antigovernamental pelos Pan-Alemães, que encontraram na editora Julius F. Lehmann, um proeminente membro do Partido da Pátria de Munique, um meio de propaganda. Lehmann era também membro da Sociedade de Thule, um clube *völkisch* de algumas centenas de membros bem-sucedidos, fundado em Munique na virada do ano de 1917-18 para reunir uma variedade de grupos e organizações antisemitas menores. A lista de membros incluía, ao lado de Lehmann o “especialista em economia” Gottfried Feder, o publicista Dietrich Eckart, o jornalista e cofundador do DAP Karl Harrer, e os jovens nacionalistas Hans Frank, Rudolf Heß, e Alfred Rosenberg.<sup>341</sup> Portanto, para Kershaw, os primeiros simpatizantes e figuras de destaque nazista em Munique.

De acordo com o autor, foi com a Sociedade de Thule que surgiu a iniciativa, no final da guerra, de tentar influenciar a classe trabalhadora em Munique. Tal tentativa ficou a cargo de Karl Harrer, um dos membros fundadores do DAP, que entrou em contato com um serralheiro de uma oficina ferroviária, Anton Drexler. Este foi considerado inapto para o serviço militar e encontrou, em 1917, uma expressão dos seus sentimentos nacionalistas e racistas no

---

<sup>341</sup> Idem, p. 138.

Partido da Pátria. Em março de 1918, fundou o “Comité dos Trabalhadores para uma Boa Paz”, em uma tentativa de despertar o entusiasmo pelo esforço de guerra entre a classe trabalhadora de Munique, combinando nacionalismo extremo com um anticapitalismo. Em dezembro, Drexler propôs a criação de um “Partido dos Trabalhadores Alemães”, que seria “livre de judeus (judenrein)”.<sup>342</sup> Com a boa aceitação da ideia, em 5 de janeiro de 1919, numa pequena reunião, indicou o autor, que se formou o Partido dos Trabalhadores Alemão.

Nos estágios iniciais, a participação nas reuniões era escassa, mas o partido iria crescer e eventualmente se tornar o veículo para a ascensão de Hitler ao poder. Nas palavras do autor,

Só no clima mais favorável após o esmagamento da Räterepublik é que o partido infantil pôde realizar as suas primeiras reuniões públicas. A participação foi escassa. Dez membros estiveram presentes a 17 de maio, trinta e oito quando Dietrich Eckart falou em agosto, e quarenta e um em 12 de setembro. Esta foi a ocasião em que Hitler assistiu pela primeira vez.<sup>343</sup>

Kershaw passou a esmiuçar como ocorreu o rompimento com Karl Harrer, mostrando que isso não significava um indicador precoce da luta implacável de Hitler pelo poder ditatorial no movimento. Assim como não era apenas uma questão de se o partido deveria ser um movimento de massas ou um tipo de sociedade fechada de *völkisch* em debate. Como pontuou o autor, algumas organizações de *völkisch* na altura enfrentaram o mesmo problema. Harrer tendia a defender reuniões regulares de um “círculo interno” exclusivo, representado pelo “Círculo dos Trabalhadores”, que ele próprio controlava, ao contrário do “Comité de Trabalho” do partido, onde era simplesmente um membro ordinário. Com tal atitude, segundo Kershaw, Harrer viu-se cada vez mais isolado. Em contrapartida, Drexler e Hitler estavam interessados em levar a mensagem do partido às massas.

Kershaw descreveu que, enquanto Harrer dirigisse o partido por meio do seu controlo do “Círculo dos Trabalhadores”, a questão da estratégia de propaganda não ganhava prosseguimento. Nesse sentido, era necessário reforçar o papel do Comité, o que fez com que Drexler e Hitler fizessem o projeto de regulamento. Este determinou que os membros do Comité e o seu presidente deveriam ser eleitos em uma reunião aberta. De acordo com o biógrafo, os novos regulamentos foram dirigidos contra Harrer. No entanto, também não eram concebidos como um trampolim a caminho do poder supremo de Hitler no partido. Isso porque Hitler não tinha noção do domínio ditatorial do partido na época. Harrer opôs-se à realização da ambiciosa reunião de massas no início de 1920. Em decorrência, optou por se demitir. Para o historiador,

---

<sup>342</sup> Idem, p. 139.

<sup>343</sup> Idem, p. 139.

“a animosidade pessoal também desempenhou um papel. Harrer, notavelmente, pensava pouco em Hitler como orador. Hitler, por sua vez, desprezava Harrer”.<sup>344</sup>

O autor passou a detalhar como foi a primeira reunião do partido idealizada por Drexler e Hitler, ou seja, a primeira reunião pública. Kershaw mencionou que inicialmente estava planejada para ter lugar no Bürgerbräukeller, em janeiro de 1920, mas teve de ser adiada devido a uma proibição geral de reuniões públicas que ocorreu no período. Foi remarcada para o Hofbräuhaus, em 24 de fevereiro. Kershaw concluiu que o receio de que a reunião fosse interrompida por intervenções de opositores políticos, com o objetivo de perturbar a primeira grande reunião de um partido que se autodenomina “partido dos trabalhadores”, foi um grande exagero nesta fase inicial do desenvolvimento do partido, uma vez que as grandes reuniões antisemitas não eram nada de novo em Munique. A seu ver, a verdadeira preocupação de Hitler e Drexler era o público fosse pequeno. Por isso, Drexler reconheceu que nem ele nem Hitler tinham qualquer perfil público, o que o fez abordar Dr. Johannes Dingfelder, um conhecido nos círculos *völkisch* de Munique, para proferir o discurso principal.

Kershaw escreveu que o nome de Hitler não foi mencionado em nenhuma das publicidades que divulgaram a reunião. Assim como não houve pista de que o programa do partido seria proclamado. Segundo ele, os vinte e cinco pontos tinham muito em comum com o programa do DSP. Dentro os pontos, a exigência de “um forte poder central” no Reich, e “a autoridade incondicional” de um “parlamento central”, embora implicasse em um governo autoritário, não dava indicação de que Hitler se considerasse nesta fase como o chefe de um regime personalizado.<sup>345</sup>

Apesar das preocupações sobre a participação, segundo Kershaw, cerca de 2.000 pessoas compareceram, quando Hitler abriu a reunião. Para o autor, discurso de Dingfelder não foi extraordinário nem marcante, apesar de bem recebido e ininterrupto. A aclamação mesmo veio durante a fala de Hitler.

O ambiente animou-se subitamente quando Hitler veio para falar. O seu tom era mais duro, mais agressivo, menos académico, do que o de Dingfelder. A linguagem que ele utilizava era expressiva, direta, grosseira, terrena – que usava e compreendia a maior parte da sua audiência – as suas frases curtas e pontiagudas. Quando ele veio ler o programa, houve muitos aplausos para os pontos individuais.<sup>346</sup>

---

<sup>344</sup> Idem, p. 144.

<sup>345</sup> Idem, p. 145.

<sup>346</sup> Idem.

Houve também interrupções de opositores de esquerda, que já estavam a ficar inquietos. Kershaw descreveu que, ao final do discurso de Hitler, o público eclodiu de novo em alvoroço, na sequência de novos protestos da oposição, com pessoas em pé sobre mesas e cadeiras a gritar umas com as outras. Todavia, a seu ver, quem leu os jornais de Munique nos dias posteriores a reunião teve a impressão de que “um partido novo e dinâmico e de um novo herói político” surgiam.<sup>347</sup> Isso apesar de os jornais dedicarem breves reportagens sobre o discurso de Dingfelder e prestaram quase nenhuma atenção a Hitler.

Mesmo com o impacto inicial modesto, na concepção de Kershaw, era evidente que as reuniões de Hitler significavam mudanças no cenário político. Kershaw reforçou que as grandes reuniões do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), como o movimento passou a chamar depois, foram algo diferente. Como mencionado pelo autor, Hitler queria o seu partido fosse notado, e rapidamente conseguiu isso. Hitler aprendeu com a “organização das reuniões pela esquerda, como eram orquestradas, o valor da intimidação dos opositores, técnicas de perturbação, e como lidar com os distúrbios. As reuniões do NSDAP visavam atrair a confrontação, e como resultado, fazer com que o partido fosse notado”.<sup>348</sup>

Esse preparo por parte de Hitler teve como resultado reuniões lotadas muito antes do início, e o número de adversários presentes garantiu que a atmosfera fosse potencialmente explosiva. Para Kershaw, só Hitler poderia trazer as multidões para o NSDAP. A maneira egocêntrica de Hitler poderia ser desinteressante, mas diante de um público cervejeiro, o estilo dele era eletrizante. Tanto que, como destacado pelo autor, no relato de Hans Frank, jovem, idealista, fervorosamente antimarxista, nacionalista e o ex-governador geral da Polónia, os oradores eram geralmente decepcionantes, tinham pouco a oferecer. Já Hitler incendiou-o. Para Frank, naquele momento, Hitler era o grandioso orador popular sem precedentes, incomparável.

Kershaw compreendeu que, qualquer que seja o *pathos* dos comentários Frank, “eles testemunham a capacidade intuitiva de Hitler, distinguindo-o de outros oradores que transmitem uma mensagem semelhante, de falar na língua dos seus ouvintes, e de os agitar através da paixão e – por estranho que nos pareça agora – da aparente sinceridade do seu idealismo”.<sup>349</sup>

O autor esmiuçou os dados referentes as aparições de Hitler. As suas primeiras aparições nas grandes reuniões foram apenas um prelúdio do crescente sucesso de Hitler e da sua crescente reputação como o orador principal do partido. Até meados de 1921, falou

---

<sup>347</sup> Idem, p. 146.

<sup>348</sup> Idem, p. 147.

<sup>349</sup> Idem, p. 148.

principalmente em Munique. Além disso, realizou dez discursos fora da cidade em 1920. Foi em grande parte devido ao perfil público de Hitler que o número de membros do partido aumentou acentuadamente de 190 em janeiro de 1920 para 2.000 no final do ano e 3.300 em agosto de 1921, o que o tornou rapidamente indispensável ao movimento.

Foram os discursos de Hitler que, afirmou Kershaw, o colocaram no mapa político em Munique. No entanto, ele ainda era um gosto local. Por mais que a sua figura chamassem atenção, o seu partido era insignificante em comparação, por exemplo, aos partidos socialistas e católicos estabelecidos. O historiador, apesar de não ver Hitler apenas como o instrumento dos poderosos interesses instalados “nos bastidores”, acreditava que, sem os apoiantes influentes e as “ligações” que proporcionaram seus talentos como mafioso, ele não o teria ido muito longe.<sup>350</sup>

Em 1921, para o público de Munique, de acordo com Kershaw, Hitler e o NSDAP eram uma coisa só. Hitler era a voz do partido, a sua figura representativa, a sua personificação. Havia inúmeros pedidos, incluído o de Drexler, para nomeá-lo presidente do partido, mas Hitler recusou todos, pois não queria a presidência. Para Hitler, a presidência do partido significava responsabilidade organizacional. Tal como mencionado por Kershaw, “ele tinha - isto deveria permanecer durante a ascensão ao poder, e quando chefiou o estado alemão – nem aptidão nem capacidade para questões organizacionais”.<sup>351</sup> Na concepção de Hitler, enfatizado pelo biógrafo, ele era bom na propaganda, na mobilização das massas, e o que ele queria e poderia fazer.

A propaganda, para Hitler, era a mais alta forma de atividade política. Essa ideia, conforme afirmado pelo autor, foi aprendida inicialmente com os social-democratas, bem como com os antissemitas da Schutz-und Trutzbund e, provavelmente, Gustave Le Bom, por meio da psicologia de multidões. Mas, acima de tudo, “aprendeu com a sua própria experiência do poder da palavra falada, dado o clima político certo, a atmosfera de crise certa, e um público pronto a confiar na fé política mais do que em argumentos fundamentados”.<sup>352</sup> De acordo com os relatos de Hitler, a propaganda foi a chave para a nacionalização das massas, sem a qual não poderia haver salvação nacional.

O partido estava passando por problemas financeiros. Foi na missão para angariar fundos que Hitler e Dietrich Eckart (membro-chave do início do Partido Nazista e um dos participantes do *Putsch* da Cervejaria de 1923) foram para Berlin em junho de 1921, na busca

---

<sup>350</sup> Idem, p. 153.

<sup>351</sup> Idem, p. 156.

<sup>352</sup> Idem.

de apoio para o jornal quase falido *Völkischer Beobachter*, que, segundo Kershaw, surgiu a crise que culminou com a tomada da liderança do partido por Hitler.

Tal fundo foi moldado por movimentos para fundir o NSDAP com o DSP. Mesmo com algumas diferenças, os dois partidos *völkisch* tinham diversas características em comum. Numa reunião em Zeitz, na Turíngia, no final de março, Kershaw narrou que Drexler chegou a concordar com tentativa de fusão e uma mudança da sede do partido para Berlim. Já Hitler respondeu com fúria às concessões de Drexler, ameaçou demitir-se do partido, e conseguiu reverter o acordo alcançado em Zeitz. Em outra reunião em Munique, em meados de abril, com Hitler em fúria, as negociações com o DSP entraram em colapso. O DSP tinha certeza de que Hitler era o único responsável pelo obstrucionismo do NSDAP em relação à fusão. Kershaw destacou que, para Hitler, as semelhanças no programa eram irrelevantes. Para o autor, a verdadeira oposição à fusão era susceptível ameaça a sua supremacia no pequeno, mas bem alinhado, NSDAP. O medo de perder sua supremacia era “provavelmente mais um indicador para o pessoal de Hitler, bem como para a sua insegurança política”.<sup>353</sup>

Um fator importante para a crise iminente no partido foi que, embora tenha conseguido evitar a fusão, Hitler, segundo Kershaw, enfrentou uma oposição significativa dentro de seu próprio movimento, vinda daqueles que não estavam convencidos de suas estratégias. Como expresso pelo autor não era uma simples divergência, a seu ver; “havia diferenças genuínas sobre a estratégia política. Quatro ou cinco membros da comissão estavam céticos quanto à abordagem de Hitler, e favoreciam métodos mais tradicionais de *völkisch*”.<sup>354</sup> Os fatores pessoais desempenharam um papel importante, já que Hitler sabia que ele era a única estrela que o partido tinha, e não se mostrou reticente em explorar o poder que isso lhe dava. Todavia, com a crise de julho demonstrou, houve quem no comité do partido se ressentisse da sua posição especial e da forma como ele usava isto para vetar todas as sugestões sobre o futuro do partido que não obtiveram a sua aprovação.

Apesar dessas ações, Kershaw corroborou que elas não faziam parte de um esquema pre-concebido para assumir a liderança do partido. Como ele já havia observado, Hitler se recusou meses antes a oferta de se tornar presidente do partido.

Em vez de uma estratégia calculada e racional para assegurar a sua posição, a sua resposta foi altamente emocional, semelhante à prima-donna. Mas por detrás da confusão, traiu sinais de incerteza, hesitação, e incoerência. A hipersensibilidade à crítica pessoal, a incapacidade de se envolver em argumentos racionais e, em vez disso, o recurso rápido a explosões extraordinárias de temperamento

---

<sup>353</sup> Idem, p. 161.

<sup>354</sup> Idem, p.161.

descontrolado, a sua aversão extrema a qualquer ancoragem institucional: estas características de uma personalidade desequilibrada manifestaram-se repetidamente até o fim dos seus dias.<sup>355</sup>

Portanto, naquele momento, segundo a narrativa, as ações indicaram que, ao invés de querer assumir a liderança do partido, ele reagia em grande parte a acontecimentos fora do seu próprio controlo.

Mesmo com a fusão com o DSP sendo dissipada momentaneamente, uma ameaça, para Hitler, surgiu enquanto ele estava fora em Berlim. Kershaw narrou que Dr. Otto Dickel, que tinha fundado outra organização *völkisch*, a Deutsche Werkgemeinschaft, tinha ganhado proeminência na cena *völkisch* com o seu livro *Die Auferstehung des Abendlandes* (*A ressurreição do mundo ocidental*). Algumas das ideias da Dickel, dentre elas construir uma comunidade sem classes através da renovação nacional e combater o “domínio judeu” apresentavam semelhanças com as do NSDAP e do DSP. Kershaw definiu Dickel como tendo uma convicção de um missionário e como um orador público dinâmico e popular. Após o aparecimento do seu livro, foi convidado para falar em uma reunião em Munique, na ausência de Hitler, e provou ser um grande sucesso perante um público acostumado com Hitler. A liderança do NSDAP ficou encantada por encontrar nele um segundo “orador popular e excelente”.

Além disso, como prosseguiu a narrativa de Kershaw, as suas birras de Hitler não convenceram seus colegas a desistirem das negociações. Eles ficaram desconsertados com o seu comportamento e impressionados positivamente com Dickel. Entre eles, foi aceito que o programa do partido precisava de ser alterado, e que Hitler “não estava à altura de o fazer”, e concordaram em levar de volta as propostas de Dickel a Munique e colocá-las em discussão no comité do partido.

Com isso, ressaltou o autor, Hitler demitiu-se do partido com raiva e repugnância em 2 de julho. Em uma carta, justificou a sua demissão com o argumento de que os representantes em Augsburg tinham violado os estatutos do partido e agiram contra a vontade dos membros ao entregarem o movimento a Dickel, cujas ideias eram incompatíveis com as do NSDAP. As birras e a demissão eram ações que faziam parte do caráter de Hitler. Como citado pelo autor,

A histriônica da prima donna fazia parte da composição de Hitler – e continuaria a fazer parte dela. Seria sempre o mesmo: ele só conhecia argumentos de tudo ou nada; não havia nada no meio, nenhuma possibilidade de chegar a um compromisso. Sempre a partir de uma posição maximalista, sem outra saída, ele iria para a falência. E, se não conseguisse chegar a um acordo, lançaria um ataque de temperamento e ameaçaria desistir. No poder, nos próximos anos, por vezes

---

<sup>355</sup> Idem, p. 162.

orquestraria deliberadamente uma explosão de fúria como táctica de intimidação. Mas geralmente as suas birras eram um sinal de frustração, mesmo desespero, e não de força.<sup>356</sup>

O biógrafo voltou a afirmar que a demissão não foi uma manobra planejada para usar a sua posição como estrela do partido para chantagear a comissão a submissão. Foi uma expressão de fúria e frustração por não ter conseguido a sua própria idealização.

Kershaw indicou que a perda do seu único artista estrela (Hitler) foi um golpe fatal para o NSDAP – o partido sabia disso. Tanto que Dietrich Eckart foi convidado a intervir, e em 13 de julho Drexler procurou as condições sob as quais Hitler concordaria em voltar para o movimento. As principais exigências de Hitler, que foram aceitas por uma reunião extraordinária de membros, eram o posto de presidente com poder ditatorial; a sede do partido a ser fixada em Munique; o programa do partido ser inviolável; e o fim de todas as tentativas de fusão. Como era possível de observar, todas as exigências se centravam em assegurar a posição de Hitler no partido. Hitler voltou ao partido, como membro nº3680, em 26 de julho. Mas isso, para Kershaw, não significava que os conflitos estavam resolvidos.

Enquanto Hitler e Drexler demonstraram a sua unidade numa reunião de membros a 26 de julho, segundo o biógrafo, os opositores da liderança de Hitler tiveram o seu capanga Hermann Esser expulso do partido e prepararam cartazes denunciando e atacando Hitler ser o agente de forças sinistras que pretendia prejudicar o partido. Todavia, Hitler, que tinha mostrado ser insubstituível como orador na reunião no Circus Krone em 20 de julho, estava agora no lugar do condutor. Tanto que houve apenas um voto contra a aceitação dos novos poderes ditatoriais sobre o partido concedidos a Hitler. A sua presidência foi unanimemente aceita.

Kershaw afirmou que a reforma dos estatutos foi o primeiro passo para transformar o NSDAP em um “partido do Führer”. As mudanças aconteceram por meio da reação de Hitler a acontecimentos que estavam a ficar fora do seu controlo. O ataque subsequente de Rudolf Heß, membro do partido, aos adversários de Hitler no Völkischer Beobachter continha as primeiras sementes da posterior heroização de Hitler, mas também revelou a base inicial.

O destaque dando ao Partido dos Trabalhadores e a participação inicial de Hitler, em muito, foi derivado do descontentamento de Ian Kershaw com a explicação que o Nacional-socialismo não era mais do que Hitlerismo. A seu ver, Hitler foi indispensável à ascensão e ao exercício do poder do Nacional-Socialismo, no entanto o fenômeno em si existia antes de tomarem conhecimento da existência de Hitler, e teria continuado a existir se ele tivesse

---

<sup>356</sup> Idem, p. 163.

permanecido um "zé-ninguém de Viena".<sup>357</sup> Grande parte do conjunto de ideias que compôs a ideologia nazista encontrava-se em diferentes formas e intensidades antes da Primeira Guerra Mundial, e, posteriormente, nos programas e manifestos de partidos fascistas de muitos países europeus. Por essa razão, o autor dedicou uma parte significativa de sua obra para explorar o partido nazista e o envolvimento inicial de Hitler nele, destacando a complexidade e a profundidade do movimento que culminou no Nacional-Socialismo.

No próximo tópico, assumimos como tarefa investigar os atores e obras que possibilitaram Kershaw desenvolver a construção da imagem de Hitler em *Hubris*.

#### *4.3 Materiais de construção da operação historiográfica*

Kershaw teve acesso, contato e/ou tomou conhecimento das diversas imagens já existentes sobre Hitler e o regime nazista, e teve nelas um suporte para construir a sua imagem de Hitler. Isso não implica necessariamente que o Hitler em sua obra tenha sido influenciado por essas outras representações feitas por diversos autores. No entanto, o historiador britânico citou e fez referência a centenas de nomes em sua obra. Com a intenção de reconhecer quem foi mais citado, quem foi a referência que Kershaw utilizou para falar de Hitler entre o período de 1889 a 1936, mapeamos cada capítulo, fazendo um levantamento quantitativo de autores e obras, para, assim, criar uma base de dados na qual trabalhar, e a partir dela compreender uma parte dos elementos narrativos utilizados por Ian Kershaw na sua tarefa de narrar a vida de Adolf Hitler.

Ao longo de treze capítulos e 918 páginas, identifiquei 1379 autores e obras apenas no volume um da biografia de Ian Kershaw sobre Adolf Hitler. Alguns autores e suas respectivas obras foram citados apenas uma vez, como o político e escritor austríaco Franz Jetzinger, autor de *Hitlers Jugend*, mencionado no Capítulo 1; o historiador alemão Wolfgang J. Mommsen, autor de *Die deutsche Revolution 1918-1920*, citado no Capítulo 4; e o cientista social William Brustein, autor de *The Logic of Evil: The Social Origins of the Nazi Party 1925-1933*, referenciado em um capítulo.

Outros autores tiveram uma presença mais abrangente na biografia escrita por Kershaw. Por exemplo, o historiador Werner Waser e sua obra *Adolf Hitler: Legende, Mythos, Wirklichkeit* foram mencionados 27 vezes em três capítulos; o jornalista Heinz Höhne foi citado

---

<sup>357</sup> Idem, p. 135.

32 vezes em apenas um capítulo; e o próprio biografado, Adolf Hitler, e sua obra *Mein Kampf* foram referenciados exatas 154 vezes ao longo de cinco capítulos.

O detalhado mapeamento por capítulos nos permitiu realizar uma análise mais abrangente dos autores e obras presentes na escrita de Ian Kershaw, tanto por meio de suas referências no corpo do texto quanto em notas. Para condensar essas informações, elaboramos uma tabela com o *ranking* dos dez autores mais citados, juntamente com suas respectivas obras.

Tabela 2 – Material de construção

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Referências</b>	<b>Capítulos</b>	<b>%</b>
Joseph Goebbels	<i>Die Tagebuecher von Joseph Goebbels</i>	164	10	14,80
Adolf Hitler	<i>Mein Kampf</i>	154	5	14,03
Ernst Deuerlein	<i>Der Aufstieg der NSDAP in Augenzeugenberichten</i>	130	7	11,84
Max Domarus	<i>Hitler. Reden und Proklamationen 1932-1945</i>	105	5	9,56
Anton Joachimsthaler	<i>Korrektur einer Bibliographie. Adolf Hitler, 1908-1920</i>	102	3	9,29
August Kubizek	<i>Adolf Hitler. Mein Jugendfreund</i>	100	3	9,11
Bradley F. Smith	<i>Adolf Hitler: his family, childhood and Youth</i>	97	4	8,83
Brigitte Hamann	<i>Hitlers Wien. Lehrjahre eines Diktators</i>	90	2	8,20
Albrecht Tyrell	<i>Vom 'Trommler' ZMtn 'Führer'</i>	82	5	7,47
Eberhard Jackel and Axel Kuhn	<i>Hitler. Sdmliche Aufzeichnungen 1905- 1924</i>	74	3	6,74

Fonte: Elaborada pela autora.

Com a transformação dos dados em um quadro geral das obras e autores mais mencionados na biografia *Hubris* (1889-1936), observamos que, dos 10 autores mais citados, 8 são historiadores. O próprio biografado, líder do Terceiro Reich, e seu ministro da propaganda completam a lista. Ao terem quase a mesma quantidade de menções, Hitler e Goebbels somam exatamente 318 referências na obra, ou seja, aproximadamente 30% de total. Ademais, dos 14 capítulos que compõem a biografia, Goebbels foi abordado em 10 deles. Assim, podemos afirmar que uma parte substancial da imagem de Hitler, conforme construído por Ian Kershaw, foi derivada das obras desses dois autores.

A partir desse ponto, vamos nos concentrar em compreender as imagens construídas por meio das obras *Die Tagebücher von Joseph Goebbels* e *Mein Kampf*, e como elas foram absorvidas por Ian Kershaw em sua narrativa. Portanto, qual foi o impacto das obras de Hitler e Goebbels na narrativa proposta por Kershaw?

#### 4.3.1 *Die Tagebücher von Joseph Goebbels*

Paul Joseph Goebbels nasceu em outubro de 1897 perto da cidade de Düsseldorf, no oeste da Alemanha. Por conta de uma deformidade congênita em seu pé direito, ele não pôde se alistar no exército e participar da Primeira Guerra Mundial. Como era ótimo aluno, foi para a universidade, onde estudou até se tornar doutor em filosofia alemã. Passou a escrever textos próprios e chegou até a escrever um livro, mas nenhuma editora da época aceitou seus manuscritos por considerá-los “radicais demais”. O jovem, então, resolveu publicar os textos de forma independente.<sup>358</sup>

O historiador Richard J. Evans argumentou que, entre 1919 e 1920, Goebbels passou um período na cidade de Munique, reduto da extrema-direita alemã e, provavelmente, lá ele foi influenciado pela atmosfera da cidade. Na década de 1920, Goebbels acabou identificando-se com um partido em ascensão: o Partido Nazista.<sup>359</sup>

Entrou para o Partido Nacional-Socialista em 1924. Em virtude do contato com Hitler, Goebbels assumiu funções importantes. Ainda em 1926, ele foi nomeado para comandar o Partido Nazista em Berlim. Escritor e dramaturgo frustrado, ele fundou, em 1927, o jornal *O Ataque*, periódico semanal de tom agressivo e antissemítico. Em 1928, foi eleito deputado, assumindo um posto no Parlamento alemão, o Reichstag. Por sua inteligência, habilidade comunicativa e lealdade ao nazismo, Goebbels ascendeu rápido no Partido e logo se tornou um dos homens de confiança de Hitler. Em pouco tempo ele conseguiu um cargo importante quando Hitler se tornou chanceler, em 1933: Goebbels foi nomeado ministro da Propaganda.<sup>360</sup>

O nome Goebbels entrou para a história por seu trabalho como ministro da Propaganda na Alemanha nazista. Aliado mais próximo de Adolf Hitler, ele foi responsável pela criação da

---

<sup>358</sup> VIGGIANO, Giuliana. Quem foi Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista de Adolf Hitler. **Galileu**. 17 de maio de 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/01/quem-foi-joseph-goebbels-ministro-da-propaganda-nazista-de-adolf-hitler.html>>. Acesso em: 20 maio 2024.

<sup>359</sup> EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta, 2016, p. 263.

<sup>360</sup> FILHO, William Helal. Genocida e destruidor de livros: Quem foi Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista de Hitler?. **O Globo**, 17 jan. 2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/quem-foi-joseph-goebbels-ministro-da-propaganda-nazista-de-hitler.html>>. Acesso em: 17 maio 2024.

imagem do *Führer* (“líder” ou “condutor”) e pela divulgação das ideias que formavam o universo nazista. Encarregado de produzir filmes, livros, cartazes e outras peças de propaganda, Goebbels era um nacionalista e um antissemítico fanático. Sua influência na propaganda nazista foi enorme e suas técnicas são estudadas até hoje como exemplos de propaganda política eficaz, embora moralmente repugnantes.<sup>361</sup>

Goebbels elevou a figura de Hitler a uma posição de grande estima e criou uma imagem para Hitler de novo salvador da Alemanha, o “novo Bismarck” (primeiro-ministro prussiano que conduziu o processo de unificação alemã e inaugurou um império em 1871). Por meio de Goebbels, a saudação *Heil Hitler* (Salve Hitler) popularizou-se na Alemanha Nazista. A sua ação sistemática de manipular a opinião popular manifestava a ideia de que a repetição de uma mentira, por muitas vezes, transformava-a em uma verdade.

Atuou como um dos principais colaboradores do extermínio do povo judeu, divulgando o que entendia como justificativas para o genocídio. O antisemitismo foi parte das ferramentas ideológicas de Goebbels para angariar apoiadores ao nazismo.<sup>362</sup> Nesse sentido, Goebbels teve um papel crucial no desenvolvimento das ações antisemitas na Alemanha, como a Noite dos Cristais, o pogrom contra os judeus realizado em toda a Alemanha em novembro de 1938. Esse ataque deu início ao aprisionamento dos judeus em campos de concentração. Goebbels também foi um dos apoiadores da “Noite das Facas Longas”, expurgo realizado em 1934, que assassinou diversos opositores de Hitler, dentro e fora do Partido Nazista.

Quando o regime estava quase derrotado por completo e os aliados estavam prestes a invadir a Alemanha, Hitler se escondeu em seu *bunker* na capital do país, deixando ordens explícitas a Goebbels: ele deveria assumir o poder. Contudo, a vida sem Hitler perdera sentido para o então Ministro da propaganda. Em 30 de abril de 1945, um dia após o suicídio do ditador alemão, o ministro se tornou o chanceler do país. No dia seguinte, ele e a esposa, Magda, deram veneno para seus seis filhos e depois cometeram suicídio – no mesmo *bunker* em que o ex-chefe morrera.<sup>363</sup> Assim, chegou ao fim a trajetória de Goebbels, marcada pela devoção a Hitler e pelo papel crucial na disseminação da ideologia nazista.

Como dito mais acima, Goebbels, antes mesmo de entrar para o partido nazista, tinha como hábito escrever. Essa prática proporcionou o surgimento de uma das fontes mais importantes de informações sobre a tomada de decisões no topo do Terceiro Reich: *O diário de*

---

<sup>361</sup> ANTÓN, Jacinto. Goebbels, propagandista superestimado. *El País*. 17 jan. 2020. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2012/06/16/cultura/1339866035\\_965881.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2012/06/16/cultura/1339866035_965881.html)>. Acesso em: 15 maio 2024.

<sup>362</sup> LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels:** uma biografia. São Paulo: Objetiva, 2014, p. 560.

<sup>363</sup> EVANS, Richard. **O Terceiro Reich em Guerra.** São Paulo: Planeta, 2016, p. 833.

*Goebbels*. Uma vez que as anotações do diário, que não se destinavam à publicação e pretendiam apenas ser uma coleção de material para elaborações posteriores, não apenas refletiam “o mundo delirante de Joseph Goebbels, mas também fornecem um vislumbre do círculo interno do poder, estando entre as fontes mais importantes da história e pré-história do Terceiro Reich”.<sup>364</sup>

Nos seus diários, Joseph Goebbels refletiu sobre como a escrita não é apenas uma fonte de prazer, mas uma necessidade, um tormento interno. Ele comparou a escrita com a busca de paz que sentia na infância ao se confessar religiosamente. Segundo Ralf Georg Reuth, editor dos volumes dos diários de Joseph Goebbels,

Nos sábados, sentia-se sobrecarregado pela semana e buscava alívio na igreja, refletindo sobre suas experiências e confessando sinceramente ao padre. Atualmente, ao escrever, Goebbels experimenta uma sensação similar, como se estivesse se confessando, desejando externar os sentimentos mais profundos de sua alma.<sup>365</sup>

Goebbels começou a escrever seu diário no outono de 1923. Em julho de 1924, nas chamadas folhas de memória, em estilo telegrama, Goebbels registrou suas origens, infância, anos de escola e estudo, mas também o torturante período de desemprego após receber seu doutorado no outono de 1921, que terminou com emprego no início de 1923. Essas notas, nas quais ele também falou sobre seu caso amoroso, primeiro com a estudante de Recklinghausen Anka Stalherm e depois com Else Janke, serviram como uma introdução aos diários que ele manteve ao longo de toda a sua vida. Joseph Goebbels escreveu a última anotação na tarde de maio de 1945, poucas horas de sua morte.

Os diários de Joseph Goebbels começaram em formato DIN A4, 297 x 210 milímetros, sendo que o primeiro se estendeu até junho de 1924 e o segundo até junho de 1925. O “diário de Elberfeld” cobre o período de agosto de 1925 a outubro de 1926. Posteriormente, Goebbels continuou a manter diários que abrangiam períodos de pouco mais de um ano cada até 1928. A partir de 1932, com melhorias em sua vida, Goebbels começou a escrever diários adicionais, incluindo um de férias e viagens iniciado em maio de 1932, além de outros específicos, como o diário de Schwanenwerder em 1935. No entanto, essa distinção tornou-se confusa, e por volta de 1935, o diário de férias e viagens acabou sendo fundido com o diário regular.<sup>366</sup>

---

<sup>364</sup>GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1924-1929.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992, p. 1.

<sup>365</sup> Idem, p.3.

<sup>366</sup> Idem, p. 5.

A partir de 1937, a frequência das anotações de Goebbels aumentou, especialmente com o desdobramento da guerra. A partir do verão de 1941, os registros diários começaram a incluir relatórios militares, seguidos por suas próprias entradas, que eram ditadas antes das conferências ministeriais. Essas anotações eram transcritas usando uma máquina de escrever. No final de 1944 e início de 1945, existiam três versões dos diários: 22 cadernos manuscritos guardados no Reichsbank, o banco central do Império Alemão, e duas cópias datilografadas, mantidas em pastas separadas no ministério.<sup>367</sup>

Após sua morte, os diários de Goebbels quase se perderam várias vezes. Eles foram confiscados pelos russos, perdidos e redescobertos por acaso por um funcionário, e depois desapareceram novamente. Em um momento, estavam prestes a ser transformados em papel picado quando um antigo auxiliar encontrou as milhares de páginas datilografadas em uma carroça a caminho da destruição. Os diários foram então recolhidos aos arquivos do exército norte-americano e, após inúmeros testes, tiveram sua autenticidade comprovada.<sup>368</sup>

A saga para a publicação dos diários de Joseph Goebbels, desde a descoberta inicial após a Segunda Guerra Mundial até as subsequentes negociações e disputas legais, evidencia a importância histórica dessa documentação. A descoberta fragmentada dos diários em diferentes momentos e locais ilustra a dispersão do legado de Goebbels e a complexa tarefa de reunir e preservar esses documentos. Além disso, as controvérsias sobre os direitos autorais e as disputas entre editoras, arquivos e indivíduos interessados destacam os desafios envolvidos na publicação desses registros históricos. Mesmo com a autenticidade provada, houve certo receio em publicá-los, mesmo sabendo da curiosidade de pesquisadores e leigos sobre o assunto.<sup>369</sup>

Os diários de Joseph Goebbels foram publicados por diversos editores ao longo do tempo, com uma das versões mais conhecidas sendo a edição organizada pelo historiador alemão Elke Fröhlich. Esta edição, que abrange os diários completos de Goebbels, foi publicada entre 1993 e 1996 pelo *Institut für Zeitgeschichte* (Instituto de História Contemporânea) em Munique. Além disso, partes dos diários foram traduzidas e publicadas em inglês, como a edição editada por Louis P. Lochner, intitulada *The Goebbels Diaries: 1942-1943*.

Goebbels anotou detalhadamente seus trabalhos no diário. Foram centenas de páginas mostrando o funcionamento da máquina de destruição alemã, “mostrando uma frieza e um cálculo espantoso quando se tem em mente a finalidade de tamanha organização”.<sup>370</sup> Há relatos

---

<sup>367</sup> Idem, p. 6.

<sup>368</sup> MARTINO, Luís Moura Sá. A sedução do mal. **Páginas Abertas**, n. 29, 2017, p. 38-39.

<sup>369</sup> Idem, p. 39.

<sup>370</sup> Idem.

sobre a situação política, sobre reuniões com o *Führer* e sobre suas tarefas cotidianas na condução da capital e dos meios de comunicação da Alemanha. Portanto, as notas de Goebbels fornecem informações sobre a propagandista nazista, mas também sobre o nacional-socialismo no noroeste da Alemanha, a ascensão do NSDAP em Berlim, desde as batalhas de salão do final da década de 1920 até as marchas em massa, grandes comícios do início da década de 1930, e descrevem as lutas pelo poder no partido e de Hitler.

Kershaw, em *Hubris* (1889-1936), utilizou como fontes três volumes dos diários de Goebbels: o Volume 1, que abrangeu os anos de 1923 a 1929; o Volume 2, que cobriu o período de 1930 a 1934; e o Volume 3, que englobou os anos de 1935 a 1939.<sup>371</sup> Como mencionado anteriormente, a obra do ministro da propaganda foi citada em 9 dos 13 capítulos da biografia. No capítulo 1 (*Fantasy and failure*), há 4 referências; no capítulo 2 (*Drop-out*), apenas 1; no capítulo 3 (*Elation and embitterment*), também apenas 1; no capítulo 8 (*Mastery over the movement*), 30 referências; no capítulo 9 (*Breakthrough*), 75 referências; no capítulo 10 (*Levered into power*), 54 referências; no capítulo 11 (*The making of the dictator*), 17 referências; no Capítulo 12 (*Securing total power*), 2 referências; e, finalmente, no capítulo 13 (*Working Towards the Führer*), 33 referências. Assim, podemos observar que há uma concentração significativa de referências ao autor e sua obra nos capítulos 8, 9, 10 e 13.

A partir deste ponto, analisaremos como, quando e por que Ian Kershaw utilizou a obra de Joseph Goebbels como uma das principais fontes para sua escrita.

A primeira referência aos diários de Goebbels na biografia surgiu como uma citação datada de 15 de novembro de 1936, na qual ele descreveu o pai de Hitler como um “fanático”. O tema central da escrita do biógrafo neste momento era descrever a infância de Hitler, especificamente a relação superprotetora de sua mãe com ele e a relação conturbada com seu pai. No diário 3, neste dia, o ministro da propaganda relatou como foi o seu dia de trabalho, fez uma pequena discussão sobre a unificação e fortalecimento do poder alemão sob a liderança do *Führer*, destacando a importância da unidade histórica, a continuidade do rearmamento, a preparação para um confronto iminente com o bolchevismo, e a necessidade de apoio incondicional da igreja e do exército. Além disso, Goebbels fez reflexões sobre propaganda, liderança, e críticas internas entre os membros do regime. A parte mencionada por Kershaw em que ele falou sobre o pai de Hitler referiu-se a uma ideia de propaganda para a Áustria, na qual

---

<sup>371</sup> Usaremos a versão em língua original com tradução minha e revisão da historiadora Bruna Baliza Doimo e o Dr. Luis Edmundo de Souza Moares.

seriam usadas “lembranças comoventes de sua juventude. Do seu pai fanático” como guia.<sup>372</sup>  
(Grifo meu)

No capítulo 1, houve mais 3 referências a Goebbels, em todas. A estratégia de Kershaw foi de trazer as memórias de Hitler sobre sua infância e juventude, isto é, como ele, por meio dos relatos do ministro da propaganda, compreendia aquele período da sua vida. Foi o caso de quando o autor analisou a mudança de escola em 1904, devido ao seu mau desempenho como aluno. Na narrativa da biografia, em 1902-3, ano em que o seu pai faleceu, o relatório escolar de Adolf registou um fracasso em matemática e teve de passar um exame antes de ser autorizado a entrar numa classe superior. A sua candidatura foi registada como “variável”, e assim permaneceu em 1903-4, quando foi registrado como “insatisfatório” em francês. Com os fracassos escolares, Adolf foi levado para a escola Realschule em Steyr. Segundo Kershaw, anos mais tarde, ele recordou “como estava doente de coração ao ser mandado para a escola, e como detestava Steyr até esse mesmo dia”.<sup>373</sup>

O desempenho de Adolf na *Steyr* não mostrou melhora. No seu relatório escolar do primeiro semestre de 1904-5, ganhou boas notas em educação física e desenho. No entanto, a sua “conduta moral” foi satisfatória, a sua diligência “variável”, e recebeu resultados mediano em instrução religiosa, geografia e história, que “mais tarde afirmou ter sido as suas melhores disciplinas”.<sup>374</sup>

Para descrever esse período de mudança escolar, o historiador utilizou a entrada do diário de Goebbels de 3 de junho de 1938 como base. Nesse trecho, foram descritas as atividades, pensamentos e interações de Hitler, com destaque para sua insistência na construção de um grande estúdio em Munique, suas memórias pessoais, sua postura contra a República Tcheca, e a preparação militar e propagandística. O trecho também abordou questões internas do regime, como a defesa de funcionários, conflitos de interesses e a situação pessoal de alguns membros próximos ao líder. A conexão específica com os escritos de Kershaw surgiu quando Goebbels relatou Hitler falando sobre sua infância e seu primeiro amor em Linz. Assim como,

[...] ele sentiu saudades e tristeza quando sua mãe o mandou para Steyr. E quase ficou doente. Este é o nosso líder enquanto ele vive e respira. E como ele ainda odeia Steyr como cidade hoje. Como ele se despediu de casa aos 17 anos e nunca

---

<sup>372</sup>GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1935-1939.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 3, Serie Piper, 1992, p. 1008, grifo meu.

<sup>373</sup> KERSHAW, 1999, p. 19.

<sup>374</sup> Idem.

mais deixou ninguém ter notícias dele até 1922. Ele viveu a guerra sozinho, sem parentes ou amigos. Foi assim[!].<sup>375</sup>

No trecho de Goebbels, podemos perceber o sentimento negativo que Hitler nutria por Steyr, conforme descrito por Kershaw. No entanto, não há menção de que Hitler tenha afirmado que instrução religiosa, geografia e história eram suas melhores disciplinas.

No capítulo 2, há apenas uma referência a Joseph Goebbels, datada de 21 de janeiro de 1943, que menciona a capacidade de Hitler de discutir Kant, Schopenhauer e Nietzsche. No entanto, isso, para Kershaw, não comprovava que ele tenha lido as obras desses filósofos.

No terceiro capítulo, o trecho da obra de Goebbels serviu para destacar que, apesar da aparente frieza em suas relações humanas, Hitler nutria sentimentos positivos por seus cachorros. Kershaw, ao descrever a convivência de Hitler com seus camaradas durante a Primeira Guerra Mundial, evidenciou a falta de interação dele com o grupo, embora a maioria desses companheiros tenha posteriormente ingressado no partido nazista. Para os seus companheiros de frente, Hitler era

[...] como “o artista” e ficaram impressionados com o fato de ele não receber correio ou encomendas (mesmo no Natal) depois de cerca de meados de 1915, nunca falou de família ou amigos, nem fumou nem bebeu, não mostrava qualquer interesse em visitas a bordéis, e costumava sentar-se durante horas num canto do desenterrado, a chorar ou a ler.<sup>376</sup>

Para fazer um contraponto, Kershaw destacou que “o vazio e a frieza que Hitler demonstrou ao longo de sua vida nas relações com os seres humanos estavam ausentes no sentimento que tinha pelo seu cão”.<sup>377</sup> Ele ressaltou que o único afeto genuíno de Hitler era pelo seu cão Foxl, encontrado nas linhas inimigas, e mencionou sua tristeza ao perdê-lo no final da guerra. Da mesma forma, no *Bunker do Führer* durante a Segunda Guerra Mundial, Blondi, seu cachorro, oferecia a Hitler o mais próximo que ele podia chegar de uma amizade. Kershaw acrescentou uma nota de rodapé explicativa para confirmar a importância de Blondi para o Führer.

Em 10 de setembro de 1943, Goebbels, durante uma longa conversa com Hitler, analisou a situação política e militar durante a Segunda Guerra Mundial, com foco nas operações e desafios no Leste europeu; a crítica situação nas regiões orientais; as questões internas como a totalização da guerra e medidas políticas e administrativas, como o trabalho obrigatório para

---

<sup>375</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 1220.

<sup>376</sup> KERSHAW, 1999, p. 93.

<sup>377</sup> Idem.

mulheres. Ao final da descrição da conversa, Goebbels relatou a satisfação de Hitler na companhia de seu amigo, o cachorro Blondi: “Führer tem sua grande felicidade em seu cachorro Blondi, que se tornou um verdadeiro companheiro para ele... É bom que o Führer tenha pelo menos um ser vivo que esteja constantemente ao seu redor”.<sup>378</sup>

Durante quatro capítulos consecutivos, os diários de Goebbels estão ausentes na biografia, pois o período abordado pela narrativa do ministro da propaganda não se relaciona com os temas tratados por Ian Kershaw. No entanto, no capítulo 8, os diários forneceram as informações necessárias para apresentar o próprio Joseph Goebbels. Essa apresentação ocorre dentro da temática em que biógrafo abordou a ênfase socialista no norte da Alemanha, onde alguns líderes, incluindo Goebbels, defendiam uma abordagem mais “socialista” para atrair trabalhadores das regiões industriais para o NSDAP.

Para falar dos ativistas do norte, Kershaw descreveu Goebbels

[...] Como o jovem Joseph Goebbels na zona de Elberfeld, no Ruhr, foram atraídos pelas ideias do "bolchevismo nacional". Possuidor de uma mente afiada e de um espírito aguçado, o futuro Ministro da Propaganda, entre as figuras mais inteligentes do Movimento Nazi, tinha aderido ao NSDAP no final de 1924.<sup>379</sup>

Continuou ressaltando que Goebbels foi criado em uma família católica em Rheydt, uma pequena cidade industrial da Renânia. Seu pé direito deformado expô-lo a provocações desde a infância, gerando sentimentos duradouros de inadequação física. Além disso, destacou que suas primeiras tentativas como escritor encontraram pouco reconhecimento, o que reforçou ainda mais seu ressentimento. A entrada datada de 25 de março de 1925 foi empregada pelo historiador para ilustrar o complexo de Goebbels e seus questionamentos sobre o motivo de enfrentar tantos fracassos. Nesta passagem do diário, temos Goebbels reclamando da sua situação e apropriando-se das palavras de Jesus na cruz.

Como somos ricos e como nos tornamos pobres! Sinto saudades da minha antiga vida na arte. Hoje vivo tão alto e tão fora de mim. Mas tenho a recompensa completa. E ainda assim carregarei eternamente a ânsia insaciável dentro de mim e ansiarei fervorosamente por mil novos céus e terras. Como meu coração dói e está ferido. Terei que perder tudo em amor para poder dar ainda mais amor diariamente. Por que a fé e a ideia tornam-se solitárias? Por que não podemos trabalhar para o novo espírito e ser felizes ao mesmo tempo? Por que o destino me nega o que concede aos outros? Como meu coração está ferido! Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?<sup>380</sup>

<sup>378</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1943-1945.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 5, Serie Piper, 1992, p. 1950

<sup>379</sup> KERSHAW, 1999, p. 270.

<sup>380</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1924-1929.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992, p. 170.

Destacar o complexo de inferioridade reconhecido por Goebbels serviu como base para Kershaw sustentar sua argumentação de que esse complexo gerou uma “ambição motriz e a necessidade de demonstrar realização através da agilidade mental num movimento que ridicularizava tanto a fraqueza física como os ‘intelectuais’. Não menos importante, produziu fanatismo ideológico”.<sup>381</sup> Assim, para Kershaw, o complexo de inferioridade de Joseph Goebbels foi um dos elementos-chave que, anos depois, seria um reforço no desencadeamento do extermínio de judeus.

As três referências posteriores são informativas. Por exemplo, na nota de rodapé 99 Kershaw mencionou que, devido à divergência sobre a criação das “comunidades de trabalho”, conforme discutido no tópico anterior, Hitler convocou cerca de sessenta líderes partidários para uma reunião em 14 de fevereiro de 1926, em Bamberg, na Alta Francônia. Os escritos de Goebbels indicaram a duração exata da reunião: “Hitler falou durante duas horas”.<sup>382</sup>

Kershaw relatou também o discurso de Hitler na reunião, destacando os temas mais polêmicos abordados, como a questão da política externa e as alianças futuras. A concepção de Goebbels sobre a reunião foi amplamente inserida na narrativa. Em seu diário, ele descreveu como foi aquele domingo, detalhando suas impressões sobre Hitler durante o discurso, assim como seus questionamentos e desilusões em relação ao posicionamento e comportamento do líder. O biógrafo citou integralmente o relato, com a intenção expressa de evidenciar o choque de Goebbels. Na entrada do diário, temos as seguintes palavras citadas por Kershaw:

Sinto-me devastado. Que tipo de Hitler? Um reacionário? Incrivelmente desajeitado e incerto. Pergunta russa: completamente, a propósito. Aliados naturais de Itália e Inglaterra. Terrível! A nossa tarefa é o esmagamento do bolchevismo. O bolchevismo é uma criação judaica! Temos de ser o herdeiro da Rússia! 180 Milhões! Expropriação dos príncipes! A lei é lei. Também para os príncipes. Não abalem a questão da propriedade privada! Terrível! O programa é suficiente! Contente com ele. Feder acena com a cabeça. Acena com a cabeça. Acena com a cabeça. Esser acena com a cabeça. Fico doente de coração quando o vejo em tal companhia!!! Breve discussão. Strasser fala. Hesitante, tremendo, desajeitado, o bom e honesto Strasser. Deus, como somos pobres para aqueles porcos lá embaixo!... Provavelmente uma das maiores desilusões da minha vida. Já não acredito plenamente em Hitler. Isso é o mais terrível: o meu apoio interior foi-me tirado.<sup>383</sup>

<sup>381</sup> KERSHAW, 1999, p. 270.

<sup>382</sup> O escrito de Goebbels: “Domingo de manhã. Bem cedo, busco Strasser. Ele está de bom humor. Plano de batalha elaborado. Com Rust e Vahlen. Depois, por Bamberg. Cidade encantadora. Antiga, jesuítica. Hitler passa rapidamente de carro. Um aperto de mão. Aha! Schlangen Berlin, Streicher, Esser, Feder. Então, ao trabalho. **Hitler fala. 2 horas.** (GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1924-1929.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992, p. 228)

<sup>383</sup> KERSHAW, 1999, p. 275.

A apresentação dos desapontamentos desempenhou um papel ainda mais crucial na escrita de *Hubris*, especialmente quando analisamos as referências posteriores. Nestas, o autor ilustrou a mudança de postura de Goebbels em relação a Hitler. No relato da reunião de Bamberg, o biógrafo destacou o desencantamento de Goebbels. No entanto, devido aos triunfos de Hitler resultantes dessa mesma reunião, ficou evidente o processo de conquista que Hitler exerceu sobre ele. Ao eliminar a ameaça potencial da “Comunidade de Trabalho” e reafirmar sua autoridade, Hitler conseguiu “o mais importante de tudo, o impressionável Goebbels foi cortejado abertamente por Hitler e completamente conquistado”.<sup>384</sup>

Logo em seguida, o autor trouxe trechos dos diários de meses anteriores à reunião, especificamente de 14 de outubro e 6 de novembro de 1925, para demonstrar que a idolatria de Goebbels por Hitler existia desde o início. O historiador transcreveu três frases que, apesar dos contextos distintos, confirmam essa percepção: “Quem é este homem? Metade plebeu, metade de Deus! Na verdade Cristo, ou apenas João [o Baptista]?”; “Este homem tem tudo para ser um rei. O tribuno nato do povo”; “O próximo ditador”.<sup>385</sup> Como podemos identificar nos diários, as duas primeiras frases foram escritas após Goebbels terminar de ler o primeiro volume de *Mein Kampf*, enquanto a terceira descreveu um encontro que ele teve na casa de Hitler. Kershaw destacou frases específicas que identificam a “idolatria” de Goebbels, mas, ao analisar o relato completo, essa admiração se torna ainda mais evidente:

Termino de ler o livro de Hitler. Com uma tensão emocionante! Quem é esse homem? Meio plebeu, meio deus! Na verdade, o Cristo, ou apenas João?<sup>386</sup> Vamos de carro para a casa de Hitler. Ele está comendo agora. Ele já está pulando, lá está ele na nossa frente. Aperta a minha mão. Como um velho amigo. E aqueles grandes olhos azuis. Como estrelas. Ele está feliz em me ver. Estou muito feliz. Ele se retira por dez minutos. Então ele terminou seu discurso em um fragmento. Enquanto isso vou para a reunião. E conversei por 2 horas. Com muitos aplausos. E então gritos de cura e palmas. Ele está lá. Ele aperta minha mão. Ele ainda está completamente exausto com seu grande discurso. Aí ele fala aqui por mais meia hora. Com sagacidade, ironia, humor, sarcasmo, com seriedade, com fervor, com paixão. Este homem tem tudo para ser rei. O tribuno nascido do povo. O próximo ditador.<sup>387</sup>

Portanto, o autor adotou a estratégia de mostrar que, mesmo com um desapontamento momentâneo devido ao desejo de uma postura mais radical de Hitler, especialmente em relação

---

<sup>384</sup> Idem, p. 276.

<sup>385</sup> Idem, p. 276.

<sup>386</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1924-1929.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992, p. 200.

<sup>387</sup> Idem, p. 204.

à política externa, Goebbels permaneceu, embora “improvavelmente”, um dos seus seguidores mais fervorosos.

Páginas depois, em dois momentos distintos, Kershaw voltou trazer Goebbels para demarcar sua admiração pelo líder do partido nazista. O primeiro foi ao descrever o Comício do Partido realizado em Weimar, onde Hitler foi autorizado a falar em público, em 4 de julho de 1926, depois de um período de proibição, em decorrência da sua tentativa de golpe de Estado. O discurso do líder proporcionou a demonstração de unidade por detrás dele, ao receber de todos os presentes um juramento pessoal de lealdade. No trecho dos diários destacado pelo autor, Goebbels escreveu como foi a participação de Hitler no comício “Profundo e místico. Quase como um evangelho... Agradeço ao destino, que nos deu este homem”.<sup>388</sup>

Neste dia, no diário, Goebbels descreveu a celebração de uma série de eventos e encontros relacionados ao Partido Nacional-Socialista, com destaque para a presença e os discursos de Hitler, refletindo a atmosfera de entusiasmo e devoção ao movimento nazista. Relatou também uma sequência de acontecimentos em Weimar, onde houve grande mobilização de partidários, encontros com diversas figuras importantes do partido e momentos de confraternização e organização política. A entrada do diário enfatizou a sensação de um movimento crescente e unificado, representado por desfiles, discursos e a presença maciça de seguidores, culminando no sentimento de que o Terceiro Reich estava se formando e ganhando força.

9 horas da manhã seguinte! Para o teatro. Nossa povo em todos os lugares. De homem para homem. Pena fala. 2 horas. A velha reviravolta. Para a conferência sindical. Moderado. Para o teatro. Relatórios do comitê. Rosenberg brilhantemente. Também Straßer. Minha palestra sobre “propaganda”. Sou recebido com aplausos. Minha sátira “quando chega um orador” desperta diversão sem fim. Hitler está rindo loucamente. **Hitler fala. Sobre política, ideias e organização. Profundo e místico. Quase como um evangelho. Com ele você estremece ao passar pelos abismos do ser. A última coisa é dita. Agradeço ao destino por nos dar este homem!** Mover! Com Straßer no carro. Sob aplausos intermináveis da multidão densamente aglomerada.<sup>389</sup> (Grifo meu)

Também em 1926, Kershaw pontuou como era a estadia de Goebbels durante as férias em Berchtesgaden, a casa refúgio de Hitler nas montanhas. Como de costume, Goebbels e os demais hóspedes eram submetidos aos monólogos de Hitler sobre “a questão social”, “questões raciais”, o significado da revolução política, como ganhar o controlo do Estado, a forma

---

<sup>388</sup> KERSHAW, 1999, p. 279.

<sup>389</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1924-1929.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992, p. 260.

arquitetônica do futuro, a natureza de uma nova constituição alemã. Kershaw trouxe duas frases, uma do dia 18 e outra do dia 26 de julho de 1926, para demonstrar como Goebbels ficava extasiado perante o seu líder: “Ele é um génio, jorrou o instrumento natural e criativo de um destino divino... Por profunda angústia, uma estrela brilha! Sinto-me completamente ligado a ele. A última dúvida em mim desapareceu”.<sup>390</sup>

O entusiasmo de Goebbels também foi demarcado em relação a mais de uma ocasião em 1926 com as exposições de Hitler sobre a “questão social”. Numa delas, Goebbels descreveu as suas ideias como “sempre novas e convincentes”. Kershaw inseriu a frase de Goebbels na narrativa só para discordar dela, pois, segundo o historiador, a “ideia social” de Hitler era

[...] simplista, difusa e manipuladora. Era pouco mais do que aquilo que tinha dito ao seu público burguês em Hamburgo: vencer os trabalhadores ao nacionalismo, destruir o marxismo, e ultrapassar a divisão entre nacionalismo e socialismo através da criação de uma nebulosa “comunidade nacional” (Voiksgemeinschaft) baseada na pureza racial e no conceito de luta.<sup>391</sup>

Outro momento que o trecho do diário serviu para fazer contraponto com a reflexão de Kershaw foi em relação ao discurso de Hitler em 16 de novembro, no Sportpalast em Berlim. O salão estava lotado quando ele chegou, acompanhado de fanfarras e de homens da SA que acenavam com bandeiras. O seu discurso sobre “A luta que quebrará as correntes” foi “repetidamente interrompido por tempestades de aplausos”.<sup>392</sup> No diário, em 17 de novembro de 1928, Goebbels escreveu:

O palácio desportivo é fechado pela polícia às 8h. 16.000 pessoas. Uma superabundância. Às 8h20, Hitler chega. Felicidades sem fim. Música. As bandeiras marcham. Então Hitler fala. 12 horas. Um discurso maravilhoso[!]. **Interrompido repetidamente por tempestades de aplausos.** Finalmente um furacão. Todos se levantam. Alemanha acima de tudo.<sup>393</sup> (Grifo meu)

Para o historiador, não houve nada de novo no discurso. O que contou na apresentação de Hitler, na verdade, não foi o conteúdo; o apelo foi apenas às emoções.

Nas demais ocasiões em que os diários foram citados como referências no capítulo oito, eles serviram como complementos informativos. Um exemplo disso foi a menção ao valor da

---

<sup>390</sup> KERSHAW, 1999, p. 283 e 284.

<sup>391</sup> Idem, p. 289 e 290.

<sup>392</sup> Idem, p. 304.

<sup>393</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1924-1929.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992, p. 334.

doação de 100.000 marcos feita por Emil Kirdorf, um dos principais industriais do Ruhr, ao partido.<sup>394</sup>

Em *Breakthrough*, capítulo com maior concentração de referências feitas a Goebbels, há exatas 75 menções aos diários, 37 delas são para narrar um tema específico: a queda de Otto Strasser. Isso significa que um tópico inteiro do capítulo foi escrito tendo como referência os diários de Goebbels. Vale destacar que, como mencionado anteriormente, a biografia escrita por Kershaw se caracterizou pela diversidade de temas, raramente se detendo longamente em um único assunto. No entanto, a queda de Otto Strasser foi uma dessas raras exceções.

A década de 1930 foi marcada por intensos conflitos internos na NSDAP, o que acabou revelando o domínio de Hitler sobre o movimento e a consolidação da sua liderança. A disputa crucial girou em torno da separação entre o que Kershaw definiu como a “ideia” e o Líder, consolidada na querela com Otto Strasser. O autor apresentou inicialmente Otto Strasser, irmão de Gregor, que utilizou o Kampfverlag, uma editora em Berlim sob seu controle, para disseminar sua interpretação do Nacional-Socialismo. De acordo com o biógrafo, essa interpretação era uma mistura complexa de nacionalismo místico, anticapitalismo, reformismo social e antiocidentalismo.

Ao longo de 1930, a independência ideológica de Otto Strasser se acentuou, tornando-se mais discordante com a abordagem de Hitler, que buscava uma associação mais estreita com a direita burguesa. O confronto tornou-se iminente quando o Kampfverlag continuou a apoiar grevistas metalúrgicos em Saxônia, desafiando a proibição de Hitler.

Joseph Goebbels apareceu não só como fonte de informação, mas também como elemento essencial no jogo político derivado das divergências com Strasser. Goebbels, descontente com os Strasser, expressou repetidamente suas preocupações a Hitler, prometendo apoio ao Gauleiter de Berlim. No entanto, apesar das promessas, Hitler hesitou em agir, causando frustração em Goebbels.

Nas entradas de 30 e 31 de janeiro de 1930, que Kershaw usou como fonte, Goebbels relatou seus questionamentos sobre Otto Stasser e como Hitler deveria agir:

Se os Strasser também vencerem para Berlim, não vejo mais nenhuma oportunidade de emprego e vou me demitir. **Mas dificilmente acredito que Hitler deixará as coisas chegarem tão longe.**<sup>395</sup> (Grifo meu)

Munique! Direto para Hitler. Ele não sabe nada sobre o apelo de Strasser, Kampfverlag mais uma vez quebrou a lealdade da forma mais flagrante, Hitler lançou uma granada contra o Dr. Straßer e também contra Gregor. [...] Depois

<sup>394</sup> KERSHAW, 1999, p. 299 e 300.

<sup>395</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 453.

sentamos com Hitler e conversamos até tarde da noite. Ele faz de tudo, constantemente me assegurando sua lealdade e carinho, e acho que posso acreditar nisso também. Ele não suporta os Strasser e faz os julgamentos mais severos sobre esse socialismo de salão. [...] Declaração afiada de guerra contra K.V. Possivelmente um apelo ao Gauleiter contra Strasser. Agora ele está esmagado contra a parede e queria a mesma coisa comigo. [...] Ele ainda não tem ideia da tempestade que está se formando sobre sua cabeça. Também não vou contar nada a ele. Hitler pode estar tirando as castanhas do fogo aqui. Eu também sinto um pouco de pena de Gregor. Ele não está empurrando, ele está apenas sendo empurrado. **Mas seu irmão Otto é um demônio e, enquanto ele o cobrir, ele mesmo terá que acreditar nisso.**<sup>396</sup> (Grifo meu)

A frustração de Goebbels se intensificava ainda mais em outras situações. Um exemplo foi a recusa de Hitler em assistir ao funeral de Horst Wessel, um líder da SA assassinado por comunistas em seu apartamento, conforme destacado por Kershaw. Embora o historiador não tenha citado diretamente esse evento, na entrada de 2 de março de 1930 de seu diário, foi possível identificar o descontentamento de Goebbels em relação a Hitler e sua ameaça de demitir-se como Gauleiter de Berlim se o líder não tomasse uma atitude.

Ontem à noite falei ao telefone com o patrão, que estava em Berchtesgaden – para o funeral de Wessel – devo dizê-lo, informei-o da gravidade da situação, e entretanto Göring e Lippert vão de carro para Munique nessa noite, para ter uma conversa final com Hitler amanhã. Estou muito cético quanto a isso, ele vai evitar como sempre, mas agora estou determinado a fazer qualquer coisa, nunca brigar com ele, **mas sim renunciar. Então ele poderá procurar seus fantoches em outro lugar.**<sup>397</sup>

O relato de 16 de março do mesmo ano foi incluído quase integralmente na narrativa biográfica para destacar a decepção de Goebbels com Hitler. No trecho transcrito por Kershaw, foi possível perceber a irritação de Goebbels ("Munique, incluindo o Chefe, perdeu todo o crédito comigo"; "Já não acredito em nada deles. Hitler – por quaisquer razões, elas não importam – h quebrou cinco vezes a sua palavra para comigo. Isso é amargo de perceber, e eu, interiormente, tiro as minhas conclusões"; Hitler guarda para si mesmo, não toma decisões, já não lidera, mas deixa as coisas acontecerem").<sup>398</sup> contudo, Kershaw omitiu a parte que revelava o maior temor de Goebbels, a possibilidade de perder seu espaço e seu poder: "Fui leal a ponto de sangrar. Mas você não pode esperar que eu deixe Strasser roubar meu distrito".<sup>399</sup>

A crise atingiu seu auge com a publicação, contra as ordens de Hitler, da decisão de Strasser de romper com Alfred Hugenberg e deixar Comité do Reich contra o Yung Plan (um

<sup>396</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 453 e 454, grifo meu

<sup>397</sup> Idem, p. 465, grifo meu.

<sup>398</sup> KERSHAW, 1999, p. 326.

<sup>399</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 471.

programa para liquidar as reparações da Alemanha na Primeira Guerra Mundial). Kershaw destacou duas entradas do diário de Goebbels: 5 e 13 de abril de 1930. Nelas Goebbels colocou, mais uma vez, suas perspectivas de uma possível atitude de Hitler contra Strasser.

O N.S. Strassers, contrariamente às ordens de Hitler, publica em grande estilo a sua demissão do Comité do Reich. Hitler está furioso. Isto quebrará o pescoço de Strasser. Se Hitler não agir agora, estará perdido. Ele ligou para Göring ontem. Hoje vou saber mais.<sup>400</sup>

Dormi de cansaço e estou muito feliz. Ele pode querer tirar o departamento organizacional de Strasser. Isso seria um triunfo. Isso seria tudo... feito por esta camarilha.<sup>401</sup>

Segundo Kershaw, a reação de Hitler não foi imediata; somente após um discurso inflamado em uma reunião em Munique, em 27 de abril de 1930, ele anunciou Goebbels como Líder de Propaganda, evidenciando relutância em resolver completamente o problema. Sobre este momento, o biógrafo explicitou uma simples frase de Goebbels de 28 de abril de 1930: “Hitler lidera novamente, graças a Deus”.<sup>402</sup> No relato completo, Goebbels, além de identificar a tomada de atitude de Hitler, descreveu como aconteceu a sua nomeação:

No chefe. Um único acerto de contas com Strasser, o Kampfverlag, os Salon Bolcheviques, os... (Reventlow). Magnífica definição de socialismo. Sem piedade. É tudo sobre o nosso povo. A..., discurso ousado e presunçoso. Hitler lidera novamente. Graças a Deus. Tudo atrás dele está entusiasmado. Strasser quebrou seu círculo. Ele fica lá sentado como uma consciência pesada. Hitler pendurou-o educadamente até o último degrau. Uma verdadeira satisfação para mim. Depois do discurso, Hitler levanta-se novamente e, num silêncio ofegante, anuncia a minha nomeação como chefe da propaganda do Reich.<sup>403</sup>

De acordo com Kershaw, “Hitler estava relutante em levar a questão à cabeça”.<sup>404</sup> Quando viajou para Berlim em maio para discutir com Otto Strasser, Hitler tentou evitar um rompimento, oferecendo-se para comprar o Kampfverlag. Todavia, diante da inflexibilidade de Strasser, as ameaças se seguiram.

Quando a reunião terminou, apesar de estar furioso, Hitler ainda não tinha tomado qualquer medida. E, embora tenha prometido a Goebbels que daria um jeito em Otto Strasser após as eleições da Saxônia, nada fez. Só agiu após inúmeras pressões de Göring e Walter Buch,

---

<sup>400</sup> Idem, p. 476.

<sup>401</sup> Idem, p. 478.

<sup>402</sup> KERSHAW, 1999, p. 326.

<sup>403</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 479.

<sup>404</sup> KERSHAW, 1999, p. 326.

bem como de Goebbels, e depois de Otto Strasser lhe ter deixado pouca escolha ao divulgar o seu relato das discussões em Berlim, em maio.

Kershaw, mais uma vez, utilizou como estratégia de escrita identificar nos escritos de Goebbels seus desapontamentos com a falta de atitude de Hitler. Um exemplo disso ocorreu na véspera das eleições na Saxônia, quando Hitler prometeu a Goebbels que iria expurgar a facção Esser. Três dias depois, em 25 de junho, após uma conversa telefônica com Hitler, Kershaw reproduziu a reflexão do então chefe de propaganda do partido: “O chefe quer que eu expulse os pequenos, mas não toca nos grandes. Isso é tão típico de Hitler. Em Plauen no alto do seu cavalo, hoje ele recua... Ele faz promessas, e não as cumpre”.<sup>405</sup> As críticas de Goebbels continuaram em 28 de junho, sendo reforçadas por Kershaw na narrativa de *Hubris*: “afasta-se da decisão. Por isso, está tudo de pernas para o ar outra vez. Estou certo de que não virá na segunda-feira para se poupar de ter de tomar decisões. Esse é o velho Hitler. O vacilante! Para sempre adiar as coisas!”.<sup>406</sup> No diário, Goebbels concluiu suas anotações sobre esse dia, sugerindo que, por causa de Hitler, “os derrotistas estão assumindo o controle”.<sup>407</sup>

Mesmo com as inclinações de Hitler, Strasser e vinte e cinco apoiantes já tinham antecipado as próprias expulsões. Dois dias depois, Brüning declarou que o Reichstag estava dissolvido. Goebbels agora era o responsável pelos preparativos da campanha eleitoral. Ganhou um luxuoso escritório em Munique, um apartamento na cidade, e um apoio financeiro maciço para o seu departamento de propaganda. O que era crítica virou afirmação da sua posição. Em 28 de julho de 1930, Goebbels comentou “Hitler me escuta inteiramente. Isso é uma coisa boa. Vou continuar a construir esta posição”.<sup>408</sup> Portanto, nas palavras do biógrafo, “Decepções do início do verão esquecidas, ele foi novamente o homem de Hitler”.<sup>409</sup>

O tema da crise com Strasser serviu para Kershaw mostrar a força da posição de Hitler. Isso porque, para o historiador, Otto Strasser nunca foi um membro popular do partido, e sua influência era menos significativa do que aparentava. Após sua “expulsão”, ele perdeu toda relevância. Nenhum líder importante o seguiu, não houve repercussões, e a rebelião desapareceu da noite para o dia.

O relato de Goebbels sobre a crise provocada por Strasser revelou, para Kershaw, as repetidas críticas à indecisão de Hitler. As táticas, como a proximidade das eleições saxônicas

---

<sup>405</sup> KERSHAW, 1999, p. 328.

<sup>406</sup> Idem.

<sup>407</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 492.

<sup>408</sup> Idem, p. 503.

<sup>409</sup> KERSHAW, 1999, p. 328.

e a espera pelo momento mais oportuno em que Strasser ofereceria uma chance de ser atacado, influenciaram o comportamento hesitante de Hitler. Ele queria aguardar as eleições saxônicas, em que Strasser tinha algum apoio, antes de agir contra ele. Foi somente após Otto Strasser publicar sua versão da discussão com Hitler que este se sentiu obrigado a intervir.

Os trechos dos diários reproduzidos por Kershaw tiveram a função de identificar que Goebbels reconheceu o traço no caráter de Hitler que outros líderes nazistas também percebiam, mas que “pessoas estranhas” não identificavam: a sua tendência instintiva para adiar decisões difíceis e a sua hesitação em momento de crise. Os relatos particulares de Goebbels revelavam um traço que seria visível, para Kershaw, em tantas das grandes crises durante o Terceiro Reich. Segundo o biógrafo, agir com cautela seguida de ousadia foi uma característica de Hitler tanto como líder do partido quanto, mais tarde, como ditador.

No capítulo 9, o segundo momento em que Goebbels foi mais referenciado, Kershaw teve o diário como eixo central para falar de Strasser, dessa vez o Gregor, o irmão de Otto Strasser. Os relatos de Goebbels serviram para descrever a crise dentro do movimento de Hitler no início da década de 1930, focando na renúncia de Gregor Strasser, uma figura proeminente dentro do NSDAP. A saída de Strasser marcou um momento significativo na história do partido, revelando conflitos internos e diferenças ideológicas. Apesar das contribuições anteriores de Strasser para o crescimento do partido, ele era visto por alguns como um “moderado” dentro do movimento nazista.

No episódio de Strasser, Kershaw destacou as diferenças táticas entre Hitler e ele. Segundo o autor, Strasser advogava por uma abordagem mais flexível, incluindo a participação em coalizões e a formação de alianças, enquanto Hitler aderia a uma estratégia de “tudo ou nada”.<sup>410</sup> A renúncia de Strasser em dezembro de 1932 ocorreu em um momento em que o partido já enfrentava declínio de apoio, dificuldades financeiras e agitação interna. As eleições locais em Turíngia no início de dezembro mostraram uma queda substancial no apoio dos eleitores. A entrada de 6 de dezembro do diário auxiliou como uma informação complementar para Kershaw pontuar o quanto foi a queda devastadora de apoio “cerca de 40% desde o ponto alto das eleições do Reichstag de julho”.<sup>411</sup> No diário, de forma mais aprofundada, Goebbels disse que

**A situação no Reich é catastrófica.** Na Turíngia, sofremos perdas de quase **40%** desde **31 de Julho**. Temos de trabalhar mais e negociar menos. À noite o guia está em nossa casa. Discutiremos calmamente toda a situação novamente. O líder

---

<sup>410</sup> Idem, p. 397.

<sup>411</sup> Idem, p. 396.

é essencialmente uma pessoa artisticamente sensível. Com seu instinto seguro, ele capta cada situação com nitidez instantânea, e suas decisões são sempre de absoluta clareza e lógica convincente. Você não pode escapar impune de manobras táticas contra ele.<sup>412</sup> (Grifo meu)

A concentração de referências a Goebbels para tratar o tema deveu-se também ao fato de Kershaw compreender o futuro ministro da propaganda como um elemento-chave para a ruptura de Hitler e Gregor Strasser. Nas palavras do biógrafo, “Goebbels, o seu velho inimigo desde os conflitos internos dos partidos de meados dos anos vinte, em particular, tinha castigado repetidamente o ‘grupo Strasser’, e não tinha desperdiçado nenhuma oportunidade de envenenar Hitler contra o Líder da Organização”. Para embasar sua afirmação, Kershaw trouxe trechos curtos de quatro entradas do diário de Goebbels: 31 de agosto, 3 de setembro, 9 de setembro e 25 de setembro de 1932.

Na entrada de 31 de agosto, Kershaw, sem muita informação de quando e porque, destacou que Hitler pela primeira vez falou “abertamente sobre os feitos da turma Strasser no partido”,<sup>413</sup> e se não tinha falado mais nada, era porque não tinha visto. Na obra de Goebbels, temos o seguinte relato:

À noite, somos convidados na casa de Göring em boa companhia. Você tem a oportunidade de discutir questões atuais com todos os tipos de pessoas. O guia também chega muito tarde. Os próximos objetivos são discutidos numa conferência secreta da qual também participamos Göring, Röhm e eu. Isto define o rumo para um maior desenvolvimento. Todos os envolvidos são obrigados a manter silêncio. No final, faremos com que a reação entre em colapso. O líder é muito corajoso. **Pela primeira vez ele também falou abertamente sobre as travessuras da camarilha de Strasser no partido.** Também aqui, ele manteve os olhos abertos; e se não disse nada, então isso não é porque não tinha visto nada.<sup>414</sup> (Grifo meu)

Quatro dias depois, na entrada de 3 de setembro, o biógrafo incluiu no texto apenas uma frase do relato de Goebbels: “Falei durante muito tempo com o Führer. Ele desconfia muito fortemente de Strasser”.<sup>415</sup> Quando conferimos a obra, Goebbels continuou afirmando que “Ele, portanto, quer tirar o poder do partido de suas mãos. Isso é uma coisa boa; porque a força e o poder da ideia residem apenas no partido”.<sup>416</sup> Portanto, já sugerindo uma possível decisão de Hitler romper com Strasser.

---

<sup>412</sup>GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 733, grifo meu.

<sup>413</sup> KERSHAW, 1999, p. 388.

<sup>414</sup>GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 693-694.

<sup>415</sup> KERSHAW, 1999, p. 388.

<sup>416</sup>GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher, 1930-1934.** Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992, p. 695.

Apesar de não citar diretamente Goebbels, o diário foi a fonte de Kershaw para o grande embate de Strasser e Hitler: Strasser era o único líder nazista que desaconselhava a resistência à nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler. Na entrada de 8 de setembro do diário, Goebbels descreveu a rejeição de Hitler à sugestão de Strasser de ele apoiar um gabinete de Kurt von Schleicher (o penúltimo chanceler da Alemanha durante a República de Weimar).

**Reunião de Líderes:** As eleições tornaram-se inevitáveis. O líder preparou-se para isso e agora quer uma decisão; quanto antes melhor. Ele está muito determinado a lutar. Ele se opôs veementemente à proposta de Strasser de aceitar um gabinete Schleicher. Tornou-se agora o nosso objectivo imutável que o Führer se torne Chanceler do Reich.<sup>417</sup>

Os contatos de Strasser com industriais e sua disposição para cooperar com sindicatos o diferenciavam de Hitler. A ruptura se aprofundou no outono de 1932, levando à renúncia de Strasser. A renúncia foi um golpe para o partido, gerando preocupações sobre sua potencial desintegração. No entanto, de acordo com Kershaw, a forte autoridade de Hitler e as jogadas estratégicas, incluindo a desmontagem da estrutura organizacional de Strasser, ajudaram na recuperação do partido – não muito diferente do que aconteceu com a renúncia de Otto Strasser.

O caso Strasser foi o exemplo escolhido por Kershaw para mostrar o impacto duradouro que ele teve na estrutura do partido. A obra de Goebbels foi o meio para demonstrar a mudança da posição de Hitler em relação à Strasser. Isso porque foi a partir desse episódio que Hitler enfatizou sua visão do partido como uma ferramenta para propaganda e mobilização, servindo à “ideia” do Nacional-Socialismo incorporada no Líder. E, exatamente, a contradição entre liderança personalizada e organização burocrática que, segundo Kershaw, mais tarde apresentaria desafios durante o Terceiro Reich.

Vale destacar que em quase todos os momentos que o diário foi citado, diferente de outras obras, Kershaw identificava que a informação era de Goebbels. Por exemplo, quando detalhou como foi a reação da notícia do incêndio no edifício do Reichstag. Em suas palavras, “Os líderes nazis estavam todos convencidos de que o fogo era um sinal para uma revolta comunista – uma ‘última tentativa’, **como Goebbels disse**, ‘através do fogo e do terror, para semear a confusão de modo a que, no pânico geral, se apoderassem do poder’”.<sup>418</sup> (Grifo meu) Essa estratégia de nomear Goebbels quando era uma informação extraída dele foi empregada ao longo de toda a narrativa. Em toda análise realizada acima, Kershaw usou os termos: Goebbels podia notar; Goebbels afirmou; Goebbels escreveu; observou Goebbels; levou

---

<sup>417</sup> Idem, p. 697.

<sup>418</sup> Idem, p. 457.

Goebbels a observar; segundo o Ministro da Propaganda; como Goebbels lhe chamou; Goebbels descreveu; Hitler disse a Goebbels; registou Goebbels; acrescentou Goebbels; resumiu Goebbels, dentre outros.<sup>419</sup> Podemos concluir que a identificação textual de Joseph Goebbels, para Kershaw, era uma forma de legitimar aquelas informações, pois o ministro foi uma testemunha ocular, mais do que isso, foi que teve acesso ao Hitler pouco conhecido, ou seja, o Hitler privado.

No próximo tópico, iremos fazer o mesmo exercício de análise e compreender qual foi a função de *Mein Kampf*, livro escrito por Adolf Hitler, na escrita biográfica de Ian Kershaw.

#### 4.3.2 *Mein Kampf, o livro do biografado*

Comumente, em quase todas as biografias, a principal fonte utilizada para a escrita é o próprio material produzido pelo biografado; aqui podemos dar como exemplo cartas, discursos, diários, torna-se uma fonte importante de informação. No caso específico de Adolf Hitler, *Mein Kampf* é uma das fontes mais importantes e consultadas não só para falar de seu autor, como também para compreender o regime nazista.<sup>420</sup> Não muito diferente das outras biografias produzidas anteriormente, *Hubris* (1889-1936) teve no livro escrito por Hitler uma de suas fontes mais referenciada em toda a narrativa, ocupando a segunda colocação conforme indicado pela tabela mais acima.<sup>421</sup>

Embora não possamos afirmar que sua escrita foi uma consequência direta do fracasso do *Putsch da Cervejaria*, o acontecimento influenciou significativamente a produção da *Mein Kampf*. Por causa da tentativa de golpe em 8 de novembro de 1923, Hitler, em 1924, foi julgado e condenado por traição a cinco anos de detenção no presídio de *Landsberg*, obtendo liberdade provisória (e definitiva) antes do fim da pena. Em *Landsberg*, Hitler usufruiu de uma cela individual, quarto limpo e simples, com uma apresentável vista da paisagem local. Nesse ambiente propício que Hitler começou a produzir o livro que ficou conhecido como “a bíblia nazista”.<sup>422</sup>

A escrita de *Mein Kampf* não foi o primeiro escrito de Hitler na prisão. Em primeiro lugar, o líder nazista escreveu um memorando de defesa para o seu julgamento. Para iniciar

<sup>419</sup> KERSHAW, 1999, p. 486, 433, 473, 555, 562, 556, 572, 575, 576 e 585.

<sup>420</sup> Usaremos a versão em língua original com tradução minha e revisão da historiadora Bruna Baliza Doimo e do Dr. Luis Edmundo de Souza Moares.

<sup>421</sup> Como visto no capítulo 3 da presente tese, os biógrafos Alan Bullock e Joaquim Fest também tiveram como suas fontes mais citadas a obra de Adolf Hitler.

<sup>422</sup> PAZ, Eliane Hatherley. *Minha Luta. Anais Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015.

essa tarefa, o banqueiro Emil Georg, um dos principais benfeiteiros do NSDAP, deu-lhe uma máquina de escrever *Remington* (a mais famosa marca da época) de presente. Em novembro, próximo ao Natal de 1923, Winifred Wagner, nora do compositor Richard Wagner e admiradora de Hitler, enviou-lhe, solicitado pelo mesmo, papel, lápis, borrachas e carbono.<sup>423</sup>

A atividade de Hitler foi momentaneamente interrompida pelo seu julgamento, que ocorreu em fevereiro. Como já dito, em 1º de abril de 1924, ele foi condenado a cinco anos de prisão por traição pelo tribunal de Munique. Após o julgamento, de forma fervorosa e sistemática, ele digitou seu texto em uma máquina de escrever ou o ditava para Rudolf Hess (futuro vice Führer) ou Emil Maurice (um dos primeiros membros do Partido Nazista). Segundo o Antonie Vitkine, há uma lenda que diz que a colaboração com Hess foi mais do que uma ajuda, e sim que ele cooescreveu o livro. Ainda de acordo com Vitkine, como “todas as lendas que minimizam o papel de Hitler e fazem dele um peão, parece definitivamente falsa”.<sup>424</sup>

Com a informação que Hitler estava escrevendo um livro, surgiu a questão da publicação. Ainda com ele preso, editores oferecem seus serviços. Hitler estava favorável à publicação porque não era movido apenas por motivações políticas; havia também motivações financeiras. No entanto, nenhum acordo foi concretizado. Hitler cogitou a possibilidade de publicá-lo como uma série em um jornal, mas o projeto acabou sendo abandonado.<sup>425</sup>

Depois de nove meses, em 20 de dezembro de 1924, Hitler estava livre. Com o seu texto datilografado, corrigido à mão, contendo frases sem pontuação, Hitler recorreu à pequena editora do NSDAP, *Franz Eher-Verlag*. Fundada por Franz Eher no início do século, comprada pelos nazistas em 1920, a editora publicou diversas brochuras com tiragens confidenciais, assim como o jornal do partido, o *Völkischer Beobachter*. A *Eher-Verlag* era administrada por Max Amann, a quem o Führer confiou a gestão das edições.<sup>426</sup>

Vale destacar que, como visitante regular de *Landsberg*, o editor encorajou Hitler a escrever, garantindo que venderia bem e que poderia lucrar em decorrência da sua recente notoriedade. Amann “esperava revelações nos bastidores do golpe. Como ele próprio admitiu – nas suas memórias publicadas depois da guerra – ficou um pouco desapontado ao encontrar ali apenas repetições de coisas que tinha ouvido milhares de vezes da boca do Führer”.<sup>427</sup>

---

<sup>423</sup> VITKINE, A. **Mein Kampf**: A História do Livro. Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 18.

<sup>424</sup> VITKINE, A., 2016, p. 19.

<sup>425</sup> Idem, p. 20.

<sup>426</sup> ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/article/mein-kampf/>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

<sup>427</sup> VITKINE, A., 2016, p. 21.

A partir de junho de 1924, vários jornais anunciaram a publicação iminente do livro de Adolf Hitler. Contudo, a publicação foi adiada divido aos erros estilísticos, repetições, imprecisões, fazendo com que o manuscrito não tivesse a aceitação daqueles próximos ao *Führer*. Durante semanas, uma equipe formada pelo círculo íntimo de Hitler trabalhou revisando a obra. Em comparação com o texto original, apesar das diversas modificações, não houve uma alteração substancial nas ideias defendidas pelo autor.<sup>428</sup> No catálogo comercial da *Eher-Verlag* que alertava para a próxima publicação do livro de Hitler, ainda não se tratava de *Mein Kampf*, mas de *4 ½ jahre kampf gegen lüge, dumheit und feigheit. eine abrechnung* (4 anos e meio de lutas contra a mentira, a estupidez e a covardia: um acerto de contas).<sup>429</sup> Este era o título escolhido por Hitler para sua obra. Uma das hipóteses foi que Max Amann quem teve a ideia do título *Mein Kampf*.

Apesar de *Mein Kampf* não ter se tornado um sucesso de imediato e ser destinado a um público em específico, os membros do partido nacional-socialista (nazista), o livro tornou-se popular entre o público alemão, proporcionando que Hitler acumulasse uma soma considerável em direitos autorais.<sup>430</sup>

Em relação a números, a primeira edição de 10.000 cópias foi vendida, mas na segunda edição as vendas não se mantiveram altas. Este cenário mudaria com o Partido Nazista obtendo ganhos nas eleições parlamentares de 1930. No final de 1932, quase 230.000 cópias foram comercializadas. Após a nomeação de Hitler como Chanceler alemão no dia 30 de janeiro de 1933, e a transferência dos direitos autorais para o estado da Baviera, a popularidade de *Mein Kampf* alavancou. Só em 1933 mais de 850.000 cópias foram vendidas.<sup>431</sup>

Impulsionado pela máquina de propaganda de Joseph Goebbels, foram realizadas campanhas publicitárias, o governo distribuiu o livro nas escolas, como leitura obrigatória, e como presente a casais recém-casados, durante o registro civil do matrimônio. No final de 1944, mais de 12 milhões de cópias haviam sido impressas. Essas estratégias levantaram o questionamento sobre se a obra, mesmo com o número elevados de vendas, foi amplamente lida pela população alemão.<sup>432</sup>

---

<sup>428</sup>Idem.

<sup>429</sup>**ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO.** Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/mein-kampf>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

<sup>430</sup>**ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO.** Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/mein-kampf>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

<sup>431</sup>VITKINE, A., 2016, p. 42-43.

<sup>432</sup>PAZ, Eliane Hatherley. Minha Luta. Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015, p. 4.

*Mein Kampf*, no entanto, não limitou a sua circulação à Alemanha. Com a ascensão de Hitler, ao longo da década de 1930, o livro foi traduzido em mais de vinte idiomas, incluindo o inglês e português, transformando-se em um *best-seller*.

Com a queda do regime nazista, em outubro de 1945, a obra de Adolf Hitler foi proibida de ser divulgada e vendida no país. Em um processo de “desnazificação” realizado pela ocupação aliada, foi banido dos espaços públicos, sendo limitados a bibliotecas, de onde só era tirado para consulta acadêmica. Todavia, apesar de durante 70 anos o estado da Baviera ter proibido que *Mein Kampf* fosse reeditado e vendido, ao final de 2015 a obra caiu em **domínio público** e foi impressa por editoras de todo o mundo.<sup>433</sup>

Posto isso, agora devemos nos questionar de que se trata *Mein Kampf*? Muitos estudiosos e pesquisadores definem a obra como uma combinação de autobiografia, tratado político, manifesto ideológico e resumo de informações tiradas de diversos livros e panfletos políticos. A obra abordou preconceitos racistas e antisemitas, tratou da guerra e da revolução nazista, justificando as aspirações de liderança de Hitler. Isto é, *Mein Kampf* promoveu os principais elementos do regime nazismo: antisemitismo, visão de mundo, política externa direcionada para o ganho de *Lebensraum* (espaço vital) na Europa oriental, entre outros elementos.

No primeiro volume, dividido em doze capítulos, além de retratar seu percurso biográfico e sua formação desde a infância – *Im elternhaus* (capítulo 1), os *Wiener lehr- und leidensjahre* (capítulo 2), *Beginn meiner politischen Tätigkeit* (capítulo 8) –, Hitler apresentou sua concepção de mundo em *Volk und Rasse* (capítulo 11) e relatou a criação e o período inicial do Partido Nazista. Já no segundo, lançado em dezembro de 1926, seus quinze capítulos davam “ênfase essencialmente ao projeto político do futuro Führer. Nele, o autor discorre sobre a natureza do estado nacional-socialista que pretende construir, a ideologia do movimento, sua organização, a propaganda, a política externa”.<sup>434</sup>

Em linhas gerais, o texto tinha como características elementares o radicalismo e a violência, buscando, ao mesmo tempo, responder a perguntas que assolavam a sociedade alemã, entre elas: a razão da perda da guerra, a qual Hitler atribuiu aos judeus e aos comunistas, que, segundo ele, seriam inimigos do povo alemão e de seu progresso. O líder nazista, em sua narrativa, vociferava a volta do império e uma retomada no sentimento de orgulho alemão – o

---

<sup>433</sup> MACDONALD, Fiona. Direitos de publicação de 'Mein Kampf' vencem em 2015: um perigo para o mundo?. BBC, 6 fev. 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150204\\_vert\\_cul\\_mein\\_kampf\\_ml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150204_vert_cul_mein_kampf_ml)>. Acesso em: 28 jun. 2024.

<sup>434</sup> VITKINE, A., 2016, p. 18.

nacionalismo desacerbado. Nesse sentido, para muitos, o livro se tornou o guia ideológico utilizado posteriormente pelo Partido Nazista, ou seja, as grandes decisões que Hitler tomou durante o seu período como Chanceler estavam pré-determinadas em *Mein Kampf*.

Agora vamos compreender como e para que o livro que tem como autor Adolf Hitler foi incorporado por Ian Kershaw em sua biografia *Hubris*.

Com apresentado na tabela, Kershaw citou ou fez referência à *Mein Kampf* em 5 capítulos, totalizando 154 menções. No capítulo 1, há 29 referências. No capítulo 2, 51 referências. O capítulo 3 contém 38 referências, enquanto o capítulo 4 possui 10 menções e o capítulo 5 apresenta 26 referências. Esses capítulos, cronologicamente, correspondem à fase inicial da vida de Hitler.

*Mein Kampf*, no capítulo 1, teve a função de embasar a escrita de Ian Kershaw para apresentar a relação que o então jovem Hitler tinha com a sua mãe e seu pai. Tanto que, Alois Hitler, nas 50 páginas iniciais, se tornou o grande protagonista da biografia de Kershaw. A partir dele, somos apresentados ao emaranhado que compôs a família de Hitler até o seu nascimento, assim como a relação conturbada que Hitler desenvolveu com Alois Hitler. Esse percurso de escrita estava diretamente ligado ao que identifico como objetivo do autor ao abordar a temática: demonstrar que foi em um ambiente de agressões, bebidas e desentendimentos que o carácter de Adolf se desenvolveu e que, apesar de ser apenas uma especulação, o seu impacto profundo era difícil de duvidar.

Especulação embora deva permanecer, é preciso pouco para imaginar que o seu posterior desprezo paternalista pela submissão das mulheres, a sede de domínio (e a imagem do Líder como figura paterna autoritária e austera), a incapacidade de formar relações pessoais profundas, a correspondente brutalidade fria para com a humanidade, e – não menos importante – a capacidade de ódio tão profunda que deve ter refletido uma incomensurável corrente de ódio a si próprio escondida no narcisismo extremo que foi o seu contraponto deve certamente ter tido raízes nas influências subliminares das circunstâncias familiares do jovem Adolf.<sup>435</sup>

Para construir esse argumento, as primeiras referências à obra escrita por Adolf Hitler foram para informar uma mudança importante de endereço que ele então, com apenas três anos, sofreu. Essa identificação foi para enfatizar que Hitler nasceu em Braunau am Inn. Cidade da qual ele lembrava pouco, pois em 1892, seu pai foi promovido a funcionário das Alfândegas e a família se mudou Passau, na Baviera. Esta foi uma das muitas mudanças de endereço que Hitler experimentou na juventude.<sup>436</sup>

---

<sup>435</sup> KERSHAW, 1999, p. 13.

<sup>436</sup> Idem, p. 11.

Quando comparamos com o que foi escrito em *Mein Kampf*, percebemos que os dados reproduzidos por Kershaw eram parte de um pequeno relato que Hitler fez do seu pai, Alois Hitler. O relato foi iniciado para falar da máxima de Hitler de que “A Áustria alemã deve regressar à grande pátria alemã, e não por quaisquer razões económicas. Não, não: mesmo que esta unificação, do ponto de vista económico, fosse indiferente, mesmo que fosse prejudicial, ainda assim teria que acontecer”.<sup>437</sup> Portanto, a lembrança de Braunau am Inn significava a fronteira entre dois países que ele via como sua missão unir.

A obra de Hitler serviu também para o biógrafo identificar que Alois foi um péssimo pai e esposo. Em um primeiro momento, Kershaw, destacou que Alois era violento e que isso, muito possivelmente, afetou a sua esposa. Ele fez essa afirmação a partir de um trecho em *Mein Kampf*, no qual Hitler descreveu as condições de uma família de trabalhadores em que crianças testemunharam espancamentos na mãe por um pai bêbado. Segundo Kershaw, “pode muito bem ter-se inspirado em parte nas suas próprias experiências de infância”.<sup>438</sup>

Quando foram para Linz, Hitler estava na sua terceira escola primária. Inicialmente, pareceu ter estabelecido um novo conjunto de colegas de escola. Todavia, em 1900, os dias despreocupados terminaram, pois sua família foi impactada pela morte do irmão mais novo, Edmund. Com isso, as ambições carreiristas a descendência de Alois recaíram sobre Adolf. Estas levaram à tensão entre pai e filho nos anos restantes da vida de Alois. Para destacar as pressões que Alois exerceu sobre o filho em relação à profissão, *Mein Kampf* foi a grande fonte de informações de Kershaw.

A relação entre pai e filho foi precarizada pelas disputas da carreira “futura do rapaz”. Kershaw chegou a essa conclusão a partir da passagem de Hitler em *Mein Kampf*. Nesta, de acordo com o biógrafo, Hitler heroiciza o seu próprio desafio às tentativas do seu pai de o transformar em um funcionário público e culpa o seu fraco desempenho na escola por esta rejeição intencional dos desejos do seu pai. Na obra, temos um relato extenso de Hitler, a saber:

Basicamente, ele era de opinião que, tal como ele, o seu filho também teria, naturalmente, de se tornar funcionário público. A sua amarga juventude naturalmente fez com que tudo o que mais tarde conseguiu parecesse ainda maior, pois foi apenas o resultado exclusivo do seu trabalho duro e da sua própria energia. [...] A ideia de rejeitar o que outrora se tornou o conteúdo de toda a sua vida parecia-lhe incompreensível. Portanto, a decisão do pai foi simples, definida e clara, evidente aos seus próprios olhos. Finalmente, teria parecido completamente insuportável à sua natureza, que se tornou dominadora na amarga luta pela existência de uma vida inteira, deixar a decisão final em tais assuntos ao próprio menino, que aos seus olhos era inexperiente e, portanto, ainda não

<sup>437</sup> HITLER, Adolf. **Mein Kampf**, 876-880th reprint, Munich, 1943, p. 2.

<sup>438</sup> KERSHAW, 1999, p. 13.

responsável. Isto também teria sido considerado uma fraqueza má e repreensível no exercício da autoridade paterna e da responsabilidade pela vida posterior do filho que lhe era devida e que se enquadraria na sua outra visão do cumprimento do dever.<sup>439</sup>

Todas as tentativas de Alois de entusiasmar o seu filho depararam com uma rejeição inflexível. Hitler deixou evidente em *Mein Kampf* que a não aceitação de seguir a carreira do funcionário público foi o principal embate que teve com seu pai:

Pela primeira vez na minha vida, quando eu tinha apenas onze anos, fui forçado a fazer oposição. Não importa o quanto duro e determinado seu pai pudesse ser ao levar adiante os planos e intenções que ele havia traçado em mente, seu filho era igualmente teimoso e teimoso ao rejeitar uma ideia que não o atraía ou apenas o atraía ligeiramente. Eu não queria me tornar funcionário público. Nem a persuasão nem as ideias “sérias” poderiam mudar esta resistência. Eu não queria ser funcionário público, não e não de novo. Todas as tentativas de despertar em mim o amor ou o desejo por esta profissão através de descrições da vida do próprio pai se transformaram no contrário. Fiquei enjoado ao pensar em um dia poder sentar-me em um escritório como um homem não livre; não ser capaz de ser o dono do seu próprio tempo, mas ter que forçar o conteúdo de toda a sua vida em formulários que precisam ser preenchidos.<sup>440</sup>

Outro embate recontado por Kershaw, por meio da obra de Hitler, foi em relação ao tema do nacionalismo alemão. Adolf foi atraído na sua escola de Linz para os símbolos e encantamentos do nacionalismo pan-alemão ao estilo Georg Ritter von Schönerer (que defendia o pan-germanismo, o antisemitismo, o anti-eslavismo e o anticatolicismo), e que encontrou apoiantes entre a juventude. Segundo o historiador, Adolf não estava envolvido com o movimento Schönerer, “[...] mas é quase certo que o filho opinativo e disputador irritou ainda mais o seu pai através da sua ridicularização e zombaria pan-alemã do próprio estado a que o seu pai tinha dedicado a sua vida”.<sup>441</sup> Essa observação foi feita tendo como referência as reflexões que Hitler fez sobre a aliança entre a Áustria e a Alemanha, que, na visão do autor, sancionava a lenta erradicação da identidade germânica na monarquia austríaca.

A hipocrisia dos Habsburgos, com a qual foram capazes de criar para o mundo exterior a aparência de que a Áustria ainda era um Estado alemão, aumentou o ódio desta casa tanto para extrema indignação como para desprezo. Somente no próprio império aqueles que já foram “nomeados” não viram nada disso. Como se estivessem cegos, caminharam ao lado de um cadáver e até pensaram detectar sinais de “nova” vida nos sinais de decomposição. A infeliz ligação entre o jovem império e o pseudo-Estado austríaco lançou as sementes da guerra mundial posterior, mas também do colapso. Terei que lidar com esse problema em

---

<sup>439</sup> HITLER, 1943, p. 6.

<sup>440</sup> Idem, p. 7.

<sup>441</sup> Idem, p. 18.

detalhes no decorrer deste livro. Basta dizer aqui que basicamente cheguei a uma conclusão na minha juventude que nunca me abandonou, mas apenas se aprofundou: nomeadamente, que a garantia do germanismo pressupunha a destruição da Áustria, e que o sentimento nacional posterior não é idêntico ao patriotismo dinástico; que acima de tudo a jazida de minério dos Habsburgos estava destinada ao infortúnio da nação alemã. Já nessa altura eu tinha tirado as consequências desta constatação: amor apaixonado pela minha pátria germano-austriaca, ódio profundo pelo Estado austríaco.<sup>442</sup>

Além disso, a descrição que Hitler realizou dos seus primeiros anos indicou para o biógrafo que a falta de afeto que ele sentiu no seu pai foi mais do que recompensado pela sua mãe. Kershaw sinalizou que a sua mãe, provavelmente, foi a única pessoa que Hitler amou verdadeiramente em toda a sua vida. O período entre a saída da escola no outono de 1905 até morte da mãe de Hitler no final de 1907 foi descrito em *Mein Kampf*. Pela imprecisão do relato, poderia presumir-se que a morte de Klara se seguiu a dois, e não quatro, anos após a do seu marido. Kershaw afirmou que Adolf sentiu-se sozinho e desprovido com a morte de sua mãe. Ele tinha perdido a única pessoa por quem alguma vez sentira afeto. Essa afirmação teve como fonte principal o desabafo que Hitler fez em seu livro. Neste, Hitler declarou que

Dois anos depois, a morte de sua mãe pôs fim abruptamente a todos os planos maravilhosos. Foi o fim de uma doença longa e dolorosa que deixou poucas chances de recuperação desde o início. No entanto, o golpe me atingiu de forma particularmente terrível. Eu adorava meu pai, mas **amava minha mãe.**<sup>443</sup> (Grifo meu)

Após a morte de sua mãe, regressou a Viena pela terceira vez, para ficar durante alguns anos, o seu objetivo era tornar-se arquiteto. No entanto, quando regressou, em fevereiro de 1908, não foi para prosseguir com o curso necessário para se tornar arquiteto, e sim para continuar a vida de indolência, ociosidade e autoindulgência que tinha seguido antes da morte da sua mãe. Apesar de relatar em *Mein Kampf* sobre dificuldades, Kershaw alegou que a sua condição financeira era substancialmente melhor do que a da maioria dos estudantes genuínos de Viena. Em questão emocional, esse período, para Kershaw, foi marcado por um choque de realidade.

A sua incapacidade de entrar na Academia e a morte da sua mãe, ambas ocorridas em menos de quatro meses no final de 1907, representaram um golpe duplo esmagador para o jovem Hitler. Ele tinha sido bruscamente sacudido do seu sonho de um caminho sem esforço para a fama de grande artista; e a única pessoa de quem dependia emocionalmente tinha-se perdido para ele quase ao mesmo tempo.

---

<sup>442</sup> Idem, p. 14.

<sup>443</sup> Idem, p. 16, grifo meu.

No entanto, a sua fantasia artística permaneceu. Qualquer alternativa, dentre elas, como encontrar um emprego estável em Linz, era claramente um pensamento abominável para Hitler. A sua única esperança repousava no exame de admissão à Academia no ano seguinte. Apesar das suas chances serem mínimas, não fez nada para aumentá-las.

Para Kershaw, a passagem do provincianismo acolhedor de Linz para o caldeirão político e social de Viena marcou uma transição crucial na vida de Hitler. A seu ver, “a experiências na capital austríaca deveriam deixar uma marca indelével no jovem Hitler e moldar decisivamente a formação dos seus preconceitos e fobias”.<sup>444</sup>

Mesmo reconstruindo os traços iniciais da vida de Hitler, por meio das próprias informações fornecidas por Adolf Hitler em *Mein Kampf*, Kershaw esclareceu que eles não eram suficientes para “prever” o que estava por vir. Não era possível olhar para o jovem Hitler e saber que dele emergiria um ditador assassino, por exemplo. Direcionar a compreensão de quem foi Hitler “olhando” apenas para sua infância poderia gerar mais engano do que compreensão, pois, em suas palavras, “Se excluirmos o nosso conhecimento do que estava para vir, as suas circunstâncias familiares invocam, na sua maioria, a simpatia pela criança a eles exposta”.<sup>445</sup> Portanto, Kershaw utilizou *Mein Kampf* para contestar as versões que tentavam compreender ou afirmar que, desde a infância, já era possível perceber que Hitler se tornaria um ditador sanguinário, ou mesmo que sua infância já destoava de uma certa normalidade.

No capítulo dois, o de maior concentração de referências à *Mein Kampf*, Kershaw se dedicou a tratar o período que Hitler passou em Viena entre fevereiro de 1908 e maio de 1913, quando deixou a capital austríaca para Munique e o início de uma nova vida na Alemanha. Em *Mein Kampf*, Hitler relatou que Viena despertou apenas “pensamentos sombrios” e que foi “o período mais triste” da sua vida. Entretanto, os anos em Viena, segundo o próprio Hitler, foram cruciais para a formação do seu carácter e da sua filosofia política.

Nesse período, conforme as passagens de *Mein Kampf* que Kershaw reproduziu, Hitler conheceu duas ameaças das quais não tinha conhecimento: o marxismo e o judaísmo. Para Hitler, foi em Viena que a sua ingenuidade social e política com que chegou à cidade foi substituída pela “visão do mundo” que formou a “fundação de granito” da sua luta política.<sup>446</sup> Em seu relato destes anos, descreveu como a privação, a pobreza extrema, a vida entre as escórias da sociedade, e um estudo ávido produziram a sua compreensão política e a formação

---

<sup>444</sup> KERSHAW, 1999, p. 26.

<sup>445</sup> Idem, p. 13.

<sup>446</sup> Idem, p. 28.

decisiva da sua “visão do mundo”. Na passagem em *Mein Kampf*, Hitler relembrou que durante aquele tempo,

[...] os meus olhos também se abririam para dois perigos, ambos os quais eu mal conhecia pelo nome, mas de forma alguma compreendi o seu terrível significado para a existência do povo alemão: o marxismo e o judaísmo. Viena, a cidade que tantos veem como o epítome da felicidade inofensiva, um espaço festivo para pessoas felizes, infelizmente para mim é apenas uma memória viva do momento mais triste da minha vida. Ainda hoje, esta cidade só consegue despertar em mim pensamentos sombrios. Para mim, cinco anos de miséria e miséria estão contidos no nome desta cidade. [...] Durante esse tempo, formei uma visão de mundo e uma visão de mundo que se tornou a base granítica de minhas ações atuais. Só tive que aprender algumas coisas com o que criei uma vez; não precisei mudar nada.<sup>447</sup>

No entanto, para Kershaw Hitler estava a escrever, como sempre nas suas declarações públicas, para efeito. Conforme salientou, “A imagem heroica de um génio cuja personalidade única e ‘visão do mundo’ tinha sido forjada através do triunfo da força de vontade sobre a adversidade era a base dessa reivindicação. Era, em grande parte, um mito”.<sup>448</sup> Para o biógrafo, os relatos autobiográficos de Hitler não foram escritos buscando exatidão factual, mas apenas o seu propósito político. E, apesar de esses relatos descreverem *graficamente* “a compreensão política e a formação decisiva da sua ‘visão do mundo’”, Kershaw buscou reconstruir esse período da vida de Hitler em Viena para identificar realmente em qual momento a “visão de mundo” de Hitler foi cristalizada.<sup>449</sup>

Kerhsaw reconheceu que a reconstrução precisa do período de Hitler em Viena não era fácil, visto que, para além dos relatos do próprio Hitler em *Mein Kampf*, compreender esse período significava contentar-se com testemunho questionável de quatro indivíduos: August Kubizek, Reinhold Hanisch, Karl Honisch e um anónimo. Apesar dos depoimentos questionáveis, cada um conheceu Hitler por breves períodos durante a sua estadia em Viena.

Como destacou, “Muitos detalhes, alguns deles significativos, dos anos de Viena de Hitler continuam a não ser claros. Não menos importante, como e quando a ‘visão do mundo’ de Hitler veio a ser formada é muito menos evidente do que o seu próprio relato sugere”.<sup>450</sup> No entanto, para o biógrafo, e como vimos no tópico anterior, independentemente das incertezas, não há dúvidas de que o período em Viena deixou de fato a sua marca duradoura no desenvolvimento de Hitler.

---

<sup>447</sup> HITLER, 1943, p. 20-21.

<sup>448</sup> KERSHAW, 1999, p. 29 e 30.

<sup>449</sup> Idem, p. 30.

<sup>450</sup> Idem.

Como a pergunta de por que e quando foi que Hitler se tornou o antisemita patológico, Kershaw buscou descontruir a versão oficial criada por Hitler desde o seu primeiro escrito em *Mein Kampf* a seu testamento no Burke em Berlin em 1945. Segundo o autor, uma vez que o seu ódio paranoico moldou políticas que culminaram com o assassinato de milhões de judeus, esta era uma questão importante a se responder. De antemão, o autor afirmou que não era possível saber ao certo porquê, nem mesmo quando, Hitler se transformou em um antisemita maníaco e obsessivo.

De acordo com a versão de Hitler em *Mein Kampf*, que Kershaw explicitou na narrativa, ele não tinha sido um antisemita em Linz. Já em Viena, ele tinha sido inicialmente alienado pela imprensa antisemita de lá. A crescente admiração por Karl Lueger – o presidente da câmara alemão – ajudou a mudar a sua atitude em relação aos judeus e no espaço de dois anos a transformação estava completa. Sobre seu período em Viena, em sua obra, Hitler relatou que

O conglomerado racial que a capital imperial mostrou era nojento para mim, toda a mistura de povos tchecos, poloneses, húngaros, rutenos, sérvios e croatas, etc., mas entre todos eles como a eterna divisão entre a humanidade – judeus e judeus novamente. A cidade gigante parecia-me a personificação do incesto. Meu alemão quando jovem era o dialeto que a Baixa Baviera também fala; não consegui esquecê-lo nem aprender o jargão vienense. Quanto mais tempo permanecia nesta cidade, mais aumentava o meu ódio pela mistura estrangeira de povos que começava a corroer este antigo local cultural alemão. Mas a ideia de que esse estado pudesse ser mantido por mais tempo parecia-me completamente ridícula.<sup>451</sup>

Hitler colocou como determinante um encontro que teve pelas ruas de Viena com um judeu de caftan. Após o encontro, Hitler começou a comprar panfletos antisemitas. Viena apareceu agora sob uma luz diferente, segundo seu relato; onde quer que fosse, começava a ver os judeus, e quanto mais via, mais os distinguiam do resto da humanidade. O que fez sua repulsa aumentar rapidamente.

Segundo Kershaw, em *Mein Kampf*, Hitler descreveu um medo mórbido de impureza, sujidade e doença, e tudo o que ele associou aos judeus. Assim como formou o seu ódio recém-fundado em uma teoria da conspiração. Quando observamos a obra escrita por Hitler, encontramos essa descrição:

Era completamente falso, portanto mentiroso e pouco adequado à sempre reivindicada alívio e pureza moral deste povo. Em geral, a limpeza moral e outras deste povo era um ponto em si. Dava para perceber pela aparência que não eram amantes da água, infelizmente muitas vezes mesmo com os olhos fechados.

---

<sup>451</sup> HITLER, 1943, p. 135.

Mais tarde, o cheiro desses cafetãs às vezes me deixava enjoado. Somado a isso estavam as roupas sujas e a aparência nada heroica. Tudo isso não poderia parecer muito atraente; mas era preciso sentir repulsa quando de repente se descobria, além da impureza física, a sujeira moral do povo escolhido. Nada me fez pensar mais profundamente num curto espaço de tempo do que a compreensão lentamente emergente da natureza das atividades dos judeus em certas áreas. Houve alguma sujeira, alguma vergonha, especialmente na vida cultural, na qual pelo menos um judeu não estivesse envolvido? Assim que se cortava cuidadosamente tal tumor, encontrava-se, como o verme no corpo em decomposição, muitas vezes completamente cego pela luz repentina, um pequeno judeu. Foi um fardo pesado que o Judaísmo recebeu aos meus olhos quando tomei conhecimento da sua atividade na imprensa, na arte, na literatura e no teatro.<sup>452</sup>

Como Kershaw destacou, Hitler ligou os judeus a cada mal que percebia: a imprensa liberal, a vida cultural, a prostituição, e identificou-os como a força motriz da social-democracia. Ele associou o marxismo e ao judaísmo por meio daquilo que chamou “doutrina judaica do marxismo”. No entanto, Kershaw mostrou que a versão de oficial de Hitler não foi corroborada pelas outras fontes que lançam luz sobre o seu tempo de em Viena. As provas disponíveis, para além das próprias palavras de Hitler, oferecem pouco para confirmar que ele foi convertido ao antisemitismo racial maníaco enquanto esteve em Viena.

Ao trazer os outros relatos, Kershaw buscou em sua interpretação o que ele definiu como “equilíbrio das probabilidades”.<sup>453</sup> De acordo com o historiador, não existia nenhuma confirmação contemporânea viável do antisemitismo paranoico de Hitler durante o período de Viena. Isso o fazia acreditar que Hitler não era de todo antisemita nesta altura. Além disso, como pontuou, os camaradas próximos de Hitler durante a Primeira Guerra Mundial também recordaram que ele não expressou opiniões antisemíticas evidentes.

Kershaw passou a se questionar por que poderia Hitler fabricar, principalmente em seu livro, a alegação de que se tinha tornado um antisemita ideológico em Viena, e porque foi que uma “conversão” no final da guerra poderia ser considerada como algo a ser ocultado por uma história de uma transformação anterior. A resposta de Kershaw era a imagem que Hitler estava a estabelecer para si próprio no início dos anos 20, e particularmente após o *Putsch* fracassado e o seu julgamento, visto que

isto exigia que o autorretrato pintado em *Mein Kampf* fosse de alguém que lutou desde o início contra a adversidade, e, rejeitado pelo estabelecimento académico, ensinou-se a si próprio através de um estudo meticoloso, chegando – sobretudo através das suas próprias experiências amargas – a percepções únicas sobre a

---

<sup>452</sup> Idem, p. 61.

<sup>453</sup> KERSHAW, 1999, p. 62.

sociedade e a política que lhe permitiram, sem assistência, formular, aos vinte anos de idade, uma “visão do mundo” arredondada.<sup>454</sup>

A “visão do mundo” inalterada, dizia Hitler, proporcionou-lhe a pretensão de liderança do movimento nacional, assim como a pretensão de ser o “grande líder” da Alemanha.<sup>455</sup> Para Kershaw, há chance de nessa altura o próprio Hitler tivesse convencido que sua visão de mundo realmente tivesse sido concluída durante os seus anos de Viena. Além do mais, no início da década de 1920 ninguém estava em condições de confrontar a história. Contradizer essa versão ao dizer que ele se tornou um antissemítico ideológico apenas no final da guerra, pois estava cego de gás mostarda e ouviu falar da derrota da Alemanha e da revolução, soaria menos heroico.

Contudo, para Kershaw, era difícil acreditar que Hitler de todas as pessoas, dada a intensidade do seu ódio aos judeus entre 1919 e o fim da sua vida, não tenha sido afetado pela atmosfera antissemítica da Viena que conhecidamente era uma das cidades mais antijudaicas da Europa. Deixando de lado o incidente provocado pelo judeu caftan, a descrição de Hitler da sua exposição gradual por meio da imprensa antissemítica ao profundo preconceito antijudeu e o seu impacto sobre ele enquanto estava em Viena, para Kershaw, tem o seu ponto de inflexão.

Outra pergunta foi acionada por Kershaw para construir o “equilíbrio das probabilidades” sobre quando o antisemitismo maníaco de Hitler surgiu: “se o antisemitismo de Hitler foi de fato formado em Viena, porque é que passou despercebido aos que o rodeavam?”.<sup>456</sup> Uma possibilidade de resposta para o autor era que naquele foco de antisemitismo raivoso, o sentimento antijudaico era tão comum que podia passar despercebido. No entanto, ainda existem provas de Reinhold Hanisch (que viveu com Hitler em um abrigo) e um anônimo sobre a amizade de Hitler com os judeus. O que contradiz o relato do próprio Hitler sobre a sua conversão ao antisemitismo em Viena.

Kershaw, a partir da confrontação dos relatos em *Mein Kampf*, concluiu que parece mais provável que Hitler tenha de fato vindo a odiar os judeus durante a sua estadia em Viena, mas, nesta altura, ainda era pouco mais do que uma racionalização das suas circunstâncias pessoais, em vez de uma “visão do mundo” pensada. Era um ódio pessoal em que ele culpava os judeus por todos os males que enfrentou em uma cidade que associava à sua própria miséria. Qualquer expressão deste ódio não se destacava para aqueles à sua volta onde o virulento antissemítico era tão normal. Assim como enquanto precisasse de judeus para o ajudar a ganhar a vida, silenciou-

---

<sup>454</sup> Idem, p. 65.

<sup>455</sup> HITLER, 1943, p. 71.

<sup>456</sup> KERSHAW, 1999, p. 66.

se sobre as suas verdadeiras opiniões e, até mesmo, fez comentários insinuantes que poderiam ser tomados como elogios à cultura judaica.

Os anos de Viena tinham terminado. Tinham marcado indelevelmente a personalidade de Hitler e o ‘estoque básico de opiniões pessoais’ que ele tinha. Mas estas ‘opiniões pessoais’ ainda não tinham formulado a ideologia de pleno direito, ou ‘visão do mundo’. Para que isso acontecesse, uma escola ainda mais dura que Viena tinha de ser experimentada: guerra e derrota. E só as circunstâncias únicas produzidas por essa guerra e derrota permitiram que um austríaco desistente encontrasse atração numa terra diferente, entre os povos do seu país de adoção.<sup>457</sup>

No capítulo *Júbilo e amargura*, Kershaw se baseou nos relatos de Hitler em *Mein Kampf* para demonstrar a sua compreensão que a atmosfera de desintegração e colapso moral, o clima de radicalização política e ideológica, nos últimos dois anos de guerra, causou a mais profunda impressão em um Hitler que tinha acolhido a guerra, tinha apoiado os objetivos alemães fanaticamente, e tinha desde o início condenado todas as sugestões derrotistas. Segundo o historiador, foi no período em que ele passou na Alemanha, quer em licença quer em recuperação de ferimentos nos últimos dois anos de guerra, que experimentou um nível de aversão na condução da guerra que era novo. Acreditamos que essa percepção do biógrafo foi uma paráfrase do próprio relato de Hitler em *Mein Kampf*, visto que, na obra, Hitler declarou que

Agora, no outono de 1918, estávamos pela terceira vez no terreno tempestuoso de 1914. A nossa antiga pacata cidade de Comines tornara-se agora um campo de batalha. É claro que, mesmo que o campo de batalha fosse o mesmo, as pessoas tinham mudado: as coisas estavam agora “politizadas” nas tropas. O **veneno da pátria** começou a fazer efeito aqui, como fez em toda parte.<sup>458</sup> (Grifo meu)

Ian Kershaw, durante todo o capítulo 3, afirmou que “os preconceitos políticos de Hitler se acentuaram na última parte da guerra, durante e após o seu primeiro período de licença na Alemanha em 1916”.<sup>459</sup> Essa ideia foi derivada também do mesmo relato de Hitler em *Mein Kampf*, citado anteriormente. Em um quase “desabafo”, ao falar do período em que ficou afastado do *front*, após um acidente com gás de mostarda, o então soldado alemão descreveu suas impressões sobre o clima derrotista da população alemã, mas, o principal, foi a sua associação do colapso da guerra ao povo judeu:

As coisas eram ainda piores quando se tratava da economia. Aqui o povo judeu tornou-se realmente “indispensável”. A aranha começou a sugar lentamente o

---

<sup>457</sup> Idem, p. 69.

<sup>458</sup> HITLER, 1943, p. 213.

<sup>459</sup> KERSHAW, 1999, p. 94.

sangue dos poros das pessoas. Ao fazer um desvio pelas sociedades de guerra, descobriu-se que o instrumento acabaria gradualmente com a economia nacional e livre. A necessidade de centralização irrestrita foi enfatizada. Na verdade, quase toda a produção já estava sob o controlo dos judeus financeiros em 1916/17. Mas contra quem era dirigido o ódio do povo? Durante esse tempo, vi com horror que se aproximava um desastre que, se não fosse evitado na hora certa, levaria inevitavelmente ao colapso. Enquanto os judeus roubavam de toda a nação e a forçavam sob seu domínio, as pessoas agitavam-se contra os “prussianos”. Tal como na frente, nada foi feito em casa para contrariar esta propaganda venenosa. As pessoas pareciam não ter ideia de que o colapso da Prússia não levaria a um renascimento na Baviera e que, pelo contrário, cada queda de um arrastaria inevitavelmente o outro consigo, irremediavelmente para o abismo. Fiquei extremamente arrependido por esse comportamento. Eu só conseguia ver nele o truque mais engenhoso do judeu, que pretendia desviar minha atenção geral dele mesmo e dos outros. Enquanto os bávaros e os prussianos discutiam, ele mantinha a existência deles debaixo do nariz deles; enquanto as pessoas na Baviera protestavam contra os prussianos, os judeus organizavam a revolução e destruíam a Prússia e a Baviera ao mesmo tempo.<sup>460</sup>

Isso, para Kershaw, denotava que os dois últimos anos da guerra podem ser vistos como um ponto importante para o desenvolvimento ideológico de Hitler. Nas palavras do autor, “Os preconceitos e fobias herdados dos anos de Viena eram agora claramente evidentes na sua raiva amargurada sobre o colapso do esforço de guerra – uma causa à qual, pela primeira vez na sua vida, se tinha totalmente vinculado, a soma de tudo aquilo em que tinha acreditado”.<sup>461</sup> Mas, mesmo assim, ainda não tinham sido racionalizados em sua ideologia política. Isso só viria acontecer durante a “formação política” de Hitler no Reichswehr, no decurso de 1919.

Para Kershaw, não era fácil avaliar o papel, por exemplo, que a hospitalização em Pasewalk desempenhou na formação da ideologia de Hitler, o significado que teve para a formação do futuro líder e ditador do partido. Para o próprio Hitler, como descrito em seu livro, teve um lugar central. Hitler referiu-se à sua experiência de Pasewalk em várias ocasiões no início da década de 1920; dizia que, ao ficar cego, recebeu um tipo de visão para libertar o povo alemão e tornar a Alemanha grande novamente. Como afirmou Kershaw, esta experiência improvável fez parte da mistificação da sua própria pessoa que Hitler criou como um componente-chave do mito do *Führer* que já estava embrionariamente presente entre muitos dos seus seguidores nos dois anos que antecederam a tentativa de *Putsch*.

Todavia, Kershaw considerou que reduzir os complexos desenvolvimentos que levariam ao assassinato em massa dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial ao trauma de uma única pessoa em 1918 parece ser uma especulação que carece de persuasão. Segundo ele,

---

<sup>460</sup> HITLER, 1943, p. 213-214.

<sup>461</sup> KERSHAW, 1999, p. 103.

o “equilíbrio das probabilidades” sugeria um processo menos dramático de desenvolvimento ideológico e de consciência política.

Qualquer que seja o estado de choque e ansiedade de Hitler em relação à sua cegueira temporária e parcial (da qual começava a recuperar), os efeitos do gás de mostarda não danificam o olho em si, e não produzem cegueira real, mas sim uma conjuntivite e inchaço das pálpebras, o que fez com que a visão ficasse, durante algum tempo, muito prejudicada. De todo modo, o que se afigurou foi que Hitler ficou profundamente indignado com as notícias da revolução; que sentiu que era uma traição absoluta e imperdoável a tudo aquilo em que acreditava, e, a partir da sua dor, desconforto e amargura, procurou os culpados que lhe dessem uma explicação de como o seu mundo tinha desmoronado.

O que não se pode duvidar, de acordo com Kershaw, foi que para Hitler esses dias perturbadores foram nada menos do que uma experiência traumática. No ano seguinte, toda a sua atividade política foi impulsionada pelo trauma de 1918, “com o objetivo de expurgar a derrota e revolução que tinha traído tudo aquilo em que acreditava, e eliminar aqueles que considerava responsáveis”.<sup>462</sup>

Para o autor, Pasewalk pode ser visto como o momento em que, à medida que Hitler ficava atormentado, procurava uma explicação de como o seu mundo tinha sido despedaçado. Devastado pelos acontecimentos, ele deve ter lido neles uma confirmação dos pontos de vista que sempre teve desde os dias de Viena sobre judeus e social-democratas, sobre marxismo e internacionalismo, sobre pacifismo e democracia. Mesmo assim, apesar do que buscou “criar” em *Mein Kampf*, não foi naquele momento que sua visão de mundo estava completa. A fusão do seu antisemitismo e antimarxismo estava ainda para vir.

Não há provas autênticas de que Hitler, até este ponto, inclusive, tenha dito uma palavra sobre o bolchevismo. Nem o teria feito, mesmo nos seus primeiros discursos públicos em Munique, antes de 1920. A ligação do bolchevismo com as suas figuras de ódio internas, a sua incorporação e adopção de um lugar central na sua “visão do mundo”, ocorreu apenas durante o seu tempo no Reichswehr, no Verão de 1919. E mais tarde veio ainda a preocupação com o ‘espaço vital’ – apenas emergindo num tema dominante na altura em que ele ditou *Mein Kampf* 1924.<sup>463</sup>

Isto é, Pasewalk foi um passo importante para a racionalização de Hitler dos seus preconceitos. Sobre este momento, Hitler indagou que “Apenas algumas horas depois, meus olhos se transformaram em carvões brilhantes e a escuridão caiu ao meu redor. Então acabei no

---

<sup>462</sup> Idem, p. 104.

<sup>463</sup> Idem.

hospital Pasewalk, na Pomerânia, e lá tive que vivenciar a revolução!”.<sup>464</sup> Ao se referir à revolução, Hitler estava a falar sobre judeus e social-democratas. No entanto, ainda mais importante, muito provavelmente, na compreensão de Kershaw, foi o tempo que passou no Reichswehr (conjunto de forças armadas alemãs), em 1919.

O último ponto implausível que biógrafo destacou foi a história que Hitler em Pasewalk envolveu na política. Em nenhum dos seus discursos antes do *Putsch* em novembro de 1923, Hitler disse uma palavra sobre a decisão de entrar na política no outono de 1918. Para o autor, Hitler sequer estava em posição de "decidir" entrar na política. O fim da guerra significou que, assim como a maioria dos outros soldados, ele enfrentou a desmobilização. O exército tinha sido a sua casa durante quatro anos, e, de uma hora para outra, mais uma vez, tinha como futuro a incerteza.

Em síntese, com o objetivou de desconstruir a “construção” de Hitler realizada em *Mein Kampf* (no capítulo 7 intitulado *Die Revolution*), Kershaw buscou demonstrar que Hitler basicamente saiu da guerra do mesmo jeito que entrou. Quando deixou Pasewalk em 19 de novembro de 1918, oito dias após o Armistício, para regressar a Munique, tinha pouco dinheiro na conta, nenhuma carreira o esperava. Além disso, não fez qualquer esforço para entrar para a política. Por isso, o exército foi tão importante. O exército deu-lhe oportunidade. Ele conseguiu evitar a desmobilização por mais tempo do que quase todos os seus antigos camaradas, mantendo-se na folha de pagamentos até 31 de março de 1920.

Foi no exército, em 1919, que a sua ideologia finalmente tomou forma. Acima de tudo, o exército, nas circunstâncias extraordinárias de 1919, transformou Hitler num propagandista - o demagogo mais talentoso da sua época. Não uma escolha deliberada, mas aproveitando ao máximo as condições em que se encontrou, proporcionou a Hitler a sua entrada na política. O oportunismo – e uma boa fatia de sorte – foram mais instrumentais do que a força de vontade.<sup>465</sup>

No capítulo 4, a função da utilização de *Mein Kampf* foi pontual: narrar sobre a entrada de Hitler como membro do DAP. Kershaw teve como ponto inicial descrever sobre a reunião de 12 de setembro de 1919 em que Hitler foi enviado para participar. Como destacou o autor, de acordo com o seu próprio relato em seu livro, Hitler já tinha ouvido a palestra antes, por isso levou a observar o partido, que ele considerou ser uma “organização aborrecida”. Para Hitler, o Partido dos Trabalhadores Alemão não diferia dos muitos outros pequenos partidos que surgiam em todos os cantos de Munique naquele período. Ele estava de partida quando, na

---

<sup>464</sup> HITLER, 1943, p. 221.

<sup>465</sup> KERSHAW, 1999, p. 105.

discussão que se seguiu à palestra, um convidado, um professor Baumann, atacou Gottfried Feder e depois falou a favor do separatismo bávaro. Hitler relatou de forma detalhada essa reunião específica em sua obra, a saber:

Depois de ouvi-lo durante cerca de duas horas, julguei que o “Partido dos Trabalhadores Alemães” não seria diferente. Quando Feder finalmente fechou, fiquei feliz. Já tinha visto o suficiente e estava prestes a partir quando o debate livre agora anunciado me convenceu a ficar. Mas também aqui tudo parecia sem sentido até que um “professor” de repente falou, que a princípio duvidou da exatidão das razões de Feder, mas depois – após uma resposta muito boa de Feder – de repente se resumiu a “fatos factuais”. Mas não sem recomendar fortemente que o jovem partido assuma a luta pela “separação” da Baviera da “Prússia” como um ponto programático particularmente importante. O homem afirmou corajosamente que, neste caso, a Áustria alemã, em particular, se juntaria imediatamente à Baviera, que a paz seria então muito melhor e mais absurdos semelhantes.<sup>466</sup>

De acordo com o biógrafo, o Presidente do Partido, Anton Drexler, ficou impressionado com a intervenção de Hitler. Ao final da reunião, deu-lhe seu próprio panfleto, convidando-o a regressar dentro de poucos dias para juntar-se ao novo movimento. Sobre a sua intervenção na reunião e a reação de Dexter, Hitler descreveu que

[...] não pude deixar de falar e dizer ao erudito cavalheiro a minha opinião sobre este ponto - com o resultado de que o orador anterior deixou o restaurante como um poodle regado antes mesmo de eu terminar. Quando eu falava, as pessoas ouviam com rostos de espanto, e só quando eu estava prestes a dar boa noite à congregação e ir embora é que um homem veio correndo atrás de mim e se apresentou (não entendi muito bem o nome dele) e. entregou-me um pequeno folheto, claramente uma brochura política, com o pedido urgente para que eu o lesse.<sup>467</sup>

Kershaw expôs, com base no relato de Hitler, que, “incapaz de dormir, leu o panfleto de Drexler na madrugada, e este atingiu um acorde com ele, lembrando-o, segundo ele, do seu próprio ‘despertar político’ doze anos antes”.<sup>468</sup> Após uma semana, recebeu um postal informando-o de que tinha sido aceito como membro, e deveria assistir a uma reunião da comissão do partido para discutir o assunto. Embora a sua reação imediata tenha sido negativa, ele foi a uma reunião do pequeno grupo de liderança no Altes Rosenbad. Ele simpatizou com os objetivos políticos, mas ficou chocado, com pequena organização que encontrou por lá. Após alguns dias de indecisão, finalmente tomou a decisão de aderir. Segundo o historiador, o que determinou foi a sensação de que uma organização tão pequena o oferecia uma oportunidade,

<sup>466</sup> HITLER, 1943, p. 237.

<sup>467</sup> HITLER, 1943, p. 238.

<sup>468</sup> KERSHAW, 1999, p. 126.

a perspectiva de deixar a sua marca e dominá-la. Durante a segunda quinzena de setembro, Hitler ingressou no Partido dos Trabalhadores Alemães e recebeu o número de membro 555. Portanto, ele não era, como sempre afirmou, o sétimo membro.

O relato em *Mein Kampf* sobre sua entrada no partido não pode, segundo Kershaw, ser tomado à letra, assim como todo o resto. Visto que, serviu na construção da lenda do Führer que já estava a ser cultivada. Independentemente do que Hitler escreveu sobre a sua luta para se juntar ou não ao DAP, a decisão final poderia não ter sido sua. Ao deixar o exército, a sua confiança reforçada pelos seus sucessos iniciais como orador do DAP nas cervejarias de Munique tinha emergido como uma abertura de carreira pronta a substituir as fantasias de se tornar um grande arquiteto e as realidades de regressar a uma existência como um pequeno pintor de cenas de rua e atrações turísticas. Sem a tutela do Capitão Mayr, poderia nunca ter ouvido falar de Hitler. “Como era, nem que fosse apenas nas franjas do cervejeiro, ele poderia agora tornar-se um agitador e propagandista político a tempo inteiro. Ele podia fazer da sua vida a única coisa que era bom a fazer.”<sup>469</sup>

Na percepção de Kershaw, o caminho desde Pasewalk até se tornar a principal atração do DAP não tinha sido determinado por qualquer reconhecimento repentino de uma “missão” para salvar a Alemanha, pela força da personalidade, ou por um “triunfo da vontade”. Tinha sido moldado pela circunstância, oportunismo, boa sorte e, não menos importante, pelo apoio do exército, representado por meio de Mayr. Nas palavras do autor, Hitler não veio para a política, a política veio até ele – no quartel de Munique.

A contribuição de Hitler, depois de deixar a sua marca através da prontidão em denunciar os seus camaradas após a Räterepublik, tinha-se limitado a um talento invulgar para apelar aos instintos dos seus ouvintes, no campo de Lechfeld, depois nas cervejarias de Munique, juntamente com um olho afiado para explorar a principal hipótese de avanço. Estas ‘qualidades’ seriam inestimáveis nos próximos anos. Ajudariam a ganhar-lhe poder e apoio crescentes no seio do movimento nazi infantil. Não menos importante, torná-lo-iam atraente para a Direita nacionalista mais ampla, que tinha feito da Baviera o seu lar e procurava construir o seu desafio para a República democrática que tanto detestava. Poderosos patronos em Munique viriam a reconhecer em Hitler um ‘baterista’ indispensável para a causa nacionalista. Era um manto que Hitler, no início da década de 1920, se orgulhava de suportar.<sup>470</sup>

Em *O agitador de Cerveja*, no qual *Mein Kampf* teve 26 referências durante a narrativa, Kershaw pontuou que a participação de Hitler no desenvolvimento inicial do Partido dos

---

<sup>469</sup> Idem, p. 127.

<sup>470</sup> Idem, p. 128.

Trabalhadores Alemão (subsequentemente o NSDAP) foi mais obscurecida do que esclarecida pelo seu próprio relato tendencioso em *Mein Kampf*. O livro se caracterizou menos pela pura invenção do que pela memória seletiva e pela distorção dos fatos, visto que a versão de Hitler dos acontecimentos visava a elevar o seu próprio papel à medida que ignorava o de todos os outros envolvidos. No próprio relato de Hitler, na leitura do autor, encontramos a história de um génio político que segue o seu caminho face à adversidade, em um triunfo heroico da vontade. A história foi o núcleo da “lenda do partido”, que, em anos posteriores, Hitler nunca se cansou de contar de forma desordenada como o prefácio dos seus grandes discursos. Em *Mein Kampf*, Hitler se descreveu como um “génio político que se juntou a um pequeno corpo com ideias grandiosas, mas sem esperança de as realizar, elevando-o sozinho a uma força da primeira magnitude que viria a salvar a Alemanha da sua situação difícil”.<sup>471</sup>

Kershaw passou a destrinchar *Mein Kampf*, mostrando como Hitler retratou o período inicial no Partido dos Trabalhadores Alemão. Como, por exemplo, ele relatou as primeiras reuniões que participou; a construção da propaganda; as desavenças internas pela liderança do partido. Uma delas foi a reunião em que Hitler declarou os 25 pontos do programa do partido. Depois do primeiro orador, cujo nome não mencionou, ter falado, Hitler presidiu a reunião na ausência de Drexler. Houve confrontos entre os seus apoiantes e os que tentavam afrontar o orador, mas Hitler continuou a falar, a aplausos crescentes, e expôs o programa, balançando o seu público à aclamação arrebatadora e unânime dos seus vinte e cinco pontos.

Depois que o primeiro orador terminou, tomei a palavra. Poucos minutos depois, houve uma onda de protestos e confrontos violentos eclodiram no salão. Um punhado dos camaradas de guerra mais leais e outros apoiantes lutaram com os desordeiros e só gradualmente conseguiram restaurar alguma calma. Consegi continuar falando novamente. Depois de meia hora, os aplausos lentamente começaram a abafar os gritos e gritos. E agora peguei o programa e comecei a explicá-lo pela primeira vez. Dos quinze aos quinze minutos, os questionadores foram cada vez mais reprimidos por gritos de aprovação. E quando finalmente apresentei as vinte e cinco teses ponto por ponto às massas e pedi-lhes que as julgassem, elas foram aceitas uma após a outra com aplausos cada vez maiores, por unanimidade e novamente por unanimidade, e assim que a última tese encontrou seu caminho para os corações das massas, um salão cheio de pessoas estava diante de mim, unidas por uma nova convicção, uma nova crença, uma nova vontade.<sup>472</sup>

---

<sup>471</sup> Idem, p. 140.

<sup>472</sup> HITLER, 1943, p. 405.

Os relatos desse período, principalmente da reunião que Hitler apresentou os 25 pontos do programa do partido, como o trecho reproduzido acima, serviram como “uma lenda heroica”.

Nas palavras de Kershaw,

A lenda foi emoldurada para retratar os primórdios da figura do Führer, o grande líder e salvador da Alemanha, tal como tinha surgido com a escrita do primeiro volume de *Mein Kampf*, em 1924. A sua grandeza – por isso, o seu relato foi concebido para ilustrar – foi evidente mesmo nestes primeiros meses após a sua adesão ao movimento. Não podia haver dúvidas sobre a sua pretensão de supremacia no movimento völkisch contra todos os fingidores.<sup>473</sup>

As passagens de *Mein Kampf* sobre a tomada da liderança do partido em meados de 1921, para o autor, parecem “encarnar” a ambição de Adolf Hitler de poder ditatorial no movimento – subsequentemente no estado alemão –, que poderia ser testemunhada nos seus primeiros conflitos com Drexler, e a sua rejeição do estilo democrático inicial do partido. Nestas, Hitler descreveu a fraqueza dos mortais menores, a certeza com que seguiu o seu próprio caminho, e a necessidade de seguir um líder supremo que só ele poderia assegurar o triunfo final. Como destacou o autor, estes eram, desde o início, os temas dominantes. O início da sua reivindicação de liderança pode assim ser localizado na fase mais precoce da sua atividade no seio do partido. Por sua vez, isto sugeria que “a autoconsciência do génio político esteve presente desde o início”.<sup>474</sup>

Kershaw acreditou que foi a base desta história que fez o enigma de Hitler ser mais profundo e complexo. A seu ver,

O “ninguém de Viena”, o cabo que nem sequer é promovido a sargento, aparece agora com uma filosofia política plena, uma estratégia de sucesso, e uma vontade ardente de liderar o seu partido, e vê-se a si próprio como o próximo grande líder da Alemanha. Por muito intrigante e extraordinário que seja, o impulso subjacente à autorrepresentação de Hitler encontrou um surpreendente grau de aceitação.<sup>475</sup>

Trazer esta lenda, inicialmente criada em *Mein Kampf*, serviu para Ian Kershaw desconstruir a versão espalhafatosa e idealizada de Hitler, assim como fez nos demais relatos presentes na obra. Embora a lenda fosse imprecisa em vários aspectos, a análise da dela foi fundamental para que o biógrafo compreendesse o papel que Hitler desempenhou no período inicial do Partido Nazista.

---

<sup>473</sup> KERSHAW, 1999, p. 140.

<sup>474</sup> Idem, p. 142.

<sup>475</sup> Idem, p. 142-143.

Posto isso, podemos afirmar que, o *Diário de Goebbels* teve a função de demonstrar o encanto que Hitler causou desde o início, especialmente em uma figura racional como o futuro ministro da propaganda. Aliás, Goebbels ganhou em *Hubris* um caráter legitimador de informações, mostrando que Kershaw “confiava” nos seus relatos exatamente por ter sido uma figura que teve acesso ao Hitler que poucos tinham conhecimento. Já a obra escrita por Hitler foi fundamental para o biógrafo questionar as afirmações e lendas criadas pelo líder nazista na construção de uma imagem heroica e idealizada de si mesmo.

#### 4.3.3 Caracterizando Hitler

Ao delinear e categorizar Hitler, Ian Kershaw construiu, por meio de suas escolhas narrativas, a imagem de quem seria seu Adolf Hitler. Nesta seção, nosso propósito é analisar as definições utilizadas pelo biógrafo ao longo da obra para descrever o personagem central, destacando as principais características atribuídas a ele.

Ao longo de 918 páginas distribuídas em 13 capítulos, Hitler foi descrito de várias maneiras, incluindo: propagandista, narcisista, oportunista, orador, líder, ator e herói. Para facilitar a análise, organizamos em uma tabela os dez principais adjetivos utilizados por Ian Kershaw para definir Hitler.

Tabela 3 – Caracterização de Hitler

Adjetivos	Quantidade	Porcentagem
Líder	43	31,62
Artista	15	11,03
Político	14	10,29
Drummer	11	8,09
Ditador	11	8,09
Orador	10	7,35
Demagogo	10	7,35
Propagandista	8	5,88
Agitador	8	5,88
Cervejeiro	6	4,41

Fonte: Elaborada pela autora.

Desde já, é importante destacar que, em comparação com outras biografias, como as de Alan Bullock e Joachim Fest, a estratégia de definir Hitler por meio de adjetivos foi pouco explorada pelo biógrafo, ao menos no primeiro volume analisado neste capítulo que abordou a vida de Hitler entre 1889 e 1936. Como podemos observar, três adjetivos se destacam na

narrativa: líder, artista e político. Juntos, esses três termos representam mais de 50% dos adjetivos utilizados ao longo da obra. Para colocar em prática nosso objetivo de realizar uma análise qualitativa, a partir deste ponto, investigaremos como, por que e com que propósito Ian Kershaw enquadrou Hitler como líder, artista e político.

O adjetivo “líder”, em referência a Hitler, apareceu 43 vezes ao longo de 10 capítulos. Na maioria dos casos, o termo era complementado por outras definições, como “líder do partido”, “líder político”, “líder nacional” ou “líder supremo”. Nos diferentes usos do adjetivo “líder” na biografia, observamos nuances distintas que refletem tanto o papel político quanto as percepções pessoais e sociais de Hitler.

A primeira vez que o biógrafo usou o adjetivo “líder”, em *Refletindo sobre Hitler*, foi para se referir ao papel de Hitler como guia e salvador da nação alemã. Hitler foi descrito como alguém que, mesmo sem uma posição formal ou institucional, exercia um poder “extraordinário” derivado da sua “missão histórica” e do culto à sua imagem.

O poder de Hitler era de um tipo extraordinário. Ele não baseou a sua pretensão ao poder (exceto num sentido mais formal) na sua posição como líder do partido, ou em qualquer posição funcional. Ele derivou-o do que via como a sua missão histórica de salvar a Alemanha. O seu poder, por outras palavras, era ‘carismático’, não institucional. Dependia da prontidão dos outros para ver nele qualidades “heroicas”. E eles viram essas qualidades – talvez mesmo antes de ele próprio vir a acreditar nelas.<sup>476</sup>

Isto é, Hitler seria visto a partir da ideia de “liderança carismática”, em que o seu poder derivava de como os outros o viam como uma figura quase mítica ou heroica. Como vimos no início deste capítulo, a liderança carismática de Hitler estava fortemente relacionada ao culto à sua personalidade

No capítulo 1, Kershaw usou o termo “líder” para se referir a Hitler, mas foi um uso mais casual, como no exemplo da infância de Hitler, quando ele foi descrito como “um pequeno líder” em brincadeiras de crianças; em suas palavras: “Adolf estava agora na sua terceira escola primária. Parece ter-se estabelecido rapidamente com um novo conjunto de colegas de escola, e tornou-se ‘um pequeno líder’, no jogo de polícias e ladrões que os rapazes da aldeia jogavam na floresta e nos campos à volta das suas casas”.<sup>477</sup> Aqui, o termo carregava o significado mais leve de ser uma figura que orientava e guiava seus amigos, sem o peso político.

---

<sup>476</sup> Idem, p. XXVI.

<sup>477</sup> Idem, p. 15.

Nos capítulos iniciais, houve uma preocupação do autor demarcar que a partir do outono de 1922 a percepção de Hitler como um “líder” veio primeiro dos seus apoiadores, do ciclo interno do partido, a saber: “[...] remodelação da sua autoimagem também refletiu como os seus apoiantes começaram a ver o seu líder. Os seus seguidores retrataram-no, de fato, como o líder ‘heroico’ da Alemanha, antes de ele se ver a si próprio sob essa luz”.<sup>478</sup> Para Kershaw, Adolf Hitler começou a ser visto pelos seus apoiadores como um líder “heroico” da Alemanha, antes mesmo de ele adotar completamente essa autoimagem.

Todavia, a imagem de Hitler como um líder especial começou a ser promovida, especialmente por meio do jornal *Völkischer Beobachter*, o órgão de propaganda do Partido Nazista. Em dezembro de 1922, de acordo com o biógrafo, o jornal o apresentou como o “Líder” que a Alemanha aguardava, estabelecendo-o como a figura central da salvação nacional – “Foi em dezembro de 1922 que o *Völkischer Beobachter* apareceu pela primeira vez para afirmar que Hitler era um tipo especial de líder – de fato o Líder para quem a Alemanha esperava”.<sup>479</sup> Essa visão de Hitler como um salvador foi construída e disseminada, e “ele não fez nada para impedir essa narrativa”.<sup>480</sup> A propaganda nazista começou a moldar Hitler como um ícone messiânico, uma estratégia para o crescimento do nazismo. Nesse sentido, Kershaw enfatizou a transição da simples percepção para a construção de um líder.

O historiador indicou que, a partir dos preparativos para o *Putsch* da Cervejaria, a ideia de liderança estava em evolução e refletia uma transformação gradual na autopercepção de Hitler. Inicialmente, ele se via como o “drummer”, alguém que preparava o caminho para um movimento maior, sem necessariamente reivindicar para si o papel de líder supremo. Contudo, em 1923, sinais começaram a aparecer em seus discursos indicando uma mudança nessa autopercepção, com uma ênfase maior nas qualidades necessárias para o futuro “líder heroico” da Alemanha. Nos seguintes trechos, conseguimos perceber que

Durante 1923 há indicações nos discursos de Hitler de que a sua autopercepção estava a mudar. Ele estava agora muito mais preocupado do que nos anos anteriores com a liderança, e com as qualidades necessárias no futuro Líder da Alemanha. Em nenhum momento antes da sua prisão em Landsberg reivindicou inequivocamente essas qualidades para si próprio. Mas várias passagens nos seus discursos sugerem que os limites do que distinguiu o “drummer” do “Líder” podem estar a começar a esbater-se.

A justaposição da liderança heroica, a sua negação a Kahr, e as qualidades exigidas ao “combatente da liberdade” sugerem novamente que Hitler estava a começar a reivindicar para si próprio a posição de líder nacional supremo (e heroico). A ambiguidade permaneceu. Ele via o seu próprio objetivo como o do

<sup>478</sup> Idem, p. 183.

<sup>479</sup> Idem.

<sup>480</sup> Idem, p. 185.

“pioneiro”, aquele que “pavimentava o caminho para o grande movimento de liberdade alemão”. Por um lado, isto ainda sugeria o “drummer”.

De qualquer modo, os comentários de Hitler sobre liderança no ano da crise de 1923 parecem indicar que a sua autoimagem estava num processo de mudança. Ele ainda se via como o ‘baterista’, a maior vocação que havia nos seus olhos. Mas não seria preciso muito, após o seu triunfo no julgamento após o putsch falhado, para converter essa autoimagem na presunção de que ele próprio era o “líder heroico”.<sup>481</sup>

Na percepção de Kershaw, o ano de 1923 foi o momento em que a transição de Hitler como um facilitador de um movimento (Drummer) para a de alguém que começa a se ver e ser visto como o herói destinado a liderar a nação. Porém, nesse período, “[...] poucos, se é que houve algum, fora das fileiras dos seus devotos mais fervorosos pensavam seriamente em Hitler como o ‘grande líder’ da Alemanha. Mas a sua ascensão ao estatuto de estrela na cena política de Munique [...] fez com que indivíduos de fora dos seus círculos sociais normais começassem a interessar-se profundamente por ele”.<sup>482</sup>

A obra escrita por Kershaw destacou que o ano de 1924 como um ponto de virada crucial para Hitler, comparando sua ascensão à imagem de uma fênix que renasce das cinzas. Após o fracasso do *Putsch* de Munique e sua prisão, o movimento *völkisch*, ao qual o Partido Nazista estava vinculado, se fragmentou e entrou em crise. Durante o tempo em que Hitler estava preso, os líderes rivais do movimento *völkisch* tentaram tomar o controle da extrema direita, mas fracassaram. A falta de uma figura central como Hitler fez com que qualquer tentativa de manter a unidade do movimento se desmoronasse.

Em retrospectiva, o ano de 1924 pode ser visto como a época em que, como uma fênix surgida das cinzas, Hitler poderia começar a sua emergência a partir das ruínas do movimento *völkisch* quebrado e fragmentado para se tornar eventualmente o **Líder absoluto** com total domínio sobre um partido nazi reformado, organizadamente muito mais forte, e internamente mais coeso. Os meses da sua prisão viram os seus rivais pela liderança sobre a direita radical *völkisch* tentarem, e falharem, afirmar o seu domínio. Sem ele, qualquer semelhança de unidade desmoronou-se.<sup>483</sup>

Esse período foi compreendido por Kershaw como o momento em que Hitler começou a emergir das ruínas de um movimento fragmentado, consolidando-se como o “líder absoluto”. O Partido Nazista, após essa fase de desintegração, seria reformado, ganhando maior coesão interna e força organizacional, o que permitiria a Hitler exercer controle total sobre ele e preparar sua futura ascensão ao poder.

---

<sup>481</sup> KERSHAW, 1999, p. 185.

<sup>482</sup> KERSHAW, 1999, p. 185.

<sup>483</sup> KERSHAW, 1999, p. 223, grifo meu.

Segundo a narrativa, entre 1924 e 1929, Hitler tornou-se incontestavelmente o líder da Direita radical. No processo, o NSDAP foi transformado num “partido líder” de um tipo único, com o carácter que devia manter, e mais tarde transmitir ao Estado alemão. Hitler por esta altura não era um presidente de partido convencional, nem mesmo um líder entre outros, ele era “o Líder”. Com alguma dificuldade, tinha estabelecido um domínio absoluto e completo sobre o seu movimento. O resultado foi que

[...] o domínio de Hitler sobre o Movimento aumentou até a posição em que este era quase inatacável. E de qualquer modo, a correia de transmissão dentro do partido fiel tinha sido fabricada para a subsequente extensão do culto do Führer a setores mais vastos do eleitorado alemão. O culto do Líder era indispensável para o partido.<sup>484</sup>

Ian Kershaw ressaltou que havia uma divisão na opinião pública alemã em relação a Hitler no início dos anos 1930. Embora ele enfrentasse críticas e contratemplos, um terço da população ainda o via como a única esperança para o futuro da Alemanha, evidenciado pelos 13,5 milhões de votos que recebeu nas eleições de julho. Esse apoio formava uma base para o culto em torno de sua figura como líder do NSDAP (Partido Nazista). O autor sugeriu que, se Hitler conseguisse assumir o poder e alcançar algum sucesso, ele poderia ampliar seu apoio. A chave para essa ampliação seria Hitler conseguir transformar sua imagem de “líder partidário” em uma figura que pudesse ser vista como representante de toda a nação, o “líder absoluto”. No entanto, “em janeiro de 1933, dois terços da população alemã continuavam a desdenhar esta noção”.<sup>485</sup>

O texto explica que, quando Hitler assumiu o cargo de chanceler em 30 de janeiro de 1933, ele ainda não tinha o poder total de um líder absoluto. No entanto, em meados de 1934, após combinar a liderança do governo com a chefia do Estado (após a morte do presidente Hindenburg), Hitler havia eliminado praticamente todas as restrições formais ao seu poder. Nesse momento, o culto à sua personalidade alcançou novos níveis de idolatria, com milhões de pessoas passando a enxergá-lo não apenas como o líder de um partido, mas como o “líder nacional”— uma figura nacional e unificadora, promovida intensamente pela propaganda nazista.

Os níveis de adoração heroica nunca tinham sido testemunhados antes na Alemanha. Nem mesmo o culto de Bismarck, nos últimos anos do fundador do Reich, tinha chegado remotamente perto de o igualar. O quadragésimo quarto aniversário de Hitler, a 20 de abril de 1933, assistiu a uma extraordinária efusão de adulação, uma vez que todo o país se

---

<sup>484</sup> KERSHAW, 1999, p. 297.

<sup>485</sup> Idem, p. 412.

inundou de festividades em honra do “Líder da Nova Alemanha”. Por muito bem orquestrada que tenha sido a propaganda, foi capaz de captar sentimentos populares e níveis quase religiosos de devoção que não podiam ser simplesmente fabricados. Hitler estava em vias de se tornar não mais o líder do partido, mas o símbolo da unidade nacional.<sup>486</sup>

Kershaw usou o termo “líder” para destacar a transição de Hitler de líder de um partido para uma figura nacional, visto que a propaganda e seus seguidores começaram a retratá-lo como o “grande líder” ou “Líder heroico da Alemanha”, com um papel messiânico de unificador do país.

No final de 1935, segundo o biógrafo, Hitler já estava avançando de forma decisiva para consolidar sua posição como líder nacional, apoiado pelos incansáveis esforços da máquina de propaganda, e começava a transcender os interesses estritamente partidários. Em suas palavras,

Ele representava os êxitos, as conquistas do regime. Em três anos, o seu génio – assim proclamou a propaganda, e assim acreditou a maioria da população – dominou a recuperação económica, a eliminação do flagelo do desemprego, e (mesmo ordenando a morte dos seus próprios líderes SA) o restabelecimento da lei e da ordem.<sup>487</sup>

Podemos concluir que o historiador foi mostrando a evolução de Hitler de uma figura local e infantil, passando por uma liderança de partido, até alcançar o status de líder carismático e salvador da nação. No entanto, a seu ver, o estilo de liderança de Hitler ia além de sua personalidade, tornando-se uma performance constante. Ele encarnava o papel de um “líder infalível”, o que se manifestava até em aspectos como seu famoso aperto de mão e seus olhos escuros, criando uma imagem de poder e perfeição. À medida que essa “auréola” de liderança crescia, o lado humano de Hitler – que poderia cometer erros – precisava ser ocultado. A figura pública de Hitler, vista como um “líder todo-poderoso”, estava cada vez mais distante de sua verdadeira pessoa, sendo substituída pela imagem idealizada e onipotente do “Líder”.<sup>488</sup>

O segundo adjetivo utilizado por Ian Kershaw para descrever Hitler foi “artista”. Em 11 momentos distintos, o autor o definiu ora como um artista fracassado, ora como um grande artista.

No primeiro momento, o termo artista fracassado foi utilizado para afirmar a importância que a Primeira Guerra Mundial teve para ascensão de Hitler. De acordo com Kershaw, sem a experiência da guerra, a derrota e a revolução, o “artista fracassado”, Hitler,

---

<sup>486</sup> Idem, p. 484.

<sup>487</sup> Idem, p. 574.

<sup>488</sup> Idem, p. 344.

não teria encontrado seu caminho na política. O trauma coletivo radicalizou a sociedade alemã, proporcionando-lhe uma audiência receptiva. Sem a guerra, a ascensão de Hitler seria impensável, a saber: “O legado da guerra perdida proporcionou as condições em que os caminhos de Hitler e do povo alemão começaram a cruzar-se. Sem a guerra, um Hitler no lugar do Chanceler que tinha sido ocupado por Bismarck teria sido impensável”.<sup>489</sup>

Logo em seguida, Kershaw destacou o motivo da ida de Hitler à Munique. Para o historiador, “Não foi por razões políticas, mas como uma “metrópole da arte alemã” que Munique atraiu o desistente, **artista fracassado** e pintor de cena de rua Adolf Hitler”.<sup>490</sup> Embora tenha se aproximado de um centro de revolução cultural modernista, assim como em Viena, ele permaneceu alheio à vanguarda artística. Seu gosto cultural ficou preso ao século XIX, sendo hostil à arte moderna e às obras pelas quais Munique era reconhecida antes da Primeira Guerra Mundial.

Nessas duas situações, compreendemos que Kershaw referiu-se ao jovem Hitler, que, após ser rejeitado pela Academia de Belas Artes de Viena, enfrentou dificuldades pessoais e profissionais. Portanto, o termo “artista” destacava o fracasso e a rejeição que marcaram sua juventude, simbolizando a perda e um sonho que teve grande impacto em sua vida.

O adjetivo “artista” foi retomado na narrativa para enfatizar a relação entre Adolf Hitler e seu amigo August Kubizek na juventude. Kershaw destacou como Hitler se via como um futuro grande artista e arquiteto, compartilhando suas ambições artísticas e arquitetônicas com Kubizek. Enquanto desprezava o trabalho comum, Hitler sonhava com grandes projetos de reconstrução urbana, exultando suas visões e planos para Kubizek.

Ainda mais do que música, o tema, quando Adolf e August estavam juntos, era grande arte e arquittura. Mais precisamente, era Adolf como o futuro grande génio artístico. O jovem Hitler desprezava a noção de trabalhar para ganhar o pão de cada dia. Ele extasiou o impressionável Kubizek com as suas visões de si mesmo como grande artista, e o próprio Kubizek como um músico de primeira linha. Enquanto Kubizek trabalhava na oficina do seu pai, Adolf encheu o seu tempo com desenho e sonhos. Depois encontrava-se com Gustl depois do trabalho, e, enquanto os amigos vagueavam por Linz à noite, davam-lhe lições sobre a necessidade de demolir, remodelar, e substituir os edifícios públicos centrais, mostrando ao seu amigo inúmeros esboços dos seus planos de reconstrução.<sup>491</sup>

Nesse caso, Kershaw buscou indicar que mesmo sem sucesso formal nas artes, Hitler mantinha um ideal de si mesmo como um “gênio artístico”. Ele se via não apenas como um

---

<sup>489</sup> Idem, p. 72.

<sup>490</sup> Idem, p. 82, grifo meu.

<sup>491</sup> Idem, p. 21 e 22.

pintor, mas como alguém destinado a transformar o mundo por meio de sua visão estética, incluindo arquitetura e grandes reformas urbanas. Isso estava exemplificado em sua relação com Kubizek, com quem compartilhou suas ambições de se tornar um grande arquiteto e reformador cultural.

Para Hitler, ser o “drummer” substituiu seus sonhos de ser um grande artista ou arquiteto, tornando-se sua principal preocupação e expressão de seu talento. Ele via a política como propaganda e mobilização incessante das massas, não como a “arte do possível”. Hitler cultivava uma imagem heroica e de grandeza, mantendo uma distância calculada dos outros para aumentar o mistério e a admiração, o que dificultava a compreensão de sua verdadeira personalidade por parte de seus conhecidos. O ponto central de Kershaw em sua estratégia de definir Hitler como artista era consolidar sua ideia central que, Hitler era um “ator consumado”, especialmente em eventos públicos. Ele utilizava seu talento retórico e habilidades performativas para criar impacto, com entradas dramáticas, discursos meticulosamente construídos, variações expressivas de dicção, e uso teatral das mãos. Esses elementos eram cuidadosamente elaborados para maximizar o efeito e a eficácia de sua apresentação. Em suas palavras, Hitler

Era, acima de tudo, um **ator consumado**. Isto aplicava-se certamente às ocasiões geridas pelo palco – a entrada tardia no recinto lotado, a construção cuidadosa dos seus discursos, a escolha de frases coloridas, os gestos e a linguagem corporal. Aqui, o seu talento retórico natural foi aproveitado para aperfeiçoar as suas capacidades performativas. Uma pausa no início para permitir que a tensão se intensificasse; um início discreto, mesmo hesitante; ondulações e variações de dicção, não melodiosas certamente, mas vívidas e altamente expressivas; rebentamentos quase estacados de frases, seguidos de uma alusão oportuna para expor a ênfase de um ponto-chave; uso teatral das mãos à medida que o discurso se elevava em crescendo; sarcástico sagacidade dirigida aos oponentes: todos foram dispositivos cuidadosamente cultivados para maximizar o efeito.

O biógrafo trouxe exemplos específicos para fundamentar a sua afirmação: das festas em Weimar em 1926 e Nuremberg em 1927 e 1929. Hitler dava grande importância ao impacto e à impressão em seus comícios, como os de Weimar em 1926 e Nuremberg em 1927 e 1929. Ele selecionava cuidadosamente sua vestimenta para cada ocasião: usava uniformes com braçadeira suástica e botas de couro para eventos com seus seguidores, e trajes mais formais e respeitáveis para um público mais amplo.

Todavia, Kershaw ressaltou que a representação não se limitava a tais ocasiões. Aqueles que tiveram contato com Hitler frequentemente perceberam que ele estava atuando a maior parte do tempo. Ele adaptava sua *performance* para se adequar às necessidades, mostrando simpatia pública enquanto ridicularizava em privado. Apesar de sua atuação parecer

genuína, o autor destacou que críticos como Albert Krebs, Gauleiter (líder regional do partido) em Hamburgo, viam sua influência como resultado de uma manipulação calculada e fria, tornando difícil entender sua verdadeira natureza.

O fascínio irresistível que muitos – não poucos deles cultos, educados e inteligentes – encontraram nos seus traços extraordinários de personalidade deve-se sem dúvida muito à sua **capacidade de desempenhar papéis**. Como muitos atestaram, ele podia ser encantador – particularmente para as mulheres – e era frequentemente espirituoso e divertido. A maior parte do tempo foi mostrado, posto em prática. O mesmo poderia acontecer com as suas raivas e explosões de raiva aparentemente incontroláveis, que na realidade eram muitas vezes provocadas. O aperto de mão firme e o contacto “viril” olho a olho, que Hitler cultivou em ocasiões em que teve de se encontrar com membros comuns do partido, foi, para o espantoso e humilde ativista, um momento a nunca esquecer. Para Hitler, **era apenas atuar**; não significava mais do que o reforço do culto da personalidade, o cimento do movimento, a força de ligação entre o Líder e os seguidores. Na realidade, Hitler mostrou um interesse humano notavelmente reduzido pelos seus seguidores. Mesmo um dos seus principais apoiantes acusou-o de “desprezo pela humanidade” (Menschenverachtung) em 1928. O seu egocentrismo era de proporções monumentais. A imagem de propaganda da “paternidade” ocultava o vazio interior. Outros indivíduos só lhe interessavam na medida em que eram úteis.<sup>492</sup>

Por fim, apesar de o adjetivo “artista” ter diferentes significados que ilustravam facetas importantes de Hitler e de sua trajetória, o tema central que ele ganhou na obra de Ian Kershaw foi para ressaltar como Adolf Hitler usou sua habilidade de atuação para consolidar e promover seu culto de personalidade. Inicialmente, a política era, para ele, uma forma de propaganda e mobilização das massas, substituindo seus sonhos de ser artista ou arquiteto. Hitler mantinha uma imagem grandiosa e heroica, cultivando um sentido de missão e distância estratégica para aumentar o mistério e a admiração. No entanto, para Kershaw, ele era um ator consumado, manipulando sua aparência, discurso e comportamento para causar impacto e fortalecer seu controle sobre os seguidores, enquanto na realidade demonstrava um profundo egocentrismo e desinteresse genuíno pelos outros. Em todos esses casos, o adjetivo “artista” serviu tanto para descrever a ambição pessoal de Hitler quanto uma metáfora para a sua transformação política e a construção de sua imagem pública.

É importante destacar, como abordado no capítulo três, que Alan Bullock definiu o líder nazista como o “ator consumado”. O historiador britânico foi, provavelmente, um dos primeiros a interpretar Hitler, acima de tudo, como um grande ator.

A definição de Hitler como “político”, apesar de estar presente em 14 vezes durante a narrativa, teve uma função muito delimitada: demonstrar que a ideia de “gênio político” foi

---

<sup>492</sup> Idem, p. 281.

criada do próprio Adolf Hitler. Segundo Kerhaw, o relato de Hitler sobre o desenvolvimento inicial do Partido dos Trabalhadores Alemão (que mais tarde se tornou o NSDAP) em *Mein Kampf* foi marcado por distorções e memória seletiva, com o objetivo de exaltar seu próprio papel e minimizar o de outros – como vimos mais acima. Hitler apresentava-se como o génio político que transformou um grupo pequeno e sem esperança em uma força poderosa que salvaria a Alemanha. Essa narrativa, para o autor, contribuiu para a “lenda do partido” que ele frequentemente repetiu em seus discursos.

Equivale, como sempre no próprio relato de Hitler, à história de um **génio político** que segue o seu caminho face à adversidade, um triunfo heroico da vontade. A história foi o núcleo da “lenda do partido” que, em anos posteriores, Hitler nunca se cansou de contar de forma desordenada como o prefácio dos seus grandes discursos. Foi a do **génio político** que se juntou a um pequeno corpo com ideias grandiosas, mas sem esperança de as realizar, elevando-o sozinho a uma força da primeira magnitude que viria a salvar a Alemanha da sua situação difícil.<sup>493</sup>(Grifo meu)

Kershaw afirmou que, conforme descrito em *Mein Kampf*, a ambição de Hitler por poder ditatorial já era evidente nos primeiros conflitos com Anton Drexler e Karl Harrer, e na sua rejeição ao estilo democrático inicial do partido. Hitler demonstrava uma forte autoconsciência de seu “gênio político” e sua liderança começou a se afirmar muito cedo dentro do movimento. Em suas palavras, “[...] isto sugere que a autoconsciência do génio político esteve presente desde o início”.<sup>494</sup>

Ao criar para si a autoimagem de “gênio político”, o estilo de liderança de Hitler foi eficaz porque seus subordinados aceitaram sua posição singular no partido e acreditavam que suas excentricidades faziam parte dessa genialidade política. Portanto, eles estavam dispostos a tolerar seu comportamento, considerando-o essencial para o sucesso do movimento, pois o viam como “um gênio político”.<sup>495</sup>

Nesse sentido, entendemos que o adjetivo “político” no texto sublinhou a maneira como Hitler se autoconstruiu como um líder de talento excepcional, manipulador e estrategista, tornando, assim, essencial para o sucesso de seu movimento e sua consolidação no poder.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o primeiro volume da biografia de Hitler, *Hubris (1889-1936)*, escrita por Ian Kershaw, possuiu um perfil bem definido. Por meio do desenvolvimento de três temas específicos, utilizando Joseph Goebbels e o próprio Hitler como principais fontes de informação, e redefinindo Hitler com os adjetivos “líder” e “artista”,

---

<sup>493</sup> Idem, p. 141.

<sup>494</sup> Idem, p. 142.

<sup>495</sup> Idem, p. 343.

Kershaw construiu a primeira parte do retrato do ditador. Nesta, a análise de Ian Kershaw sobre a consolidação do poder de Hitler enfatizou dois aspectos principais: sua ascensão dentro do NSDAP e como Chanceler. Kershaw destacou a habilidade de Hitler em manipular a política e propaganda para fortalecer sua posição, aproveitando o contexto da Primeira Guerra Mundial e a radicalização da sociedade alemã. Ele argumentou que, embora Hitler fosse essencial para o sucesso do nazismo, o movimento já existia antes dele e teria continuado sem sua liderança.

A obra também explorou o papel de figuras como Goebbels. Os diários de Joseph Goebbels foram fundamentais para a argumentação de Ian Kershaw, servindo como fonte privilegiada para entender tanto a dinâmica interna do nazismo quanto o papel de Hitler. Goebbels, com seu complexo de inferioridade, foi um exemplo-chave utilizado por Kershaw para demonstrar como esse sentimento gerou uma ambição insaciável e fanatismo ideológico. A transformação de Goebbels, inicialmente desapontado com Hitler, em um de seus seguidores mais fervorosos, refletiu a capacidade de Hitler de conquistar e manipular aliados. Além disso, os diários revelaram características centrais de Hitler, como sua hesitação em tomar decisões difíceis e sua tendência a adiar crises, traços que se manifestaram em momentos cruciais do Terceiro Reich. Ao citar continuamente Goebbels, Kershaw legitimou suas análises, pois Goebbels, como testemunha ocular e aliado próximo, teve acesso ao lado mais privado e desconhecido de Hitler.

A obra *Mein Kampf* serviu como ponto de partida para desconstruir a imagem idealizada de Hitler que ele mesmo tentou construir. Kershaw usou os relatos de Hitler para mostrar que, apesar das informações sobre sua infância e juventude, não era possível prever seu futuro como ditador sanguinário. Com isso, ele criticou a ideia de que a trajetória de Hitler estava predestinada, argumentando que o ódio antissemítico que Hitler desenvolveu durante sua estadia em Viena era mais uma reação pessoal às suas circunstâncias do que uma visão de mundo elaborada. Kershaw também desmistificou o mito de que Hitler já teria uma missão clara ao sair da Primeira Guerra Mundial, mostrando que sua ascensão ao poder foi resultado de circunstâncias, sorte e apoio militar, e não de um “triunfo da vontade”. Ao usar *Mein Kampf* para desconstruir essa narrativa heroica, Kershaw buscou oferecer uma visão mais realista e complexa do papel de Hitler no início do Partido Nazista.

Os adjetivos “líder”, “artista” e “político” desempenham papéis centrais na argumentação de Ian Kershaw ao descrever Hitler. O termo “líder” foi utilizado para demonstrar a evolução de Hitler de um líder de partido a uma figura nacional, com a propaganda moldando-o como um “líder infalível” e messiânico. Kershaw mostrou que essa liderança se tornou uma

*performance* contínua, ocultando as falhas humanas de Hitler por trás de uma imagem idealizada de poder e perfeição.

O adjetivo “artista” destacou a habilidade de Hitler em atuar e manipular sua imagem pública. Para Kershaw, Hitler era um ator consumado, capaz de usar sua aparência, discurso e comportamento para reforçar seu controle sobre os seguidores, promovendo seu culto de personalidade. Esse papel de “artista” simbolizava não apenas suas ambições pessoais frustradas, mas também a construção meticolosa de sua figura política.

O termo “político” enfatizou a autoconstrução de Hitler como um estrategista e manipulador excepcional. Seus subordinados aceitavam suas excentricidades como parte de sua suposta genialidade política, e esse talento percebido foi crucial para sua consolidação no poder. Esses três adjetivos, juntos, revelam a complexa construção de Hitler como líder carismático, habilidoso manipulador e símbolo de um movimento ideológico poderoso.

No próximo capítulo, realizaremos a mesma análise aplicada à *Hubris* no segundo volume da biografia escrita por Ian Kershaw, *Nêmesis* (1936-1945).

## CAPÍTULO 5 – NAS ENTRELINHAS: A ANÁLISE DA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE IAN KERSHAW EM *1936-1945 HITLER: NEMESIS*

Neste capítulo, continuaremos nosso objetivo de pesquisa: compreender a operação historiográfica realizada por Ian Kershaw na construção de sua biografia sobre o Adolf Hitler. Até agora, percorremos o caminho que possibilitou a escrita dessa biografia, buscando entender quem foi o historiador Kershaw e seu contexto social e científico. Além disso, analisamos o primeiro volume da obra para identificar, por meio do texto, os elementos de escrita que contribuíram para a formulação da imagem de Hitler.

Assim como a análise realizada por meio da biografia *1889-1936 Hitler: Hubris*, temos como premissa que Ian Kershaw, ao formular a biografia *1936-1945 Hitler: Nemesis*, utilizou estratégias de escrita para construir a imagem de Hitler. Entendemos que escrita biográfica não é um amontoado de dados sobre o biografado; ela exige uma postura de busca, crítica de fontes, redação adequada, além de um problema e uma questão para orientá-la, sendo necessário saber respeitar as falhas, lacunas e silêncios da personagem. A escrita torna-se o mecanismo para se concretizar as ideias que os pensadores se propõem a construir por meio de suas obras. Portanto, a narrativa é o local por onde temos acesso às imagens construídas e às intenções de escrita dos autores.<sup>496</sup>

A obra *1936-1945: Nemesis* torna-se objeto de uma leitura minuciosa utilizando recursos metodológicos quantitativos e qualitativos para identificar e analisar temas, adjetivos, definições e os “materiais de construção” – autores, pessoas, pensadores e livros citados nas obras – que auxiliaram na narrativa. Ao analisar os temas, podemos decodificar parte da estratégia de escrita adotada pelo autor. Ao levantar as fontes utilizadas, compreendemos não só as obras, mas também como foram lidas e apropriadas pelo biógrafo, fornecendo a base para a criação da personagem biografada. Identificando as definições e características usadas por Kershaw para descrever Hitler, acessamos parte dos elementos que compõem o retrato final produzido pela biografia.

Concebemos que esse tipo de análise da linguagem, argumentos, das bases explicativas, do campo de estudo, do contexto de escrita e as intervenções do autor, nos propiciam identificar os retratos da personagem fabricados pelo biógrafo. Deste modo, não temos a pretensão de descobrir quem realmente foi biografado, mas sim tentar depreender como foram produzidas as diferentes versões da imagem apresentada, por meio da biografia.

---

<sup>496</sup> SOUZA, Adriana Barreto de. **Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história:** biografando o duque de Caxias. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 9, agosto 2012, p. 118.

### *5.1 Os elementos estruturais de Nemenis (1926-1945)*

O segundo volume da biografia de Ian Kershaw partiu de um questionamento de uma premissa bastante usual em estudos sobre Hitler – como vimos de forma mais detalhada no capítulo dois: o líder nazista era a encarnação do mal. Para Kershaw, a percepção de Hitler como a encarnação do mau político moderno era única, e seu lugar na história estava assegurado como odiado pelo século XX. No entanto, o autor reconheceu a verdade dessa condenação, mas argumentou que chamá-lo de mal não explicava nada. O que tornava o consenso da condenação um obstáculo à compreensão.

A partir dessa concepção, Ian Kershaw elencou uma série objetivos de escrita ainda no prefácio da obra. Entre eles: tentar compreender como Hitler conseguiu exercer o poder absoluto que lhe foi permitido adquirir; como os líderes mais poderosos se tornaram subordinados a um governo altamente personalizado, aclamado por milhões e excepcional em um estado moderno, até se tornarem incapazes de se libertar da vontade de um homem que os conduzia inexoravelmente à destruição; e como os cidadãos deste estado moderno se tornaram cúmplices em uma guerra genocida sem precedentes, resultando em assassinato em massa patrocinado pelo estado, devastação em todo o continente e a ruína final de seu próprio país.

Ele definiu os acontecimentos de 1936 a 1945 como “parte de uma destruição calamitosa da civilização europeia”. E, por isso, “Embora o resultado seja conhecido, como isso aconteceu talvez mereça consideração mais uma vez. Se este livro contribuir um pouco para aprofundar a compreensão, ficarei bastante satisfeito”.<sup>497</sup> Portanto, mais do que pensar Hitler e seu poder, Kershaw buscava compreender os eventos que levaram a civilização europeia a um desfecho tão desastroso.

A biografia *Nemenis*, composta por 1.115 páginas, exibiu em sua capa uma foto de Hitler como o seu uniforme, marchando em frente ao exército alemão. E, assim como no volume 1, o nome da biografia e o do autor foram escritos em branco e amarelo, com uma moldura vermelha ao redor.

---

<sup>497</sup> KERSHAW, Ian. **Hitler, 1889-1936: Nemesis**. First American edition. New York: W.W. Norton & Company, 2000, p. XVIII.

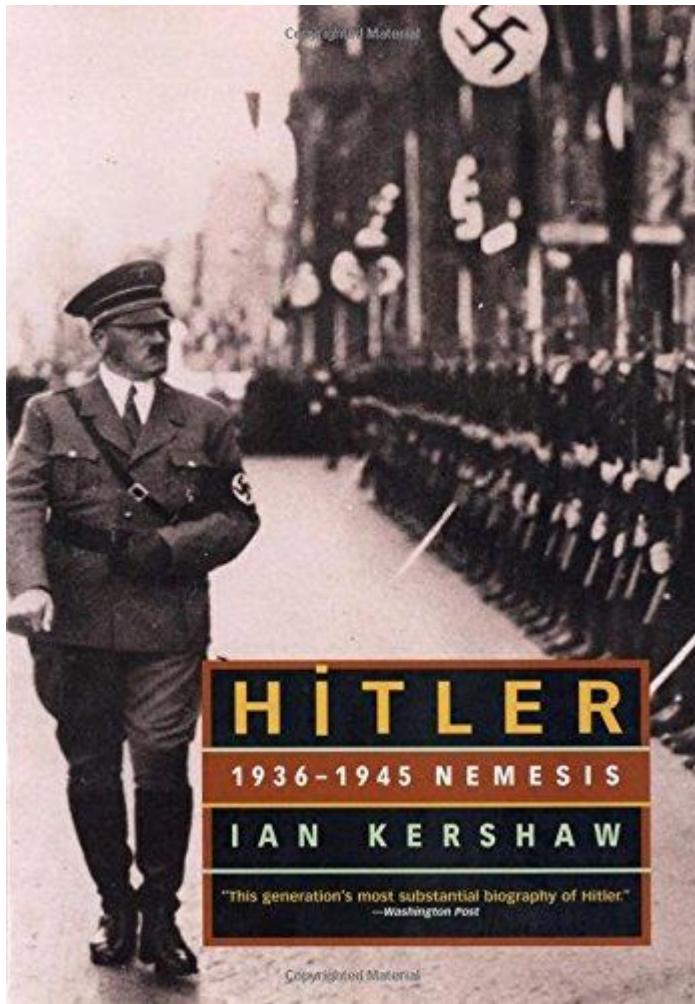


Imagen II: Capa da 1<sup>a</sup> edição da biografia *Hitler 1936-1945 Nemesis*.

Estruturalmente, a obra foi composta por: capa, contracapa, folha de rosto, ficha catalográfica, lista de ilustração, lista de mapas, prefácio, agradecimentos, 8 mapas, prefácio, uma sessão intitulada *1936: Hitler Triumphant*, 17 capítulos, 3 sessões de imagens, epílogo, glossário de abreviações, notas, referências bibliográficas e index.

No próprio prefácio, o biógrafo indicou o porquê da escolha do nome do volume dois da obra. O autor destacou a figura da *Nemesis* na mitologia grega, a deusa da retribuição, que punia os deuses pela tolice humana da arrogância excessiva. Segundo ele, o ditado inglês "o orgulho precede a queda" refletiu essa ocorrência comum. Argumentou que a história estava repleta de exemplos de líderes que, após uma ascensão meteórica, caíram rapidamente do poder, dentre eles Adolf Hitler.<sup>498</sup> Pelo título, podemos inferir que Kershaw pretendia demonstrar que Hitler, um narcisista orgulhoso que se tornou líder da Alemanha, deixou um legado de

<sup>498</sup> Idem.

destruição e autodestruição. Assim, sua “arrogância excessiva” resultou em uma punição inevitável.

Em *1936: Hitler Triumphant*, o biógrafo fez uma síntese da parte final do primeiro volume da biografia, *1889-1936 Hitler: Hubris*. Nele, recordou a consolidação do poder de Adolf Hitler na Alemanha até 1936, marcada por seus triunfos na política externa, a remilitarização da Renânia e o cenário político interno da Alemanha. Com isso, reforçou a busca de Hitler pelo poder absoluto e a concretização de parte de seus objetivos ideológicos.

O capítulo 1, *Ceaseless radicalization*, com 60 páginas, tratou da evolução da política interna e externa da Alemanha nazista na década de 1930 sob Adolf Hitler, pontuando as manobras diplomáticas com Grã-Bretanha e Itália, a intervenção na Guerra Civil Espanhola, e a propaganda das Olimpíadas de 1936. O caso Blomberg-Fritsch foi o ponto central do capítulo, destacando como esse acontecimento consolidou o poder de Hitler sobre a liderança militar e preparando o terreno para sua agenda expansionista e a iminente conflagração europeia.

Em *The Drive for expansion*, no decorrer de 65 páginas, Ian Kershaw destacou os principais eventos e dinâmicas que levaram à anexação da Áustria pela Alemanha nazista em 1938, revelando tanto as motivações ideológicas quanto os jogos de poder diplomáticos e políticos envolvidos. Também forneceu uma visão abrangente dos eventos e das dinâmicas geopolíticas que levaram à crise da Tchecoslováquia em 1938. Portanto, retratou momentos cruciais na história europeia no decorrer do ano de 1938, quando a Alemanha Nazista expandiu seu território e consolidou seu poder através de métodos agressivos e intimidadores.

No terceiro capítulo, *Marksof a genocidal mentality*, em 27 páginas, relatou a intensificação da violência antissemita na Alemanha Nazista em 1938, culminando no pogrom nacional de novembro. Com 25 páginas *Miscalculation* evidenciou eventos e decisões que levaram à expansão territorial da Alemanha liderada por Hitler antes da Segunda Guerra Mundial, dentre eles: a invasão da Tchecoslováquia pela Alemanha nazista em março de 1939 e suas consequências, e a escalada das tensões entre a Alemanha nazista e a Polônia.

O quinto capítulo, *Going for broke*, entre as páginas 181 e 230, o biógrafo detalhou relações políticas e diplomáticas na Europa antes do início da Segunda Guerra Mundial, bem como a astúcia e determinação de Hitler em alcançar seus objetivos expansionistas, como o pacto de não agressão entre a Alemanha Nazista e a União Soviética.

No capítulo intitulado *Licensingbarbarism*, com 49 páginas, tratou principalmente das ações brutais implementadas pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, tendo como objetivo demonstrar o papel crucial que a guerra desempenhou no fortalecimento e na radicalização do Nazismo. Em *Zenith ofpower*, ao longo de 57 páginas, o autor teve dois

momentos: no primeiro, delineou à estratégia de Hitler, as circunstâncias enfrentadas pela Alemanha e os desdobramentos dessas decisões no contexto da Segunda Guerra Mundial; no segundo, as limitações do poder de Hitler, o descontrole governamental, a falta de planejamento durante a guerra, a desintegração do governo coletivo, a radicalização ideológica e o papel do Partido Nazista nas terras ocupadas.

Em *Designing a ‘War of annihilation’*, Kershaw forneceu uma análise detalhada das políticas e ideologias por trás do genocídio perpetrado pela Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente no contexto da invasão da União Soviética. Ele destacou a interação complexa entre líderes políticos, militares e ideológicos na formulação e implementação dessas políticas. No capítulo *Showdown*, no decorrer de 67 páginas, somos apresentados às complexidades e às tensões dentro do comando militar alemão durante a campanha contra a União Soviética, bem como o papel central de Hitler na formulação e implementação da estratégia militar.

Com 37 páginas, *Fulfilling the ‘prophecy’* abordou o desenvolvimento do pensamento e dos planos nazistas em relação ao genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, desde as declarações de Hitler até a progressão dos preparativos para a “Solução Final”.

*Last big throw of the dice*, em 61 páginas, ofereceu *insights* sobre a mentalidade e as ações de Hitler durante um período crítico da Segunda Guerra Mundial, fornecendo uma compreensão mais profunda de sua liderança e das políticas do regime nazista, como as tensões entre Hitler e seus generais, bem como as consequências dessas tensões para a liderança militar alemã. No capítulo 12, *Beleaguered*, com 50 páginas, descreveu as dinâmicas complexas dentro do regime nazista durante as fases posteriores da Segunda Guerra Mundial, incluindo a luta para manter o apoio público, as dinâmicas internas de poder e o estilo de liderança cada vez mais isolado e distante de Hitler.

*Hoping for miracles*, da página 607 à página 652, retratou a teimosia, delírio e declínio físico de Hitler durante o ano crítico de 1944, enquanto a Alemanha enfrentava uma derrota iminente na Segunda Guerra Mundial, que incluía problemas de liderança, derrotas militares e uma crescente descrença entre os líderes e a população alemã. No décimo quarto capítulo, *Luck of the devil*, com 31 páginas, destacou a formação da resistência contra Hitler e das várias tentativas de assassinato e golpe, bem como das divergentes visões e desafios enfrentados pelos diferentes grupos de conspiradores.

Em *No way out*, ao longo de 64 páginas, o biógrafo teve como objetivo demonstrar que, apesar da narrativa de Hitler sobre a suposta traição dentro do exército e sua determinação em purgar os traidores para restaurar a eficácia militar e alcançar a vitória, as estruturas políticas e

militares do regime nazista deterioraram-se no final de 1944, à medida que a Alemanha se aproximava da derrota na Segunda Guerra Mundial.

No penúltimo capítulo, *Into the abyss*, com 45 páginas, pontuou a desilusão e o desespero dos alemães comuns no final da Segunda Guerra Mundial, especialmente em relação à liderança de Hitler e à falta de esperança no esforço de guerra. Isso resultou na deterioração da autoridade de Hitler e seu isolamento político, exemplificado por sua desconfiança em relação a seus generais e sua recusa em fazer mudanças significativas no governo. Em *Extinction*, com 33 páginas, destacou a atmosfera tensa e desesperada nos últimos dias do regime nazista, com a queda iminente de Berlim e a sensação de colapso total do poder de Hitler.

Por fim, no *Epílogo* Ian Kershaw abordou os eventos imediatos após a morte de Adolf Hitler em 30 de abril de 1945, destacando o esforço apressado dos membros do bunker para se livrar de seus corpos em meio ao bombardeio soviético. Assim como o final do Terceiro Reich e a subsequente rendição incondicional da Alemanha.

Antes mesmo de iniciar a narrativa da obra, *Nenemis* apresentou 8 mapas em sequência. Eles representaram diversos aspectos territoriais e operacionais da Alemanha e da Europa durante o período nazista, ilustrando a evolução territorial e as operações militares na Europa durante o período da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, com ênfase na expansão e nas campanhas do regime nazista. Portanto, as mudanças territoriais e as operações militares chave que definiram a Europa durante e entre as duas grandes guerras, com foco especial no impacto do regime nazista.<sup>499</sup>

A primeira sessão de imagens, com 34 fotografias, foi inserida no meio do quinto capítulo. Esse conjunto de fotografias ofereceu um panorama detalhado da ascensão de Adolf Hitler ao poder e da disseminação da ideologia nazista, entre 1936 e 1940. Além disso, as fotos abrangeram uma variedade de situações, desde a propaganda e alianças internacionais até episódios de violência antisemita e conquistas militares. Elas documentaram a trajetória de Hitler, suas interações diplomáticas, os esforços de propaganda do regime, os eventos decisivos da guerra e os impactos das políticas nazistas.

Inserida no meio do capítulo 10, a segunda sessão de imagens foi composta por 28 fotografias, representando diferentes momentos cruciais da vida de Hitler durante a Segunda

---

<sup>499</sup> 1. O legado do Primeiro Mundo (Território perdido pela Alemanha; Território perdido pela URSS; Áustria-Hungria em 1914; Pós Primeira Guerra MundialLimites); 2. Polónia sob ocupação nazi; 3. A ofensiva ocidental, 1940: o ataque Sichelschnitt; 4. O Reich Alemão de 1942: o Partido Nazista (território ocupado; estado satélite alemão); 5. Europa ocupada pelos nazistas; 6. Limites da ocupação alemã da URSS; 7. As frentes Ocidental e Oriental, 1944-5; 8. A viagem soviética a Berlim.

Guerra Mundial, mostrando sua interação com líderes estrangeiros, eventos militares e propaganda nazista, entre 1940 e 1942. Isto é, as imagens destacaram momentos chaves das interações diplomáticas e militares de Hitler, suas campanhas de propaganda e as consequências de suas decisões estratégicas durante a guerra.<sup>500</sup>

Já a terceira sessão de fotos, presente no final do capítulo 15, foi composta por 28 imagens. Estas documentaram momentos significativos da Segunda Guerra Mundial, envolvendo Adolf Hitler e outros líderes nazistas. Elas mostraram, por exemplo, Hitler assistindo a um desfile da Wehrmacht em 1943, sendo saudado pela “Velha Guarda” do Partido, e Martin Bormann após ser nomeado secretário do Führer. Kershaw também incluiu imagens de Hitler com Goebbels e Himmler, a dura realidade da Frente Oriental, e a “Solução Final” com deportações e execuções de judeus. A resistência ao nazismo foi destacada com figuras como Claus von Stauffenberg e Henning von Tresckow e suas tentativas fracassadas de matar Hitler. E, por último, a destruição e o fim do regime, com Hitler nas ruínas da Chancelaria do Reich em março de 1945.<sup>501</sup>

---

<sup>500</sup> Hitler despede-se de Franco após as conversações em Hendaye, nas fronteiras da França e da Espanha, em 23 de outubro de 1940; Hitler encontra-se com o chefe de estado francês, marechal Petain, em Montoire, em 24 de outubro de 1940, Ribbentrop conversando com Molotov, o Ministro das Relações Exteriores soviético, em uma recepção no Hotel Kaiserhof durante a visita deste último a Berlim, de 12 a 14 de novembro de 1940; Hitler e o Ministro das Relações Exteriores japonês, Matsuoka, na Chancelaria do Reich em Berlim, em 27 de março de 1941; Hitler em seu quartel-general em Monichkirchen, perto de Graz, em meados de abril de 1941; um Hitler pensativo, acompanhado pelo chefe do Alto Comando da Wehrmacht, Marechal de Campo Wilhelm Keitel, viajando de trem em 30 de junho de 1941; Um pôster antibolchevique: 'A vitória da Europa é a sua prosperidade'; o Marechal de Campo Walther von Brauchitsch (à direita), o fraco Comandante-em-Chefe do Exército entre fevereiro de 1938 e sua demissão em dezembro de 1941; o marechal de campo Keitel discutindo assuntos militares com Hitler na Toca do Lobo logo após a invasão da União Soviética; Reichsführer-SS e Chefe da Polícia Alemã Heinrich Himmler (à esquerda) ao lado de seu braço direito SS-Obergruppenführer Reinhard Heydrich, chefe do Gabinete Central de Segurança do Reich; cartaz produzido em Setembro de 1941 como o “Slogan da semana” pelo escritório central do Departamento de Propaganda do Partido Nazista e distribuído às filiais do Partido em todo o Reich; Hitler saúda o caixão de Reinhard Heydrich, que foi assassinado por patriotas tchecos vindos da Grã-Bretanha, em 9 de junho de 1942; Hitler conforta os filhos de Heydrich no funeral de estado; Hitler discursa para 12.000 oficiais e candidatos a oficiais no Sportpalast em Berlim, em 28 de setembro de 1942; alguns dos jovens oficiais reunidos aplaudiram Hitler na reunião; Marechal de Campo Fedor von Bock em 1942, como Comandante-em-Chefe do Grupo de Exércitos Sul; Marechal de campo Erich von Manstein; Hitler falando no 'Dia da Memória dos Heróis', 15 de março de 1942, no Ehrenhof ('pátio de honra') do Arsenal em Unter den Linden, em Berlim; a Frente Oriental, julho de 1942. Tropas motorizadas afastam-se de uma aldeia russa em chamas que destruíram; Hitler cumprimenta o chefe de estado croata, Dr. Ante Pavelic, na Toca do Lobo, em 29 de abril de 1943; Hitler a caminho de discussões com o líder romeno, marechal Antonescu (centro), no quartel-general do Führer, em 13 de fevereiro de 1942; Hitler cumprimenta o rei Bóris III da Bulgária na Toca do Lobo em março de 1942; a vez do presidente eslovaco, Monsenhor Dr. Josef Tiso, visitar Hitler em 23 de abril de 1943 no restaurado palácio barroco de Klessheim, perto de Salzburgo; Hitler cumprimenta o líder finlandês Marechal Mannerheim na Toca do Lobo em 27 de junho de 1942. Keitel está ao fundo; O almirante Horthy, chefe de estado húngaro, fala com Ribbentrop, Keitel e Martin Bormann durante uma visita à Toca do Lobo de 8 a 10 de setembro de 1941; em 1942, Noruega: Um hidroavião 'Do 24' é depositado em terra pelo guindaste de um navio de salvamento, para ser rebocado para um hangar de reparação; Leningrado: Um enorme canhão, montado num trem, dispara contra a cidade sitiada. Líbia: Tanques alemães avançando ao longo da frente na Cirenaica; Bósnia: Uma expedição para caçar guerrilheiros; um soldado alemão exausto na Frente Oriental.

<sup>501</sup> Hitler assistindo ao desfile da Wehrmacht depois de depositar uma coroa de flores no cenotáfio em Unter den Linden no ‘Dia Memorial dos Heróis’, 21 de março de 1943; Hitler é saudado pela “Velha Guarda” do Partido no

Após esse resumo gráfico da biografia, a partir daqui, realizaremos uma análise quantitativa e qualificativa dos temas (eixos temáticos) que Ian Kershaw utilizou em sua narrativa para construir a narrativa da vida de Adolf Hitler em *1936-1945 Hitler: Nemesis*.

### *5.2 Explorando os fundamentos: temas em 'Nemesis'*

Para desenvolver a sua escrita sobre Hitler em *Nemesis*, Ian Kershaw, ao longo de 17 capítulos e exatas 1.115 páginas, elegeu partes e acontecimentos da vida do líder nazista para construir sua imagem, visto que, os recortes e seleções do que e como escrever fazem parte do processo de escrita. Neste tópico, iremos nos dedicar a compreender um dos elementos narrativos da obra: os temas selecionados pelo biógrafo.

Ao contrário do que aconteceu no volume 1, como visto no capítulo anterior, na segunda parte da biografia percebemos uma quantidade mais limitada de temas abordados, assim como uma dedicação narrativa maior para desenvolvê-los – possivelmente, porque o segundo volume teve como recorte temporal, principalmente, os anos que envolveram os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. No total, identificamos 134 temas. Alguns temas apareceram de forma breve, foram os casos de: a visão imperialista de Hitler (2 páginas); o ataque japonês a Pearl Harbor (3 páginas); os problemas de saúde de Hitler (3 páginas); os jogos olímpicos (5 páginas). Outros foram mais trabalhados durante a narrativa, foram os casos de: o destino dos

---

Lowenbraukeller, em Munique, em 8 de novembro de 1943, no vigésimo aniversário do Putsch de Beerhall; Martin Bormann, chefe da Chancelaria do Partido; Hitler e Goebbels, fotografados durante uma caminhada em Obersalzberg, em junho de 1943; a Frente Oriental na primavera e no outono; a Frente Oriental no inverno; a Frente Oriental no verão; a ‘Solução Final. Judeus franceses sendo deportados em 1942; A Solução Final’. Judeus polacos forçados a cavar a sua própria sepultura, 1942; a ‘Solução Final’. Incineradores em Majdanek com esqueletos de prisioneiros do campo assassinados com a aproximação do Exército Vermelho e a libertação do campo em 27 de julho de 1944; Hitler e Himmler fazem uma caminhada no inverno em Obersalzberg, em março de 1944; o grupo de resistência ‘Rosa Branca’ de estudantes de Munique, em julho de 1942; o comandante Heinz Guderian; General Ludwig Beck; Coronel Claus Graf von Stauffenberg, a força motriz por trás da conspiração para matar Hitler em 20 de julho de 1944; Major-General Henning von Tresckow; Hitler, parecendo abalado, logo após a tentativa de assassinato em 20 de julho de 1944; As calças de Hitler, rasgadas pela explosão da bomba; Hitler cumprimenta Mussolini no quartel-general do Führer, em 20 de julho de 1944; o Almirante Donitz; um Hitler envelhecido, retratado no Berghof em 1944; armas Maravilhas: uma bomba voadora V1 é levada para sua plataforma de lançamento; Wonder-Weapons: um foguete V2, pronto para lançamento em Cuxhaven; um soldado americano está ao lado de um Me 262 no avanço para a Alemanha em abril de 1945; homens mal equipados da ‘Volkssturm Alemã’; O último ‘Dia da Memória dos Heróis’, 11 de março de 1945; mulheres e crianças em fuga enquanto o Exército Vermelho ataca Danzig em março de 1945; em fevereiro de 1945, o Exército Vermelho a uma curta distância de Berlim; Hitler, com seu ajudante Julius Schaub, nas ruínas da Chancelaria do Reich em Berlim, em março de 1945.

outros líderes nazistas com o fim do Terceiro Reich (7 páginas); a teimosia e os delírios de Hitler; a vida no Bunker (9 páginas); a deserção de Rudolf Heß (12 páginas).

Para realizar uma análise aprofundada, elaboramos um panorama dos temas abordados na biografia, examinando a dedicação do autor a cada um deles e como esses temas moldaram a narrativa do historiador. Para alcançar uma análise qualitativa dos dados, agrupamos os temas e assuntos dos capítulos em eixos temáticos, revelando os temas centrais que estruturaram a biografia. Para viabilizar a análise, na tabela a seguir, catalogamos os 10 eixos temáticos mais abordados na biografia escrita por Ian Kershaw:

Tabela 4 – Eixos Temáticos

Eixos temático	Porcentagem
A questão judaica	25,88
Deterioração da autoridade, declínio popular de Hitler	18,36
Movimentos de resistência à Hitler e ao Regime	14,60
Política externa	11,28
A questão de Danzig/Polônia	8,62
A crise sobre a Tchecoslováquia	8,18
Expansão territorial da Alemanha	4,20
Hitler público x privado	3,98
Apoio à Hitler	2,65
Controle de Hitler sobre as forças armadas	2,21

---

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos observar na tabela acima, quando sistematizamos os temas em eixos temáticos, percebemos que a questão judaica foi o grande eixo que estruturou a escrita de Ian Kershaw. Isto significa que, para desenvolver a temática da questão judaica, o autor utilizou exatas 117 páginas, sendo abordada em 10 dos 17 capítulos da obra. A deterioração da autoridade, declínio popular, de Hitler ocupou 83 páginas da biografia, distribuídas em 3 capítulos. Os movimentos de resistência a Hitler e ao regime foi tratado ao longo de 66 páginas, perpassando 3 capítulos. Os três eixos temáticos juntos somam 266 páginas, portanto, mais de 58% entre os eixos mais abordados. Ao organizar esses temas e assuntos que moldaram a

narrativa, nas próximas páginas, focaremos nossa análise em compreender os significados e impactos que esses elementos tiveram no desenvolvimento da biografia.

### *5.2.1 A questão judaica*

Como vimos na tabela acima, a “Questão Judaica” foi o tema mais presente na biografia escrita por Ian Kershaw. Esse tema foi abordado em exatamente dez capítulos distintos. Em cada um deles, o historiador buscou mostrar como uma questão ideológica fundamental se tornou uma política de Estado, representando um dos momentos mais sombrios da modernidade.

A primeira vez que Kershaw abordou a “Questão Judaica”, no segundo volume de sua biografia, foi para explicar como esse tema se tornou uma preocupação para Hitler e seus colaboradores. Segundo o autor, em 1937, a “Questão Judaica” não parecia ter sido uma prioridade para eles. Tanto que, Joseph Goebbels, em seu diário, registrou apenas algumas discussões sobre o assunto. Durante o primeiro dia do comício do partido em Nuremberg, Hitler e Goebbels conversaram sobre “questões raciais”. No final de novembro do mesmo ano, entre vários outros assuntos discutidos durante o almoço, a “questão judaica” foi abordada, especialmente devido aos preparativos de Goebbels para uma legislação que proibiria os judeus de frequentarem teatros e eventos culturais.

Apesar das opiniões de Hitler sobre a “Questão Judaica” permanecerem inalteradas desde sua primeira declaração sobre o assunto em setembro de 1919, como destacado pelo historiador, a política antijudaica, embora tenha ganhado força desde 1933, não possuía uma orientação central. Isso também foi evidente em 1937, conforme relatado na obra. Em abril de 1937, durante uma reunião com cerca de 800 líderes distritais (Kreisleiter), Hitler indicou sua cautela tática em relação à consistência ideológica na abordagem da “questão judaica”, mesmo deixando claro o seu desejo de destruir seus inimigos. O Chanceler do Terceiro Reich enfatizou que essa luta deveria ser conduzida de maneira inteligente e ao longo de um período de tempo.

Uma das primeiras medidas nesse sentido foi tomada em junho de 1937 e entrou em vigor no ano seguinte, em 1938, quando Hitler sancionou, seguindo a sugestão do líder dos médicos do Reich, Gerhard Wagner, medidas para proibir todos os médicos judeus de exercerem a medicina. Kershaw informou que esse foi um dos raros exemplos de envolvimento direto de Hitler nesse período. Na maioria das vezes, ele preferia manter-se afastado da "questão Judaica", dando apenas sua aprovação tácita, o que muitas vezes era suficiente. Para o autor, um exemplo disso foi o discurso de Hitler contra o "bolchevismo judaico" durante o comício

do partido em setembro, que serviu como aval para a nova onda de antisemitismo que se desenrolaria ao longo de 1938.

A discriminação contra os judeus intensificou-se, e o autor detalhou minuciosamente as diversas medidas cada vez mais radicais tomadas para eliminá-los da economia e da vida social. Entre essas medidas, o Serviço de Segurança (Sicherheitsdienst), cuja "Secção Judaica" era dirigida por Adolf Eichmann, forçou os judeus a deixarem a economia e a acelerarem sua emigração da Alemanha. Além disso, destacou-se a criação de um "clima popular hostil aos judeus" e a recomendação de "excessos" ilegais. O clima de hostilidade estava se intensificando. Até abril de 1938, mais de 60% das empresas judaicas haviam sido liquidadas ou "arianizadas". A partir do final de 1937, os judeus individuais também enfrentaram uma série crescente de medidas discriminatórias, coordenadas por diversos ministérios. A contribuição de Hitler, como sempre, consistiu principalmente em estabelecer o tom e fornecer a sanção e a legitimidade para as ações dos outros.

O segundo momento que Kershaw voltou a abordar a “Questão Judaica” foi para mostrar a construção de uma mentalidade genocida. O ponto de partida para a construção foi, de acordo com ele, a “Noite dos Cristais”. Na concepção de Kershaw, o pogrom nacional ocorrido na noite de 9 para 10 de novembro foi o ápice de uma terceira onda de violência antisemita, mais intensa do que as de 1933 e 1935, que teve início na primavera de 1938 e continuou como uma resposta interna à crise política externa durante o verão e o outono. O terror nas ruas de Viena em março e o sucesso de Adolf Eichmann, oficial da SS, em forçar a emigração dos judeus vienenses alimentaram esse clima de violência. Isso levou os líderes nazistas nas cidades do “Velho Reich”, especialmente em Berlim, a ver uma oportunidade de se livrarem dos “seus” judeus.

Essa política não se limitou ao fechamento ou venda a preços irrisórios das empresas judaicas, mas também incluiu uma série de medidas legislativas discriminatórias e proibições ocupacionais, impedindo os judeus de exercerem várias profissões, como médicos e advogados, até mesmo de trabalharem como vendedores ambulantes. A legislação também impôs restrições aos judeus em relação aos seus nomes e documentos de identidade, como a adição dos nomes “Israel” e “Sara” aos seus nomes existentes, além da obrigatoriedade de carimbarem um “J” em seus passaportes.

Kershaw entendeu que foi juntamente por causa da legislação que veio também a violência. Durante os meses de verão, ocorreram dezenas de ataques a propriedades judaicas e a judeus individuais, muitos deles realizados por membros do Partido Nazista. Ao contrário das ondas anteriores de antisemitismo, houve um foco crescente nas sinagogas e nos cemitérios judaicos, que foram repetidamente vandalizados. Em Munique, por exemplo, a principal

sinagoga foi demolida em junho, tornando-se a primeira na Alemanha a ser destruída pelos nazistas.

Hitler, consciente da importância de não se associar publicamente à campanha antijudaica, insistiu que nenhuma discussão sobre a “Questão Judaica” fosse permitida na imprensa durante suas visitas a diferentes partes da Alemanha em 1938. Isso se deveu à necessidade de preservar sua imagem, tanto no país quanto no exterior. Em setembro de 1938, Hitler ordenou que sua assinatura do quinto decreto para implementar a Lei de Cidadania do Reich, que visava a expulsar os advogados judeus, não fosse divulgada para proteger a imagem da Alemanha, que ele identificou como sua própria imagem.

Na verdade, o historiador concluiu que Hitler pouco ou nada precisou fazer para promover a crescente campanha contra os judeus. Outros correram, tomaram a iniciativa e pressionaram para a ação. Kershaw descreveu essa atitude como um caso clássico de “trabalhar em prol do Führer”. Segundo ele, cada grupo, agência ou indivíduo envolvido na radicalização da discriminação antijudaica tinha seus próprios interesses e uma agenda específica. O que os unia e justificava suas ações era a visão da purificação racial e, em particular, a ideia de uma Alemanha “livre de judeus”, personificada na figura do Führer. O papel de Hitler foi, portanto, crucial, mesmo que muitas vezes indireto. Sua ampla aprovação era necessária, mas, na maioria das vezes, pouco mais foi exigido dele.

A “atmosfera venenosa” promovida por Goebbels, por meio da propaganda, com a aprovação tácita de Hitler, teve resultados imediatos. Em maio, ocorreram tumultos em Berlim, com multidões atacando lojas judaicas, o que resultou em prisões pela polícia. A violência continuou em junho, mas foi temporariamente interrompida devido à preocupação com a imagem internacional da Alemanha. A falta de uma proibição explícita das ações antisemitas individuais foi interpretada como uma autorização tácita pelo Partido, levando a iniciativas similares em outras cidades. A tensão aumentou durante o verão e o outono, transformando a “Questão Judaica” em um barril de pólvora prestes a explodir.

Todavia, a liderança do regime nazista enfrentava desafios sobre como remover os judeus da economia e forçá-los a deixar a Alemanha. Ainda em janeiro de 1937, Eichmann já havia sugerido que os pogroms poderiam acelerar a emigração judaica. O assassinato do secretário da Terceira Legação alemã em Paris por um judeu polonês em novembro de 1938 ofereceu uma oportunidade que Goebbels aproveitou com entusiasmo, obtendo o apoio total de Hitler.

Kershaw especificou como aconteceu a morte de Ernest von Rath. No clima ameaçador do outono de 1938, a situação dificilmente poderia ter sido diferente. Agora, as hordas nazistas deveriam ser encorajadas a direcionar a sua ira contra os judeus. Na manhã seguinte ao fatídico

tiroteio, a imprensa nazista, sob a orquestração de Goebbels, foi inundada de ataques violentos contra os judeus, que incitariam à violência.

Com certeza, naquela noite, 8 de novembro, pogroms – envolvendo o incêndio de sinagogas, destruição de propriedades judaicas, pilhagem de bens e maus-tratos a judeus individuais – foram instigados em várias partes do país através da agitação dos líderes locais do Partido sem quaisquer diretrizes do alto.<sup>502</sup>

O resultado da noite de horror para os judeus da Alemanha foi a demolição de cerca de 100 sinagogas, o incêndio de várias centenas de outras, a destruição de 8.000 lojas de judeus e a vandalização de centenas apartamentos. As calçadas das grandes cidades estavam repletas de cacos de vidro das vitrines das lojas de propriedade de judeus; mercadorias, se não saqueadas, foram jogadas nas ruas. Os prejuízos materiais eram inegáveis, mas a miséria humana das vítimas era incalculável.

Espancamentos e maus-tratos bestiais, mesmo contra mulheres, crianças e idosos, eram comuns. Cerca de cem judeus foram assassinados. Não é de admirar que o suicídio fosse comum naquela noite terrível. Alguns tentaram, mas não conseguiram, matar-se. Muitos mais sucumbiram às brutalidades nas semanas que se seguiram ao pogrom nos campos de concentração de Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen, para onde os 30.000 judeus do sexo masculino detidos pela polícia foram enviados como forma de forçar a sua emigração. Para maximizar a humilhação, os prisioneiros – muitos deles sofrendo de diarreia crônica – foram deixados nos seus próprios excrementos. Era como se a sujeira e o mau cheiro enfatizassem a separação dos judeus da “comunidade nacional” alemã “saudável”, “limpa” e “saudável”.<sup>503</sup>

A escala e a natureza da selvageria, assim como o objetivo de intensificar a degradação e a humilhação, refletiram o sucesso da propaganda na demonização dos judeus e reforçaram o processo, que estava em andamento desde a ascensão de Hitler ao poder, de desumanização e exclusão dos judeus da sociedade alemã. Segundo o autor, esse foi um passo crucial no caminho para o genocídio.

Para aqueles que o viram na noite de 9 de novembro, Hitler parecia chocado e zangado com os relatos que lhe chegavam sobre o que estava acontecendo. No entanto, para Kershaw, não há dúvidas de que, desde aquela noite em diante, “foi como se Hitler quisesse lançar um véu sobre todo o negócio”.<sup>504</sup> Em seu discurso em Munique aos representantes da imprensa na noite seguinte, 10 de novembro, ele não fez menção ao ataque contra os judeus. Mesmo em seu “círculo íntimo”, ele nunca mencionou a “Reichskristallnacht” pelo resto de sua vida. Embora

---

<sup>502</sup> KERSHAW, Ian. **Hitler, 1889-1936:** Nemesis. First American edition. New York: W.W. Norton & Company, 2000, p. 138.

<sup>503</sup> Idem, p. 142.

<sup>504</sup> Idem, p. 150.

tenha se distanciado publicamente do que havia acontecido, Hitler, de fato, favorecia as medidas mais extremas em todas as ocasiões.

A brutalidade aberta do Pogrom de Novembro, a prisão e encarceramento de cerca de 30.000 judeus que se lhe seguiram, e as medidas draconianas para forçar os judeus a saírem da economia, foram todas explicitamente aprovadas por Hitler, mesmo se as iniciativas tivessem partido de outros, sobretudo do próprio Ministro da Propaganda.<sup>505</sup>

Em 12 de novembro de 1938, uma reunião convocada por Hermann Göring, ministro da economia, com mais de 100 participantes, ocorreu no Ministério da Aeronáutica para discutir a “Questão Judaica”. Göring declarou que Hitler desejava uma solução coordenada e centralizada para o problema, com foco na questão econômica, visando a confiscar negócios judaicos para beneficiar o Reich. Enquanto Goebbels propôs medidas de discriminação social, Reinhard Heydrich, diretor do Gabinete Central de Segurança do Reich, sugeriu o uso de distintivos para identificar os judeus, porém a ideia de estabelecer guetos foi rejeitada. Hitler posteriormente descartou a sugestão dos distintivos para evitar possíveis pogroms.

No final da longa reunião, Göring anunciou, com a aprovação dos presentes, a imposição de uma “multa de expiação” aos judeus. Mais tarde naquele dia, ele emitiu decretos que impunham uma multa de mil milhões de marcos aos judeus, os excluíam da economia até 1 de janeiro de 1939, e estipulavam que eles eram responsáveis pelo pagamento dos danos causados às suas próprias propriedades.

A partir da “Noite dos Cristais”, a radicalização alimenta-se da radicalização, e não encontrava oposição de qualquer parte.

Qualquer oposição teria de vir daqueles com acesso às alavancas do poder. As pessoas comuns que expressaram a sua raiva, tristeza, desgosto ou vergonha pelo que tinha acontecido eram impotentes. Aqueles que poderiam ter articulado tais sentimentos, como os líderes das Igrejas Cristãs, entre cujos preceitos estava “ama o teu próximo como a ti mesmo, mantiveram-se calados. Nenhuma das grandes denominações, protestantes ou católicas, levantou um protesto oficial ou mesmo apoiou aqueles pastores e padres corajosos que se manifestaram.<sup>506</sup>

Dentro da liderança do regime, aqueles que, como Hjalmar Schacht, então ministro da economia, haviam expressado objeções econômicas ou outras táticas contra o que consideravam ser “excessos” selvagens e contraproducentes dos antisemitas radicais no partido, estavam politicamente impotentes. No entanto, tais argumentos econômicos perderam toda a força com a “Noite de Cristal”. Os líderes das forças armadas não fizeram nenhum protesto público.

---

<sup>505</sup>Idem, p. 148.

<sup>506</sup> Idem, p. 146.

Apesar de tudo o que havia acontecido, ainda existia uma vontade de acreditar que Hitler não era o responsável e que a culpa poderia ser atribuída a Goebbels. Além disso, segundo o biógrafo, o profundo antisemitismo que permeava as forças armadas significava que não se podia esperar nenhuma oposição digna de menção ao radicalismo nazista por parte delas.

Outro evento significativo na “Questão Judaica”, de acordo com o autor, foi a implementação da política de emigração forçada. Em 24 de janeiro de 1939, Göring estabeleceu o Gabinete Central para a Emigração Judaica, sob a supervisão do Chefe da Polícia de Segurança, Reinhard Heydrich. Esta política, agora transformada em um esforço total e acelerado para expulsar os judeus da Alemanha, ainda era baseada na emigração forçada. A transferência da responsabilidade para as SS marcou o início de uma nova fase na política antijudaica. Para as vítimas, representou um passo decisivo em direção ao destino final nas câmaras de gás dos campos de extermínio.

Himmler fez um discurso para principais líderes da SS no início de novembro de 1938, em que declarou que a missão da SS era com a erradicação implacável dos inimigos ideológicos da Alemanha, que, na visão dele, eram numerosos e ameaçadores. Segundo Kershaw,

[...] um retiro num Estado moderno para a selvageria associada a épocas passadas, revelou ao mundo a barbárie do regime nazi. Na Alemanha, trouxe medidas draconianas imediatas para excluir os judeus da economia, acompanhadas por uma reestruturação da política antijudaica, colocando-a agora diretamente sob o controlo das SS, cujos líderes associaram a guerra, a expansão e a erradicação dos judeus.<sup>507</sup>

Essa conexão entre guerra e a “Questão Judaica” não era apenas uma preocupação dos SS. Para Hitler também, a relação entre a iminente guerra e a destruição dos judeus da Europa começava a se tornar cada vez mais evidente. Desde a década de 1920, Hitler entendia que a salvação da Alemanha só poderia ser alcançada por meio de uma luta pela supremacia na Europa e, eventualmente, pelo domínio mundial, contra poderosos inimigos apoiados pelo que ele considerava o mais poderoso de todos: o judaísmo internacional. Para Hitler, essa era uma aposta inevitável, e o destino dos judeus estava irrevogavelmente ligado a essa aposta.

Com a iminência da guerra, a questão da ameaça representada pelos judeus em um futuro conflito estava presente na mente de Hitler. O embrião de um possível genocídio, ainda que vagamente concebido, começava a se formar. A ideia de destruição e aniquilação, e não apenas emigração, dos judeus, estava no ar. Kershaw compreendeu que “esta não foi uma antecipação de Auschwitz e Treblinka. Mas sem essa mentalidade, Auschwitz e Treblinka não teriam sido possíveis”.<sup>508</sup>

---

<sup>507</sup> Idem, p. 130.

<sup>508</sup> Idem, p. 152.

No seu discurso no Reichstag em 30 de janeiro de 1939, no sexto aniversário da sua tomada do poder, Kershaw destacou que Hitler revelou publicamente sua associação genocida, ligando a destruição dos judeus ao advento de outra guerra. Suas palavras deram uma visão da patologia de sua mente, da intenção genocida que estava começando a se manifestar. Embora não soubesse exatamente como a guerra resultaria na destruição dos judeus, ele tinha certeza de que esse seria o desfecho de uma nova conflagração. Essa foi uma “profecia” que Hitler revisitaria várias vezes nos anos de 1941 e 1942, quando “a aniquilação dos judeus deixou de ser apenas uma retórica terrível para se tornar uma terrível realidade”.<sup>509</sup>

A radicalização do “programa” nacional-socialista, por mais vago que fosse, não poderia diminuir. Para o autor, as formas como diferentes grupos de poder e indivíduos importantes em posições de influência interpretaram o imperativo ideológico representado por Hitler garantiram que o sonho da nova sociedade a ser criada por meio da guerra, da luta, da conquista e da purificação racial fosse mantido à vista. As chamas de tais antagonismos sociais foram impulsionadas pelas mensagens de propaganda cheias de ódio. As mentalidades fomentadas ofereceram uma porta aberta ao fanatismo dos crentes. A competição interna incorporada no regime garantiu que o impulso radical não só fosse sustentado, mas também intensificado à medida que a guerra proporcionava novas oportunidades. E, à medida que a vitória parecia iminente, abriram-se novas perspectivas deslumbrantes para erradicar os inimigos raciais, deslocar populações inferiores e construir o “admirável mundo novo”. Quase sem qualquer envolvimento direto de Hitler, a política racial desenvolveu a sua própria dinâmica. Dentro do Reich, aumentaram as pressões para livrar a Alemanha dos seus judeus de uma vez por todas.

E a política implementada pelo regime nazista foi outro tópico abordado por Kershaw para compreender o desenvolvimento da “Questão Judaica” dentro do Terceiro Reich. Para ele, o verdadeiro caminho em direção à radicalização e ao extermínio dos judeus ocorreu por meio da Polônia, em que a megalomania racial teve total liberdade. Contradictoriamente, foi precisamente a falta de qualquer “planejamento sistemático no caos do poder ilimitado que gerou problemas logísticos imprevistos e becos administrativos na ‘limpeza étnica’, os quais, por sua vez, levaram a abordagens cada vez mais radicais e genocidas”.<sup>510</sup>

Aqueles que desfrutavam de posições de poder e influência viam a ocupação da Polônia como uma oportunidade para “resolver a Questão Judaica”. Para a SS, surgiram perspectivas inteiramente novas. Entre os líderes do Partido, todos os Gauleiter (líderes provinciais) queriam

---

<sup>509</sup> Idem, p. 153.

<sup>510</sup> Idem, p. 152.

livrar-se dos “seus” Judeus e agora viam possibilidades de o fazer. Esses foram pontos de partida.

Ao mesmo tempo, para aqueles que governavam as partes da antiga Polónia que tinham sido incorporadas no Reich, a expulsão dos judeus dos seus territórios era apenas parte do objetivo mais amplo da germanização, a ser alcançado o mais rapidamente possível. Isto significava também enfrentar a “Questão Polaca”, removendo milhares de polacos para dar lugar aos alemães étnicos do Báltico e de outras áreas, classificando os “melhores elementos” como alemães e reduzindo o resto a hilotas sem instruções disponíveis para servir os senhores alemães. A “limpeza étnica” para produzir a necessária germanização através do reassentamento estava intrinsecamente ligada à radicalização do pensamento sobre a “Questão Judaica”.<sup>511</sup>

O autor destacou várias medidas adotadas e os problemas decorrentes da falta de um planejamento sistemático. Por exemplo, logo após a invasão da Polônia pela Alemanha, a Polícia de Segurança e os líderes do Partido em Praga, Viena e Kattowitz viram a oportunidade de deportar os judeus de suas áreas, seguindo as sugestões de Heydrich de criar uma “reserva judaica” a leste de Cracóvia. Isso resultou nos primeiros transportes para Nisko, município polonês, mas a falta de provisões na Polônia interrompeu abruptamente esses esforços.

Logo no final do mês, de acordo com o biógrafo, Himmler, agora Comissário do Reich para a Consolidação da Germanidade, ordenou a expulsão de todos os judeus dos territórios incorporados, com planos de deportar cerca de 550.000 judeus, além de centenas de milhares da população polonesa, para um total de aproximadamente um milhão de pessoas. A maioria desses deportados seria destinada à “reserva” em Madagáscar. No entanto, a falta de um plano claro e oposição interna impediram a implementação imediata dessa ideia. Hans Frank, governador-geral da Polônia ocupada, esperava resolver o problema dos judeus locais enviando-os para Madagáscar, mas essa expectativa logo se desfez devido à falta de planejamento e à necessidade de mão-de-obra para a guerra.

Segundo Kerhsaw, a sugestão de Madagáscar como destino para os judeus veio à tona em círculos políticos mais altos, mas a ideia não foi muito além da consideração inicial. Himmler e Heydrich avançaram na discussão sobre o que chamavam de “Solução Final” para a “Questão Judaica”, incluindo a deportação em massa dos judeus para o Leste Europeu. Hitler, embora pouco envolvido diretamente, deu aprovação geral para os planos, enquanto outros, como Himmler e Heydrich, lideraram ativamente o caminho para a radicalização da política antijudaica. A política antijudaica de 1940 não seguiu uma linha clara, mas, dentro da liderança das SS e da Polícia de Segurança, o pensamento avançava na direção de um genocídio implícito.

---

<sup>511</sup> Idem, p. 318.

O rápido endosso de Hitler a um esquema tão mal pensado e impraticável refletiu o seu envolvimento superficial na política antijudaica durante 1940. Os seus principais interesses naquele ano estavam claramente noutro lado, na direção da estratégia de guerra. Pelo menos por enquanto, a “Questão Judaica” era para ele um assunto secundário. Os seus comentários sobre os judeus geralmente seguiam sugestões de outros - como Himmler, Frank, Ribbentrop ou Goebbels, todos com interesses diretos na política antijudaica. Da mesma forma, as suas decisões, tal como aconteceu com o bloqueio do transporte de judeus para o Governo Geral, foram em grande parte reativas e, como neste caso, dando a mais alta aprovação a uma política que já tinha sido introduzida.<sup>512</sup>

Portanto, segundo Kershaw, Hitler não fornecia uma orientação clara, mas sim respondia aos caprichos da política. Sua ampla missão de “remover” os judeus e sua “profecia” de que a guerra traria uma solução para a “Questão Judaica” eram suficientes. Os preparativos para a guerra no Leste não decorriam da obsessão ideológica de Hitler com o “bolchevismo judaico”, que durava há vinte anos, mas de uma estratégia para forçar a Grã-Bretanha a ceder às exigências alemãs. Entretanto, à medida que os preparativos para a invasão da URSS começavam a tomar forma concreta, na Primavera de 1941, a essência ideológica do confronto iminente com o “bolchevismo judaico” tornou-se central, levando a Alemanha ao genocídio total dos judeus. E este foi mais um tópico abordado pelo autor para tratar a “Questão Judaica”.

Para Kershaw, não foi por acaso que a guerra no Leste culminou no genocídio. O objetivo ideológico de erradicar o “bolchevismo judaico” era central, e não periférico, para o que tinha sido concebido como uma ““guerra de aniquilação””.<sup>513</sup>

Durante o verão e o outono de 1941, Hitler discutiu com seu círculo íntimo seus objetivos ideológicos de esmagar a União Soviética. No mesmo período, em seus monólogos no quartel-general do Führer, ele fez menções aos judeus, embora de forma geral. Esses foram os meses em que, a partir das contradições e da falta de clareza da política antijudaica, começou a surgir um programa concreto para o extermínio de todos os judeus na Europa ocupada pelos nazistas.

Ao contrário das questões militares, em que sua interferência repetida refletia sua constante preocupação com minúcias táticas e sua desconfiança nos profissionais do exército, como afirmou Kershaw, o envolvimento de Hitler em questões ideológicas era menos frequente e mais indireto. Em março de 1941, Hitler estabeleceu as diretrizes, e isso foi o suficiente. A partir daí, o processo genocida se desencadearia, transformando-se em uma conflagração no meio da barbárie da guerra para destruir o “bolchevismo judaico”.

---

<sup>512</sup> Idem, p. 323.

<sup>513</sup> Idem, p. 462.

Ele podia ter certeza de que Himmler e Heydrich, acima de tudo, não deixariam pedra sobre pedra na eliminação do inimigo ideológico de uma vez por todas. E ele podia estar igualmente certo de que encontrariam ajudantes dispostos a todos os níveis entre os senhores do novo Império no Leste, quer estes pertencessem ao Partido, à polícia ou à burocracia civil.<sup>514</sup>

Na véspera da operação “Barbarossa”, a invasão da União Soviética pela Alemanha Nazista, de acordo com o autor, Hitler assegurou a Hans Frank, comandante do Governo Geral (órgão nazista que administrava parte do território polonês), que os judeus seriam “removidos num futuro próximo”. A província de Frank se tornou, então, uma espécie de “campo de trânsito”. Desde o início do ano, a intenção era deportar os judeus do território de Frank para o leste após a vitória esperada sobre a União Soviética no outono. O plano incluía a deportação de aproximadamente 5-6 milhões de judeus da URSS, como parte do “Plano Geral para o Leste”, ordenado por Himmler. A carnificina atingiu um nível horrível nas primeiras semanas de “Barbarossa”, com milhares de judeus sendo assassinados. O aumento maciço no número de vítimas exigiu uma mudança nas técnicas de matança, passando de execuções por fuzilamento para carnificina em massa.

Embora alguns líderes afirmassem ter recebido ordens de Hitler para exterminar os judeus na União Soviética, na concepção de Kershaw, a escalada significativa das operações de assassinato sugere que nenhuma ordem clara para o extermínio total foi dada até o início de “Barbarossa”. No entanto, isso colocou a “Questão Judaica” diretamente nas mãos de Himmler, que rapidamente intensificou as operações de “policimento” atrás da linha de frente.

Que os Judeus, como tinha sido o caso desde o início da campanha, fossem vistos como o principal grupo-alvo a ser exterminado – sob o pretexto de oferecer a oposição mais perigosa à ocupação – teria significado que não seria necessário nenhum mandato específico sobre o seu tratamento no âmbito da missão geral de “pacificação”, com os judeus no Oriente como bem entendesse, Himmler podia presumir que estava “trabalhando em prol do Führer”.<sup>515</sup>

Portanto, para o autor, os próprios comentários de Hitler sobre os judeus nessa época certamente teriam assegurado isso a Himmler.

Nas primeiras semanas da “guerra de aniquilação” desencadeada, a mentalidade genocida de Hitler começou a emergir. Ele concordou com o aumento do número de unidades policiais no leste e, segundo Kershaw, possivelmente deu carta branca a Himmler para operar como achasse adequado na “limpeza” dos territórios orientais conquistados dos judeus. Hitler

---

<sup>514</sup> Idem.

<sup>515</sup> Idem, p. 469.

estava considerando uma “solução para a questão judaica” não apenas na União Soviética, mas em toda a Europa. Nenhuma decisão sobre a “Solução Final” – o extermínio físico dos judeus em toda a Europa – havia sido tomada ainda. No entanto, o genocídio estava no horizonte. O objetivo neste momento ainda era uma solução territorial: remover os judeus para o leste. Nos meses seguintes, o reconhecimento de que a aposta em uma vitória rápida por nocaute no Leste tinha falhado alteraria esse objetivo.

Assim, enquanto a guerra no Leste continuasse, Hitler adiava a expulsão dos judeus para perecerem nos desertos áridos a serem adquiridos da União Soviética. Ele reconhecia que o momento para o acerto de contas com os judeus não poderia mais ser adiado. Nesse sentido, concordou em começar a deportar judeus alemães, austríacos e checos para o leste, mesmo com a guerra em curso. Essa decisão foi fatídica e marcou o início de uma nova fase crucial na emergência gradual de um programa abrangente para o genocídio. A questão do consumo de recursos alimentares escassos era crucial, e as autoridades pressionavam para que fossem feitas poupanças à custa dos judeus. A ideia de que os judeus que não pudessem trabalhar deveriam ser liquidados ganhava força. Segundo Kershaw, em meio a isso, Hitler já demonstrava sua disposição para a destruição total, como indicava sua posição sobre Leningrado.

O acordo de Hitler para a deportação dos judeus alemães não foi equivalente a uma decisão para a “Solução Final”. É duvidoso que alguma vez tenha sido tomada uma decisão única e abrangente deste tipo. Mas a autorização de Hitler para as deportações abriu amplamente a porta a toda uma série de novas iniciativas de numerosos líderes nazis locais e regionais que aproveitaram agora a oportunidade para se livrarem do seu próprio “problema judaico”, para começarem a matar judeus nas suas próprias áreas. Houve uma aceleração perceptível do ritmo genocida nas semanas seguintes. A velocidade e a escala da escalada da matança apontam para uma autorização de Hitler para liquidar as centenas de milhares de judeus em várias partes do leste que eram incapazes de trabalhar. Mas ainda não existia um programa coordenado e abrangente de genocídio total. Isso ainda levaria alguns meses para surgir.<sup>516</sup>

Kershaw demonstrou como a “Solução Final”, que significava o extermínio físico dos judeus da Europa, estava ainda em fase de desenvolvimento. Ele mostrou como a ideologia da aniquilação total estava substituindo rapidamente a lógica econômica de explorar os judeus até a morte. Portanto, como diferentes aspectos do genocídio estavam sendo integrados de forma acelerada em decorrência do desenvolvimento da guerra.

Para o autor, a responsabilidade de Hitler pelo genocídio dos judeus era inquestionável. No entanto, apesar de suas declarações públicas contra os judeus e de incitar à violência

---

<sup>516</sup> Idem, p. 481.

extrema, Hitler sempre procurou esconder seu envolvimento no assassinato dos judeus. Mesmo em seu círculo íntimo, ele nunca falou abertamente sobre o assunto. Isso porque,

Talvez mesmo no auge do seu próprio poder ele temesse o deles, e a possibilidade de um dia a sua “vingança”. Talvez, sentindo que o povo alemão não estava preparado para descobrir o segredo mortal, ele estivesse determinado – a sua inclinação geral para o segredo era, como sempre, acentuada – a não falar dele senão em termos horríveis, mas imprecisos.<sup>517</sup>

Durante os primeiros anos da guerra, Hitler não mencionava muito os judeus, nem em público nem em privado. À medida que o destino da guerra se tornava mais crítico, ele começou a fazer referências aos judeus, embora de forma geral e vaga: “as suas observações limitavam-se a generalidades – mas com ocasionais alusões ameaçadoras ao que estava a acontecer”.<sup>518</sup>

Kershaw trouxe como exemplo o discurso de Hitler para a “velha guarda” dos veteranos do Putsch, em 8 de novembro de 1941. Em seu discurso, o líder nazista reiterou a ideia da culpabilidade judaica pela guerra. Apesar das vitórias do ano anterior, ele continuava a reconhecer a presença do “judeu internacional” por trás do conflito. Segundo ele, os judeus envenenaram as nações por meio do controle da imprensa, do rádio, do cinema e do teatro, garantindo que o rearmamento e a guerra beneficiassem seus interesses comerciais e financeiros. Hitler retratou os judeus como os instigadores da guerra mundial, afirmando que a Inglaterra, influenciada pelos judeus, liderou a “coalizão mundial contra o povo alemão”. Ele previu que a União Soviética, “a maior aliada dos judeus”, acabaria confrontando o Reich. Na visão de Hitler, o Estado soviético estava sob domínio de comissários judeus, e Stalin não passava de “um instrumento nas mãos deste todo-poderoso judaísmo”. Ele argumentou que, por trás de Stalin, estavam “todos aqueles judeus que, de mil maneiras, lideravam este poderoso império”.<sup>519</sup>

Para o historiador, Hitler atribuía a culpa pelos mortos na Primeira Guerra Mundial e na atual guerra aos judeus, reforçando sua “profecia” de que a destruição dos judeus era iminente. Ele nunca mencionou diretamente a “Solução Final”. Isso significava que as consequências decorrentes da ordem de deportação do mês anterior ainda não se fundiram no programa genocida completo.

Em dezembro de 1941, após a declaração de guerra dos Estados Unidos, como descrito por Kershaw, Hitler abordou diretamente o destino dos judeus, afirmando que eles deveriam pagar o preço pela guerra. Ele relacionou o fim do conflito com a queda dos judeus. O autor

---

<sup>517</sup> Idem, p. 487.

<sup>518</sup> Idem.

<sup>519</sup> Idem, p. 487.

ressaltou que, na visão de Hitler, os judeus foram os responsáveis pelo desencadeamento da guerra mundial e deveriam arcar com as consequências.

Durante a Conferência de Wannsee, em janeiro de 1942, a “Solução Final” começou a ser discutida, embora Hitler não estivesse presente. A Conferência de Wannsee foi um trampolim fundamental no caminho para a terrível finalidade genocida.

Um programa de deportação que visava a aniquilação dos judeus através do trabalho forçado e da fome no território soviético ocupado após o fim de uma guerra vitoriosa estava rapidamente a dar lugar à compreensão de que os judeus teriam de ser sistematicamente destruídos antes do fim da guerra – e que o principal locus da sua destruição não seria mais a União Soviética, mas o território do Governo Geral.<sup>520</sup>

Kershaw afirmou que, embora Hitler não estivesse diretamente envolvido na Conferência de Wannsee, sua responsabilidade pelo genocídio dos judeus era clara, pois sua autorização geral permitiu que o programa genocida fosse implementado em toda a Europa ocupada pelos alemães. Sua autorização geral para deportações para o leste foi interpretada por Heydrich como uma autorização para expandir as operações de matança em um programa genocida europeu.

Goebbels, como relatado na biografia, pressionou Hitler por uma solução radical para a “Questão Judaica”, e em março, quando os campos de extermínio de Belzec já estavam operando, Hitler permaneceu implacável, concordando que os judeus deveriam ser removidos da Europa, mesmo que isso exigisse meios brutais. Tanto Goebbels quanto a Polícia de Segurança desempenharam papéis significativos na radicalização do plano de extermínio, com a autorização e o apoio indireto de Hitler. A cumplicidade no regime nazista era generalizada, desde a liderança militar e industrial até os membros do Partido e os cidadãos comuns em busca de vantagens pessoais através da perseguição e deportação dos judeus.

Para mostrar que Hitler não apenas autorizava, mas também tinha pleno conhecimento do massacre dos judeus, Kershaw detalhou os relatórios elaborados por Himmler entre 1942 e 1943 e apresentados ao líder do Terceiro Reich. Consciente do tabu em torno do assunto na comitiva de Hitler, especialmente em relação à menção explícita ao assassinato em massa dos judeus, Himmler fez com que o relatório estatístico fosse apresentado em linguagem codificada.

A ficção teve que ser mantida. Himmler ordenou que o termo “Tratamento Especial” (em si um eufemismo para matar) fosse excluído da versão abreviada para ser enviado a Hitler. O seu estatístico, Dr. Richard Korherr, recebeu ordens simplesmente de se referir ao “transporte de judeus”. Houve referência a judeus sendo “enxugados” em campos sem nome. A linguagem de camuflagem existia para

---

<sup>520</sup> Idem, p. 492.

servir a um propósito específico. Hitler compreenderia o que isso significava e reconheceria a “conquista” do Reichsführer-SS.<sup>521</sup>

Hitler, como Kershaw demonstrou, mencionou no início de 1941 a deportação dos judeus para o leste. Em setembro de 1941, autorizou explicitamente a deportação dos judeus para essa região. Nesse momento, já havia aceitado a ideia do assassinato em massa dos judeus. Todavia, Hitler permaneceu intensamente preocupado com o sigilo do processo. O historiador apontou que não há evidências explícitas de que Hitler tenha discutido o extermínio dos judeus, nem mesmo em conversas privadas com ajudantes ou secretários. O autor sugeriu que, se o assunto foi mencionado, provavelmente foi em conversas privadas com Himmler, de maneira geral e camouflada, em observações cujos significados seriam compreendidos apenas por aqueles cientes do que estava acontecendo.

Prosseguindo a narrativa, Kershaw informou que Hitler foi alertado para a gravidade da “Questão Judaica” em abril de 1943. No mês anterior, ele havia concordado com a deportação do que restava da comunidade judaica de Berlim. Em abril, recebeu um relatório crucial, preparado pelo estatístico da SS, que informava que quase um milhão e meio de judeus haviam sido “evacuados” e “canalizados através de campos na Polônia”. Além disso, instruiu Goebbels a dar destaque à “Questão Judaica” na propaganda.

A diretiva de Hitler a Goebbels para ampliar o tratamento propagandístico da perseguição aos Judeus tinha motivos instrumentais. Ele reconhecia o valor propagandístico do antisemitismo. Segundo Kershaw, no início de maio, Hitler afirmou que o antisemitismo, como propagado pelo Partido nos anos anteriores, precisava novamente se tornar a mensagem central. Para ele, a propaganda antisemita deveria partir da premissa de que os judeus eram os líderes do bolchevismo. Era imperativo que os judeus deixassem a Europa. No outono, em discursos proferidos em Posen, Himmler utilizaria a “Questão Judaica” de maneira semelhante, porém mais explícita, para manter a liderança nazista unida em sua cumplicidade com o assassinato em massa dos judeus.

À medida que a guerra se voltava contra a Alemanha, o cercado Führer voltava cada vez mais à sua obsessão pela responsabilidade judaica na conflagração. Na concepção de Kershaw, “Na sua visão maniqueísta do mundo, a luta até o fim entre as forças do bem e do mal – a raça ariana e os judeus – estava atingindo seu clímax. Não poderia haver trégua na luta para exterminar os judeus”.<sup>522</sup> O judaísmo mundial, na opinião de Hitler, estava à beira de uma queda histórica.

---

<sup>521</sup> Idem, p. 521.

<sup>522</sup> Idem, p. 588.

Assim como ao longo de toda a sua explanação sobre a “Questão Judaica”, o autor observa que essas discussões ocorriam sempre em círculos privados. Hitler evitava abordar o destino dos judeus de forma direta, mesmo entre seus confidentes mais próximos. Nas palavras de Kershaw, “Era um assunto que todos em sua companhia sabiam evitar. Pensar em criticar o tratamento dispensado aos judeus era, obviamente, um anátema”.<sup>523</sup>

No outono de 1943, a liderança da SS pressionava fortemente pela ampliação da “Solução Final” para todos os cantos restantes do império nazista. A conformidade de Hitler com as demandas da SS para acelerar e concluir a “Solução Final” foi claramente motivada pelo seu desejo de concluir a destruição daqueles que ele considerava responsáveis pela guerra. Ele queria, segundo Kershaw, ver cumprida a “profecia” que havia anunciado em 1939 e à qual repetidamente se referiu. Mas, mais do que na primavera anterior, quando encorajou Goebbels a intensificar a propaganda antisemita, havia também a necessidade de manter unidos seus seguidores mais próximos em uma “comunidade do destino” juramentada, unidos pelo seu conhecimento e envolvimento no extermínio dos judeus. Essa política foi responsável pela morte de milhares de judeus de formas extremamente degradantes, representando um dos capítulos mais sombrios da história daquela sociedade moderna.

Ao abordar a “Questão Judaica”, Kershaw procurou evidenciar os caminhos que levaram à implementação da “Solução Final”. A identificação das fases desse processo permitiu ao autor apresentar, por meio de duas teses-chave, sua compreensão da política de Estado mais característica e degradante do regime nazista. A primeira tese central era que todos, à sua maneira, estavam “trabalhando em prol do Führer” para colocar em prática o extermínio dos judeus. Em segundo lugar, apesar de seus esforços para não deixar vestígios, Hitler não apenas sabia, como:

[...] não pode haver dúvidas: o papel de Hitler foi decisivo e indispensável no caminho para a “Solução Final”. Se ele não tivesse chegado ao poder em 1933 e, em vez disso, um governo nacional-conservador, talvez uma ditadura militar, tivesse ganho o poder, a legislação discriminatória contra os judeus teria, com toda a probabilidade, ainda sido introduzida na Alemanha. Mas sem Hitler, e sem o regime único que ele chefia, a criação de um programa para provocar o extermínio físico dos judeus da Europa teria sido impensável.<sup>524</sup>

O autor, em todos os momentos, reafirmou sua convicção sobre o papel fundamental desempenhado por Hitler na formulação e implementação da política da “Solução Final”. Ele

---

<sup>523</sup> Idem, p. 590.

<sup>524</sup> Idem, p. 495.

argumentou que, sem o envolvimento direto de Hitler, era improvável que o regime nazista tivesse prosseguido com o extermínio físico dos judeus.

### *5.2.2 A crise de liderança*

Ian Kershaw abordou a crise de liderança de Adolf Hitler, assim como a “Questão Judaica”, dentro do contexto dos acontecimentos da guerra. Kershaw destacou os momentos decisivos nos quais a autoridade e liderança de Hitler foram enfraquecidas, desde o início da Operação Azul até a queda total do regime nazista com a batalha de Stalingrado.

Segundo o autor, a liderança do líder nazista foi impactada pela primeira vez durante a Operação Azul. A Operação, posteriormente renomeada como Operação Braunschweig, foi o plano das Forças Armadas Alemãs (Wehrmacht) para sua estratégia ofensiva no verão de 1942, no sul da Rússia, entre 28 de junho e 24 de novembro de 1942. Essa operação foi a continuação da Operação Barbarossa, idealizada pelo general Franz Halder no ano anterior, e tinha como objetivo final acabar com a presença soviética na guerra. A Operação Azul envolveu duas frentes de ataque: uma em direção à região de Baku, rica em petróleo, e outra em direção a Stalingrado ao longo do rio Volga, visando cobrir os flancos do avanço em direção a Baku.

Logo após o início da Operação Azul, em 1 de julho, a queda de Sebastopol resultou na promoção imediata de Erich von Manstein a Marechal de Campo. No entanto, segundo o autor, uma calamidade estava prestes a acontecer. Ao contrário da diretiva de abril para a Barbarossa, na qual a influência de Haider era evidente, esta diretiva baseava-se em uma decisão de Hitler. O 6º Exército conseguiu consolidar sua posição e até ganhou vantagem nas semanas seguintes, mas “o pesadelo de Stalingrado estava apenas começando”.<sup>525</sup>

No norte, no final de agosto, de acordo com Kershaw, as esperanças de lançar um ataque e tomar a cidade de Leningrado foram frustradas pela contraofensiva soviética ao sul do Lago Lagoda. O 18º Exército de Manstein, transferido da frente sul para liderar o planejado ataque final a Leningrado em setembro, na operação conhecida como “Aurora Boreal”, viu-se envolvido em repelir o ataque soviético. A captura de Leningrado já não era uma possibilidade. A última chance de fazê-lo desapareceu. Apesar da demonstração pública de confiança de Hitler na vitória, sua crescente ansiedade interior era evidente. Seu temperamento exaltado resultou em explosões de raiva mais frequentes. Como de costume, ele procurou bodes expiatórios para a rápida deterioração da situação militar no leste.

---

<sup>525</sup> Idem, p. 531.

Para o historiador, a crise na liderança de Hitler ocorreu, primeiro, internamente devido ao agravamento das condições em Stalingrado e no Mediterrâneo, representando a pior crise nas relações entre Hitler e seus líderes militares desde o mês de agosto anterior. Os líderes militares cada vez mais questionavam a situação precária em que o exército se encontrava, sem uma perspectiva clara de possibilidade de vitória.

Essa falta de esperança também começou a afetar a imagem pública de Hitler. Kershaw citou como exemplo o discurso tradicional no Lowenbraukeller, em Viena, para os participantes do Putsch de 1923, em 7 de novembro, ocasião em que as notícias do Mediterrâneo pioraram dramaticamente. Conforme observado pelo autor, dificilmente essa seria a atmosfera escolhida por Hitler para um grande discurso, uma vez que ele não apenas carecia de notícias positivas para relatar, mas também teve que proferir seu discurso em meio a uma crise militar.

Os “Velhos Combatentes” do Partido esperavam algum esclarecimento de Hitler sobre a situação, ficariam desapontados. Os habituais ataques verbais aos líderes Aliados e os paralelos violentos com a situação interna antes da “tomada do poder” eram tudo o que ele tinha para oferecer. A recusa em comprometer-se, a vontade de lutar, a determinação em vencer o inimigo, a falta de qualquer alternativa para o sucesso completo e a certeza da vitória final numa guerra pela própria existência do povo alemão formaram a base da mensagem. Ele novamente apresentou a perspectiva de uma vitória iminente em Stalingrado.<sup>526</sup>

Kershaw classificou o discurso como um dos piores realizados por Hitler. O líder nazista só conseguiu ser convincente quando distorceu a realidade, ignorando fatos desagradáveis ou os apresentando de forma distorcida. Para a maioria dos alemães, o discurso de Hitler teve apenas um impacto superficial. Mesmo aqueles que foram momentaneamente despertados pela sua demonstração verbal de desafio foram dominados mais uma vez pelas preocupações do cotidiano: abastecimento de alimentos, escassez de mão de obra, condições de trabalho e a ansiedade pelos entes queridos na frente de batalha, além dos constantes ataques aéreos. O anúncio do desembarque dos Aliados no Norte da África, ainda segundo o autor, lançou um profundo atmosfera de tristeza sobre uma guerra cujo fim parecia ainda mais distante do que nunca. Isso se somou ao crescente mal-estar, apesar do discurso de Hitler, sobre a situação em Stalingrado.

Em decorrência do clima de crise, tanto entre os líderes militares quanto entre a população, as críticas à liderança alemã por envolver as pessoas nessa guerra tornavam-se cada vez mais comuns, frequentemente incluindo implicitamente Hitler. Para Kershaw, este foi o

---

<sup>526</sup> Idem, p. 539 e 540.

primeiro sinal de que a popularidade de Hitler estava em declínio. A ideia de que o líder alemão e seu regime estavam fora de controle ganhava força entre a população. Apesar disso, o autor destacou que o seu público fiel, aquele que demonstrava lealdade ao Führer, até aquele momento, não tinha sido afetado

Era essencial reforçar esta espinha dorsal do poder pessoal de Hitler e da vontade de manter unida a frente interna. Aqui, entre esse público, Hitler ainda conseguia aproveitar muito do entusiasmo, do comprometimento e do fanatismo de antigamente. Ele conhecia os acordes para tocar. A música era uma melodia familiar. Mas todos ali devem ter reconhecido – e até certo ponto compartilhado – um sentimento de autoengano nas letras.<sup>527</sup>

Ao tentar demonstrar o escalonamento da crise de liderança de Hitler, Kershaw deu continuidade dos entreves de guerra. Os eventos seguintes agravaram ainda mais as tensões entre Hitler e o exército. Em 19 de novembro, as forças soviéticas cercaram completamente o 6º Exército alemão em Stalingrado, após romperem a frente controlada pelo 4º Exército romeno. Furioso com a situação, Hitler demitiu o general Ferdinand Heim e ordenou sua execução, mas essa medida foi impedida pela intervenção de outros oficiais. Apesar dos apelos de Paulus, Weichs e Zeitzler, Hitler insistiu que o 6º Exército permanecesse firme e fosse abastecido pelo ar até que o socorro chegasse. Inicialmente, o marechal de campo von Manstein apoiou essa decisão, mas mudou de opinião em meados de dezembro devido às condições climáticas severas e à impossibilidade de sustentar o abastecimento aéreo por muito tempo.

A tentativa de romper o cerco de Stalingrado falhou, condenando o 6º Exército. Na véspera de Natal, Manstein desistiu de persuadir Hitler a permitir a fuga das tropas, concentrando-se em manter o flanco esquerdo para evitar uma catástrofe ainda maior. Enquanto isso, Hitler demonstrava crescente preocupação com os reveses no Norte da África e a lealdade de seus aliados italianos. Diante das sugestões dos italianos de buscar um acordo com a União Soviética, Hitler recusou, temendo uma União Soviética “revigorada”.

Como uma estratégia de escrita, após descrever os fracassos militares, Kershaw retoma o impacto dessas informações sobre a população alemã, destacando como isso intensificou a crise de liderança de Hitler. Foi o caso da descrição de como foi o Natal de 1942 para o povo alemão, após tomarem conhecimento do “sinistro” destino que aguardava o 6º Exército. Nas palavras de Kershaw,

Para o povo alemão, especialmente para as muitas famílias alemãs com entes queridos no 6º Exército, o Natal de 1942 foi uma festa deprimente. Uma transmissão de rádio ligando tropas em todas as frentes de combate,

---

<sup>527</sup> Idem, p. 41.

incluindo Stalingrado, trouxe lágrimas aos olhos de muitas famílias reunidas em torno da árvore de Natal em seus países de origem, enquanto os homens na “frente do Volga” se juntavam aos seus camaradas para cantar “Noite silenciosa”. Os ouvintes em casa não sabiam que a ligação era falsa. Nem sabiam que 1.280 soldados alemães morreram em Stalingrado naquele dia de Natal de 1942.<sup>528</sup>

Os rumores sobre o cerco do 6º Exército, transmitidos por meio de cartas desesperadas dos soldados encerrados, espalharam-se rapidamente. Tornou-se logo evidente que esses rumores eram “a triste realidade”. Enquanto o clima sombrio em casa se aprofundava a cada dia, a terrível batalha nas ruas de Stalingrado caminhava inexoravelmente para seu desfecho. Apesar da impossibilidade, nesse estágio, de vencer uma guerra em duas frentes contra os russos e os americanos, Hitler não demonstrava nenhum sinal externo de enfraquecimento. Hitler sentia-se obrigado a manter a farsa, mesmo em seu círculo íntimo, de que a guerra seria vencida e, contraditoriamente, ainda conseguia transmitir otimismo aos que o cercavam. No entanto, segundo Kershaw, o que ele realmente pensava era um mistério para todos.

Em 22 de janeiro de 1943, a última pista de pouso próxima a Stalingrado foi perdida. Os suprimentos agora só podiam ser lançados do ar, e as tropas remanescentes, congeladas e famintas, sob constante fogo pesado, muitas vezes não conseguiam recuperá-los. Nesse ponto, o povo alemão já se preparava para o pior.

Após a visita de Goebbels à Toca do Lobo em 22 de janeiro, como relatado por Kershaw, onde obteve o apoio de Hitler para a radicalização da frente interna em um impulso para a “guerra total”, a imprensa recebeu instruções para destacar o “grande e emocionante sacrifício heroico que as tropas cercadas em Stalingrado ofereciam à nação alemã”. Isso deveria ser integrado ao contexto da mobilização da população para a “guerra total”.

Hitler ainda mantinha a esperança de que partes do 6º Exército pudesse resistir até serem substituídas, mas a situação era crítica. Em 22 de janeiro, mesmo dia em que Goebbels teve suas conversas com Hitler no quartel-general, segundo o autor, Paulus solicitou permissão para se render, o que foi rejeitado por Hitler. Por uma questão de honra, ele afirmou que não poderia haver capitulação. À noite, telegrafou ao 6º Exército, enfatizando que sua luta representava uma contribuição histórica na maior batalha da história alemã. O exército deveria permanecer firme “até o último soldado e a última bala”. A partir de 23 de janeiro, o 6º Exército começou a se desintegrar. Foi dividido em dois quando as tropas soviéticas, que avançavam

---

<sup>528</sup> Idem, p. 547.

pelo sul e oeste da cidade, uniram suas forças. Em 26 de janeiro, a divisão do 6º Exército estava concluída. Uma seção içou a bandeira branca em 29 de janeiro.

Kershaw destacou que as "celebrações" na Alemanha pelo aniversário do dia da ascensão de Hitler, em janeiro de 1933, foram discretas, sem bandeiras. Hitler não fez seu discurso habitual, deixando para Goebbels a leitura da proclamação. Em Stalingrado, o fim se aproximava. Em 30 de janeiro de 1943, os remanescentes do 6º Exército enviaram antenas aos soviéticos, rendendo-se naquela mesma noite. As negociações ocorreram no dia seguinte, quando Paulus foi promovido a marechal de campo. À noite, ele se rendeu. Dois dias depois, em 2 de fevereiro, o setor norte das tropas cercadas também se rendeu, encerrando a batalha de Stalingrado. Cerca de 100.000 soldados alemães e romenos morreram em batalha, e mais 113.000 foram feitos prisioneiros, com apenas alguns milhares sobrevivendo ao cativeiro.

O segundo ponto de análise da crise de liderança centrou-se na resposta de Hitler à derrota do 6º Exército e como sua liderança foi afetada. Foi com base nesse objetivo que Kershaw desenvolveu sua narrativa. O foco principal foi mostrar como o líder nazista reagiu e como sua liderança foi afetada por esse evento.

Na conferência do meio-dia de 1º de fevereiro, Hitler não fez qualquer menção à tragédia humana ao se encontrar com seus líderes militares. Sua preocupação principal era o prestígio perdido com a rendição de Paulus. No entanto, para o povo alemão, a rendição de Paulus não era uma preocupação. Quando ouviram o temido anúncio em 3 de fevereiro, de que os oficiais e soldados do 6º Exército haviam lutado até o último tiro e "morrido para que a Alemanha pudesse viver", suas preocupações se centraram na tragédia humana e na escala do desastre militar.

O "sacrifício heroico" não serviu de consolo para parentes e amigos desolados.<sup>529</sup> As mulheres de Nuremberg estavam entre aquelas com muitos maridos, pais, filhos ou irmãos no 6º Exército. Quando a notícia foi divulgada, no dia 3 de fevereiro, eles arrancaram exemplares de jornais das mãos dos vendedores, gritando e lamentando, fora de si de tristeza. Homens lançaram insultos à liderança nazista. 'Hitler mentiu para nós durante três meses', as pessoas se enfureceram. Os homens da Gestapo misturaram-se na multidão. Mas nenhum deles interveio para prender indivíduos das multidões perturbadas e furiosas.<sup>529</sup>

Houve uma profunda depressão e uma raiva generalizada pelo fato de Stalingrado não ter sido evacuada ou socorrida enquanto ainda havia tempo. As pessoas questionavam como relatórios tão otimistas tinham sido possíveis apenas pouco tempo antes. Criticavam a

---

<sup>529</sup> Idem.

subestimação, como no inverno anterior, das forças soviéticas. Muitos agora acreditavam que a guerra não poderia ser vencida e contemplavam ansiosamente as consequências da derrota.

A constatação das consequências da guerra teve uma implicação prática na liderança de Hitler. Até Stalingrado, ele permaneceu em grande parte isento de quaisquer críticas feitas ao regime. No entanto, isso mudou drasticamente. Sua responsabilidade pelo desastre tornou-se evidente. Pela primeira vez, críticas relacionadas diretamente a ele foram ouvidas de forma contundente. Portanto, para Kershaw, a partir deste momento, instalou-se uma verdadeira crise de liderança.

As pessoas esperavam que Hitler desse uma explicação em seu discurso em 30 de janeiro. Sua óbvia relutância em falar à nação apenas aumentou as críticas. Os oponentes do regime foram encorajados. Grafites pintados com giz nas paredes atacando Hitler, chamando-o de “o Assassino de Stalingrado”, eram um sinal de rompimento de lealdade a Hitler. Consternados com o que havia acontecido, vários oficiais do exército e funcionários públicos de alto escalão reviveram planos conspiratórios em grande parte adormecidos desde 1938-1939. Em Munique, um grupo de estudantes, juntamente com um de seus professores, agora exibia abertamente seu ataque a Hitler.

Apesar do regime ter sido gravemente atingido, não estava à beira do colapso. Ele reagiria sem escrúpulos e com total crueldade ao menor sinal de oposição. O nível de brutalidade contra sua própria população estava prestes a aumentar significativamente à medida que a adversidade externa se intensificava.

Se Hitler sentiu algum remorso pessoal por Stalingrado ou simpatia humana pelos mortos do 6º Exército e seus familiares, ele não deixou transparecer. Não houve qualquer vestígio de desmoralização, depressão ou incerteza quando ele falou aos Reichs – e aos Gauleiter durante quase duas horas no seu quartel-general, em 7 de fevereiro. Logo no início do seu discurso, ele afirmou a sua crença na vitória, descartando categoricamente, como sempre fizera, qualquer possibilidade de capitulação. Afirmou que qualquer colapso do Reich alemão estava fora de questão. Essa reação de Hitler, para Kershaw era justificada, visto que

À liderança do Partido, a espinha dorsal do seu apoio, Hitler poderia falar desta forma. O Gauleiter poderia ser mobilizado por tal retórica. Afinal, eles eram fanáticos, assim como o próprio Hitler. Eles faziam parte de sua “comunidade juramentada”. A responsabilidade do Partido pela radicalização da “frente interna” era música para os seus ouvidos. Em qualquer caso, quaisquer que fossem as dúvidas privadas (se houvesse), não tinham outra escolha senão ficar com Hitler.<sup>530</sup>

---

<sup>530</sup> Idem, p. 405.

Por outro lado, o povo alemão estava longe de ser tranquilizado. Quando Hitler falou à nação em Berlim pela primeira vez desde Stalingrado, no Dia da Memória dos Heróis, em 21 de março de 1943, para o biógrafo, seu discurso gerou críticas ainda maiores do que qualquer discurso anterior desde que ele se tornou Chanceler.

O discurso foi um dos mais curtos de Hitler. Ele expressou a Goebbels seu desejo de usá-lo para mais um ataque feroz ao bolchevismo. No entanto, a repetição do discurso habitual contra o bolchevismo e os judeus como a força por trás da “guerra impiedosa” não gerou muito entusiasmo. A decepção foi profunda. Para Kershaw, o mais extraordinário foi o fato de Hitler nem sequer ter mencionado diretamente Stalingrado em uma cerimônia destinada a honrar a memória dos caídos, especialmente considerando que o trauma ainda estava fresco. Sua breve menção, no final do discurso, ao número de 542.000 alemães mortos na guerra, foi considerada muito baixa e recebida com total incredulidade.

O posicionamento de Hitler gerou reações, e foram exatamente essas reações ao discurso que, para o historiador, foram um claro indicador de que os laços do povo alemão com Hitler estavam se dissolvendo. O autor afirmou que esse não foi um fenômeno repentino, mas Stalingrado foi o ponto em que os sinais se tornaram visíveis. Mesmo assim, não havia uma atmosfera de rebelião; o clima era taciturnamente deprimido, ansioso com o presente, temeroso do futuro e, acima de tudo, cansado da guerra, mas não rebelde. O regime, portanto, continuava forte, mantendo sua capacidade de repressão. As reservas de apoio ao nazismo ainda eram substanciais.

Kershaw foi destacando em quais setores da população essas atitudes eram especialmente evidentes embora também houvesse sinais de enfraquecimento: entre os membros de uma geração mais jovem que tinham internalizado os ideais nazistas desde a escola, entre muitos soldados comuns na frente que se agarrawam desesperadamente a qualquer raio de esperança, e, naturalmente, na maioria dos ativistas do Partido que combinavam uma crença fervorosa com aspirações de carreira. Os devotos fanáticos do culto ao Führer, que nunca vacilaram em sua adoração a Hitler ou estavam envolvidos nos crimes contra a humanidade que ele inspirou, mantinham o controle da frente interna, prontos para recorrer a qualquer medida, por mais cruel que fosse, para fortalecer os alicerces do regime.

Já para a maioria da população, “não havia alternativa além de continuar lutando”. Embora ainda houvesse um longo caminho a percorrer, nos meses seguintes, os horrores da guerra impactariam cada vez mais intensamente a própria população da Alemanha. O que se tornaria cada vez mais claro após Stalingrado era que, “apesar de qualquer apoio remanescente,

o caso de amor do povo alemão com Hitler estava chegando ao fim. Restava apenas o amargo processo de divórcio”.<sup>531</sup>

O terceiro ponto abordado para tratar o tema foi a tentativa frustradas de reverter a crise de liderança. Um exemplo disso foi o discurso proferido por Joseph Goebbels, conforme destacado por Kershaw. Durante seu discurso de duas horas proclamando a “guerra total” em 18 de fevereiro de 1943, o ministro da propaganda questionou se o povo alemão havia perdido a confiança no Führer. A resposta da plateia, composta por catorze mil pessoas, foi um uníssono e histérico “Comando do Führer, nós obedeceremos!”. Este episódio foi parte de uma tentativa de Goebbels de reforçar a confiança no Führer e negar qualquer possibilidade de colapso interno na Alemanha. O discurso foi marcado por aplausos, vivas e gritos de aprovação, terminando com cânticos em homenagem a Hitler.

O discurso de Goebbels, nesse sentido, visava a mostrar a total solidariedade entre o povo e o líder, transmitindo a determinação absoluta da Alemanha em continuar e intensificar a luta até alcançar a vitória. No entanto, apesar da impressão temporária deixada pela espetacular publicidade de Goebbels, a solidariedade começou a diminuir rapidamente. A crença na liderança de Hitler entre a maioria da população foi seriamente prejudicada. Na verdade, de acordo com Kershaw, as esperanças cada vez menores de vitória já se tinham transformado, para aqueles com algum sentido de realismo, na quase certeza da derrota final.

Nos meses seguintes, o povo alemão, o regime nazista e seu líder ficariam cada vez mais encurralados. Enquanto amigos e aliados desertavam, as conquistas territoriais desmoronavam, e os ataques aéreos devastavam ainda mais as cidades alemãs. A esmagadora superioridade dos Aliados em mão de obra e armamentos se tornava cada vez mais evidente. Internamente, os sinais de enfraquecimento do apoio ao regime, e até mesmo a Hitler pessoalmente, começaram a se multiplicar. No entanto, segundo Kershaw, o desafio e a determinação evocados no discurso de Goebbels no Sportpalast, apoiados por novos níveis de repressão draconiana à medida que o apoio ao regime diminuía, ajudaram a eliminar qualquer perspectiva de colapso interno. Isso, por sua vez, prolongaria a sobrevivência do regime por mais dois anos.

Os meses após Stalingrado também testemunharam o aprofundamento dos traços de caráter familiares e arraigados de Hitler.

A fachada de otimismo muitas vezes absurdo permaneceu praticamente intacta, mesmo entre seu círculo íntimo. O show de vontade indomável continuou. Os voos da fantasia, desvinculados da realidade, ganharam novas dimensões. Mas a máscara caía de vez em quando em comentários que revelavam profunda

---

<sup>531</sup> Idem, p. 557.

depressão e fatalismo. Foi um reconhecimento fugaz do que ele já reconhecia interiormente: havia perdido a iniciativa para sempre.<sup>532</sup>

E foi precisamente sobre Hitler e sua ligação com o povo alemão que Kershaw, por último, concentrou sua análise para tratar da crise de liderança. Conforme a guerra, desencadeada por Hitler, começava a atingir o Reich, o ditador, envelhecendo rapidamente, mostrando-se cada vez mais fisicamente abalado e exibindo sinais evidentes de intensa tensão nervosa, distanciava-se cada vez mais de seu povo. Parecia que ele evitava encontrá-los agora que não havia mais triunfos para relatar, e ele tinha que assumir a responsabilidade pelas crescentes perdas e misérias. À medida que a sorte da Alemanha na guerra desmoronava entre 1943 e 1945, “o antigo cabo de uma grande guerra anterior nunca procurou experimentar em primeira mão os sentimentos dos soldados comuns”.<sup>533</sup>

Segundo o historiador, o declínio na relação entre Hitler e o povo foi evidenciado pelo número decrescente de grandes discursos públicos proferidos por ele. Em 1940, realizou nove discursos, em 1941 sete, em 1942 cinco. Em 1943, apenas dois (além de uma transmissão de rádio em 10 de setembro) – um no “Dia da Memória dos Heróis”, em 21 de março, e outro para a Velha Guarda no Lowenbraukeller em Munique, em 8 de novembro. A maior parte de seu tempo foi passada longe dos ministérios do governo em Wilhelmstrasse e, Berlim – e do povo alemão – em seu quartel-general ou em seu retiro de montanha em Berchtesgaden. Durante todo o ano de 1943, passou apenas alguns dias em Berlim, principalmente em maio. Durante cerca de três meses ao todo, esteve no Berghof. O restante do tempo foi confinado ao quartel-general na Prússia Oriental, com algumas visitas breves à Ucrânia.

O afastamento de Hitler das massas era uma preocupação interna para o partido, especialmente para Goebbels. Como Kershaw descreve, em julho de 1943, Goebbels lamentou a forma como Hitler se isolou do povo. Segundo o Ministro da Propaganda, as massas eram a base da autoridade única de Hitler, pois lhe davam crença e confiança, essenciais para o apoio do regime. No entanto, Goebbels viu essa relação ameaçada. Ele destacou o grande número e o tom crítico das cartas – muitas delas anônimas – que chegavam ao Ministério da Propaganda. Kershaw trouxe parte do relato do ministro da propaganda para reforçar o descontentamento com a atitude de Hitler:

Acima de tudo a questão é repetidamente levantada nestas cartas: por que o Führer nunca visita as áreas atacadas pelos bombardeios, por que Göring nunca aparece, e especialmente por que o Führer não se comunica com o povo alemão para explicar a situação atual. Considero extremamente necessário que o Führer

---

<sup>532</sup> Idem, p. 574.

<sup>533</sup> Idem, p. 565.

faça isso, apesar de suas preocupações com o setor militar. Não se pode negligenciar as pessoas por muito tempo. Elas são, em última análise, o coração de nosso esforço de guerra. Se o povo perder sua força de resistência e fé na liderança alemã, então enfrentaremos a crise de liderança mais grave que já ocorreu.<sup>534</sup>

Kershaw afirmou que a crise de liderança e, principalmente, a falta de ação de Hitler no revelou uma faceta importante da dinâmica do alto escalão do regime nazista. Figuras proeminentes como Goebbels, Göring e Speer, entre outros, se moviam em um jogo complexo de ambição e lealdade, em que estavam determinados a proteger seus próprios interesses de poder, mesmo que isso significasse desafiar a autoridade de Hitler. Kershaw revelou como Goebbels e Göring conspiraram para minar o Comitê dos Três, um grupo que se tornou cada vez mais influente na tomada de decisões internas. Eles buscaram transferir autoridade para o Conselho Ministerial, buscando uma liderança mais forte no esforço de guerra.

Portanto, para o autor, o funcionamento interno do regime nazista revelava as tensões e rivalidades que existiam nos mais altos escalões de poder. Ao mesmo tempo, essas lutas pelo poder refletiam as crescentes preocupações sobre o futuro do Reich diante das adversidades crescentes da guerra. Goebbels, por exemplo, via as falhas de Hitler em se envolver com o povo e em lidar com questões internas como uma fraqueza. A ausência de Hitler em Berlim e sua priorização dos assuntos militares em detrimento da política interna foram vistos por Goebbels como sinais de um líder que não estava à altura dos desafios que enfrentava.

Kershaw foi descrevendo Hitler como indeciso e fraco diante dos problemas apresentados. O líder nazista culpava os outros e demitia seus comandantes em resposta aos desastres militares. As habilidades de Hitler como estrategista militar foram eficazes apenas quando a Alemanha estava em ofensiva. Contudo, quando a estratégia defensiva tornou-se necessária após o fracasso do verão de 1943, suas inadequações como líder militar ficaram evidentes.

Em 1944, as crises militares individuais se acumularam em uma crise poderosa, uma luta de vida ou morte para o próprio regime. A habilidade política de Hitler havia desaparecido há muito tempo. Ele rejeitou imediatamente qualquer ideia de uma solução política. Ao recusar qualquer negociação que não fosse baseada na força, da qual derivaram seus sucessos anteriores, Hitler eliminou qualquer chance de buscar um acordo de paz. Nesse sentido, na concepção de Kershaw, o instinto político que o havia mantido em uma posição vantajosa até 1941 perdeu sua eficácia, transformando a situação em uma luta desesperada.

---

<sup>534</sup> Idem, p. 566.

E, como fez ao longo de toda a narrativa, Kershaw ilustrou sua percepção com um exemplo concreto: a evacuação da população local na zona de combate no Sarre. A ordem direta de Hitler foi para a evacuação imediata e completa, sem considerar a população. No entanto, o decreto nunca foi colocado em prática. Vários Gauleiter inicialmente estavam ansiosos para seguir as ordens de Hitler, mas Speer conseguiu persuadi-los da futilidade dessa ação. Além disso, Model, um dos comandantes militares da linha de frente, também cooperou com Speer para reduzir ao mínimo a destruição das instalações industriais. A não implementação da ordem da “terra arrasada” foi o primeiro sinal óbvio de que a autoridade de Hitler estava chegando ao fim.

No entanto, mesmo com a diminuição de sua autoridade, Hitler continuava se considerando indispensável. Ele desdenhava das lideranças de Göring e Himmler e persistia na ideia de que não havia substituto adequado para ele. O círculo de pessoas em quem Hitler confiava estava drasticamente reduzido, e sua intolerância a qualquer discordância de suas opiniões tornou-se quase absoluta.

A essa altura, relatórios do quartel-general de Kesselring indicavam que a frente ocidental mostrava sérios sinais de desintegração. Bandeiras brancas eram hasteadas, mulheres abraçavam os soldados americanos e as tropas, desmotivadas, fugiam da batalha ou se rendiam. Kershaw concluiu que, “Quer fosse genuíno ou inventado, o júbilo de Hitler não durou muito. Em 13 de abril, foi-lhe dada a notícia de que Viena havia sido tomada pelo Exército Vermelho”.<sup>535</sup>

Portanto, Kershaw buscou demonstrar como a liderança de Hitler foi minada pelos eventos de guerra e suas atitudes como líder do Terceiro Reich, especialmente após Stalingrado. Para o autor, o principal responsável pela crise de liderança e pela perda de autoridade foi o próprio Hitler. Como foi possível observar no decorrer da narrativa sobre o tema, Kershaw argumentou que, apesar de Hitler sempre ter exercido autoridade, ele não soube mantê-la devido à sua falta de habilidade política para lidar com os fracassos militares.

### *5.2.3 Resistência a Hitler*

Mais uma vez, a guerra serviu como pano de fundo para Ian Kershaw abordar um novo tema: a resistência a Hitler. De acordo com o autor, em outubro de 1939, dada a absoluta dominação de Hitler e sua posição inabalável dentro do regime, uma mudança significativa só

---

<sup>535</sup> Idem, p. 791.

poderia ser alcançada por meio de sua deposição ou assassinato. Essa compreensão, ainda segundo Kershaw, já estava presente no verão anterior, durante a crise dos Sudetos, entre os indivíduos em posições de alto escalão nas forças armadas, no Ministério das Relações Exteriores e em outros círculos próximos ao poder, que tentavam encontrar seu caminho em direção à oposição radical ao regime. Por muito tempo, até mesmo alguns desses indivíduos hesitaram em criticar Hitler, concentrando suas críticas em figuras como Himmler, Heydrich e a Gestapo. No entanto, agora estavam cientes de que, sem uma mudança no topo, nenhuma mudança seria possível.

Partindo da compreensão de que Hitler não era uma figura infalível, Kershaw descreve os movimentos de resistência contra ele, principalmente dentro do exército, da igreja e entre pessoas comuns. Para isso, o autor selecionou casos específicos e detalhou minuciosamente as tentativas de assassinato, de oposição ou deposição de Hitler.

O primeiro caso descrito foi uma tentativa interna de deposição de Hitler, liderada por parte do exército alemão. O general-major Hans Oster, chefe da Abwehr, agência de inteligência militar alemã, foi destacado por Kershaw como a força motriz por trás de uma rede de oposição, construída com base em contatos e relações estabelecidas. O autor descreve como Oster, por meio de nomeações estratégicas, formou uma equipe que ampliaria e aprofundaria os contatos de oposição, enquanto oficialmente coletava inteligência estrangeira. Hans Dohnanyi, que por alguns anos foi um colaborador próximo do Ministro da Justiça do Reich, costumava levar Oster, durante o outono de 1939 – um período sombrio para os opositores de Hitler – para encontrar o homem que era considerado o patrono dos grupos de oposição: o ex-chefe do Estado-Maior General, Ludwig Beck.

Com essa estrutura organizacional liderada por Oster, estava se formando um movimento de resistência e conspiração entre atuais ou ex-servidores do regime nazista. Conforme descrito pelo historiador, “O dilema para esses indivíduos, em sua maioria com inclinação nacional-conservadora e todos patriotas, era considerável ao considerar a deposição do líder do Estado, tornando-se ainda mais agudo agora que a Alemanha estava em guerra”.<sup>536</sup>

O outono de 1939 marcou um período de teste para a resistência conservadora nacional. Kershaw destacou que, no centro de suas preocupações, não estava a brutalidade na Polônia, nem os programas de “eutanásia” ou os assassinatos em massa nos asilos. A questão central para eles, como vinha ocorrendo há cerca de dois anos, era a convicção de que Hitler estava conduzindo a Alemanha à catástrofe ao envolvê-la em guerra contra as potências ocidentais.

---

<sup>536</sup> Idem, p. 263.

Prevenir um ataque catastrófico à França e à Grã-Bretanha e encerrar a guerra eram uma prioridade. Essa preocupação se intensificou no outono de 1939, quando Hitler estava determinado a lançar um ataque precoce contra o Ocidente. Mesmo antes de Hitler recuar de uma aventura tão arriscada devido às más condições meteorológicas no outono e inverno, e antes de alcançar sucesso militar na primavera seguinte durante a campanha no Ocidente, a fragilidade, fraqueza e divisões da incipiente resistência foram totalmente expostas. No entanto, nenhuma tentativa de remover Hitler do poder foi feita.

A falta de ação de Oster, para o autor, tinha um motivo claro, como ele já tinha dito, as possibilidades de derrubar Hitler no final de 1939, destacando que as únicas maneiras viáveis seriam um golpe de Estado liderado por dissidentes de alto escalão dentro do regime ou uma tentativa de assassinato por um indivíduo dissidente agindo isoladamente.

No final de 1939, Hitler só poderia ser derrubado de uma de duas maneiras: um golpe de Estado vindo de cima, significando um ataque vindo de dentro da liderança do regime, daqueles com acesso ao poder e ao poderio militar; ou, algo que o Ditador nunca descartou, uma tentativa de assassinato vindo de baixo, por um indivíduo dissidente operando inteiramente sozinho, fora de qualquer um dos conhecidos - agora minúsculos, fragmentados e totalmente impotentes – grupos de resistência clandestinos de esquerda que poderiam tão facilmente ser infiltrados pela Gestapo.<sup>537</sup>

Na visão de Kershaw, a verdade era que o exército estava dividido. Enquanto alguns generais se opunham a Hitler, muitos o apoavam. Além disso, abaixo do alto comando, havia oficiais subalternos e soldados rasos cujas reações a qualquer tentativa de deter Hitler eram incertas. Durante todo o conflito com a liderança do exército, Hitler não cedeu em nada. Apesar dos repetidos adiamentos devido ao mau tempo – um total de vinte e nove –, ele não cancelou sua ofensiva contra o Ocidente. As divisões, a desconfiança, a fragmentação e, sobretudo, a falta de determinação impediram os grupos de oposição, especialmente os líderes militares, de agir.

Os conspiradores na Abwehr, no Ministério das Relações Exteriores e no quartel-general do Estado-Maior ficaram tão surpresos quanto todos os outros alemães quando souberam do ataque à vida de Hitler em Burgerbraukeller, na noite de 8 de novembro de 1939. Consideraram diversas possibilidades: o ataque poderia ter sido planejado por alguém dentro de suas próprias fileiras, por dissidentes nazistas ou por algum outro grupo opositor, como comunistas, clérigos ou “reacionários”. Pensavam que Hitler havia sido alertado a tempo. Na verdade, para Kershaw,

---

<sup>537</sup> Idem.

enquanto estava sentado no compartimento de seu comboio especial discutindo com Goebbels sobre o confronto com o clero, Hitler estava totalmente inconsciente do ocorrido até que sua viagem a Berlim foi interrompida em Nuremberg com a notícia. Sua primeira reação foi de incredulidade, pensando que o relatório estava errado. De acordo com Goebbels, ele até considerou ser uma “farsa”. Logo após, foi divulgada a versão oficial de que o Serviço Secreto Britânico estava por trás da tentativa de assassinato e que o perpetrador era “uma criatura” de Otto Strasser. A captura, no dia seguinte, dos agentes britânicos Major R.H. Stevens e Capitão S. Payne Best na fronteira holandesa foi usada pela propaganda para sustentar essa interpretação rebuscada.

O atentado à vida de Hitler ganhou destaque na narrativa, pois proporcionou uma análise detalhada sobre um tema característico das obras de Ian Kershaw, como observado no capítulo 2: a compreensão do papel dos indivíduos comuns durante o regime nazista. De acordo com ele, enquanto os generais e altos funcionários públicos discutiam se poderiam ou não agir, mas careciam da vontade e determinação necessárias, um homem sem acesso aos corredores do poder, sem ligações políticas e sem uma ideologia rígida, um marceneiro chamado Georg Elser, decidiu agir.

No início de novembro de 1939, Georg Elser esteve mais perto de assassinar Hitler do que qualquer outra pessoa até julho de 1944. A sorte foi o único fator que salvou o Ditador nessa ocasião. Os motivos de Elser, baseados em um sentimento de indignação, refletiam as preocupações de inúmeros alemães comuns da época.

George Elser, um marceneiro alemão comum, agindo sozinho e sem o conhecimento de mais ninguém, tentou assassinar Hitler para salvar a Alemanha e a Europa de um desastre ainda maior. Na época em que tentou matar Hitler, ele tinha trinta e seis anos e era um homem da classe trabalhadora, originário de Konigsbronn, em Württemberg. Elser era conhecido por sua personalidade reservada, trabalhadora e perfeccionista, mas não tinha interesse em política. Apesar de ter sido membro de organizações como a Roter Frontkämpferbund comunista e o sindicato dos marceneiros, ele não era politicamente ativo e não tinha afinidade ideológica.<sup>538</sup>

No outono de 1938, motivado por sua preocupação com as condições dos trabalhadores e o iminente conflito, Elser decidiu assassinar Hitler. Ele planejoumeticulosamente o atentado, escolhendo o Bürgerbräukeller como local e instalando uma bomba-relógio no pilar atrás do estrado onde Hitler faria um discurso. Segundo Kershaw, durante meses, Elser roubou

---

<sup>538</sup> Idem, p. 272.

explosivos, projetou e testou o mecanismo da bomba. Ele se escondeu no local mais de trinta vezes para escavar uma cavidade no pilar e instalar a bomba.

A explosão ocorreu em 8 de novembro de 1939, minutos depois de Hitler deixar o local. Oito pessoas morreram e sessenta e três ficaram feridas. Hitler atribuiu sua sobrevivência à providência, mas, para Kershaw, foi apenas uma questão de sorte, pois ele havia deixado o local antes da explosão devido a compromissos anteriores. Elser foi preso ao tentar atravessar ilegalmente a fronteira suíça e, após ser ligado ao atentado, confessou e fez um relato completo de suas ações e motivações. Ele foi internado em campos de concentração, sendo tratado como um prisioneiro privilegiado, mas, com a guerra se aproximando do fim, foi transferido para Dachau e morto pouco antes da libertação do campo pelos americanos.

Elser agiu sozinho, mas as preocupações que o motivaram – como os padrões de vida e as ansiedades relacionadas à continuação da guerra –, na compreensão de Kershaw, eram compartilhadas por muitos no outono de 1939. Naquela época, segundo o autor, houve relatos generalizados de agitação na classe trabalhadora. O Decreto sobre a Economia de Guerra de 4 de setembro resultou em uma deterioração dos padrões de vida, com o aumento de impostos, a abolição das taxas mais altas para horas extras e trabalho nos fins de semana, e outras restrições. Isso foi seguido por um congelamento salarial. O aumento das horas de trabalho, o aumento dos preços dos alimentos e uma grave escassez de carvão afetaram especialmente os mais pobres da sociedade naquele outono. Para aqueles que desobedeciam, o aumento da presença policial nas fábricas era um lembrete constante da ameaça dos campos de trabalho forçado.

O historiador ressaltou que a euforia com a vitória na Polônia rapidamente desapareceu. Ao lado das preocupações diárias, surgiram temores sobre a continuidade da guerra. A maioria das pessoas ansiava pelo fim do conflito. Os sinais indicam que a propaganda teve sucesso em convencer a maioria dos alemães comuns de que as potências ocidentais eram as responsáveis pela prolongação da guerra, apesar dos esforços de Hitler para evitá-la. Apesar das críticas ao Partido e ao regime, Hitler ainda mantinha sua enorme popularidade.

Kershaw relatou que a opinião de um conservador da classe alta de Munique de que não havia ninguém na cidade que não lamentasse o fracasso da tentativa de Elser, era uma ilusão. Poucos teriam aplaudido uma tentativa de assassinato bem-sucedida por parte de Elser; um grande número teria ficado horrorizado. Na verdade, para o autor, o fracasso da tentativa trouxe, como era de se esperar, um novo e grande aumento no apoio a Hitler, acompanhado por sentimentos intensos de ódio pela Grã-Bretanha, considerada responsável pelo ataque bombista. Não foram apenas os relatórios internos que destacaram que “a devoção ao Führer se

aprofundou ainda mais”.<sup>539</sup> Os opositores clandestinos do regime também reconheceram que a bomba de Elser fortaleceu a determinação do povo alemão.

Enquanto a guerra se desenrolava na frente oriental, dentro do Reich, o renovado ataque do regime nazista ao cristianismo, que havia começado no início de 1941, atingiu seu ápice. Ao mesmo tempo, os assassinatos de pacientes com doenças mentais em asilos, estavam causando uma inquietação intensificada. A eliminação da “vida que não vale a pena ser vivida” tornou-se cada vez mais ameaçadora, potencialmente afetando todas as famílias. Isso se tornou particularmente evidente à medida que jovens soldados com cicatrizes físicas e psicológicas, em números crescentes, eram trazidos de volta da frente de batalha e internados em hospitais e asilos em todo o Reich.

A intensificação das medidas contra a igreja foi o ponto de partida para Kershaw abordar um aspecto peculiar de sua análise, como também observado no capítulo 2: o papel de resistência da igreja.

Durante a primeira metade de 1941, uma onda de agitação anti-Igreja varreu a Alemanha, especialmente na Baviera, predominantemente católica. Mesmo com o desejo de Hitler de manter a calma nas relações com as igrejas durante a guerra, uma série de medidas anti-Igreja foram implementadas, incentivadas tanto de cima para baixo quanto de baixo para cima. As medidas anti-Igreja incluíam a proibição de publicações religiosas, a substituição de freiras católicas por membros da organização de bem-estar nazista, a mudança das celebrações religiosas para os dias úteis e tentativas de abolir as orações escolares. Rumores de que o batismo de crianças em breve seria proibido e que padres seriam expulsos de seus presbitérios também contribuíram para a crescente tensão.<sup>540</sup>

Como detalhou o autor, um ponto crítico dessa agitação ocorreu na Baviera no verão de 1941, quando o Gauleiter Adolf Wagner ordenou a remoção dos crucifixos das salas de aula. Isso provocou uma onda de protestos, especialmente por parte das mães de crianças em idade escolar. Wagner foi forçado a revogar sua ordem, mas o dano à posição do partido nessas áreas foi significativo.

Hitler também enfrentou a ira dos católicos bávaros, com alguns agricultores removendo sua fotografia de suas casas. A questão dos crucifixos lançou luz sobre a crescente fragilidade do apoio ao partido e ao regime, à medida que a radicalização e a falta de uma política pragmática e coordenada se intensificavam. A agressão dirigida contra sistemas de crenças tradicionais amplamente difundidos, em oposição a minorias não “amadas”, mas inofensivas, criou um conflito social crescente na Alemanha nazista.

---

<sup>539</sup> Idem, p. 275.

<sup>540</sup> Idem, p. 424 e 425.

No meio do verão de 1941, cresceu uma séria inquietação em relação à “ação de eutanásia”. Rumores sobre o assassinato de pacientes de asilos circulavam desde o verão de 1940. Esses assassinatos ocorriam em asilos selecionados na Alemanha, próximos aos principais centros populacionais. As pessoas que moravam nas proximidades testemunhavam a chegada dos ônibus cinzentos, o desembarque dos pacientes e sua entrada no asilo, além das chaminés do crematório que constantemente emitiam fumaça. Ocasionalmente, havia manifestações públicas de simpatia pelas vítimas quando eram embarcadas nos ônibus, rumo ao que todos sabiam ser uma morte certa. O sigilo e a ausência de qualquer declaração pública, ou mesmo de uma lei autorizando o que estava acontecendo, alimentavam o alarme. Cartas de protesto chegavam à Chancelaria do Reich e ao Ministério da Justiça do Reich, algumas vindas de membros do Partido Nacional-Socialista e outras de clérigos proeminentes. No entanto, até então, os clérigos haviam mantido seus protestos em sigilo.

Segundo Kershaw, em 7 de julho, uma carta pastoral dos bispos alemães foi lida nas igrejas católicas, declarando que era errado matar, exceto em tempos de guerra ou em legítima defesa. No entanto, essa tentativa velada de criticar a “ação de eutanásia” não teve nenhum impacto imediato.

Em 3 de agosto de 1941, o bispo Clemens August Graf von Galen, bispo católico de Münster, na Vestfália, referindo-se à carta pastoral, fez um sermão na Igreja de St. Lamberti, em Münster, denunciando abertamente e de forma contundente o que estava acontecendo. Kershaw descreveu Galen como sendo “profundamente conservador, antiliberal e antissocialista, havia sido considerado em alguns círculos da Igreja, na década de 1930, como um simpatizante do nazismo”.<sup>541</sup> Em junho de 1941, assim como alguns outros bispos católicos, ele havia apoiado o ataque à União Soviética. No entanto, em julho, ele proferiu uma série de sermões denunciando nos termos mais diretos a supressão das ordens religiosas na cidade pela Gestapo.

Em 14 de julho, um dia depois de um sermão atacando o fechamento dos mosteiros, Galen enviou um telegrama à Chancelaria do Reich solicitando a Hitler que defendesse o povo contra a Gestapo. No domingo seguinte, 20 de julho, leu o telegrama na igreja. Dois dias depois, ele escreveu a Hans Lammers, chefe da chancelaria do Reich, com o que Kershaw definiu como uma crítica a Hitler e ao seu Estado.

---

<sup>541</sup> Idem, p. 427.

Apesar das críticas e protestos, as ações da igreja, assim como outros movimentos de resistência destacados por Kershaw, não tiveram uma implicação prática na queda de Hitler ou em sua remoção do poder.

Kershaw destacou que, apesar das frustrações com o perdurar da guerra, durante o ano de 1942, diversos focos de oposição, que pareciam adormecidos dentro da própria Alemanha – tanto entre militares quanto civis – começaram a ressurgir. A brutalidade da guerra no front oriental e a magnitude da calamidade para a qual Hitler estava conduzindo o país, especialmente evidenciada pela crise do Inverno de 1941-42, revigoraram as noções, ainda que difusas, de que algo precisava ser feito.

O primeiro caso trazido à tona por Kershaw foi quando em março de 1942, Hans Beck, Carl Goerdeler, Johannes Popitz e Ulrich von Hassell – todos ligados à conspiração pré-guerra – reuniram-se novamente em Berlim. No entanto, decidiram que ainda havia poucas perspectivas. Mesmo assim, concordaram que o ex-Chefe de Gabinete Beck serviria como ponto central para essa incipiente oposição. Pouco depois, foram realizadas reuniões com o coronel Hans Oster, chefe do escritório central responsável pela inteligência estrangeira na Abwehr, a força motriz por trás da conspiração de 1938, que havia vazado os planos de invasão da Holanda em 1940. Além disso, participou dessas reuniões Hans von Dohnanyi, um jurista que desempenhou um papel significativo no complô de 1938 e, como Oster, utilizara sua posição na seção estrangeira da Abwehr para desenvolver contatos sólidos com oficiais com tendências opositoras.

Na mesma época, Oster estabeleceu uma relação estreita com um novo e influente membro dos grupos de oposição, o general Friedrich Olbricht, que era chefe do Gabinete Geral do Exército em Berlim e vice-comandante do exército nacional, sob o comando de Friedrich Fromm. De acordo com a descrição de Kershaw,

Olbricht, nascido em 1888 e soldado de carreira, não era do tipo que buscava os holofotes. Ele resumia o general de escritório, o organizador, o administrador militar. Mas ele foi invulgar na sua atitude pró-Weimar antes de 1933 e, depois disso – impulsionado em grande parte por sentimentos cristãos e patrióticos – na sua consistente posição anti-Hitler, mesmo no meio do júbilo dos triunfos da política externa da década de 1930 e das vitórias da primeira fase da guerra.<sup>542</sup>

O segundo caso foi quando a crise em Stalingrado se aprofundou no final de 1942, Henning von Tresckow estava pressionando pelo assassinato de Hitler. Ele assumiu a responsabilidade de providenciar o “gatilho”, como os conspiradores chamavam o ato que

---

<sup>542</sup> Idem, p. 659.

levaria à remoção da liderança nazista e à tomada do Estado. No verão de 1942, Tresckow já havia incumbido Rudolf Christoph Freiherr von Gersdorff da tarefa de adquirir explosivos adequados. Este último adquiriu e testou vários dispositivos. Eventualmente, ele e Tresckow optaram por um pequeno dispositivo magnético britânico, um ‘molusco’ (ou uma espécie de mina adesiva) do tamanho de um livro, ideal para sabotagem e fácil de esconder. Enquanto isso, Olbricht coordenava as conexões com os outros conspiradores em Berlim e estabelecia as bases para um golpe que aconteceria em março.

De acordo com Fest, os planos para ocupar importantes posições civis e militares em Berlim e em outras grandes cidades seguiam, essencialmente, as linhas estabelecidas para julho de 1944. Um problema evidente era como se aproximar o suficiente de Hitler para executar um assassinato. Os movimentos de Hitler eram imprevisíveis. Um calendário tão pouco confiável frustrou os planos de dois oficiais, o general Hubert Lanz e o major-general Hans Speidel, que pretendiam prender Hitler durante uma visita prevista ao quartel-general do Grupo de Exércitos B em Poltava, por volta de meados de fevereiro de 1943. No entanto, a visita não ocorreu conforme o esperado. Em vez de ir para Poltava, Hitler decidiu visitar repentinamente a frente em Zaporozhye, em 17 de fevereiro, enquanto o Grupo de Exércitos B já havia se retirado de Poltava. A segurança pessoal de Hitler, no entanto, havia sido consideravelmente reforçada. Ele estava sempre cercado por guarda-costas da SS, armados, e era conduzido por seu próprio motorista, Erich Kempka, em uma de suas limusines, que eram posicionadas em diferentes pontos do Reich e dos territórios ocupados.

Com isso, Tresckow e Gersdorff ficaram convencidos de que

[...] não eram grandes as possibilidades de um assassino selecionado ter tempo de sacar sua pistola, mirar com precisão e garantir que seu tiro mataria Hitler. Nem o atirador escolhido, portador da Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho, Tenente-Coronel Georg Freiherr von Boeselager, tinha certeza de que estava mentalmente equipado para abater uma pessoa – até mesmo Hitler – a sangue frio.<sup>543</sup>

No entanto, informou o autor, Boeselager fez preparativos para que um grupo de oficiais, que se declararam dispostos a fazê-lo, matasse Hitler durante uma visita que, esperava-se, ele faria em breve ao quartel-general do Grupo de Exércitos Centro, em Smolensk. A visita finalmente ocorreu em 13 de março. O plano original de atirar nele no refeitório do Marechal de Campo von Kluge, comandante do Grupo de Exércitos Centro, foi abandonado, devido ao risco de Kluge e outros oficiais superiores serem mortos junto com Hitler. A ideia foi então

---

<sup>543</sup> Idem, p. 660.

alterada para atirar em Hitler enquanto ele caminhava da sede de volta ao carro, uma curta distância. No entanto, de acordo com o biógrafo, embora o esquadrão de assassinos tenha conseguido se infiltrar no cordão de segurança ao redor de Hitler e tenha se posicionado para abrir fogo, não conseguiram executar seu plano.

Outra tentativa de assassinato idealizada por Tresckow foi descrita por Ian Kershaw. Tresckow retornou ao plano original de explodir Hitler. Durante a refeição em que, se os planos originais tivessem sido executados, Hitler teria sido baleado, Tresckow pediu a um membro da comitiva de Hitler, o tenente-coronel Heinz Brandt, que viajava no avião de Hitler, que entregasse um pacote para ele ao coronel Hellmuth Stieff, no Alto Comando do Exército. Os pacotes eram frequentemente enviados de e para a frente por entrega pessoal quando o transporte estava disponível. O pacote, conforme fornecido pela narrativa, apresentava conter duas garrafas de conhaque, mas, na verdade, continha duas partes da bomba britânica que Tresckow havia montado.

Schlabrendorff levou o pacote para o aeródromo e entregou-o a Brandt no momento em que este embarcava no Condor de Hitler, pronto para decolar. Horas depois, souberam que Hitler havia desembarcado em segurança em Rastenburg. O motivo pelo qual a explosão não ocorreu, como mencionado por Kershaw, permaneceu um mistério. Provavelmente, o intenso frio impediu a detonação. No entanto, mais uma oportunidade foi perdida.

Outra oportunidade destacada na obra de Ian Kershaw foi a tentativa de Gersdorff de assassinar Hitler durante o “Heroes Memorial Day”, programado para 21 de março de 1943, em Berlim. Apesar das dificuldades para garantir que Gersdorff estivesse próximo o suficiente de Hitler para realizar o assassinato e para estabelecer precisamente o horário do evento, esses obstáculos foram superados. No entanto, afirmou Kershaw, o momento exato da tentativa representou um terceiro problema. O melhor fusível que Gersdorff conseguiu arranjar tinha uma duração de apenas dez minutos. Além disso, a cerimônia em si, que ocorreria no pátio coberto de vidro do Zeughaus, o antigo arsenal, localizado na Unter den Linden, não oferecia nenhuma oportunidade para detonar uma explosão nas suas proximidades.

Durante a visita de Hitler à exposição do espólio de guerra soviético, Gersdorff posicionou-se na entrada, preparado para, finalmente, executar o atentado. Ao cumprimentar Hitler, ele acionou o detonador da bomba com a mão esquerda, esperando que Hitler permanecesse na exposição tempo suficiente para a bomba explodir. No entanto, Hitler saiu da exposição em apenas dois minutos, impedindo a explosão. Gersdorff desativou a bomba no banheiro mais próximo. Nas palavras do autor, “seja qual for o motivo, mais uma tentativa,

conscientemente planeada apesar das dificuldades, e empreendida com riscos notáveis, falhou”.<sup>544</sup>

Essas tentativas de assassinato, para Kershaw, tinham uma longa pré-história, que,

[...] continham, em grande medida, manifestações profundas e misturas de elevados valores éticos e um sentido transcendental de dever moral, códigos de honra, idealismo político, convicções religiosas, coragem pessoal, notável altruísmo, profunda humanidade e um amor pela pátria que estava a anos-luz de distância do chauvinismo nazista. A pré-história também estava repleta – como poderia ter sido de outra forma, dadas as circunstâncias – com divergências, dúvidas, erros de cálculo, dilemas morais, miopia, hesitação, divisões ideológicas, confrontos pessoais, organização desastrada, desconfiança – e puro azar.<sup>545</sup>

Desde que começou a abordar o tema, o autor deixou claro que as origens da conspiração para eliminar Hitler remontavam à crise dos Sudetos de 1938. A determinação de Hitler em arriscar uma guerra com as potências ocidentais, e o potencial desastre que isso representava para a Alemanha, levou figuras de alto escalão do Alto Comando do Exército, do serviço diplomático e da Abwehr, juntamente com um círculo de seus contatos próximos, a conspirar para removê-lo caso ele atacasse a Tchecoslováquia. Embora a conspiração tenha enfrentado dificuldades, ela já estava em andamento quando a disposição de Chamberlain em chegar a um acordo com Hitler em BadGodesberg e, posteriormente, em Munique, eliminou a oportunidade e frustrou os conspiradores. Além disso, mesmo que tivesse avançado, a ação planejada poderia não ter sido concretizada.

Como vimos, no verão seguinte, à medida que a ameaça de guerra se intensificava, o mesmo grupo de indivíduos tentou reviver a conspiração que havia falhado com o Acordo de Munique. No entanto, as tímidas tentativas de oposição um ano após Munique não tiveram sucesso. Enfrentando divisões internas, a contínua popularidade de Hitler entre as massas e, não menos importante, a lealdade dos líderes militares cujo apoio era vital para qualquer golpe, a conspiração não avançou. Esses mesmos obstáculos dificultariam ainda mais qualquer tentativa de conspiração contra Hitler durante a guerra propriamente dita.

O marceneiro Georg Elser, agindo sozinho, segundo Kershaw, não compartilhava da hesitação daqueles que estavam nos escalões de poder do regime nazista. Ele agiu na noite de 8 de novembro de 1939, e esteve muito perto de eliminar Hitler. A sorte salvou Hitler naquela ocasião. No entanto, fora das ações de um assassino solitário, os grupos de resistência clandestina de esquerda, embora nunca tenham sido eliminados, eram “fracos”, “isolados” e

---

<sup>544</sup> Idem, p. 663.

<sup>545</sup> Idem, p. 665.

“não tinham acesso aos corredores do poder”.<sup>546</sup> Portanto, como reforçou o autor, a única esperança de derrubar Hitler depois disso estava nas mãos daqueles que ocupavam alguma posição de poder ou influência dentro do próprio regime.

Com base nos casos frustrados de assassinato ou destituição de Hitler, Kershaw procurou entender por que os diversos setores da sociedade, apesar das tentativas de resistência, não conseguiram “eliminar” o líder do Terceiro Reich.

A primeira reflexão de Kershaw diz respeito ao juramento de lealdade prestado a Hitler. A participação no regime nazista gerava naturalmente uma ambivalência. Quebrar os juramentos de lealdade não era uma decisão fácil, mesmo para aqueles que sentiam uma clara antipatia por Hitler. Os valores representavam um dilema: o profundo senso de obediência à autoridade e de serviço ao Estado conflitava com sentimentos igualmente profundos de dever para com Deus e para com o país. O que quer que tenha predominado dentro de cada indivíduo: “se a aceitação pesada do serviço a um chefe de estado considerado legitimamente constituído, embora detestado; ou a rejeição de tal lealdade no interesse do que era considerado um bem maior, caso o chefe de Estado estivesse a levar o país à ruína; esta era uma questão de consciência e julgamento”.<sup>547</sup>

A segunda reflexão abordou o papel das diferenças geracionais. Houve uma tendência maior entre os oficiais mais jovens do que entre aqueles que já haviam alcançado as mais altas patentes militares, como generais ou marechais de campo, de considerar a participação ativa em uma tentativa de derrubar o chefe de Estado. No entanto, as opiniões sobre a moralidade de assassinar o chefe de Estado não se limitavam apenas a questões geracionais, mas também morais. Qualquer ataque ao chefe de Estado era considerado alta traição. No entanto, durante a guerra, distinguir entre traer o chefe de Estado, traer o próprio país e traer o inimigo era, principalmente, uma questão de persuasão individual e do peso relativo dos valores morais. De qualquer modo, como afirmou o autor, poucos estavam dispostos a agir.

A próxima reflexão do autor foi sobre as considerações éticas. Ele destacou o medo existencial das terríveis consequências, tanto para as famílias quanto para os próprios indivíduos, caso fossem descobertos como cúmplices em uma conspiração para destituir o chefe de Estado e promover um golpe de Estado. Esse medo foi, sem dúvida, suficiente para dissuadir muitos simpatizantes dos objetivos dos conspiradores de se envolverem. Além dos perigos constantes de serem descobertos e dos riscos físicos envolvidos, também havia o isolamento da resistência. Isto é, “Entrar na conspiração contra Hitler, ou mesmo flertar com ela, significava

---

<sup>546</sup> Idem, p. 746.

<sup>547</sup> Idem, p. 656.

reconhecer uma distância interior de amigos, colegas, camaradas, entrar num mundo crepuscular de imenso perigo e de isolamento social, ideológico e até moral”.<sup>548</sup>

Independentemente da questão moral, geracional ou do juramento de lealdade, o historiador compreendeu que, em um Estado policial terrorista, os conspiradores estavam bem conscientes da necessidade de minimizar os riscos através do máximo sigilo. Eles também reconheciam sua falta de apoio popular. Mesmo nessa conjuntura, à medida que os desastres militares se multiplicavam e a catástrofe final se aproximava,

[...] o apoio fanático a Hitler não tinha de forma alguma evaporado e continuava, ainda que por gosto minoritário, a mostrar notável resiliência e força. Aqueles que ainda estavam ligados ao regime moribundo, aqueles que investiram nele, se comprometeram com ele, queimaram os seus barcos com ele, ainda eram verdadeiros crentes no Führer, provavelmente não parariam diante de nada, à medida que a adversidade aumentasse, nas suas retribuições desenfreadas por qualquer sinal de oposição.<sup>549</sup>

Além dos fanáticos, muitos outros consideraram não apenas errado, mas também desprezível e traiçoeiro, minar o próprio país durante a guerra.

Em linhas gerais, Kershaw concluiu sua reflexão compreendendo que a necessidade de evitar a proliferação de uma lenda da “facada nas costas”, semelhante à que se seguiu ao fim da Primeira Guerra Mundial e deixou um legado tão funesto para a República de Weimar, era um fardo constante e uma fonte de ansiedade para aqueles que decidiram que o futuro da Alemanha dependia da remoção de Hitler, violentamente ou não, do poder, da formação de um novo governo e da busca por termos de paz.

A partir de 1938, as principais figuras da resistência aguardaram o “momento certo”, que nunca chegou. Temerosos de derrubar um líder nacional que havia conquistado triunfos quase inacreditáveis, sentiram-se paralisados enquanto Hitler acumulava sucessos aparentes, tanto antes quanto durante a guerra. Preocupados também com as consequências de remover Hitler e parecerem traidores em um momento de grande desastre, a hesitação persistiu mesmo quando a vitória final se tornou um mito. Em vez de controlar o momento de agir, os conspiradores deixaram a oportunidade depender de contingências externas que, pela natureza das coisas, não podiam controlar.

Quando o Exército Vermelho se aproximava das fronteiras do Reich, os conspiradores reconheceram que haviam perdido a oportunidade de influenciar o possível resultado da guerra

---

<sup>548</sup> Idem, 657.

<sup>549</sup> Idem.

por meio de suas ações. Ao abordar o tema da resistência a Hitler, essa também foi a conclusão de Kershaw.

### *5.3 Materiais de construção da operação historiográfica*

Assim como ocorreu no processo de construção do primeiro volume da biografia de Hitler, Ian Kershaw, ao compor sua visão particular de Hitler em *Nemesis*, estava se inserindo em um campo de estudo já estabelecido. Isso significa que imagens anteriores de Hitler já haviam sido construídas, o que proporcionou ao autor não apenas acesso a essas representações, mas também a possibilidade de utilizá-las como base para sua própria construção. Podemos identificar isso de forma mais concreta na obra por meio das citações e referências presentes ao longo da narrativa.

Com o objetivo de identificar as referências mais citadas por Ian Kershaw ao tratar de Hitler no período de 1936 a 1945, mapeamos os 17 capítulos, mais introdução, prefácio e epílogo, e realizamos um levantamento quantitativo de autores e obras. Isso nos permitiu criar uma base de dados para analisar e compreender parte dos elementos narrativos utilizados por Kershaw na sua tarefa de narrar a vida de Adolf Hitler.

Na obra *Nemesis*, ao longo de 1.115 páginas, o biógrafo fez referência ou citou 2.132 autores e obras. Dentre essas referências, podemos destacar o caso do autor David Irving que teve seis obras distintas presentes na narrativa de Kershaw, são elas: *The warpath: Hitler's germany, 1933-1939*, Göring; *Secretdiaries of Hitler's Doctor*; *Hitler's war*; *Goebbels: Mastermind of the Third Reich*; *Führer und Reichskanzler: Adolf Hitler 1933-1945*. Assim como autores que foram citados apenas uma vez, são eles: o cientista político Guenter Lewy e sua obra *The catholic church and nazi germany* (introdução); o historiador Edward N. Peterson e sua obra *The limits of Hitler's power* (capítulo 1); o historiador Werner Maser e a obra *Der Wortbruch: Hitler, Stalin und der Zweite Weltkrieg* (capítulo 5), dentre outros.

Alguns tiveram uma participação maior, foi o caso da jornalista e historiadora Gitta Sereny com 13 menções de sua obra *Albert Speer: His battle with the truth do*, o historiador alemão Andreas Fritz Hillgruber e a obra *Hitlers strategie: politik und kriegsführung, 1940-1941*, com 41 menções perpassando o capítulo 3, 7 e 8, Christa Schroeder, secretária pessoal de Adolf Hitler antes e durante a Segunda Guerra Mundial, e seu livro *Er war mein Chef. Aus dem Nachlaß der Sekretärin von Adolf Hitler*, com 16 menções apenas no capítulo 1.

Para sistematizar nosso mapeamento e viabilizar uma análise qualitativa dos dados, ranqueamos os 10 autores e suas respectivas obras mais citados na narrativa de Ian Kershaw no

volume 2 da biografia de Hitler, seja em notas de rodapé ou menções no corpo do texto. A tabela abaixo ilustra esses resultados:

Tabela 5 – Materiais de construção

<b>Autor</b>	<b>Obra</b>	<b>Referências</b>	<b>Capítulos</b>	<b>%</b>
Joseph Goebbels	Die Tagebucher von Joseph Goebbels	648	15	36,61
Nicolaus von Below	At Hitler's side: The memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945	318	16	17,97
Max Domarus	Hitler. Reden und Proklamationen 1932-1945	315	17	17,80
David Irving	<i>Hitler's War</i>	98	10	5,54
Paul Schmidt	Statist Auf Diplomatischer Buhne 1923-45	95	9	5,37
Peter Hoffmann	Widerstand, Staatsstreich, Attentat. Der Kampf der Opposition gegen Hitler	76	4	4,29
Anton Joachimsthaler	Hitlers Ende. Legenden und Dokumente	61	3	3,45
Heinz Guderian	Panzer Eader	58	5	3,28
Gerhard L. Weinberg	The Foreign Policy of Hitler's Germany. Starting World War II, 1937-1939	57	3	3,22
Alfred Kube	Pour le mérite und Hakenkreuz. Hermann Goring im Dritten Reich	44	3	2,49

Fonte: Elaborada pela autora.

Dos dez autores mais citados, temos: seis historiadores (Alfred Kube, Gerhard L. Weinberg, Anton Joachimsthaler, Peter Hoffmann, David Irving e Max Domarus) e quatro

membros do regime nazista (Heinz Guderian, Paul Schmidt, Nicolaus von Below e Joseph Goebbels). Assim como no volume 1, o autor mais citado foi o ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels. No entanto, enquanto em *Hubris* sua obra teve 198 menções, em *Nemesis* o diário de Goebbels recebeu 648 menções ao longo do texto. O segundo mais citado foi Nicolaus von Below, que, por coincidência (ou não), foi um oficial da *Luftwaffe* (força aérea) alemã e ajudante de Adolf Hitler. Juntos, Goebbels e von Below representam mais de 54% das menções realizadas. Por isso, nos tópicos a seguir, analisaremos de forma mais detalhada as obras *Die Tagebucher von Joseph Goebbels* e *At Hitler's Side: The Memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945*, buscando compreender como e porque elas foram a base para a escrita de *1936-1945 Hitler: Nemesis*.

### 5.3.1 Die Tagebucher von Joseph Goebbels

Joseph Goebbels foi um dos grandes nomes do nazismo. Quando pensamos no regime que tomou conta da Alemanha entre 1933 e 1945, o seu nome é quase sempre lembrado. Isso porque ele ocupou o cargo de ministro da Propaganda e foi um dos responsáveis pela disseminação da ideologia política alemã durante a década de 1930. Goebbels continua surtindo efeito para além da sua morte. Segundo Peter Longerich,

[...] sem ele, não é possível nenhum filme, nenhum volume fotográfico, nenhum livro didático, nenhuma descrição popular ou científica do Terceiro Reich. Assim, a “propaganda de Goebbels” tornou-se um conceito geralmente conhecido: quem quiser explicar por que a grande maioria da população alemã se vinculou notória e estreitamente ao sistema nazista não pode prescindir de Joseph Goebbels.<sup>550</sup>

Em 4 de abril de 1924, Goebbels ingressou oficialmente no Partido Nazista. Dedicou-se a desenvolver o Partido Nazista na região de sua cidade natal, Rheydt. Ele atuou para promover candidatos na eleição local e dedicou-se à produção de artigos e discursos influenciados pela ideologia nazista. Em 1926, Goebbels foi convidado pelo próprio Hitler para assumir o comando do Partido Nazista em Berlim, capital da Alemanha. Isso foi resultado da aproximação que aconteceu entre os dois após a entrada de Goebbels no partido.<sup>551</sup>

Em 1928, Goebbels foi eleito deputado no *Reichstag*, o Parlamento alemão. Isso fez dele um dos membros mais importantes do nazismo na Alemanha. Em 1933, Adolf Hitler assumiu o cargo de chanceler da Alemanha, levando os nazistas ao poder do país. Goebbels

<sup>550</sup> LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 30.

<sup>551</sup> HEIBER, Helmut. Joseph Goebbels German propagandista. **Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Joseph-Goebbels>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

tinha sido um dos grandes nomes que trabalharam na promoção de Hitler durante a eleição presidencial de 1932. Hitler havia sido derrotado por Hindenburg, mas, no começo de 1933, foi nomeado chanceler do país.<sup>552</sup>

Goebbels foi recompensado com o Ministério da Propaganda, posto que assumiu em 14 de março de 1933. Goebbels era responsável não apenas pelas propagandas do governo, mas também por supervisionar o trabalho da imprensa e controlar os bens culturais.<sup>553</sup> A pasta era dividida em sete departamentos: administração e jurídico; imprensa; rádio; filmes e censura; falas públicas, saúde, juventude e raça; arte, música e teatro; e combate à contrapropaganda. Isso significava que qualquer meio que transmitisse ideias antinazistas ou outros estilos de vida era censurado.<sup>554</sup>

O objetivo de Hitler, ao colocá-lo na função de ministro da propaganda, era o de impor o controle nazista sobre toda a produção cultural e intelectual que existia na Alemanha, e assim promover uma revolução cultural no país.<sup>555</sup> Segundo Sigrid Hoff, sem o ministro da Propaganda Goebbels, responsável por ter estabelecido Hitler como uma “marca”, a política nazista jamais teria tido o alcance que teve.<sup>556</sup> Goebbels começou a criar o mito do Führer em torno da pessoa de Hitler e a instituir o ritual de celebrações e manifestações partidárias que desempenharam um papel na tentativa de conversão das massas ao nazismo.<sup>557</sup>

Além disso, Goebbels foi um dos principais impulsionadores da campanha antisemita dos nazistas. Ele emitia ordens para intensificar a campanha contra os judeus. Embora Goebbels não tenha conseguido persuadir todos os alemães a serem antisemitas, sua propaganda intensificou as atitudes existentes e buscava justificar a perseguição aos judeus. Muitos

---

<sup>552</sup> VIGGIANO, Giuliana. Quem foi Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista de Adolf Hitler. **Galileu**, 17 de maio de 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/01/quem-foi-joseph-goebbels-ministro-da-propaganda-nazista-de-adolf-hitler.html>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>553</sup> VIGGIANO, Giuliana. Quem foi Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista de Adolf Hitler. **Galileu**, 17 de maio de 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/01/quem-foi-joseph-goebbels-ministro-da-propaganda-nazista-de-adolf-hitler.html>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>554</sup> BBC NEWS BRASIL. Fogueiras de livros e lavagem cerebral: quem foi Goebbels, ministro de Hitler parafraseado por secretário de Bolsonaro. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>555</sup> ENCYCLOPEDIA. Joseph Goebbels, 13 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/people/history/german-history-biographies/joseph-goebbels>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>556</sup> HOFF, Sigrid. Quem foi Joseph Goebbels?. **DW – Made for Minds**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/biografia-mostra-goebbels-perturbado-e-em-busca-de-reconhecimento/a-6290524>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>557</sup> HEIBER, Helmut. Joseph Goebbels German propagandista. **Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Joseph-Goebbels>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

acreditam que o Holocausto só foi possível em decorrência dos anos de propaganda antisemita incessante, estabelecendo a base sobre a qual os campos de concentração foram construídos.<sup>558</sup>

Quando o regime estava chegando ao fim e os Aliados estavam prestes a invadir a Alemanha, Hitler, em seu Bunker, deixou ordens a Goebbels: ele deveria assumir o poder. Um dia após o suicídio do ditador alemão, o ministro se tornou o chanceler do país. No dia seguinte Goebbels e a esposa, Magda, deram veneno para seus filhos e depois cometeram suicídio.<sup>559</sup>

De acordo com Peter, Joseph Goebbels foi um homem que sempre viveu impelido pela necessidade de reconhecimento por parte dos outros, ávido por admiração. Tanto que o ministro da Propaganda se alegrava e se entusiasmava toda vez que seus discursos eram divulgados e elogiados pela mídia que ele controlava. Tais “sucessos” eram registrados em seu diário.<sup>560</sup> Em suas anotações de 1924 até o seu suicídio em 1945, o político registrou pensamentos, observações e acontecimentos, escrevendo assim uma cronologia do nazismo através de uma ótica pessoal.<sup>561</sup> A obra do ministro da propaganda, tratava-se sobretudo de uma coisa: a documentação do seu sucesso, ou melhor, do que Goebbels acreditava ser sucesso.

Nesse sentido, os diários de Goebbels trata-se de um documento histórico e bastante utilizando como fonte – aqui inclui-se Ian Kershaw. Nenhum líder nazista manteve um diário tão extenso e continuamente quanto Joseph Goebbels.<sup>562</sup> Neles, podemos encontrar toda a extensão do nacional-socialismo, desde seus primeiros dias como um movimento obscuro e em dificuldades, a sua tomada do poder em 1933 até sua tomada final destruição em 1945 encontra expressão nele.<sup>563</sup>

Goebbels, com seus diários, é o mais importante cronista interno do nacional-socialismo e seu Führer desde a refundação do partido, em 1924-25, até o fim do regime. Nenhuma outra fonte propicia uma visão comparável das entradas da estrutura do poder nazista. É bem verdade que Goebbels nem sempre participava dos processos de tomada de decisão, mas tinha oportunidade de observar de perto a maneira como essas decisões se concretizavam. Sua fixação por Hitler e, logo, sua incapacidade de nele pousar um olhar crítico ensejam, em muitos casos, uma visão singular e especialmente indisfarçável do ditador.<sup>564</sup>

<sup>558</sup> **ENCYCLOPEDIA.** Joseph Goebbels, 13 ago.2018. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/people/history/german-history-biographies/joseph-goebbels>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>559</sup> VIGGIANO, Giuliana. Quem foi Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista de Adolf Hitler. **Galileu**, 17 de maio de 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/01/quem-foi-joseph-goebbels-ministro-da-propaganda-nazista-de-adolf-hitler.html>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>560</sup> LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels:** uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 35.

<sup>561</sup> HOFF, Sigrid. Quem foi Joseph Goebbels?.**DW – Made for Minds**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/biografia-mostra-goebbels-perturbado-e-em-busca-de-reconhecimento/a-6290524>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

<sup>562</sup> ZITELMANN, Rainer. **DIE TAGEBÜCHER VON JOSEPH GOEBBELS. The Politische Vierteljahresschrift (PVS)**, 1989, p. 328.

<sup>563</sup> SMELSER, R. Die Tagebücher von Joseph Goebbels: Sämtliche Fragmente. **The Journal of Modern History**, 1991.

<sup>564</sup> LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels:** uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 18.

Nos primeiros anos, o diário foi para Goebbels um espaço de autorreflexão e autocrítica. Já nos últimos volumes, o ministro buscou confirmar seus êxitos, consolidar sua trajetória de sucesso, afastar as derrotas e fracassos, e fortalecê-lo, encorajando-o a persistir no caminho escolhido, chamam a nossa atenção. E são os últimos volumes que foram inseridos na escrita de *1936-1945 Hitler: Nemesis*. Em vista disso, a partir daqui, vamos analisar como e porque Ian Kershaw utilizou os diários de Goebbels em sua narrativa.<sup>565</sup>

No capítulo 1, com 72 menções, os diários de Goebbels, especificamente o volume 3 (1935-1939), serviram à Kershaw como base para tratar dois grandes temas: a Luta contra as Igrejas e a “Questão Austríaca”.

Como vimos no tópico anterior, as igrejas foram um dos grupos de resistências contra o Nazismo. O autor dedicou uma parte do capítulo para abordar que, em 1937, em meio à vasta maquinaria de propaganda e aos projetos de construção que consumiam sua atenção, o foco de Hitler nos assuntos de política externa e nos planos ambiciosos obscureceu conflitos imediatos com as Igrejas Cristãs. Embora essa questão fosse preocupante para membros do Partido como Goebbels e ativistas do Partido, o interesse de Hitler parecia diminuir.

A relutância de Hitler em uma “luta com a Igreja” em 1937, preferindo adiá-la até um momento mais oportuno, não impediu o conflito crescente com as Igrejas Cristãs. Ativistas de base do Partido, alimentados por sentimentos anticlericais, perpetuaram a tensão, especialmente em regiões onde a Igreja tinha influência significativa. Os surtos intermitentes de Hitler contra o cristianismo refletiam sua impaciência, mas ele estrategicamente adiava ações decisivas.

A tentativa de adiar o confronto não impediu que o líder nazista mantivesse as Igrejas como alvos de sua insatisfação. Segundo Kershaw, a impaciência de Hitler com as Igrejas provocou frequentes explosões de hostilidade. No início de 1937, Hitler manifestou que “o Cristianismo estava pronto para ser destruído” e que as Igrejas deviam se submeter à “supremacia do Estado”, condenando qualquer aliança com “a instituição mais terrível que se possa imaginar”.<sup>566</sup> Essas declarações foram extraídas de três passagens distintas dos relatos de Goebbels, a saber: 5 de janeiro, 14 de janeiro e 9 de fevereiro de 1937. Nelas, Goebbels relatou momentos de conversas íntimas que teve durante almoços em que Hitler expressava seus descontentamentos e fúrias contra as Igrejas:

---

<sup>565</sup> Usaremos a versão em língua original com tradução minha e revisão da historiadora Bruna Baliza Doimo e do Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes.

<sup>566</sup> KERSHAW, 2000, p. 40.

Debate religioso à mesa. O líder fala de grandes perspectivas. Os bispos católicos emitiram mais uma vez uma carta pastoral contra nós. [...] O líder acredita que **o Cristianismo está pronto para ser destruído**. Pode demorar muito, mas está chegando.

Na hora do almoço do Führer. Ele assume uma posição firme contra as igrejas com Kerrl. **Quer lutar pela primazia do Estado a todo custo**. As igrejas devem ceder. Kerrl é um pouco brando nesse ponto.<sup>3</sup> E muito deprimido após a omissão do Führer. [...]

No almoço com o Führer. Ele está atacando violentamente as igrejas. Eles não aprenderam nada e não aprenderão nada. **A instituição mais cruel que se possa imaginar**. Sem misericórdia e justiça. Você não pode se comprometer com eles. Então você está perdido. Se eles tolerarem tacitamente algo desagradável, é apenas para desenterrá-lo novamente para fins de chantagem, se necessário.<sup>567</sup> (Grifo meu)

Em duas conferências que Hitler convocou em fevereiro para tentar pôr fim às consequências prejudiciais do conflito com as Igrejas, nada foi resolvido. Como descrito pelo biógrafo, ele se agarrou na sugestão de Goebbels de novas eleições – a serem publicitadas como “o movimento de paz do Führer na Questão da Igreja”.<sup>568</sup> No entanto, era uma “paz” passageira, pois Hitler indicou que em algum momento no futuro a Igreja e o Estado seriam separados, a Concordata de 1933 entre o Reich e o Vaticano seria dissolvida (para dar liberdade ao regime) e toda a força do Partido voltar-se-ia para “a destruição dos clérigos”.<sup>569</sup>

Na entrada de 23 de fevereiro de 1937 do diário, o ministro da propaganda descreveu como foi a prerrogativa de Hitler em uma das conferências, o que indicava que apesar de publicamente querer postergar um embate direto, suas incitações eram para um conflito:

À tarde, outra conferência no Führer sobre a questão da igreja: o Führer mais uma vez desenvolve todo o problema em traços gerais. A frente confessional parece querer abster-se de votar. Coloque-os no lugar errado e mantenha um grupo com o qual possamos combater esses traidores. Depois a separação entre Igreja e Estado, rescisão da concordata para que tenhamos carta branca em todas as eventualidades. Não somos um partido contra o Cristianismo, mas devemos nos declarar como os únicos verdadeiros cristãos. Mas então com toda a força do partido contra os sabotadores. O cristianismo é o slogan para a destruição dos padres, tal como o socialismo já foi o slogan para a destruição dos figurões marxistas.<sup>570</sup>

Todavia, Kershaw destacou que Hitler concluiria dizendo que era preciso esperar, ver o que os adversários faziam e ser taticamente inteligente. Ele esperava dentro de cinco ou seis anos “um grande confronto mundial”. Em quinze anos, ele teria liquidado a Paz de Vestfália – o tratado de 1648 que trouxera acordo religioso nos estados alemães, encerrando a Guerra dos

---

<sup>567</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher Band 2: 1930-1934**. München: R. Piper GmbH& Co. KG, 1992, p. 1027, 1028 e 1040. Kerrl era um ministro da Igreja protestante.

<sup>568</sup>KERSHAW, 2000, p. 40.

<sup>569</sup> Idem.

<sup>570</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 2), p. 1.048.

Trinta Anos. Kershaw teve como fonte de informação a mesma entrada do dia 23 de fevereiro de 1937.

Mas, por enquanto, vamos apenas esperar e ver o que o outro lado fará. E aja de forma inteligente e tática. Para que tenhamos vantagem em todos os casos. O Führer diz que seu grande trabalho é: “Ensinei o mundo a distinguir novamente os meios dos fins”. Todo o resto são apenas meios. Ele espera um grande conflito mundial dentro de 5 a 6 anos. Em 15 anos ele liquidou a Paz de Vestfália. Ele desenvolve grandes perspectivas para o futuro.<sup>571</sup>

O historiador demarcou que, em uma conferência dirigida ao Gauleiter em meados de março, Hitler anunciou que não queria “uma vitória qualquer” sobre as Igrejas, proferindo que alguém deveria manter silêncio sobre um oponente, ou matá-lo.<sup>572</sup> No relato de Goebbels sobre a conferência, pontuou que

Então o líder vem e fala. Questão da igreja. Ele apresenta todo o problema aos Gauleiters. Com muito humor e uma lógica marcante. Que prazer ouvi-lo. Ele está planejando uma reorientação revolucionária na política externa. No final ele alerta contra novas formações religiosas. Ainda somos muito jovens para isso. Na luta contra as igrejas, ele cita as palavras de Schlieffen: “Vitórias de estatura são vitórias comuns, e com razão”. Você tem que silenciar um oponente ou espancá-lo até a morte.<sup>573</sup>

Em abril, segundo Kershaw, Goebbels relatou com “satisfação” que o Führer estava a tornar-se mais radical na “Questão da Igreja” e tinha aprovado o início dos “julgamentos de imoralidade” contra o clero.<sup>574</sup> Na entrada do diário, Goebbels indicou que Hitler estava planejando ou ameaçando ações agressivas contra a Igreja Católica, simbolizada pelo Vaticano. O ministro também citou um “horrível assassinato sexual de um rapaz num mosteiro belga”, que parece ser usado como pretexto ou justificativa para iniciar uma campanha contra a Igreja. Entendemos que Goebbels, em seus relatos, refletiu a intenção do regime nazista de adotar uma postura mais severa e implacável contra os clérigos, destacando a repressão e o confronto com a Igreja. Em suas palavras,

Chamado do Führer: ele agora quer atacar o Vaticano. Os julgamentos de Coblenz vão agora começar. Depois, a abertura é um horrível assassinato sexual de um rapaz num mosteiro belga. Vou nomear imediatamente um relator especial de Berlim. Ele vai para Bruxelas e de lá lançará a sua campanha. Os sacerdotes não compreendem a nossa longanimidade e gentileza. Agora eles deveriam conhecer nossa severidade, dureza e implacabilidade.<sup>575</sup>

---

<sup>571</sup> Idem, p. 1049.

<sup>572</sup> KERSHAW, 2000, p. 241.

<sup>573</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 2), p. 1.055.

<sup>574</sup> KERSHAW, 2000, p. 241.

<sup>575</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 2), p. 1062.

O biógrafo afirmou que Goebbels identificou os ataques verbais de Hitler ao clero e a sua satisfação com a campanha de propaganda em diversas ocasiões subsequentes durante as semanas seguintes. Estas informações foram baseadas nas entradas de 1 e 12 de maio de 1937. Nessas, Goebbels detalhou a satisfação de Hitler com uma campanha da imprensa, assim como o relato de um debate sobre como lidar com a Igreja.

O líder está muito satisfeito com a nossa campanha na imprensa em relação aos processos da igreja. Continuaremos assim. Coisas horríveis vêm à tona lá. O clero está completamente silencioso. Vamos aquecê-los agora. Nada deveria ser dado a eles.

Longo debate com o líder sobre a questão da igreja. [...] Devemos dobrar as igrejas e torná-las nossas servas. O celibato também deve ser abolido. Os bens da igreja são confiscados, nenhum homem pode estudar teologia antes dos 24 anos. Ao fazê-lo, estamos a privá-los dos seus melhores descendentes. As ordens devem ser dissolvidas e o direito das igrejas de criar os filhos deve ser retirado. Esta é a única maneira de derrubá-los em algumas décadas. Então eles comem em nossas mãos. Mas a primeira coisa são os processos. Eles funcionam de acordo com o planejado e causam um grande rebuliço.<sup>576</sup>

As ações implementadas fizeram com que Hitler estivesse sob o olhar da publicidade mundial sobre a perseguição ao clero quando, no início de julho de 1937, o Pastor Martin Niemoller, a principal voz da “Igreja Confessante”, foi preso como parte de um ataque à Igreja Protestante.<sup>577</sup> A partir das anotações do diário de Goebbels, Kershaw ratificou que o interesse e o envolvimento direto de Hitler na “luta da Igreja” diminuíram durante a segunda metade do ano. Naquele momento, outros assuntos estavam agora ocupando sua atenção.

Nos assuntos mundiais, segundo o autor, a atenção de Hitler se voltou para alianças potenciais, especialmente com nações do leste europeu como a Polônia, em meio a crescentes preocupações com a força soviética e a fraqueza britânica. A escalada da radicalização na política externa sugeriu movimentos agressivos futuros, antecipando eventos como a anexação da Áustria e a crise dos Sudetos na Tchecoslováquia em 1938.

A visão estratégica de Hitler abrangia expansão territorial e interesses econômicos, com Áustria e Tchecoslováquia firmemente em seu radar. Embora suas intenções fossem claras para seu círculo íntimo, ele aguardava o momento oportuno para afirmar a dominação alemã. A escalada gradual das tensões e o posicionamento estratégico de aliados e adversários destacaram a abordagem calculada de Hitler para alcançar seus objetivos expansionistas.

---

<sup>576</sup> Idem, p. 1074 e 1080.

<sup>577</sup> KERSHAW, 2000, p. 241.

Foi exatamente para identificar as estratégias de Hitler na política expansionista que os diários de Goebbels se destacaram na escrita de Ian Kershaw. De acordo com o biógrafo, as notas do diário de Goebbels refletem as percepções mais amplas de Hitler sobre os assuntos mundiais durante a segunda metade de 1937 e o seu olhar atento sobre as oportunidades para a expansão alemã. A radicalização da política externa que trouxe a anexação da Áustria e depois a crise dos Sudetos na Checoslováquia em 1938 foram prenunciadas nas reflexões de Hitler sobre os desenvolvimentos futuros durante esses meses.<sup>578</sup>

Kershaw identificou que, a partir das observações registadas por Goebbels, no Verão de 1937, Hitler já começava a voltar a sua atenção para a Áustria, mesmo sem uma indicação de quando e como a Alemanha poderia agir. Em 28 de setembro de 1937, Goebbels registrou que os interesses de Hitler estavam delimitados, que a Áustria era a única indeterminação: “O Führer me conta sobre suas discussões com Mussolini. Quase tudo está claro. Espanha, Ásia Oriental etc. Somente a Áustria ainda está em aberto. Ele sempre se afasta disso. Mas essa é a questão principal. Ele fala em ‘salvar a face’, mas é claro que está se referindo ao assunto em si. E ele é teimoso quanto a isso. Bem, espere e veja”.<sup>579</sup>

Para Kershaw, não foram os motivos ideológicos ou estratégico-militares que influenciaram o objetivo de expansão na Europa Central por Hitler. As contínuas dificuldades económicas foram o principal estímulo para o aumento da pressão alemã sobre a Áustria desde a visita bem-sucedida de Herman Göring a Itália, em janeiro.

As reservas de ouro e de moeda estrangeira, a oferta de mão-de-obra e matérias-primas importantes estavam entre os atrativos de uma tomada alemã da República Alpina. O biógrafo ressaltou que o significado económico da “Questão Austríaca” foi ainda sublinhado pela nomeação, por Hitler, em julho de 1937, de Wilhelm Keppler, que servira antes de 1933 como um importante elo com os líderes empresariais, para coordenar os assuntos do Partido relativos a Viena. O acordo de 1936 – incluindo o fim da censura no *Mein Kampf* – foram impostos ao governo austríaco em julho. Sobre o acordo Goebbels detalhou em 13 de julho de 1937 que,

O líder é incansável com o povo. Mas eles também o amam de todo o coração. Um novo acordo germano-austriaco foi discutido com Papen. Obtemos algum alívio: o “Mein Kampf” é permitido, assim como os distintivos partidários para os alemães do Reich, a ampla paz na imprensa e a influência no Festival de Salzburgo. O líder aprova o acordo. Talvez possamos dar um passo adiante. Pelo menos Papen espera que sim. Todos os outros caminhos estão bloqueados para nós de qualquer maneira. Muito trabalho.

---

<sup>578</sup> Idem, p. 44.

<sup>579</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher Band 3: 1935-1939**. München: R. Piper GmbH& Co. KG, 1992, p. 1131.

Kershaw destacou em forma de pequenas citações a entrada de 3 de agosto de 1937 do diário de Goebbels para sugerir que o ministro expressava a crença de que essas nações não eram verdadeiros estados e que seus povos pertenciam à Alemanha nazista, de que eles inevitavelmente seriam anexados ao Reich. No trecho completo, Goebbels afirmou que

Na Áustria, o Führer fará tabula rasa uma vez. Esperamos que todos vivamos para ver isso. Ele então vai com tudo. Este estado não é um estado. Seu povo pertence a nós e virá até nós. **A entrada do Führer em Viena será um dia o seu maior triunfo.** A República Checa também não é um estado. Será superado um dia. Agora ela proibiu novamente as crianças alemãs dos Sudetos de virem à Alemanha para relaxar. Porque aqui há “escassez de comida”. Dou instruções à imprensa para se afastar muito bruscamente. Os checos são um povo sujo!<sup>580</sup> (Grifo meu)

No final de uma reunião em Nuremberg, algumas semanas mais tarde, Kershaw descreveu que Hitler disse a Goebbels que a questão da Áustria algum dia seria resolvida “pela força”. Essa frase de Hitler foi extraída do relato de Goebbels em 14 de setembro de 1937. Nele, o ministro fala da sua impressão do discurso final de Hitler, destacando que o líder argumentou que “A Áustria, diz ele, um dia será resolvida pela força”.<sup>581</sup>

Antes do final do ano, segundo Kershaw, Papen estava revelando a Hitler os planos de derrubar o chanceler austriaco Schuschnigg. Goring e Wilhelm Keppler estavam então ambos convencidos de que Hitler enfrentaria a questão da Áustria durante a primavera ou verão de 1938.<sup>582</sup>

Portanto, as ações de Hitler na anexação da Áustria, apesar das hesitações, eram inequívocas para Goebbels, e, ao que parece, para Ian Kershaw também. Tanto que o autor, quase que majoritariamente, reproduziu as reflexões feitas pelo ministro da propaganda para descrever a “Questão austriaca”.

Ian Kershaw descreveu os eventos que levaram à crise dos Sudetos em 1938, que foi um prelúdio à Segunda Guerra Mundial. Durante agosto de 1938, o Reino Unido, por meio da missão de Lord Runciman, diplomata e político britânico, pressionou a Tchecoslováquia a ceder às exigências dos alemães sudetos. Hitler pretendia atacar a Tchecoslováquia e, mesmo sabendo dos riscos, o gabinete britânico pressionou para que a Tchecoslováquia aceitasse a autonomia dos sudetos, o que o presidente Edvard Benes fez relutantemente em setembro.

---

<sup>580</sup> Idem, p. 1110.

<sup>581</sup> Idem, p. 1126.

<sup>582</sup> KERSHAW, 2000, p. 46.

Segundo Kershaw, Hitler, decidido a iniciar uma guerra, instruiu seus aliados na região a criar conflitos, embora fizesse parecer que buscava a paz. Ele planejou um ataque à Tchecoslováquia para 1º de outubro, ignorando avisos diplomáticos e acreditando que o Reino Unido e a França não interviriam. Após um discurso inflamado de Hitler, o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain buscou negociar diretamente com ele, resultando em reuniões que, no fim, aumentaram a pressão sobre os tchecos para cederem.

Na segunda reunião entre Chamberlain e Hitler, marcada para 22 de setembro, Hitler, de acordo com o biógrafo, vendo a fraqueza dos países ocidentais, preparou-se para um confronto militar limitado e pretendia insistir em suas demandas, com um plebiscito sendo a última opção.

Para relatar as reuniões de Hitler, principalmente com Chamberlain, nesse período, Kershaw teve como fonte de informações os diários de Joseph Goebbels, a saber: as entradas de 18 e 23 de setembro. Na primeira reunião com o ministro britânico, Goebbels destacou que

O líder já está esperando por nós. Ele está de bom humor. Almoço sozinho com ele e ele imediatamente me conta a situação. A conversa com Chamberlain foi muito cordial, mas também muito dramática. O líder não mediu palavras. Chamberlain é um velho inglês frio. Declarou que alemães e checos não podem mais viver juntos. Quer persuadir os seus colegas ministros e Paris a realizar um plebiscito. O líder não ficou muito satisfeito com a visita. Esta solução também não nos convém. Mas se uma linha for tomada agora, não há muito que você possa fazer a respeito no momento. Mas mesmo assim, a Checoslováquia dissolver-se-á felizmente. E numa emergência teremos uma posição militar muito melhor. O maior medo de Londres é uma guerra mundial. **O Führer declarou categoricamente que não se esquivaria dela em caso de emergência.** Mas Praga permanece intransigente por enquanto.<sup>583</sup> (Grifo meu)

Em 19 de setembro, Kershaw relatou que Hitler “mostrou a Goebbels o mapa que refletiria suas exigências a Chamberlain na próxima reunião”.<sup>584</sup> A intenção de Hitler era forçar a aceitação de uma linha de demarcação o mais ampla possível. O território a ser cedido seria desocupado pelos checos e ocupado pelas tropas alemãs no prazo de oito dias. Segundo Goebbels, os preparativos militares não estariam prontos antes disso. Caso surgisse alguma disputa, seria exigido um plebiscito até o Natal. Se Chamberlain insistisse em novas negociações, o Führer não se sentiria mais comprometido com quaisquer acordos anteriores, mantendo plena liberdade de ação. Nas palavras do ministro da propaganda alemão,

O Führer quer apresentar abertamente as suas exigências claras a Chamberlain e não permitir que nada seja tratado depois[!]. [...] A conversa do Führer com Chamberlain

<sup>583</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 2), p. 1268.

<sup>584</sup> KERSHAW, 2000, p. 113.

começa às 16h. E dura até depois das 19h. O líder procede exatamente como pretendia. O mapa com sua linha de demarcação causou certo horror em Chamberlain. Mas ele rapidamente se recompõe quando o Führer lhe explica que uma fronteira após o uso da força é estratégica e teria uma aparência significativamente diferente. Enquanto isso, nossa mobilização continua. Chamberlain está convencido de que pelo menos a força não será usada imediatamente. O Führer não responde de forma alguma à exigência de garantia para a parte traseira da República Tcheca. Ele rejeita isto no que diz respeito à Polónia e à Hungria. A garantia da Inglaterra também é muito vaga. “Em um ataque não provocado.” Nós sabemos disso! O principal é que fiquemos atrás das montanhas e tenhamos as fortificações atrás de nós. Tudo está caminhando para isso agora. Assim, o líder de Chamberlain não se concentra tanto nas exigências da Polónia e da Hungria. [...] No dia 28 de Setembro tudo estará pronto para uma intervenção militar.<sup>585</sup>

Quase reproduzindo integralmente as observações do ministro da propaganda, Kershaw, em minha leitura, buscou mais uma vez contrapor a percepção pública de Hitler com as verdadeiras ações do líder do Terceiro Reich. Com base nos escritos de Goebbels, Kershaw conseguiu demonstrar que, desde o início, a ideia de uma ação militar estava presente e que Hitler, apesar de aparentar estar aberto a negociações, jamais considerou seriamente estabelecer um acordo.

O próximo assunto que teve os diários de Goebbels como fonte principal e única foi a importante reunião com o Ministro japonês, Yosuke Matsuoka, adiada por Hitler devido à crise da Iugoslávia, priorizando discussões militares e diplomáticas. Ele esperava, nesta reunião, convencer o Japão a atacar Singapura para enfraquecer a Grã-Bretanha e impedir a intervenção americana na guerra. Apesar de seus esforços, o Ministro japonês Matsuoka foi evasivo e não prometeu ações imediatas. Hitler ficou frustrado com a falta de compromisso japonês. A visita coincidiu com a preparação da Operação Marita, que visava à invasão dos Balcãs, marcada pelo bombardeio implacável de Belgrado, usado como ensaio para a Operação Barbarossa contra a União Soviética.

De acordo com Kershaw, o pacto de neutralidade soviético-japonês que Matsuoka negociou com Stalin no seu regresso por meio de Moscovo – assegurando que o Japão não seria arrastado para um conflito entre a Alemanha e a União Soviética – “**foi uma surpresa desagradável para Hitler**”.<sup>586</sup> Nas palavras de Goebbels, ao relatar sobre uma reunião em seu ministério, “O tratado entre Moscou e Tóquio é mencionado apenas de passagem e não é

---

<sup>585</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 2), p. 1269-1270.

<sup>586</sup> KERSHAW, 2000, p. 364.

dramatizado de forma alguma. De acordo com os planos conhecidos de maior alcance, **isso não agrada nem um pouco ao Führer**".<sup>587</sup> (Grifos meus)

O biógrafo relatou que, durante a estadia de Matsuoka em Berlim, os preparativos para a “Operação Marita” avançaram rapidamente, e, em pouco mais de uma semana, tudo estava pronto. A operação foi agendada para começar às 5h20 da manhã de domingo, 6 de abril. A atmosfera no Ministério da Propaganda e em outras agências do regime estava carregada de tensão. Na entrada do diário no mesmo dia, Goebbels descreveu que

Agora deve ocorrer no domingo de manhã. Estamos todos prontos. Belgrado se mobilizou. Já estamos imprimindo folhetos para os croatas. Nossos transmissores secretos já estão funcionando. Tudo está fervilhando de entusiasmo. Plantão noturno montado no ministério. Novo método de propaganda: todas as noites, citamos uma voz inglesa autorizada de um ano atrás nos serviços nacionais e estrangeiros. Isso resulta em efeitos absolutamente surpreendentes.<sup>588</sup>

Kershaw continuou detalhando que, às 1h da manhã, Goebbels, sentindo a tensão e prestes a dormir por algumas horas, foi chamado pelo Führer. Durante a conversa, Hitler descreveu o ataque e estimou que a campanha poderia durar dois meses. Segundo o autor, Hitler mencionou o Tratado de Amizade que a União Soviética havia assinado com a Iugoslávia no dia anterior, afirmando que não temia a Rússia, pois havia tomado precauções suficientes. Ele acreditava que, se a Rússia decidisse atacar, quanto mais cedo, melhor. O biógrafo reforçou que Hitler ressaltou que, se a Alemanha não agisse imediatamente, todos os Balcãs e a Turquia se inflamariam, algo que precisava ser evitado a todo custo. A guerra contra os sérvios, afirmou o líder do Terceiro Reich, seria travada “sem piedade”. Esses relatos descritos por Kershaw foram baseados na entrada de 6 de abril de 1941 feita por Goebbels em seu diário. Nesta, temos a seguinte informação:

A noite é caracterizada por tensões constantemente renovadas. No final, eu mesmo também sou contagiado por elas. Quero me permitir algumas horas de sono. Mas, à meia-noite, sou chamado ao Führer. Ele me explica a situação novamente em detalhes. Partimos às 5h20 da manhã. Ele estima que todo o esforço levará cerca de 2 meses. Eu calculo que seja mais curto. Às 7h20, Belgrado é bombardeada por 300 aeronaves. Na noite seguinte, um bombardeio maciço com bombas altamente explosivas e incendiárias. O ninho de conspiradores sérvios é desmascarado. Os Balcãs eram então um barril de pólvora. Londres deve ser privada da oportunidade de jogar o pavio nele conforme necessário e à vontade. Toda a camarilha conspiratória sérvia deve cair. O Führer não tem medo da Rússia. Ele se protegeu o suficiente. E se ela quiser atacar, quanto mais cedo, melhor. Ela já anunciou um pacto

---

<sup>587</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher Band 4**: 1940-1942. München: R. Piper GmbH& Co. KG, 1992, p. 1561.

<sup>588</sup> Idem, p. 1553.

de amizade com Belgrado. Se não agirmos agora, todos os Bálcãs e a Turquia podem começar a deslizar. Isso deve ser evitado.<sup>589</sup>

Durante a conversa, segundo Kershaw, Goebbels tomou chá com Hitler, e, para descontrair, discutiram outros temas além da guerra, como o plano de transformar Linz em uma capital cultural ainda maior que Viena. À medida que a conversa avançava, o horário para o início da operação se aproximava. Quando o momento chegou, “Hitler sentiu que finalmente poderia ir para a cama”.<sup>590</sup>

Como podemos observar, assim como fez ao tratar da anexação dos Sudetos, Kershaw descreveu a “Operação Marita” utilizando os diários de Goebbels. Para o biógrafo, essas anotações ofereciam um valioso mapa das estratégias de Hitler, especialmente no que diz respeito aos seus planos de guerra. Além de validar os relatos de Goebbels, o autor reconhecia que “ali” estavam as verdadeiras ideias de Hitler – ideias que não eram compartilhadas com o público, mas reservadas exclusivamente para Goebbels.

No capítulo 8, “Showdown”, Kershaw realizou 88 referências ao diário, incorporando o relato de Goebbels sobre uma reunião entre o próprio Goebbels e Hitler, além do discurso do líder nazista no Sportpalast (Palácio dos Esportes). Segundo o historiador, em uma longa conversa com Hitler em 23 de setembro, Goebbels aproveitou a oportunidade para descrever o estado do moral na Alemanha. Hitler estava ciente do “sério teste psicológico” que o povo alemão enfrentava nas últimas semanas. Diante da queda no moral, Goebbels, de acordo com Kershaw, pressionou Hitler, que não aparecia em público desde o início da campanha russa, a se dirigir à nação. Hitler concordou e pediu a Goebbels que organizasse uma grande reunião em Berlim para abrir a campanha da Ajuda de Inverno. A data foi marcada para 3 de outubro, coincidindo com o início da “Operação Tufão”, uma ofensiva contra Moscou.

Goebbels encontrou Hitler em Berlim no dia 2 de outubro e ficou impressionado com seu otimismo. Hitler acreditava que, se o clima (o tempo) se mantivesse favorável, o exército soviético seria esmagado em duas semanas. Ele destacou que o sucesso da ofensiva tornaria a Alemanha autossuficiente e enfraqueceria os esforços de guerra da Grã-Bretanha. Na entrada de 4 de setembro de 1941, Goebbels falou de forma detalhada sobre como a questão do tempo estava associada a uma vitória imediata da Alemanha. Para ele,

[...] O Führer está convencido de que, se o tempo continuar meio favorável, a Wehrmacht soviética **será essencialmente esmagada em uma quinzena**. Como eu disse, o clima é o fator decisivo. Até o momento, ele ainda está extremamente favorável. O sol não está brilhando em toda a frente oriental, há um pouco de

---

<sup>589</sup> Idem, p. 1553.

<sup>590</sup> KERSHAW, 2000, p.365.

neblina aqui e ali, mas a Luftwaffe pode realizar suas tarefas sem obstáculos. Espera-se que os deuses do clima, que nos preparam muitas peças desagradáveis em nossas ofensivas anteriores, finalmente nos permitam fazer o que até agora se recusaram a fazer. Parece que sim. No início da ofensiva, a frente alemã estava um pouco envolta em neblina, de modo que os bolcheviques não puderam fazer o reconhecimento. A frente bolchevique estava banhada pelo sol, de modo que as unidades inimigas eram um alvo quase impossível para nossa artilharia e força aérea.<sup>591</sup> (Grifo meu)

Hitler se dirigiu a uma multidão entusiasmada no Sportpalast, culpando a Grã-Bretanha e os judeus pela guerra e justificando o ataque à União Soviética como uma medida preventiva. Ele declarou que o inimigo estava derrotado e não se levantaria novamente, recebendo aplausos e ovAÇÃO do público. Ainda na entrada de 4 de setembro, Goebbels relatou que

Em geral, o Sportpalast estava em uma atmosfera que só poderia ser comparada à dos nossos comícios de campanha antes da tomada do poder. A imagem era particularmente impressionante devido à presença de várias vítimas de guerra sentadas nas primeiras filas, dando ao comício o caráter de gravidade absoluta da situação atual.<sup>592</sup>

Após o discurso, Hitler retornou rapidamente ao seu quartel-general na Prússia Oriental, confiante na vitória iminente. Goebbels, acompanhando-o até a estação, recebeu notícias de avanços ainda melhores no front, fortalecendo a convicção de que a vitória era certa, desde que o clima colaborasse. Nas palavras de Kershaw,

Goebbels estava com Hitler a caminho da estação quando as últimas notícias chegaram do front. O avanço estava sendo ainda melhor do que o esperado. O Führer levara em conta todos os fatores, comentou Goebbels. Avaliando realisticamente todas as circunstâncias, ele chegou à conclusão de que “a vitória não pode mais ser tirada de nós”.<sup>593</sup>

A descrição de Kershaw também foi extraída da entrada do diário de Goebbels em 4 de outubro. Nessa entrada, o ministro da propaganda fez um relato entusiástico sobre a recepção ao discurso de Hitler Sportpalast e o clima de certeza na vitória, compartilhado tanto pelo Chanceler quanto por ele próprio.

O palácio esportivo se despede dele com uma ovAÇÃO estrondosa. Acompanho o Führer até a estação de trem. As últimas notícias acabaram de chegar do teatro de guerra. As coisas estão progredindo em um ritmo que ninguém esperava. Se o tempo continuar como está no momento, podemos esperar que nossos desejos sejam atendidos. Os sucessos alcançados até agora são apenas iniciais, mas suas dimensões são surpreendentes. O Führer está extremamente feliz, especialmente com o sucesso da reunião no palácio dos esportes, e me agradece por tê-lo persuadido a fazer isso no final. Depois, nos despedimos com muito carinho. O trem entra pela noite adentro,

---

<sup>591</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 4), p. 1975 e 1976.

<sup>592</sup> Idem, p. 1980.

<sup>593</sup> KERSHAW, 2000, p. 431 e 432.

seguindo novamente para o leste. Foi um dia lindo! As principais ações militares decisivas para derrotar a União Soviética foram bem-sucedidas. Se o destino continuar sendo gentil conosco, podemos esperar chegar ao nosso destino desejado em breve.<sup>594</sup>

A apropriação dos relatos de Goebbels desempenhou três funções importantes na biografia de Hitler escrita por Ian Kershaw. Em primeiro lugar, esses relatos oferecem uma visão íntima da perspectiva que Hitler mantinha sobre o front de batalha. Por meio das anotações detalhadas de Goebbels, Kershaw revelou como Hitler percebia a situação militar, suas expectativas e sua avaliação dos desenvolvimentos no front, informações que muitas vezes não eram compartilhadas publicamente.

Em segundo lugar, os relatos destacaram a certeza de vitória que permeava o partido nazista. Kershaw utilizou esses registros para ilustrar como essa convicção inabalável de vitória era mantida e cultivada. Por fim, esses relatos serviram como uma ferramenta para entender como essa confiança era “vendida” ao povo alemão. Através das entradas nos diários de Goebbels, Kershaw mostrou como a propaganda nazista, por meio da figura de Goebbels, trabalhava para criar uma narrativa de inevitabilidade da vitória, moldando a percepção pública e sustentando o moral da nação.

Assim, os relatos de Goebbels não apenas documentam os eventos e as conversas, mas também revelam as estratégias de comunicação utilizadas pelo regime para manter o controle sobre a opinião pública durante a guerra.

No capítulo com maior quantidade de referências a Goebbels, com exatas 110 menções, Ian Kershaw utilizou os escritos do ministro da propaganda para identificar a “desilusão com Hitler” com a derrota de Stalingrado. Segundo o autor, a derrota em Stalingrado marcou um ponto de virada na percepção do povo alemão em relação a Hitler e ao regime nazista. Pela primeira vez, as críticas diretas à liderança de Hitler se tornaram generalizadas, com muitos vendo-o como responsável pelo desastre em Stalingrado e pelas consequências desastrosas da guerra.

O discurso de Hitler após Stalingrado não conseguiu revitalizar o apoio popular ao regime. Pelo contrário, muitos alemães viram sua liderança como falha e se tornaram céticos em relação às perspectivas de vitória na guerra. A crescente insatisfação com o regime nazista sinalizava o início do declínio do apoio popular a Hitler.

Segundo Kershaw, se Hitler sentiu algum remorso pessoal por Stalingrado ou simpatia humana pelos mortos do 6º Exército e seus familiares, ele não deixou transparecer. Apenas

---

<sup>594</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 2), p. 1681 e 1682.

aqueles que estavam próximos dele podiam detectar sinais de tensão nervosa. Dentre essas pessoas, certamente, estava Goebbels.

Com base na extensa entrada de 23 de janeiro de 1943 do diário de Goebbels, o biógrafo identificou que Hitler estava preocupado com sua saúde e temia que ela não aguentasse a pressão. Embora gostasse de falar, teve de manter uma fachada de invencibilidade entre sua comitiva. Ele acreditava que mostrar qualquer sinal de fraqueza seria um presente para os inimigos e poderia levar à desmoralização. Por isso, era crucial que os líderes militares e o Partido não vissem nenhuma hesitação em sua determinação.

Tanto que, não houve qualquer vestígio de desmoralização, depressão ou incerteza quando ele falou aos Reichs – e aos Gauleiter – durante quase duas horas no seu quartel-general, em 7 de fevereiro. Em 8 de fevereiro de 1923, o ministro da propaganda relatou que

O Führer faz-lhes um discurso de quase duas horas sobre a situação geral. É surpreendente a franqueza, para não dizer a brutalidade do fanatismo da verdade, com que o Führer caracteriza a situação perante este pequeno círculo. Começou por afirmar que hoje acreditava mais do que nunca na vitória e que não se deixaria influenciar por qualquer acontecimento. As dificuldades da nossa situação não são de modo algum comparáveis às graves crises partidárias do passado. Mesmo que as dimensões fossem completamente diferentes, os meios e os métodos com que ultrapassámos as crises partidárias no passado teriam agora de ser utilizados para ultrapassar a atual crise militar e política. A catástrofe na Frente Oriental é descrita detalhadamente pelo Führer. Ele explica novamente como isso aconteceu, nomeadamente através do fracasso total dos nossos aliados, primeiro os romenos, depois os italianos e depois os húngaros.<sup>595</sup> (Grifo meu)

Na compreensão de Kershaw, embora Hitler tenha afirmado que aceitava total responsabilidade pelos acontecimentos do Inverno, não deixou dúvidas sobre onde, na sua opinião, residia a verdadeira culpa. Para o biógrafo isso era um traço antigo de sua personalidade. Desde o início da sua carreira política, Hitler procurava bodes expiatórios. Portanto, “a característica estava demasiado enraizada na sua psique para que ele se desviasse dela agora que, pela primeira vez, um desastre nacional absoluto tinha de ser explicado”<sup>596</sup>.

Ian Kershaw destacou que grande parte do restante do discurso de Hitler foi sobre a “psicologia” da guerra. Goebbels aproveitou, segundo o biógrafo, astutamente os instintos de Hitler ao exigir a radicalização da “frente interna” e a passagem para a “guerra total”. A crise era mais psicológica do que material e deveria ser superada por “meios psicológicos”. Era tarefa

---

<sup>595</sup> GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher Band 5:** 1943-1945. München: R. Piper GmbH& Co. KG, 1992, p. 1891 e 1892.

<sup>596</sup> KERSHAW, 2000, p. 553.

do Partido conseguir isso. O Gauleiter deveria lembrar-se do “tempo de luta”. Nas palavras de Goebbels,

Em seguida, o Führer falou longamente sobre a psicologia da guerra. Ele endossou totalmente o que eu havia dito sobre a ótica da guerra e não apenas considerou que devemos fazer tudo em casa para criar homens para a frente de batalha e para a indústria de armamentos, mas também tudo que preserve os homens. Os Gauleiters deveriam se lembrar da época da luta, quando também havíamos buscado, e com sucesso, esses métodos de vitória total.<sup>597</sup>

Como podemos observar com essa análise, Ian Kershaw descreveu o discurso de Hitler para os Gauleiter, por meio das anotações de Goebbels com o propósito de demonstrar que, naquele período de crise com o Stalingrado, o líder nazista ainda mantinha o seu apoio “dorsal”.

À liderança do Partido, a espinha dorsal do seu apoio, Hitler poderia falar desta forma. O Gauleiter poderia ser mobilizado por tal retórica. Afinal, eles eram fanáticos, assim como o próprio Hitler. Eles faziam parte de sua “comunidade juramentada”. A responsabilidade do Partido pela radicalização da “frente interna” era música para os seus ouvidos. Em qualquer caso, quaisquer que fossem as dúvidas privadas (se houvesse), não tinham outra escolha senão ficar com Hitler.<sup>598</sup>

Já entre o povo alemão foi menos facilmente aplacado do que os vice-reis de Hitler. O discurso de Hitler em Berlim, em 21 de março de 1943, no Dia da Memória dos Heróis, gerou mais críticas do que qualquer outro desde que ele se tornou Chanceler. O discurso foi curto, possivelmente devido ao medo de um ataque aéreo britânico, mas sua repetição monótona e o ataque rotineiro ao bolchevismo e aos judeus não empolgaram o público. A omissão de Stalingrado e a subestimação do número de mortos causaram desapontamento e incredulidade. Essas reações mostraram que os laços entre o povo alemão e Hitler estavam enfraquecendo, embora não houvesse sinais de rebelião, mas sim um clima de cansaço e medo.

As reações ao discurso foram um claro indicador de que os laços do povo alemão com Hitler estavam a dissolver-se. Este não foi um fenômeno da noite para o dia. Mas Stalingrado foi o ponto em que os sinais se tornaram inconfundíveis. Não havia rebelião no ar; Hitler estava certo sobre isso. O clima era taciturnamente deprimido, ansioso com o presente, temeroso do futuro, acima de tudo cansado da guerra; mas não rebelde. Para todos, exceto para os poucos que serviram o regime a partir do interior, tiveram contatos em altos cargos recorrendo ao poder militar, e que agora conspiravam ativamente para provocar a queda de Hitler, dificilmente poderiam ser acalentados pensamentos de derrubar o regime. O regime era demasiado forte, a sua capacidade de repressão demasiado grande, a sua disponibilidade para derrubar toda a oposição era demasiado evidente (e tornou-se ainda mais forte à medida que o apoio positivo diminuía e as lealdades enfraqueciam).<sup>599</sup>

<sup>597</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 5), p. 1892 e 1893.

<sup>598</sup> KERSHAW, 2000, p. 555.

<sup>599</sup> Idem, p. 557.

Na visão do autor, Hitler rejeitou qualquer possibilidade de capitulação, atribuindo ao povo alemão a culpa caso o Reich desmoronasse. Para ele, um povo fraco mereceria ser extinto por um mais forte. O diário de Goebbels revelou, para Kershaw, que a crise de liderança de Hitler começou entre a população, que se sentiu abandonada pelo seu líder devido à sua indiferença. Em determinado momento, Hitler chegou a considerar o massacre do povo alemão como consequência de sua "fraqueza". Dentro do Partido, a cúpula ainda mantinha a esperança em Hitler, não por lealdade ou confiança, mas porque não viam outra alternativa.

No capítulo 12, Joseph Goebbels não só foi mencionado em 77 referências à sua obra, como também ocupou um lugar de destaque na narrativa, sendo uma das personagens principais. Isso porque Ian Kershaw detalhou o seu discurso em 18 de fevereiro de 1943, em Sportpalast. Segundo o biógrafo, Joseph Goebbels proferiu um discurso no Sportpalast de Berlim, proclamando a “guerra total” e tentando refutar a alegação britânica de que o povo alemão havia perdido a confiança em Hitler. Ele fez uma série de perguntas retóricas ao público escolhido a dedo, que respondeu com entusiasmo e lealdade ao Führer, demonstrando uma aparente unidade nacional. O discurso, “interrompido mais de 200 vezes por aplausos e gritos de apoio”, culminou em uma explosão de patriotismo, com o público entoando hinos nacionais e saudando Hitler.<sup>600</sup>

As informações sobre a preparação do discurso foram extraídas do diário de Goebbels. Em uma passagem em 13 de fevereiro de 1943, o ministro da propaganda falou das suas expectativas para o discurso:

Para o efeito, estou a convocar um novo comício de massas para a próxima sexta-feira, no Sportpalast, que pretendo que volte a estar repleto de verdadeiros velhos camaradas de partido. Será convidado o maior número possível de celebridades e eu farei um discurso que superará tudo o que já foi feito antes em termos de radicalismo. A reação do público mostrará às celebridades como as coisas estão realmente a correr. Alguns altos funcionários e celebridades do partido já perderam o contacto com o povo, de tal forma que já não sabem o que o povo realmente quer. É preciso que este fato lhes seja novamente esclarecido através de uma reunião deste tipo.<sup>601</sup>

Kershaw ressaltou que, no discurso que fez no Sportpalast, Goebbels estava alinhado com Hitler. Goebbels defendia a necessidade de incutir uma vontade fanática de vitória em todo o povo e de mobilizar psicologicamente a frente interna para aceitar medidas mais radicais na luta total pela sobrevivência da nação, algo que Hitler aprovou em várias ocasiões. No entanto, não está totalmente claro se o Ministro da Propaganda mostrou o texto do seu discurso a Hitler

---

<sup>600</sup> Idem, p. 561.

<sup>601</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 5), p. 1896.

antes da reunião no Sportpalast, como costumava fazer. Na mesma entrada de 13 de fevereiro, Goebbels deu ênfase ao fato de que Hitler estava de acordo com as propostas que apresentaria no discurso: “Os pontos de vista de Speer estão muito de acordo com os meus. É uma grande ajuda para mim nas minhas propostas ao Führer. Aliás, posso afirmar que o Führer ainda não rejeitou uma única das minhas propostas”.<sup>602</sup>

Kershaw afirmou que o discurso de Goebbels não teve o efeito esperado. De acordo com o historiador, as esperanças de vitória estavam cada vez mais distantes, e, para aqueles com um mínimo de realismo, a derrota final parecia quase certa. Nos meses seguintes, o povo alemão, o regime nazista e seu líder ficariam cada vez mais cercados. Amigos e aliados desertariam, as conquistas territoriais se desmoronariam, os ataques aéreos cada vez mais intensos devastariam as cidades alemãs, a superioridade aliada à mão de obra e ao armamento se tornaria cada vez mais evidente, e os sinais internos começariam a multiplicar-se, o que, para Kershaw, sugeria que, independentemente da retórica de Goebbels, as lealdades ao regime, e até mesmo a Hitler pessoalmente, estavam gravemente enfraquecidas.

No entanto, o desafio e a determinação evocados no discurso de Goebbels no Sportpalast, apoiados por novos níveis de repressão draconiana à medida que o apoio ao regime diminuía, ajudaram a excluir qualquer perspectiva de colapso na frente interna. Isto, por sua vez, prolongaria o fim do regime por mais dois anos, garantindo que a morte e a devastação seriam maximizadas durante uma luta prolongada e enérgica contra probabilidades cada vez mais impossíveis.<sup>603</sup>

Portanto, a análise do discurso de Joseph Goebbels no Sportpalast em fevereiro de 1943 por Ian Kershaw nos revelou a complexidade e a ineeficácia das tentativas de mobilizar a população alemã em um momento crítico como pós Stalingrado. O discurso, que pretendia reforçar a lealdade ao Führer e incitar a “guerra total”, foi recebido com grande entusiasmo pelo público presente, mas suas repercussões reais foram muito mais limitadas.

Nesse sentido, Ian Kershaw buscou demonstrar que Goebbels, um mestre da propaganda, conseguiu criar uma atmosfera de fervor e unidade nacional durante o evento, mas essa imagem de coesão era ilusória. Todavia, a confiança no regime nazista e em Hitler já estava seriamente abalada, e o discurso serviu mais como uma tentativa desesperada de mascarar essa realidade do que como um verdadeiro catalisador de renovação do esforço de guerra. A retórica inflamada e as declarações grandiosas não conseguiram esconder o fato de que a Alemanha

---

<sup>602</sup> Idem, p. 1893.

<sup>603</sup> KERSHAW, 2000, p. 563.

estava caminhando para uma derrota inevitável, algo que aqueles com uma visão mais realista já haviam percebido.

Além disso, em decorrência de suas ambições pessoais, Goebbels esperava ganhar mais controle sobre o esforço de guerra, mas suas ambições foram frustradas, pois Hitler nunca lhe concedeu a autoridade desejada. Ao detalhar o discurso, Kershaw declarou, que embora grandioso, teve pouco efeito duradouro, e Goebbels permaneceu apenas mais um jogador nos complexos jogos de poder do Terceiro Reich.

No capítulo 14, as inserções dos diários acontecem de forma pontual, como complemento de informações. Neste, as anotações de Goebbels, em conjunto com a obra escrita pelo Albert Speer, arquiteto e ministro do armamento da Alemanha nazista, serviram para descrever o estado do Hitler após sofrer um atentado em 20 de julho de 1944. Segundo Kershaw, após o impacto, Hitler percebeu que estava ileso e pôde se mover. Ele saiu pelos destroços, apagando as chamas de suas calças e os cabelos chamuscados, e encontrou Keitel, que emocionado o abraçou. Apesar das roupas rasgadas, Hitler conseguiu caminhar sem dificuldades. Na entrada de 23 de julho de 1944, Goebbels relatou que “Keitel, que também estava presente, relatou ele mesmo a tentativa de assassinato. Ele pegou o Führer nos braços logo após a explosão. Uma cena comovente aconteceu aqui. Keitel chorou de alegria ao ver que o Führer estava ileso”.<sup>604</sup>

Na parte final da biografia, especificamente no capítulo 15, Kershaw detalhou o comportamento de Hitler perante a eminência de uma derrota na guerra. Segundo ele, em novembro de 1944, após uma sequência de fracassos, Hitler quase admitiu em particular que a guerra estava perdida. Ele começou a pensar em seu próprio fim. Alfred Jodl, chefe do Alto-Comando da Wehrmacht durante a Segunda Guerra Mundial, sugeriu transferir o quartel-general para Berlim, mas Hitler recusou, afirmando que não deixaria a Prússia Oriental. Na época, de acordo com o biógrafo, sua presença era tão distante que rumores de sua doença ou morte circulavam.

No entanto, Kershaw, por meio dos diários de Goebbels, ressaltou que, no início de dezembro, Hitler parecia recuperado. Ele estava focado na próxima ofensiva no Ocidente, acreditando que um ataque bem-sucedido poderia garantir vitórias militares e políticas. Hitler delineou um plano ambicioso para tomar Antuérpia em oito a dez dias, destruir as forças inimigas e atacar Londres com foguetes, o que teria um grande impacto no moral e na imagem da Alemanha. Na entrada de 2 de dezembro de 1944, Goebbels o descreveu como um homem

---

<sup>604</sup> GOEBBELS, 1992 (Band 5), p. 2075.

revigorado, comparando a expectativa dessa ofensiva a uma droga, além de detalhar os seus planos de guerra.

[...] só posso observar repetidamente, com a mais profunda alegria, que o Führer se tornou uma pessoa completamente diferente. Quase não o reconhecemos. Quando imagino que, há algumas semanas, eu o encontrei ainda tão doente e frágil na cama, embora ele já estivesse desenvolvendo os mesmos grandes planos, embora não com a mesma verve de hoje, então só posso dizer que um milagre aconteceu com ele. Ele está de volta ao controle da situação e oferece um exemplo empolgante de militância nacional-socialista. Como ele me disse, está agora no processo de incutir confiança em seu ambiente militar novamente, porque todo o estado-maior está, obviamente, tão deprimido pelos contratempos do passado que não consegue mais acreditar na possibilidade de uma grande vitória.<sup>605</sup>

A entrada de 2 de dezembro do diário de Goebbels auxiliou Kershaw na compreensão de Hitler sobre a inevitabilidade da derrota alemã no final da Segunda Guerra Mundial e sua resolução em resistir até o fim, independentemente das consequências. Portanto, a motivação subjacente de Hitler para continuar lutando até o fim era baseada em sua visão de não repetir a capitulação de 1918 e em garantir seu lugar na história como um herói alemão.

A última inserção de Goebbels na narrativa foi para relatar o colapso da frente ocidental da Alemanha nazista, com a deserção de tropas e a falta de resistência. Com os diários de Goebbels, Kershaw destacou como o ministro da propaganda, nesse momento, pressionava Hitler para fazer um discurso e inspirar o povo, como Churchill e Stálin fizeram em momentos críticos. No entanto, Hitler hesitava, afirmando que não tinha nada positivo a oferecer, assim, de acordo com o biógrafo, frustrava Goebbels, que via essa relutância como falta de ação decisiva. Como apresentado por Kershaw, em três entradas de seus diários, 27, 28 e 31 de março de 1945, Goebbels ressaltou a importância de Hitler se pronunciar perante a nação:

Em uma situação tão grave, a nação não pode ficar sem um apelo do mais alto nível. Um discurso do Führer pelo rádio hoje seria o mesmo que vencer uma batalha. Entrarei em contato com o General Burgdorf no final da tarde e pedirei a ele que apresente essa questão ao Führer em meu nome no decorrer da noite. Espero que Burgdorf seja bem-sucedido.<sup>606</sup>

Considero agora que será dada ao Führer a oportunidade de se dirigir à nação, tanto em casa como na frente de batalha, num discurso de rádio - não precisa de ter mais de dez ou quinze minutos de duração. Cito Churchill na crise inglesa e Stalin na crise soviética como exemplos. [...] O partido nunca passou por uma crise grave sem que o líder se voltasse pessoalmente para ele para trazê-lo de volta à forma. Chegou a hora de o líder dar um sinal ao povo. Estou pronto e determinado a desencadear uma grande campanha de propaganda a partir disto. Mas o slogan deve ser dado pelo líder. [...] O Führer concorda em princípio com minhas sugestões. Ele acha que o moral da pátria não é ruim em si. [...] princípio

---

<sup>605</sup> Idem, p. 2107-2108.

<sup>606</sup> Idem, p. 2170.

o líder não quer fazer nada certo, e isso porque não consegue apresentar nada de positivo no momento. Mas eu o pressiono tanto que ele finalmente concorda com minha sugestão. Também não devo desistir neste ponto. É meu dever nacional insistir que o líder dê agora ao povo o slogan para a sua luta pela vida. Enfatizo ao Führer que 15 minutos no rádio seriam completamente suficientes.<sup>607</sup>

Apesar das insistências, Hitler mostrou-se relutante em ceder à pressão de Goebbels para que falasse ao povo e reforçasse a moral da nação em um momento crítico. Essa resistência reflete o desespero de uma liderança que testemunhava a rápida deterioração da situação. Goebbels, em particular, expressou sua frustração e descrença diante da apatia de Hitler, revelando a falta de esperança que começava a tomar conta até mesmo dos mais leais ao regime.

Estou um pouco céptico se ele realmente vai querer falar tão cedo. O líder agora tem um medo do microfone que é completamente incompreensível para mim. Ele também sabe que não é certo que agora ele esteja deixando o povo sem se dirigir a ele; mas infelizmente o SD informou-o depois do seu último discurso que o povo o tinha criticado porque ele não trouxera nada essencialmente novo. E na verdade ele não pode mais trazer nada de novo ao povo. Há algo a ser dito pelo líder quando ele declara que precisa conseguir pelo menos alguma coisa num discurso; mas isso não está disponível para ele no momento. Por outro lado, respondo que o povo está pelo menos à espera de uma palavra de ordem. Um slogan também poderia ser emitido na atual emergência. Em suma, o duelo de discursos está a decorrer de tal forma que não consigo persuadir o Führer a elaborar imediatamente o seu discurso. Mas ele me promete que fará isso nos próximos dias.<sup>608</sup>

Enquanto isso, Kershaw afirmou que havia um clima de negação entre as lideranças nazistas e parte da população, que ainda acredita em uma vitória final, mesmo com a situação da Alemanha se deteriorando rapidamente. Além disso, para o autor, a passividade de Hitler e sua recusa em mudar de estratégia ou substituir membros-chave de seu governo (como Göring e Ribbentrop) aceleraram o colapso. Essas observações de Ian Kershaw foram baseadas na passagem de 22 de março de 1945, em que Goebbels deixou claro parte da sua frustração com o Führer,

[...] Eu protesto com o Führer sobre como Frederico, o Grande, agiu nesses casos, como ele tratou seu irmão e herdeiro do trono prussiano, Augusto Guilherme, quando repatriou seu exército de Zittau em uma condição desolada. Mas este exemplo também não impressionou o líder. Ele diz que as condições na Guerra dos Sete Anos eram diferentes das de hoje e que na fase atual da guerra ele não podia permitir-se uma mudança tão grande de pessoal. Além disso, não tinha ninguém disponível que pudesse substituir Göring. Isso também não é verdade. Temos pelo menos uma dúzia de homens que certamente estão fazendo isso melhor do que Göring está fazendo atualmente.<sup>609</sup>

---

<sup>607</sup> Idem, p. 2172 e 2175.

<sup>608</sup> Idem, p. 2181.

<sup>609</sup> Idem, p. 2165.

Na passagem de 28 de março de 1945 Goebbels reforçou sua frustração, e mais uma vez comparou Hitler a outros líderes:

A este respeito, na minha opinião, ele difere muito de Frederico II, que agiu de forma tão implacável contra os altos e baixos nas suas medidas que muitas vezes até despertou ódio e rejeição entre as tropas e os seus generais[...] É quase admirável como o Führer sempre e constantemente confia em sua boa estrela nesse dilema da linha de frente. Às vezes, temos a impressão de que ele está vivendo nas nuvens. Mas muitas vezes ele desceu das nuvens como um deus ex machina. Ele ainda está convencido de que a crise política no campo inimigo nos dá direito às maiores esperanças, por mais que não possamos falar sobre isso no momento. Fico muito triste que ele não possa ser persuadido, no momento, a fazer nada para garantir que a crise política no campo inimigo continue a florescer. Ele não está fazendo nenhuma mudança de pessoal, nem no governo do Reich nem na diplomacia. Goering fica, Ribbentrop fica. Todos os fracassos - com exceção do segundo conjunto - são mantidos e, em minha opinião, seria muito necessário fazer uma mudança de pessoal aqui, em particular, porque isso também seria de importância decisiva para o moral de nosso povo.<sup>610</sup>

As entradas de Goebbels apropriadas por Kershaw nos permitem observar o esgotamento da capacidade de liderança de Hitler. Mesmo diante de conselhos urgentes de Goebbels, que implorava por uma resposta vigorosa, Hitler permaneceu inerte, sem soluções novas para oferecer. A comparação que Goebbels faz com Frederico, o Grande, e a frustração de ver Hitler apático revelava uma liderança que, ao invés de agir em momentos de crise, se refugiava em um isolamento mental, perdendo contato com a realidade.

A insistência de Goebbels para que Hitler se comunicasse com a nação expôs a importância da propaganda como ferramenta para sustentar um regime em colapso. Contudo, a falta de slogans novos, reconhecida pelo próprio Goebbels, indicava que até mesmo as estratégias de manipulação psicológica haviam se esgotado. A perplexidade e frustração de Goebbels, descritas de maneira detalhada por Kershaw, capturou o fim de um regime que não conseguia mais inspirar nem seus próprios líderes.

Portanto, na biografia de Ian Kershaw, os diários de Joseph Goebbels permitiram ao biógrafo oferecer uma visão íntima e detalhada da dinâmica interna do Terceiro Reich, bem como dos pensamentos e decisões de Adolf Hitler. Esses relatos, escritos pelo ministro da Propaganda nazista, forneceram a Kershaw uma compreensão da estrutura de poder nazista e dos eventos que moldaram o curso da Segunda Guerra Mundial.

A seguir, iremos analisar o impacto da obra *Als Hitlers Adjutant 1937-1945*, do ajudante de Hitler, Nicolaus von Below, na biografia *Hitler 1936-45: Nemesis*.

---

<sup>610</sup> Idem, p. 2176.

### *5.3.2 Als Hitlers Adjutant 1937-1945, as memórias de von Below na biografia de Ian Kershaw*

Nicolaus von Below nasceu em Anklam, na Pomerânia, parte então do antigo Império Alemão. Nascido em 20 de setembro de 1907, Von Below fazia parte da Luftwaffe, a força aérea alemã. Em 1937, Von Below era um piloto quando o ajudante de Hitler morreu em um acidente, Hermann Goering pediu para encontrá-lo para ser o ajudante da Luftwaffe na equipe pessoal de Hitler.<sup>611</sup> Von Below ocupou essa posição e esteve perto de Hitler a maior parte do tempo até que ele fugiu de Berlim em 29 de abril de 1945, pouco antes da morte de Hitler, sendo o último membro da equipe a escapar vivo do bunker.<sup>612</sup>

Como ajudante de campo, Von Below estava ao lado de Hitler, participando de inúmeras conferências militares e eventos importantes. Hitler geralmente não gostava e desconfiava de soldados de ascendência aristocrática. Isso se intensificou quando a Alemanha começou a perder a guerra. Mas von Below, cuja patente na época era de coronel, era um dos poucos membros do círculo interno de Hitler a continuar a atuar como seu conselheiro por tantos anos.<sup>613</sup> Muitos acreditam que a sua proximidade com Hitler lhe deu uma visão privilegiada das operações militares e das decisões estratégicas do regime nazista.

Durante o período de guerra, Von Below manteve um diário que foi queimado no final de abril de 1945, em que descreveu seu serviço com Hitler, anotando as decisões políticas e conferências das quais participou enquanto registrava o progresso intelectual e físico de Hitler ao longo dos anos, do otimismo determinado ao desespero apático.<sup>614</sup> Após a guerra, Von Below foi capturado pelas forças aliadas e interrogado sobre suas atividades durante o conflito. Ele foi liberado em 1948. Nos três anos como prisioneiro, ele voltou a escrever suas experiências de seu tempo como ajudante. Com base nessas anotações, publicou suas memórias em 1980, três anos antes de sua morte, em 24 de julho de 1983.<sup>615</sup>

---

<sup>611</sup> GOOD READS. At Hitler's Side: The memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937–1945. Disponível em: <Ao lado de Hitler: as memórias do ajudante da Luftwaffe de Hitler 1937-1945 por Nicolaus von Below | Goodreads>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>612</sup> Publisher weekly. At Hitler's side: The memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945. Disponível em: <<https://www.publishersweekly.com/9781853674686>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>613</sup> RIEGER, Tobias. “Ein unmilitärischer Haufen” von “Amateursoldaten” – Die Erinnerungen des Luftwaffenadjutanten Hitlers Nicolaus von Below an das Reichsluftfahrtministerium. **Beamte nationalsozialistischer Reichsministerien**, publicado em 28 de junho de 2018. Disponível em: <<https://ns-reichsministerien.de/2018/06/28/ein-unmilitaerischer-haufen-von-amateursoldaten-die-erinnerungen-des-luftwaffenadjutanten-hitlers-nicolaus-von-below-an-das-reichsluftfahrtministerium/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>614</sup> Ao lado de Hitler: as memórias do ajudante da Luftwaffe de Hitler 1937-1945 por Nicolaus von Below.

<sup>615</sup> RIEGER, Tobias. “Ein unmilitärischer Haufen” von “Amateursoldaten” – Die Erinnerungen des Luftwaffenadjutanten Hitlers Nicolaus von Below an das Reichsluftfahrtministerium. **Beamte nationalsozialistischer Reichsministerien**, publicado em 28 de junho de 2018. Disponível em: <https://ns-reichsministerien.de/2018/06/28/ein-unmilitaerischer-haufen-von-amateursoldaten-die-erinnerungen-des-luftwaffenadjutanten-hitlers-nicolaus-von-below-an-das-reichsluftfahrtministerium/>

*Als Hitlers Adjutant 1937-1945* foi composta de uma introdução cobrindo o período até 1938 e um capítulo por ano de 1939 a 1945.<sup>616</sup> Von Below descreveu na obra, dentre outros temas, a vida no círculo íntimo de Hitler, forneceu uma visão de como Hitler planejou as invasões da Polônia e da Rússia, o que ele pensava da Grã-Bretanha e da América, por que ele colocou sua fé nos projetos V-1 e V-2, como outros lidaram com ele, a tentativa de assassinato a Hitler em julho de 1944, e como ele e seus seguidores reagiram.<sup>617</sup>

A obra escrita por von Below parece, em parte, um diário de guerra, a partir de uma perspectiva alemã. Ao longo da narrativa, o ex-ajudante de Hitler humanizou o líder nazista, apesar de não tentar justificar todas as ações de Hitler. Em vários momentos, referiu-se a Hitler como uma pessoa agradável, calma e de mente aberta – contrariando a outros relatos em que Hitler apareceu como intransigente, descontrolado.

A maior desconfiança da obra de von Below vinha exatamente da sua ligação com Hitler, que, pela obra, perdurou para além do fim do líder nazista. Lá encontramos afirmações de que Hitler esperava evitar a guerra com a Polônia. De acordo com Below, a traição britânica foi responsável pela guerra com a Polônia. O que significava culpar os ingleses por desencadear a Segunda Guerra Mundial. Além disso, Nicolaus von Below negou qualquer conhecimento dos campos de concentração, restringindo o seu conhecimento a apenas saber que os judeus eram solicitados a se identificar.<sup>618</sup> No entanto, reconheceu que Heinrich Himmler nunca teria empreendido o extermínio dos judeus da Europa sem a ordem de Hitler.

Von Below afirmou ter se distanciado de Hitler no outono de 1944. Ele escreveu que nessa época percebeu que a guerra estava perdida, mas Hitler insistiu em lutar até o fim. No entanto, quando lemos a sua obra, ficamos com a sensação de que ele buscava muito mais defender Hitler do que condená-lo. Por exemplo, von Below culpava Hermann Göring pela perda da guerra aérea, ao enganar Hitler sobre o verdadeiro estado do desenvolvimento de aeronaves. Portanto, ignorava o papel de Hitler para o fracasso.

---

[reichsministerien.de/2018/06/28/ein-unmilitärischer-haufen-von-amateursoldaten-die-erinnerungen-des-luftwaffenadjutanten-hitlers-nicolaus-von-below-an-das-reichsluftfahrtministerium/](http://reichsministerien.de/2018/06/28/ein-unmilitärischer-haufen-von-amateursoldaten-die-erinnerungen-des-luftwaffenadjutanten-hitlers-nicolaus-von-below-an-das-reichsluftfahrtministerium/).

Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>615</sup> GOOD READS. At Hitler's Side: The Memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945. Disponível em: <Ao lado de Hitler: as memórias do ajudante da Luftwaffe de Hitler 1937-1945 por Nicolaus von Below | Goodreads>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>616</sup> Usaremos a versão em língua original com tradução minha e revisão da historiadora Bruna Baliza Doimo e o Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes.

<sup>617</sup> LEVENTHAL, Lionel. At Hitler's Side: The memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945. **Green Hill**, 2001. Disponível em <<http://stefanov.no-ip.org/MagWeb/gmbn/108/gm108luf.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>618</sup> GOOD READS. At Hitler's side: The memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937–1945. Disponível em: <Ao lado de Hitler: as memórias do ajudante da Luftwaffe de Hitler 1937-1945 por Nicolaus von Below | Goodreads>. Acesso em: 6 ago. 2024.

Todavia, em linhas gerais, von Below apresentou uma descrição da rotina diária de Hitler, da Chancelaria do Reich e do quartel-general militar,<sup>619</sup> assim como informações sobre relações pessoais, bem como questões de armamento e pessoal dentro da Luftwaffe e do Ministério da Aviação do Reich.<sup>620</sup>

Ian Kershaw, com o lançamento da tradução para o inglês da obra de Von Below, afirmou que, “Desde que o ajudante da Luftwaffe Nicolaus von Below viu Hitler quase diariamente de 1937 até os últimos dias no bunker, achei suas memórias indispensáveis para escrever o segundo volume de minha biografia do ditador e agora saúdo muito sua aparição na tradução para o inglês”.<sup>621</sup> Não por acaso que, conforme identificando com a catalogação dos autores e obras mais mencionados, Nicolaus von Below apareceu como o segundo autor mais presente na biografia *1936-1945 Hitler: Nemesis* escrita por Kershaw.

A partir deste ponto, vamos explorar como a obra *Als Hitlers Adjutant 1937-1945*, as memórias de von Below, foi utilizada na biografia de Ian Kershaw.

A primeira referência à Nicolaus von Below aconteceu para indicar uma informação sobre o discurso de Hitler em 30 de janeiro de 1937. Kershaw declarou que Hitler restaurou o orgulho nacional alemão e transformou a Alemanha em uma grande potência novamente, com uma estratégia de defesa baseada na força. Apesar dos temores de uma nova guerra, ele sempre demonstrava estar certo, fortalecendo a posição do país. Em 1937, houve alívio quando Hitler indicou que o período de “surpresas” havia acabado, sinalizando estabilidade e consolidação. Segundo Kershaw, “O comentário de Hitler foi aproveitado em todo o país como um sinal de que a consolidação e a estabilidade seriam agora as prioridades”.<sup>622</sup> No entanto, essa ilusão foi breve, pois 1937 se revelaria apenas a calmaria antes da tempestade. No início do capítulo um do seu livro, Von Below introduziu sua narrativa falando que “‘O tempo das chamadas surpresas acabou’, declarou Hitler no seu discurso no Reichstag em 30 de janeiro de 1937. Esta frase circulou na Alemanha”.<sup>623</sup>

---

<sup>619</sup> Howard D. Grier. Review of von Below, Nicolaus, At Hitler's Side: The Memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937-1945. **H-German, H-Net Reviews**, 2005.

<sup>620</sup> RIEGER, Tobias. “Ein unmilitärischer Haufen” von “Amateursoldaten” – Die Erinnerungen des Luftwaffenadjutanten Hitlers Nicolaus von Below an das Reichsluftfahrtministerium. **Beamte nationalsozialistischer Reichsministerien**, 28 jun. 2018. Disponível em: <<https://nss-reichsministerien.de/2018/06/28/ein-unmilitaerischer-haufen-von-amateursoldaten-die-erinnerungen-des-luftwaffenadjutanten-hitlers-nicolaus-von-below-an-das-reichsluftfahrtministerium>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>621</sup> LEVANTHAL, Lionel. At Hitler's side: The memoirs of Hitler's Luftwaffe Adjutant 1937–1945. GREENHILL MILITARY BOOK NEWS. Disponível em: <<https://stefanov.no-ip.org/MagWeb/gmbn/108/gm108luf.htm#:~:text=%E2%80%9CSince%20as%20Luftwaffe%20Adjutant%20Ni,colaus%20von%20Below%20saw>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

<sup>622</sup> KERSHAW, 2000, p. 28.

<sup>623</sup> BELOW, Nicolaus von. **Als Hitlers Adjutant 1937-45**. PourleMérite, 1999, p. 15.

A concentração de menções a Von Below no capítulo um da biografia, ocorreu para Kershaw apresentar como era a relação formal e superficial de Hitler com sua equipe pessoal e seu círculo próximo. Segundo o autor, embora ele demonstrasse gestos de cortesia, simpatia e fosse rígido em manter as mesmas pessoas ao seu redor, essas interações careciam de afeto genuíno. Hitler era visto como uma figura de autoridade absoluta, e sua equipe o respeitava, mas sem um vínculo afetivo real. Além disso, Kershaw, por meio das anotações de Von Below, explorou a rotina diária de Hitler, sua resistência a mudanças e sua crescente isolamento emocional e megalomania.

O biógrafo detalhou que as relações de Hitler com sua equipe pessoal eram formais, educadas e corteses. Ele trocava poucas palavras agradáveis com suas secretárias após compromissos e, frequentemente, tomava chá com elas. Gostava das piadas e músicas de seu mordomo, Arthur Kannenberg, e demonstrava compreensão em algumas situações, como quando permitiu que seu ajudante Nicolaus von Below saísse em lua de mel logo após iniciar o trabalho. O exemplo da lua de mel para demonstrar “simpatia e compreensão” de Hitler com sua equipe pessoal foi referente a passagem do ajudante de Hitler a relatar uma reunião que teve com o seu líder. Nas palavras de Von Below,

Tive que me apressar para perguntar a ele sobre a minha próxima tarefa. Eu queria me casar em 10 dias. Nossa lua de mel também estava marcada. Então tive que pedir licença imediatamente após começar a trabalhar. Expliquei a minha situação a Hitler e fui recebido com total compreensão. Até me pareceu que ele me deu o seu consentimento com certo calor.<sup>624</sup>

Todavia, para Kershaw, as demonstrações de gentileza e atenção foram superficiais. Isso porque, para ele, a equipe de Hitler só lhe interessava enquanto fosse útil, sendo dispensada quando sua utilidade terminava, independentemente de sua lealdade. Embora admirasse e respeitassem Hitler, a atmosfera era rígida e tensa em sua presença, dificultando qualquer relaxamento. Sua autoridade era inquestionável, mas, afirmou o autor, era improvável que gostassem dele genuinamente como pessoa.

Kershaw continuou descrevendo em detalhes a rotina de Hitler com sua equipe, baseando-se amplamente nos relatos de Von Below. Segundo o biógrafo, Hitler era extremamente exigente, impondo longas horas de trabalho e exigindo que seus subordinados se adaptassem a seus hábitos excêntricos. Apesar de seu estilo de vida "boêmio" em muitos aspectos, Hitler era surpreendentemente rígido em suas rotinas, inflexível em seus costumes e altamente resistente a qualquer mudança em sua equipe pessoal. Essa percepção, em parte, foi

---

<sup>624</sup> Idem, p. 20.

derivada de mais um relato de Von Below. Neste, o ajudante de Hitler descreveu que a equipe pessoal de Hitler

[...] existia apenas para prestar serviços pessoais a Hitler. Todos participaram de toda a vida de Hitler, seja em Berlim, em Munique, em Obersalzberg, durante uma viagem ou mais tarde na guerra, no quartel-general do Führer. Para este círculo, incluindo os ajudantes militares, Hitler era o >>> chefe<<<. O número de funcionários de sua equipe, que parecia grande visto de fora, era bastante pequena para o serviço de 24 horas por dia. A jornada de trabalho de cada indivíduo não se limitava a 8 horas; para alguns funcionários a jornada tinha de 14 a 16 horas de trabalho.

É importante mencionar que, segundo Nicolaus, os métodos de trabalho desse diversificado estado-maior funcionaram de maneira eficiente tanto em tempos de paz quanto de guerra. No entanto, havia um risco associado ao trabalho próximo: todos se consideravam subordinados exclusivamente a Hitler, sentindo-se responsáveis apenас perante ele.

Kershaw passou a detalhar a rotina diária de Hitler em 1937 quando ele estava em Berlim, com base em uma descrição fornecida por Von Below. Segundo o historiador, no final da manhã, o criado Karl Krause deixava jornais e mensagens importantes fora do quarto de Hitler, enquanto preparava o banho e as roupas. Hitler, preocupado em não ser visto nu, preferia se vestir sozinho, sem ajuda do criado. Por volta do meio-dia, Hitler deixava seu conjunto privado de quartos, localizado na renovada Chancelaria do Reich. A precisão do horário foi uma informação fornecida por Von Below (“Quando ele estava em Berlim, só nos reunirmos em nosso escritório na Chancelaria do Reich por volta das 12h”).<sup>625</sup>

O autor pontuou que as reuniões e discussões de Hitler, realizadas enquanto ele caminhava pelo conservatório com seu interlocutor, frequentemente ocupavam várias horas, resultando no adiamento do almoço. Mais uma informação que teve como base a descrição de Below. Segundo o ajudante de Hitler, “O horário até o almoço estava repleto de reuniões que deveriam terminar às 14h. Mas com mais frequência demoravam mais. O almoço foi atrasado de acordo, às vezes por uma ou duas horas, às vezes até mais”.<sup>626</sup>

Dando prosseguimento ao relato de como era a rotina diária de Hitler, Kershaw Alguns convidados, como Goebbels, Goring e Speer, eram frequentes, enquanto outros eram novos ou raramente convidados. As conversas geralmente abordavam assuntos mundiais, mas Hitler ajustava a discussão conforme os presentes e avaliava suas reações. Ele podia dominar a conversa com monólogos ou simplesmente ouvir discussões. Para novos convidados, a

---

<sup>625</sup> Idem, p. 31.

<sup>626</sup> Idem, p. 32.

conversa podia parecer emocionante e reveladora. Foi o caso, segundo Kershaw, de Frau Below, esposa do então novo ajudante da Luftwaffe, que “achou a atmosfera e a companhia de Hitler inicialmente estimulantes e ficou muito impressionada com seu conhecimento de história e arte”. Todavia, de acordo com o próprio Von Below, para os empregados domésticos, que já tinham ouvido tudo isso muitas vezes, a refeição do meio-dia era muitas vezes uma tarefa tediosa.

A conversa à mesa às vezes pode ser extremamente interessante e emocionante, mas às vezes também pode ser muito chata. Para quem comparecia regularmente à mesa, algumas coisas era uma repetição, enquanto para outros que compareciam raramente, talvez apenas uma vez no ano, era uma “revelação”.<sup>627</sup>

Após o almoço, como dito por Kershaw, Hitler realizava reuniões no Salão de Música com embaixadores, generais, ministros, dignitários estrangeiros ou conhecidos pessoais, frequentemente acompanhadas de chá e durando menos de uma hora. Em seguida, ele se retirava para descansar ou passeava pelo parque adjacente à Chancelaria do Reich. Devido à sua aversão à burocracia e ao desejo de evitar compromissos por escrito, de acordo com o biógrafo, Hitler frequentemente deixava diretrizes pouco claras, mal formuladas ou reações espontâneas para seus ajudantes. Isso gerava grande margem para confusão, distorções e mal-entendidos, tornando as intenções ou declarações originais de Hitler frequentemente abertas a diferentes interpretações e difíceis de reconstruir com precisão. Na verdade, essas informações mais uma vez foram reproduções dos relatos de Von Below, como podemos perceber com a citação a seguir:

Hitler nunca trabalhava em uma mesa durante o dia, exceto para assinar assinaturas urgentes ou usá-la como lugar para sentar. Esse estilo um tanto idiossincrático de evitar declarações escritas de intenções ou instruções deu às pessoas ao seu redor, especialmente aos ajudantes, um estranho papel de mediação. Recebíamos pedidos e ordens oralmente, muitas vezes tínhamos que colocá-los por escrito e traduzi-los em instruções práticas. Esta >>> transferência de comando <<< geralmente ocorria sem qualquer demora. As instruções de Hitler eram muitas vezes inspirações momentâneas, ideias inacabadas. Erros de interpretação e transmissão podem ter consequências graves.<sup>628</sup>

Por fim, Kershaw observou, ainda baseado nos escritos de Von Below, que o jantar, realizado por volta das 20h, seguia o mesmo padrão do almoço. Após a refeição, um filme escolhido para a noite era exibido no Salão de Música, acessível à equipe doméstica e aos motoristas dos convidados, mas não aos secretários de Hitler. A noite geralmente terminava com uma conversa que se estendia até cerca das 2 da manhã, antes de Hitler se retirar.

---

<sup>627</sup> Idem.

<sup>628</sup> Idem.

Como podemos observar, o relato de Below serviu para que Kershaw demonstrasse a sua compreensão que, dentro da Chancelaria do Reich, Hitler vivia imerso em uma rotina de formalidades e ritmos fixos, cercado por uma equipe e convidados que o admiravam como uma figura semideusa. Esse ambiente reforçava sua autoconfiança e sensação de destino, enquanto o isolava cada vez mais do contato humano real. Para o historiador,

E Hitler, apesar de todo o grande número de pessoas que o assistiam e o cortejavam, permanecia empobrecido quando se tratava de contacto real, afastado de qualquer relação pessoal significativa devido à superficialidade das suas emoções e à sua atitude profundamente egocêntrica e exploradora. em relação a todos os outros seres humanos.<sup>629</sup>

Nicolaus von Below teve também uma inserção pontual durante partes das menções realizadas por Ian Kershaw. Uma delas foi quando Kershaw descreveu os eventos que levaram à invasão alemã da Tchecoslováquia em março de 1939. Com o aumento da tensão entre os tchecos e os eslovacos, a Alemanha, sob Hitler, aproveitou a oportunidade para desmembrar o Estado tchecoslovaco. A pressão alemã culminou com a Proclamação da Independência eslovaca e o pedido de "proteção" à Alemanha. O texto de Von Below foi utilizado para relatar como foi a reunião entre Hitler e o presidente da Tchecoslováquia. Segundo Kershaw, o presidente tcheco, Emil Hacha, foi convocado a Berlim, onde, após uma reunião intimidante, foi forçado a aceitar a ocupação alemã. As tropas alemãs entraram em Praga pouco depois, consolidando o controle de Hitler sobre o país. Na obra de Von Below foi informado que

Lembro-me muito vividamente da visita do Presidente checo, Dr. Hacha, no dia 14 de março em Berlim. De manhã, veio de Praga a pedido de Hacha para falar com Hitler concordou imediatamente, mas informou a nós, soldados, que a ordem de ataque para a manhã do dia 15 permaneceria definitivamente. Ele não queria mais deixar essa oportunidade ser tirada dele. Hitler estava muito calmo naquele dia. Depois do almoço, chegou a Praga a notícia que Hacha chegaria a Berlim tarde da noite e estaria disponível imediatamente para a reunião.<sup>630</sup>

Kershaw continuou a tratar da invasão da Tchecoslováquia pelas tropas alemãs em março de 1939, após a assinatura forçada do presidente tcheco, Emil Hacha. Segundo ele, as tropas alemãs marcharam sobre Praga, onde Hitler chegou em meio a neve e estradas congeladas. O relato de Von Below serviu para o biógrafo demonstrar que, ao contrário das entradas triunfais anteriores, a recepção foi silenciosa e desanimada. Hitler passou a noite no

---

<sup>629</sup> KERSHAW, 2000, p. 34.

<sup>630</sup> BELOW, 1999, p. 152.

Castelo Hradschin, onde finalizou o decreto que estabeleceu o Protetorado Alemão da Boêmia e Morávia. De acordo com a descrição de Von Below

Quando chegamos a Leipa devia ser entre 14h e 15h, Hitler foi recebido pelo General Hoepner e pelo General Rommel. Hoepner deu uma breve palestra sobre a “situação” no carro de comando. A invasão das tropas alemãs foi puramente para fins de paz. O exército checo não é visível e a população indiferente. Ela ainda não havia superado o choque da surpresa.<sup>631</sup>

Nesse sentido, para o historiador, apesar do triunfo, o povo alemão demonstrou menos entusiasmo pela anexação, com uma resposta mais mista, especialmente no norte da Alemanha.

Outra participação pontual de Von Below na narrativa de Ian Kershaw ocorreu no quinto capítulo para tratar de uma visita do diplomata, historiador e acadêmico suíço, Carl J. Burckhardt, ao Ninho da Águia (Adlerhorst), uma casa de chá construída no alto de uma montanha, próxima ao Berghof. Apesar de Hitler raramente subir ao local por não gostar da altitude e dos riscos das estradas íngremes e do elevador, de acordo com Kershaw, ele fez questão de levar Burckhardt lá. Hitler desejava impressioná-lo com a vista majestosa, reforçando sua imagem de poder e domínio sobre a Alemanha e suas conquistas. A passagem de *Als Hitlers Adjutant 1937-45* que o historiador usou não falava na visita de Burckhardt à Hitler, e sim os motivos que levaram Hitler a construir a “casa do chá”.

[...] Bormann criou uma atração no Obersalzeberg. No cume do Kehlstein, cerca de 800m acima de Berghof, uma “casa de chá” foi construída ao longo de meses de trabalho de acordo com suas instruções. Hitler expressou a Bormann seu interesse na construção quase exclusivamente por meio de provocações e disse que Bormann não descansar até todo o Obersalzberg fosse desenterrado. Mas ele acrescentou seriamente que não poderia usar casa no Kehlstein porque tinha quase 2.000m de altura, o ar era muito rarefeito para ele e difícil de suportar por causa da sua pressão alta. Ele testou que a altitude do Berghof de quase 1000m era exatamente a certa para ele. [...] Logo após a primeira impressão, Hitler mencionou que também levaria até aqui visitantes que ele desejasse particularmente homenagear ou impressionar.<sup>632</sup>

Von Below relatou que Hitler costumava levar suas visitas à “Casa de Chá” com o objetivo claro de impressioná-las. Esse relato permitiu a Kershaw entender que a visita de Carl J. Burckhardt seguiu o mesmo propósito: “Hitler queria impressionar Burckhardt com a vista dramática sobre os topos das montanhas, invocando a imagem de majestade distante, do ditador da Alemanha como senhor de tudo o que observava”.<sup>633</sup>

---

<sup>631</sup> Idem, p. 153.

<sup>632</sup> Idem, p. 124.

<sup>633</sup> KERSHAW, Ian, 2000, p. 212.

Ao abordar os primeiros dias da campanha militar alemã na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial, Kershaw destacou a participação de Hitler. O autor informou que ele embarcou em seu trem blindado para acompanhar o front, levando consigo uma equipe próxima, incluindo secretárias, ajudantes pessoais e militares. À medida que a invasão progredia, segundo o biógrafo, as forças polonesas, mal equipadas, foram rapidamente derrotadas, com a força aérea destruída e Varsóvia cercada. Hitler, a seu ver, revigorado pela guerra, visitava o front regularmente. Em 17 de setembro, o exército soviético invadiu o leste da Polônia, conforme o acordo secreto do pacto Ribbentrop-Molotov, causando frustração nos generais alemães. Hitler também visitou Danzig, onde foi recebido com júbilo, e sobrevoou Varsóvia para observar a destruição causada pelos bombardeios.

Nos escritos que Kershaw se baseou, Von Below relatou que, durante a campanha polonesa, “Hitler manteve-se bastante neutro em questões militares”, que, “Em 19 de setembro, Hitler visitou Danzig. Ele se alojou em Sopot, no Hotler Casino, e dirigiu a cidade via Oliva à tarde. Os aplausos e a multidão eram indescritíveis”, e, finalmente, “Em 27 de setembro, o comandante de Varsóvia ofereceu a rendição da cidade”.<sup>634</sup>

Kershaw dedicou parte da sua obra para descrever a chegada de Hitler ao quartel-general “Toca do Lobo” (Wolfsschanze) em 23 de junho, um complexo fortificado na Prússia Oriental, de onde ele comandaria operações militares durante a Segunda Guerra Mundial por três anos e meio. Inicialmente, Hitler acreditava que permaneceria lá por apenas algumas semanas, mas esse foi um erro de cálculo. E, como fez na primeira referência a Von Below, o texto do ajudante de Hitler foi a fonte de informação para destacar como era a rotina de Hitler na “Toca do Lobo”, ou seja, no seu Bunker. Segundo Kershaw, a rotina diária de Hitler nesse quartel incluía reuniões militares, refeições longas, exibição de filmes, e suas famosas conversas noturnas. O ambiente, nos primeiros dias, era informal e otimista, mas a atmosfera mudaria à medida que a guerra avançava.

De acordo com von Below, a “Toca do Lobo” era cercada por bunkers camuflados e protegidos por espessas paredes de concreto, localizada nas florestas sombrias da Masúria. Hitler mantinha uma rotina rígida, com reuniões estratégicas ao meio-dia e à tarde, seguido por momentos sociais à noite. A seu ver, mesmo nesses primeiros dias de comando, havia uma sensação de isolamento, e a vida no quartel ainda não havia atingido a austeridade.<sup>635</sup>

Mais uma vez, no capítulo 11, com mais referências a Von Below, Ian Kershaw usou a obra *Als Hitlers Adjutant 1937-45* para explicitar como era a rotina de Hitler, dessa vez a

---

<sup>634</sup> BELOW, 1999, p. 206-207.

<sup>635</sup> Idem, p. 281, 282 e 283.

mudança de Hitler para um novo quartel-general chamado “Lobisomem” (Werwolf) perto de Vinnitsa, na Ucrânia, em 16 de julho de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo o biógrafo, a mudança visava a aproximá-lo da frente sul. A instalação era rudimentar, com cabanas úmidas infestadas de mosquitos, condições desconfortáveis e uma rotina diária que se assemelhava à que ele mantinha no quartel anterior, a “Toca do Lobo” (Wolfsschanze). Hitler e sua comitiva, incluindo secretárias que ficaram entediadas com a falta de atividades, enfrentavam condições climáticas extremas e problemas com pragas. Essas informações foram baseadas no relato de Von Below sobre esse dia, como podemos observar:

Em 16 de julho ocorreu a transferência para o quartel-general avançado do Führer>>>Lobisomem<<< perto de Vinnitsa. Hitler não se sentia confortável aqui. Ele estava incomodado com o calor e com a grande infestação de moscas e mosquitos. Aproveitei essas semanas para voar o máximo possível e manter contato com os quartéis-generais de Göring e Jeschonnek. Na hora do almoço e no jantar, Hitler era muito livre e de mente aberta e durante essas semanas discutiu de forma muito animada e persistente com representante de Comandante-em-Chefe da Marinha, Almirante Theodor Krancke. Essas conversas não geravam apenas em torno de temas navais, mas abordavam quase todos os assuntos pelos quais Hitler demonstrava interesse temporário ou de longo prazo.<sup>636</sup>

Kershaw completou que, enquanto isso, a tensão com seus conselheiros militares aumentava, especialmente diante da preocupação com uma possível contraofensiva soviética, mesmo com os avanços alemães no *front*.

No capítulo 14, o biógrafo tratou sobre as preocupações e decisões de Hitler na primavera e verão de 1943, quando ele estava focado quase exclusivamente no curso da guerra, especialmente após o desastre de Stalingrado. Segundo ele, Hitler apresentava sinais de desgaste físico e emocional, como notado por Guderian em fevereiro de 1943. A exigência dos Aliados de “rendição incondicional”, para Kershaw, reforçou a postura intransigente de Hitler, que rejeitava qualquer tentativa de negociações de paz e via a situação como uma escolha entre vitória ou destruição.

Nicolaus von Below foi a fonte para apresentar as tentativas de generais como Manstein em persuadir Hitler a delegar o comando da frente oriental, mas ele recusou, alegando que não confiava em nenhum comandante para essa tarefa. Segundo Von Below,

Em 6 de fevereiro, o Marechal de Campo von Manstein para Hitler na Toca do Lobo. Manstein tinha grandes planos para a sua conversa com Hitler. Ele estava preocupado com o problema da divisão superior desde que Hitler se tornou comandante-chefe do exército e, no outono de 1942, o Grupo de Exércitos A também assumiu o comando pessoal dele. Ele queria pedir-lhe que nomeasse um general do exército como comandante-chefe do exército ou pelo menos na Frente

---

<sup>636</sup> Idem, p. 313.

Oriental. Se Hitler não se sentisse capaz de fazer isso, deveria pelo menos pensar em acabar com a dualidade entre o Estado-Maior do Exército e o Estado-Maior do Comando da Wehrmacht, nomeando um Chefe do Estado-Maior Conjunto. Hitler conduziu a conversa de maneira muito calma e prosaica e abordou todos os pontos levantados por Manstein. Mas Hitler não podia ceder. Ele não conhecia nenhum general em quem tivesse confiança para lhe dar o nível de poder que Manstein exigia.<sup>637</sup>

Kershaw complementou o relato de Von Below afirmando que Hitler preferia a submissão de líderes como o Chefe do Alto Comando das Forças Armadas Alemãs Wilhelm Keitel, em vez da franqueza de generais como Manstein, o que enfraqueceu ainda mais o potencial militar da Alemanha. As observações de Von Below destacaram a ideia de Ian Kershaw de que a deterioração das relações internas do regime nazista e a sensação de desespero nos últimos dias do Terceiro Reich.

Algumas páginas da biografia foram dedicadas a abordar a preparação de Hitler e seus conselheiros militares, no início de 1944, para a iminente invasão dos Aliados no Ocidente, prevista para os próximos meses, que eles acreditavam ser decisiva para o resultado da guerra. Segundo Kershaw, Hitler depositava grande esperança nas fortificações construídas na costa atlântica da França e em novas armas poderosas que ajudariam a Wehrmacht a derrotar os invasores. Ainda para o historiador, ele acreditava que, com a Grã-Bretanha sofrendo grandes perdas, os Aliados perceberiam que não poderiam vencer a Alemanha, resultando no colapso da aliança entre os ocidentais e a União Soviética. Assim, o Reich poderia concentrar suas forças contra o bolchevismo.

No entanto, com base em Von Below, Kershaw afirmou que, na frente oriental, a situação era preocupante, com uma nova ofensiva soviética que avançava rapidamente desde dezembro de 1943, agravando o ambiente no quartel-general de Hitler. As tensões entre Hitler e seus generais aumentavam, com alguns, como Jodl, compartilhando de seu otimismo, enquanto outros, como o Chefe do Estado-Maior Zeitzler, estavam céticos. Hitler se recusava a permitir retiradas, mesmo quando taticamente vantajosas, o que complicava ainda mais a situação militar. Nicolaus von Below, em tom de crítica, esclareceu que,

Os comandantes-chefes dos grupos militares visitavam Hitler com cada vez mais com frequência. Cada vez mais exigiam a retirada da frente para poupar forças e poder criar reservas urgentemente necessárias. Mas Hitler não cedeu a tais exigências. O resultado foi um enorme derramamento de sangue de unidades inteiras. Os comandantes-em-chefe ficaram desesperados e foram menos capazes do que nunca de explicar a liderança de Hitler. Hitler, por sua vez, desesperou-se

---

<sup>637</sup> Idem, p. 329.

porque os comandantes-chefes não confiavam mais nele. E ainda assim ele estava disposto a continuar a luta. Não havia outro caminho para ele.<sup>638</sup>

Além disso, de acordo com Kershaw, Hitler ordenou a criação de Oficiais de Liderança Nacional-Socialistas para tentar reforçar o moral das tropas, uma medida vista como insuficiente frente à necessidade de maior habilidade militar e flexibilidade tática.

Neste caso, as declarações de Von Below serviram para Kershaw demonstrar o contraste entre o otimismo de Hitler e seus planos estratégicos no Ocidente, e a realidade crítica e as dificuldades crescentes enfrentadas na frente oriental. Para o biógrafo, a intransigência de Hitler em recusar as sugestões de seus comandantes militares de realizar retiradas táticas, mesmo quando essas retiradas eram necessárias para poupar forças e criar reservas, resultou em grandes perdas de vidas e na destruição de unidades inteiras, o que aumentou o desespero dos comandantes, que já não conseguiam entender a liderança de Hitler. Portanto, para Kershaw, apesar da deterioração da situação militar e da perda de confiança dos seus generais, Hitler persistia em manter a luta, demonstrando uma falta de flexibilidade e de realismo em sua estratégia militar.

A relatar uma tentativa de assassinato de Adolf Hitler, especificamente a conspiração de 20 de julho de 1944, liderada por Claus von Stauffenberg, Kershaw descreveu como Stauffenberg colocou uma bomba na sala de conferências onde Hitler estava, e a subsequente explosão. Segundo o autor, Stauffenberg, acreditando que Hitler havia sido morto, fugiu da cena, convencido do sucesso do atentado. No entanto, Hitler sobreviveu, protegido pela estrutura da mesa de carvalho. Nas palavras de Von Below,

[...] Fiquei aqui por alguns minutos quando a bomba explodiu. Era, 12h40. Perdi a consciência por um breve momento. Quando acordei, vi um campo de destroços de madeira e vidros quebrados ao meu redor. Meu primeiro pensamento foi sair da sala o mais rápido possível. Levantei-me subi por uma das janelas e corri pela parte externa do quartel até a entrada principal. Minha cabeça zumbia, minha audição havia diminuído significativamente e eu estava sangrando no pescoço e na cabeça. Na entrada do quartel vi uma cena terrível. Algumas pessoas gravemente feridas já estavam deitadas, outras pessoas feridas cambalearam e caíram. Hitler foi liderado pelo Marechal de Campo Keitel. Ele caminhou com segurança e ereto. Seu casaco e calças estavam rasgados, mas, fora isso, pareceu-me que ele não sofreu nenhum ferimento significativo. Ele foi imediatamente para seu Bunker e foi atendido pelos médicos.<sup>639</sup>

Nesse sentido, o relato de Von Below serviu como fonte para Kershaw descrever o estado de caos imediato após a explosão, com feridos e o local em chamas, além de destacar

---

<sup>638</sup> Idem, p. 357.

<sup>639</sup> Idem, p. 381.

que o fracasso do plano se deu por não ter sido executado em um bunker de concreto. Para o biógrafo, esse evento foi crucial para reforçar o discurso da propaganda nazista e do próprio Hitler sobre sua suposta providência divina, ou seja, o seu messianismo.

A última inserção de Von Below na biografia escrita por Ian Kershaw foi para apresentar um momento crítico no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando Hitler, refugiado em seu bunker, recebe a confirmação de que Heinrich Himmler, líder da SS, tentou negociar uma rendição aos Aliados ocidentais. A notícia, segundo o biógrafo, transmitida inicialmente pela BBC e confirmada por agências internacionais, foi recebida com desprezo e choque por Hitler, que já desconfiava da lealdade de Himmler. À medida que o dia avançava, sua desconfiança se transformou em raiva e amargura, considerando a ação de Himmler como traição.

Nas páginas finais de *Als Hitlers Adjutant 1937-45*, encontramos a passagem na qual Von Below detalhou como Hitler recebeu a notícia da traição de Himmler, relato esse que Ian Kershaw utiliza como base em sua obra.

No mesmo dia, 28 de abril, a rádio aliada transmitiu a notícia de que Heinrich Himmler se oferecera para se render aos Aliados. De acordo com este relatório, Himmler reuniu-se com o conde sueco Bernadotte em Lübeck em 24 de abril e discutiu esta ideia. Quase ao mesmo tempo que esta mensagem ou pouco antes, Fegelein me ligou. Ele perguntou sobre a situação e, quando perguntei, me disse que estava na cidade. Não me ofendi com esta declaração e só fiquei mais alerta depois das notícias sobre as conversações de rendição de Himmler, que Hitler recebeu com desprezo. Ele provavelmente esperava recentemente tal medida por parte de Himmler. À medida que o dia avançava, a amargura de Hitler com a decisão de Himmler aumentava.<sup>640</sup>

Kershaw trouxe essas informações para demarcar o impacto devastador da revelação sobre Hitler, intensificando ainda mais a atmosfera de paranoia e desespero nos últimos dias do regime nazista.

Podemos concluir que o livro *Als Hitlers Adjutant 1937-45* de Nicolaus von Below na biografia *Hitler: 193645: Nemesis* de Ian Kershaw desempenhou o papel de fornecer detalhes de primeira mão sobre a rotina e o comportamento de Hitler, bem como os acontecimentos nos bastidores do Terceiro Reich. Von Below, que serviu como ajudante pessoal de Hitler, descreveu suas interações diárias, as dinâmicas com seus subordinados e eventos significativos durante a Segunda Guerra Mundial, como o atentado de 20 de julho de 1944 e as últimas semanas no bunker.

---

<sup>640</sup> Idem, p. 415.

No próximo tópico, iremos analisar a caracterização que Ian Kershaw atribuiu à personagem Hitler em *Hitler 1936-45: Nemesis*.

#### 5.4 Caracterizando a personagem de Adolf Hitler

Ao definir e classificar Hitler de maneira específica, Ian Kershaw construiu, por meio de suas palavras, uma imagem detalhada que revelou os traços de sua interpretação de Adolf Hitler. Cada descrição e adjetivo utilizado pelo biógrafo ajudaram a moldar uma compreensão particular da personalidade, do comportamento e do papel histórico de Hitler. O uso de termos vai além de simples qualificações, oferecendo uma lente através da qual Kershaw buscou explicar as motivações e as ações do líder nazista.

Nesta seção, nosso objetivo é destacar e analisar as definições escolhidas por Kershaw para descrever Hitler ao longo do volume 2 da sua obra. Ao identificar os principais adjetivos e caracterizações, pretendemos não apenas compreender como o biógrafo vê Hitler, mas também explorar as nuances e complexidades de suas escolhas descritivas.

Ao longo de 1.115 páginas divididas em 17 capítulos, Hitler é retratado de diversas formas, incluindo: “drummer”, narcisista, oportunista, orador, líder, chefe de Estado e agitador. Para facilitar a análise, organizamos em uma tabela os oito principais adjetivos usados por Ian Kershaw para descrever Hitler, que pareceram mais de uma vez durante a narrativa.

Tabela 6 – Caracterizando Hitler

Adjetivos	Quantidade	Porcentagem
Ditador	36	42,36
Líder	29	34,52
Estadista	7	8,33
Demagogo	6	7,14
Propagandista	2	2,38
Agitador	2	2,38
Político	2	2,38

---

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim como observado no volume 1, conforme analisado no capítulo anterior, percebemos que o autor, Ian Kershaw, optou por não utilizar uma grande quantidade de adjetivos ao definir Hitler – uma escolha que se distancia da abordagem tradicionalmente esperada em uma biografia. Os dois primeiros adjetivos correspondem a mais de 76% dos termos utilizados pelo biógrafo. A partir desse ponto, realizaremos uma análise qualitativa desses adjetivos, com o objetivo de investigar as motivações e intenções por trás da escolha de Ian Kershaw ao definir Adolf Hitler como ditador e líder.

O adjetivo “ditador” teve presente no prefácio e em 14 dos 17 capítulos de *1889-1936: Hubris*. A primeira vez que ele foi acionado na escrita foi para discutir o legado negativo de Adolf Hitler, destacando que, ao contrário de outras figuras históricas, ele deixou um rastro de completa destruição sem contribuições positivas para as gerações futuras, seja em arte, política ou moral. Embora avanços tecnológicos tenham ocorrido durante seu regime, eles aconteceriam independentemente de sua liderança. O autor enfatizou o trauma moral profundo deixado por Hitler, comparando com o legado de Napoleão.

O mais significativo, ao contrário de Napoleão, Hitler deixou para trás um trauma moral imenso, de modo que é impossível, mesmo décadas após sua morte (exceto por um resíduo de apoio marginal), olhar para trás e aprovar ou admirar o **ditador alemão** e seu regime - na verdade, com algo além de detestação e condenação.<sup>641</sup>

O autor destacou o profundo trauma moral deixado por Hitler, em contraste com o legado de Napoleão, tornando impossível qualquer forma de aprovação ou admiração por seu governo. O legado de Hitler foi, para Kershaw, marcado pela condenação.

Logo em seguida, no contexto da primavera de 1936, Hitler foi descrito como um ditador que controlava totalmente a Alemanha, sem enfrentar oposição séria, e que tinha o apoio de grandes setores da população, a saber: “Sua posição como ditador era incontestada. Nenhuma ameaça séria de oposição o enfrentou”.<sup>642</sup> Segundo o biógrafo, Hitler usou seu carisma e a ideia de “salvação nacional” para consolidar seu poder, e sua ação de romper com o Tratado de Versalhes aumentou ainda mais seu apoio popular. Isto é, o termo “ditador” referiu-se a uma pessoa que exercia poder absoluto e incontestado sobre um país, sem ser limitada por instituições democráticas ou opositores.

Ao tratar sobre o impacto da Anschluss, a anexação da Áustria pela Alemanha em 1938, sobre Adolf Hitler e o Terceiro Reich, Kershaw enfatizou a ideia de Hitler como um ditador. A Anschluss foi descrita como um marco significativo para Hitler, que, após esse evento, sentiu

---

<sup>641</sup> KERSHAW, 2000, p. XVII.

<sup>642</sup> Idem, p. XXXVI.

que qualquer ameaça interna ou oposição, como o caso Blomberg-Fritsch,<sup>643</sup> foi neutralizada. A recepção triunfante em Viena e Linz “causou forte impressão no ditador alemão”, o que deixou Hitler extremamente satisfeito e confiante, fazendo-o sentir-se quase divino e invencível. Nesse sentido, de acordo com a narrativa, a Anschluss reforçou a crença de Hitler em seu próprio poder absoluto e na fraqueza das potências ocidentais, que ele via como incapazes de desafiar suas ações, destacando, assim, a centralização do poder nas mãos de Hitler, em um regime autoritário.

Kershaw descreveu as duas principais formas pelas quais o ditador Adolf Hitler poderia ter sido derrubado no final de 1939: 1) Golpe de Estado interno: uma tentativa de remover Hitler por meio de uma ação liderada por membros da própria liderança do regime, aqueles que tinham acesso ao poder e ao aparato militar. Isso implicaria uma insurreição ou uma conspiração dentro das estruturas do regime nazista. 2) Tentativa de assassinato externa: uma ação isolada por um indivíduo dissidente, que não estivesse ligado aos grupos de resistência organizados, que eram pequenos e facilmente infiltráveis pela Gestapo. O texto destaca que Hitler estava ciente de que poderia ser alvo de uma tentativa de assassinato por alguém agindo sozinho.

O termo ditador apareceu para mencionar o caso de Georg Elser, um marceneiro da Suábia que, em novembro de 1939, quase conseguiu matar Hitler. Elser atuou sem apoio institucional ou organizado, e sua tentativa de assassinato foi mais próxima de sucesso do que qualquer outra até o atentado de 1944. Segundo Kershaw,

Somente a sorte salvaria o **Ditador** nesta ocasião. E os motivos de Elser, construídos com base na ingenuidade do sentimento elementar, em vez de surgirem das consciências torturadas dos mais instruídos e mais instruídos, refletiriam não os interesses daqueles que ocupavam altos cargos, mas, sem dúvida, as preocupações de incontáveis alemães comuns da época.

O autor sublinhou que, apesar de Elser ter estado mais próximo de matar Hitler do que qualquer outro até aquele momento, a sorte acabou protegendo o “ditador”. “Ditador” foi utilizado para reforçar a ideia de que Hitler era o alvo principal e o símbolo do poder absoluto que, apesar das tentativas de oposição, ainda estava seguro por um golpe de sorte.

Em uma análise crítica do período final da Segunda Guerra Mundial na Alemanha, Kershaw abordou relação entre o povo alemão e o regime nazista liderado por Adolf Hitler. Ele descreveu como os devotos fanáticos do regime continuaram a apoiar Hitler e suas políticas,

---

<sup>643</sup> Crise política interna no regime nazista da Alemanha que envolveu dois altos oficiais militares: o general Werner von Blomberg, ministro da Guerra e comandante-chefe da Wehrmacht, e o general Werner von Fritsch, comandante do Exército.

mesmo diante dos crimes contra a humanidade e da crescente destruição causada pela guerra. O historiador destacou o fato de que, à medida que a guerra avançava e a derrota se tornava cada vez mais inevitável, muitos cidadãos comuns começaram a reconhecer que Hitler havia conduzido a Alemanha para uma guerra que só levaria à destruição e ao desastre. Em suas palavras,

Nisto, pelo menos, o **ditador** e as pessoas que ele liderava estavam de acordo. Hitler, como cada vez mais cidadãos comuns reconheciam, havia fechado todos os caminhos que poderiam ter levado a um acordo de paz. As vitórias anteriores foram cada vez mais vistas sob uma luz diferente. Não havia fim à vista. Mas agora parecia claro para um número crescente de cidadãos comuns que Hitler os tinha levado para uma guerra que só poderia terminar em destruição, derrota e desastre.<sup>644</sup> (Grifo meu)

O termo “ditador” reforçou a ideia de que ele era a figura central que fechou todas as possibilidades de acordo de paz e conduziu o país ao desastre iminente. Portanto, o adjetivo “ditador” no texto enfatizou o papel de Hitler como líder autocrático e centralizador, cuja liderança contribuiu diretamente para a devastação e o sofrimento enfrentados pelo povo alemão durante a guerra.

Dando continuidade a análise da fase final da Segunda Guerra, Ian Kershaw descreveu a situação de Adolf Hitler durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial, especialmente a partir de 1942. Ele retratou Hitler como um “ditador – agora envelhecendo rapidamente”, que se distanciava cada vez mais do seu povo e das realidades da guerra à medida que a situação da Alemanha se tornava desesperadora.<sup>645</sup> O biógrafo ressaltou a incapacidade de Hitler de enfrentar a realidade das perdas e miséria que a Alemanha estava enfrentando e sua indiferença em relação aos sentimentos e sofrimento dos soldados comuns. A utilização da palavra “ditador” enfatizou a dicotomia da natureza totalitária do governo de Hitler e como sua liderança, já debilitada pela idade e pelo estresse, resultou em um afastamento crescente da realidade e das necessidades do povo alemão durante a guerra. O termo, portanto, acentuou o contraste entre o poder absoluto que Hitler detinha e sua incapacidade de enfrentar a realidade da situação da Alemanha.

Kershaw, por último, passou a indicar como a retórica de Hitler, que antes era poderosa e persuasiva, perdeu sua eficácia à medida que a situação militar e a realidade das derrotas se tornaram evidentes.

---

<sup>644</sup> KERSHAW, 2000, p. 557.

<sup>645</sup> Idem, p. 565.

Cada vez menos alemães partilhavam o fatalismo inabalável de Hitler sobre o resultado da guerra. A retórica do ditador, tão poderosa em períodos “mais ensolarados”, tinha perdido a sua capacidade de influenciar as massas. Ou eles acreditaram no que ele disse; ou acreditavam nos seus próprios olhos e ouvidos - contemplando as cidades devastadas, lendo as listas cada vez maiores de soldados mortos nas colunas da morte dos jornais, ouvindo os sombrios anúncios de rádio (sejam quais fossem as vestimentas) de novos avanços soviéticos, não vendo nenhum sinal de que a sorte da guerra estava mudando.<sup>646</sup>

De acordo com o autor, Hitler percebeu que havia perdido a confiança do seu povo. O grande orador já não tinha audiência. Sem triunfos para anunciar, ele estava relutante em se dirigir ao povo alemão. Os laços entre o Führer e a população, que haviam sido fundamentais para o regime em tempos anteriores, se romperam, ampliando o abismo entre governantes e governados. Neste caso, com o termo “ditador”, o biógrafo buscou reforçar a diferença entre o poder e a influência que Hitler tinha no passado e a perda de sua capacidade de mobilizar e inspirar o povo alemão à medida que a guerra se tornava cada vez mais desfavorável para a Alemanha.

Assim, concluímos que o adjetivo "ditador", ao longo da biografia, serviu para destacar a visão de Kershaw sobre Hitler. Inicialmente, Hitler foi descrito como um líder autocrático e absoluto, desempenhando o papel típico de um ditador. No entanto, conforme a narrativa avançou, tornou-se evidente que, para Kershaw, a figura de Hitler como ditador começou a se desmoronar, não correspondendo mais ao verdadeiro significado do termo. Isso se destacava especialmente quando comparado, como o autor fez no início da narrativa, a ditadores históricos como Napoleão, cuja autoridade se manteve firme até o final de seu reinado e mesmo além dele.

O adjetivo “líder” foi mencionado 29 vezes ao longo da obra, aparecendo em 9 capítulos. Dentre essas menções, o termo assumiu dois significados distintos. Inicialmente, “líder” foi utilizado para descrever Hitler como uma figura poderosa, visionária e infalível. Posteriormente, o mesmo adjetivo passou a representar uma figura em descrédito, em processo de declínio.

A primeira vez que o adjetivo “líder” foi para tratar da ascensão de Hitler ao poder. Em poucos anos, de acordo com Kershaw, Hitler pareceu restaurar a Alemanha após o colapso da República de Weimar. Ele foi descrito como alguém que se transformou de um político demagogo em um “líder nacional”, comparado a Bismarck. No entanto, essa recuperação veio acompanhada de um regime autoritário, perda de direitos civis, repressão à esquerda e discriminação intensificada contra judeus e outros grupos, algo que a maioria da população considerou um preço aceitável ou até positivo.

---

<sup>646</sup> Idem, p. 614.

Em apenas três anos, Hitler parecia ter resgatado a Alemanha das misérias e divisões da democracia de Weimar e preparado o caminho para um futuro grandioso para o povo alemão. O demagogo e incendiário político aparentemente foi transformado num estadista e **líder nacional** de estatura comparável à de Bismarck.<sup>647</sup> (Grifo meu)

A percepção de Hitler como um líder foi abordada para descrever um discurso de Hitler no Reichstag, em 1937, onde ele afirmou que a Alemanha queria, de forma leal, cooperar com outras nações para resolver os problemas da Europa, alegando que o tempo das “surpresas” havia acabado. No entanto, para o autor, essa declaração logo se mostrou cínica, já que novas ações surpreendentes eram inevitáveis devido ao temperamento de Hitler e às forças geradas pelos quatro anos de domínio nazista. O regime nazista, movido por objetivos de assertividade nacional e pureza racial, pressionava para que as obsessões ideológicas de Hitler orientassem as iniciativas políticas, refletindo a inquietação e imprudência características de sua personalidade.

A inquietação e a imprudência enraizadas na personalidade de Hitler refletiam as pressões para a ação que emanavam de diferentes formas dos vários componentes do regime, frouxamente mantidos unidos por objetivos de assertividade nacional e pureza racial incorporados na **figura do Líder**.<sup>648</sup> (Grifo meu)

Nessa passagem, o termo “Líder” referiu-se a Hitler como personificando o centro de poder e autoridade do regime nazista. Ele representava não apenas o chefe de Estado, mas também o símbolo das ideias de assertividade nacional e pureza racial que unificavam os diferentes componentes do regime. Ou seja, o “Líder” foi usado para personificar a figura de Hitler como o guia ideológico e político da Alemanha nazista.

O historiador passou a descrever a percepção pública do regime de Adolf Hitler na Alemanha após quatro anos no poder, destacando como, para a maioria dos observadores, o regime parecia estável, forte e bem-sucedido. Kershaw refletiu a visão otimista e, muitas vezes, superficial que alguns tinham do regime de Hitler, ignorando ou minimizando os aspectos mais sombrios e autoritários do seu governo. Segundo ele,

A imagem do grande estadista e líder nacional genial fabricada pela propaganda correspondia aos sentimentos e expectativas de grande parte da população. A reconstrução interna do país e os triunfos nacionais na política externa, todos atribuídos ao seu “génio”, fizeram dele o líder político mais popular de qualquer nação da Europa.<sup>649</sup>

---

<sup>647</sup> Idem, p. XL.

<sup>648</sup> Idem, p. 27.

<sup>649</sup> Idem, p. 28.

Mesmo destacando o fato de ser uma imagem fabricada, Kershaw afirmou que Hitler foi o líder político mais popular da Europa, naquele período, devido aos seus sucessos na política externa e interna, solidificando sua posição de destaque e popularidade.

A biografia abordou como não só a população em geral, mas também figuras políticas foram impressionadas e, de certa forma, enganadas pela imagem projetada por Adolf Hitler. A impressão de que Hitler era um líder excepcional e visionário não se limitava às pessoas comuns, mas também afetava figuras políticas influentes.

Ninguém menos do que David Lloyd George – produto das tradições radicais galesas, antigo líder do Partido Liberal e primeiro-ministro britânico na época do Tratado de Versalhes - saiu de uma reunião de três horas com Hitler em Berghof, no início de setembro. O ano de 1936 (no qual os antigos adversários trocaram memórias da Primeira Guerra Mundial) impressionou enormemente, convencido de que o **Líder alemão** era “um grande homem”. Ainda mais notável, o líder trabalhista britânico e famoso pacifista George Lansbury – cujo terno amarrrotado e suéter de lã levaram à introdução de um novo código de vestimenta para audiências com o Führer – saiu de seu encontro com Hitler em meados de abril de 1937 firmemente convencido que este último estava preparado para fazer o que fosse necessário para evitar a guerra. Ele ficou tão entusiasmado na reunião que não notou o quanto entediado Hitler estava e quanto vagas e evasivas eram suas respostas incomumente monossilábicas aos próprios planos idealistas de paz de Lansbury.<sup>650</sup> (Grifo meu)

Os exemplos trazidos pelo biógrafo ilustraram como a imagem de Hitler era suficientemente convincente para levar pessoas influentes a subestimar ou ignorar suas verdadeiras intenções e a natureza do regime nazista. Por meio dos exemplos, o autor explorou a eficácia da imagem projetada por Hitler e como isso influenciou tanto as pessoas comuns quanto líderes políticos importantes, mostrando a distância entre a percepção pública e a realidade do regime nazista.

Ian Kershaw ressaltou que desde que entrou na política, Hitler via sua missão como desfazer a “mancha” da derrota de 1918 e restaurar a grandeza nacional da Alemanha. Isso envolvia destruir tanto os inimigos internos quanto externos e restaurar a supremacia da Alemanha. Hitler acreditava que essa missão só poderia ser realizada através da “espada”, ou seja, por meio de guerra e força. Ele acreditava que a Alemanha deveria se tornar uma potência mundial ou, caso contrário, não existiria mais.

No seu livro *Mein Kampf*, de acordo com o historiador, Hitler expressou a crença de que a Alemanha precisava dominar o mundo para garantir sua existência. Essa crença foi uma constante ao longo dos anos, sem mudanças significativas. Embora Hitler tenha feito

---

<sup>650</sup> Idem, p. 29.

declarações mais conciliatórias para consumo internacional e seus primeiros discursos e escritos muitas vezes fossem vistos como exagerados e irreais, suas intenções reais eram mais sérias e agressivas. Para o autor, “qualquer que seja a retórica pública, os primeiros cinco anos desde que se tornou Chanceler confirmaram repetidamente a crença de um **Líder** que se tornava cada vez mais convencido do seu próprio messianismo, certo de que a sua ‘missão’ estava em vias de ser cumprida”.<sup>651</sup> [Grifo meu] Neste caso, entendemos que o líder foi alguém que não só ocupava uma posição de autoridade (como o Chanceler), mas que também desenvolveu uma convicção cada vez mais forte sobre sua missão. O termo “líder” foi utilizado para descrever alguém que se via como o portador de uma missão quase sagrada ou messiânica, acreditando que estava destinado a cumprir um grande objetivo.

A obra continuou discutindo a desintegração das estruturas de governo durante o regime nazista, explicando que isso foi resultado do culto à figura de Hitler (*Führer*). Esse culto não só reforçava a imagem de Hitler como “líder absoluto”, mas também o colocava como princípio central de governança. A crença na infalibilidade de Hitler era amplamente disseminada, e o próprio Hitler acreditava completamente em seu destino e infalibilidade. Essa confiança excessiva, na concepção de Kershaw, não era uma base adequada para a tomada de decisões racionais.

Por fim, foi tratado como, apesar das críticas da população comum à vida cotidiana no Terceiro Reich, o culto à figura do *Führer* funcionava como um forte elemento de integração social. As pessoas enfrentavam vários descontentamentos, como os custos elevados dos edifícios do Partido, a corrupção, o estilo de vida extravagante dos funcionários do Partido e o conflito entre os fanáticos anti-Igreja e a população religiosa. No entanto, “os ‘sucessos’ de Hitler ofereciam um contra-ataque – um conjunto de “realizações”, apresentadas como sendo as de um líder nacional, e não partidário, das quais quase qualquer alemão se poderia orgulhar”.<sup>652</sup> Nesse sentido, o adjetivo “líder” escolhido por Kershaw se referiu a Adolf Hitler, apresentado como uma figura que transcende as divisões partidárias e era visto como um líder nacional. Ele foi descrito como alguém cujas realizações foram promovidas como conquistas da nação alemã como um todo, e não apenas do Partido Nazista.

O adjetivo “líder” passou a representar uma figura em descrédito, em processo de declínio, quando Kershaw refletiu sobre a incapacidade de Hitler em lidar com a complexidade dos desafios administrativos e estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente após os primeiros sucessos. A seu ver, Hitler não era um “gênio artístico”, como alguns o viam,

---

<sup>651</sup> Idem, p. 64.

<sup>652</sup> Idem, p. 185.

mas um líder com talento para explorar as fraquezas de seus oponentes e agir rapidamente, especialmente durante os triunfos iniciais. No entanto, à medida que a guerra avançava e os desafios aumentavam, ainda segundo o autor, seus instintos agressivos deixaram de ser eficazes. A crescente “desconfiança em relação a seus generais e sua egomania, combinadas com a deterioração da situação”, resultaram em decisões desastrosas, como sua tomada de comando direto do exército em 1941, contribuindo para o fracasso da ditadura.

Isso significou uma mudança na atitude da população alemã em relação a Hitler no final da Segunda Guerra Mundial. Kershaw mencionou uma cerimônia em março de 1945, realizada em memória dos mortos na guerra, em uma pequena cidade perto da residência de Hitler. Durante o evento, quando o líder da unidade da Wehrmacht pediu um “SiegHeil” para o “líder nacional”, ninguém, nem os militares presentes, nem a população civil, respondeu. Esse silêncio, para o autor, foi um sinal gráfico da perda de apoio e desilusão com Hitler, mostrando que a adulação outrora imensa estava desaparecendo, refletindo o desgaste emocional e social da guerra. Portanto, “Aos olhos da maioria das pessoas, Hitler, o líder que tantas delas quase adoraram, estava agora a impedir o fim do seu sofrimento. A percepção estava correta. Ele também estava a prolongar, mesmo agora, o fim do sofrimento muito maior das vítimas do nazismo”.<sup>653</sup>

A última vez que o adjetivo “líder” apareceu na narrativa de Ian Kershaw associado a Hitler, foi para descrever o discurso do décimo segundo aniversário da tomada do poder de Hitler em 30 de janeiro de 1945, depois de ficar dois anos sem falar em público. O discurso gravado de Hitler, transmitido nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial, tinha por objetivo principal tentar levantar o moral da população e reforçar a necessidade de sacrifícios extremos. Hitler apelava ao espírito de luta e insistia em sua determinação de continuar até a vitória, sem considerar a possibilidade de derrota. Para o biógrafo,

O discurso poderia ter agrado a poucos além dos obstinados remanescentes. Apenas dois de um grupo de soldados que ouviam o discurso na rádio no seu posto em Bamberg levantaram-se e ficaram com os braços direitos estendidos na saudação nazi enquanto o hino nacional encerrava a transmissão. Os demais permaneceram sentados e logo expressaram suas críticas. [...] O outrora reverenciado Líder tinha pouca credibilidade.<sup>654</sup>

Para descrever os primeiros cinco anos de governo de Adolf Hitler, o termo “líder” na narrativa de Ian Kershaw sugeriu sua posição central no governo autoritário, simbolizando a força política que impôs sua visão sobre a sociedade alemã, incluindo a repressão e a exclusão

---

<sup>653</sup> Idem, p. 766.

<sup>654</sup> Idem, p. 773.

de grupos considerados “indesejados”. Em diversas passagens, Hitler foi retratado como objeto de um culto quase divino, sendo visto por muitos como uma figura messiânica, infalível e dotada de uma “missão” para redimir a Alemanha, consolidando o “mito do Líder”.

No entanto, com o avanço dos fracassos militares durante a Segunda Guerra, essa adoração começou a desaparecer. O autor passou a indicar que Hitler já não era mais visto como o “Líder” capaz de garantir a vitória ou resolver os problemas da Alemanha. Sua credibilidade estava em declínio, e sua insistência em continuar lutando prolongava o sofrimento tanto dos alemães quanto das vítimas do nazismo. De modo geral, a estratégia de Ian Kershaw ao utilizar o termo “líder” destacou a transição da adoração ao descrédito da figura de Adolf Hitler entre a população alemã.

A partir da biografia escrita por Ian Kershaw, a figura de Adolf Hitler foi construída como um líder carismático, mas profundamente narcisista e autodestrutivo. Inicialmente retratado como um ditador absoluto, que conquistou a lealdade de milhões e exerceu poder total sobre um governo altamente personalizado, Hitler foi também o símbolo de um culto quase divino, visto por muitos como uma figura messiânica que poderia redimir a Alemanha. Entretanto, com o desenrolar dos fracassos militares e das crises internas, o mito de Hitler começou a ruir.

Kershaw demonstrou que o poder de Hitler não residia apenas em sua personalidade, mas também em uma estrutura política e social que trabalhava em prol dele, na crença na pureza racial e na eliminação dos “indesejados”. Sua liderança foi enfraquecida conforme a guerra se tornava insustentável, e ele começou a perder a confiança de seus subordinados e do povo alemão, que, aos poucos, viam como o principal responsável pela destruição do país.

O adjetivo “líder” passou de uma descrição de força e visão para um termo que ilustrava seu declínio. Kershaw expôs como a arrogância e incapacidade de lidar com os fracassos militares minaram a liderança de Hitler, que acabou isolado, incapaz de aceitar sua queda. Portanto, Hitler foi construído como um personagem que começou como um líder exaltado, mas terminou como um ditador desacreditado, levando consigo a Alemanha à ruína.

\*\*\*

A biografia *Hitler 1936-45: Nemesis*, de Ian Kershaw, traçou uma análise detalhada de Adolf Hitler e do Terceiro Reich, fundamentada em temas cruciais como a “Questão Judaica”, a crise de liderança de Hitler e a resistência ao regime. Kershaw revelou como Hitler, inicialmente visto como uma figura carismática e quase messiânica, construiu seu poder em

torno de uma propaganda eficaz e uma liderança carismática. No entanto, à medida que os fracassos militares se acumulavam, esse mito começou a desmoronar, não conseguindo manter a base do seu poder, levando ao colapso do regime.

Kershaw identifica a “Questão Judaica” como o tema central de sua biografia, mostrando como o antisemitismo de Hitler evoluiu para uma política genocida que culminou no Holocausto. Embora Hitler não tenha dado ordens explícitas, sua aprovação tácita foi fundamental para a radicalização da política antisemita. Sem Hitler, o Holocausto teria sido impensável, segundo o autor. A “liderança de Hitler” começou a enfraquecer com as derrotas na Segunda Guerra Mundial, especialmente após Stalingrado. Esse fracasso marcou uma mudança na percepção pública e militar sobre Hitler, levando ao desgaste do culto à sua personalidade e à perda de confiança em sua liderança. Já os “movimentos de resistência” ao regime nazista e a Hitler, embora não suficientes para derrubá-lo sozinhos, refletiram a crescente insatisfação dentro da Alemanha, especialmente no exército e entre a população, à medida que as políticas de Hitler se tornavam mais radicais e desastrosas.

Assim, os três temas centrais abordados por Ian Kershaw evidenciaram o papel de Hitler no Holocausto, a deterioração de sua liderança durante a guerra, e as resistências internas ao regime nazista.

Ian Kershaw utilizou os diários de Joseph Goebbels para mostrar como a imagem de Hitler foi meticulosamente construída e mantida, especialmente em tempos de crise, por meio da propaganda que reforçava a ideia de sua invulnerabilidade, mesmo durante as derrotas. Goebbels também forneceu insights sobre o declínio da confiança entre Hitler e seus assessores e as divisões internas que marcaram os últimos anos do regime. Os relatos de Nicolaus von Below complementaram essa análise ao revelar a teimosia de Hitler, sua paranoíta crescente e a recusa em ouvir conselhos militares, contribuindo para o colapso do regime. Com base nesses testemunhos, o historiador retratou como as crises, o narcisismo e a inflexibilidade de Hitler minaram sua liderança, levando ao declínio do Terceiro Reich.

Ao analisar os adjetivos “ditador” e “líder” na figura de Adolf Hitler, vemos duas facetas complementares. Como “ditador”, ele exercia poder absoluto sobre a Alemanha, sustentado pela propaganda nazista e marcado por políticas opressivas que levaram o país à destruição. Esse termo destacou sua responsabilidade pelo colapso do regime. Como “líder”, Hitler inicialmente gozava de grande popularidade e carisma – criados pela propaganda, sendo visto como o restaurador da Alemanha. No entanto, com as derrotas militares, sua imagem de líder visionário se deteriorou, refletindo a desilusão de seu povo e o agravamento do sofrimento nacional e, por consequência, o fim da sua imagem de líder carismático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, realizamos uma análise para identificar a operação historiográfica subjacente às obras *Hitler, 1889-1936: Hubris* (1998) e *Hitler, 1936-1945: Nemesis* (1999), de Ian Kershaw. Isso implicou não apenas em reconhecer o retrato construído por meio dos elementos narrativos da biografia, mas também em investigar como se deu a operação científica por trás da obra. Analisamos o contexto mais amplo de produção, incluindo o lugar social e as práticas do biógrafo, quem ele foi e o ambiente intelectual em que estava inserido; o processo de construção da imagem de Hitler em outras obras do autor; o contexto de escrita da biografia; e os diálogos estabelecidos entre a figura criada e as imagens já institucionalizadas de Hitler. Também consideramos quais eram os modelos vigentes de representação do líder do Terceiro Reich no período em que a obra foi escrita, e como o autor se ajustou ou se desviou desses padrões. Assim, buscamos compreender de que maneira e sob quais circunstâncias a imagem de Adolf Hitler foi produzida nessa biografia. Nesse sentido, busquei compreender como, e em quais circunstâncias, a imagem de um indivíduo pode ser construída nesse tipo de escrita da história.

Ian Kershaw é um historiador renomado que, através de seu contato com a língua alemã e uma experiência marcante nas ruas de Berlim, desenvolveu um interesse pelo período nazista, ampliando sua formação acadêmica na Alemanha. Inserido em um contexto intelectual específico, é possível afirmar que sua visão sobre a historiografia alemã e sua formação no *Institut für Zeitgeschichte* – incluindo a sua participação no *Bayern Projekt*, que marcou o início de sua carreira, sob a orientação de seu principal mentor, Martin Broszat – moldaram as bases teóricas e metodológicas de sua abordagem historiográfica, especialmente em relação a Adolf Hitler.

O historiador, desde sempre, expressou sua ressalva em relação ao gênero biográfico, optando por concentrar seus trabalhos na análise da opinião pública e da dissidência política durante o período nazista, em vez de focar exclusivamente em Hitler e sua cúpula. Todavia, duas obras, *Hitler: A Study in Tyranny* (1952) de Alan Bullock e *Hitler* (1973) de Joaquim Fest, influenciaram a decisão de escrever uma biografia do líder nazista: *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, algo que ele próprio destacou na introdução. Contudo, um ponto não explicitado por Kershaw, mas que considero essencial, é que seu grande objetivo ao produzir essa biografia foi desconstruir a imagem de Hitler como "grande estadista" — uma visão promovida pelo historiador Joachim Fest. Acredito que Kershaw tenha se incomodado com a repercussão dessa "imagem reabilitada" do líder nazista, que ganhou grande projeção.

Assim, sua biografia não visava reforçar ou reproduzir essa ideia, mas sim questioná-la e, em última análise, desconstruí-la.

Como o principal objetivo era desconstruir a imagem criada por Fest, a obra de Kershaw correu o risco de cair no lugar-comum de reproduzir a primeira imagem biográfica de Hitler, apresentada por Alan Bullock – a visão de Hitler como um ator que desempenhou seu maior papel como indivíduo histórico universal, que Joachim Fest em parte também reproduziu. Kershaw considerou essa interpretação a escrita padrão sobre Adolf Hitler. Vale destacar que as três obras *pensaram* Hitler como um ator, mas de formas distintas. Para Bullock, Hitler era um ator nato e profissional; já para Fest, ele usava seu talento artístico principalmente para a encenação nos discursos públicos. Kershaw, por sua vez, enxergava o talento de Hitler como ator de maneira diferente: para ele, esse talento permitiu que Hitler desempenhasse o papel de líder carismático, mas, ao contrário do que Bullock sugeriu, Kershaw o via como um ator de habilidades bem mais limitadas, quase um aprendiz, incapaz de sustentar o papel de líder carismático até o fim.

Embora a explicação de Bullock, que caracterizou Hitler como um "ator consumado", tenha sido uma referência importante, particularmente no primeiro volume da biografia, Kershaw se distanciou dessa abordagem ao adotar o conceito de "autoridade carismática" de Max Weber. Kershaw não apenas utilizou esse conceito como base teórica, mas também o incorporou como um método para entender e retratar a figura de Adolf Hitler, assim como havia feito em suas obras anteriores.

Na percepção de Ian Kershaw sobre Adolf Hitler, o carisma do líder nazista foi um dos elementos centrais para sua ascensão e poder. O historiador, inspirado por conceitos de carisma como os definidos por Max Weber, viu em Hitler a encarnação de um líder carismático que conseguiu mobilizar milhões através de uma imagem construída de habilidades extraordinárias e uma missão de redenção nacional, reconhecido pelo círculo mais próximo e pela sociedade abrangente.

Para Kershaw, Hitler se beneficiou da construção do "líder carismático", realizada por Joseph Goebbels, especialmente em tempos de crise, como no pós-Primeira Guerra Mundial, quando a incerteza e o desespero do povo permitiram que ele se projetasse e fosse reconhecido como o salvador da nação alemã. Entretanto, assim como teorizado por Weber, essa liderança carismática era sustentada enquanto Hitler parecia capaz de entregar resultados e soluções aos seus seguidores. Sua autoridade dependia de uma fé quase cega na sua capacidade de conduzir o país à grandeza, mas também de uma estrutura política que trabalhava em prol de sua imagem.

Quando os sucessos iniciais de Hitler se transformaram em fracassos, especialmente com o declínio militar e a crise interna durante a Segunda Guerra Mundial, seu carisma começou a enfraquecer. Kershaw mostrou como, com o tempo, a figura do líder infalível deu lugar ao descrédito, à medida que ele se distanciava da realidade e se tornava incapaz de lidar com a magnitude dos desafios. Assim, o carisma de Hitler, essencial para sua liderança, foi sendo corroído, levando à perda de autoridade e, finalmente, à ruína total de seu regime e de seu país.

No primeiro volume *Hitler, 1889-1936: Hubris* (1998), Kershaw questionou a imagem de Hitler como um "ator" excepcional, sugerindo que sua "encenação" resultava menos de um talento dramático e mais da construção de uma figura carismática capaz de mobilizar as massas, canalizando suas expectativas e medos. No segundo volume *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, Kershaw refutou a visão de Hitler como um grande estadista, defendida por Joachim Fest. Ele argumentou que Hitler alcançou poder absoluto devido a circunstâncias históricas e apoios conjunturais, e não por um talento político extraordinário. Ao enfrentar a derrota, Hitler falhou em manter sua imagem de líder carismático, abandonando o povo alemão e se mostrando incapaz de assumir responsabilidades.

Em *Hitler, 1889-1936: Hubris* (1999), Ian Kershaw ofereceu uma análise aprofundada e multifacetada da ascensão do líder nazista ao poder. Kershaw desconstruiu mitos sobre a trajetória de Hitler, mostrando que sua consolidação no poder foi resultado de manipulação política, propaganda, e circunstâncias históricas, ao invés de um destino inevitável. Através de fontes como os diários de Goebbels e a obra escrita pelo próprio Adolf Hitler, *Mein Kampf*, Kershaw revelou as nuances da personalidade de Hitler, utilizando os adjetivos "líder", "artista" e "político" para descrever sua evolução de um agitador de partido a um ditador carismático e manipulador. Com isso, a obra não apenas retratou a personagem como uma figura central do nazismo, mas também expôs a complexa interação entre sua imagem pública e os mecanismos de poder que ele usou para construir e perpetuar seu domínio.

Ao longo do segundo volume da biografia *Hitler, 1936-1945: Nemesis* (2000), o historiador buscou mais do que compreender a figura do ditador; ele procurou explicar como a Alemanha, um país moderno e avançado, foi levada ao colapso por meio do culto a um líder carismático e da radicalização de uma ideologia genocida. Através de uma análise detalhada dos eventos e das escolhas de Hitler e seus subordinados, Kershaw demonstrou que o regime nazista não foi apenas uma consequência das ações de um único homem, mas sim o resultado de uma convergência de interesses, medos e ambições que levaram à destruição da Europa e de milhões de vidas. Ao focar nos temas da "Questão Judaica", da crise de liderança e da

resistência ao regime, Kershaw traçou o retrato de um líder absoluto, mas que terminou como um ditador desacreditado, que foi consumido pela própria arrogância e incapacidade de reconhecer seus erros, levando consigo a Alemanha à ruína.

Antes de escrever a biografia, Ian Kershaw dividiu suas reflexões sobre o período nazista em duas vertentes historiográficas: a intencionalista e a funcionalista. Apesar de criticar ambas e tentar conciliar suas abordagens, na biografia ele se inclinou mais para uma visão funcionalista, que via Hitler como produto das forças sociais de seu tempo. Essa abordagem reflete influências do *\*Bayern Projekt\** e de seu mentor, Martin Broszat, que tratavam Hitler como uma figura coadjuvante dentro de estruturas de poder mais amplas. Essas análises rejeitavam a ideia de um estado totalitário nazista, focando no poder pessoal de Hitler, que, através do mito do Führer, era visto como parte de um sistema complexo, e não como um "grande ditador".

Sendo assim, a ideia de que Hitler foi moldado pelas expectativas nacionais e sociais de setores da sociedade alemã, em grande parte, foi uma derivação da sua participação no *Bayern Projekt* e da influência que Martin Broszat exerceu na sua compreensão sobre a escrita da história da era nazista. Em comparação como as imagens de Hitler propagadas até a década de 1970, é possível perceber uma ruptura na forma de explicar o líder nazista. Visto que, nesses escritos, em sua maioria, Hitler era representado de duas maneiras: ou como um ser indigno de ser mencionado ou como o único alvo das atrocidades realizadas na Alemanha nazista.

Um exemplo concreto disso pude perceber ao analisar as obras *The “Hitler Myth”*: *Imagen and Reality in the Third Reich* (1983) e *Hitler, um perfil do poder* (1991) no capítulo 2, ou seja, a sua primeira publicação sobre o líder nazista e a última antes da publicação da biografia. Em ambas as obras, perguntas similares foram feitas, mas as respostas foram derivadas de um processo investigativo distinto.

Em *The “Hitler Myth”*: *Image and Reality in the Third Reich*, embora Kershaw tenha afirmado que seu foco era entender como os "homens comuns" viam Hitler, ele acabou concentrando-se no papel de Hitler como catalisador indispensável para as forças presentes na sociedade alemã. Kershaw analisou como a imagem popular do ditador contribuiu para o crescimento e a legitimação do regime, viabilizando uma guerra que a maioria dos alemães queria evitar. Já em *Hitler, um perfil do poder*, ele mudou o enfoque, partindo da compreensão do "mito de Hitler" e aprofundando a análise nas estruturas de poder que sustentavam o regime.

As categorias, temas e reflexões teóricas e metodológicas nas obras de Ian Kershaw sobre Hitler mantiveram uma consistência notável. Em todas elas, Kershaw explora a construção da imagem de Hitler entre as massas, o movimento nazista e as elites tradicionais,

destacando as vozes dissidentes, como as igrejas. Ele fundamenta sua análise na ideia de "autoridade carismática", atribuindo a Joseph Goebbels o papel de idealizador da imagem do Führer. Em todas as obras, Kershaw reforça que a liderança de Hitler foi possível graças a um conjunto de poderes de outros setores sociais e institucionais que orbitavam ao seu redor, bem como ao contexto da guerra, que amplificava sua imagem conforme os acontecimentos e tensões da época.

O antisemitismo foi um elemento determinante para pensar a política efetiva derivada do poder do líder nazista. Enquanto em *Hitler: um perfil do poder*, *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, o antisemitismo permeou toda a análise, em *The "Hitler Myth": Image and Reality in the Third Reich*, o tema foi abordado de maneira separada, como um tópico à parte. Isso, obviamente, tem como justificativa o período de escrita de cada obra, já que em 1991 e 1998 e 2000, nos escritos historiográficos, a questão do holocausto já era um elemento crucial para a compreensão da história nazista. O antisemitismo era visto como inerente ao regime liderado por Adolf Hitler. Não podendo ser tratado como um assunto à parte, acrescentado por último, como aconteceu na obra de 1983 (*The "HitlerMyth": Imagen and Reality in the Third Reich*).

De forma consciente ou não, considero que os livros parecem complementares. No primeiro, *The "HitlerMyth": Imagen and Reality in the Third Reich*, os elementos supramencionados tiveram a função de demonstrar a compreensão da sociedade alemã sobre o papel de Hitler. No segundo (*Hitler: um perfil do poder*) e na biografia, a partir da certeza dessa compreensão, a busca foi demarcar o papel da sociedade para que Hitler fosse possível. Aqui me permito fazer um contraponto com a historiografia, já que, no primeiro livro, Kershaw apresentou a existência do poder de Hitler e no segundo e na biografia como esse poder foi exercido. Portanto, a abordagem do historiador se distanciou completamente da vertente que o autor definiu como "marxista-leninista", que sequer acreditava na existência desse poder personificado.

Na biografia *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis* o autor colocou um peso quase que igualitário na responsabilidade de Hitler alcançar o poder entre as massas, o movimento e as elites. Já em *Hitler: um perfil do poder* ele foi enfático em identificar que a responsabilidade substancial foi derivada da elite. Assim como em *The "Hitler Myth": Image and Reality in the Third Reich* existiu a necessidade de Kershaw ressaltar a discrepância entre imagem popular de Hitler e a imagem impopular do partido nazista. Em *Hitler, um perfil do poder e na biografia*, apesar dessa afirmação estar presente, a intenção maior foi de delimitar como o partido e seus membros foram parte integrantes de seu poder.

Com esta pesquisa, concluo que a operação historiográfica realizada por Ian Kershaw foi influenciada pelo seu contexto intelectual, especialmente pelas análises do *Bayern Projekt* — que investigou a história social da Baviera durante o nazismo, destacando a interdependência entre política e sociedade —, ao ampliar suas questões e metodologias para incluir aspectos da vida cotidiana, com ênfase na resistência ao regime liderado por Hitler. Ao examinar suas obras, fica evidente a preocupação do autor em compreender como Hitler ascendeu ao poder e o exerceu, principalmente por meio da análise do impacto das políticas sociais nazistas sobre os alemães comuns e os grupos perseguidos, incluindo os judeus. Objetivos esses propostos também pelo *Bayern Projekt*, que, como vimos, foi um marco historiográfico, rompendo uma tradição de pensar Hitler por meio dele mesmo e do alto escalão do Regime Nazista. Em *Hitler, 1889-1936: Hubris* e *Hitler, 1936-1945: Nemesis*, Kershaw manteve-se fiel ao seu campo intelectual ao escrever a biografia; suas reflexões estão profundamente enraizadas nas propostas historiográficas do *Bayern Projekt*, amplamente idealizadas por seu mentor, Martin Broszat. Portanto, ao escrever sua biografia de Hitler não temos propriamente uma imagem “nova” ou mesmo “revolucionária” do líder nazista.

Portanto, ao escrever sua biografia de Hitler, o autor não apresentou propriamente uma visão “nova” ou “revolucionária” do líder nazista. No entanto, ao examinar o gênero biográfico, observa-se uma tentativa consistente de se desvincular da crítica que ele próprio fez às biografias anteriores de Hitler: a de tratá-lo isoladamente, sem considerar os arranjos sociais dos quais ele fazia parte. O autor propôs uma análise que não via a Alemanha nazista apenas como um Regime Totalitário, mas como uma policracia, na qual diferentes formas de resistência eram possíveis, especialmente entre os “homens comuns”.

Por fim, embora não explicitado categoricamente nas obras, ao alcançar o objetivo principal da escrita de *Hitler, 1889-1936: Hubris* (1998) e *Hitler, 1936-1945: Nemesis* (2000), Kershaw desestruturou a imagem de Hitler como “o maior estadista que a Alemanha já teve”, cristalizada na década de 1970 por Joachim Fest – criando assim uma disputa de quem era o criador da imagem definitiva de Hitler. Para Kershaw, na verdade, Hitler se tornou, em última instância, um ditador desacreditado, cuja arrogância e incapacidade de reconhecer seus próprios erros o conduziram à ruína, levando a Alemanha à destruição total.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

### Fontes:

- FEST, Joachim C. **Hitler**. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BROSZAT, Martin; FRÖHLICH, FRÖHLIC, Elke. **Bayern in der NS-Zeit: Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand IV**, 1981.
- BULLOCK, Alan. **Hitler: A Study in Tyranny**. Ed. Ver., 1962.
- GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher**, 1924-1929. Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 1, Serie Piper, 1992.
- GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher**, 1930-1934. Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 2, Serie Piper, 1992.
- GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher**, 1935-1939. Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 3, Serie Piper, 1992.
- GOEBBELS, Joseph. **Joseph Goebbels Tagebücher**, 1943-1945. Editor: Ralf Georg Reuth, Brand 5, Serie Piper, 1992.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf*, 876-880th reprint, Munich, 1943.
- KERSHAW, Ian. **The nazi dictatorship: problems and perspectives of interpretation**. Edward Arnald Publishers Limited, 1985.
- KERSHAW, Ian. **The ‘Hitler myth’**: image and reality in the Third Reich. Oxford: Clarendon P., I987.
- KERSHAW, Ian. **Hitler, 1889-1936: Hubris**. W.W. Norton, 1999.
- KERSHAW, Ian. **Hitler, 1889-1936: Nemesis**. First American edition. New York: W.W. Norton & Company, 2000.
- MARTIN, Broszat. **The Hitler state: The foundation and development of the internal structure of the Third Reich**. Addison Wesley Longman Limited Ninth, 1996.

### Bibliografia citada:

- ARENDT, HANNAH. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ANTÓN, Jacinto. Goebbels, propagandista superestimado. **El País**. 17 de janeiro de 2020. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2012/06/16/cultura/1339866035\\_965881.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2012/06/16/cultura/1339866035_965881.html).
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica [1996]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro; FGV Editora, 1996.
- CARR, Edward Hallet. **Que é história?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [e] Arno Vogel – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CEZAR, Temíscocles. Prefácio: A constituição de um panteão de papel. In: OLIVEIRA, Maria da Gloria de. **Escrever vidas, narrar a história**. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Tese. DH/UFRJ, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2<sup>a</sup> edição, 1<sup>a</sup> reimpressão. Campinas/ SP: Editora da Unicamp, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações Lisboa: Difel, 1990.
- DELGADO, Andréa Ferreira. A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias. Campinas, 2003. **Tese** (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- DIETRICH, A. M.. Hitler, o mito de Joachim Fest. **Jornal da USP**, São Paulo, p. 12 - 13, 13 nov. 2006.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- EVANS, Richard. **O Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Planeta, 2016.
- EVANS, Richard J. **A Chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta, 2016.
- FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução dos trechos em latim de José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FURUNO, Daniel John. Revista BBC História, ano 1, edição nº 1, 2008.
- GATZE, Hans w. **The American Historical Review**, Vol. 80, nº. 4, outubro de 1975.
- GEARY, D.. Review Article: Image and Reality in Hitler's Germany. **European History Quarterly**, 1989.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da História. In: SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ITAUSSU, Arthur. Hitler, do historiador inglês Ian Kershaw. **O Globo**, 2002. Disponível

- <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/12/04/leia-critica-de-hitler-do-historiador-ingles-ian-kershaw-346482.asp>>.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**. Tradução Pedro Maia Soares – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.
- LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels: uma biografia**. Editora: Objetiva, 1ª edição, 2014.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FVG Editora, 1998.
- LUKACS, John. **O Hitler da História**. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- MACDONALD, Fiona. Direitos de publicação de 'Mein Kampf' vencem em 2015: um perigo para o mundo?. **BBC**, 06 de fevereiro de 2015.
- MARTINO, Luís Moura Sá. A sedução do mal. **Páginas Abertas**, n° 29, 2017.
- MORAES, Luís Edmundo de Souza. Os Nacionalismos Alemães: do Liberalismo ao Nacionalismo Excludente. In: **A experiência nacional: identidades e conceitos de nação da África, Ásia, Europa e nas Américas**. LIMONIC, Flávio, MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (org.) - 1o ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. **Escrever vidas, narrar a história**. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi** (Rio J.) [online]. 2009, vol. 10, n. 19, pp. 7-16. ISSN 2237-101X. p. 7.
- PAZ, Eliane Hatherley. Minha Luta. Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015.
- POCOCK, J. G. A.; MICELL, Sérgio (org). **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, v. 5, n. 10, 1992.
- REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FVG Editora, 1998.
- REVEL, Jacques. *A biografia como problema historiográfico*. In: História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

- RODERICK, Stackelberg. **A Alemanha de Hitler**: origens, interpretações e legados. Tradução de A. B. Pinheiros Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.
- ROSENBAUM, Ron. **Para Entender Hitler**: A Busca Das Origens do Mal. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Biografia como fonte histórica**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, São Paulo, n°. 36/37, 2007.
- SILVA, Rogério Souza. Ian Hershaw: Hitler. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** [online]. 2012, n.7, pp.389-398 ISSN 0103-3352. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522012000100015>>.
- SOUZA, A. B. **Biografia e escrita da história**: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan. -jul., 2007.
- SILVA, M. O. S. Adolf Hitler: a personagem criada na biografia escrita por Joachim Fest. **Monografia** (Bacharelado/Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de História, 2015.
- SMELSER, R.. Die Tagebücher von Joseph Goebbels: Sämtliche Fragmente. **The Journal of Modern History**, 1991.
- SKINNER, Quentin. **Liberdade antes do liberalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- SKINNER, Quentin. **Visões da política**: sobre os métodos históricos. Tradução de João Pedro George. Algés: Difel, 2002.
- STEFFENS, Marcelo Hornos. **Getúlio Vargas biografado**: análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988, UFMG, 2008. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- SOUZA, Adriana Barreto de. **Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história**: biografando o duque de Caxias. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 9, agosto 2012.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
- Wissenschaftskolleg zu Berlin. Satzung des Wissenschaftskollegs zu Berlin e. V., 2014. Disponível em: <https://www.wiko-berlin.de/institution/das-kolleg/finanzierungsatzungen/satzung-des-wissenschaftskollegs>.
- WISKEMANN, Elizabeth. International Affairs. Wiley on behalf of the Royal Institute of International Affairs, vol. 29, 1953.
- VIGGIANO, Giuliana. Quem foi Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista de Adolf Hitler. **Galileu**. 17 de maio de 2020. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/01/quemfoi-joseph-goebbels-ministro-da-propaganda-nazista-de-adolf-hitler.html>. Acesso em 20 de maio de 2024.

VITKINE, A. **Mein Kampf**: A História do Livro. Trad. Clóvis Marques. 2 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ZITELMANN, Rainer. DIE TAGEBUCHER VON JOSEPH GOEBBELS. **The Politische Vierteljahresschrift** (PVS), 1989.